

*A palavra impossível não existe para
Vincent Pette Hawk*

AURORA



HEAVEN RACE



*A palavra impossível não existe para
Vincent Pette Hawk*

AURORA

HEAVEN RACE

Copyright © 2020 HEAVEN RACE

AURORA: A palavra impossível não existe para Vincent Pette Hawk
Série Quebrados — Volume 1

1ª Edição

FICHA TÉCNICA E EQUIPE EDITORIAL:

Ilustrador Digital: Nina Cordeiro

Capa: Heaven Race

Revisão: Bianca Bonoto

Diagramação Digital: Heaven Race

Todos os direitos reservados à autora, desta forma é proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, tangíveis ou intangíveis, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Edição Digital | Criado no Brasil

Sumário

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Extra](#)

[Epílogo](#)

[Extra](#)

[Extra](#)

Dedicatória

Esse livro não foi fácil de ser escrito.

Gostaria de dedicar essa escrita árdua e desafiadora à todas meninas e mulheres que um dia passaram por situações difíceis, mas que superaram e estão superando cada uma delas.

Gostaria de dedicar também às minhas leitoras fiéis que me acompanham até aqui. Não sei o que seria da “Heaven Race” sem vocês. Obrigada por cada palavra de apoio, abraços e surtos virtuais. Esse aqui só conseguiu ser feito, pelo amor incondicional de vocês por minha escrita.

Gostaria de dedicar, por fim, esse livro a todos que amo, obrigada por cada sorriso nos dias difíceis.

Vocês merecem cada palavra que escrevo.





“Doce criatura, doce criatura. Onde quer que eu vá, você me leva para casa.”

“Sweet Creature” — Harry Styles

Aurora Lyon Collins

Dez anos atrás...

Meus joelhos ardem, enquanto eu tento me levantar do tombo que tomei. O papai sempre me diz para ter cuidado redobrado nessa época do ano, porque a neve deixa o chão escorregadio demais, e como eu adoro correr por todos os lugares, no final do dia sempre ganho um machucado novo para contar história com ele. As lágrimas se acumulam em meus olhos, porque arde pra caramba, mas eu não quero chorar para preocupar os meus papais. A mamãe sempre diz que eu já sou uma mocinha grande. O mais engraçado é que o papai ri e quando lhe pergunto qual é a graça, ele me responde que não é nada e que sou realmente uma mocinha grande de seis anos.

— Aurora! — a mamãe exclama, parecendo preocupada comigo.

Estendo os meus braços, sentindo-me envergonhada e não consigo segurar as minhas lágrimas como sempre tento fazer.

— Mamãe, desculpa — peço, quando ela me puxa para cima em seus braços.

Eu fui muito boba.

Saí de casa com as minhas botas amarelas, *shorts*, camiseta e casaco grosso. A mamãe que me vestiu, porque eu disse que ficaria só em casa, mas quando a neve caiu, saí correndo sem nem pedir permissão.

Eu fui muito boba.

— Desculpa, mamãe. Desculpa, mamãe. Desculpa de verdade...

— Tudo bem, Aurora — sussurra, passando uma das mãos em meus joelhos, enquanto me leva para dentro. — Já está na hora da ceia, filha, e já está escuro. Você não pode sair assim, principalmente sem avisar. Do lado de fora tem pessoas perigosas e eu não sei o que seria de mim e do seu pai se te perdêssemos.

Ela me coloca sentada no nosso sofá e eu choro ainda mais, envergonhada por ter sido boba e ter preocupado a minha mamãe.

— Desculpa, mamãe. Não quis preocupar você e o papai. — Meu pai se aproxima, e sim, consigo ver mesmo com a vista embaçada de lágrimas. — Não me aconteceu mal, eu só queria ver a neve de perto.

— Era só me chamar, Aurora — papai diz, começando a fazer curativos em meus joelhos. — Você é uma mocinha grande de seis anos, mas ainda precisa de nós. Tudo bem?

Aceno que sim.

— Eu preciso mesmo — digo, tentando enxugar as lágrimas e controlar meu soluço que começa. — Não vou mais fazer isso.

A mamãe passa a mão por meu cabelo e sorri para mim.

Ela é muito linda e eu não consigo evitar meu sorriso, mesmo em meio as lágrimas.

— Você é a nossa preciosidade, nossa Aurora, não gostamos de vê-la machucada.

Concordo de novo.

“Não posso me machucar, meus papais não gostam”, digo a mim mesma.

— Nunca mais vou me machucar, mas vocês nunca podem me deixar — digo, engolindo os soluços. — Papai faz meus curativos e a mamãe me dá sorrisos bonitos. Eu sempre fico bem assim e posso prometer que não vou mais fazer besteira se sempre estiverem comigo.

Meu pai beija os meus joelhos por cima do curativo e segura meu queixo, sorrindo bonito também.

— Estaremos sempre com você, Aurora.

— Sempre — a mamãe diz mais uma vez.

Sorrio de volta, esquecendo a minha dor e as lágrimas.

— Eu amo vocês *muitão*.

— E nós te amamos além da vida, meu amor. Nosso amor é infinito por você — a mamãe fala, me pegando no colo de novo.

— Nosso amor é daqui até a Lua e de volta, só que infinitamente.

— Daqui até a Lua?! — exclamo, perguntando ao papai e ele ri com a mamãe.

— Sim, até a Lua.

Eles me abraçam e me beijam, deixando-me tão feliz que não consigo me manter quieta. Lhes dou muitos beijinhos e assim nós vamos até a mesa começar a ceia.

Eu amo o Natal e amo os meus papais.



“Por favor, tenha piedade de mim.”

“Mercy” — Shawn Mendes

Aurora
Lyon Collins

Dias atuais...

Vincent Pette Hawk, esse é o nome dele.

Um encenqueiro e bad boy nascido em uma família de classe alta. Ele não tem qualquer motivo para ser um garoto mau, mas não é como se ele se importasse em continuar com o legado de advogados que compõe a sua família.

A jaqueta de couro, calça preta e camiseta branca são a sua marca oficial, além das incontáveis tatuagens espalhadas por seu corpo, que mais se parecem com uma nova e segunda pele.

Ele é lindo.

Absolutamente lindo.

Sua mãe?

Advogada.

Sua irmã mais velha?

Advogada.

Seu pai?

Um dos maiores e mais importantes advogados de Pittsburgh.

Se eu dissesse que não me sinto atraída por Vincent, seria uma bela mentira. Eu prefiro admitir isso do que negar, uma vez que fugir de sentimentos sempre faz com que eles se tornem maiores do que já são.

Uma vez ele me olhou nos olhos e foi incrível. Eu tinha onze anos, ele tinha dezesseis. Lembro-me de que Vincent tinha acabado de ganhar o seu primeiro carro, depois de tanto fugir com o carro de sua irmã mais velha, Georgia. Ele passou por mim, que estava no meu caminho para o aterro de lixo da cidade, onde moro com os meus tios, e olhou bem dentro dos meus

olhos. Isso ocorreu há cinco anos, mas ainda sinto o meu corpo esquentar só pela lembrança de ter a sua atenção por menos de dois segundos.

Em momentos como esses, eu gosto de lembrar de Vincent. As pessoas costumam dizer pela cidade que ele é ruim, mas isso é porque elas não sabem o que é ruim de verdade. Mesmo não o conhecendo e nunca tendo falado com ele, acredito que Vincent não é ruim. Eu cegamente preguei que nunca me sentiria atraída por nenhum homem, mas é diferente com ele. Talvez isso se deva ao fato de que nunca seremos próximos, de que ele seja um alguém distante e impossível para mim.

Oh, sim.

Impossível é a palavra certa.

Com os meus dezesseis anos, nada é possível entre Vincent e eu. Ele é intocável e fora do meu mundo.

Então a realidade me acerta.

Uma pancada.

A suja e dura realidade.

As mãos gordas daquele homem descem por todo o meu corpo, assim como acontece noite após noite. Ele não para até que consiga o que sempre quer. Deixo que tudo aconteça sem relutância, enquanto fecho os meus olhos e obrigo-me a não chorar. Repito uma prece — a mesma de sempre — mentalmente, e tento não sentir nada. Minha cabeça gira no instante em que ele acerta a minha bochecha com um forte tapa e em seguida ganho outros numa longa série repetitiva.

Agora a pancada é real.

Agora as lágrimas escorrem por minhas bochechas em meu silencioso choro.

Mordo o meu lábio inferior, que já está muito seco por causa do meu castigo da semana, e suspiro em agonia.

Estou sem beber água há quase três dias.

Suas mãos alcançam os meus seios por cima do meu vestido rasgado e ele aperta com tanta força que eu afundo os dentes em meu lábio com mais avidez para não deixar qualquer protesto sair por minha boca. “*Será pior se eu gritar*”, é o que tio Carl diz todo dia. Ele me toca como se eu fosse sua, mas eu não sou sua e não deveria estar debaixo do seu sujo domínio. É humilhante ser tocada por esse homem que em algum momento deveria me proteger.

Quando ele termina, encolho-me no chão como mais do lixo que nos rodeia.

Quero sair da nossa barraca, mas não tenho para onde ir. Dessa forma, puxo o meu fino lençol e me enrolo como posso, concentrando-me em calar o meu choro e acalmar os meus soluços persistentes. Minha tia está para chegar, mas ela não se importa e nunca se importou comigo. Ela é a única que sempre sai da barraca no mesmo horário de sempre para que tio Carl me tome da forma que desejar.

A primeira vez que isso aconteceu, eu tinha apenas nove anos de idade e foi um dia após o enterro dos meus pais. Daquela data em diante nunca mais fui a mesma menina, não tive um lar digno, passei a viver em um aterro de lixo e tentei tirar a minha vida tantas vezes que mal consigo contar nos dedos. O mais perto da diversão e felicidade que eu pude encontrar, foi em ver Vincent desafiando os pais em vídeos na internet, os quais minha amiga Keela sempre fez questão de mostrar para mim. Ele é para nós duas o que ela chama de “abismo amoroso”, embora eu não realmente o ame, apenas me sinta atraída.

Atração é uma palavra perigosa e muito complicada para mim, então balanço a minha cabeça para expulsar o pensamento lá de dentro.

Sinto o cheiro de cigarro e sei que é do meu tio, que sempre faz isso depois que me toma. A voz da minha tia se aproxima e não demora até que os dois comecem a transar como se eu não estivesse na barraca com eles.

Minha cabeça dá voltas com os gemidos imundos que eles soltam. É asqueroso demais. Não só a minha pele está suja, mas a minha alma também. Eu não me sinto valorosa, não me sinto uma pessoa que tenha propósitos na vida. O monstro dentro de mim está crescendo a cada dia que passa, enquanto deixa claro que nunca, homem algum, irá me querer. Entretanto, isso não importa mais. Não é como se eu quisesse homens ou tivesse idade para querer alguém. Eu entendo bem os meus limites e sei que mesmo saindo dessa situação, estou quebrada de um modo que *talvez* não haja reparo.

Um caso impossível, isso é o que eu sou.

Devagar, os dois param e se enrolam nos seus lençóis, enquanto murmuram palavras feias e fumam incessantemente. Nosso barraco tem um odor insuportável. Nenhum de nós três cheira bem com apenas o único banho por semana que tomamos. A barraca que antes eu usava para acampar com os meus pais, agora é o meu lar. Quando chove, eu congelo na lama cheia de sujeira e lixo. Nem mesmo um colchão eu tenho. O chão é a minha cama desde que os meus pais partiram.

— Está na hora de nos livrarmos dela, Carl — minha tia diz baixo, mas é alto o suficiente para que eu escute. Começo a tremer em meu lugar, orando para que ela não esteja falando de mim. — Aurora dá muito trabalho e eu não quero mais dividi-lo com essa putinha desprezível.

Minha tia não me quer mais por perto.

Para onde eu vou, então?

— Ela é minha boneca, Jill. Eu gosto de fodê-la até fazer sangue sair de sua buceta — Carl retruca. Vômito ameaça escapar por minha boca, mas não posso deixá-los saber que eu estou acordada. — Não vamos nos livrar dela. Aurora é a *minha* putinha.

Eles discutem baixo até que gradativamente param. Escuto o ronco de ambos, que é completamente sincronizado e incômodo.

Eu preciso fugir.

Eu preciso sair desse lugar.

Não ter casa é melhor do passar o resto da minha vida nesse lugar com essas pessoas.

“*Seja corajosa, filha*”, a voz da minha mãe retumba dentro da minha mente.

Eu preciso ser corajosa.

Eu preciso me salvar.

Longos minutos se passam até que o cheiro de queimado invade as minhas narinas e eu finalmente levanto a minha cabeça do chão, vendo que fogo começa a tomar conta da nossa barraca. Eu não sei de onde vem, mas é um sinal, tem que ser um. Eu tomo isso como um sinal, sem sombras de dúvidas, e trago uma quantidade de ar considerável antes de tomar qualquer atitude.

Enrolo-me no lençol, ficando de joelhos e puxando um pedaço da barraca para cima, pronta para escapar e deixar que os dois queimem ali dentro. Quando estou pronta para fazer isso, fogo toma conta do meu lençol e meu pé é segurado. Carl me encara com o olhar cheio de raiva e tia Jillian arregala os seus olhos castanhos. Chuto a sua mão com toda força que tenho e saio, arrastando-me para fora e deixando os dois para trás.

Eu não me sinto má e muito menos sinto remorso por deixá-los para trás.

Faço o que tenho que fazer.

Eu ou eles.

É incrível como o fogo toma conta rapidamente de todo o lugar e eu logo consigo escutar os gritos desesperados da minha tia, enquanto pelas sombras das labaredas eu vejo os dois se debatendo ali dentro.

É uma cena digna de filme de terror e eu não quero assisti-la, porém tenho certeza que nunca se apagará da minha mente.

Coloco-me de pé e começo a correr mais rápido do que algum dia eu corri desde que passei a morar nesse lugar. É tarde, e geralmente, todos estão bebendo em frente a uma fogueira que fica logo na entrada do aterro.

Pedaços de vidro perfuram o meu pé, mas não ousa parar até que finalmente avisto a entrada do local. Como eu esperava, há uma fogueira onde os amigos do meu tio Carl estão sentados, bebendo e conversando. Reprimos todo o meu medo, enquanto escuto o som alto dos motores de carro.

É dia de racha.

Vincent provavelmente está por aqui, já que desde seus dezesseis anos ele não perde uma chance sequer de correr. Esse parece ser o lugar favorito dele e de sua turma, uma vez que é afastado e visivelmente empobrecido, lugar onde a polícia não se importa e passa longe até segundas ordens. Esse é o ponto de encontro e o palco de seus shows.

Alcanço a entrada do aterro, mas sou parada por um dos amigos do meu tio. Ele sorri para mim e parece tão sujo quanto eu, mas não consigo evitar de sentir nojo e repulsa dele. O maior nojo que sinto de grande parte das pessoas que moram aqui não vem da aparência ou cheiro — porque eu

mesma sou fedorenta e suja como todos —, mas sim da podridão que habita em seus corações. Isso é o que me dá nojo e repulsa, e eu sei que por mais quebrada que eu esteja, o meu coração ainda tem muita bondade dentro dele.

— Carl sabe que a princesa dele está fora de casa? — pergunta.

Um carro passa em alta velocidade do lado de fora e eu arregalo os olhos.

— E-Ele sabe... Eu pedi para que ele me deixasse vir ver as corridas e ele deixou... — minto.

Minhas palavras não saem tão convictas quanto eu queria, mas sinto como se tivesse o convencido. Mais um homem chega do meu outro lado e os dois começam a me arrastar para fora. O segundo carro passa, parecendo estar cada vez mais rápido, assim como tudo que está acontecendo em minha frente.

Um terceiro homem se aproxima, ele é mais jovem que os outros dois e menos sujo, e isso o torna mais assustador. Ele sorri para mim e me toca deliberadamente, enfiando suas mãos nos rasgos da minha camisa e apertando os meus mamilos a ponto de me fazer urrar de dor. Eu ofego, tentando fugir dele, mas sou impedida bruscamente. Não tenho como lutar, não tenho como me salvar.

— Não vamos brincar com ela, Ronald. Ela é suja e está fedendo. Imagine como a buceta dela deve cheirar — diz o homem que está à minha direita. — Eu acho que ele não sabe, menina, mas a hora de fazer o serviço que Jillian me pediu nunca pareceu tão oportuna — completa ele.

Com a cabeça, o homem manea e aponta para mais um carro que passa na pista em nossa frente. Meu coração acelera, vendo mais dois carros se aproximarem em alta velocidade.

— O que vocês vão fazer comigo? — indago nervosamente.

Minha boca resseca de forma absurda ao mesmo tempo que luto novamente para me soltar dos dois homens.

Quando perto o suficiente, eles me jogam para a pista e eu vejo as luzes piscarem com força antes de apagar com o impacto do carro contra o meu corpo.

Esse era para ser o meu começo, mas acabou sendo o meu fim.

2

“Eu nunca quis fazer você sangrar.”

“I’ll be good” — Jaymes Young

Vincent
Pette Hawk

Imprevisível.

Hoje, quando acelerei pela primeira vez nessa pista, não pensei que tudo acabaria desse jeito: ao lado do meu primo tentando descobrir o que fazer com a garota que está estirada no chão. É óbvio que esse é o tipo de burrada que eu evito e por isso a maioria dos rachas são feitos em lugares que praticamente não há moradores, além de pistas largas, longas e limpas. Mas aconteceu, aconteceu e todos nos deixaram para trás.

Essa é a primeira vez que trago o meu primo para um racha e ele logo me faz isso. Ignorei todos os avisos da minha mãe, do meu pai e até mesmo da minha irmã, e trouxe o moleque para o racha sem ninguém saber.

Porra, é uma garota!

Ela apareceu de última hora e Gray não teve como frear o carro. Para ser sincero, nem mesmo eu teria conseguido fazer isso, mas eu sou habilidoso o suficiente no volante e com toda certeza teria desviado dela a tempo.

Mas não Gray...

— Merda, Vince, o que eu vou fazer? — ele pergunta. Suas palavras estão carregadas de desespero, assim como o seu olhar já marejado. Tiro o cabelo da garota de frente do seu rosto e a observo superficialmente, não podendo deixar de notar a sua aparência suja e o seu odor forte. — Ela está morta? — continua assim que me vê checar o pulso da desconhecida.

— Ela está viva, mas pode não estar por muito tempo — atiro. — Ligue para emergência, ela precisa ir para um hospital o mais rápido possível — começo a derramar as minhas exigências em cima do meu primo, que faz tudo sem pestanejar. — Dê o fora daqui, Grayson. — Ele me encara estupefato.

— Não posso... Quero dizer... O que você está dizendo cara? Você que tem que dar o fora daqui, pois eu fui o único que atropelai a garota — joga de volta e eu semicerro os meus olhos para ele.

— Não posso te deixar levar a culpa, moleque. Você só tem dezessete anos e os seus pais provavelmente ferrariam com a sua vida até completar vinte e um anos. Além do mais, eu disse para a minha mãe que estava te levando para uma festa, não para um racha. Ela vai ficar louca se souber que você esteve metido nisso — retruco, passando as minhas mãos sujas por meu cabelo. — Dê o fora daqui, Grayson — repito. — Pegue o meu carro e eu fico com o seu.

— Você vai realmente fazer isso por mim? — indaga, surpreso.

— Não pergunte duas vezes, idiota, apenas vá. A ambulância já deve estar a caminho e logo a polícia também aparecerá. Vá — comando e ele assente, dando-me uma última olhada e pegando a chave da minha mão, enquanto entrega-me a sua.

Estou muito, muito enrascado.

Grayson arranca com o meu carro para longe e eu respiro fundo, extremamente irritado com as consequências que isso trará para mim. Pelo menos os meus pais farão de tudo e não descansarão até tirarem a minha bunda da cela para onde eu provavelmente vou.

Bom, isso é o que eu acho. A probabilidade de acontecer é pouca, mas eu sei que no fundo eles se importam comigo. Se tudo der errado, eu ainda tenho Georgia.

Com uma tosse baixa a garota chama a minha atenção. Ela começa a se remexer e eu tento fazer com que ela pare. A batida foi forte e a queda que ela teve foi ruim como o inferno, algo realmente de filme. Não faço ideia de como ela ainda consegue respirar. De forma alguma ela pode se mexer, pois

sabe-se lá o que pode ter quebrado com tanto impacto.

— O... O... — ela tenta falar, abrindo os olhos com dificuldade.

— Você tem que parar de tentar se mexer, menina. — Ela para imediatamente, mas continua tentando formular palavras. — E de falar também — completo.

Escuto o chiado de sua respiração e um gemido de dor escapa por sua boca assim que ela começa a tossir outra vez. Eu a observo atentamente, percebendo a sujeira em sua pele e a gordura em seu cabelo. Mesmo com a sua falta de limpeza perceptível, ela não chega a me dar repulsa. Sinto-me enjoado com o seu cheiro, mas não sinto repulsa.

De repente, pergunto-me por que uma garota nova como ela está com essa aparência deplorável?

Será que ela não tem uma casa?

O som das sirenes me faz levantar a cabeça para ver ambulâncias, carros de polícia e bombeiros se aproximarem de nós.

— O... — Ela tenta mais uma vez.

— Eu disse para você não tentar falar, a ambulância já está chegando. Vai ficar tudo bem, menina — eu a tranquilizo.

Suas pálpebras pesam e ela deixa a cabeça tombar em cima da minha perna. Finalmente os homens veem ao nosso encontro e lançam-me perguntas, enquanto tiram a menina de cima de mim depois de colocarem um colete ortopédico em seu pescoço e passarem o seu corpo para uma maca.

— Eu a atrolei, foi um acidente... — afirmo.

— Você vai ter que nos acompanhar até...

Deixo que a sua voz suma da minha cabeça, enquanto sigo olhando

para a ambulância que estão colocando o corpo da menina. Eu queria poder acompanhá-la, mas sei que isso está fora de cogitação.

Sou levado até o carro da polícia e logo estou no meu caminho até a delegacia, tentando me lembrar do número do meu pai para lhe fazer uma ligação assim que chegar no local.

Estou muito, muito fodido.



Depois de quase cinco horas em uma cela suja, sou liberado e dou de cara com o meu pai. Ele está furioso, eu sei que sim. O seu olhar sobre mim é severo e eu tenho certeza de que o que vou escutar de sua boca não vai ser nada bom.

— Ei, pai — resmungo.

— Sem essa de “ei, pai”, Vincent. O que diabos te deu na cabeça? — ele rosna, tentando controlar-se ao máximo.

Deixamos o local e ele me empurra para o passageiro do seu carro, dando a volta e entrando do outro lado. Assim que ele está dentro do veículo, parte para longe da delegacia e eu encosto a minha cabeça no vidro da janela, irritado pra caramba.

— Como a garota está? — pergunto.

— Como a garota está? — repete clinicamente. — Você quase matou aquela menina, Vincent! Uma órfã de dezesseis anos, inferno. Me diga, o que eu faço com você? — Soca o volante com força.

— Não foi minha culpa, porra. A garota simplesmente entrou na frente do carro e... aconteceu! — esbravejo, tão irritado quanto ele.

— Não grite comigo, moleque. — Aponta o indicador na minha cara e eu recuo com a minha atitude. — Ainda por cima fez tudo isso com o carro do seu primo. Estúpido, Vincent, você é um completo estúpido e irresponsável. Mas é claro que isso aconteceria algum dia, já que vem correndo ilegalmente nesses rachas do subúrbio há tanto tempo. A parte boa de tudo isso é que você não terá a sua carteira de motorista pelos próximos meses, sabe-se lá quantos, e essa indefinição é o que me deixa aliviado — afirma.

Reviro os meus olhos, sentindo a minha nuca queimar.

— Para onde estamos indo? — indago.

— Para o hospital. Sua irmã e sua mãe estão lá, assim como quase toda imprensa de Pittsburgh. Você vai se retratar com a menina, vai pedir desculpas pelo acontecido e... e nós vamos ver o que fazer com essa situação — comenta, tão incerto quanto eu. — O lugar onde ela morava, seu barraco no lixão, pegou fogo. Os tios dela morreram na última hora com queimaduras de terceiro grau por todo o corpo. Ela não tem qualquer pessoa viva para lhe dar suporte — continua, parando em um sinal vermelho. — Ela tem absolutamente nada e você tem tudo, Vincent, mas não dá qualquer valor a isso. Garoto estúpido. Você simplesmente parou nos seus dezessete anos e não cresceu mais.

— Isso não é problema seu — cuspo.

Eu não vou deixá-lo me diminuir dessa forma.

— É claro que é problema meu, afinal, você continua sendo o meu filho — retruca.

Escolho não continuar mais com a nossa discussão, uma vez que eu sei que isso não nos levará a qualquer lugar, apenas a mais chateação.

Felizmente, o caminho até o hospital não é tão longo. Quando o meu pai estaciona o carro, saímos juntos e caminhamos até a entrada. A imprensa vem em nossa direção, eles atiram perguntas, enquanto clicam em suas máquinas fotográficas e atrapalham o meu caminho com flashes.

Não sei qual a graça que eles veem em tirar fotos de pessoas não tão famosas, como eu e meu pai. Não que eu não seja famoso, já que eu saio com pessoas famosas e, quando mais novo, fiz diversos trabalhos como modelo, mas isso não parece ser justificável o suficiente para todo esse alvoroço. Bom, talvez seja a magnitude da enrascada onde eu me meti que tenha os trazido para cá, mas eu nunca vou saber porque isso também não me importa.

— Ele não quer falar nada — meu pai diz para todas aquelas pessoas. Entramos no hospital e eu pisco rapidamente repetidas vezes, tentando me situar. Malditos flashes, eu nunca vou me acostumar. — Vamos — me chama.

Depois de pegarmos crachás de visitantes, tomamos o elevador para o último andar. Saímos do cubículo alguns longos e agonizantes segundos depois e vamos para a sala de espera, onde eu dou de cara com a minha mãe e a minha irmã. Minha mãe me lança um olhar tão duro quanto meu pai o fez há alguns minutos atrás, mas a minha irmã parece estar sendo mais compreensiva, assim como ela sempre é quando se trata de mim.

— Como ela está? — pergunto para as duas assim que me sento em um dos bancos.

— Você é um irresponsável, Vincent Pette Hawk — minha mãe diz em um sussurro exasperado.

E blá, blá, blá...

— Ela está estável. — Minha irmã toma a frente. — O médico apareceu há alguns minutos e logo virá mais uma vez para liberar um de nós para ir ver a menina — informa por fim.

— Vincent vai — meu pai indica de primeira.

— Eu não quero vê-la, *ainda* — rebato.

Ele arqueia uma sobrancelha em minha direção.

— Assim como não a viu na hora que estava correndo? — pergunta, fazendo-me revirar os olhos. — Você vai entrar e pedir desculpas pelo que fez.

— Isso é besteira... Vocês estão fazendo uma tempestade em um copo d'água por causa de uma menina desconhecida.

É claro que eu estou falando muita asneira, mas toda essa atitude ao meu redor está me irritando e eu geralmente acabo falando merda quando me irrita.

— Besteira, Vincent? — minha mãe volta a falar, tão irritada quanto eu. — O médico nos disse que os tios da menina vieram a óbito nessa mesma noite. E se ela estivesse correndo para pedir ajuda quando você praticamente a matou? E se você contribui para a morte dos únicos familiares dela?

Balanço a minha cabeça negativamente.

— Eu sinto muito pela família dela, mas não aja como se a culpa de ela ser órfã fosse minha, mamãe — retruco ironicamente.

Eu a atropelei e ponto.

Nada do seu passado é minha culpa.

— Eu voltei — um homem anuncia, chamando nossa atenção para ele. — Quem virá comigo? — Posso apostar que se trata do médico.

— Vá, Vince... — Minha irmã coloca a mão em meu ombro, encorajando-me com o seu gesto simples. — Você precisa vê-la mais cedo ou mais tarde.

Levanto-me, completamente contrariado e sigo o médico.

Eu nunca mais farei a burrice de levar alguém inexperiente para um dia movimentado no racha com os meus amigos. Gray vai ter que me perdoar, mas estou levando muitas coisas nas costas por causa de nossas escolhas conjuntas e sua inexperiência. No final de tudo, sei que é mais culpa minha do que dele.

Minhas mãos tremem de forma leve e suam, fazendo-me passá-las pela barra da minha camisa. Isso me deixa incerto do motivo pelo qual está acontecendo e eu tenho quase certeza de que é por medo de vê-la depois do acontecido.

A garota deve estar quebrada e eu realmente sinto muito por isso ter acontecido com ela.

Essa era para ser uma noite divertida, mas acabou sendo esse pesadelo.



“E eu irei erguer-me, eu irei erguer-me como o dia. Eu irei erguer-me, eu irei erguer-me sem medo. Eu irei erguer-me e eu irei fazer isso mil vezes novamente.”

“Rise Up” — Andra Day

Aurora
Lyon Collins

Medo.

Sinto uma mão fria em cima da minha e abro os meus olhos imediatamente, puxando a minha mão de volta um tanto sobressaltada. O medo de que seja o meu tio me assola, mas logo que vejo o rosto em minha frente, eu relaxo — nem tanto assim — em reconhecimento.

É Vincent.

É Vincent?

O que ele está fazendo na minha frente?

Ou melhor, o que eu estou fazendo nesse quarto branco?

Isso é o céu, afinal?

Ele está no meu céu?

Ele é o meu céu?

Do que isso tudo se trata?

Meu corpo se retesa, enquanto volto a ficar tensa. Eu pensei que se caso algum dia eu conhecesse Vincent, eu seria menos travada do que quando eu estou ao redor dos homens no lixão, principalmente do meu tio. Contudo, me enganei. Vincent tenta se aproximar novamente e a minha cabeça pisca, os meus neurônios fazem eu ver vermelho.

Eu estou apavorada.

— Pare — exijo com um tom de voz fraco, mas convicto. — Não se aproxime, não chegue mais perto.

Um vinco se forma no meio de suas sobrancelhas, mas ele assente e recua dois passos, afastando-se da cama onde eu estou deitada. Mexo-me mais uma vez, notando que gesso agora cobre o meu braço esquerdo e a

minha perna direita. Parece que eu estou seriamente quebrada, mas não me lembro do que aconteceu depois que os homens me pegaram na entrada do lixão.

As lembranças daquela noite voltam e como sempre sou acertada de forma agonizante. É como um soco na boca do estômago, um tapa certo em minha bochecha... Dói, mas dói em meu coração, como se ele tivesse muito alfinetes finos afundando naquele pedacinho pulsante que me dá vida.

— O médico disse enquanto me trazia até aqui que você vai demorar um pouco mais que um mês para ficar cem por cento bem, mas, com os cuidados certos, você vai se sentir melhor em breve — ele começa a falar e eu não posso deixar de notar o profundo tom ríspido que a sua voz tem, e até mesmo um pouco rouco. — Pode precisar de fisioterapia e coisas do tipo, mas vai sobreviver. — Ele remexe no cabelo, parecendo ansioso. — Você vai me dizer onde vive? Com quem eu posso falar para vir te buscar quando você tiver alta? Aliás, não precisarão cuidar da despesa do hospital, eu vou pagar tudo.

Engulo a seco, balançando a minha cabeça levemente em sinal de negação.

— Eu não tenho família — sussurro. — Não se preocupe, estou por conta própria e vou dar um jeito... — afirmo por fim.

Ele sustenta o olhar trancado no meu, como se quisesse ver além do que eu estou mostrando para ele. Eu desejo poder dar-lhe mais do que as minhas negações, mas infelizmente não consigo forçar-me a dizer além do que eu já lhe disse. Vincent ainda é um desconhecido para mim na maior parte das coisas e mesmo que o meu coração erre a batida segundo ou outro, eu simplesmente não consigo falar mais do que isso. Seu rosto pode ser bonito, mas eu já vi tantos assim que escondiam almas perversas debaixo da

bela carcaça que é impossível dar um voto de confiança.

— Você tem certeza? Nenhum pai? Mãe? Avós? Tios? — questiona e eu balanço a minha cabeça negativamente mais uma vez. — Dessa forma, eu sinto que posso te dizer o que aconteceu...

Franzo o cenho, confusa.

— Do que você está falando?

Vincent respira fundo e passa uma das mãos por seus cabelos loiros novamente, bagunçando-os de forma despreocupada e talvez um pouco mais nervosa.

— Seus tios morreram essa noite, menina — ele resmunga.

Um suspiro escapa por minha boca, enquanto não evito sentir a onda de alívio que percorre todo o meu corpo. Poucas lágrimas deslizam dos meus olhos sem minha permissão, mas não é por desespero. É como se um peso estivesse saindo das minhas costas e, por mais que eu não tenha nenhum lugar para ir, eu sei que estou no controle das coisas a partir de agora. Ou pelo menos eu tentarei estar no controle de tudo, principalmente das minhas escolhas e do meu futuro.

Eu estou finalmente livre.

Tio Carl e tia Jillian morreram.

— Você está bem? — Vincent chama a minha atenção.

— Bem... — sussurro. Silêncio toma conta do quarto branco e eu arrasto os meus olhos para o homem em minha frente. — O que aconteceu comigo? — pergunto, incerta.

— Você sofreu um acidente, menina — ele diz e eu reviro os meus olhos, recebendo um olhar aguçado dele.

— Me chame de Aurora — peço.

— Está mais para Bela — ele murmura e eu arqueio uma sobrancelha, curiosa para ouvir mais de sua colocação. Sinto-me até surpresa. — Mesmo mais velha, minha irmã sempre foi uma viciada em filmes da Disney, então ela meio que me obrigava a assistir com ela. Você parece, até onde eu me lembro, com a Bela — explica.

— E você parece com a Fera — afirmo de volta e o seu olhar suaviza, enquanto ele me fita divertido.

— Prefiro ser chamado de Vincent ou Vince, não de Fera — replica e eu sorrio. — Entretanto, a minha mãe concordaria com você, o meu pai mais ainda. Às vezes eu ajo como uma fera descontrolada, como essa noite — confessa para mim.

— Tudo bem, Vincent — concordo. — Deixe-me adivinhar: você me acertou com o seu carro, por isso está aqui, certo? — jogo e ele acena positivamente. — Eu não me lembro de muita coisa, então não sei realmente o que dizer, apenas agradeço por você não ter me matado.

Vincent sorri e o meu coração dispara sem o meu consentimento, enquanto o observo se aproximar de mim. Encolho-me na cama, tentando não parecer tão desconfortável quanto vou instantaneamente ficando.

— Eu sinto muito por tê-la acertado, Aurora. — Segura a minha mão. — Eu deveria prestar mais atenção na estrada e ser mais cuidadoso atrás do volante. Perdoe-me por ter te deixado nesse estado.

Aperto a sua mão antes de puxar a minha de volta para fora de seu toque e domínio, tentando não o deixar perceber todo o meu desconforto.

— Tudo bem, Vincent. Eu sou difícil de quebrar, não se preocupe, de verdade — tento tranquilizá-lo.

Vincent se aproxima mais de mim e o ar começa a faltar em meus pulmões. Como se estivessem ouvindo o meu pedido de socorro, pessoas irrompem pela porta e fazem com que Vincent se afaste de mim imediatamente. Há duas mulheres e um homem, esse último é extremamente parecido com Vince, ou eu diria o contrário assim que me dou conta de quem eles são.

Oh, Deus!

É a sua família.

São os pais e a irmã de Vincent.

— Oi, querida. Você está bem? Espero que o meu filho já tenha se desculpado com você. — A que aparenta ser mais velha, sua mãe, dispara. — Eu sinto muito por você estar nesse estado, além de tudo que acabou acontecendo com a sua família nessa noite.

Dou-lhe um sorriso forçado, incerta do que falar.

Eu tenho que parecer ao menos um pouco triste para os outros, certo?

— Está tudo bem, senhora, vocês não precisam se preocupar comigo — rebato. — Como eu disse para o seu filho, eu sou difícil de quebrar.

O pai de Vincent se aproxima e abraça a sua mulher por trás. Será que eles brigam como tio Carl e tia Jillian? Será que a irmã de Vincent... Será que algo já aconteceu com ela... algo parecido com o que acontecia comigo?

Balanço a minha cabeça, tentando afastar os pensamentos ruins lá de dentro. “*Nem todo mundo é como você, Aurora*”, eu faço questão de lembrar-me disso. Sou podre por dentro, mas não é todo mudo que é como eu sou.

— Quantos anos você tem, menina? É bem mais madura do que o meu filho e olhe, ele tem vinte e um — o pai de Vincent diz e eu o encaro, mas não antes de notar o rosto do mais novo se contorcer em uma careta.

— Dezesseis — sussurro, sentindo-me levemente mal por ele estar falando assim de Vincent.

— Mais nova do que eu pensei — a irmã de Vincent diz, aproximando-se de mim. — Você vai ficar bem, querida, não se preocupe. Nós vamos te ajud...

— Georgia... — seu pai a repreende.

Viro o meu rosto para o lado, tirando o olhar de perto da família perfeita logo à minha frente.

— Eu agradeço por terem vindo me ver, mas não é necessário mais que isso. Eu não vou deixar uma queixa, pois eu sei que não foi culpa do seu filho. Ele não quis me acertar de propósito, então apenas me deixem sozinha — comento no meu tom mais controlado e calmo possível.

— Aurora... — Vincent me chama.

Não tenho coragem de encará-lo, dessa forma, fecho os meus olhos e respiro fundo.

— Foi bom conhecê-los. Adeus — finalizo.

Escuto o arrastar de pés e alguns segundos mais tarde a porta se bate. Eles se foram. Eu só preciso começar a pensar no futuro a partir de agora. Não tenho dinheiro, não tenho uma casa, não tenho amigos — apenas Keela, mas a situação dela e dos seus pais não é tão boa. Tudo que eu tenho são uns pedaços rasgados de pano que eu chamo de roupa.

O que farei para sobreviver?

Não faço ideia, mas agora que tenho a minha liberdade, não a desperdiçarei.

A porta se abre mais uma vez e o que se parece com um médico, se aproxima de mim. Ele me encara com os olhos escuros carregados de pena,

mas não é como se eu precisasse de sua pena.

— Eu vou fazer mais exames em você agora — informa.

Quando ele está perto o suficiente, eu entro em pânico. Não quero nenhum homem me tocando.

— Pare, pare, pare! — exclamo exasperadamente. Meus olhos começam a encherem-se de lágrimas, enquanto ele me encara assustado. — Não se aproxime de mim, não toque em mim! — completo.

— Tudo bem, tudo bem. Eu não vou tocar em você, acalme-se, Aurora — pede. Ele se afasta, lançando um olhar confuso em minha direção. — Eu posso chamar uma médica para vê-la comigo? — indaga.

— Sim — murmuro.

Ele acena para mim e se retira do quarto. Controlo as minhas lágrimas e engulo o meu choro e soluço, impossibilitada de me aconchegar de forma confortável por conta do meu braço e perna engessados.

Eu vou sair dessa.

Eu vou superar.

Enquanto isso não acontece, eu vou ser prisioneira de mim mesma.

4

“Ei, eu estava indo muito bem antes de te conhecer. Eu bebo demais e isso é um problema, mas eu estou bem.”

“Closer” — The Chainsmokers ft. Halsey

Vincent
Pette Hawk

Encaro o meu pai, confuso com a atitude que ele teve dentro do quarto de Aurora. Ele foi o único que disse que tínhamos que ajudar a menina e agora, quando Georgia falou sobre ajudá-la, ele a repreendeu como se estivesse mandando-a calar a boca.

— O que vocês foram fazer lá dentro? Pensei que eu deveria vê-la sozinha — atiro assim que tenho oportunidade para falar.

— Eu insisti com o médico e ele nos deixou entrar também — Georgia diz, acanhada.

— Só não ofereceu dinheiro porque tem bom senso — meu pai afirma, irônico como sempre.

— Temos que ajudar a Aurora, amor — minha mãe sussurra, com seu último fio de sensatez à mostra. — Ela tem dezesseis anos, não tem família, pais, tios, avós... O que vai ser dela?

— Está vendo no que você nos meteu, Vincent? — meu pai acusa, irritado. — Agora temos o dever de ajudar a menina só para você não ser queimado na mídia e queimar o nosso nome perante a sociedade. — Bufa.

Meu pai definitivamente passa todos os limites com a sua escrotidão.

— Não temos o dever, pai. Não tem nada a ver com o que aconteceu com Vincent pode fazer com o nome da família, nós estamos fazendo isso porque queremos — Georgia rebate, furiosa. — Meu Deus, ela é só uma menina menor de idade e sem família! E se fosse eu? E se eu não tivesse mais ninguém? Você gostaria que agissem dessa forma comigo ou mesmo com Vince? Gostaria que negassem ajuda para nós?

— Isso não tem nenhuma base. Vocês têm família — ele retruca.

— Depois eu que sou o estúpido da família... — resmungo.

— O que você disse? — meu pai pergunta entre dentes.

— Eu disse o que você ouviu, pai — cuspo. — Não escutou a Georgia? A menina não tem família e provavelmente voltará para o lixão de onde saiu assim que tiver alta daqui...

— Pelo contrário, Vince — minha irmã me interrompe. — Ela vai ser mandada para algum orfanato, onde a segurança também não é lá essas coisas. Não precisamos trabalhar na área para saber o que acontece por esses lugares... Meninas abusadas, violentadas... — Georgia respira fundo. — Eu não sei vocês, mas o que eu sinto por Aurora não tem nada a ver com pena. Ela é uma menina valiosa e eu não vou deixá-la ser levada para qualquer lugar que não seja ele a minha casa. Queiram vocês ou não, irei lutar por ela e vou ajudá-la como se fosse minha filha.

Ela disse casa? Filha?

Uau, Georgia.

É claro que eu esperaria que ela tomasse essa decisão algum dia, mas não imaginei que minha irmã adotaria uma adolescente de dezesseis anos de idade. Não que isso seja estranho, mas eu pensei que para uma mulher estéril já na casa dos seus trinta e um anos seria um pouco mais normal adotar um bebê.

— Ian não vai aceitar isso — meu pai diz e Georgia balança a sua cabeça negativamente. — Ainda não perceberam que já estamos fazendo a nossa parte? Eu pelo menos estou tratando de limpar as sujeiras desse moleque como sempre. Pagarei as despesas do hospital e ponto final. Acabou Aurora para nós.

— Acabou Aurora para você, só se for. — Georgia semicerra o olhar para nosso pai. — Ian me apoia em tudo que eu faço, papai, assim como eu o apoio. Vou conversar com o meu marido e vamos nos decidir sobre Aurora,

mas mesmo que ele chegue a não aceitar, não vou me omitir sobre o caso dessa menina. Eu não vou deixá-la partir sem mais nem menos. — Georgia segura a minha mão e toma mais ainda a minha atenção para ela.

— Georgia, isso é loucura... — nosso pai sentencia. — Pense antes de tomar qualquer decisão. Não. Temos. Dever. Com. A. Garota.

Georgia o ignora e se vira para mim, beijando a minha bochecha e me cercando em um abraço forte.

— Obrigada, Vince — sussurra.

Afasto o meu rosto para encará-la e vejo o quão sinceramente ela parece grata. Georgia finalmente encontrou... eu diria que... a sua filha? Não sei como nomear, mas deve ser algo desse tipo.

— Eu quero ir para casa — resmungo para os meus pais assim que Georgia me solta. — Amanhã podemos voltar para ver a menina — sugiro.

— Certo — meu pai retruca.

O silêncio entre nós quatro durante o caminho até o elevador é acentuado e, quando entramos no cubículo, torna-se mais acentuado ainda. Deixo-me relaxar aos poucos, pensando na noite cansativa pela qual eu passei, e tudo porque eu tomei o lugar e a culpa de Grayson.

— Eu vou com a Georgia — aviso os meus pais assim que estamos em frente aos seus carros.

Não estou nem um pouco no clima de escutar mais sermão por algo que eu não fiz, mas que tive total contribuição para o arranjo final.

— Não desvie do caminho, filha. Não escute o seu irmão. Você sabe o quão persuasivo ele consegue ser — nossa mãe diz, provocando um revirar de olhos meu.

Georgia não diz nada, apenas acena positivamente. Entramos em seu

carro e eu seguro a minha vontade de passar para o banco do motorista, mas sei que não posso fazer isso e não poderei fazer por mais um bom tempo.

O que diabos farei da minha vida?

Correr em rachas e dirigir em alta velocidade é a melhor parte da minha vida.

O que farei sem isso?

Desde criança me apaixonei por carros ao assistir corridas profissionais em canais de esporte. É claro que essas corridas televisionadas são legais e são o esporte em si. Não pense que eu nunca tive a ideia de me profissionalizar, mas o proibido, juntamente com toda adrenalina, acabou me deixando... apaixonado.

É isso.

O meu primeiro e único amor não foi por nenhuma mulher, mas sim por rachas. O que veio depois disso foram paixões passageiras, algumas de uma noite e outras de uma semana, porque nada nunca conseguiu me fascinar tanto e produzir o mesmo efeito em meu espírito quanto o que sinto quando corro em rachas.

— Você vai sobreviver — Georgia comenta ao ligar o seu carro e partir, como se estivesse lendo os meus pensamentos. — Eu espero que não enlouqueça, e espero que me ajude...

— Você vai mesmo... adotá-la?

— Você me acha louca por querer fazer isso? Por querer adotar uma adolescente e não um bebê? — indaga.

Talvez um pouco, mas eu sou louco na maior parte das vezes e Georgia sempre me apoia incondicionalmente.

— É sua decisão, Gia. Não acho que um bebê merece ser adotado mais

do que um adolescente ou vice-versa. Os dois estão em uma mesma posição. Se você sentir que é isso que deve fazer, apenas faça. — Dou de ombros. — Mas não faça isso apenas por causa da minha burrada, faça por você e Ian. Converse com ele e se decidam, eu sei que vão chegar à decisão mais certa.

— Não é por você, Vince... Eu sinto que ela precisa disso e, de certa forma, eu também preciso — confessa. — Eu apenas tenho que falar com o papai para que ele possa me ajudar nesse caso. Não quero que mandem Aurora para um orfanato, mas quero que ela venha logo para minha casa e de Ian assim que ela não precisar mais estar no hospital. Aurora precisa de conforto e cuidados, o que ela certamente não terá o suficiente naquele tipo de lugar. Eu quero cuidar dela como se fosse minha filha... O papai é o advogado mais influente da cidade, talvez do estado se formos levar ao pé da letra, se ele quiser com certeza pode mexer algumas peças e arrumar as coisas do dia para noite.

— Você está certa e, se quiser ajuda, é só falar. Afinal, somos vizinhos — digo, sorrindo de lado e ela ri de volta. — Mas não se esqueça que tem que conversar com a menina e saber o que ela deseja.

— É claro que farei isso e caso ela não queira, ainda assim vou tentar ajudá-la em algum orfanato. E você vai ser recompensado por isso, maninho. — Gia pisca para mim. — E logo adiantando, vou precisar muito da sua ajuda. Aurora parece ter tido uma vida difícil no lixão do qual veio e creio que desvendar o seu passado não vai ser a missão mais fácil que teremos. Se ela aceitar vir morar comigo e Ian, se ela aceitar os nossos cuidados e proteção, realmente precisarei de você comigo para fazê-la se sentir mais *em casa*.

— Não sei como vou te ajudar nisso, mas é só me dar as coordenadas que eu tentarei. Espero ter algum passatempo enquanto não tiver a minha

carteira de motorista de volta. — Bufo, lembrando-me da minha punição.

— Eu vou trabalhar nisso para te ajudar — Gia retruca, sincera, e eu sei que ela me ajudará mais do que o nosso pai. — Apenas tente respirar um pouco longe das pistas de corridas, Vince. Isso ainda pode acabar de forma muito feia e eu odiaria saber que contribuí para algo de mal acontecer com você.

— Eu sei o que eu faço, Gia, não se preocupe. Aliás, poderá ficar despreocupada por um bom tempo, agora vamos focar na sua missão com o *presente* que eu te dei. — Tento melhorar a situação entre nós e isso funciona instantaneamente. Nunca vi a minha irmã tão animada com nada em toda a minha vida e parece que Aurora foi realmente um presente para ela. — Quer me contar como vai tentar conseguir trazer ela para sua casa?

— Não vai ser nada fácil e sei que só conseguirei com a ajuda do papai, como já te disse, mas se ele se negar...

Georgia começa a despejar todas as brechas que ela consegue ver nesse momento e que podem ajudá-la a conseguir a guarda de Aurora, o que me faz chegar à conclusão de que o Direito é algo que eu realmente não nasci para exercer. Eu sou um cara burro perto da minha irmã e dos meus pais, mas não é como se eu realmente ligasse. Essa só não é a minha praia. Carros e corridas são a minha eterna praia e eu não mudaria isso por nada e nem ninguém.

Chegamos em casa e os nossos pais já estão por ali me esperando para se certificarem de que eu vou dormir em casa e de que eu não subornei a minha irmã para que ela me desse o seu carro.

Ridículo, com toda certeza.

Soltamos o cinto de segurança e saímos do seu carro. Georgia se aproxima de mim e me abraça, algo que no fundo acaba por me reconfortar

de alguma forma. Pelo menos alguém ainda se importa comigo e eu agradeço por essa pessoa ser a minha irmã.

— Descanse bastante, pois voltaremos para ver Aurora mais tarde. — Georgia beija minha bochecha e sorri.

— Boa noite, linda. — Pisco para ela.

Georgia acena de longe para os meus pais e me dá um empurrão, encorajando-me a ir na direção deles. Meu caminho até o casal não é longo, mas sim torturante. O modo como os meus pais me olham, com o semblante cheio de julgamento, me deixa irritado. Eu deveria ter comprado uma casa para mim quando tive a chance, infelizmente terei que esperar um pouco para que tenha essa chance outra vez. Infelizmente terei que corrigir a minha conduta se quiser deixar os meus pais “orgulhosos”.

Que se foda o orgulho deles.

Preciso de um passatempo urgentemente, caso contrário, os meus pais irão me enlouquecer.

— Ainda temos muito o que falar, Vincent — meu pai diz assim que passo por ele.

— Me poupe no momento — retruco, impacientemente.

5

“Mas você nunca conseguiu ter um homem olhando cinco segundos pra você sem ficar insegura.”

“How To Love” — Lil Wayne

Aurora
Lyon Collins

Abro os meus olhos, sobressaltada com os pesadelos que tanto me perseguem. Minha respiração está ofegante e suor desce por meu pescoço, fazendo-me sentir pior do que eu realmente estou. Meus ossos quebrados nem mesmo chegam perto de como eu me sinto por dentro no final de tudo. É como se *ele* estivesse sob meu ser e não somente sob minha pele. Fecho os meus olhos, contudo me arrependo. Tio Carl retorna à minha mente, pintando a minha pele com lama e gritando comigo, enquanto sou exposta nua para todos os homens ao nosso redor.

É horrível. A minha imagem no meio de tantas pessoas, sorrindo, comentando e me desejando. Meu corpo treme copiosamente com aquela simples ideia e a minha respiração fica um pouco mais difícil.

"Não é mais real, Aurora. Tudo acabou", meu subconsciente me lembra, mas os calafrios continuam perpassando todo o meu corpo.

Encolho-me como posso sobre o colchão um tanto confortável e começo a suspirar uma prece em tom baixo, do jeito que minha mãe costumava dizer que eu tinha que fazer sempre que sentisse medo. Naquela época o meu medo era de alguém estar dentro do meu armário ou debaixo da minha cama, mas hoje isso é completamente diferente. Eu não faço preces para que esse monstro vá embora de dentro ou debaixo de um móvel que eu nem mesmo tenho, eu faço preces para me sentir melhor e me trazer paz de espírito — pelo menos isso.

Solto uma lufada de ar e, de repente, a porta é aberta.

A luz do meu quarto é ligada e eu solto um gemido em reclamação. Eu absolutamente gosto mais quando está escuro. Talvez eu esteja acostumada com isso, mas de nada importa. A luz me incomoda e isso é um fato. Os meus olhos ardem com a claridade artificial, fazendo-me usar a minha mão menos

machucada e não engessada para tentar me proteger um pouco, mas é obviamente impossível.

Georgia e Vincent entram juntos com uma enfermeira e os três me oferecem sorrisos. Não tento sorrir de volta, pois não quero parecer mais feia do que provavelmente já estou. Sinto todo o meu corpo dolorido, assim como o meu rosto, que deve estar horrendamente inchado.

— Bom dia, Aurora — Georgia me saúda e eu aceno simples com a cabeça.

— Bela... — É a vez de Vincent, e ele quase me faz rir com a sua escolha de palavra.

— Oi... — sussurro.

— Bom dia, querida. — Agora é a vez da enfermeira, que se aproxima de mim para começar a fazer os exames de praxe. — Você dormiu bem?

Aceno positivamente, mesmo que eu não tenha dormido bem. Não quero obter atenção desnecessária em cima de mim, então eu prefiro que pensem que estou bem.

A enfermeira faz exames e mais exames sob o olhar de Vincent e Georgia. Eu não me preocupo em observar a enfermeira, mas sim no casal de irmãos à minha frente. Georgia e Vincent estão de mãos dadas, o que é um gesto muito bonito. Ela está usando um vestido floral azul, nada parecido com o terno feminino dessa madrugada. Diferente de sua irmã, Vincent está com uma roupa bastante parecida com a da madrugada, mas seu cabelo molhado denuncia que ele tomou banho. Ele sempre está vestido com jeans escuro e jaqueta de couro preta, o que é a sua marca batida e eu sei bem disso. Já cheguei até mesmo a me perguntar se sua jaqueta é tão confortável quanto parece... Para mim e para minha melhor amiga, essa peça é uma lenda.

— Eu trocarei o seu soro daqui alguns minutos. Você sabe, Aurora, chegou aqui recentemente e ainda está muito desidratada. Oh, e seu café da manhã também chegará em mais alguns minutos — a enfermeira diz ao finalizar e eu aceno positivamente.

— Obrigada.

Ela sorri para mim e sai, me deixando sozinha com os estranhos-não-tão-estranhos. Georgia é a primeira a se aproximar de mim, arrastando Vincent com ela em um puxão pela mão.

— Você quer que eu arrume o seu cabelo? Eu tenho um pente em minha bolsa — ela indaga, tentando quebrar o gelo entre nós e eu sinto-me instantaneamente nervosa.

— Eu pareço tão ruim assim? — Faço uma careta e Vincent ri.

Eu e Georgia paramos e o encaramos. Ele para de rir imediatamente, limpando a garganta e coçando a nuca.

É até bonitinho esse gesto dele.

— Você parece ótima para quem foi atropelada — Vincent diz e Georgia revira os olhos, soltando a mão do irmão e deixando a sua bolsa no final da cama.

— Grande elogio, Vincent — Georgia zomba e eu seguro o riso, pois ele faz uma careta para ela. — Você está incrível, acredite em mim, Aurora. Só vou pentear o seu cabelo para te deixar mais bonita do que já é...

— Não precisa mentir para mim... Você pode falar a verdade, assim como a risada de Vincent denunciou. — Dou de ombros.

Eu e ele nos encaramos por longos segundos.

— Você só está ferida, menina, e parece doente. Acredito que é bonita debaixo de toda essa...

— Sujeira? — sugiro.

— Situação — corrige, lançando um olhar aguçado para mim e eu encolho-me por ter dito o que disse. — Isso é apenas uma situação pela qual você está passando e logo vai se recuperar.

Georgia se aproxima de mim com o pente em mãos e um sorriso acolhedor pincelando os seus lábios vermelhos e cheios. Ela é tão bonita e brilhante, assim como um cristal intocável. Mas, pelo contrário, eu sou suja e apagada, assim como um cristal quebrado e mal remendado por ter sido usado e despedaçado incontáveis vezes.

— Quando eu e Vince éramos pequenos, ele muito mais que eu, eu costumava ter o meu cabelo penteado por ele quase todos os dias. Eu acho que ele era um pouco viciado em pentear o meu cabelo, mas isso foi antes da fase rebelde chegar — Georgia diz, ao me ajudar a ficar em uma posição confortável para pentear o meu cabelo. — Ele é cuidadoso e penteia bem melhor do que eu, mas ele não vai fazer isso agora porque isso pode machucar o ego dele...

Vincent agora está de braços cruzados, encarando a sua irmã incredulamente enquanto ela não para de falar sobre ele.

— Isso soa terrível, Gia — Vincent diz, fitando-me em seguida. — Agora com que cara vou olhar para você, Bela?

Dou de ombros, desajeitadamente.

— Com a mesma que me olhou depois que me atropelou...

Georgia explode em risadas atrás de mim e Vincent balança a cabeça, sorrindo de lado. Ele encolhe os ombros, mas logo em seguida levanta os braços, em sinal de rendição.

— Ela é tão boa! — Georgia exclama, sem parar de rir, mas

continuando a mexer no meu cabelo.

— Pensei que já tivéssemos passado dessa fase, Aurora — defende-se, tirando uma risada minha para si.

— Agora não me chama mais de Bela, huh? — brinco. — Desculpe-me, eu não resisti...

— Não se desculpe, eu mereço as suas farpas e língua afiada — retruca de forma simples, enquanto se aproxima de mim. — Acidentes acontecem, não acha?

— S-Sim... — gaguejo por conta de sua proximidade.

Tento me afastar, mas Georgia está atrás de mim ainda penteando o meu cabelo. Sendo assim, fecho os meus olhos e respiro profundamente, tentando me acalmar aos poucos. Quando consigo, abro os meus olhos outra vez e acho Vincent quase que com uma interrogação no meio de sua testa. Sua pergunta é silenciosa e ele não se atreve a abrir a boca, pois sua irmã volta a preencher o silêncio que tomou conta do quarto.

— Prontinho! — exclama, afastando-se de mim e sentando-se ao lado do seu irmão. — Você está linda.

Sei que não estou, mas é gentil de sua parte tentar fazer com que eu me sinta melhor.

— Obrigada, Georgia. — Sorrio sem mostrar os dentes e ela sorri largo, mostrando todos os seus dentes brancos e brilhosos.

— Pode me chamar de Gia. — Concorde com a cabeça e o celular de Vincent toca, fazendo-o se levantar e pedir licença para sair do quarto e atender. — Ele está enrascado... — Gia comenta.

— Muito? Por minha causa? — questiono, subitamente curiosa.

— Por causa dele mesmo, Aurora. Vince te atropelou, você poderia ter

morrido. É claro que ele estaria mil vezes mais enrascado se não tivesse parado para prestar socorro e fosse pego depois disso, então eu tenho quase certeza que a sua punição vai ser um pouco mais branda. De qualquer forma, ele vai sofrer consequências que podem deixá-lo louco e eu o amo demais para não me preocupar antecipadamente com isso — explica, enquanto absorvo as suas palavras gradativamente.

— Ele vai perder a carteira de motorista? — questiono.

— Não permanentemente, mas temporariamente com certeza. Isso vai ser o que mais vai doer em Vince, mas ele tem que pagar pelos atos. Nada mais justo, não concorda comigo?

Para ser sincera, sim. Mas, por outro lado, não. O meu lado cheio de compaixão não concorda com as punições que Vincent vai sofrer, por mais que a sua imprudência tenha me quebrado — *literalmente*. Vê-lo correr era uma das coisas mais excitantes sobre a minha semana. O seu lado desafiador e cheio de entusiasmo com a adrenalina me deixava fascinada. Se está doendo em mim, imagino como ele deve estar se sentindo com as punições que virão para si.

— Concordo, mas sinto muito por ele.

Vincent retorna para dentro do quarto quando vou fechando a minha boca.

— Ele quem? — questiona.

Georgia ri e eu também.

— Infelizmente você, Vince. Não poderá dirigir por longos meses e provavelmente sofrerá demais com isso.

Ele pragueja baixo, correndo os dedos por seu cabelo e acenando positivamente. Vejo como o seu rosto se contorce e tenho certeza de que isso

dói muito nele. Não sei o quanto, mas a ferida é grande.

— Eu sei, Gia. E obrigada por sentir muito, Bela — "mesmo que não valha de nada", penso. — Vamos falar de você? — pergunta, inquieto.

Encolho os ombros, desajeitada.

Não tenho o que falar sobre mim. Não para Vincent ou Georgia. Não para ninguém.

— Prefiro que continuemos falando de você — digo, sincera, e ele sorri de lado.

Meu estômago remexe e eu não sei se foi pela fome súbita que me atingiu ou se foi pela imagem que tive.

— Eu vou sair para conversar com o médico responsável e volto daqui a pouco, tudo bem?

Eu aceno positivamente para Vincent com Georgia e ele abre a porta no mesmo instante em que outra enfermeira entra com um carrinho com o meu desjejum. Ela sorri para mim, agradável, e nesse momento tudo que consigo pensar é na comida que ela irá me dar, pois, mesmo sendo de hospital e extremamente leve, é a melhor coisa que irei comer em anos. Há geleia, torradas, suco, algumas frutas e uma xícara de café fumegante.

Com a ajuda de Georgia, eu me aconchoo na cama e a enfermeira puxa um suporte embutido na cama, que fica na altura da minha barriga, e deixa a bandeja lá em cima. Ela me fita por alguns segundos e segue o olhar para Georgia.

— Eu vou ajudá-la, não se preocupe — Georgia afirma, sorrindo abertamente, e ela acena, retirando-se do quarto em seguida.

Nós duas ficamos em silêncio, enquanto fito a comida, atenta, e o meu estômago dá cambalhotas. Não vou conseguir me servir com tudo isso, mas é

bom sentir o cheiro fresco da comida.

Mal percebo que lágrimas escorrem por meu rosto e Georgia se apressa em limpá-las, tirando um sorriso meu um tanto sem graça.

— Tudo bem, querida? — ela sussurra, como se estivesse pisando em ovos para se aproximar de mim.

Aceno que sim prontamente.

Como poderia explicar para ela que estou chorando de gratidão por ter uma refeição digna para comer, mesmo que seja de hospital?

— Tudo bem — afirmo. — Só estava lembrando-me dos meus pais. Eu fico emocionada com isso, com a lembrança deles...

Georgia permanece em silêncio, enquanto pega as torradas e começa a passar geleia de frutas vermelhas sobre elas. Com a minha mão boa, pego a xícara de café e assopro o suficiente por longos segundos antes de tomar um gole. Fechos os meus olhos, sentindo o gosto agradável de café invadir o meu paladar. Sempre gostei muito do café da manhã. Essa era a minha refeição favorita, porque eu e meus pais sempre nos sentávamos ao redor da mesa e conversávamos sobre as nossas expectativas para o dia; eu sobre as minhas aulas na escola e eles sobre o trabalho, que não era grande coisa ao olhar dos meus colegas, mas para mim era incrível. Meu pai era mecânico e a minha mãe trabalhava em uma loja de conveniência. Eles nunca deixaram faltar absolutamente nada para mim e, para ser sincera, me davam coisas a mais da conta, mas eu sei que era porque os dois prezavam por nosso conforto e felicidade ao máximo.

— Como eles eram? — Georgia pergunta, enquanto eu coloco a xícara na bandeja e pego uma torrada que ela me oferece.

— Minha mãe era adorável e muito doce. O meu pai, por outro lado,

era extremamente protetor, mas também doce — confesso, essa sendo a primeira vez que falo sobre eles depois de sua partida. — Nós éramos uma família pequena, apenas os três, então eles me protegiam como um pequeno cristal. Eu era apenas uma criança, então entendo obviamente toda essa proteção e não posso mentir em dizer que não me sentia segura. Meus pais me passavam toda segurança do mundo e nós sabemos o quanto isso é importante para crianças. Eu sinto falta disso, sinto muita falta deles.

Georgia sorri com os olhos brilhando.

— Os meus pais também sempre foram muito protetores comigo e com Vince, só que depois de certa idade, com ajuda da fase rebelde, o menino se afastou dessa proteção. — Nós duas rimos e eu espero Gia continuar. — Sei que ontem o meu pai foi um tanto... duro. Mas, como pode entender, mesmo com trinta anos de idade nas costas, ele ainda se preocupa muito comigo. — Aceno positivamente. — Mas eu quero dizer que as minhas palavras permanecem de pé, Aurora. Se você deixar, eu posso cuidar de você e eu prometo que não se arrependerá.

Engulo a seco e o meu sorriso começa a se esfacelar.

— Georgia, eu...

— Não precisa me dar uma resposta agora — interrompe-me com um sorriso sem graça. — Eu tenho tempo e eu acredito que você ainda terá bastante tempo para pensar. Se permitir, ainda essa semana quero trazer o meu marido para conhecê-la...

Eu penso, penso, penso...

— Sem compromisso, Aurora. Eu não quero que ache que está assinando um compromisso conosco. Eu não quero nem mesmo que veja isso como um... contrato? — pergunta mais do que afirma. — É só para conhecê-lo e nada mais. Tenho certeza que se darão muito bem.

Penso, penso e...

Vincent entra na sala com um sorriso brilhante.

Meu coração acelera e eu suspiro baixinho, orando para que Georgia não perceba.

— Tudo bem — concordo, virando o rosto para encará-la.

— Mesmo? — pergunta, sorrindo exatamente como Vincent.

Eles são bem parecidos.

— Mesmo.

Não custa nada.

Estou completamente sem rumo ou direção, e se tem uma coisa que eu não acredito é no acaso. Se tudo isso aconteceu, é porque tinha que acontecer.

6

“Eu tenho pensado em você.”

“Thinkin’ Bout You” — Frank Ocean

Vincent
Pette Hawk

Não consigo pregar os olhos desde que deixei o hospital outra vez com Georgia. Por mais que eu tente não me envolver, é praticamente impossível ao olhar as íris acastanhadas de Aurora. Fecho os meus olhos e solto uma lufada de ar pesadamente por minha boca, incomodando-me por ela não sair da minha cabeça, mas eu sei que isso se deve ao fato do acontecido. Um acidente é algo que a gente não esquece e, por mais que não tenha sido eu a acertá-la, estava logo ao lado de Gray e vi absolutamente tudo. E é por isso que acredito que ela não está saindo da minha cabeça.

O meu celular começa a tocar e eu atendo sem muita vontade. É Hunter, um dos meus melhores amigos, e que felizmente não estava ontem no racha.

— Abre a porta para mim, porra. Eu cheguei para animar a sua noite chata. — Ele desliga a chamada e eu franzo o cenho, mas em seguida sou alertado por sua buzina.

Hunter não devia estar aqui.

Meus pais o suportam tanto quanto me suportam, ou seja, quase nada. Levanto-me da cama, abotoando o meu jeans e arrastando-me pelo caminho até a escada e da escada até a porta de entrada. Giro a chave, agradecendo mentalmente por meus pais ainda não estarem em casa, e deixo o meu amigo entrar com duas caixas de pizza e uma sacola com bebida.

— Fala, cara — resmungo desanimado.

Nós dois subimos e eu me jogo novamente em minha cama.

— Isla me contou o que houve. É verdade? Você atropelou a menina de rua? — dispara e eu reviro os meus olhos.

Eu não gosto como ele fala dela.

Não sei como me direcionar a Aurora, mas ela é tão gente quanto a gente. Não é porque ela vive em condições não muito boas que deve ser identificada por elas.

— Eu não atrolei a menina e ela não é da rua — rebato, sentando-me na cama e puxando uma caixa de pizza para mim. Tiro um pedaço de encho a minha boca, fazendo a minha primeira refeição do dia e só me dando conta disso nesse momento. — Foi Gray.

Hunter arregala os olhos, jogando uma garrafa de cerveja para mim e abrindo a sua no dente. Faço o mesmo, cuspidando a tampa para longe e bebendo um longo gole.

— Que porra...?

— Ele atropelou Aurora.

— E o nome dela é Aurora? — Ri, recebendo um olhar torto meu, mas ele mal percebe. — Por que diabos tomou a responsabilidade disso?

— Era o meu primo mais novo, Hunter, não seja um babaca, porque eu sei que você não é. Eu não o deixaria levar a culpa de algo que, no final das contas, foi de minha completa responsabilidade. Ou falta dela.

Hunter balança a cabeça negativamente e nós sustentamos o silêncio por longos minutos.

— Você está certo, mas sabe que não vai poder correr por um bom tempo, certo?

— Isso é mais do que óbvio, gênio. Eu não sabia que o gênio da lâmpada do Aladdin se personificou no meu melhor amigo. Só falta você falar que tem desejos para me dar. — No instante em que paro de falar com toda a minha ironia, nos encaramos e acabamos caindo na gargalhada.

Dane-se.

Quem me dera que Hunter fosse realmente o gênio da lâmpada.

— Diga-me os seus desejos e eu vou atendê-los. Mas somente três, para ser exato, e não vale desejar ter mais desejos. — Arqueio a sobancelha ao escutá-lo dizer a linha do filme e seguro o riso. — Então façamos a mágica! E aí, o que me diz? O que **você** deseja?

— Você sabe que está ridículo recitando um filme da Disney, certo? — indago.

— Isso se chama “irmã de três anos de idade muito adorável e que me tem na palma da mão”. Outro dia ela estava jurando ser o Aladdin e eu tive que ser o fodido gênio, Vince. Ela desejou um passeio de carro, em seguida desejou sorvete de chocolate e um saco cheio de doces. Preciso dizer que ela ficou com dor de barriga e que a minha mãe praticamente me matou?

É claro que não.

— Lizzie sabe te fazer de otário, não é mesmo? Eu não posso julgá-lo, eu também já caí nos encantos daquela pequena cabecinha loira.

— É uma merda... — resmunga, pegando um pedaço de dentro da sua caixa de pizza e mastigando como um animal. — Como é a garota? — questiona.

O que dizer...?

— É uma garota.

Seja mais óbvio, Vincent.

— Faça melhor, Vince. Ela é bonita?

— Ela tem dezesseis anos, Hunter. Menos, por favor.

— Oh, porra. — Ele ri baixo. — Não quero ser preso, então passo longe, bem longe.

— Você sabia que consegue soar extremamente idiota quando quer?

— É sério, Vince. Ela é uma adolescente.

— Por que estamos falando dela? — resmungo, irritado.

— Já está assim? Possessivo? — provoca.

— Vai se foder, Hunter. Você sabe que eu não sou assim, *possessivo*...

— Não é o que parece. “Por que estamos falando dela? Por que você está perguntando da minha Aurora? Eu a atrolei de verdade, mas, sabe, ela atropelou meu coração, Hunter...”. Calma, Vince, não quero roubar a sua Aurora.

— Ela sofreu o acidente e você que bateu a cabeça? É isso, não é? — Reviro os meus olhos, começando a perder toda a minha calma e deixando a impaciência tomar conta de mim. — Não sou esse tipo de cara, você mais do que ninguém sabe disso. Não existe essa de “Vincent possessivo” ou coisa do tipo, muito menos com uma menina de dezesseis anos. Quero dizer, tem noção do que você está insinuando?

Agora é a vez de Hunter revirar os olhos.

— Eu estava brincando com você, estressadinho. Para alguém que tem convicção do que diz, você ficou bastante no limite, não acha? Qual seria o próximo passo? Me jogar pela janela?

Bufo, enchendo a minha boca de pizza antes que eu realmente faça o que ele sugeriu. Não vou deixar Hunter me tirar do sério por muitos motivos, e o primeiro deles é para ele não ter uma visão diferente entre mim e Aurora.

Minha irmã me contou, no caminho para casa, que Aurora concordou em conhecer Ian e em pensar sobre a proposta que a Gia fez para ela. Eu sei como minha irmã consegue ser persuasiva. Toda a nossa família é assim, parece que está no sangue, e é por isso que a maioria é composta por

advogados. Meu pai é o exemplo vivo de como conseguimos ser persuasivos em tudo e, essa parte dele, eu admiro, só não admiro quando ele tenta usar contra mim porque me irrita. Eu sempre sei o que meu pai quer antes mesmo que ele possa falar, eu sou basicamente como ele, mas um pouquinho mais avançado, como ele colocou certa vez. É por isso que, nem ele e nem a minha mãe, desistiram de mim. Eu daria um bom advogado? Talvez eu fosse o melhor deles, mas como disse, antes mesmo do dinheiro, penso em minhas paixões. Nunca tive apreço pela advocacia, para os pesadelos diários dos meus pais, mas, acima de tudo, eu respeito o que eles fazem.

— Está pensando nela? — Hunter pergunta, seguido de uma risada.

Eu acabo rindo também, porque ele sabe me tirar do sério quando quer.

— Você está podre hoje — afirmo, bebendo mais um pouco da minha cerveja.

— Estou aqui para te tirar desse buraco em que Gray te enfiou. Quer uma noite de sorvete, pipoca e chocolate, claro, com filmes de romance tão açucarados que nos deixariam diabéticos, ou então prefere sair para um pub, onde nossos amigos já estão, e encontrar algumas garotas?

Eu poderia escolher a primeira opção, só para fazer Hunter reclamar do que ele mesmo sugeriu, mas eu não conseguiria passar nem mesmo um minuto rodeado desse espírito de “noite das garotas”. Já tentei uma vez, obrigado por Gia, enquanto ela chorava no meu ombro. Eu tinha apenas dez anos e ela dezenove. Naquela noite ela estava sofrendo por um babaca chamado Dean, e como o bom irmão que fui até certa idade, sugeri que fizéssemos algo que lhe agradasse.

Erro meu.

Gia comprou muito sorvete, cookies repletos de chocolate, barras *de* chocolate, inúmeros sacos de pipoca doce, milkshake de morango,

refrigerante diet — porque segundo a mesma, ela não podia engordar, se é que isso fazia algum sentido depois dela comer tanta porcaria — e marshmallows com diversas balas azedas de açúcar. Como algo pode ser azedo e ter açúcar ao mesmo tempo? Eu acho que quando fecho os olhos, o gosto ainda reaparece na minha boca como uma lembrança distante que me diz que eu abomino doce.

E foi assim que a minha irmã mais velha me traumatizou...

— Sinto muito por desapontar a sua veia feminina pulsante, mesmo que até mesmo garotas tenham ideias melhores de como se divertir, mas vou ter que escolher o pub, sem sombra de dúvidas. Em breve vou ter uma resposta sobre a “minha” burrada, então é melhor aproveitar o tempo que me resta antes da penitência.

Puxo outro pedaço de pizza.

Já comi metade e o meu estômago ainda reclama de fome. Será que tenho um monstro dentro de mim?

É a única explicação.

— Mas antes vamos terminar de comer a pizza. Eu não comprei para estragar — Hunter retruca, tirando as palavras da minha boca cheia.

Nós dois comemos como dois animais e não falamos outra vez até terminarmos. Me sinto um pouco cheio, finalmente, e apenas jogo a caixa para o lado e levanto-me da cama em um pulo.

Pego uma escova de dentes embalada e jogo para Hunter, seguindo para o meu banheiro e começando a escovar os dentes. Durante o processo, passo água pelo meu rosto, conseguindo melhorar a minha aparência de um jeito considerável. Enxaguo a minha boca e cuspo o creme dental, jogando minha escova no suporte e dando espaço para Hunter fazer o mesmo.

Volto para o quarto e visto a minha camisa branca e jaqueta de couro.

Eu tenho um caso engraçado com elas. Recuso-me, desde os oito anos, a sair sem a minha fiel escudeira. Meus pais sempre tentaram me enfiar em ternos, e eu até mesmo tenho alguns, mas não combina, pelo menos não comigo. Tenho muitas jaquetas de couro, em sua grande maioria marrons ou pretas, e se alguém quiser me dar um presente e acertar na escolha, sem dúvidas vá em direção das jaquetas, porque elas nunca são demais para mim.

Corro os dedos por meu cabelo e pego o meu celular, enfiando no bolso do jeans e esperando por Hunter, que volta segundos mais tarde. Ele se junta a mim e nós saímos do meu quarto. Chegamos ao andar de baixo no mesmo momento em que meus pais entram em casa e já nos encaram de forma torta.

— Para onde você está indo? — minha mãe pergunta.

Ela costumava ser mais amorosa comigo, mas as minhas burradas a deixaram dura e inflexível. Admito que sinto falta da sua parte que se preocupava comigo antes de me julgar, parte essa que Gia desempenha com maestria há anos, mas eu sinto falta da minha mãe e não dessa mulher que está na minha frente me olhando como se fosse capaz de pular no meu pescoço a qualquer momento e bater com a minha cabeça na parede por diversas vezes seguidas até eu perder a minha consciência. De qualquer forma, não posso julgá-la por agir da forma que age. Conviver ao lado do meu pai acaba contaminando todas as pessoas ao seu redor. Sorte minha que me mantenho o mais afastado possível deles dois.

— Vou sair com Hunter, como podem ver. — Aponto cinicamente para o meu amigo, que mais cinicamente ainda acena como uma criança. É por isso que nos damos bem. — Não precisam me esperar acordados — digo ao passar pela porta e empurrar Hunter na minha frente.

— Não atrole ninguém outra vez ou então vai ter que passar dias

atrás das grades, e não apenas alguns pares de horas, para aprender!

Eu ignoro o que o meu pai diz para não discutirmos e entro no carro com o meu amigo. Ele parte sem demorar muito e a minha mão começa a tremer e o meu joelho a balançar. Meus olhos estão fixos no volante e a vontade de pular para dirigir em seu lugar é quase agonizante.

Estou sendo consumido.

Hunter joga um maço de cigarro em cima da minha perna, juntamente com um isqueiro.

— Fume e se acalme, não quero que me ataque.

É, há uma grande probabilidade de isso acontecer, mas como eu não quero que aconteça, obedeço prontamente. Prendo um cigarro entre os meus lábios e rolo o meu dedo sobre o isqueiro até ele acender. Trago devagar, sentindo minha boca encher-se de fumaça enquanto a nicotina age em meus nervos. Já fazia anos desde a última vez que eu fumei e esse ato ainda é um dos únicos que conseguem me acalmar de verdade.

Sopro a fumaça pela janela e a minha respiração começa a normalizar, enquanto fito a estrada.

Infelizmente agora o meu lugar é no passageiro.

Infelizmente agora o meu calmante voltou a ser o cigarro e as bebidas.

7

“Então quando eu estiver pronta para ser corajosa e meus cortes curados com o tempo, o conforto irá descansar em meus ombros.”

“Home” — Gabrielle Aplin

Aurora
Lyon Collins

Remexo-me na cama, impossibilitada de fazer movimentos muito bruscos. Depois de esclarecer algumas coisas com o médico responsável por mim, certificando-me de que ele tinha uma enfermeira ao seu lado o tempo todo e que não ficaríamos sozinhos no “meu quarto”, uma psicóloga apareceu para conversar comigo. Apesar de tentar conseguir algumas informações minhas de forma sutil, não deixei muito escapar. O seu olhar em cima de mim sempre foi bastante compreensivo e foi por isso que eu não fiquei desconfortável com a sua insistência. Pude perceber como ela olhava para o meu rosto, provavelmente cheio de machucados e roxos, mas eu não me incomodei com isso. Por fim, ela se despediu e disse que voltaria no dia seguinte, que por um acaso já é hoje.

Mesmo tomando uma quantidade exagerada de remédios para aliviar as minhas dores, sinto como se a cada minuto que passa o peso se tornasse maior. Eu não consigo achar um lado confortável para deitar e esse é apenas um fato entre outros. O meu corpo inteiro lateja e os meus olhos ardem no escuro, mas eu não atrevo fechá-los. O relógio na parede, com ponteiros fluorescentes, marca quase sete horas da manhã. Eu deveria ter desmaiado de sono, mas simplesmente não consigo. Tenho muitos motivos para ficar acordada e um deles, que está na minha mente nesse exato momento, é a proposta de Georgia.

Eu sei qual é o meu destino se não aceitar o que ela propôs: orfanato. Foster Care é um programa do governo que cuida de crianças que perderam os pais e não tem com quem ficar, ou crianças que são separadas dos pais por sofrerem qualquer tipo de abuso. Há outras organizações privadas também, mas essa é uma das mais conhecidas e a que a maioria das crianças e adolescentes acabam parando sob a guarda. Isso me aterroriza, essa é a verdade. Por mais que tenham lugares que trabalham de forma séria, todo

sistema é corrupto. Já ouvi muitos relatos de garotas que passaram pelo lixão dizendo que antes estavam em orfanatos do governo e até mesmo privados e, a partir de certa idade, ninguém mais quer adotar você, e é onde os abusos começam. Do psicológico ao físico. Se alguém me pedisse para tentar escolher entre um e outro, qual o pior, eu me sentiria incapaz. No meu caso em específico, um é tão ruim quanto o outro.

O que eu quero dizer com isso?

As feridas externas saram. As internas permanecem. Mas, ainda que as feridas externas saiam, a dor em ter um homem colocando a mão em cima de mim novamente me faz tremer só pela ideia do acontecimento.

As feridas externas estão tão abertas quanto as internas.

Os efeitos em meu corpo são a longo prazo. Não sei se um dia as dores irão passar, não sei se um dia eu me sentirei segura outra vez, mas o que eu sei é que uma parte minha está quebrada de um jeito que não há conserto, e eu aceito isso. Eu preciso aceitar isso. Não tenho como lutar contra o óbvio.

A minha dor física e psicológica será eterna.

É por isso e por outro fator que eu pondero seriamente a proposta de Georgia. Eu não quero ir para um lugar onde vou sofrer tanto quanto sofri com tio Carl e tia Jillian. Não sei se aguentaria mais dor depois de me livrar de uma parte minha que me puxava para baixo todos os dias.

O outro fator que me faz ponderar ainda mais a proposta, é Vincent. É claro que tenho ideia do motivo, mas eu prefiro me fazer de idiota por algum tempo até voltar a admitir. Tê-lo tão perto de mim me afetou como um tapa certo no meu rosto. Uma mistura de medo, incerteza, insegurança e anseio me atingiram em cheio. Medo porque eu tenho medo de homens em geral, não importa quem seja, mesmo que a minha imaginação boba me falasse dia após dia que eu não me sentira dessa forma com Vincent. Incerteza porque eu

não o conheço, por mais que acreditasse que, sim, eu o conhecia. Insegurança porque ele tem presença e isso me deixa insegura. Por fim, anseio, porque de uma forma ou de outra, cheia de medo, incertezas e inseguranças, eu ainda tenho muita vontade de conhecê-lo, mesmo que seja para construir uma amizade.

É um tanto assustador.

O mix de sentimentos dentro de mim me alerta e eu me sinto completamente dividida.

Além desses dois pontos, devo admitir que Georgia me intriga. Eu nunca pensei que uma mulher como ela fosse tão doce. Ao vê-la de longe durante esses anos, pensei que a sua profissão tivesse a deixado como os pais, mas me enganei. Eu não tenho medo dela e, a todo momento que ela esteve perto de mim, senti-me segura. Gia, como gosta de ser chamada, é uma mulher muito bonita e que esbanja, além da beleza, uma personalidade única. Seus sorrisos são fáceis, seu olhar é tão aconchegante quanto um cobertor felpudo e quentinho, e sua alma é revigorante. Estar perto dela fez eu me sentir renovada por alguns minutos. A única coisa que me mantém com os pés para trás, é justamente o medo. Sinto como se pudesse confiar nela, mas ainda assim tenho mais medo do que poderia descrever. Meus tios não pareciam ser pessoas horríveis até mostrarem a verdadeira face e é isso que me aprisiona nos pensamentos ruins. Isso que me faz vacilar.

Monstros nem sempre se mostram, de fato, como monstros. Minha cabeça está completamente estragada pela dúvida do incerto.

Com duas batidas na porta, as enfermeiras que estão me ajudando entram e me oferecem sorrisos. Elas são agradáveis e geralmente não falam muito, já que eu não sei como responder a maioria das coisas que elas chegam a perguntar.

Hoje eu vou tomar banho. Foi isso que Kate, a enfermeira mais nova, disse. Banho no leito é uma coisa extremamente... desconfortável. Por mais que eu esteja quebrada e sob restrita observação, implorei a elas e ao médico que está cuidando do meu caso, para que eu pudesse tomar um banho digno. Eles concordaram, mas restringiram para apenas um por dia. Além do mais, eu poderia esticar um pouco minha perna boa para ela não ficar inchada de tão parada.

De qualquer forma, Kate e Jane, as duas enfermeiras, se aproximam de mim com plástico e esparadrapo. Com dificuldade, ajusto a cama sozinha, sentando-me e deixando o meu corpo “acordar” aos poucos, mesmo que eu não tenha conseguido dormir.

— Bom dia, Aurora — saúdam-me ao mesmo tempo.

— Bom dia, Kate e Jane. — Esboço um sorriso sem mostrar os dentes e elas fazem o mesmo outra vez.

As duas começam a proteger o gesso em meu pé e em meu braço, para que a água não molhe os dois, com o plástico e passam esparadrapo para segurar. Depois de cinco minutos, elas terminam e me ajudam a levantar. Com cada uma do meu lado, me apoio e recebo mais ajuda para irmos até o banheiro em meu quarto. Quando chegamos, Kate puxa o laço que amarra o vestido opaco hospitalar e deixo que ele caia até os meus pés.

Não tenho nem mesmo coragem de me fitar no espelho, mas pelo olhar das duas, sei que pareço... horrível.

Kate se apressa e pega uma cadeira, para que eu possa me sentar debaixo do chuveiro e eu observo as minhas pernas magras. Os ossos saltados dos meus joelhos me fazem respirar fundo. Há hematomas por todo lado, um oferecimento do tio Carl. Tenho algumas cicatrizes pequenas e embranquecidas, que se misturam com a minha própria cor de pele, causadas

pelas unhas nojentas da tia Jillian. Kate coloca outra cadeira na minha frente e sobe a minha perna engessada para ficar apoiada. Jane segura o meu braço ruim e, girando aos poucos a torneira, o jato morno de água vindo direto de cima cai sobre mim.

Fecho os meus olhos e me permito relaxar por poucos segundos. Não deixo a vergonha me embaraçar por estar nua em frente a essas duas mulheres e me controlo por saber que elas só querem me ajudar.

Jane me entrega o sabonete, enquanto Kate despeja um pouco de *shampoo* em meu cabelo, que saiu sabe-se lá de onde, e eu ensaboo-me com calma. Esfrego o meu corpo para que o fedor saia de mim e secretamente desejo que a minha alma pudesse ser lavada e limpa com tanta facilidade quanto o meu corpo. Um nó se forma na minha garganta e eu sinto uma imensa vontade de chorar, mas eu não posso chorar na frente delas. Já basta suas perguntas sobre tantos hematomas em meu corpo, eu não quero que elas perguntem algo sobre as minhas lágrimas. Eu não quero que ninguém pergunte nada sobre o meu passado macabro.

O resto do banho eu passo no piloto automático. Só volto ao meu estado “normal” quando estou passando pelo espelho e me fito de relance. Pareço um cadáver e agora eu tenho mais que plena consciência disso.

— Senhorita Georgia deixou escova de dente, creme dental, desodorante, perfume e uma escova para pentear o cabelo — Kate diz, apontando para as coisas que estão em cima da pia.

Resolvo escovar logo os dentes e Jane me ajuda com isso. Ela tira a escova da embalagem, molha e aplica o creme dental, entregando-me. Escovo os meus dentes como se a minha vida inteira dependesse disso. Não faço esse simples ato diariamente há tanto tempo me sinto *feliz* por fazê-lo agora mesmo debaixo de tais circunstâncias.

Só paro de esfregar a escova copiosamente em meus dentes, língua e pelo resto da boca quando tudo começa a arder e os meus olhos lacrimejam levemente. Deixo a escova de lado e cuspo o creme dental, aparando um pouco de água na minha mão e enxaguando a minha boca. Assim que termino, limpo a escova e me encaro no espelho.

Kate me enrola em uma toalha e me ajuda a me enxugar. Jane sai e volta em poucos segundos com um vestido hospitalar limpo e uma calcinha de algodão branca que eu nunca vi na vida.

— Georgia também deixou algumas dessas — Jane informa, referindo-se à calcinha.

Georgia pensando em tudo.

Kate tira o esparadrapo com cuidado do meu braço e da minha perna, deixando que o plástico caia no chão.

— Não vai passar pela perna — Kate afirma, encarando a calcinha de algodão.

Bom, eu já estava sem calcinha antes, então, como fico coberta o tempo todo, não é problema eu não usar uma agora.

— Está tudo bem — digo. — Só colocar o vestido e tudo bem...

Elas assentem e me ajudam a colocar o vestido, amarrando do lado da minha cintura. Devo agradecer a Georgia por ela se preocupar com as coisas, mesmo que sejam tão simples como uma escova de dente.

Nós voltamos para o quarto e eu me sinto mil vezes mais leve somente por ter tomado banho. Subo em cima da cama com cuidado e me arrumo outra vez em cima dela. Jane e Kate arrumam a bagunça e saem, dizendo que voltarão em breve com o meu café da manhã, o que faz instantaneamente a minha barriga aplaudir de pé e roncar como o rugido de um leão.

Confortável e relaxada na cama, um sorriso escorre por meus lábios quando as mulheres saem do quarto. Sentir meu cheiro — não fedor — me faz muito feliz. Mesmo doente, poder estar limpa de tal forma, me faz esquecer as coisas extraordinárias e me lembra de que as pequenas coisas são sempre as que mais fazem falta quando tudo vira de cabeça para baixo. Quem diria que eu prezaria tanto por um banho bem tomado? A partir da segunda semana vivendo com os meus tios, percebi, tão jovem, que as pequenas coisas seriam sempre as que mais fariam falta para mim. O beijo de boa noite dos meus pais, a história que eles contavam para mim antes que eu caísse no sono, seus sorrisos doces, suas preocupações diárias com meu bem-estar e até mesmo as broncas por chegar suja em casa depois de uma tarde no parque com os meus amigos. Tudo fazia falta. Tudo ainda faz falta. Coisas que nunca vou poder ter de volta, mas, de qualquer forma, tenho que me reconstruir para viver de forma que eu não me sufoque tanto com as lembranças dolorosas do quanto era feliz e não fazia ideia.

Reconstruir-me é o que eu mais anseio e tenho a esperança de que aos poucos isso aconteça pelo meu próprio bem.



“Eu quero estar onde você está.”

“Right Now” — Nick Jonas feat. Robin Schulz

Vincent
Pette Hawk

Minha cabeça dói e dá voltas como se eu estivesse dentro de algum brinquedo maluco de um parque de diversão qualquer. Um zumbido insistente me incomoda, tentando me trazer de volta para a Terra, mas eu o ignoro por alguns segundos até que eu consiga, de fato, me situar. Abro os meus olhos com dificuldade, sentindo o calor da luz que vem da minha sacada abraçar o meu corpo, enquanto os raios perfuram a minha visão sem pena. Uma cabeça coloca-se na frente da luz e eu agradeço por poucos segundos antes de perceber quem é: Georgia Hawk, em sua pose mais séria e inflexível, durona sempre que quer.

O que minha irmã está fazendo aqui tão cedo?

— Acorda, Vince! — exclama no meu ouvido e eu amaldiçoo baixo por não ter continuado bloqueando os seus barulhos.

— Jesus, Gia! Não precisa gritar no meu ouvido. Consegue ver os meus olhos abertos? Estou acordado! — reclamo, sendo puxado por ela pelo meu braço direito até que ela consegue me sentar na cama com a minha ajuda. — Está cedo... O que veio fazer aqui?

— Te chamar para irmos ver Aurora, é óbvio — diz realmente como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, o que na verdade não é. — Levanta, Vince. Vamos, vamos, vamos. — Nos encaramos e ela inclina o rosto para o lado, fazendo uma careta, enquanto percebo Ian também entrar no meu quarto. — Amor, me ajuda com ele.

— Você também vai? — questiono e ele dá de ombros.

Parece que nenhum de nós dois queria estar saindo de casa tão cedo.

— Há alguma pessoa no mundo que Georgia não consiga persuadir? — rebate e eu concordo com a cabeça.

Ian é um cara legal e eu sei disso porque o meu filtro de “caras legais” é bastante aguçado. Ele e minha irmã estão juntos há quase onze anos, desde que ela teve a sua desilusão amorosa com o Dean, e percebeu que o seu melhor amigo nerd era sim, por mais clichê que soe, o seu grande amor. Ian foi evoluindo com o passar dos anos e com “toques de Gia”, que foi como eu e ele apelidamos, ela conseguiu fazê-lo aparentemente bonito.

Quando eles se casaram, cerca de sete anos atrás, logo tentaram ter filhos, mas nada deu certo. Quando Georgia sentia que estava grávida, tudo não se passava de pura ilusão da sua cabeça. Eu fiquei muito triste por ela, porque só Ian e eu sabemos o quanto ela ficava abatida e o quanto chorava depois de sair do banheiro com mais um entre dezenas de resultados negativos. Depois de muito insistirmos, conseguimos fazer com que ela fosse ao médico, e foi quando descobrimos que Gia é estéril. Ela chorou muito, por uma noite inteira para ser exato, enquanto Ian e eu permanecemos ao seu lado tão tristes quanto ela. Depois disso, no dia seguinte, apareci com um slide feito todinho por mim, explicando que aquele não era o fim do mundo e que ela poderia adotar um bebê se assim desejasse. Georgia, mesmo triste, sorriu afogada em suas lágrimas e agradeceu o meu esforço, concordando comigo.

Georgia é inscrita em programas do governo e em organizações privadas para casais que desejam adotar bebês, crianças ou adolescentes. Contudo, ela nunca teve coragem de dar o passo final. Não até agora, não até Aurora aparecer em sua vida. Ian sempre esteve ao seu lado e, felizmente, sei que não vai sair dele. Ele é um cara bom e eu duvido muito que a menina não goste desse nerd viciado em Star Wars enrustido.

— Sabem que eu amo vocês muito, né? Mas, vamos, Vince, foi uma luta para tirar Ian da cama tão cedo no dia dele de folga, não demore, por favor.

— Mas você nem perguntou se eu quero ir — rosno.

— Você não tem que querer, Vincent Pette Hawk.

Merda, Gia me dá nos nervos, ainda mais quando mal acordei e ela já está cuspidando suas ordens sobre mim. Além disso, estou de ressaca. Que porra vou fazer em um hospital com um humor mais azedo que limão?

— Ao menos me dê privacidade — reclamo.

— Está bem. Dez minutos é o seu tempo limite, ou meu maridinho vai arrombar a porta do seu quarto e eu vou te levar para o carro pelos cabelos. Pense bem, não quero estragar sua porta, tão pouco seu cabelo lindo. Te amo, irmãozinho.

Bufo assim que os dois saem do meu quarto e me levanto, sentindo o mundo pesar em minha cabeça e um gosto amargo tomar conta da minha boca. Corro, e a cada passada parece que um gigante está me pisoteando. Chego no banheiro a tempo de despejar o vômito nojento no vaso sanitário e só paro quando a ânsia passa de vez. Limpo a minha boca com a costa da mão e dou descarga, jogando-me debaixo do chuveiro ainda de jeans e deixando que a água corra sobre o meu corpo.

Praguejo copiosamente, irritado com a ressaca podre na qual me meti.

Ontem à noite foi intenso. Fiz coisas que não fazia há meses, porque correr sempre foi a minha maior paixão e precisava estar sóbrio para isso. Mas, como não posso mais dirigir, simplesmente chutei o pau da barraca e bebi tudo que encontrei pela frente e fumei mais que o necessário. Meu cheiro é... horrível. Cheiro de mulher, cigarro e álcool para completar. Não que o primeiro seja ruim, mas eu beije, por influência do álcool, tantas mulheres que vieram para cima de mim, que não consigo me lembrar de metade da noite depois que eu já estava muito louco. De qualquer forma, não lembro de ter transado com ninguém e isso é um alívio. Depois eu vou falar

com Hunter para me certificar de todos os acontecimentos, mas agora eu só quero me concentrar em tirar esse odor barato do meu corpo.

Depois de alguns minutos, finalmente me dou por satisfeito e sinto alívio percorrer meu corpo. Enrolo uma toalha no meu quadril e vou escovar os dentes, enquanto seco meu cabelo com outra toalha em minha mão livre. Passo desodorante antes de sair do banheiro e rezo para ainda estar dentro do tempo estipulado por Gia.

Diferente de como sempre saio, visto uma boxer, calça de moletom cinza e casaco de marca da mesma cor. Não vou de jeans ou de jaqueta. Só queria estar deitado na minha cama fazendo um monte de nada, mas como não é possível, é o jeito sair de casa desse jeito. Calço meu tênis branco, enfio o celular no bolso da calça e pego meus óculos escuros, colocando em meu rosto no instante em que Georgia irrompe pela porta com um olhar assassino. Quando me vê, sorri abertamente, satisfeita por eu ter lhe obedecido. Que ela nunca saiba disso, mas não consigo lhe dizer “não”.

— Finalmente! — exclama, agarrando meu braço e me puxando pelo caminho. — Você está cheiroso e apresentável. Agora sim podemos ir ver a nossa Aurora.

Solto uma risada antes mesmo que possa pensar em controlar.

— *Nossa Aurora?*

Georgia exagera quando quer.

— Claro que sim, seu idiota — resmunga entre dentes, como se não tivesse gostado do tom que eu usei. — Eu tenho esperança de que ela queira vir conosco. O papai já está no caso e, como eu e Ian estamos inscritos em todos os programas do estado e privados de orfanatos, tenho certeza que não terá nenhum empecilho. Aurora só tem que dizer sim.

Não é difícil notar e nem admitir: Gia está obcecada em ajudar a menina. E eu sei que a minha irmã não desiste de nada que ela quer.

— Aposto que ela vai dizer “com certeza” — afirmo e ela me olha sobre o ombro, sorrindo doce.

— Obrigada por estar do meu lado, Vince.

Sorrio de volta, fazendo o meu máximo para parecer bem.

— Obrigado você por me aturar, Gia.

Ela segura meu braço mais forte, enquanto descemos a escada.

— Não é fácil, mas você entra nos eixos quando quer — provoca. — Nossos pais estão tomando café e conversando com Ian. Tente não ligar para o que eles dizem, tudo bem?

Esse é o pedido mais difícil do mundo.

— Queria poder ter o meu lugar próprio. — Bufo.

— Se me ajudar com Aurora, posso te arrumar meu antigo apartamento — retruca assim que os degraus acabam. Nos encaramos por breves segundos, enquanto tento decifrar sua feição e perceber se é mentira ou não. Gia não mente. — Não agora, por causa de todo problema com a justiça. Depois que tudo ficar mais calmo, você começar a cumprir as punições que lhes serão dadas, aí eu posso ceder o meu apartamento.

O apartamento de Gia era legal.

Minha adolescência toda eu sonhei em ter um igual ao dela. Claro que hoje sonho em ter algo maior, mas essa é uma boa saída para me livrar do teto dos meus pais e de todas as merdas que tenho que aturar. Por outro lado, o lugar não é longe daqui. São apenas duas quadras de distância, então poderia visitar minha irmã sempre que desse na telha.

— Fechado — digo.

— Mesmo? — questiona, avaliando-me. — Vai ter que me ajudar a fazê-la se sentir em casa, confortável e... são tantas coisas, Vince, não sei se vou dar conta se ela realmente vier morar conosco.

— Mesmo, Georgia. Vou fazer o meu máximo caso ela venha morar com você e Ian. Vou ser a sombra dela. — Sorrio de lado e ela me acerta com um tapa.

— Você é bizarro, Vincent.

Reprimo a gargalhada porque ela pode me dar mais dor de cabeça.

— Negócio fechado? — indago.

— Negócio fechado. — Sorri de volta.

Nós seguimos para cozinha, onde encontramos meus pais e Ian conversando ao redor de uma mesa cheia de comida. Jogo-me na primeira cadeira que encontro e pego algumas torradas, nem mesmo incomodando-me em falar alguma coisa, já que os dois me ignoram. Tomo o meu desjejum em paz, enchendo meu estômago com tanta comida, que na hora de levantar tenho que me segurar na cadeira por alguns segundos.

— Vincent e o amigo idiota encheram a cara a noite inteira, uma irresponsabilidade atrás da outra. É melhor que fique sabendo que não vamos mais nos esforçar para limpar a sua sujeira — meu pai finalmente se direciona para mim. Reviro os olhos, protegido pelos óculos. — Você está por conta própria, garoto.

Garoto?

— Pode deixar, pai, em breve não estarei mais aqui para perturbar nenhum de vocês — respondo, mantendo toda a minha calma.

— Vamos parar com isso? — minha mãe pergunta, encarando o meu

pai de forma dura, algo que fazia tempo que eu não via. — Você não vai para lugar nenhum, Vincent, e... e... e as coisas vão se arrumar. O tempo vai ajeitar tudo que veio ficando fora do lugar e nós vamos...

— Eu já fiz tudo que podia por Vincent, querida. Se você ainda não jogou a toalha, ótimo, mas a minha acaba de ser jogada na mesa.

Ele se levanta e sai, passando por mim e não poupando o seu olhar de desprezo e decepção. Mantenho-me calado, porque não quero piorar a situação, mas quando minha mãe vem em minha direção, afasto-me rapidamente e vou até a porta.

— Te espero aqui fora, Georgia.

Essa é a única coisa que eu falo.

Eu sei que sou errado de algumas formas, eu sei que essa briga com os meus pais já deveria ter chegado ao fim, mas isso nunca vai acabar até que eles percebam — principalmente o meu pai —, que eu não nasci para ser moldado em seus desejos e vontades. Não nasci para dar continuidade ao seu legado impecável como advogado ou para seguir as suas tão queridas regras. Se ele faz isso por amor, mais do que ninguém deveria entender que eu corro porque amo.

É ilegal?

Sim.

Mas estar com as mãos no volante e sentir a adrenalina tomar conta do meu corpo é o que eu quero fazer pelo resto da minha vida.

A ideia de me profissionalizar me amedronta, porque o meu tesão por rachas, pelo proibido e pelo errado é inegável, mas sei que ainda vou dar um jeito nisso, porque não posso ser o mau exemplo pelo resto dos meus dias. Quando construir uma família, porque é o que quero fazer quando estiver

preparado, quero ser alguém que dê orgulho para os meus filhos, e não alguém que esteja metido em coisas que não deveriam ser praticadas. Os rachas foram a minha forma de me rebelar contra os meus pais e mostrar a eles o que eu quero e de descobrir qual a minha paixão. Não é momento para pensar nisso, porque não posso praticar nem um, nem outro por ora, mas algum dia vou ter que olhar além daquilo que somente me beneficia.

Encosto-me no carro da minha irmã e ela aparece em poucos minutos.

— Vocês têm que parar com essa briga sem sentido.

Permaneço calado, somente entro no banco de trás e bato a porta, tentando relaxar um pouco.

— Vince — Gia me chama.

— Mmm...?

— O papai só se preocupa muito...

— Não defenda ele para mim, Georgia. Sério. Eu estou bem e eu vou ficar bem — eu a interrompo. Não quero ouvir essa besteira. — Podemos ir?

Escuto seu suspiro e Ian começa a dirigir, ligando o rádio para o meu grande alívio.

Mal posso esperar para chegarmos no hospital, essa é a verdade.



“Pois quanto aos anjos, eles vêm e vão, nos fazem especiais. Não desista de mim.”

“Not About Angels” — Birdy

Aurora
Lyon Collins

Estou assistindo televisão quando uma batida fraca soa através da porta do meu quarto. Tenho uma leve dor de cabeça, provavelmente por insistir em lutar contra o sono, mas isso não vai me abater mais do que eu já estou abatida. Georgia, Vincent e um homem, que sinceramente desconheço, entram. O mais novo deles, e que sempre tem minha atenção, está usando óculos escuros e se joga na poltrona perto da minha cama assim que a alcança. Reprimo a vontade de lhe perguntar se ele está bem porque Georgia vem sorridente até mim e eu não posso deixar de fitá-la e tentar sorrir de volta.

— Bom dia, Aurora — diz, beijando a minha bochecha e passando uma das mãos por meu cabelo. — Você parece muito melhor do que ontem — constata.

— Bom dia, Gia — retruco. — Tomei um banho assim que acordei, então me sinto bem melhor também — explico.

Sei que meu cabelo está uma bagunça, mas isso não faz eu me sentir mal, não mesmo.

— Aurora, esse aqui é o meu marido e melhor amigo, Ian Hale Brooks. — Ela sorri, apontando para o homem que agora tem nome. — Amor, essa é Aurora, a menina que...

— *Vincent atropelou* — Vincent fala junto com sua irmã e eu posso imaginar que ele rolou os olhos atrás dos óculos.

— Você está se tornando famosa na nossa família — Ian diz, aproximando-se um pouco e estendendo a mão para mim de uma distância confortável. Aperto a sua mão e sorrio sem mostrar os dentes. — Fico feliz em te conhecer, Aurora.

— Fico feliz em conhecer você também, Sr. Hale.

Ele ri com Gia e balança a cabeça negativamente.

— Ian é suficiente, por favor, não me faça parecer mais velho do que sou.

Sinto as minhas bochechas esquentarem, mas aceno positivamente.

— Posso pentear seu cabelo? — Georgia pergunta e eu concordo prontamente.

Enquanto ela me ajuda a ficar em uma posição confortável como fez ontem, olho de relance Vincent, que parece estar nocauteado na poltrona de couro ao lado. Ian se senta do lado do loiro e o cutuca.

— Qual foi? — Vince resmunga.

— Ele está um pouco resmungão hoje — Georgia explica para mim assim que começa a mexer em meu cabelo. — Não é, Vince?

Ele tira os óculos e finalmente me encara sem barreiras.

— Não acredite nessa mentirosa, Bela. Eu estou bem, são as pessoas que cismaram em me tirar do sério hoje. Tudo é questão de autodefesa.

— Mentirosa? Eu? Como é cara de pau, Vincent Hawk. — Solto uma risada baixa da discussão dos irmãos, percebendo que Ian se diverte tanto quanto eu. — Ele está de ressaca e completamente irritadiço.

Ressaca? Por que eu não me surpreendo?

— Ressaca faz parte da vida dele, não faz? — indago Georgia, mas encaro Vincent, que arqueia uma sobrancelha.

— Para sua surpresa, não muito — Georgia afirma. — Só que sem rachas, ele não tem outra saída.

— Ficar bêbado nem sempre é a melhor saída também...

— Tente achar algo novo para mim e eu posso pensar no seu caso, Bela

— ele diz, desafiando-me, mas não ligo para o seu tom de voz.

Vincent parece ser viciado nesse tipo de jogo e isso também não me surpreende.

— Obrigada pelas coisas que comprou para mim, Georgia. Não sei como posso agradecer pela gentileza — digo, trocando de assunto para falar sobre algo que realmente interessa nesse momento.

— Não foi nada, querida — afirma, com um tom doce e sorridente na voz. Ela termina de pentear meu cabelo e faz uma trança. — Você pode me dizer se precisar de alguma coisa, eu estou aqui para ajudar, como já disse.

Gia termina de fazer a trança e prende, me ajudando a deitar na cama novamente e se sentando na beirada. Ficamos os três em silêncio, até que o médico entra no quarto, parecendo surpreso com todos no quarto.

— Posso falar com os responsáveis da Aurora? — pergunta e Georgia me encara.

Suspiro.

— É a Georgia — digo.

Ela sorri, os olhos brilham tão intensamente que parecem duas estrelas.

— Eu sou Georgia — afirma, parecendo delirar com tal fato. Ela coloca-se de pé e acena para o seu marido, que a acompanha até a porta e sai na sua frente. — Nós voltamos já.

Dito isso, eles saem completamente do quarto e batem à porta.

Vincent e eu agora estamos sozinhos.

Sozinhos e calados.

Remexo-me inquieta, esperando que ele fale alguma coisa e dou graças por isso acontecer logo.

— Você está melhor, Bela? — indaga, puxando a poltrona para mais perto da minha cama e me encarando com mais seriedade dessa vez.

Queria poder conseguir ser sincera com ele.

— Estou melhor. — É uma mentira descarada. — E você? — continuo.

Ele ri baixo, mexendo na colcha que cobre o colchão.

— Me sinto como uma merda. Parece que fui pisoteado e arrastado pelo asfalto. — Ele sim é sincero comigo. — Praticamente esqueci-me de como é ter ressacas. Eu odeio isso, merda.

— Se odeia, por que bebeu?

— Bela... — começa irônico. — Às vezes as pessoas fazem coisas estúpidas. Esse foi o meu caso. Ficar sem dirigir é um inferno para mim, beber foi a única outra coisa estúpida que consegui pensar em fazer. Contudo, se quer um conselho, nunca beba. Não vale a pena.

Balanço a cabeça negativamente, achando graça dele.

— Obrigada pelo conselho — brinco.

— De nada — retruca no mesmo tom, parecendo um pouco mais leve. — O que anda aprontando por aqui? Esse quarto é tão tedioso quanto parece? — pergunta.

— Você não imagina o quanto — sussurro e ele ri. — Tenho companhia das enfermeiras, então isso já é um começo, certo? O médico sempre vem e uma psicóloga aparece no final da tarde para conversar comigo.

— Psicóloga? — Franze o cenho.

— “É necessário”, segundo ela.

Ele me avalia, não o meu corpo, mas os meus olhos e isso é diferente

de todos.

— Se precisar conversar, falo como Gia, pode contar comigo, estou aqui para ajudar.

— De onde tirou isso? — Sorrio, tentando descontraír o clima entre nós dois. — Vincent Hawk é tão solícito quando quer...

— Você poderia apenas aceitar, e não ficar me zoando, menina.

— Menina? — Bufo e agora é sua vez de sorrir.

— Não gosta, não é?

Balanço a cabeça negativamente.

— Obrigada por se oferecer, mas eu estou bem. A mulher só vem para conversar, fazer alguns testes. Bom, deve ser por conta de que eu posso desenvolver algum trauma depois de ter sido *brutalmente* atropelada por um corredor de rachas.

Vincent revira os olhos, com um sorriso fácil nos lábios.

— Não faça isso.

— Isso? Isso o quê? — indago.

— Isso, Aurora. Me deixar com a consciência pesada. Se toda vez falar desse jeito, vou virar uma máquina de pedir desculpas. — Ele corre os dedos pelo cabelo, parecendo nervoso. — Sinto muito...

— Pare! — exclamo, rindo alto. — Eu estava brincando com você, Vince. Não precisa ficar assim, tudo bem? Vou melhorar logo e tudo isso vai ficar para trás.

Vincent dá de ombros.

— Tudo bem...

Nós ficamos em silêncio por breves segundos. Vincent pega o controle

que está ao meu lado e começa a trocar os canais.

— E a comida é boa? — pergunta para mim, fitando a televisão não muito interessado. Aproveito para observar seus traços e guardar os detalhes para mim. — Comida de hospital é uma verdadeira porcaria.

Sorrio, balançando a cabeça negativamente.

— Isso é mentira — retruco. — Eu amei a comida daqui. — Isso é verdade. Uma refeição decente em anos parecia ser tudo que eu mais precisava. — O tempero é gostoso e leve. Tenho que comer aos poucos, devagar, e isso serve para me deixar sentir o sabor suave das refeições. É realmente boa...

— Você não existe. — Ele ri baixo.

Franzo o cenho.

— O que quer dizer? — questiono.

— Comida de hospital é ruim, Aurora, não tem como ser boa, e você simplesmente está adorando-a. Você não existe. Essa bondade toda... porra, é impossível de ser real.

Reviro os olhos para não ficar sem jeito.

— Isso é bobagem.

— Não é — afirma, dando fim a nossa discussão.

Vince aumenta o volume da televisão e nós dois prestamos atenção no desenho que passa ali. É o velho e engraçado Bob Esponja, então não demora muito até que risada coce em minha garganta e saia por minha boca. Nós dois rimos sem parar até Georgia voltar, e esse é o momento que Vince abaixa um pouco o volume.

Encaro a mulher loira, que tem um olhar um pouco perdido. Ela se

aproxima de mim com calma, mas seus ombros sobem e descem rapidamente, demonstrando que ela não está tão calma quando quer transparecer. Um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas e, próxima o suficiente, Gia me abraça com cuidado. Sou pega de surpresa com esse seu gesto... maternal. Sim, completamente maternal, mas ela é tão sincera que não me deixa desconfortável. Muito pelo contrário, suspiro e a abraço de volta do jeito que eu posso.

— Tudo bem? — sussurro.

— Eu sinto muito, Aurora. Eu sinto muito.

Sua voz está embargada.

Ela quer chorar.

Por que Georgia quer chorar?

— Vince, vamos lá fora? — Ian chama.

Observo Vincent nos assistir e levantar em câmera lenta. Ele sai do quarto com o marido de Georgia, deixando-nos sozinhas. Ela se afasta um pouco, mas não completamente. Gia toma minha mão boa entre as suas e dedilha com cuidado, como se eu pudesse quebrar. Levantando o olhar, posso ver como os seus olhos brilham e ela parece sentir dor.

— O que está acontecendo? — sussurro outra vez.

— O médico apresentou-me o resultado de alguns exames que fizeram quando você chegou — informa e eu aceno para que Georgia continue a falar. — Eu não quero falar isso na frente de mais ninguém, porque acredito que seja algo extremamente pessoal para você e eu entendo que essa nem mesmo seja hora para conversarmos sobre isso. Aurora, eu quero dizer que você não precisa falar, isso é apenas... isso é um pouco demais. Eu sinto muito por você, pelo bebê, esse aborto, por tudo...

Oh, não...

Eu entendo.

Mais um aborto, é claro. Um entre tantos outros que já sofri, contudo, a sensação continua sendo a mesma. A dor que se alastra em mim é ainda mais pungente agora que mais uma pessoa sabe tanto sobre minha “vida”.

— Gia... — Um caroço se forma em minha garganta e eu fecho os olhos.

— Você estava sendo abusada, Aurora, e isso não é uma pergunta. — Sua voz é tão fraca e baixa que eu só consigo escutar porque não há mais nenhum barulho além do que o que Georgia faz. — Eu sinto muito, querida. Eu não consigo imaginar o que pode ter acontecido com você, o que fizeram para te machucar tanto. Queria ter tido a chance de te proteger de tudo isso, mas eu sei que nem tudo é como desejamos. Eu não espero que fale qualquer coisa nesse momento, mas saiba que eu estarei do seu lado para o que precisar. Se confiar em mim, nunca mais deixarei que nada de mal te aconteça. Eu vou protegê-la como você merece.

— Eu sinto muito — sussurro de volta.

— A médica que te atendeu com o médico responsável pelo seu caso pediu que os exames fossem feitos porque havia marcas por seu corpo. Marcas estranhas e impossíveis de terem sido feitas por conta do acidente, ainda que tenha sido algo extremamente forte. Ela fez certo. Os resultados saíram.

— E-Eu não estou preparada... — digo.

Espremo os meus olhos.

É impossível encarar Georgia.

É impossível ter que lidar com ela me olhando depois de saber o que

houve.

Porém, eu tenho que encará-la, eu tenho que pedir...

— Por favor, não conte para Vincent. — Meu pedido é sincero.

Nossos olhares se conectam e ela acena prontamente.

— Ninguém vai saber de nada disso além de mim e Ian.

Com Ian eu posso lidar, afinal, mal o conheço, mas Vincent...

Como poderia encará-lo se ele soubesse o quão suja e marcada é a minha pele?

— Eu entendo que não queira mais me ter por perto e...

— Não — Georgia me interrompe. — Ouviu o que eu disse? Eu vou cuidar de você, Aurora. Eu vou dar o melhor de mim para te ajudar a ficar bem, querida. Eu só preciso que confie em mim.

Balanço a minha cabeça, concordando.

É cedo demais para dizer que eu aceito?

— Estou cansada da dor — confesso e ela engole a seco, parecendo controlar as suas lágrimas ao máximo.

— Podemos fazer isso juntas. Podemos tentar. Você pode se reconstruir aos poucos, querida. Você não precisa mais sentir dor.

— Se quiser arrumar os papéis, por mim tudo bem. Eu confio em você.

É verdade.

Confio em Georgia.

Se ela está disposta a me ter debaixo do seu teto mesmo depois de saber o quão suja eu sou, é claro que vale a pena confiar nela.

— Mesmo? — Ela não consegue mais conter as lágrimas, nem o sorriso

em meio a tristeza.

— Sim.

— Essa notícia é incrível. — Georgia me abraça mais uma vez e beija a minha bochecha. — Vou fazer tudo isso valer a pena, eu prometo.

— Obrigada por não me julgar — digo.

Ela se levanta, enxugando as lágrimas e sorrindo mais abertamente.

— Eu não seria capaz de julgá-la. Você passou por muito e te ver aqui, sem chorar ou reclamar, só me mostra o quão forte e madura você é mesmo sendo tão jovem. Tenho orgulho de você por ter sobrevivido em meio tantas turbulências, Aurora. Você é uma guerreira e me inspira mais e mais a cada minuto que passa e fica para trás.

Suas palavras tocam o meu coração de um jeito doce.

— Vou arrumar os papéis e falar com todo mundo que precisar. — Georgia anda de um lado para o outro, então para e me encara novamente. — Você vai ter um lar.

Um lar.

— Obrigada.

Eu não consigo expressar a minha gratidão.

Eu me sinto um pouco contente, mas nada é maior do que a minha dor, mesmo em meio um momento que eu deveria expressar a minha felicidade. Os pensamentos ruins sempre falam mais alto. Eu os odeio tanto quanto odeio a mim mesma. Está tudo impregnado em mim.

A dor nunca vai passar, e eu *odeio* como dói.

10

“Eu sou um otário por você.”

“Sucker” — Jonas Brothers

Vincent
Pette Hawk

Observo a feição de Ian. Eu não faço ideia do que esteja acontecendo, mas ele parece estar tão atordoado quanto a minha irmã quando voltou para o quarto de Aurora. As perguntas cutucam a minha garganta, mas eu fico quieto e espero o próximo movimento, agradecendo por ele não tardar.

— Você acha que ela vai querer ficar conosco? — Ian pergunta.

Dou de ombros.

Eu não tenho certeza, mas espero que Aurora dê uma chance para a minha irmã. Sei o quanto Gia já está envolvida com tudo isso e seria insuportável vê-la cabisbaixa por aí.

— Eu não sei, Ian. Você quer isso?

Tudo que Gia quer, Ian também quer, mas uma adolescente talvez seja um pouco demais para eles dois.

— Sim — afirma.

— Você tem certeza? — continuo.

— Eu acho que a menina merece um lar, Vince. Eu mal a conheço, mas tudo que Georgia falou para mim é suficiente para deixar claro que ela merece um descanso. Ela... Ela já teve suficiente. — Ian para de falar porque a sua voz começa a falhar e eu quero saber desesperadamente o que há por trás dessa emoção. — Eu gostaria de poder ajudá-la com isso. Eu e Georgia podemos cuidar de Aurora como se fosse nossa e proteger ela dos monstros espalhados por aí...

— Monstros? — murmuro.

Ian dá de ombro, esfregando as pálpebras freneticamente.

— Talvez você não tenha feito uma burrada tão grande assim — retruca e eu arqueio a sobrancelha.

Eu odeio esses estúpidos enigmas.

Gia abre a porta, chamando-nos calmamente. Eu sou o primeiro a tomar a frente e entrar, observando Aurora assim que consigo localizá-la. Não deixo de notar o rosto um pouco mais avermelhado da minha irmã quando passo por ela, o que apenas diz que ela estava chorando. Mas, de qualquer forma, não irei pressioná-la para falar sobre isso comigo.

As bochechas de Aurora estão um pouco coradas e ela mantém o olhar fixo no lençol que cobre grande parte do seu corpo. Sento-me novamente na poltrona que estava antes de deixar a sala e continuo examinando-a com o meu olhar atento. Gia pigarreia depois de longos segundos e eu a encaro.

— Aurora concordou em ficar comigo e Ian — anuncia.

Relaxo na poltrona e recebo o olhar da menina.

— Sério? — pergunto, mais para ela do que para a minha irmã.

— Eu espero não incomodar nenhum de vocês — Aurora sussurra.

Seus olhos castanhos parecem entorpecidos de dor e eu não sei se é somente dor física.

Eu quero saber o que ela esconde, eu quero descobrir mais de Aurora e, talvez lá no fundo, eu queira protegê-la assim como a minha irmã quer — o que é um tanto bizarro vindo de mim, além de confuso.

— Você não vai nos incomodar, Aurora — Ian diz e Gia sorri, abraçando o seu marido.

— Eu prepararei os papéis e falarei com o meu pai ainda hoje. Assim que sair daqui, irá para o seu novo lar.

Eu não sei por qual motivo, mas escutar as palavras de Georgia me faz tirar um peso de cima dos ombros. De alguma forma, mesmo que a minha irmã não entrasse com um processo de adoção, sei que não conseguiria me

desligar de Aurora. Tem algumas coisas que a gente simplesmente sente e não consegue explicar, essa é uma dessas coisas. Não sei o que ou como aconteceria, mas ela não passaria batido da minha vida. Não *essa* Bela...

— E eu vou ajudar na adaptação — afirmo, do nada.

Aurora finalmente sustenta o nosso olhar.

— Você? — questiona com um fio de voz.

Sorrio de lado, acenando positivamente.

— Pode contar com isso, Bela. Você não vai se ver livre de mim tão cedo.

Uma sombra de sorriso perpassa os seus lábios.

— Vai ser um bom tempo para todos nós, Aurora. Vamos todos nos certificar de que você vai estar bem e daremos o nosso melhor para que isso aconteça — minha irmã diz o que eu queria dizer.

— Muito obrigada...

É a única coisa que Aurora diz.

Pelo resto da manhã ficamos no quarto dela, eu conversando com Gia e Ian, enquanto a menina apenas nos observou. Não faço ideia do que a deixou tão cabisbaixa, mas eu gostaria de saber o que ela tanto conversou com a minha irmã. De todo jeito, nós fizemos companhia para Aurora e nos esforçamos ao máximo para colocar o seu astral para cima. Não funcionou muito bem, mas também não morremos por tentar.



Deito-me na minha cama outra vez, respirando aliviado pelo descanso. Depois de mais algumas horas com Aurora, os meus pais apareceram com o humor menos atacado. Bom, falo isso pelo meu pai. Eu saí com eles dois, que me acompanharam até a delegacia outra vez. Sorte minha que tomei um bom banho e o cheiro de bebida saiu do meu corpo completamente. Como meu representante, eu respondi apenas na presença do meu pai e logo a minha “sentença” foi dada. Tenho que comparecer ao tribunal daqui duas semanas e, por enquanto, a minha carteira de motorista estará apreendida, se assim posso dizer. A ansiedade para saber no que tudo isso vai dar praticamente me consome.

Esfrego as minhas pálpebras, sentindo o meu celular vibrar no bolso da minha calça. Puxo, já sabendo o que vou encontrar no mesmo.

Para a minha surpresa, não é quem eu esperava.

É Gia, e não Hunter.

— Alô? — resmungo.

— Eu vou mandar uma mensagem com o número de Aurora — exclama, animada.

Merda.

— Já, Gia? — indago, segurando o riso.

Posso imaginá-la fazendo um bico.

— Precisamos nos comunicar com ela, Vince.

— Aurora gostou dessa ideia? Aposto que não...

— Ela está te escutando — cantarola de volta. — Aurora não quis, mas ela não tem como fugir de mim. Ninguém consegue e você sabe bem disso.

— Oi, Aurora — resmungo, ignorando a minha irmã.

— Olá, Vincent — retruca.

Por que eu não paro de sorrir como um tremendo idiota?

O meu celular treme novamente e eu coloco no alto-falante, checando as mensagens e finalmente encontrando uma de Hunter ali. Nela ele diz que está chegando para me pegar e sairmos. Confirmo rapidamente e volto a minha atenção para Aurora e Gia.

— Então, posso mandar mensagem mais tarde? Hunter vai passar aqui... — digo.

— Nada de bebidas por hoje, Vince — Georgia se apressa em me repreender e eu apenas reviro os olhos.

Ainda estou de ressaca e eu não planejo beber de jeito nenhum.

— Pode deixar, eu não vou beber.

— Tudo bem então. — Ela ri. — Vou mandar a mensagem e depois nos falamos. Tchau, Vince. Até depois.

— Tchau, Gia. Aurora...

— Até mais, Vincent.

Só desligo a chamada quando ela também se despede.

Levanto-me da cama, enfiando a minha carteira no bolso do meu jeans, juntamente com o meu celular, e saio do quarto, mas não antes de pegar a minha jaqueta de couro. Assim que chego no andar de baixo, escuto a buzina insistente do carro do meu melhor amigo, o que me faz ter pressa para sair de casa.

Hunter consegue chamar atenção de alguém como ninguém.

Tranco a porta e enfio as minhas chaves no bolso, seguindo em passos largos até o seu carro e entrando em um pulo. Literalmente. Hoje Hunter está

usando um conversível e, por mais que eu não goste tanto de conversíveis, devo admitir que o dele é bem bonito.

— E aí, cara? Melhor? — pergunta assim que enfia o pé no acelerador.

— Depende do que você classifica como melhor — retruco.

— Jesus, você fede a ressaca, Vince. Sabe que já foi melhor nisso, não é mesmo? — Reviro os olhos, ignorando-o. — Como está a sua Aurora?

— Não é *minha* Aurora — repreendo-o.

— Que seja, cara. Como está a sua Aurora?

Bufo.

— Ela está ok.

— Diga mais, porque você provavelmente tem mais para falar.

— Mais...?

— Faça melhor, Vince.

— O que mais eu posso dizer? Ela ainda está quebrada e vai demorar alguns meses para se sentir totalmente bem. Seu rosto está melhorando do inchaço e os ferimentos avermelhados parecem menos agressivos. Ela está melhor, muito melhor, e Gia vai adotá-la com cem por cento de certeza.

Hunter ri baixo.

— Então você vai ser titio? — brinca e eu balanço a cabeça negativamente.

Eu odeio o meu melhor amigo.

— Vai se foder, Hunter.

— É sério, Vince! — exclama, ironicamente.

— Ela não vai ser minha sobrinha. Será no máximo uma colega, e

pronto. Vamos nos ver nos almoços de família e coisas desse tipo. É isso que vai acontecer.

— Você acredita no que diz? — indaga.

Não.

— É a verdade — cuspo.

— Eu sei que *eu* vou ser melhor amigo dela. — Dá de ombros, olhando-me de soslaio.

Bufo.

— Melhor amigo? O que você quer com ela? — Sei que estou sendo um tanto ríspido, mas não me importo, uma vez que Hunter quer brincar comigo.

— O quê? Eu não posso? — A risada quase escapa pelo seu tom cínico. Respiro fundo.

Ele não vai me irritar.

— Não ligo. Faça o que quiser.

— É? — Tenta uma última vez.

— Claro... — “...que não”, mas não é da minha conta e eu tenho que entender isso, não importa o que a minha cabeça tente me dizer.

Eu e Hunter não voltamos mais a falar sobre Aurora pelo resto do caminho, porque ele certamente entendeu que um pouquinho mais e nós dois acabaríamos discutindo, discutindo muito feio. Finalmente estacionando na frente da casa de Matthew, um de nossos amigos, saímos do seu carro e caminhamos juntos para dentro da casa, que está com a porta aberta, som alto e muitas pessoas por todo lado. Por um momento eu tenho vontade de voltar para o carro, mas eu vou enfrentar essa festa pelo meu próprio bem — se é

que algo nisso vai me fazer algum bem.

— Eu sabia que vocês apareceriam — Isla exclama, surgindo do nada e grudando em mim como se tivéssemos nascido juntos.

Sorrio de lado, mesmo não estando no clima, e dou uma boa olhada na loira. Hunter nem mesmo abre a boca, ele apenas sai de perto de nós dois, porque sabe muito bem que Isla não o “convidou” para a conversa, já que os olhos delas estão grudados em mim quanto o seu corpo.

— Vocês, é? — indago, arqueando a sobrancelha e ela ri, lambendo e umedecendo os lábios com a ponta da sua língua.

— Você — retruca, entrelaçando o seu braço no meu e me puxando entre as pessoas até o fundo da casa.

Eu aceno e sorrio para alguns amigos, deixando-me levar pelo clima e tentando relaxar um pouco de todo o estresse dos últimos dias. Foi um pouco estúpido pensar nisso exatamente agora porque o meu pensamento corre diretamente para Aurora e eu odeio-me por fazer isso.

Nós chegamos à nossa roda de amigos no meio da grama, cada um com uma garrafa de cerveja e quase todos os caras com uma mulher no colo. Isla me puxa para baixo e nos sentamos também, e não me surpreendo quando ela toma o seu lugar no meu colo, balançando o traseiro propositadamente contra o meu pau. Finjo que ela não fez isso, até mesmo para não parecer desrespeitoso, e gentilmente tento me afastar. Isla é bonita, nós já ficamos algumas vezes juntos, mas sempre deixei claro que não tenho interesse em algo a mais, nem com ela e nem com qualquer outra mulher.

Ela parece perceber e senta-se ao meu lado sem relutância, mas ainda não tira os olhos de mim. Hunter está do outro lado, de frente para mim, e abre um sorriso irônico, que me faz revirar os olhos para ele.

Intimidade é uma merda.



Infelizmente as horas demoram a passar.

Já estou andando do lado de fora da casa de Matthew de um lado para o outro, esperando por Hunter, que provavelmente está transando, enquanto tudo que consigo pensar é o quanto me arrependo de ter saído de casa hoje. Eu deveria estar no conforto da minha cama, quieto, e não em um lugar que há uma grande chance de a polícia aparecer por conta do som absurdamente alto. Esses vizinhos de Matthew são bem compreensíveis, se os vizinhos dele fossem como os meus pais, já estaríamos ferrados.

Puxo o meu celular que em algum momento coloquei em um dos bolsos da minha jaqueta e percebo que Gia já me mandou uma mensagem com o número de Aurora. Eu imediatamente salvo em meus contatos e luto contra a vontade de ligar para ela, porque não quero incomodar. Dessa forma, opto por mandar uma mensagem. Seu celular provavelmente só vai tremer, então não fará mal algum. Minha ansiedade me corrói e eu não consigo controlar quando se trata de falar com Aurora.

“Apenas passando por sua caixa de mensagens para deixá-la saber que esse é o meu número e que pode me chamar a qualquer momento.

Vince Hawk”

Travo a tela e passo uma das minhas mãos freneticamente por meu rosto. O celular vibra na palma da minha mão apenas poucos segundos depois, e eu estaria mentindo se dissesse que não fui desesperadamente

checá-lo, pois eu fui. Com toda certeza eu fiz isso.

“Gia já tinha salvado o seu número para mim, mas é bom saber que se preocupou em deixar uma mensagem e oferecer apoio. Obrigada, Vincent.

Aurora”

Eu não estava esperando por isso.

Definitivamente não.

“Ainda acordada?”

Sua resposta é quase imediata, outra vez.

“Sim...”

E ela continua:

“Insônia e dores. Normal.”

Isso me preocupa.

“Não tem como chamar uma enfermeira para tentar amenizar a dor?”

E agora eu que continuo:

“Sinto muito, menina.”

“Esse é o máximo que elas podem fazer por mim, não é agradável, mas é suportável. E não se desculpe, vai ficar tudo bem.”

Levo uma das minhas mãos até a minha nuca e esfrego ali, porque começa a doer de tamanha tensão que sinto. Só de imaginar que eu poderia ter acabado com a vida dessa garota começo a querer me socar repetidas vezes.

“Ansiosa para o novo lar?”

Troco de assunto, porque o máximo que posso tentar fazer é com que ela esqueça um pouquinho de sua dor.

“Eu não sei...”

Franzo o cenho com a sua resposta e, como se estivesse me

observando, Aurora manda outra.

“Não me entenda mal, eu apenas não sei como me sinto com tudo isso. Sua irmã e o marido dela parecem realmente estar dispostos a cuidar de mim, mas eu estou acostumada a cuidar de mim mesma, a salvar a minha pele mesmo quando parece impossível... então eu não sei, Vincent, mas espero que tudo fique certo.”

A forma como ela fala é algo que me espanta e não é de uma forma boa, eu não sei o motivo, mas não é. Meu estômago remexe, irritado, e eu respiro fundo, segurando outra vez a vontade de fazer mais perguntas sobre ela mesma. Eu não quero que Aurora pense coisas a mais sobre eu e ela, apenas me sinto protetor, não como alguém que vigia o passo dos outros, mas alguém que está ali para o que der e vier. Assim que me sinto com ela: Aurora pode contar comigo para qualquer coisa, mesmo que seja apenas para chorar enquanto eu fico calado e lhe ofereço minha presença.

“Caso queira conversar mais e sobre o que desejar, é só me chamar.”

Não tenho mais o que dizer para ela.

“Não espere por isso, eu incomodo.”

Balanço minha cabeça negativamente.

“Espero que me incomode, então. Fechado?”

Sua resposta demora e eu fico ansioso novamente.

“Em casos de emergência eu vou incomodar.”

Respiro aliviado e acabo sorrindo.

“Nos falamos, Aurora.”

“Nos falamos, Vince.”

Como um retardado, meu sorriso cresce por ela me chamar pelo meu apelido. Isso é um progresso em nossa relação de atropelador e atropelado.

— Que sorriso é esse? — Do nada, Hunter chega, perguntando.

Pigarreio e lhe dou as costas, indo para o lado do passageiro e esperando ele destravar as portas.

— Vamos embora? A festa já acabou para mim.

— Que sorrisinho era aquele, Vince-boy? Me conte, foi a menina? — Reviro meus olhos com o tom de voz que Hunter usa.

— Não fique falando merdas desse tipo, porra. Ela é uma menina!

Hunter parece cair em si e pigarreia.

— Desculpa, cara, eu não quis fazer isso soar errado...

— Você é o meu melhor amigo, eu sei que não quis fazer soar errado, mas é errado, então desencana em algo que apenas você enxerga.

Hunter acena positivamente e destrava as portas para que possamos entrar. Colocamos o cinto em silêncio e ele acelera sem demora.

— Como foi lá dentro? — indago.

— Como você pode imaginar, né... Ela era boa.

— Posso mesmo. — Batuco os meus dedos na minha perna. — Você quer ir ver Aurora comigo amanhã? — pergunto.

— Sério?

— Sério... Acho que vai ser bom para ela te conhecer logo, você é parte da família também.

— Eu passo por sua casa à tarde para ir vermos ela — Hunter sugere e eu apenas confirmo com um aceno. — Papo sério, Vince... O que vai fazer a partir de agora? — ele indaga.

— Não sei. — Estou ciente ao que Hunter se refere, mas eu não tenho a mínima ideia do que fazer. Meu futuro é tão incerto para mim mesmo. — As corridas me davam toda a grana que eu precisava, sem minha carteira eu não

quero dar sorte ao azar de me encrencar novamente. Tenho o trabalho voluntário a fazer por alguns meses e depois disso ainda ficarei sem a minha carteira por um tempo. Não vou aguentar ficar dentro de casa, sendo sustentado por meus pais, e nessa incerteza. De qualquer forma, tenho contatos e vou ver se consigo dar um jeito nisso nos próximos meses.

— Tempo você ainda tem para entrar na Universidade...

— Não é para mim.

— Se você está dizendo... — Hunter dá de ombros. — Estou fazendo para ajudar meus pais nos negócios, diferente de você, tenho uma relação boa demais com os meus velhos e desapontá-los não está nos meus planos.

Isso é verdade.

Os pais de Hunter são bem mais compreensivos que os meus. Nossas famílias são amigas desde sempre e eles me tratam como um filho. Já perdi a conta de quantas vezes dormi por lá depois de ter brigado com os meus pais... Mas, ainda que nossa relação seja uma merda, eles ainda são os meus pais e isso é algo que não posso mudar e muito menos mudaria se pudesse.

O resto do caminho é feito em silêncio e eu só volto a falar quando me despeço de Hunter e ele faz o mesmo.

Tomo meu caminho até a porta da casa da minha irmã e toco a campainha. Em menos de um minuto ela aparece, enrolada em um sobretudo branco e com o cabelo amarrado para cima em uma bagunça.

— Vince?

— Posso dormir por aqui hoje? — indago.

— Brigou com nossos pais? — pergunta, puxando-me para dentro e fechando a porta.

— Que nada, eu só pensei em vir pra cá e não dar sorte ao azar de

encontrar a mamãe sentada na poltrona da sala me esperando para começar um sermão sem fim.

— Pode dormir aqui sim, mas vou mandar uma mensagem para ela. Ela se preocupa com você, mesmo que você seja birrento e irritadinho.

Reviro os olhos e finjo que não lhe escutei, jogando-me no sofá e começando a tirar minha jaqueta e camisa.

— Estava fazendo o quê?

— Um chá. Ian já dormiu e meu sono está leve demais esses dias, qualquer coisinha eu acabo acordando. Há cinco ou dez minutos um louco passou buzinando pela rua e foi o suficiente para me acordar... — Gia toma uma respiração funda depois de falar sem parar. — Quer um pouco de chá também?

Torço o nariz, porque eu não gosto muito de chá.

— Se o seu chá for vodca, sim. Caso contrário, eu passo. Esse negócio de planta e erva é ruim demais. Deixe somente os animais comerem as plantinhas deles, a gente não precisa colocar elas na água quente e beber. Já chega de roubar comida dos bichinhos.

Eu me calo e fico pensando por cinco longos segundos sobre tudo o que falei e chego a uma conclusão: fiquei chapado sem nem exagerar em nada.

— Você está louco. — Gia ri e eu faço o mesmo.

— Só preciso dormir um pouco e amanhã eu vou me certificar de pegar todas as suas plantas ou sei lá o quê de chá para devolver à natureza.

— Considere-se um homem morto se fizer isso.

Dou de ombros, ainda rindo.

Gia se aproxima de mim e beija a minha testa.

— Dorme bem, menino.

— Você também, gatinha.

Bocejo, chutando meu tênis para fora do meu pé e virando de lado.

Felizmente, adormeço antes mesmo de pensar em qualquer outra coisa.



“Eu não consigo dormir à noite, acordada e tão confusa. Tudo está em ordem, mas estou machucada. Eu preciso de uma voz que ecoe, eu preciso de uma luz para me levar para casa. Eu meio que preciso de um herói, é você?”

“Nightingale” — Demi Lovato

Aurora
Lyon Collins

Suspiro.

Espremo os meus olhos.

Remexo-me.

Um gemido de dor escapa.

O ar falta em meus pulmões.

Acordo...

Acordo de mais um pesadelo terrível.

O suor desce por minha testa e eu estou soluçando, mal percebo quando as lágrimas começam a escorrer por minhas bochechas, se acumulando na ponta do meu queixo. Está tudo tão turvo e escuro, eu me sinto atormentada, e quando uma mão toca em meu braço, eu grito. A luz queima os meus olhos quando é ligada, mas eu continuo gritando, e o zumbido das vozes das pessoas tentando me acalmar mais parecem com um monte de insetos dentro do meu ouvido.

Eu grito. Para que alguém me salve, para que alguém chegue para me libertar dos monstros, para que eles não me machuquem mais e não me levem ao desespero.

Eu grito por...

— Estou aqui, Aurora. Eu estou aqui. Você não precisa ter medo.

Meus soluços começam a cessar quando eu escuto esse distinto tom de voz em meio a tantos outros. O toque no meu rosto foi um tanto desconfortável, a forma como ele segurou-me de cada lado para me fazer parar de tremer e me sacudir, mas a voz, a sua voz fez a adrenalina começar a se esvaír do meu sistema como mágica.

— Eu estou com você.

Abro os olhos com dificuldade e em meio as lágrimas percebo que é Vincent na minha frente. As orbes tão claras e bonitas, fixas em mim, isso me acalma. Eu esqueço o seu toque no meu rosto e foco na sua voz, a paz e salvação que ele me passa é algo que eu não conseguiria comprar nem com todo dinheiro do mundo. Sinto como se ele fosse o meu bote salva-vidas.

— Isso, Aurora. Respira fundo, nada vai acontecer com você.

Vincent continua falando e eu continuo escutando. Desse momento para frente eu não absorvo as suas palavras, apenas o timbre, o tom que ele usa comigo, que é doce e tudo que eu preciso, mesmo não querendo precisar de mais nada e mais ninguém. Eu preciso dele para me acalmar, foi por ele quem eu chamei quando me senti sufocada.

Os tremores em meu corpo começam a cessar um pouco e eu a me acalmar. É apenas bizarro a forma como, ainda que toda quebrada, o meu corpo se mexa tão intensamente quando entro nesse estado desesperador. Já ouvi muita gente dizendo que na hora da adrenalina, toda e qualquer dor parece ser ínfima e você só pensa em se salvar. Talvez esse seja o meu caso com os meus sonhos tortuosos: só penso em fugir deles, mas eles continuam presos em minha cabeça e eu não sei até quando isso vai durar, até quando eu vou aguentar.

— Calma, querida, vai melhorar — Georgia diz.

Consigo apenas a escutar e escutar Vince, principalmente Vince.

Eu puxo o ar com força para os meus pulmões.

— *Tudo bem, tudo bem, tudo bem...* — sussurro, repetindo sem parar, enquanto tento me fazer ficar bem.

Foco o meu olhar nas pessoas ao meu redor, sentindo-me um pouco

mortificada por todos estarem me encarando. A maioria das pessoas ali me olham com pena, menos Vincent, que carrega um olhar preocupado e uma postura tensa. Hoje eu consegui dormir, diferente do dia anterior que lutei o quanto pude contra o sono. Claro que eu não conseguiria fazer isso por dois dias seguidos, então acabei apagando completamente, coisa que nem me lembro como aconteceu ao certo. A última coisa que me lembro de ter feito foi trocar mensagens com Vincent e sorrir como uma boba.

A enfermeira se aproxima de mim, sorrindo fraco.

— Bom dia, querida — diz e eu continuo focando em minha respiração.

— B-bom dia — sussurro, gaguejando a primeira palavra.

Ela faz tudo que tem que fazer, avisando que o médico logo aparecerá para fazer a checagem matutina no meu quadro. Eu apenas assenti, envergonhada pelo meu surto anterior. Assim que ela deixa o quarto, Gia se aproxima de mim e me dá um abraço, onde eu finalmente me sinto um pouco mais confortável.

— Bom dia, Aurora. — Deixa um beijo em minha bochecha. — Você está melhor?

— Um pouco — afirmo, ainda baixo.

— Bom dia, Aurora — Ian diz, de longe, acenando com a cabeça.

— Bom dia. — Forço um sorriso, enquanto Georgia enxuga as minhas bochechas em um gesto estupidamente protetor.

— *Bela*. — Vince chama a minha atenção.

Eu o encaro, observando que ao seu lado está o seu melhor amigo de muitos anos: Hunter. Sinto ainda mais vergonha e consigo lembrar-me apenas da minha melhor amiga, que provavelmente surtaria ao saber que encontrei

com o “amor da sua vida”.

— Esse aqui é Hunter, o meu melhor amigo. — Continua dando um tapinha nas costas do outro. — Viemos te trazer um pouco de animação nessa manhã chata, presumindo que a minha irmã consegue ser muito chata às vezes, mais do que essas manhãs tediosas sozinha em um quarto monótono de hospital — brinca.

A coisa que tenho descoberto gostar ainda mais em Vincent é que ele sabe quando não precisa tocar em um assunto e muito menos fazer perguntas, exatamente como agora. Eu sei que ele quer perguntar os motivos pelos quais eu estava daquela forma, mas Vince apenas morde a sua língua e troca de assunto completamente.

— Você é o único chato daqui — Gia retruca, revirando os seus olhos.

Meu coração parece um pouco menos pesado e a vergonha vai passando aos poucos por não ter sido questionada em nada.

— Eu sou Hunter, Aurora. Ouvi falarem muito de você e é uma surpresa saber que você existe mesmo. — Hunter se aproxima, sorrindo largamente. Agora, de perto, entendo o motivo pelo qual a minha melhor amiga é apaixonada por ele. Hunter é espetacular. — E só para constar, eu sou bem melhor que esse aqui ou Gia, com todo respeito, ok, Gia?

Ela bufa e eu acabo rindo.

— Vocês dois só poderiam ser melhores amigos mesmo — reclama.

— E você nos ama. — Hunter se joga na poltrona ao lado da minha cama, onde Vincent costuma se sentar.

— Eu vou falar com as enfermeiras e pedir para que se apressem com o seu café da manhã — Gia diz antes de me beijar outra vez na bochecha e sair com o seu marido.

Eu estou sozinha com a dupla dinâmica, olhando de um para o outro, observando como eles dois se entreolham. Claro que eu demoro mais em Vince, observando que hoje ele está usando uma blusa azul marinho, apertada em seus braços, que estão amostra com a falta da sua jaqueta preta de couro e fiel escudeira. No entanto, ele está usando uma calça preta e um tênis completamente branco. Seu cabelo ainda está um tanto molhado e penteado para trás.

De todas as vezes que nos encontramos, essa provavelmente é a que ele parece mais “refrescante” do que as outras.

— O que estão pensando? — pergunto, pigarreando em seguida.

— Nós? — Vince pergunta, sentando-se no sofá do meu lado esquerdo da cama, oposto a onde Hunter está, o que dificulta a minha missão em alternar o olhar de um para o outro. — Nós não estamos pensando nada.

— Você poderia sentar com ele? — peço a Hunter, que arqueia a sobrancelha, mas se levanta entre um riso baixo e obedece. — Fica ruim de olhar para os dois, meu pescoço dói bastante — explico.

— Eu entendo, Aurora. Fiquei sabendo que foi atropelada — comenta, irônico e Vince lhe dá uma cotovelada. — Porra, isso doeu — diz, massageando as costelas, provavelmente.

Solto uma risada contida.

— Fui sim — brinco, encarando Vince, que arqueia a sobrancelha. — Por um cara aí, sei lá como ele se chama, mas fiquei sabendo que ele não gosta quando brincam com isso, sabe? Acho que a consciência pesa um pouco e ele fica cheio de pena.

— Não tenho pena de você — Vince resmunga, irritado. — Você estava no lugar errado, na hora errada. Acontece...

— Eu acho que ela estava no lugar certo. — Hunter empina o nariz, como um sabichão. — Sabia que existe essas coisas de destino? Acho que foi o destino de vocês.

— Você soa tão romântico, conheço uma pessoa que gostaria disso — digo, sem pensar muito e me arrependo no segundo seguinte.

— Quem? — Hunter e Vince indagam ao mesmo tempo.

— Ninguém — retruco, nervosa.

Keela vai me matar se eu falar qualquer coisa.

— Você? — Hunter continua questionando, provocando.

— Cala a boca, cara — Vince grunhe.

Eu acho graça da forma que ele faz isso.

— É uma amiga — digo, porque não quero nenhum mal-entendido.

Keela que me perdoe.

— Uma amiga sua gosta de mim? — Arqueia a sobrancelha. — Mas... você não morava em um lixão? — pergunta, acanhado pela primeira vez.

— Eu sim. — Dou de ombros como posso. — Ela não.

— Isso é interessante, me conte mais sobre essa sua amiga — ele pede.

— Foi uma péssima ideia ter te trazido aqui e só agora eu consigo ver isso — Vincent apenas continua reclamando.

— Cala a boca, cara — Hunter retruca ironicamente, imitando as palavras de seu amigo. Eu sinceramente não consigo segurar a risada. Hunter simplesmente não deixa de tirar Vincent um segundo sequer do sério. — Vai me contar sobre ela, Aurorinha?

— Aurorinha? — Seguro o riso.

— É o seu novo apelido — fala, com uma cara de “é óbvio”.

— Quando eu falar com ela, posso perguntar se tenho permissão para falar mais dela para você. Tudo bem? — Ele faz uma careta, mas concorda.
— Não gostaria que falassem de mim para os outros, então temos que respeitá-la.

— Ouviu, Vincent? — Hunter cutuca o seu amigo, como uma criança.
— Deveria parar de ficar falando da sua Aurora para mim.

Vincent se encolhe no sofá, afundando. Minha barriga faz algo parecido, ela remexe, comprime e sinto tudo afundar. Me sinto nervosa.

“Deveria parar de ficar falando da sua Aurora para mim.”

Isso repete no fundo da minha cabeça, como se estivesse ecoando, e eu tenho que fugir imediatamente dessa simples sentença.

—Você deveria parar de ficar perguntando sobre ela, então.

Eles ficam falando sobre mim?

Desde quando me tornei importante assim?

— Eu sou curioso, você sabe — Hunter replica. — Mas não falamos muito, Aurora. Gosto de saber como está porque o garoto aqui fica sempre aéreo e eu sei que ele está preocupado. Quebrou quantos ossos, afinal?

— Alguns — digo.

Nem mesmo eu estou lembrando quantos foram, mas tenho muitas partes do meu corpo engessadas. Um braço, uma perna, sinto algumas costelas me fazerem gemer quando me mexo de forma errada. Algumas partes quebradas, outras magoadas, torcidas e absolutamente todas esperando que o tempo passe logo para que curem.

— Foi um milagre você não ter morrido... — Vince reflete e eu o encaro.

— Sabendo a forma como você corre, eu tenho certeza que sim — Hunter afirma, um pouco irônico, o que me deixa confusa.

— A pancada foi um absurdo, cara, eu te contei — responde, um pouco baixo, como se os dois tivesse um segredo entre si.

Pigarreio outra vez.

— Quem de vocês pode arrumar meu cabelo? — pergunto, tirando coragem de algum lugar desconhecido.

— Eu! — Vince exclama alto.

— Eu sou melhor nisso — Hunter, por outro lado, afirma. — Tenho uma irmã de três anos e até tranças eu já aprendi a fazer.

Eu confiaria a minha cabeça em Hunter mais que em Vincent, mas não me importa muito a prática.

— E eu já pentei o cabelo de Gia — o loiro afirma, presunçoso. Ele vem em minha direção e aperta em um botão para a parte superior da minha cama subir um pouco. — Inclusive, ficou lindo, eu devo dizer.

Hunter gargalha.

— Sabe por que ele penteou Gia? — Hunter pergunta para mim, enquanto Vince alcança a ponta da minha trança.

“É só o Vincent”, minha cabeça lembra antes que eu sinta a necessidade de pedir para que ele pare de me tocar.

— Por quê?

Ele vai desfazendo a minha trança, calmo.

— Porque ele quis colocar chiclete na raiz do cabelo dela, Aurora. Gia teve que cortar o cabelo tão curto que passou alguns meses sendo chamada de “Maria-João” na escola.

Oh, Deus... que maldade.

— Você vai colocar chiclete no meu cabelo? — pergunto a Vincent, que apenas ri, junto com o seu amigo.

— Eu amadureci, Bela. Pode não parecer, mas eu passei dessa fase.

Respiro aliviada, mesmo tendo certeza de que ele nunca faria isso comigo.

— Eu não imaginei que fosse colocar, de qualquer forma. Já me quebrou toda, não teria coragem de fazer mais uma maldade dessas comigo, ou teria? — brinco, sentindo-me confortável para fazer isso tanto com Vincent quanto com Hunter.

— Talvez, se você continuar repetindo que eu te quebrei...

Eu e Hunter rimos, porque Vincent parece realmente chateado.

Foi traumatizante para mim, mas imagine como foi traumatizante para ele também por ter me atropelado. Para todos os efeitos, eu entrei na frente do seu carro e ele nem mesmo teve a chance de desviar.

Vou parar de brincar com essas coisas sérias, não quero que ele fique magoado com isso.

Vincent corre os dedos por meu cabelo, que agora felizmente estão lavados e cheirosos, e parece tentar dar um jeito como pode. Eu fecho os olhos, apenas para deixá-lo terminar tudo em seu tempo. O loiro é surpreendentemente cuidadoso com a sua função e amarra meu cabelo facilmente para cima, em um coque não muito frouxo e não muito apertado. Definitivamente não é a melhor coisa do mundo, mas dá para o gasto.

Abro os olhos e encaro Vince.

Ele sorri para mim.

Não resisto em sorrir de volta.

— Agora sim, está estupenda — afirma.

— Vocês dois vão parar nas minhas redes sociais — Hunter diz e nós viramos ao mesmo tempo para achá-lo com o celular na mão apontado para Vincent e eu. — Aliás, quem ainda fala estupenda no século vinte e um? Você virou algum personagem de romances do século... sei lá... dezenove?

— Nem pense nisso — Vince ameaça.

— Não mesmo — reforço.

Hunter revira os olhos e bufa.

— Vocês dois não vão mais parar nas minhas redes sociais, pois são muito chatos.

E eu não sei se, no final, eu e Vince realmente fomos ou não para as redes sociais de Hunter, só sei que me diverti muito com os dois e com Gia e Ian quando eles voltaram para o quarto.

Sinto como se pudesse finalmente vencer as minhas dificuldades passo a passo com eles ao meu lado, e eu espero não estar sendo precipitada ao pensar isso.

Eu acho que ganhei uma família de verdade.

12

“Quero me sentir viva, lá fora não consigo enfrentar o meu medo.”

“Lovely” — Billie Eilish feat. Khalid

Aurora
Lyon Collins

Os dias têm sido uma mistura estranha entre difíceis e acalentadores. Uma semana longa se passou desde o dia em que Vincent trouxe o seu melhor amigo para passar uma tarde comigo e com ele. Uma semana e alguns dias se passaram desde que sofri o terrível acidente. Uma semana se passou desde que os monstros que me torturavam morreram e tiraram as garras da minha pele, mas em compensação, ainda não tenho nem um pouco de paz. Às vezes eu sinto como se visse alguém de pé, me encarando, no meio da noite. Os remédios fortes para dor finalmente estão começando a fazer efeito, então eu acho que são apenas alucinações da minha cabeça confusa e turbulenta com tantos últimos acontecimentos.

Apesar de tudo, estou tentando manter o bom ânimo.

Os médicos que cuidam de mim disseram ontem que hoje eu poderia deixar o hospital. É claro que o meu quadro ainda requer muitos cuidados, mais do que podemos contar, mas Gia insistiu muito para que isso acontecesse logo e, devo confessar, que eu também. Não existe mais nada que podem fazer por mim para que eu melhore, eu só preciso de descanso e de ver algo além das paredes brancas desse lugar. Não estou reclamando para parecer ingrata pelo cuidado ou pelo lugar, muito pelo contrário, desde que perdi os meus pais, esse foi o único lugar que me senti segura depois de tantos anos. O negócio é que eu sei que Gia vai cuidar de mim e que eu estarei tão segura com ela quanto estou nesse hospital.

Falando na mesma e em sua família, todos eles estão aqui. A sua mãe e o seu pai tentando acalmá-la, junto com o seu marido, Ian. Vince está na poltrona ao lado da minha cama, a mesma que ele sempre se senta para conversar comigo. Ele está encarando a sua irmã mais velha, parecendo divertido com o seu nervosismo, e desvia o olhar para dentro do meu de repente. É óbvio que eu ruborizo e desvio para longe dele imediatamente,

escutando a sua risada baixa.

Como sempre, eu poderia mentir para muitas pessoas, mas não para mim: meus sentimentos por Vincent estão mais vivos do que nunca.

Depois de quase me matar com o seu carro — coisa que recentemente, depois de voltar ao meu estado mental mais claro e correto com o passar dos dias, tem me deixado com uma pulga atrás da orelha —, eu simplesmente pude conhecer de perto a pessoa que sempre idealizei como “o meu par perfeito”.

Vincent é bem mais do que o que eu imaginava dele pelos tabloides e notícias.

Se eu fosse mais velha, se eu fosse limpa e nem um pouco quebrada, eu tentaria algo com ele. Mas eu sou menor de idade, eu tenho meu corpo coberto de tantas mãos sujas e violadoras e a minha alma quebrada como uma taça de cristal que foi arremessada contra a parede.

Não daria certo.

Não há nenhuma circunstância, nenhuma realidade paralela em que eu deixaria Vincent tocar o meu corpo sem surtar — *e isso me machuca*.

— Você vai ter que aguentar isso todos os dias — Vince diz, tirando-me e puxando-me de volta dos meus pensamentos.

— Não vai ser difícil — resmungo em resposta, acabando por esboçar um sorriso ao encarar Gia ainda agitada pra caramba.

Os documentos da minha adoção estão bem encaminhados. A família Hawk está tentando desviar da imprensa de todas as formas possíveis, mas é bem difícil quando Vincent está metido no meio. É claro que a mídia está em cima de Vince para saber de sua boca o que aconteceu, mas ele não fala muito — para o meu alívio. Se assim posso dizer, minha identidade está

protegida e minha existência ainda está por debaixo dos panos e eu desejo imensamente que as coisas continuem assim.

Uma assistente social veio há dois dias conversar comigo, me sondar, perguntar sobre a minha família de sangue, sobre o meu passado e depois sobre Gia. Eu tentei expressar o máximo de contentamento por ter aquela mulher se responsabilizando a cuidar de mim daqui pra frente, mostrei o quanto estou grata por toda ajuda que ela me ofereceu até aqui e o quanto sinto o seu espírito materno ao meu respeito desde que nos conhecemos. Eu acho que, em partes, deu certo. Não tem muito o que não funcionar: Georgia é uma mulher rica, sem nada que manche a sua reputação, família visivelmente bem estruturada e um casamento regado de amor e companheirismo. Tudo isso é bastante vantajoso para ela, sem contar com a influência dos seus pais.

Eu seria levada para um abrigo, por enquanto, mas devido a minha situação, ao interesse demonstrado por Gia e Ian em me adotar e o meu próprio interesse em ficar com eles dois — e um empurrãozinho do Sr. Hawk — acabou concedendo provisoriamente a responsabilidade por mim para Georgia e Ian. Digamos que estou sob a guarda deles, e os dois parecem satisfeitos por isso.

Apesar de tudo isso, nada impede de Georgia surtar de nervosismo com está fazendo agora. Ela anda de lá para cá com o papel que assinamos — eu com muita dificuldade ainda — e que diz que ela tem minha guarda provisória para me levar do hospital daqui alguns minutos.

Já fiz os exames do dia, o meu quadro continua tendo apenas melhoras constantes, mas não muito rápidas. Eu sei que agora é o tempo que tenho para curar e cuidar das minhas feridas, por isso nem me preocupo.

— Mal acredito que isso está acontecendo — Gia sussurra quando os

médicos entram no quarto. — Ela vai ter alta agora? — pergunta, alto, fazendo todos rirem, inclusive eu.

— Sim, Srta. Hale-Hawk — o médico afirma, divertido.

A médica se aproxima de mim, calma. Todos os fios que estavam ligados em meu corpo já tinham sido tirados desde o último check-up pela manhã, que também foi quando eu pude ir tomar banho, e restou apenas o soro. Sim, ainda estou bastante fraca, desidratada e desnutrida, e o soro tem sido essencial para mim nesses últimos dias.

— Fizemos todas as indicações para a paciente Aurora em um papel aqui dentro — o médico afirma, entregando uma sacola branca do hospital, provavelmente com todos os meus exames ali dentro. — A receita com todos os remédios está aí também, mas precisamos fazer algumas indicações para vocês pessoalmente, mas não é nada que não esteja escrito.

— Aurora precisa repousar e não fazer nenhum esforço físico por no mínimo um mês, até que os ossos se fortaleçam e curem, para que ela possa tirar o gesso o mais rápido possível. É claro que precisa se mover durante o dia, tentar não ficar muito parada, mas não deve foçar em absolutamente nada, principalmente nessas primeiras semanas. — A médica caminha para perto do seu companheiro, enquanto escutamos atentamente. — O estado mental da paciente, como deve ser de conhecimento dos senhores, não é bom. — Me encara, referindo-se a Gia e Ian. Eu engulo a seco, não querendo que entre em mais detalhes. — Recomendamos que as consultas com a psicóloga Maureen, que está no caso desde que Aurora recobrou os sentidos, continuem. Ela precisa do acompanhamento profissional para que a saúde mental evolua conforme o seu corpo for curando. É essencial que a paciente entenda passou por traumas, mas pode superá-los se assim desejar. É uma adolescente ainda, Aurora, sabemos o quanto você precisa disso, então essa é

a nossa principal recomendação no momento.

O médico concorda.

— O quadro de saúde é cheio de melhoras. Também recomendamos que veja um nutricionista o mais rápido possível. A nutricionista que estava vindo vê-la e nós mesmos, assim como todos, sabemos que está muito abaixo do peso e chegou desnutrida e desidratada. As condições de vida que levava fizeram o seu peso estagnar em números muito baixos, coisa que já estava completamente acostumada. Seus hábitos alimentares precisam mudar com acompanhamento, com calma e paciência. — Ele dirige o olhar para Gia. — Não adianta querer que ela coma muito, quando esteve por muito tempo sem ter mais que cinco refeições por semana. Aurora está melhorando, mais forte e mais energética, mas isso precisa ser feito com muito cuidado. É uma fase de transição e se forem ficar com ela, como pelo visto está tudo preparado, serão duros seis meses de recuperação para uma vida normal e saudável.

— Ela precisa de nutrientes, vitaminas, e, bom, acompanhamento de perto de um nutricionista, como já foi dito — a médica completa.

— Mas eu não posso comer uma porcaria que seja? — pergunto, provocando a risada da maioria das pessoas que estão comigo e o divertimento dos dois que estão cuidando de mim desde que cheguei nesse hospital.

— Pode, Aurora, mas isso não vai te alimentar da maneira certa nesse momento, apenas te encher. Digamos que seu estômago é “pequeno”, então um lanche desses de fast-food é capaz de te encher pelo resto do dia, mas não é capaz de te dar todos os nutrientes que precisa. Você pode comer, mas é preferível que preze pelos nutrientes em um prato com salada, grãos e carnes, do que com um hambúrguer grande e gorduroso. — Aceno positivamente porque ele tem razão e eu não poderia discordar de qualquer forma. — Com o

tempo você vai se acostumando, vai ganhar peso, vai comer mais, vai precisar de mais alimentos para gerarem mais energia para você gastar. Por enquanto precisa cuidar para que esse progresso não demore a acontecer e isso é um grande desafio.

— Nós vamos cuidar disso com atenção — Gia diz, fitando-me e eu sou capaz apenas de dar um sorriso sem graça para ela.

— Toda atenção ainda é pouca no seu caso, Aurora — ele continua e eu suspiro discretamente baixinho. — Fora tudo isso, aqui estão todos os remédios que você deve tomar para auxiliar nesse processo de recuperação. Esperamos que você consiga evoluir logo, Aurora, e tenha uma vida mais saudável e tranquila.

— Tranquila? Fazendo parte da família? Com o meu filho perto? — Sra. Hawk pergunta sincera, o que faz todos, exceto Vince, rirem. Eu dou uma risada discreta, mas é só para ela não ficar sem graça. — Tenho certeza que Aurora vai tentar.

— Que grande momento para fazermos piadinhas, *mamãe* — Vincent comenta, ironicamente.

Bom, dessa vez eu tenho que segurar o riso.

Não é realmente um *boooooom* momento para isso, mas vai entender.

— Independente de tudo, vou fazer de tudo com a minha família por Aurora — Gia intervém inteligentemente.

Os minutos que vão se passando a seguir é como se eu estivesse deixando pelo menos um oitavo da antiga Aurora para trás. Gia e uma das enfermeiras me ajudam a passar para uma cadeira de rodas com muito cuidado, e... sim, ainda prefiro que elas me ajudem, não qualquer homem. A enfermeira tira o soro, que é o que ainda restava ligado a mim, e assim eu

posso dizer que estou livre desse local. Deixo o hospital com um sentimento de gratidão por todos que cuidaram tão bem de mim. Depois de muitos, torturantes e angustiantes anos, esse hospital foi o lugar em que mais me senti segura.

Já no carro de Gia e Ian, tento ficar o mais confortável possível para seguirmos caminho até a sua casa.

Meu olhar passa pelo grande estacionamento até pousar em uma figura. Ele é sujo, atento e completamente sedento, provocando-me calafrios.

Meu corpo congela.

E então Vince aparece na janela e me faz piscar por um segundo. Quando procuro, ele não está mais lá e eu respiro aliviada. Eu pensei por um segundo que estava livre, mas ainda aqui fora não consigo enfrentar os meus medos.

Eles continuam na minha cabeça e isso me apavora.

— Você está bem? — Vince pergunta, avaliando-me e puxando minha atenção para si. — Parece que viu um fantasma.

Balanço a minha cabeça.

— Estou bem — afirmo. — São apenas... lesões. Ainda estou confusa com tudo, mas está passando.

Ele acena positivamente.

— Te vejo em casa, então, tudo bem? Hunter vem me buscar e eu vou a um lugar com ele, mas logo devo chegar para lhe fazer um pouco de companhia.

“Ele é... adorável. Não é?”, minha cabeça, a parte apaixonada, pergunta para mim.

— Absolutamente sim — respondo em voz alta a minha pergunta, mas acaba sendo para Vince também.

Ele sorri, convencido.

— Absolutamente, é?

Reviro os olhos, envergonhada, mas não dando o braço a torcer.

— Cale a boca...

Nós rimos e Gia chega mais uma vez com o seu marido, depois de ambos se despedirem do Sr. e Sra. Hawk.

— Vamos, querida? — pergunta, animada, praticamente pulando de felicidade. — Diretamente para a *nossa* casa.

Concordo com Gia.

— Mais tarde eu passo por lá, gatinha — Vince diz para a sua irmã e ela sorri, agradecendo. — Até depois — completa, para nós três.

Ian toma o seu lugar atrás do volante e nós partimos.

Pelo retrovisor eu olho Vince uma última vez.

“Aurora, pare...”, penso comigo mesma.

Não posso pensar esse tipo de coisa nem nos meus melhores sonhos.

Vincent é um limite para mim e vai ser assim pelo resto da minha vida.

13

“Ela não é adorável?”

“Isn’t she lovely” — Stevie Wonder

Vincent
Pette Hawk

Ando de um lado para o outro dentro do meu quarto, esfregando os meus olhos e bufando como um idiota. Faz algum tempo que Hunter está me alugando com o seu papo furado de lhe ajudar a planejar uma festa para alguns parentes seus que estão vindo em alguns dias para a cidade. A verdade é que eu já deveria ter ido ver Aurora, mas ao invés disso, estou em uma chamada de Skype com o meu melhor amigo que simplesmente não me deixa em paz desde que me deixou em casa.

Hunter sabe ser irritante quando ele quer.

— Eu não sei mais o que te indicar, Hunter. Na boa, você precisa ir atrás dessas pessoas que sabem organizar festas, eu não sou a pessoa mais indicada, se você ainda não percebeu.

— Mas você está ajudando — ele diz e eu tenho que rir.

— E você está mentindo.

Ele ri de volta.

— Um pouco, cara, mas eu preciso de alguém que me ajude a pensar e eu só estou esperando você ficar no seu melhor momento para me ajudar.

Reviro os olhos.

— Melhor momento? Eu estou na merda. Esse melhor momento não vai chegar, Hunter...

— Não seja pessimista.

Bufo, sentindo o meu celular tremer em cima da mesa em que o meu notebook está. Destravo a tela e abro no aplicativo de mensagens, observando ali uma da minha irmã. As suas palavras doces e preocupadas, como sempre.

“Aurora está com Rose, mas seria realmente importante se você fosse ficar um pouquinho com ela... Rose tem coisas para fazer e com certeza não poderá ficar de olho

nela. Eu tive que sair com Ian para resolver mais umas coisas sobre a adoção e chego em casa apenas mais tarde. Pode fazer isso por mim? Ficar um pouco com ela? Um pouquinho... por favorrrr...

Com amor, Gia.”

Era disso que eu estava precisando, eu admito.

Envio uma mensagem de volta para a minha irmã, dizendo-lhe que estou indo para a sua casa e enfio o meu celular dentro do bolso do meu jeans. Puxo a minha jaqueta de couro, vestindo-a rapidamente e corro os dedos por meu cabelo bagunçado, tentando dar um jeito no mesmo.

— Onde você está indo? — Hunter grita do outro lado.

Fito-me no espelho e percebo que estou bem. Ao menos eu pareço bem, e é por isso que agradeço aos céus por minha boa aparência.

— Gia me pediu para ficar um pouco com a menina.

— Aurorinha? — dispara.

— Aurora.

— Foi o que eu disse — afirma, divertido.

— Sim, ela.

— Tudo bem, eu libero você por Aurora.

— Você libera? — indago, indo para perto do notebook.

— Sim, amigo. Vai lá.

— Depois nos falamos — me despeço.

— Cuida bem dela.

Hunter desliga e eu fecho o notebook.

Pego a minha cópia da chave de casa e saio do quarto batendo a porta, desço os degraus e deixo o local. Tranco a porta e atravesso a grama da frente

bem cuidada, tomando cuidado para não pisar nas flores da minha mãe e lhe dar mais um motivo para querer a minha cabeça em uma bandeja.

Bato na porta da casa da minha irmã duas vezes e toco a campainha repetidamente até ser atendido por Rose. Ela é a pessoa que cuida de sua casa durante todos os dias da semana, uma vez que Gia e Ian estão sempre ocupados e só chegam em casa às seis horas da tarde. De qualquer forma, deposito um beijo na bochecha da senhora de mais de cinquenta anos em cumprimento e passo por ela, que sorri abertamente para me recepcionar. Corro o meu olhar pela sala, sem nenhum sinal de Aurora por perto.

— Boa tarde, Vince — Rose diz, fechando a porta e colocando-se na minha frente. — Gia e Ian ainda não estão em casa, você sabe...

— Eu sei. — Sorrio de lado. — Onde está a menina? — indago simples e sei que ela sabe a quem estou me referindo.

— Aurora está comigo na cozinha — afirma, dando-me as costas e começando o seu caminho até o outro cômodo, enquanto ela inclina a cabeça em um silencioso sinal para que eu possa segui-la. — É uma garota teimosa e que não para quieta, não é mesmo? — diz assim que entramos na cozinha e o seu olhar se direciona para a morena.

Ela está sentada em frente ao balcão usando um vestido amarelo de verão, enquanto mexe em um jarro cheio de margaridas. Ao redor de si há um brilho estranho, um cheiro fresco e gostoso invade os meus sentidos e eu inspiro com força para tentar conseguir o máximo dele. Tenho vontade de abraçá-la por trás e depositar um beijo demorado em sua bochecha, que provavelmente está avermelhada. Não entendo essa minha vontade súbita, então reprimo o desejo e enfio as mãos no bolso do meu jeans, aproximando-me dela e sentando-me ao seu lado.

Aurora vira o rosto para mim e sorri de forma extremamente polida,

como se ela estivesse envergonhada.

Deus, é adorável.

— Ei, você.

O seu sorriso curva um pouquinho mais as pontas de seus lábios avermelhados, os quais praticamente me deixam hipnotizado.

— Vincent — cumprimenta-me. — O que está fazendo aqui? — pergunta inocentemente.

— Eu vim ver você, Bela — afirmo, encarando-a sem desvios. — Parece um pouco melhor do que essa manhã, menina. Já está teimando para ficar fora da cama e tudo mais, é? Mal chegou. — Balanço a cabeça negativamente, tentando soar o mais repressivo possível, o que a faz encolher os ombros e parecer mais adorável que antes. Desde quando eu acho garotas adoráveis? Inferno. — Diga-me, Rose, o que mais a Bela tentou fazer?

Forço-me a virar o rosto e dar um pouco da minha atenção para a senhora que sorri nos encarando.

— Ela quis passear pelo jardim para cuidar das margaridas. O jeito foi apanhar algumas mudas para ela... — Rose pega um jarro com suco de laranja e coloca na nossa frente. — Aurora não dá trabalho, Vince — completa.

— Eu não sou teimosa — ela se defende e eu volto a encará-la com todo divertimento do mundo.

Meus olhos encaram a margarida em sua mão e eu puxo para mim. Quebro o seu talo o suficiente e o entorto com facilidade, aproximando-me de Aurora apenas o suficiente para enfiá-lo atrás de sua orelha esquerda. Ela assiste cada movimento meu e não protesta como geralmente faz; seu corpo tampouco endurece ou fica tenso. Ela apenas fica imóvel e espera até eu me

afastar.

Aurora agora parece mais bonita do que antes.

Em lembrar da forma que eu a encontrei pela primeira vez. A menina suja da noite do acidente não é mais a mesma. Não mesmo.

— Você é um pouco teimosa — afirmo, apoiando os meus cotovelos no balcão e fitando-a de soslaio. — Um braço quebrado, uma perna quebrada, algumas costelas fraturadas e ainda quer passear pelo jardim para cuidar das margaridas? Sério, Bela? — provoco, contendo o sorriso que ameaça escorrer por meus lábios.

— Você não vai parar de me chamar de Bela? — resmungo e eu posso sentir o suave tom irritado que ela usa. — Eu só estava curiosa para ver o jardim de perto. Faz bastante tempo desde que vi um tão bonito quanto o de Georgia — afirma.

— Se quiser posso te carregar até lá — replico no mesmo instante que Rose coloca dois copos de vidro sobre o balcão e me lança um olhar um tanto duro. — O quê? — sibilo de forma inaudível para a mais velha.

— Não — repete da mesma forma que eu, sem deixar a menina ver.

— Eu prefiro esperar até melhorar — Aurora se apressa em responder.

Sem toques.

Não que eu precise tocá-la, mas simplesmente quero descobrir mais do que ela esconde.

Aurora ainda é um enigma para mim.

Ela é um enigma desde o nosso primeiro momento juntos, o único problema é que eu ainda não havia me dado conta disso.

— Tudo bem — balbucio, servindo-nos um pouco de suco e tirando um

cookie de chocolate com hortelã de dentro do pote assim que Rose também o deposita sobre o balcão. Dou uma mordida que leva quase todo o biscoito para dentro da minha boca e sinto ele se dissolver aos poucos em minha língua. — Isso é bom pra caralho! — exclamo, enfiando o resto do cookie em minha boca e mastigando como um animal sem esperar muito para saquear mais deles para mim.

— São os preferidos de Aurora, ela me disse quando chegou e eu os comprei, então deixe um pouco para ela — Rose informa e então percebo que a menina está com os olhos grudados em mim, fuzilando-me silenciosamente.

Seguro o riso com a minha boca cheia.

— Se importa em dividir? — pergunto, torcendo para que ela seja tão boa quanto sempre aparenta.

— Um pouco — confessa e as suas bochechas adquirem um tom mais avermelhado, como se ela quisesse manter a informação apenas para si. — Sinto muito, mas eles realmente são os meus favoritos.

— Eu posso comprar mais desses para você — digo. — Como uns e compro muitos outros para você. Parece um bom negócio? — questiono e ela acaba cedendo.

Sei que em parte Aurora está apenas querendo ser gentil comigo e eu me sinto levemente mal por meu estômago clamar por mais desses cookies.

Eles são deliciosos.

— Eu vou esperar por eles. De verdade.

Finalmente sorrio com a sua colocação e concordo com a cabeça antes de encher a minha boca outra vez com o biscoito e passar alguns para ela. Nós comemos em silêncio, enquanto observamos Rose cantarolar pela cozinha ao começar o preparo do jantar.

Assim que me dou por satisfeito e esvazio mais da metade do pote, recosto contra o encosto do banco e relaxo. Momento ou outro eu giro sobre ele para fitar Aurora discretamente enquanto a mesma se alimenta devagar. A cada mordida ou gole que ela toma, a morena fecha os olhos, como se estivesse aproveitando o momento. Tenho vontade de tirar uma foto sua, mas seria um tanto bizarro. Mal nos conhecemos.

Controle-se, Vince.

Quando Aurora toma um último gole do seu suco, fecho o pote de cookies e recolho os nossos copos para colocá-los na pia. Encosto-me ali, ao lado de Rose, enquanto ela lava os copos, e cruzo os braços sobre o meu peitoral. A menina me encara e ficamos dessa forma por longos minutos até que eu volto para o meu lugar, sacando o meu celular para fora do bolso da minha calça e fingindo que estou mexendo em qualquer coisa aleatória.

Eu não tenho o que dizer, mas ainda assim não quero ir embora. Acabei de chegar aqui e quero passar mais um tempo com Aurora, pelo menos até a minha irmã chegar com Ian. Gia pediu para eu ficar com ela, porque Rose estaria ocupada demais, então eu estou apenas obedecendo a minha irmã.

— Você quer ver um filme? — Surpreendo-me ao ouvir a sua pergunta e viro imediatamente para ela. — Na sala — complementa depressa e eu sorrio.

— Depende do que você gosta de assistir — brinco e ela sorri, seus olhos adquirem um brilho bonito e eu espero por sua resposta.

— Eu gosto de assistir animações.

— Disney? — pergunto.

— Geralmente. — Seu sorriso é envergonhado. — Pode dizer que eu não tenho mais idade para isso, mas todos nós ainda somos crianças.

— Eu não iria dizer isso, Bela. Podemos ver animações da Disney se assim desejar. Um filme seu e um filme meu, concorda?

Ela afirma prontamente e desliza sobre o banco com cuidado. Tenho vontade de pegá-la no colo, ajudá-la, mas enfio as minhas mãos no bolso da minha jaqueta e faço o meu caminho atrás dela, tirando as mãos do bolso apenas para empurrar sua cadeira de rodas quando ela se senta ali.

Aurora é pequena, baixinha, magra... Sua altura nem mesmo chega até o meu ombro. Eu ainda não faço a mínima ideia de como ela sobreviveu ao acidente, se mesmo agora eu teria medo de tocar nela por temer que ela desmanche. Nunca vi ninguém tão delicada como Aurora.

Após longos segundos, chegamos à sala e ela se senta no sofá, apoiando a sua perna em uma almofada. Sento-me no outro sofá, ao lado do seu, e próximo dela.

— Escolha um filme na Netflix. — Dou o meu celular em sua mão e tiro a minha jaqueta, jogando-a na mesa de centro e pegando o controle da televisão.

Ligo o aparelho e espero Aurora buscar por algo que lhe agrade. Viro o rosto para fitá-la e percebo que ela começa a enrubescer. Arqueio a sobrancelha, curioso, e ela rapidamente estende o celular de volta para mim.

— O quê? — pergunto.

— Eu abri, mas foi sem querer. Eu juro, Vincent.

Observo o visor do celular e sorrio.

É uma mensagem de Isla. Bom, não qualquer mensagem, é claro. Ela mandou alguns corações e uma foto sua anexada, um nude.

— Por que está rindo? — Aurora pergunta, parecendo chateada.

Eu estou rindo porque isso deveria me excitar, mas o meu pau parece

que não entendeu. Ponto para mim, pelo menos, porque eu não quero uma ereção logo agora.

— Porque você ficou nervosa. — Também ri por isso, é fato. Fecho o aplicativo e volto a depositar o aparelho na mão de Aurora. — Escolha, Bela.

Ela fica me encarando confusa.

— Você não vai respondê-la? — questiona.

— Hm... Não? — Aconchego-me no sofá e relaxo.

— Deveria responder — assobia de volta. — Eu não sei... talvez... talvez agradecer?

Gargalho. Eu realmente gargalho como não gargalhava já faz bastante tempo.

— Agradecer? — pergunto quando me controlo.

— Eu não sei! — exclama na defensiva. — Ela mandou uma foto particular... Seria educado responder com alguma coisa.

— Merda, Bela. Escolha o filme, sério, eu não vou agradecer por algo que não pedi. — Reviro os olhos.

— E ela mandou assim... do nada?

Aurora é curiosa. E insistente.

— Queria dizer que não, mas você viu melhor do que eu. Você se assustaria com a quantidade de mensagens que recebo com esse tipo de conteúdo — confesso.

— Tudo bem, eu não quero saber — afirma e eu observo de relance que Aurora contorce o rosto em uma careta.

Seguro o riso para não receber nenhuma reação negativa dela e ficamos em silêncio outra vez. Penso rapidamente sobre Isla e sobre a nossa outra

noite. Foi boa, mas foi apenas aquilo, o que ela certamente não entendeu. Não estou nem mesmo reclamando dela, porque Isla foi boa no que se propôs a fazer e eu tive uma noite incrível com ela, mas acabou.

Hoje à noite vou sair com os caras e certamente a loira estará lá. Vou tirar um curto momento para relembra-la que o que tivemos foi um caso de uma noite. Se nada der certo, bloqueio o seu número de celular.

Nunca pedi para nenhuma mulher me mandar imagens suas nuas ou seminuas, assim como eu nunca mandei para nenhuma mulher uma imagem do meu pau. Convenhamos, homens só tem basicamente o pau para mostrar e eu sempre fiz questão de guardar tudo para o "ao vivo", porque é sempre mais gostoso. Não há motivos para acabar com o prazer antes da hora e é isso que as pessoas não entendem. Burrice, eu diria. Desespero, talvez.

— Escolhi. — Aurora me puxa de volta para a realidade e eu pego o celular de sua mão.

Moana.

Tudo bem, podemos fazer isso.

Vou ver um filme de animação com a filha adotiva da minha irmã.

14

“Mas quando o medo vem e lentamente caio no chão, eu sou sortuda porque você está por perto.”

“Helium” — Sia

Aurora
Lyon Collins

Moana.

Moana foi um bom plano para Vincent e eu.

Ele realmente estava disposto a ficar comigo e passar o resto da tarde inteira aturando filmes de animação. Sim, ele cedeu a sua vez e nós assistimos mais dois filmes de animação juntos. Confesso que foi um momento muito confortável entre nós dois, afinal, por que não seria assim? Eu adorei a sua companhia pelo simples motivo: Vincent era silencioso. Nada mais justo, já que estávamos assistindo filme, mas ele era do tipo silencioso reconfortante e não do tipo que deixava o ambiente sem graça.

Em algum momento pedi a ele mais cookies, mas ele disse que eu já tinha tido minha cota suficiente e deveria lembrar do que os médicos me indicaram antes de deixar o hospital.

Coisas saudáveis, Aurora, saudáveis.

Contragosto, concordei.

Preciso me esforçar e, sendo sincera, não é *realmente* um esforço. Estive acostumada com muito pouco durante muitos anos, então é até mesmo fácil demais controlar o meu desejo por guloseimas. E eu controlei, com a ajuda de Vince, porque quando os filmes acabaram, ele ficou conversando comigo e me entretendo.

Não foi complicado para ele, claro.

Qualquer coisa com Vincent, na minha opinião, é muito... interessante.

— Como estão as coisas sobre sua punição? — pergunto a ele, chegando em um assunto que é de meu completo interesse.

Não gostaria que ele fosse punido, mas, por outro lado, é impossível evitar isso. Ainda assim, faria qualquer coisa para amenizar as punições que

Vince vai pegar por minha causa.

— Meus pais ainda estão tentando dar um jeito em tudo, você já deve ter percebido como eles são. Bom, mas fora isso, já recebi uma intimação para ir ao tribunal daqui duas semanas, só então vou saber o que de fato vai ser a minha punição.

Fico pensativamente por alguns segundos, mas concordo.

— Não queria que estivesse metido em toda essa encrenca por causa de mim — confesso, um pouco triste, pois não desejo nada disso para Vince.

Ele sorri, um pouco enigmático.

— Acredite, não é por sua causa que estou nessa encrenca. — Ele corre os dedos pelos fios grossos de seu cabelo bagunçado. — Já anoiteceu e Gia não chegou — Vincent troca de assunto. — Ela nunca demora tanto assim.

— Deve ter ficado presa no trânsito — retruco.

Mal fecho a minha boca e escutamos um carro estacionar do lado de fora. Vince e eu nos encaramos e esperamos ansiosos pelos próximos segundos. Gia abre a porta com Ian, ambos parecendo exaustos do dia intenso, mas ainda assim, manejando uma forma de também parecerem radiantes com tudo.

— Estávamos falando de você agora mesmo — Vince se levanta, indo de encontro com sua irmã e lhe dando um abraço apertado.

— Só dela? E de mim?! — Ian reclama e nós rimos.

— Os dois — digo, para amenizar a situação, mas sabemos que foi apenas de Gia mesmo.

Ela se aproxima de mim e beija o topo da minha cabeça. Eu mentiria se dissesse que não sinto meu coração esquentar com o seu simples e carinhoso gesto. Gia me passa uma calma, um conforto, é algo que não sei explicar,

mas sei que nunca quero ficar longe disso. Mal nos conhecemos, mas sei que teremos tempo para isso e para mim isso é o que mais importa.

— Como está sendo o seu primeiro dia aqui? — ela pergunta, sentando-se ao meu lado.

— Bom — digo, sendo direta, mas então eu me esforço. — Muito bom. Rose e Vincent foram muito atenciosos comigo e fizeram eu me sentir como se fosse a minha própria casa.

Gia sorri, parecendo aliviada.

— Mas a partir de hoje, *essa é a sua casa* — afirma, segurando a minha mão e esfregando o seu dedão sobre o dorso.

Isso me conforta.

E, bom, tenho que me acostumar. Agora essa é a minha casa.

— Você está certa — afirmo, sorrindo envergonhada.

O celular de Vincent toca e ele apenas checa o visor, antes de enfiá-lo no bolso do seu jeans.

— Eu tenho que ir agora — avisa, fitando-me. — Hunter e eu vamos sair daqui a pouco e perdi a hora assistindo filmes da Disney com Aurora. — Ele sorri de lado, explicando, mas não soando nem um pouco arrependido. — Até ficaria mais, mas já combinei e, bom, está na hora de dar um pouco dela para você, maninha. — Ele fita Gia e ela balança com a cabeça positivamente.

— Obrigada por ter ficado com ela — agradece, levantando-se e abraçando o seu irmão outra vez, do mesmo jeito que ele fez com ela.

— Amanhã eu venho e fico mais um pouco, até ela enjoar da minha cara — retruca, como se eu nem mesmo estivesse lhe ouvindo.

Assisto Gia acompanhar Vincent até a porta e o mesmo só sai depois de me fitar uma última vez. Quando ele sai, me sinto um pouco desanimada. Sua companhia foi muito... importante. Para dizer o mínimo, é claro. Eu amei a companhia de Vincent e cada segundo que passamos juntos nessa tarde.

— Agora somos apenas nós três — Gia exclama, animada e saltitante.

Eu e Ian rimos dela.

— Eu vou subir para tomar banho e volto já — ele avisa e nós duas ficamos sozinhas.



O arrastar da sua língua por meu pescoço grudento me agonia.

Eu olho dentro dos seus olhos, sentindo a minha vida inteira passar ali, nas orbes escuras, maldosas, animalescas... perversas.

Mas, que vida?

Meu coração salta por cada pedacinho do meu corpo ferido.

O que ele faz comigo me amedronta, mas, acima de tudo, me machuca e me destrói.

Seu corpo pesado sobre o meu é quase que esmagador, mas piora... sempre tem como piorar. A forma como ele se "encaixa" é devastadora em todos os sentidos.

Eu abro a boca para gritar e eu estou gritando, mas o som não se atreve a sair.

Meu corpo pequeno e franzino é violado ali, pela primeira vez, e eu só consigo me perguntar como eu posso aguentar isso?

Então eu continuo tentando.

Grito, em vão.

Grito, grito, grito.

Me debato.

O acerto, mas ele me segura sem dificuldade.

Minhas mãos presas em cima da minha cabeça, eu exposta, nua...

Seus beijos nojentos e molhados como de um cachorro por todo meu rosto, até chegarem em minha boca. Eu quero vomitar quando a sua língua entra em contato com a minha, mas eu apenas choro. Não sei o que fazer. Não sei o que isso significa, não sei por que peço tanto para ele me soltar, mas ele não me deixa ir...

E dói.

Dói tanto.

Minha intimidade dói, assim como a minha barriga.

É o quarto dos meus pais, a cama deles.

Eu os perdi há apenas uma semana.

Eu me perdi.

Eu...

Eu grito mais.

Eu imploro.

“Titio, por favor”, suplico.

Ele não escuta.

Ele continua, continua, até o ponto em que me sinto sem forças de tanta dor.

Me sinto... imunda.

E então eu grito mais uma vez.

— Aurora? — Gia está ali quando eu sento abruptamente na cama.

Meu coração está tão acelerado, minha garganta arde e meu rosto está banhado de lágrimas. Eu estou me debatendo, como se ele estivesse aqui em cima de mim, como se eu ainda pudesse senti-lo em cada pedaço meu, suas mãos imundas passeando por minha pele, seus lábios nojentos me beijando, seu corpo pesado me tomando para si.

Eu grito, mas agora o som sai e eu não sei se já estava gritando antes, mas isso me alivia, então eu continuo gritando como se isso fosse normal. Meu choro desesperado acompanha os meus gritos, como se eu tivesse recebido a notícia da morte de alguém importante para mim, esse é o meu tipo de grito de desespero. E, no fundo, eu sei, é pela morte da minha alma que eu grito. É por eu me sentir distante desse corpo, é por eu me sentir tão indigna e nojenta. Tenho pena de mim mesma, da minha situação, do meu coração quebrado, da minha alma vazia, por isso eu choro copiosamente, desesperadamente.

Mas Gia me pega.

Ela me puxa para si e me abraça, do mesmo jeito que a minha mãe faria se me olhasse nesse mesmo estado. Todas as minhas dores físicas passam. Eu consigo apenas sentir minha alma arder enquanto eu agarro em Georgia como se ela pudesse me proteger da maldade que foi despejada em cima de mim. Seguro ela perto de mim, chorando encolhida contra o seu corpo e começando a sentir minha barriga doer por tanta força que eu fiz.

Não sei por quanto tempo fiquei me debatendo na cama antes de despertar, não sei por quanto tempo eu gritei, só sei que nada disso se compara com o tanto que ainda dói dentro de mim, o quanto que todas as lembranças ainda são reais na minha cabeça e principalmente no meu corpo.

Eu estou danificada e isso é algo que não tem volta, eu não tenho conserto.

— Eu estou aqui — ela sussurra contra o meu cabelo. — Pode gritar, pode extravasar, fazer o que quiser, mas eu estou aqui com você e não vou deixar que nada de mal te aconteça outra vez, Aurora. Eu prometo por minha vida, nada mais vai te machucar.

Eu continuo chorando.

Dói tanto e simplesmente não para de doer, não vai embora.

Eu só queria que tudo isso me deixasse.

— Eu estou aqui — ela repete.

Meus olhos espremidos doem, eu enfraqueço, mas não me preocupo. Georgia está aqui, está comigo, ela vai me proteger. Eu tenho certeza. Mas eu queria que ela estivesse na minha cabeça, porque é onde os demônios me machucam e ninguém pode me proteger. Ninguém. Nem mesmo ela, nem mesmo eu.

Não percebo quando adormeço outra vez, abraçando Georgia, eu só sei que quando para de doer um pouco, isso finalmente acontece.



Estou envergonhada.

Eu lembro da noite. Cada sensação, cada detalhe daquele pesadelo, cada segundo angustiante que passei tentando despertar, mas completamente presa nas memórias. Eu lembro de Georgia ali comigo, me acalmando, me acalentando e consolando.

Isso me deixa mortificada.

Eu não queria dar tanto trabalho. Posso imaginar o quão perturbador foi para ela ter acordado com os meus gritos desesperados. Isso se o seu marido também não acordou ou mesmo metade de todo o bairro. Definitivamente não queria que fosse assim a minha primeira noite aqui.

Sento-me na cama com dificuldade, sentindo o meu corpo completamente dolorido. Toda a força que eu fiz e não senti na hora, estou sentindo agora.

Como se adivinhasse, Gia entra no quarto empurrando a porta encostada com o seu pé. Ela ainda está vestida com um sobretudo transparente de seda por cima do seu pijama e, com um sorriso aconchegante e uma bandeja com café-da-manhã, ela vem em minha direção em passos largos.

— Bom dia, querida — cumprimenta-me e eu dou um sorriso meio sem graça. — Está melhor?

Sim, melhor.

Estou melhor pelo simples fato de não ter sonhado com mais nada.

Apenas dormir, sem nada na cabeça para me perturbar.

— Bem melhor, Gia. — Ela coloca a bandeja de lado e se senta na beirada da minha cama. — Não precisava disso tudo, eu poderia ir tomar café na mesa com você e seu marido — digo. — Obrigada por ficar comigo na

madrugada — sussurro, encarando-a ainda envergonhada, mas agradecida.

— Não tem pelo que agradecer, querida. Eu disse que cuidaria de você e vou cuidar como bem prometi. Queria poder tirar todo esse mal da sua memória, mas eu sei que com o tempo vamos conseguir superar isso juntas, tudo bem? — Ela segura minha mão e eu aperto a sua.

Acredito em suas palavras.

— Tudo bem — afirmo, confiando em Georgia cegamente.

— Agora está na hora de se alimentar, depois vai tomar banho e eu tirei folga para ficar com você o dia inteiro! — comenta animada e eu fico apenas encarando-a.

— Não precisava fazer isso tudo... — sussurro.

— Claro que precisava — afirma.

— Eu acho que não precisava também — Vincent entra no meu quarto sem mais nem menos e nós duas praticamente pulamos de nosso lugar.

— O que está fazendo aqui? Que susto, Vince! — Ela leva a mão até o coração e em seguida semicerra os olhos. — Estava escutando conversa atrás da porta? — questiona.

— Claro que não. — Ele ri, encostando-se na parede do lado da janela. — Acabei de chegar, Ian abriu para mim e eu vim procurá-las. Escutei apenas você dizendo que tirou folga. Desde quando você tira folga?

Fito Georgia e ela dá de ombros.

— Agora eu tenho alguém, além de Ian, para cuidar. Alguém como uma filha e isso requer tempo e um pouco mais de dedicação. Já trabalhei tanto e não vou aproveitar nada disso? Tirei folga para ficar com Aurora e a partir de hoje vou tirar pelo menos três vezes por semana. — Ela sorri, parecendo orgulhosa de si mesma.

— *Gia-mamãe...* Acho que posso me acostumar com isso e você Aurora?

Observo os dois e concordo.

— Eu tenho certeza que vou ser bem cuidada.

— Muito bem cuidada, agora chega de papo e vamos, quero que coma pelo menos metade de tudo isso. Rose quem fez e eu mesma já comi para aprovar: está tudo delicioso! — Gia puxa os pés da bandeja com ajuda de Vince e coloca a mesma em minhas pernas.

— O que Rose faz que não seja bom? Ela é uma deusa... — Vincent comenta.

Eu concordo silenciosamente, pegando com minha mão boa um pedaço de pão. Tirando por ontem, meu primeiro dia na casa de Gia, posso afirmar sem dúvidas que Rose é uma deusa.

Os dois me fazem companhia durante todo o meu café. Deixei até mesmo Vince roubar um pouco da minha comida para si debaixo de protestos de sua irmã. A verdade é que tinha muito ali para mim e ele parecia estar com ressaca, então apenas juntei o útil ao agradável, pensando um pouquinho em seu bem-estar também.

No final de tudo, nós nos entendemos bem e eu me senti um pouquinho em paz.

Gia e Vincent são como anjos para mim.

15

“16 e você nunca sequer me julgou.”

“Army” — Ellie Goulding

Vincent
Pette Hawk

Eu ainda consigo ouvir.

Era alto.

Seus gritos eram altos.

Seu desespero era palpável se eu quisesse tocar.

Ainda ecoa nos meus ouvidos o seu choro, as palavras desconexas, a dor que exalava por debaixo da porta, por entre as paredes. Eu queria entender, queria saber mais, mas ao mesmo tempo tenho o pressentimento que é algo fora dos limites para mim, senão Gia já teria me contado ou mesmo Ian. Mas não, eu não sei e isso me deixa frustrado e preocupado porque eu ainda consigo ouvir Aurora.

Eu estava chegando em casa quando escutei os gritos de Aurora. Isso assustou tudo de mim. Já tinha visto ela de modo parecido no hospital, mas aqueles gritos... eu nunca ouvi *nada* parecido, nada tão desesperador. Quis bater na porta de Gia, pedir para ela me deixar entrar, ir até Aurora, mas eu estava bêbado pra caralho, não adiantaria absolutamente nada. E, no final de tudo, eu não ajudaria a menina.

Mas eu ainda consigo ouvir sem dificuldade a sua dor escorrendo e ecoando em meus ouvidos.

Foi exatamente por isso que resolvi vir cedo para a casa da minha irmã. Estava preocupado com Aurora e, fitando-a nesse exato momento, não me deixa mais aliviado. Ela esconde tanto e isso chega a ser apavorante, porque ela é apenas uma menina de dezesseis anos completamente quebrada. Quando ela não olha para mim ou para Gia, posso ver como os seus olhos vagam vazios e opacos.

Ela parece... vazia.

Perdida.

E eu tenho essa coisa dentro de mim que quer protegê-la a todo custo. Mas, que inferno! Eu não posso. Não posso e não consigo proteger Aurora. Isso envolve muito mais do que o meu desejo em vê-la bem. Eu desejo isso de verdade, mas ela não parece "alcançável" nesse momento, pelo menos não agora.

Ela me fita quando Gia nos deixa para pegar uma cadeira.

Aurora está dormindo em um dos quartos do primeiro andar da casa da minha irmã. Foi uma boa escolha, já que ela não pode estar forçando muito para subir e descer escada o tempo todo.

— Como você está hoje? — indago, curioso. — Dormiu bem?

Ela mexe em seu cabelo castanho, tentando dar um jeito, enquanto continua me fitando.

— Tem certeza que não estava ouvindo a conversa atrás da porta? — retruca e eu cruzo os braços, sorrindo de lado.

— Absolutamente sim.

E é verdade. Cheguei exatamente quando entrei no quarto de Aurora, mas, ela falando assim, me faz desejar ter chegado antes ou mesmo ser bisbilhoteiro ao ponto de ficar atrás de uma porta ouvindo conversa dos outros.

— Já tive noites melhores, mas é só o começo, certo? Vou me acostumar e devo melhorar. — Desiste de tentar arrumar o seu cabelo, descansando seu braço ali do seu lado. — E você? Parece que não teve uma boa noite de sono. Suas olheiras são um pouco comprometedoras.

Dou de ombros.

— Eu estou com um pouquinho de ressaca, mas vou sobreviver. Bebi a

madrugada quase toda, cheguei em casa tarde e dormi pouco, mas cá estou para te entreter. — Pisco para ela, que parece um pouco envergonhada.

— Pode dormir mais, Vincent. Me entreter não vale seu sono todo.

Para mim, vale.

— Não estou com sono. — É mentira. — Estou bem e vou ficar bem, só preciso de mais comida e de escutar música bem alta para me deixar ligado no duzentos e vinte. — Isso é verdade.

— Acho que não vai ser possível atender seu pedido sobre a música bem alto, mas comida eu tenho certeza que tem para dar e vender na cozinha. — Aurora ri, achando graça de mim ou provavelmente do que eu disse, que dá basicamente no mesmo.

— Quando Gia voltar, eu vou lá — aviso e ela acena.

Me aproximo um pouco de Aurora e ela mexe no celular que a minha irmã deu a ela. Eu a observo atentamente, subitamente intrigado em captar seus pequenos detalhes.

— Você pode me ajudar? — pergunta, franzindo o cenho.

— Claro — digo, rápido demais.

"Você é a porra de um adolescente precoce, Vincent?", lá no fundo eu escuto o demônio sussurrar na minha consciência.

Idiota.

Aurora me encara, mas ela ainda parece entretida demais para prestar atenção que eu respondi rápido demais.

— Eu tenho aquela amiga, Keela, que contei para você e o Hunter. Queria muito conseguir entrar em contato com ela, você sabe, talvez a Gia deixe ela me visitar e eu gostaria muito disso, sinto falta dela...

Keela.

— Keela tem sobrenome? — indago, pegando meu próprio celular.

— Martinez — Aurora responde.

Abro o Instagram e me jogo ao lado de Aurora, mas com cuidado para não sacudir muito a cama.

— O que é isso? — sussurra, curiosa, inclinando o quanto pode para perto de mim.

— Isso é um aplicativo, provavelmente o que todas as pessoas usam hoje em dia — eu a encaro —, menos algumas, claro — completo, porque não quero que ela se sinta excluída de qualquer forma.

— E o que faz?

Se as pessoas não acham isso fofo, eu acho, e, anotem, é a bebida que ainda não saiu do meu sistema.

— Você posta fotos com legendas legais, comenta nas fotos das pessoas que você segue e é basicamente isso.

— Eu sigo? Eu posso ter um?

— Se a Keela tiver um, você cria um para ficar conversando com ela e sei lá mais o quê — digo e ela sorri, parecendo gostar da ideia. — Agora vamos ver se nós conseguimos achá-la por aqui.

Vou na aba de pesquisa e digito o nome da menina ali, chegando um pouco mais perto de Aurora para ela me ajudar. Divido meu celular com a morena, ela encara atentamente enquanto divido minha atenção entre a tela e ela.

— Ela está no meio de algumas dessas aqui? — pergunto e Aurora continua bisbilhotando.

— Essa! — Aponta para uma garota, provavelmente da sua idade ou perto disso.

Abro o perfil da amiga de Aurora e dou a ela, para que ela possa mexer um pouco antes que eu entre em contato com a outra menina por mensagem direta.

Seus olhos brilham enquanto ela vai passando as fotos, parecendo maravilhada com tudo aquilo. Ela parece estar prestes a chorar, suas bochechas começando a ficar vermelhas e os olhos marejados. Isso me preocupa, mas eu não quero assustá-la com a minha própria reação.

— Eu pensei que nunca mais fosse vê-la — diz, sua voz saindo pesada e embargada.

É como se um caminhão de sentimentos e memórias estivessem atingindo Aurora.

— Depois do acidente? — questiono. — Achou que nunca mais veria ela desde que acordou? — completo.

— Não, um pouco antes disso — continua, no mesmo tom. — Pensei que fosse morrer, não por causa do seu carro, mas por causa de outras coisas, e então eu nunca mais veria Keela. Ela é como uma irmã para mim, apesar de tudo.

“Por causa de outras coisas”, ecoa na minha mente.

— Que outras coisas, Aurora? Seus tios? — eu deduzo.

Ela respira fundo, mas não esboça qualquer reação.

— Meu passado — afirma.

Seu passado...

Eu queria muito saber um pouco mais disso, dela, mas Aurora não

parece querer compartilhar nada disso comigo e eu não quero ser indiscreto o suficiente para lhe fazer mil e uma perguntas. Quando ela decidir que quer me contar algo, eu estarei aqui para ouvir.

— Siga sua amiga, pode falar com ela por minha conta enquanto não criamos uma para você — indico e ela concorda com um breve aceno, parecendo se recompor aos poucos.

Aurora me pede ajuda e eu comando dali em diante. Vejo que sua amiga já me seguia antes mesmo de eu segui-la, o que torna meu trabalho mais fácil. Vou na caixa de mensagens com Aurora e tento iniciar uma chamada de vídeo para a menina. Surpreendentemente — ou não, se eu parar de me fazer de tonto —, Keela atende e eu dou meu celular para Aurora outra vez.

— Ai meu Deus! Eu não acredito!!! — A voz estridente da melhor amiga de Aurora nos brinda com pura alegria. — Aurora!!! Meu Deus, eu quase morri atrás de informações sobre você, caramba! — continua.

— Keela, eu estou bem. — Aurora sorri, animada, mas mil vezes mais calma do que a tal Keela.

Eu me levanto da cama de Aurora, notando só então o quão próximos estávamos ali. Caminho até a janela, tentando lhe dar um pouquinho de privacidade, mas continuo apenas observando-a de longe. Meus ouvidos se desligam e eu posso apenas notar seus movimentos em câmera lenta. Me sinto como em um filme, de verdade.

Noto como ela parece feliz, bem feliz, provavelmente o ápice de felicidade desde que nos "conhecemos". Sua amiga estridente realmente deve significar muito para ela e isso acaba secretamente me deixando feliz também. Qualquer pessoa que possa tirar um sorriso verdadeiro de Aurora, pode se considerar minha amiga também. Eu vi poucos durante todo esse

tempo, posso contar nos dedos de uma mão, então eu dou valor a esse tipo de coisa.

Viro de costas para a sua imagem, esfregando os meus olhos.

Estou me envolvendo demais e eu admito isso.

É inevitável voltar atrás logo agora, mas talvez eu não esteja certo em me aproximar tanto.

Estou confuso.

Aurora me deixa confuso e fora da minha área de segurança.

16

“Mas quando o medo vem e lentamente caio no chão, eu sou sortuda porque você está por perto.”

“Helium” — Sia

Aurora
Lyon Collins

E não é que essa coisa de Instagram funcionava mesmo?

Eu e Keela tivemos o melhor tempo do mundo proporcionado por Vincent. Primeiro que ela mal acreditava que eu estava mesmo com eles e que tudo aquilo tinha acontecido com os meus tios. Não quisemos nos aprofundar em nenhum dos assuntos por motivos óbvios, é claro. De qualquer forma, Keela também não sabia muito dos detalhes nojentos do que eu passava. Era melhor se ela não soubesse disso, sem dúvidas. E, então, continuamos falando sobre a minha "nova vida" com os Hawk, o que foi engraçado e até mesmo Vincent riu de longe.

Quando Gia voltou, ainda a apresentei para a minha melhor amiga e depois delas combinarem de Keela vir me visitar ainda hoje, tive que desligar a chamada para tomar remédios e o meu banho. Fiz absolutamente tudo com ajuda de Gia, morrendo de vergonha dela, mas até que eu consegui me sair bem no final de tudo. É complicado demais para mim lidar com esse tipo de situação, ainda mais de uma forma tão recente. Mas Gia é sempre tão cuidadosa, atenciosa e doce comigo. Minha mãe ficaria feliz se soubesse que finalmente encontrei alguém para cuidar de mim tão bem quanto ela o fazia antes de morrer.

Nós saímos do quarto e fomos para a sala de estar, onde Vincent e Ian estavam conversando animados sobre algo que passava na televisão. Futebol americano. Eu não sabia que eles gostavam, mas aos poucos eu vou ficando por dentro de tudo.

— Vai todo mundo ficar em casa hoje?! — Vince pergunta, dando sua atenção para todos nós.

— Eu vou, não sei vocês dois — Gia diz, indicando para ele e Ian.

— Vou ficar aqui para recebermos a amiga de Aurora... Seria o certo a

fazer, não é? — Ian questiona, encarando Gia.

É bonito ver que todo mundo confia em Gia e ela realmente passa toda segurança que demonstra.

Gia sorri amplamente e concorda.

— É sim, amor. — Caminha até ele e senta-se no colo de seu marido, beijando-o na bochecha. — Somos responsáveis por Aurora agora, precisamos estar dentro de tudo, conhecer suas amigas e toda essa "coisa de pais".

Vince ri baixo de sua irmã, que provavelmente nem escuta, mas eu sim. Eu o encaro e ele faz o mesmo, enquanto arqueio a sobrancelha. Seu sorriso se espalha um pouco mais e eu sinto como se isso fosse uma pancada muito segura em meu estômago. Vincent nunca falha e nunca vai falhar em me deixar assim: de boca aberta com sua beleza absurda. E, sim... completamente apaixonada.

Eu sei.

Todo dia minha cabeça diz que não.

Eu sei, eu sei e eu sei.

Eu não deveria estar apaixonada por Vincent, não deveria nutrir esses sentimentos, mas se tornou algo tão comum para mim que quando vejo eu estou como agora: admirando-o como se fosse a coisa linda do mundo — e talvez até que ele seja mesmo, mas eu não deveria.

— Sua amiga deve estar chegando — ele diz, parecendo desistir de me encarar como eu estava o encarando. — Mandeí o endereço para ela quando desligamos e ela disse que estava vindo imediatamente te ver.

— Vocês se conhecem há muito tempo? — Ian questiona.

Dou de ombros.

— Um pouco. Desde que me mudei e, bom, aconteceram algumas coisas, então eu a conheci e... — Eu paro e os encaro. — Soou confuso?

— Muito — respondem em uníssono.

Seguro o riso, envergonhada.

— Faz um tempo — dedico explicar de forma simples. — Ela é a minha única e melhor amiga no mundo todo, extremamente importante para mim, como uma irmã.

E ao fechar a boca, a campainha toca.

É Keela, com certeza.

Vince toma a frente e Gia sai correndo atrás dele. Olho para Ian e ele me olha de volta, rindo comigo dos outros dois. Vince e Gia se completam direitinho. Observamos ele abrir a porta e de onde eu estou não consigo ter a visão nem mesmo de um pedacinho do lado de fora, mas não é necessário, porque logo ela entra.

Keela.

Ela está linda, como sempre.

Corada, esbanjando saúde, sorridente, brilhante e muito, muito bonita. Minha melhor amiga é e sempre foi isso tudo, desde que eu a conheci e ainda éramos crianças. Eu sempre fui franzina, sempre machucada, sempre pequena e apagada. As feridas dentro e fora. Mas ela não se importou; nunca se importou. Sempre me abraçou, me consolou, me encorajou. Sou muito sortuda de ter uma melhor amiga como ela.

E então ela me localiza ali no meio da sala.

Keela mal diz "oi" para todos, ela corre em minha direção com os olhos cheios de lágrimas e me abraça com cuidado. Me sinto ainda mais frágil e pequena. Me dá uma súbita vontade de chorar também, mas eu me controlo.

Tento corresponder ao seu abraço como posso. É desengonçado, mas vale a tentativa.

Ficamos daquele jeito por longos e longos segundos. Uma paz foi se instalando por finalmente ter alguém que conheço de longa data comigo. Keela realmente é necessária para mim.

— Eu nem acredito que você está aqui... — sussurro, quando finalmente nos afastamos um pouco.

Ela me fita, enxugando as lágrimas e sorrindo.

— Eu que não acredito que você está aqui... quero dizer... aqui?! — Ela olha ao redor e Gia, Vince e Ian dão risada. — Quero dizer, eu acredito agora que realmente estou vendo que é você, mas, meu Deus, Aurora? O que aquele corredorzinho de merda fez com você? — E então ela fica brava, virando para encarar Vincent com uma carranca.

Eu seguro o riso, porque minha melhor amiga realmente está brava.

— Ei, eu não sou um corredorzinho de merda. — Ele se defende, levantando os braços. — Acidentes acontecem, tudo bem? Eu já pedi desculpas o suficiente para Aurora, vou ter que pedir desculpas a você também?

Reviro os olhos.

— Não — intervenho. — Não precisa. Foi um acidente, como ele disse, e acontecem. Além do mais, não foi tudo culpa dele...

Keela olha de Vincent para mim e refaz o caminho de mim para ele. Ela parece desconfiada, mas concorda. Minha melhor amiga se abaixa na minha frente, tentando ficar da minha altura, e sorri outra vez.

— Eu quero saber tudo que aconteceu com você e tudo que aconteceu para você vir parar aqui. A Georgia realmente está te adotando?

Ela não liga nadinha para os outros ao redor, diferente de mim, mas deixo de lado e respondo.

— Sim, eu concordei e ela e Ian estão tomando as devidas providências para serem meus responsáveis de agora em diante. Não tenho do que reclamar, ambos foram desde o começo muito atenciosos comigo, Georgia principalmente — explico e solto um suspiro baixinho. — O acidente foi ruim, como pode ver, mas teve suas partes boas também.

— Você está certa — diz, um tanto pensativa. — Posso ficar aqui mais um pouco, certo? Tipo o dia inteiro?! — questiona, virando para olhar para Gia e Ian.

— Claro — Gia se apressa em dizer e se aproximar de nós. — Nós vamos nos divertir bastante hoje.

— Ei, eu ainda estou aqui — Vincent reclama, voltando a se jogar no sofá da sala e nós rimos. — Vocês estão tomando a Bela de mim e isso é um pouco chato já que ainda nem somos amigos direito.

— Não reclame — Ian retruca. — Vamos todos ter tempo de sobra para falar e ficar com Aurora. Nada de monopolizar a nova integrante de nossa família.

— E você está sendo chato — Vince continua acusando. — Se não fosse por mim, nem aqui ela estaria.

Nós rimos, eu um pouco sem graça. Ser disputada por Vincent nunca aconteceu nem nos meus sonhos. Lidar com isso é algo engraçado, ao mesmo tempo que é desconcertante. Nos encaramos e eu volto a arquear a sobrancelha, recebendo um balançar de ombros de sua parte.

— Chega dessa discussão — digo, principalmente para ele. — Tem Aurora para todo mundo que quiser, não há motivos para brigarem por mim.

E, mesmo eu falando isso, eles continuaram...

Eu não reclamei mais. Fazia muito tempo desde que eu me senti realmente querida em um lugar. Meu coração ficou quentinho com tantas demonstrações de carinho e afeto que eu ganhei apenas naquele momento. Minha “nova” família era realmente incrível. Eu não consigo me arrepender de nada que tem me acontecido desde que abri os olhos e os conheci. Me sinto até mesmo sortuda de ter sido *achada* no meio de tanto lixo. É fato que eu continuo quebrada e danificada, mas saber que agora eu tenho esse tipo de pessoas ao meu redor, me deixa com um sorriso de orelha a orelha.

17

“Eu nem consigo me lembrar de como chegamos aqui ou como sobrevivemos por tanto tempo.”

“Wake Up” — EDEN

Vincent
Pette Hawk

Pela primeira vez, desde que a conheci, o que faz pouco tempo ainda, eu vi sorrisos e olhares genuinamente felizes de Aurora. Foi especial, pelo menos para mim. Quis em muitos momentos eternizar aqueles sorrisos dela. Eu sou um cara completamente discreto, mas não tenho como negar para mim mesmo o óbvio: já tenho um carinho imenso por Aurora e ela já significa muito para mim. Não importa a maneira que nos conhecemos, importa que isso aconteceu, inevitavelmente, por um erro de Grayson, e agora ela está aqui, o que parece tão certo que não consigo me arrepender de absolutamente nada.

Eu estou assistindo Aurora, Keela e minha irmã discutirem sobre princesas da Disney. Sim, é exatamente isso que eu estou fazendo, o que surpreendentemente parece ser a coisa mais interessante do mundo tanto para elas, quanto para mim. Aurora não conhece muito, ou melhor, quase nada das “novas princesas”. Foi ontem mesmo que ela conheceu a tal Moana, comigo, então ela não consegue sustentar por muito tempo sua opinião, e nem parece querer, já que permanece fitando admirada a sua melhor amiga e Gia. Já chamei Hunter para vir fazer companhia a nós. Claro que elas não sabem, já que mandei apenas uma mensagem, mas acho que é uma boa ideia — ainda mais por ter lembrado que Keela tem uma queda por ele.

Sim, é claro que sim.

Essa é a sua resposta.

Eu adoro ver o circo pegar fogo ou apenas começar a queimar.

E, fala sério, ela me chamou de “corredorzinho de merda”. Se eu estivesse atrás do volante que acertou Aurora aquilo definitivamente nunca teria acontecido. Eu sou um dos melhores, senão o melhor, então qualquer coisa que ela fale sobre eu ser um “corredorzinho de merda”, é tudo besteira

— mas, não posso abrir a boca. Eu fui irresponsável o suficiente para deixar Grayson correr, mesmo sem experiência e, ok, talvez isso me faça um “coachzinho de merda”, mas corredorzinho não. Já passei por muita coisa para ser chamado disso.

Cruzo os braços, fitando Aurora. Não me canso de observá-la e essa mania é mais forte do que eu. Estou satisfeito demais em vê-la sorridente pra cá e pra lá e — talvez — eu possa pedir para Gia convencer os pais de Keela para deixá-la por aqui alguns dias. Eu exagero? Sim..., mas é reconfortante ter alguém que consiga esse tipo de reação de Aurora. Gosto de Keela por ela fazer isso por Aurora, a menina estava precisando.

A campainha toca e eu me levanto, antes que qualquer uma delas possa tomar a frente, ou melhor dizendo, antes que minha irmã fosse atender. Sei quem está do lado de fora, então ninguém melhor do que eu para receber. Abro a porta e dou de cara com o meu melhor amigo com a boca cheia de batata-frita, um saco de papel na mão e um milkshake na outra. Ele empurra em minha direção, enquanto mastiga e passa por mim.

— Você não pode dizer que nunca fui bom contigo — informa, de boca ainda cheia, e como sempre tendo uma entrada extremamente triunfal.

Hunter sendo Hunter.

Mas dessa vez ele ao menos trouxe comida.

— Oh, merda... — Keela sussurra, bem baixo, e eu seguro o riso antes de bater à porta e me virar para eles.

Quando o faço, ela está praticamente petrificada em seu lugar. Deslizo o olhar para Aurora e ela já está me encarando, como se indagasse a presença de Hunter, mas já sabendo a resposta. Sim, eu fiz propositalmente. Qual o problema nisso?

— Eu acho que recusa apresentações, certo? — digo, observando Hunter.

Ele dá de ombros.

— Só não conheço a menina aqui. — Aponta para a melhor amiga de Aurora e se aproxima da mesma. — Eu sou Hunter e você é...?

— Keela.

Ela é rápida e simples demais.

Finalmente comecei a me divertir um pouco mais.

— Uma amiga de Aurora, eu vim visitá-la — ela continua explicando como se isso realmente precisasse de alguma explicação. Seus olhos estão vidrados. — Prazer em te conhecer, Hunter. — Estende a mão e eles se cumprimentam.

— Quem chamou você? — Gia pergunta e ele ri.

Eu o acompanho.

Como sempre muito doce.

— Eu convidei Hunter — afirmo.

É óbvio que foi eu.

— Era para ser a tarde das garotas — minha irmã reclama, bufando.

— Não tinha escrito em lugar nenhum que hoje seria tarde das garotas. — Me jogo no sofá, tomando um gole do meu milkshake de chocolate. — Nosso contrato, entre irmãos, óbvio, estava escrito que dividiríamos Aurora igualmente e essas coisas de “tarde das garotas”, “noite das garotas”, “não-sei-mais-o-quê das garotas” é algo que prejudica completamente nossa divisão que precisa ser igualitária e inclusiva.

Todo mundo me encara.

O quê?

O que eu fiz de errado?

— Igualitária? Inclusiva? Você engoliu um livro de direito ou o quê?

— Hunter pergunta, achando graça.

Talvez eu tenha exagerado um pouco, mas quis pontuar minhas reclamações.

— Cala a boca — retruco.

— Onde está esse contrato? — Gia pergunta, arqueando a sobrancelha.

— Na nossa cabeça, bobinha. — Reviro os olhos. — Agora podem continuar, eu vou ficar bem aqui comendo minha comida e esperando por minha hora.

Aurora ri, parecendo realmente achar graça das minhas bobagens.

Encho a minha boca de batata-frita, para ninguém ver que eu estou sorrindo.

Eu realmente não sei o que está acontecendo comigo, mas, como eu já disse, Aurora me deixa confuso e me faz fazer coisas que eu normalmente não faço, tipo isso: disputar por atenção de alguém. Mas, para todos os efeitos, isso é apenas parte do meu “remorso”.

Hunter se junta a mim e fica comendo da comida que ele trouxe para mim, ganhando inúmeros olhares tortos da minha pessoa, é claro.

— Quem é ela mesmo? — Hunter sussurra para mim, quando Keela, Gia e Aurora já parecem ter esquecido de nossa existência.

— A melhor amiga de Aurora.

— *Aquela* amiga?

— A que tem uma queda por você? — retruco, brincando. Ele afirma

de volta. — Aurora não tem amigos, a única é essa, então, a não ser que seja alguma outra amiga imaginária, deve ser essa aí mesmo. — Reviro os olhos. — Não seja tonto, é claro que é ela.

— E para que diabos você me chamou aqui?

— Ela me chamou de corredorzinho de merda, acredita? — Ele ri. — Não ri, porra. É sério isso. Eu quis jogar um pouco também.

— Vincent, você é tão otário, cara.

Eu sou mesmo.

— Quem liga? — pergunto.

— Sua Aurorinha, com certeza.

Dou de cara com o seu sorriso e tenho vontade de socá-lo na boca.

— Pare de ficar falando merda sobre Aurora e eu. Ela é uma menina e... apenas pare. Isso não chega nem perto de algo que seja certo.

— Keela provavelmente também é — atira de volta.

Hunter nunca — eu repito, NUNCA — ficou irritado com algo desse tipo.

— Tudo bem. — Bufo. — Eu fui idiota em fazer isso, mas ela não significa nada para você.

— E Aurora? Significa algo para você?

— Claro — respondo rápido, mais do que eu imaginaria que poderia responder.

Ela significa, mas eu não consigo identificar o que é. Por outro lado, já pensei e continuo pensando muito sobre ela.

Só sei que preciso estar aqui para ela, preciso estar perto e preciso protegê-la, mesmo quando ela não precisar.

Só preciso.

— O que ela significa para você, então? Depois da sua cena de possessividade, quem ainda tinha alguma dúvida, agora tem certezas.

— Ela só significa, o que é, eu não sei, mas nada acontece por acaso, Hunter.

— Jesus...

— Jesus o quê?

— Poético e patético — diz.

Hunter enche o saco.

— Patético, com certeza, é você.

Ele ri, alto, mas nenhuma delas liga.

— Você sabe que eu estou provocando, certo? — Pega o meu milkshake e bebe.

— Você é podre, cara.

Ele ri ainda mais.

Nós ficamos calados, porque já falamos merda demais um para o outro em questão de dois minutos.

— Quantos anos ela deve ter? — resmunga para mim.

— A idade de Aurora, talvez, ou um ano ou dois mais velha.

— Aurora tem quantos anos mesmo? — continua.

— Dezesseis.

Hunter parece pensativo, mas balança a cabeça negativamente.

— Cilada, cara.

E lá vem ele com mais besteira.

— Você pensa muita merda, está precisando de bons anos em algum templo budista, ou aulas com monges, não sei, esse tipo de coisa, sabe?

Nos entreolhamos e acabamos rindo.

— Que merda de vida, cara — reclama.

— Mas a sua vida não é perfeita? — questiono, arqueando uma das sobrancelhas.

— *Quase*.

E então eu deixo para lá.

Gia sai da sala saltitante, puxando Keela consigo e avisando que volta já.

Hunter aproveita e vai atrás.

— Então, finalmente. — Me levanto e vou para o outro sofá, está mais perto de Aurora, que continua sentada em sua cadeira de rodas. — Estão monopolizando você e isso não é legal.

Ela sorri, sem graça.

— E você realmente se importa com isso?

— Mas é claro! — Estendo o meu saco de batatas para ela e ela pega uma. — Não vou contar para ninguém. — Pisco, enquanto ela coloca em sua boca. — Nosso segredo.

— Por que se importa com isso? — questiona.

— Caso não saiba, Aurora, temos mais uma penca de filmes para assistirmos juntos.

A menina ri um pouco mais, agora com som, e esse é o som da coisa mais pura que já escutei. Poderia escutar pelo resto da minha vida.

— Eu deixei você escolher todos os filmes da última vez, então acho

que logo chega a minha hora de fazer isso — continuo tentando achar minhas desculpas e convencê-la disso.

— Tudo bem, você está certo. E depois de assistirmos os seus filmes, ainda vai querer a minha companhia?

Sinto um embrulho no estômago.

Claro que sim...

— Eu acho que podemos ver mais uns filmes seus e depois meus e assim a gente pode levar, não acha? Não precisa acabar.

Aurora sustenta o nosso olhar por longos segundos até abaixar a cabeça.

— Eu concordo. Não precisa acabar.

Pigarreio, um tanto envergonhado.

— Mas também não quero que se sinta obrigada a fazer isso. — Talvez ela nem queira e eu estou praticamente impondo.

— Não! — exclama. — Quer dizer, eu quero...

Jesus.

Que susto.

— Sua companhia não é nada mal — afirma, dando de ombros.

— Nada mal, é?

Agora eu virei um “nada mal”.

O mundo dá voltas.

— Claro que eu prefiro Gia e Keela, mas você dá para o gasto.

Minha boca praticamente cai, em surpresa.

— O quê? — resmungo.

— Eu estou brincando! — exclama outra vez, caindo na gargalha.

Me sinto um otário por ter parecido tão surpreso, como se me importasse. Sim, eu me importo, mas não gosto de demonstrar essas coisas desse jeito, contudo, Aurora parece arrancar de mim cada reação que tento esconder.

É impossível me esconder dela e eu acho que isso é um sinal para que eu aprenda logo, por bem ou por mal.

— Há há há, muito engraçado — rebato.

Eu acabo rindo, porque fui um tanto tosco e porque sua risada é a coisa mais contagiante que já escutei durante toda a minha vida.

— Você deveria ter visto a sua cara. — Se recupera aos poucos, respirando profundamente para controlar a sua respiração. — Não curte esse tipo de coisa, é?

— Esse tipo de coisa? Você praticamente como a opção menos querida entre todas as que tem — reclamo, deixando as coisas de lado e cruzando os meus braços.

— Você é querido, Vince. Não se preocupa com isso, eu prometo que adoro fazer as coisas com você também como primeira opção.

Vince.

É bom quando ela me chama de Vince e não de Vincent.

— Tudo bem, eu vou desculpar você dessa vez, mas só porque me chamou de Vince.

Suas bochechas ficam vermelhas instantaneamente.

— Vincent — corrige, em sua cabeça, claro, porque para mim está completamente errado.

— Vince é melhor e eu já te disse isso trezentas vezes.

— Vince, então.

— Jesus, você é difícil, Aurora...

— O que foi? Eu não chamei do que você queria?

Dou risada, porque ela parece indignada comigo.

— Eu quis dizer no geral. — Esfrego o meu queixo, pensativo. — Que nossa relação nunca mude, já que agora você é da família, vamos estar bem perto o tempo todo. Por mais que seja uma menina difícil e complicada, em muito tempo foi a coisa mais interessante que aconteceu na minha vida.

— E você acha isso uma boa coisa? Me acha uma boa coisa?

Seu olhar suplica por minha resposta.

Gia chega, falante e sorridente, com Keela e Hunter logo atrás.

Não consigo lhe dar a resposta que os seus olhos pediram, mas ela já deve saber que sim.

Aurora é uma “coisa” boa.

É uma pessoa boa.

Uma alma boa.

Não existe nada nela que não seja bom.

18

“Eu fui machucada e destruída, não acredito que eu aguentei toda essa dor.”

“Everything You’re Not” — Demi Lovato

**Aurora
Lyon Collins**

Duas semanas mais tarde...

É hoje!

Gia está andando de um lado para o outro, enquanto Vince permanece sentado ao meu lado, e Ian tenta segurar a sua mulher. Se eu fosse capaz, estaria da mesma forma que Gia, é claro, mas estar quebrada em uma cadeira de rodas me limita um pouco.

Em resumo: hoje é o dia que Vince vai ao tribunal prestar contas pelo que fez comigo. Ele não parece nervoso ao meu lado, até mesma sorri com a reação da sua irmã, mas eu estou bem nervosa, para dizer o mínimo. Se eu pudesse me manifestar em favor dele, seria ótimo, mas Gia me explicou mil e uma vezes os motivos pelos quais eu não poderia fazer isso e nem mesmo fui requisitada. Até agora eu estou tentando compreender, mas não entra em minha cabeça. De qualquer forma, eu resolvi deixar de lado.

— Você vai ficar bem? — eu e Vincent perguntamos, um ao outro, ao mesmo tempo.

Nos entreolhamos, um pouco desconsertados, mas acabamos rindo um pouco.

— Você primeiro — digo.

— Eu espero ficar bem — diz simples, mas não demora para dar continuidade ao que está pensando. — O máximo que pode acontecer comigo é eu ser preso e passar alguns meses atrás das grades — brinca, mas para mim nem tem tanta graça assim. — Mas meus pais e Gia não vão deixar isso acontecer, eu tenho certeza, então estou tranquilo. A pior parte não é nem ir “encarar a lei”, mas sim os meus pais. Eles não vão me deixar em paz hoje e disso eu estou completamente certo.

— Se ao menos eu pudesse ir ajudar...

— Bela, nem pense nisso — diz, agora um tanto duro. — Sua recuperação é uma prioridade e não eu. Estou bem e vou ficar bem. Você indo ou não, não faria diferença nenhuma. — Suspiro, concordando com ele. — E você? Vai ficar bem? — questiona, por fim.

— Claro — retruco. — Ian vai ficar comigo, enquanto vocês estão fora, e Keela deve aparecer por aqui também.

— Vamos, Vince. Mamãe mandou mensagem que já está saindo com o papai, então melhor eu e você irmos logo atrás — Gia chama, abraçada em Ian como se ela não fosse soltá-lo.

— Bom, então é melhor irmos logo, ou então eu vou ser dado como péssima influência até mesmo para a minha irmã mais velha. — Vince se levanta e nós não conseguimos evitar as risadas.

Ele realmente não existe.

Gia solta o seu marido e se aproxima de mim, beijando o topo da minha cabeça. Vince fica me encarando, como se estivesse pensando sobre o que fazer, mas ele apenas sorri e pisca, despedindo-se de mim silenciosamente.

— Vocês dois se comportem, estaremos de volta assim que tudo estiver resolvido! — Gia diz, antes de sair com Vince em seu encalço.

Eu e Ian apenas concordamos, como se fossemos fazer alguma coisa.

Gia é uma figura.

Ian e eu ficamos sozinhos, mas Rose se junta a nós por alguns minutos e ficamos os três conversando sobre os noticiários dessa manhã.

Coisas normais da vida.

— E então, o que vamos fazer hoje? — Ian pergunta, depois que eu consigo me esticar no sofá e ele me ajuda a apoiar a minha perna.

Rose já voltou para a cozinha, disse que iria fazer um lanche para nós dois, enquanto nós decidimos o que fazer juntos.

— Podemos ver algo do seu gosto — replico, ansiosa para saber mais de Ian também.

Nós vivemos juntos agora: eu, Gia e Ian; exatamente como uma família, então é certo nos aproximarmos.

— Qualquer coisa que eu goste? — questiona, desconfiado.

Concordo prontamente.

— Qualquer coisa...

— Ok... — resmunga, pegando o controle da televisão e se deitando do outro lado da sala no outro sofá.

Ian abre o aplicativo da Netflix e começa a procurar algo para nós dois. Não demora muito até que ele aperta em um dos títulos com um ator que eu me lembro de já ter visto outros filmes com ele ainda quando os meus pais eram vivos. Essa memória me deixa tranquila e me faz prestar atenção no filme pela próxima hora e alguns minutos.

Em algum momento, Rose veio nos trazer lanche. Comemos sanduíches naturais com suco de abacaxi e depois ganhamos tigelas com frutas vermelhas. Se essa mulher não é a pessoa mais maravilhosa desse mundo, eu não faço nenhuma ideia de quem seja. Enquanto comia, resolvi puxar conversa com Ian. Desde que cheguei, tanto na vida dele, quanto de Gia, me achei mais a ela. É óbvio que seria assim, já que ficar perto de homens me dá inúmeros calafrios, mas eu moro sob o mesmo teto que ele e creio que seja tão bom quanto Gia. É errado da minha parte ignorar a sua existência por conta do meu trauma.

— Como você e Gia se conheceram? — pergunto, sentando-me no sofá

com dificuldade.

Ian faz menção de se aproximar para me ajudar, mas eu balanço a cabeça negativamente. Ele se senta do outro lado e espera que eu esteja confortável para começar a me contar. O filme é muito legal, mas eu quero escutar mais dele antes que os outros cheguem e façam com que nossa comunicação fique um tanto complicada.

— É uma longa e conturbada história, mas ao mesmo tempo simples demais — ele diz. — Gia e eu nos conhecemos quando ainda estávamos na escola, onze anos atrás, no segundo ano do High School. Para ser sincero, eu já a conhecia há muito tempo, mas nunca me encaixei no geral. Eu era nerd, usava uns óculos fundo de garrafa e roupas largas demais para o meu tamanho. Horrível, eu juro. — Nós rimos, enquanto eu presto atenção em cada palavra que ele profere. — Durante o começo do ano letivo, fomos escalados como duplas na aula de Biologia e foi quando realmente nos conhecemos. Apesar de eu não me encaixar, ela sempre, e realmente quero dizer isso, sempre foi muito doce. Os amigos de Georgia, nem tanto. Eles faziam piadas sobre mim, zombavam da forma que eu era, mas ela sempre me defendeu.

— Ela é incrível — sussurro e ele concorda com um breve aceno, sorrindo tão largo que os olhos brilham juntos.

Dá para ver o quanto Ian ama Georgia.

— Ela é mesmo.

— E então? — indago, querendo mais.

— E então ela ia e vinha com seus namorados, um atrás do outro. — Revira os olhos e nós rimos juntos outra vez. — Romântica demais para caras que só queriam diversão. Assisti ela chorar inúmeras vezes por meninos que não davam o mínimo valor para os seus sentimentos. Eu sempre estive ali,

sempre gostei um pouco mais dela, mas nunca tive coragem de dar um passo a mais. Ela era gentil comigo, minha melhor amiga “popular”, mas eu ainda era o nerdzão da escola, uma mera piada, nunca conseguiria ficar com Georgia.

— Mas você ficou... — digo.

— Fiquei. — Ele come um pouco das suas frutas e volta a contar. — Uma vez eu fiquei muito bravo, isso foi no término de seu último relacionamento, com um tal de Dean, e discutimos. Eu não aguentava mais ver Georgia chorando por conta de um bando de idiotas. Perdi a cabeça naquele dia, mas se não fosse assim, não estaríamos juntos desde então. Vomitei tudo que estava entalado na minha garganta, disse tudo que deveria ter falado bem antes a ela. Ela não gostou muito e me mandou sumir da sua vida.

Abro a boca incrédula.

— Sim, esse é o drama que os adolescentes vivem. — Ele ri, mas eu só consigo encará-lo para mais. — E eu sumi. Fui muito humilhado por seus amigos por muito tempo, agora por ela era algo que realmente estava além dos meus limites. Ficamos por quase uma semana sem nos falar, nem mesmo nas aulas de Biologia trocávamos um “oi”.

— E como resolveram isso? — pergunto, ansiosa.

— Ela veio atrás de mim. — Ele dá de ombros. — Nós discutimos outra vez, porque havia tantos rumores de que ela tinha voltado com Dean, mas no meio da discussão Georgia me beijou. Aquilo me pegou de surpresa, mas foi o melhor momento de toda a minha vida. Ainda hoje, quando nos beijamos, sinto aquele mesmo sentimento que senti pela primeira vez. A euforia, o coração acelerado...

É tão bonito.

Sinto como se estivesse vendo um filme ali na minha frente, em carne e osso.

— O que ela disse depois do beijo?

— Que nunca deveria ter mandado eu sumir da sua vida e que estava apaixonada por mim.

— E você?! — exclamo, praticamente pulando do sofá.

— Disse que já tinha outra garota.

— O QUÊ?!

Ian gargalha da minha cara de horror.

— Estou brincando. — Me acalma, ainda rindo. — Eu disse que também estava apaixonado por ela, há muito mais tempo do que ela poderia imaginar, só nunca tive a chance de me aproximar e nem coragem de contar. — Ele respira, aliviado. — Se não fosse por ela, eu provavelmente não teria tido nenhuma coragem de dar esse passo para frente, mas desde então estamos juntos, fez onze anos na semana passada, e não consigo ver minha vida ou o Ian de hoje sem Georgia.

Me sinto completamente apaixonada pelo relacionamento deles dois e saber que Georgia sempre foi essa pessoa que ela é hoje, só me faz admirá-la mil vezes mais.

— É tão bonito... — digo, tocada por tudo que ele me contou.

Eu sempre amei escutar histórias de amor.

Me acalma, me faz ter esperança.

— Foi um tempo incrível para nós dois. Assim que tivemos a oportunidade, nos casamos, e tem sido assim: eu e Georgia contra o mundo. — Ele me fita e sorri de lado. — E agora tem você. Ian, Georgia e Aurora

contra o mundo e qualquer um que tente perturbar a sua paz outra vez.

Sorrio de volta, tocada com cada palavra que ele falou.

É impossível eu não me sentir parte da família deles com Ian falando desse jeito.

— Sou muito sortuda que nossos caminhos se cruzaram. Você e Georgia têm feito muito por mim. Vincent então nem se fala. Sei que o Sr. e Sra. Hawk, mesmo de longe, devem se importar um pouquinho. Só sei que eu sou muito grata por terem me recebido com tanto amor.

— Georgia sempre quis ter filhos e desde que você chegou, tenho conversado com ela bastante sobre tudo isso. Ela sempre foi mãezona de todo mundo, sempre cuidou e sempre prezou pelo bem-estar de todos. Sabemos que perdeu os seus pais e nós não queremos tomar esses títulos para nós dois. Você tem sua história e nunca apagaremos isso. Sentimos como se você fosse um anjo caído e machucado que veio parar na nossa porta, para cuidarmos e ajudá-lo em seu caminho de volta. Queremos apenas ajudar você, Aurora. Você precisa achar o seu caminho de volta para uma vida saudável, precisa curar as feridas e deixar para trás toda maldade que cometeram contra você. Não é fácil, a gente sabe, é por isso que estamos aqui e nunca vamos soltar a sua mão se você não quiser. Você tem os seus pais, que já descansam e olham por você lá de cima, então pode nos ver como irmãos mais velhos que fariam de tudo para te ver feliz.

Eu sinto. Sinto cada palavra que Ian disse para mim.

Minha garganta fecha e eu sinto vontade de chorar com tanto carinho que ele demonstra. Ele é tão bom quanto Georgia, eles dois realmente se completam e são perfeitos um para o outro.

— Você pode me dar um abraço? — pergunto e ele parece ter sido pego de surpresa.

Eu também sou pega de surpresa, mas sinto a necessidade, não me importa se ele é homem, se eu sinto medo dos toques ou se os meus traumas gritam pedindo socorro. Ian não é nada disso, Ian é apenas... incrível. Preciso do seu abraço.

Ele deixa a sua tigela em cima da mesa de centro e eu faço o mesmo, me levantando e esperando por ele. Quando estamos próximos o suficiente, ele sorri para mim e eu deixo uma lágrima escapar. Não fazemos mais nada, apenas o abraço com muita força.

É um dos melhores abraços que eu já tive durante os meus poucos anos de vida.

— Irmãos mais velhos dão abraços quentinhos — digo, alguns longos segundos depois, quando nos afastamos.

Ian ri comigo, enquanto enxugo as minhas lágrimas rebeldes e volto a me sentar.

— Irmãs mais novas sempre serão protegidas — retruca.

Ficamos em silêncio por um tempo, terminando de comer nossas frutas e olhando para a televisão. O filme realmente estava bom antes de eu começar a conversar com Ian, mas agora falar com ele parece mais interessante e legal.

Se eu ainda tinha alguma dúvida, depois de tudo o que se passou aqui elas acabaram.

Tudo tem um propósito.

Finalmente cheguei no lugar em que deveria estar.

19

“Vale a pena viver a vida.”

“Life Is Worth Living” — Justin Bieber

*Aurora
Lyon Collins*

A minha tarde foi, sem dúvida nenhuma, incrível.

Keela chegou para fazer companhia para Ian, Rose e eu depois da escola. Os seus pais ficaram um pouco com a gente também, mas logo tiveram que retornar para o trabalho e sobrou nós quatro. Nos divertimos bastante. Assistimos uma série que Keela escolheu, depois de mais uma escolha de Ian, e comemos frutas até a barriga não suportar mais de tão cheia. Claro que eu parei um pouco antes, porque sei dos meus limites ainda existentes, mas Ian e minha melhor amiga só pararam quando a ânsia de vômito apareceu.

Para completar, Hunter também apareceu de surpresa. Não sei se foi Vince que o mandou aqui, talvez sim, talvez não, mas o que importa é que ele veio e tudo foi apenas ficando mais e mais divertido. Perto das seis da tarde, fomos aproveitar um pouco do pôr do sol fora da casa, enquanto nos despedíamos de Rose e o seu filho mais velho, que sempre vem buscá-la. Fomos para uma curta caminhada, bem tranquila, onde Ian ficou empurrando a minha cadeira e Hunter conversava com Keela. Silenciosamente surtei por dentro por estar adorando a forma como eles dois interagem, mas apenas silenciosamente. Depois ela vai me contar tudo, sei disso.

Em poucos minutos voltamos e foi o exato momento em que Sr. e Sra. Hawk entraram na rua com Gia e Vince no carro de trás, bem no encalço.

— Eles chegaram, finalmente — Ian comenta comigo, baixo, levando minha cadeira de rodas para a calçada.

Keela e Hunter se juntam a nós dois e eu sorrio para minha amiga, discretamente.

Sr. Hawk estaciona em frente sua casa e Gia ultrapassa, estacionando na nossa frente. Vincent sai do carro com uma expressão neutra demais para

o seu estado de espírito sempre... animado. Ele me encara ali na sua frente e sorri de lado, fraco demais, quase como se não quisesse sorrir. Sorrio de volta para ele, tentando passar um pouco de animação, mas isso é praticamente impossível vindo de mim.

— Como foi lá? — Ian pergunta o que eu queria perguntar quando Gia se junta a nós.

— Tudo sob controle — Gia afirma e eu sinto um peso sair das minhas costas. Ela se aproxima e beija o topo da minha cabeça, como sempre o faz e depois beija Ian. — O que estão fazendo aqui fora? Está ficando frio e Aurora não pode pegar resfriado.

Nós rimos, porque do nada ela parece genuinamente preocupada comigo.

— Vamos entrar então, mamãe — Ian brinca e rimos ainda mais, enquanto ela o acerta com sua bolsa.

Observo de longe Sr. e Sra. Hawk me fitarem, quase como se estivessem me avaliando. Isso me deixa um pouco desconcertada. Eu não tenho muito contato com eles por dois motivos: eles são ocupados demais e eles não fazem questão. Estou quase como “de favor” com Georgia e Ian, então não digo nada sobre isso para ninguém. Para ser sincera, não tenho muita vontade de me aproximar deles, de qualquer forma. Eles são tão discretos e sem lacunas, que não sinto qualquer necessidade de conhecê-los, pelo menos não até agora.

Ian empurra minha cadeira logo atrás de Gia, que lidera o caminho. Viro o rosto para trás, procurando por Vincent, mas ele segue o caminho contrário, indo atrás dos seus pais. Hunter parece confuso, assim como eu estou ficando confusa desde que coloquei os olhos nele. O outro segue o seu melhor amigo e Keela corre em minha direção.

— Eu termino de empurrar — diz, empurrando Ian, que apenas dá de ombros. — Ele chegou muito estranho, você percebeu? — Keela sussurra no pé do meu ouvido.

Meu olhar continua grudado em Vincent. Ele não parece vacilar.

O que está acontecendo?

— Sim... — sussurro de volta.

Minha cabeça está cheia de pensamentos confusos.

— O que deve ter acontecido por lá? — continua, mas eu não faço a mínima ideia.

Tudo que Gia disse foi que tudo está sob controle.

Menos mal que Vince não será preso, mas eu quero saber o que de fato aconteceu, qual vai ser a sua punição e o motivo pelo qual ele está indo com os pais e não vindo conosco.

Bufo baixinho, enquanto entramos em casa e perco ele de vista.

— O que aconteceu por lá? — Ian pergunta para Gia, que já está sentada no sofá tirando o salto, parecendo um pouco estressada.

— Foi inesperado e ao mesmo tempo esperado. Ainda estou um pouco confusa com tudo, para ser sincera, sabe?

Eu fico atenta ao que ela diz.

— Desenvolve, amor. O que decidiram sobre Vincent?

— Ele vai ter que prestar serviços comunitários quase que de forma imediata. Próxima segunda-feira ele já tem que estar lá e sua carteira de motorista está apreendida por um ano. Devo dizer que ele praticamente surtou nessa parte? — “Eu devo imaginar”, penso, enquanto Gia continua. — O problema em tudo, é que o serviço comunitário que ele vai prestar não é aqui.

— Como assim? — indago, um pouco assustada.

— New York, querida. Vincent vai se mudar por um tempo. — Por isso eu não esperava e devo acrescentar que não estava preparada. — Por um lado é bom, por outro é bizarro e horrível. Lá Vincent pode tomar algum jeito, trabalhar, ganhar seu próprio dinheiro e fazer a sua própria vida, sem depender dos nossos pais ou de mim. Mas... é meu irmãozinho. Nunca ficamos separados por tanto tempo. Não estou acostumada a um dia a dia onde não existe o Vince.

Eu vejo o quanto Gia realmente quer dizer tudo aquilo que ela confessa para nós.

Me sinto um pouco vazia depois de escutar tudo isso. Querendo ou não, Vince é uma grande parte do meu dia, uma das poucas e melhores, perder isso vai ser complicado. Me acostumei com ele desde o momento em que nos vimos pela primeira vez; desde o momento em que *eu* o vi pela primeira vez.

Estava bom demais para ser verdade.

— E não teve como mudar isso? Sobre ele ter que ir para outro lugar? Isso é estranho pra caramba, amor — Ian questiona e Gia nega.

— Eu sei, é estranho, não entendi absolutamente nada, mas foi o que aconteceu. Meus pais não falaram absolutamente nada, o que me deixou e deixou Vincent irritados pra caramba. Mas, sei lá, eu acho que é melhor do que ele ficar detido e com a bunda atrás das grades. Vamos poder falar com ele todos os dias, então dá para suportar a distância.

— Vai ser estranho — digo, baixinho.

Gia e Ian concordam, enquanto Keela ri discretamente.

Idiota.

— Eu sei que você estava acostumada com ele, querida, mas vai ser só

por um tempo. Logo Vince volta para nós.

Ela tem razão, mas ainda não estou nem um pouco contente com tudo isso, nem vou ficar.

Eles continuaram conversando sobre tudo e eu prestei atenção em cada detalhe, mas não me meti em mais nada. Fiquei apenas escutando e tentando absorver as informações. Em algum momento peguei o meu celular, automaticamente, e fui até o ícone de mensagens. Comecei a digitar com a minha “mão boa” uma mensagem para Vincent.

“Está indo embora em breve e preferiu se isolar? Que coisa feia, Vince.

Sinto sua falta. Não demore para aparecer por aqui, estou esperando.

Aurora”

Os minutos passam e ele não responde a minha mensagem.

Isso me deixa mais chateada e triste com a situação, e, claro, me sentindo boba pra caramba. Ainda assim, fico esperando por ele e por sua resposta.



É tarde da noite quando Vincent aparece.

Gia está jogada nos braços de Ian em um sofá e eu estou sozinha no outro, com os olhos na televisão ligada, em volume baixíssimo. Não estou prestando muita atenção, para ser sincera. Fiquei esse tempo todo conversando com Keela, que foi embora pouco tempo depois da hora em que Gia chegou. Trocamos mensagens até dez minutos atrás, já que ela falou que

estava tarde demais para ficar acordada, porque tem aula amanhã.

Mas então ele veio.

Eu não me mexo no sofá, mas sei que é ele, já que além de Ian e Gia, só Vince tem a chave da casa. Seus passos são calmos e quase não consigo escutar nada, apenas sinto quando ele está próximo o suficiente. Vincent se senta no chão, encostado no sofá em que estou deitada, próximo a minha cabeça. Ele vira para o lado, para me fitar, e estamos próximos demais.

Seu olhar se conecta no meu e eu posso dizer que ele está muito chateado.

— Ficou me esperando mesmo? — pergunta, arqueando uma das sobrancelhas.

Concordo suavemente com a minha cabeça.

— Cansou de me ignorar? — retruco.

Ele concorda de volta, me deixando surpresa.

Vince ri em seguida.

— Idiota — sussurro.

Seu sorriso faz as borboletas bobas em meu estômago mandarem um “oi” para mim.

— Pelo menos você gosta — replica.

Eu gosto mais do que deveria.

— E quem disse isso?

— Sua mensagem, Bela. Sentiu minha falta, foi?

Reviro os olhos.

— Se eu soubesse que se gabaria assim, não teria mandado absolutamente nada — digo, simples e direta.

— Também senti sua falta, menina. — Ele ri, puxando o capuz do seu casaco para trás. Vincent remexe em seu cabelo, que já está bagunçado o suficiente, mas exala um cheiro muito gostoso. — Quis ficar um pouco sozinho para pensar, nada demais. Imaginei que vir logo aqui seria mais interessante do que responder a mensagem. Prefere que eu volte e fique conversando com você pelo celular?

— Claro que não. — Semicerrou os olhos em sua direção. Nossa sorte é que a distância entre um sofá e outro é grande, senão já teríamos acordado Ian e Gia. — Foi bom que veio, mas se tivesse chegado um pouco mais tarde, eu já estaria dormindo. O que faria?

— Eu deitaria aqui no chão e dormiria no pé do sofá.

Eu seguro o riso e ele estreita o olhar para mim.

— Ah, é?

— Sim, Bela. Pelo menos quando acordasse ia ver que o pobre Vincent veio ficar com você.

Meu sorriso é inevitável à essa altura.

— Pobre Vincent, pobre Vincent. O que vai fazer da sua vida agora? — questiono, indo ao ponto que eu quero.

Ele suspira, esfregando as pálpebras, cansado.

Sinto vontade de correr os dedos pelos fios do seu cabelo, lhe dar algum afago, mas vai ser tão estranho que tenho que me controlar.

— Eu tenho algumas ideias, mas não é nada que me agrada, sabe? Primeiro que sair de Pittsburgh nunca esteve prioritariamente nos meus planos. Sempre amei esse lugar. É uma maldita tortura ter que deixar tudo para trás e logo agora... — Meu coração acelera com as suas palavras. — Estava finalmente gostando da minha vida, mais do que o normal. Senti como

se a minha vida finalmente estivesse valendo a pena ser vivida. — Ele me fita, tão seguro, tão certo, tão profundo. — Estava gostando do tempo que estávamos passando juntos. Sabendo agora que eu vou ter que perder tudo isso, me deixa tão irritado, com tanta raiva. Ter que lidar com o fato de que o “meu erro” me fez te conhecer e agora está me afastando de você, é uma tortura.

Suas palavras me acertam na boca do estômago.

Não sabia que Vincent sentia tudo isso, não sabia que eu era tão importante para ele.

— Eu sinto muito — sussurro. — Não queria que fosse assim, sabia? Me acostumei com você e com a nossa rotina. Quem mais vai brigar por minha atenção só para si? — questiono e ele sorri de lado. — Vou sentir sua falta, mas a gente pode ir se falando. — Tenho medo de falar mais que isso, de me expressar mais e acabar despejando todo meu “amor platônico” por ele. — Sinto exatamente tudo o que você falou relativo a mim. Tudinho, Vince. Me sinto da mesma forma que você.

Ele acena positivamente, parecendo mais tranquilo do que quando chegou.

— Mas eu não estou indo para morrer, ok? Vamos nos falando, como você disse, e quando tiver umas folgas, posso pegar um voo e vir ver você... vocês. — Ele fita a sua irmã e Ian. — Vou sentir falta pra caramba desses dois. Só Deus sabe...

Sorrio, levanto a mão até o seu cabelo.

Ahhh, merda...

Eu sabia que isso ia acabar acontecendo.

Meus dedos travam e eu tiro imediatamente.

Vince me encara. Estamos tão perto um do outro que me surpreendo comigo mesma por não ter surtado ainda.

— Pode pegar se quiser, Aurora. Meu cabelo não morde.

Seguro meu lábio inferior com os dentes, incerta, mas eu o faço. Retorno a minha mão até o cabelo de Vincent, passando os meus dedos tão devagar ali entre os fios que consigo sentir cada sensação pequenininha que isso tem em mim. Nunca, em toda a minha vida, imaginei que poderia estar vivendo um momento como esse. Vincent relaxa com a cabeça sobre o espaço livre que o meu corpo não ocupa no sofá e nós ficamos dessa forma. Ofereço-lhe esse afago e ele parece satisfeito o suficiente, ficando quietinho em seu lugar.

— Eu poderia passar o resto da vida assim — ele resmunga tão baixinho que eu cogito a ideia de ele estar falando consigo mesmo.

Não respondo nada e só continuo porque isso também tem tantos efeitos positivos em mim que eu me desconheço completamente. Meus medos fugiram e eu estou completa, aqui, nesse momento, com Vincent.

Suspiro profundamente.

Onde eu me meti?

20

“Somente você que pode acalmar os trovões, somente você que pode roubar as cores, oh, é só você meu amor.”

“Slumber” — Lewis Watson feat. Lucy Rose

Vincent
Pette Hawk

Estou tão irritado e cansado, ou pelo menos eu estava antes de me encontrar com Aurora.

Ela sabe, de alguma forma, que eu mesmo não sei como, como quebrar qualquer coisa ruim dentro de mim com um piscar de olhos. Vê-la foi extremamente necessário e refrescante para a minha sanidade mental depois de um dia de tanto estresse. Ver os meus pais calados, não questionando nada sobre eu ir para longe foi como um banho de água fria: eles realmente não me suportam e nem mesmo tentam mais “esconder” isso na frente dos outros.

A conversa que tivemos quando cheguei em casa sobre Aurora foi outra coisa que me tirou do sério e me fez ignorar a sua mensagem momentaneamente. Os meus pais são absolutamente podres insinuando coisas sobre nós dois. Aurora é apenas uma menina, uma menina quebrada e doente que eu estou tentando ajudar e mesmo de longe vou tentar seguir com os meus planos em vê-la bem. Mas, não... é claro que os meus pais tinham que falar besteira sobre eu estar o tempo todo com ela. Nunca fiz, nunca pensei e nunca pensaria em Aurora de forma diferente.

Ela é tão especial para mim.

Nunca teria coragem para machucá-la de qualquer forma.

No final de tudo, o que mais me irritar é ter que sair de Pittsburgh. Eu amo a minha cidade, eu amo esse lugar e eu nunca planejei deixá-lo, mas agora tenho que fazer contra a minha vontade. Isso é o que mais dói, além de ter que deixar tudo para trás, até mesmo o meu melhor amigo e a minha irmã.

Ainda assim, só consigo pensar em duas coisas: nas palavras dos meus pais e em Aurora.

Onde eu me meti?

Não sei, não faço qualquer ideia, só sei que as coisas nunca foram assim e eu nunca quis tanto ficar perto de uma pessoa como eu quero ficar perto dela.

Sua companhia me acalma e isso surpreendentemente me deixa dentro da órbita.

A única pessoa que sempre conseguiu ter esse efeito sobre mim, é a minha irmã, mas porque a Georgia é a Georgia. Ela sabe de tudo, sabe como lidar com todo mundo, comigo principalmente. Ela sempre foi a minha rocha dentro da nossa família, mesmo nos meus piores momentos, mesmo quando eu ouvia o que ela tinha a dizer, mas não escutava. Eu sabia que quando as coisas davam errado, eu tinha a quem recorrer, ela sempre estava ali para mim, mesmo se fosse para me encher de tapas e brigar comigo por incontáveis minutos seguidos. Só ela, só Georgia.

Mas agora veio Aurora e isso também me assusta.

Nos conhecemos há pouco tempo e ela já chega fazendo uma bagunça absurda na minha vida.

Grayson, em tudo, não errou.

Ela me bagunça por inteiro, mas é um presente — eu mentiria se dissesse o contrário.

Seus dedos finos continuam mexendo nas mechas grossas do meu cabelo e eu poderia passar o resto da minha vida tendo isso. Essa é a primeira vez em semanas que ficamos próximos dessa forma, que eu posso sentir a sua vontade própria de ficar perto de mim e me tocar.

Seu carinho é tudo que eu não precisava agora, mas ainda assim eu anseio por ele.

Não precisava disso, quando logo eu vou deixar tudo para trás.

Não há como explicar a forma como estou me sentindo no momento. No entanto, os meus olhos fechados, pesados, denunciavam. Estou satisfeito, relaxado, tranquilo, aproveitando cada segundo do seu toque.

— Vai ser difícil ir para longe depois disso — resmungo.

Minha voz está um pouco mais grave porque eu relaxei tanto que me sinto sonolento, o que afeta diretamente no arrastar em minhas palavras.

— Você não deve reclamar, são tantas garotas correndo atrás de você que não vai sentir falta do meu cafuné — ela resmunga de volta, baixinho, como se não fosse para eu ouvir, como se fosse os seus pensamentos.

Sorrio de lado.

Aurora está certa.

— Você está certa, em partes.

— Eu sei que estou — rebate, segura e um pouco mais alto.

— Vou sentir falta do seu cafuné. Garotas não se interessam muito em fazer esse tipo de carinho em mim. — Viro o rosto para fitá-la, enquanto abro os olhos devagar. — Como vou sobreviver depois de você? — brinco e ela sorri de volta, parecendo um pouco envergonha.

Eu não me canso de ver as suas bochechas avermelhadas.

Malditamente adorável para um inferno de muito e, sim, acabei de inventar esse quase xingamento.

— É capaz de fazer isso sem sofrer nem um pouquinho — enuncia, dando de ombros enquanto sinto ela enrolar uma mecha do meu cabelo em seu indicador.

— Antes de você, tudo bem, eu nem a conhecia. Mas, e agora?

Eu estou exagerando, puxando assunto, mas lá no fundo eu sinto um

pouco disso e eu sei que sim.

— Ainda vamos nos falar, Vince. Você não está indo direto para a boca de um leão, ao menos eu espero que não. Apesar de tudo, de toda a falta, toma esse momento como algo que precisa para o seu crescimento pessoal. — Absorvo as suas palavras conforme ela vai falando. — Sei que é tão chato e ruim você ir para longe, mas pode ser uma oportunidade para crescer de todas as formas que precisa e tomar um rumo na sua vida que não envolva rachas clandestinos na rua, ou isso pode custar a sua vida.

Não gosto quando falam assim do que eu costumava fazer.

Estar atrás do volante é algo que sempre me agradou, principalmente se isso envolve a alta velocidade. Não me vejo longe disso.

Mas, tento entender Aurora.

— Se não quer fazer isso com segurança, Vince, em campeonatos e torneios, que não faça. Sua corrida naquele dia quase custou a minha vida, se voltar a fazer pode custar a vida de outra pessoa e, como eu disse, pode custar a sua vida.

Só que não foi eu.

Nunca causei a porra de um acidente.

Indiretamente foi eu, é claro, mas quem fez aquilo foi Grayson e não eu.

— Não vou e nem posso pensar nisso por um tempo. Um ano sem minha carteira de motorista, então essa conversa é um pouco inútil nesse momento, Bela. De qualquer forma, entendo e concordo em partes com tudo que me disse, só que essa coisa do certo não é para mim, não acho que me daria tanto prazer...

— Mas você já tentou?

Nego, imediatamente.

Não me imagino nisso.

Toda essa coisa pomposa, competição, premiação.

— Nunca tentei e nunca vou tentar.

— Nunca diga nunca — rebate, dura. — Um dia eu vou te levar em um negócio desse e você vai tentar sim. Se é o que ama fazer, faça com segurança.

Eu solto uma risada, me controlando para não acordar Gia e Ian.

— Você vai me levar, Bela? — questiono, agora sim, divertido.

Ela arqueia uma sobrancelha, quase como um desafio.

— Está duvidando? Se não fizer por suas próprias pernas, a Bela aqui vai te levar arrastado.

Não consigo imaginar a cena, mas de toda forma isso me faz rir de verdade.

— Você é adorável, sabia? Pelo menos você torce por mim, isso já me anima.

— Sua fã número um aqui, combinado? — diz, com um falso ar de esnobe.

— Número um, Bela?

— Definitivamente sim — sussurra, como se fosse um segredo que não deveria contar nem mesmo para mim.

Aurora não falha em me fazer sorrir mais e mais a cada segundo que passamos juntos.

Olhando dentro dos seus olhos, me endireito e faço menção de segurar a sua mão. Enquanto me aproximo, ela não recua, então eu tomo isso como

um “sim”. O choque entre as nossas peles não é causado pela temperatura e sim por ser ela, por ser Aurora, com a pele tão quente quanto a minha. Seus olhos brilhantes me enviam até o céu e eu desejo nunca mais voltar de lá.

Colo os meus lábios no dorso de sua mão delicada.

Me assusta pra caralho e me dá medo, de certa forma, tocar Aurora. Sinto como se ela pudesse quebrar na minha frente, se esfacelar entre os meus dedos e escorregar por eles. Mas eu o faço. Eu a toco e sinto como se fosse a primeira vez que fazemos isso.

Deposito um beijo demorado em sua pele macia, nunca tirando o meu olhar de dentro do seu, que está vidrado em mim.

Escuto o seu suspiro baixinho, o chiado que ela faz quando eu separo a minha boca daquele local.

“Eu sei, Aurora, por mim eu não o faria também”, penso.

— Boa noite, Aurora. Amanhã nos falamos mais.

Levanto-me, antes que eu fale mais do que deveria ou fique mais confuso do que já estou.

— Boa noite, Vincent — sussurra de volta.

Puxo meu capuz para cobrir a minha cabeça e saio da casa de Gia e Ian, trancando a porta, um tanto elétrico. Pensar em Aurora o tempo todo está tirando o meu juízo e só Deus sabe que eu já tenho pouco disso. Sento-me na varanda de casa, em uma das cadeiras de balanço que a minha mãe costuma usar no verão, e descanso meus pés na mesa de centro. Afundo no assento, respirando profundamente e soltando devagar o ar frio dessa minha cidade.

Dormir fora de casa vai servir para, literalmente, esfriar a minha cabeça.

21

“Me perdi e não há lugar nenhum para me encontrar.”

“Breathe Me” — Sia

Aurora Lyon Collins

Alguns dias mais tarde...

Os últimos dias têm sido intensos. Em todos os sentidos, eu diria. Cada momento que passa eu me sinto mais conectada com a minha “nova família” e isso é bom, mas não o suficiente, como Gia sempre vem me falando. Temos conversado bastante nos últimos dias, principalmente antes de ela me deixar sozinha no meu quarto e ir dormir, sobre a importância de eu continuar com o acompanhamento com a psicóloga Maureen, que foi com quem conversei bastante no hospital. Meus pesadelos nunca vão embora, eu ainda não sei lidar com eles, então se isso vai me ajudar a manter minha “calma” e bloquear, ao menos enquanto estou consciente, as lembranças do meu passado, estou dentro, estou dentro de qualquer coisa que me faça esquecer os monstros que me atormentam. E foi isso que nós conversamos, basicamente. Gia disse que vai atrás e arranjará tudo para que a psicóloga possa vir me ver em casa, enquanto não estou cem por cento. E, mesmo que eu não esteja cem por cento, estou melhorando.

Minha pele está mais bonita e hidratada, o meu cabelo parece estar tomando o mesmo rumo, recuperando parte do brilho que tinha antes de tudo. Minhas feridas estão em um estado tão bom, que só falta a casca sair por si só. Me sinto mais forte, me sinto muito mais forte. Não deixo de tomar remédios e mais remédios nem por um dia, Gia sempre aparece para me dar, quando não quem faz o seu papel é Rose. Ambas são como mães para mim, de verdade, e, depois que perdi a minha família, ninguém me tratou dessa forma, com tanto cuidado e amor.

Hoje eu tomei banho sozinha das duas vezes em que devia. Foi a primeira vez que fiz isso sem ajuda de Gia. Já consigo andar mais tranquilamente, mesmo que desengonçada. Ian comprou uma muleta para me ajudar e eu sempre ter apoio para o meu corpo. Isso aconteceu há três dias e nós três, eu, ele e Gia personalizamos a minha muleta. Foi uma tarde

divertida e só de lembrar um sorriso surge em meus lábios. Quando Vince viu a minha nova companheira, ele tratou logo de me fazer dar umas voltas com ele, mas não foi nada demorado, já estava tarde e Gia realmente se preocupa em não me deixar pegar gripe.

Aliso em meu corpo o vestido que Gia me presenteou ontem a noite especialmente para hoje, enquanto sento-me em frente à minha penteadeira.

Essa é a última noite, oficial, de Vincent aqui em Pittsburgh. Amanhã ele parte para New York e nós ficaremos para trás. É desanimador pensar nisso e, toda vez que eu o faço, fico triste. Sua companhia tem sido como terapia para mim. Conversar, assistir filmes, série, comer, rir e brincar com Vincent é talvez a melhor parte do meu dia. Ele sabe exatamente como estar *lá* para mim. Mesmo não questionando os motivos pelos quais me distancio às vezes, ele sempre está *lá*, para me buscar, para me fazer rir, para me contar histórias. Minha recuperação, em sua grande parte, se deve a toda atenção que ele me dá, devo admitir.

Andar com as minhas próprias pernas, mesmo tendo Gia, Ian, Keela, Hunter e Rose, vai ser complicado, porque Vince... bom, Vince é diferente, ele é um nível completamente diferente dos outros.

Observo Gia entrar em meu quarto com Keela, ambas radiantes, lindas e animadas.

Perto das duas eu me sinto tão suja e pequena.

Solto um suspiro, mas ofereço-lhes um sorriso logo após isso.

— Viemos dar um jeito nessa juba linda que você tem em cima dessa cabeça bonita — Keela anuncia, como se fosse um evento. De certa forma, é. Ela mostra as mãos, com uma escova de cabelo e presilhas e se aproxima de mim com pulinhos. — Você vai ficar ainda mais bonita.

Impossível, mas eu não digo nada.

Nós preparamos uma festa de despedida para Vincent. Com ajuda de Hunter, conseguimos chamar a maioria dos seus amigos para virem vê-lo e se despedirem da forma certa antes de sua viagem. Coloquei o meu melhor e mais novo vestido para isso. Gia praticamente todo dia aparece com uma roupa nova para mim, ela diz constantemente que aos poucos vamos construindo um “guarda-roupas” que seja a minha cara. Esse aos poucos está indo bem rápido, para ser sincera, mas eu não digo nada, porque sei que ela está em um constante estado de animação desde que vim morar aqui.

— Eles crescem tão rápido, não é? — Gia resmunga, sentando na minha cama. — Outro dia mesmo eu estava ajudando Aurora com o banho, mas ela já está toda independente.

Estou sentada na frente da minha penteadeira e pelo espelho, Keela e eu nos encaramos.

Não conseguimos evitar uma gargalhada.

Gia é apenas incrível e contra fatos não há nenhum único argumento.

— Ela precisa ser independente, não é, Gia? Nossa menina tem que crescer, vai ficar ainda mais bonita do que ela já é — minha melhor amiga diz, ainda com um sorriso no rosto, enquanto mexe em meu cabelo.

— Mas está sendo rápido demais — Gia continua reclamando.

— Posso crescer, mas vou continuar aqui enquanto você e Ian quiserem que eu permaneça — afirmo, olhando para Georgia também pelo espelho.

— Para sempre, então?

Keela gargalha mais uma vez, mas eu só fico com um sorriso na boca.

— E quando ela se casar? — Keela indaga.

A ideia me dá arrepios.

Não sei se um dia vou conseguir construir uma relação desse tipo com um homem. Isso está completamente fora da minha realidade mental.

— Ela pode continuar aqui com o marido dela. — Gia dá de ombros, como se fosse simples assim como ela pensa. — Ah, eu não quero pensar nisso agora. Temos tempo para tudo, enquanto minha Aurora não se interessa por ninguém, vamos cuidar dela.

— Ótimo — Keela diz, fazendo uma trança estranha na lateral direita da minha cabeça. — Ela é só uma adolescente ainda, há tempo para tudo e todas as coisas. Vamos aproveitar hoje, que o seu irmão, o corredorzinho de merda, está no seu último dia na cidade. Ele merece um pouquinho de atenção, afinal, ele já tem um monte sempre.

Eu adoro a forma como Keela fala sobre Vincent, é divertida, e eu sei que ela está apenas sendo sarcástica, porque ela o adora e adora Hunter, principalmente, tanto quanto eu.

Nós três continuamos conversando, enquanto minha amiga arruma o penteado que ela resolveu fazer em mim. Em algum momento Gia sai, porque já ouvimos muitos dos amigos de Vincent pela casa, que Ian provavelmente recebeu. Keela continua me ajudando e me arrumando, ela passa até mesmo maquiagem em meu rosto. A última vez que eu usei maquiagem foi horripilante e, na verdade, foi a primeira e última vez.

As lembranças escurecem a minha vista e eu fecho os olhos.

As sensações voltam.

Eu me sinto petrificada.

A minha respiração automaticamente fica complicada.

“Seus dedos gordos apertam as maçãs protuberantes e secas da minha

bochecha. Sinto o meu corpo tremer, todinho, dos pés à cabeça. O meu coração parece querer saltar do meu peito e eu tenho que engolir o choro que começa a ameaçar subir por minha garganta.

Tia Jill disse que ia me arrumar hoje, me arrumar para ele.

Não faço ideia de onde ela achou essa maquiagem, mas a minha pele coça, só que eu não posso me coçar, ou ela vai me espancar até que eu não sinta mais nada. Ela sempre faz isso.

O batom é vermelho. Ela passa em meus lábios e até mesmo em minhas bochechas, já que a mesma não para de reclamar que eu não tenho cor alguma. Não como há dois dias. Claro que eu não teria cor, nem força.

Não consigo nem pensar em lutar contra ela, nem mesmo contra ele.

Me odeio mais do que tudo por esse detalhe.

Eu sou tão fraca, sou tão pequena, eu não sirvo para nada como eles bem dizem.

Tio Carl chega em nosso barraco. Ele vem tentando arrumá-lo há algumas semanas, parece que está conseguindo um pouco.

Seus olhos varrem o local até me encontrar.

Fico petrificada, enquanto tia Jill aplica mais batom em minha boca.

O olhar dele é tão... nojento.

A forma como ele tem coragem de me olhar é desumana, com desejo, com vontade de me tocar. Eu não consigo entender. Nas últimas semanas pesquisei sobre isso com o celular de Keela, minha melhor amiga, pesquisei sobre essas coisas e vi o que falavam sobre isso em artigos, sites...

Doença.

Ele é doente e está me deixando doente.

Ele é um maldito pedófilo, que sente prazer em fazer as piores coisas do mundo comigo.

Conforme ele se aproxima, tia Jill se afasta. Agachado na minha frente, o nojento leva a sua mão até o meu cabelo. Eu bloqueio os seus toques dos meus sentidos da forma que consigo, mas nunca é suficiente.

Sinto, lá no fundo, tudo que ele faz comigo freneticamente pelos próximos segundos. Eu choro enquanto ele me toma, me beija até que o batom que estava em minha boca sumisse por completo. Eu não reajo, não sei e nem quero reagir. Ele se enfurece tantas vezes enquanto me toma no chão que me espanca enquanto o faz.

Meu corpo inteiro dói.

Naquele dia eu dormi chorando em meio ao meu próprio sangue.”

Minhas mãos tremem, enquanto escuto a voz de Keela me chamando de longe.

Nunca reagi assim na sua frente, ela nunca soube e provavelmente nunca saberá o quanto a minha pele é nojenta.

Não tenho nenhuma opção, o meu corpo não me dá nenhuma opção. Eu surto, silenciosamente. As lágrimas descem por minhas bochechas, grossas, fazendo caminho pelo meu rosto, borrando a maquiagem que Keela fez em mim, enquanto tento apagar tudo que está na minha pele. Esfrego as mãos em meu rosto, esfrego em meu pescoço, em meus braços.

Esfrego.

Esfrego.

Esfrego.

Esfrego.

E, esfrego.

Enquanto rasgo.

Esfrego enquanto me rasgo no meio.

Tento me limpar, tento não deixar aquela sensação da sua boca na minha, do seu corpo nojento colado ao meu, mas é tarde demais. Eu deixei entrar em meus sistemas mais uma vez e deixei porque sou fraca.

Meu choro é silencioso, é uma dor silenciosa, é desesperador.

Caio no chão, tremendo, no fundo ainda escuto a voz da minha melhor amiga, ela está tão desesperada quanto eu, mas eu não consigo evitar, ela sim.

Fico ali, praticamente me contorcendo no chão, enquanto dói, enquanto a minha alma queima por inteira dentro do meu peito e o meu coração arrebenta dentro de mim.

Abro os olhos, marejados, encontrando sobre mim a figura de Ian, Georgia, Keela e Hunter.

O horror está estampado em seus rostos.

Eu sou uma aberração.

Sempre fui, sempre vou ser.

— Eu sinto muito. — Forço os meus lábios a se moverem, mas a minha voz continua presa.

Assim como o meu choro não saiu, minha voz também não o fez.

Gia se ajoelha ao meu lado e me puxa para si. Agarro nela, como em todas as outras vezes, chorando como se não houvesse amanhã. Ela tenta me acalmar como consegue, ela tenta dizer que está tudo bem, mas é em vão, só consigo chorar e sentir.

Ela fala mais alguma coisa com Ian e todos saem do quarto.

Prefiro assim.

Quando Ian volta, sinto apenas uma picada em meu braço “bom”.

E é assim que eu apago.



Abro os meus olhos com certa dificuldade.

Está escuro e eu estou tentando me situar. O barulho que atravessa pela porta do meu quarto não é tão alto, mas me faz lembrar que é hoje a despedida de Vincent. Meu braço está doendo, o mesmo que senti a “picada” antes de apagar. Não faço ideia do que Gia e Ian fizeram, mas isso me fez apagar de verdade. Pelo menos até agora, pelo menos o suficiente para me livrar daquele momento.

Olho para o lado e encontro ele ali, como uma mania de quando ficava ao meu lado no hospital.

— Oi — sussurro.

Minha garganta está seca e devido a isso minha voz sai fraca e rouca.

Vincent olha para mim imediatamente. Seu rosto me mostra que ele ficou aliviado por eu estar de volta. Um sorriso irrompe em seus lábios, ladino, charmoso, tudo que ele é.

— Finalmente, Bela. Pensei que não ia acordar para ficar nem um pouquinho comigo — diz divertido.

Isso até me tira um sorriso, exatamente igual como o dele.

Suspiro, cansada pra caramba.

— Quase não acordei, mas meu corpo teve sua vontade própria — digo tentando me endireitar na cama. — Dormi por muito tempo? — questiono.

— Faria cinco horas, se não tivesse acordado agora — afirma e eu arregalo os olhos.

Pensei que tinha sido pouco, mas foi muito, de certa forma.

— E os seus amigos ainda estão aqui?

— Sim — diz relaxando. — Eles gostam de pizza de graça, então Gia acertou. Tem tanta pizza na cozinha que eu acho que, pela primeira vez na vida, ela exagerou de um modo catastrófico.

Nós rimos, porque isso é bem a cara de Georgia.

— Eu queria um pouco. Ela disse que ia deixar eu comer pizza hoje, mas eu...

Minha voz some e ele pigarreia.

— Passou mal. Eu sei, Bela. Gia me disse. — Ele se levanta e pega duas caixas, trazendo-as para perto de mim. — Sorte sua que eu guardei pizza para nós dois. — Sorri, convencido.

Sento-me na cama, dolorida, e passo a mão pelo meu rosto rapidamente.

— Estou suja? — pergunto e ele franze o cenho.

— Deveria estar? — replica.

Gia limpou a minha pele.

— Não, esquece.

— Posso me sentar aí com você?

Concordo, afastando o bastante para Vincent ficar confortável do meu

lado.

Ele não se incomodou nem um pouco em ligar a luz e eu prefiro assim. A única coisa que Vince faz, é ligar a televisão e deixar passando algum programa ali, enquanto nós dois comemos juntos.

Pizza é uma das melhores coisas do mundo, eu tenho que dizer isso.

Não como uma faz tanto tempo que esqueci o quão gostoso era.

— Uma festa surpresa, não é? — diz puxando assunto de boca cheia.

Eu dou de ombros, mastigando devagar até engolir.

— Parecia uma boa ideia, tanto para você, quanto para os seus amigos. Não vão se ver por um bom tempo, então é apropriado, você não acha? — pergunto dando mais uma mordida naquele pedaço suculento.

— Aprecio que fizeram isso por mim, de verdade, mas não estou tão animado quanto talvez deveria estar. — Eu encaro Vince, esperando que ele continue falando. — Ir embora está realmente mexendo comigo, ficar sem as pessoas que importam para mim é uma merda.

— Mas ter oportunidade de se despedir delas também faz parte — afirmo e ele me encara de volta. — Além de tudo isso, você vai ficar bem. Já é bem grandinho para cuidar de si mesmo e nós dois já conversamos sobre isso.

Ele revira os olhos.

Me mate se isso não for adorável.

— Não torna menos triste.

— Você vai saber lidar, Vince. Existem coisas bem mais tristes na vida, não desmerecendo a sua tristeza, é óbvio que ela é válida e dói em você. Mas, tente enxergar as coisas pelo lado positivo. Se isso aconteceu, foi porque lá

na frente vai entender o propósito.

Seus olhos correm por todo o meu rosto e ele os fecha, acenando positivamente.

— Eu acho que acabei de entender — sussurra. — Você está certa, Bela.

— Eu sei que estou...

Ele ri e eu o acompanho.

— Com quem aprendeu a ser convencida assim? — acusa puxando outro pedaço de pizza para encher a sua boca.

— Com você, Vincent.

Ele me olha ofendido e nós rimos mais ainda.

É sobre isso que eu falei.

Vincent tem uma facilidade de me puxar de *lá*.

22

“Agora estou fugindo, minha querida, de mim mesmo e da verdade que temo. Meu coração está batendo, não consigo ver claramente, como eu queria que você estivesse aqui.”

“Without You” — The Lids

Vincent
Pette Hawk

Eu entendi.

Naquele momento eu entendi e isso não sai da minha cabeça. É saudável, muito mais do que eu poderia imaginar, me afastar de Aurora. Não só dela, mas do contexto real e total. Entendi também que por trás da decisão de me mandar para longe, estavam os meus pais, porque eles também entenderam tudo que começou a se passar por minha cabeça, pelo meu subconsciente. É impossível não entender que Aurora mexe comigo, mexe de verdade, de uma forma que eu desconheço e não quero conhecer. Ela é incrível, eu nunca vou negar algo desse tipo, mas não posso pensar além disso. A menina está quebrada em tantos sentidos, de tantas formas, eu consigo reconhecer nos seus olhos e, infelizmente, não tenho, não sou e não posso ser a sua cura. Ficar perto dela arrancaria a chance que ela tem, nesse momento, de se entender, se consertar, buscar por si mesma o melhor para a sua vida. Não posso ficar aqui e assistir Aurora se encostar em mim e fazer disso a sua vontade para ser melhor, seria, no mínimo, egoísmo.

Por isso, eu entendi.

Sentir a sua falta ontem na minha “festa de despedida” também foi algo que me fez compreender a nossa situação. Qualquer lugar que eu vou e sei que ela provavelmente deve estar, fico buscando por sua presença. A necessidade de vê-la, saber se estar bem, saber se posso ajudá-la em qualquer coisa me consome. Eu me sinto idiota por não conseguir evitar esse meu lado de gritar pela atenção de Aurora, gritar por sua presença. Fui atrás dela, preocupado, e lá ela estava. Me deixou quebrado perceber o seu estado. Seu rosto manchado por maquiagem, as lágrimas banhavam a sua pele e eu tive a chance de presenciar uma das cenas mais tristes da minha vida: Aurora chorava enquanto dormia.

Eu limpei o seu rosto, com cuidado. Fiz isso porque ela merece o melhor, merece estar bem, merece não sofrer desse jeito, merece olhar para o espelho e ver alguém que é incrível. Ela não se moveu, estava apagada, não sei se ainda sonhava enquanto dormia, mas aos poucos as lágrimas cessaram, logo que parei de limpar o seu rosto com algum produto que achei no seu banheiro. No final, ela estava linda, mas continuava quebrada.

Não consegui tirar os olhos dela, preocupado, ansioso para quando fosse acordar, mas demorou e eu não pude ficar ao seu lado o tempo todo, ninguém deixou. Minha irmã veio me tirar do quarto, dizendo que eu tinha que ir aproveitar um pouco e que Aurora ficaria bem. Quando ela fitou a menina deitada, viu o seu rosto, Gia sorriu para mim, constatando o que eu fiz.

Eu parecia bobo.

Estava chateado também.

E, desde então, desde que a conheci, minha cabeça vive assim, nesse dilema, nessa indecisão, em toda confusão que cerca os meus pensamentos e sentimentos por Aurora.

Ela me encara, arqueando a sobrancelha e tocando o meu braço esquerdo.

— Você está bem? — pergunta, com um semblante um pouco preocupado.

Saio da bolha em que me coloquei enquanto eu a encarava e volto para o mundo real. E, droga, que merda de mundo real.

— Claro que estou — digo, virando o rosto para frente e levantando o olhar para o céu.

O sol já está se pondo, nós dois estamos sentados na grama da frente da

casa da minha irmã, observando o meu último dia e últimas horas em Pittsburgh passarem ali na nossa frente. O clima e o ambiente são incríveis. O céu está em uma mistura inacreditável entre laranja e cor-de-rosa, o que torna tudo mais bonito. É de tirar o fôlego, mas... bom... esquece...

— Não parava de me encarar, eu já estava ficando sem graça — brinca, rindo baixinho, mas eu sei que é bem capaz de Aurora realmente ficar sem graça.

— Tinha um bicho no seu cabelo, não era nada demais — retruco, observando de soslaio como a sua feição muda para assustada. Seguro o riso, arrancando discretamente uma margarida do canteiro ao meu lado e virando para Aurora. — Quer que eu tire ou vai continuar me acusando de que estou te encarando muito?

— Por favor... — sussurra, assustada, fechando os olhos como se algum bicho realmente fosse fazer todo esse mal para ela.

O vento sopra entre nós e eu aproveito o momento para tirar a mecha de cabelo que soltou de sua trança frouxa, enfiando-a de volta atrás da sua orelha junto com a margarida. Aurora abre os olhos e eu sorrio de lado, afastando a minha mão de perto dela.

— Pronto — sussurro.

Seus olhos castanhos brilham, como faróis, e é uma das coisas mais bonitas desse mundo.

— Não tinha um bicho, não é? — pergunta de volta, quase que no mesmo tom que eu.

Balanço a cabeça negativamente, mas nós dois não falamos nada.

Aproveitamos o tempo, o resto da tarde, os meus últimos minutos antes de entrar para enfiar minhas coisas mais importantes em uma mala e imprimir

minha passagem para New York. Algumas crianças entram na rua correndo e sorrindo. Eu sorrio junto com elas, admirando a pureza e a simplicidade de se divertirem só desse simples jeito.

— Elas não são fofas? — Aurora pergunta puxando assunto.

Ela não parece gostar de ficar em silêncio comigo.

— Demais — afirmo, quando elas param do outro lado da rua e parecem fazer um espetáculo ali para Aurora. — Você quer ter uma? Algum dia? Ou é daquelas que nem pensa nisso?

Aurora suspira, dando de ombros.

— Não sei se seria capaz — afirma e eu mordo meu lábio, pensativo.

— E tem algo que te faça pensar isso?

Ela dá de ombros de novo.

— A vida.

Muito vago, mas eu não insisto porque percebo que ela está recuando.

— Eu quero — digo virando o rosto para encará-la de volta, já que sinto o seu olhar sobre mim. — Umas duas, talvez, e que Deus mande só garotos. Sou ciumento demais para ser castigado com garotas. Imagina a preocupação?

Aurora ri baixo, ficando vermelha.

Ela é absurdamente adorável e que se foda, eu sempre vou achar isso.

— Não fale assim, não tem como escolher — diz me acusando por minhas besteiras.

— Eu sei que não, mas não há absolutamente nada que uma corrente de oração não possa resolver — brinco e ela gargalha comigo.

Admito: eu só falo essas merdas para ver o seu sorriso.

— Mas é sério — continuo. — Eu quero ter dois, talvez, o tempo vai dizer, quando eu achar a mulher certa daqui um tempo, porque uma criança agora seria um tanto inapropriado, não é?

— Acho que sim — afirma controlando a sua risada. — Você vai ser um paizão, eu já posso ver isso.

Arqueio a sobrancelha, surpreso.

— E como já consegue ver isso?

— Do jeito que você cuida de quem é importante na sua vida. É tão fácil perceber o seu instinto protetor e cuidadoso, Vince.

Tenho que concordar.

São poucos aqueles que importam para mim, mas por esses poucos eu daria a minha vida.

— Você é observadora — afirmo e ela sorri de lado.

— Você também. Estamos quites.

— Justo — concordo.

— Ei, vocês dois. Vamos entrar? — Gia nos chama e eu tenho certeza de que ela já vem com o papo de que Aurora não pode ficar na rua quando vai anoitecendo por causa do tempo e blá, blá, blá. — Fiz um chocolate quente com Rose para ser a nossa última despedida oficial.

Bom, aí ela mexeu com algo sensível meu: minha fome.

— Está na hora de entrar mesmo — afirmo levantando-me do chão e pegando a muleta de Aurora, enquanto lhe ofereço a minha mão.

Ela aceita, tranquila, e se levanta com minha ajuda. Dou-lhe a sua muleta e deixo que ela vá na minha frente. Nós três entramos, Gia me fita atenciosa e eu pisco para ela.



Está tudo pronto.

Eu estou pronto, minhas malas estão prontas e todos ao meu redor estão prontos, até mesmo os meus pais. Me aproximo deles, porque apesar das discussões, apesar de tudo que já fizeram para mim, continuam sendo os meus pais.

— Parece que é isso — afirmo tranquilamente.

Minha mãe suspira, dando um passo para frente e surpreendentemente me envolvendo em um abraço apertado. Faz um pouco tempo desde que tive um abraço desses vindo da minha mãe. Nunca ficamos tão afastados quanto nos últimos anos, sei que tenho minha cota de culpa, então eu apenas engulo todo meu orgulho e lhe abraço de volta.

— Vou sentir a sua falta, filho. Você sabe que sim.

Eu sei que ela vai, principalmente de me ter fazendo merda a cada respiração que eu dou.

— E eu sei que vai ficar bem comigo longe, vai tirar um pouco de férias do seu filho problemático.

— Não é assim — diz afastando-se, mas me fitando ainda de perto.

— É o que é, mãe. — Viro para o meu pai e apenas aceno com a minha cabeça. — Até mais, pai.

— Até mais, Vincent — replica simples, sem se mover.

A relação com meu pai é mais complicada, em um nível extremo.

Não sou o que ele e minha mãe esperavam que eu fosse, isso o decepciona mais do que a decepciona, eu sei que sim, por isso ele não cede e é mais duro. Uma pena, porque eu não vou ceder a viver os seus sonhos, enquanto os meus morrem.

Gia se despede rapidamente dos meus pais, avisando que já volta, enquanto nós dois vamos até a porta. Arrasto a minha mala e saímos de casa, indo até o carro de Ian, onde ele já nos espera com Aurora. Passei o dia inteiro com a menina, até depois que tomamos chocolate e comemos biscoitos. Fiquei mais um pouco e tive que arrumar as minhas coisas na pressa, resolvendo outras sobre a minha estadia na nova cidade e falando com Hunter.

Ian bota minha bagagem no porta-malas e nós entramos no carro. Não me incomodo em olhar e procurar mais os meus pais, porque sei que nem na porta eles devem estar.

O caminho até o aeroporto é feito em silêncio por todos nós.

Quando chegamos, Hunter está lá na entrada, encostado no seu carro. Ele está com a sua mala logo ao lado e eu solto um sorriso, porque o filho da puta é teimoso. Hunter vem dizendo desde ontem, discretamente para mim, que iria comigo. Eu não acreditei, mas lá está ele. Teimoso pra caralho, tinha que ser meu melhor amigo, é óbvio.

— O que ele está fazendo aqui? — Aurora pergunta para mim.

— Parece que ele vai comigo — digo e ela arregala os olhos.

Arqueio a sobrancelha.

— Keela. Acho que ela não sabe disso — explica baixo.

Então ela gosta mesmo de Hunter. Confesso que ainda tinha lá as minhas dúvidas, por conta da sua atitude, Keela nunca me deu uma folga ou

mesmo para Hunter. Mas, pelo visto, ela gosta dele. Hunter, se percebeu, fez uma escolha sábia. Keela é uma menina ainda, assim como Aurora, então é melhor sair de perto antes que um dos dois faça alguma besteira.

— Vamos lá, garanhão. New York nos esperava e muitas pernas bonitas também — Hunter exclama, animado, quando nos aproximamos dele.

— Vocês namoram só com as pernas? — Aurora pergunta, surpreendo a todos nós.

Gia e Ian gargalham e eu dou uma risada contida, olhando a cara boba de Hunter, sem graça.

— Você entendeu, Aurorinha.

Ela parece chateada, tanto com Hunter, quanto com o que ele falou, provavelmente por conta de sua amiga.

Estamos em cima da hora de embarcar.

Gia é a primeira a vir me abraçar, emotiva como sempre.

— Você vai se cuidar? — pergunta me apertando tanto que sinto uma leve falta de ar. — Tem que se cuidar, Vince. Comer todas as refeições, ir atrás de lugares com comida saudável, parar de beber como se não houvesse amanhã. Se estiver faltando algo, se precisar de dinheiro, pode me mandar uma mensagem que eu dou um jeito na hora, estamos combinados? — Ela segura o meu rosto, me encarando com os olhos marejados.

Eu concordo.

— Não chora, Gia. Eu vou saber me virar e quem sabe eu crie algum jeito lá, alguma responsabilidade, não é?

— Sim, Vince, responsabilidade. — Ela faz um bico, me abraçando de novo e mais forte. — Não queria que fosse para longe, droga. Vou sentir sua falta todos os dias e, sim, quero mensagens todo santo dia e ligações.

— Eu vou fazer isso, Gia, você já pode se acalmar — brinco, divertido com todo o seu desespero.

Ela beija minha bochecha, se afastando de mim como quem não quer fazer isso. Dou um abraço em Ian, enquanto ele diz para eu me cuidar e todo o resto, reafirmando o que minha irmã disse sobre dinheiro. A última pessoa com quem falo é Aurora.

Ela está tão bonita.

Está usando um vestido branco com sapatilhas da mesma cor e o seu cabelo preso em uma trança, mais arrumada do que a trança de mais cedo, e atrás da sua orelha está a margarida que coloquei em seu cabelo.

É como um soco no estômago, eu juro que sim.

— Vai me dizer tudo que eles falaram também? — pergunto, tentando soar engraçado, e ela até ri, mas nega com a cabeça.

— Claro que vou sentir sua falta, mas isso você já sabe. Só espero que cuide de si mesmo e faça o que for necessário para achar o seu rumo. Está na hora de andar com as próprias pernas, não acha? — Isso também é como um soco no estômago. Aurora nunca vai me decepcionar com sua maturidade. — Quero que seja feliz e, por favor, não esqueça de mim. — Essa última parte me pega de surpresa.

Ela pedindo por favor para que eu não a esqueça...

Nem se eu tivesse outra vida eu conseguiria.

— Você está certa em tudo e pode ficar tranquila, não vou esquecer de você, Bela.

Aurora sorri, parecendo aliviada.

Não sei se devo lhe dar um abraço, mas ela responde a minha pergunta.

Aproximando-se rápido demais, Aurora cai em meus braços, me abraçando forte. Sua muleta cai no nosso lado e eu correspondo o seu gesto, sentindo o cheiro puro que ela tem de tão perto.

Fica difícil deixar tudo para trás depois disso.

Mas eu preciso seguir.

Quando ela me solta, levantando o rosto para me fitar, inclino-me e dou um beijo em sua testa.

— Se cuida, menina. Quero te ver bem quando eu voltar.

Ela concorda, mordendo o lábio quando os olhos enchem de lágrimas.

Não pensei que seria isso tudo para ela.

Pigarreio, pegando sua muleta e lhe entregando, deixando que ela se apoie. Viro-me para todos e sorrio, porque é a única coisa que consigo fazer com um nó na garganta.

— Está na hora cara, precisamos fazer o check-in, despachar nossas malas e embarcar. — Hunter toca em meu ombro e eu concordo prontamente.

— Mando mensagem quando chegar lá — digo olhando para cada um deles.

Aurora mais uma vez prende o meu olhar e eu luto para desviar, mas o faço. Os próximos passos são incertos, mas eu sei que vou estar melhor e ser melhor quando voltar para cá.

Espero que a menina também esteja melhor quando for a hora de nos reencontrarmos.

23

“Eu esqueci que você existia e eu pensei que isso iria me matar, mas não matou. E foi tão bom, tão pacífico e tranquilo.”

“I Forgot That You Existed” — Taylor Swift

Aurora Lyon Collins

Quatro anos e meio mais tarde...

Esses foram provavelmente os anos mais estranhos para mim.

Têm sido uma experiência insana ter que reaprender a viver como uma pessoa “normal”, eu admito. Tenho dias complicados, tenho lembranças que ainda me assombram, minha caminhada nunca vai terminar, mas eu tenho certeza de que eu sou e estou melhor agora do que antes. Dar os meus primeiros passos independentemente durante os últimos quatro anos e meio foi algo assustadoramente necessário para o meu crescimento, Gia e Ian sempre falaram isso para mim, desde quando terminei os meus supletivos para todo estudo que perdi há um ano. Eu tive uma tarefa árdua, mas tive êxito com ajuda dos meus dois anjos da guarda. De fato, estaria perdida se eles dois não tivessem me resgatado e acolhido tão bem em sua casa.

Gia continua a mesma, não mudou nadinha, nem mesmo uma vírgula. Protetora, mãezona, preocupada, amiga. Eu não tenho palavras para definir o tamanho do sentimento que construí por essa mulher durante nossa caminhada juntas. Ela é um dos meus maiores presentes. Se antes eu já a admirava, depois de viver tanto tempo com ela é apenas impossível que isso não tenha triplicado de tamanho.

Ian... Ah, esse me surpreende a cada dia que passa. Como não o amar também? Não canso de dizer a mim mesma o quão perfeitos, ele e Gia, são. Tanto um para o outro, quanto neles mesmos. Nós nos aproximamos muito, mais do que eu imaginei que conseguiria. Ele é o melhor amigo que eu sempre quis ter, assim como Gia é uma melhor amiga para mim. São como os meus pais, de verdade, e eu juro nunca ter sentido esse tipo de coisa antes depois que perdi os meus pais naquele acidente. Eu sei que lá de cima eles amam Georgia e Ian tanto quanto eu.

E então, tem minha melhor amiga de carteirinha. Como sempre

maravilhosa, afinal, tem algum momento do dia em que Keela não está sendo maravilhosa? Lembro daquele dia exatamente como se fosse ontem. Ela ficou muito chateada quando soube que Hunter foi embora com o outro. Quero dizer, realmente chateada, para dizer o mínimo. Lembro que ela não me visitou por uma semana, mas quando voltou a frequentar a nossa casa, estava radiante como sempre.

Por fim: eu, novamente.

Como definir tudo que me tornei?

Tive que engolir grande parte dos meus medos para me tornar uma pessoa sociável, algo que sempre sonhei em ser. Maureen, minha psicóloga, fez um acompanhamento comigo impecável. Ela também se tornou uma grande amiga, na medida do possível. Quando ele foi embora, duas semanas depois retomei as consultas e de lá pra cá foi árduo o caminho, mas me analisando agora, valeu completamente à pena. Não posso dizer que foi fácil, porque nada para mim nunca foi fácil. No primeiro ano, descobri, com Maureen, que tinha constantes ataques de pânico, e eu realmente tinha. Crises de ansiedade, de depressão... Foram tantas as coisas pelas quais eu passei, que não tem como eu não me orgulhar de mim mesma, por mais que em minha cabeça esse seja um sentimento contraditório.

Sair de casa me assustava.

Homens perto de mim me assustava — e, de certa forma, ainda assusta.

Depender das pessoas para mínimas coisas me assustava.

Viver sem ele, me assustou muito.

Nossos momentos de proximidade foram curtos, mas acho que ele não faz ideia do que significou para mim, do que ele sempre significou para mim, mesmo quando não me conhecia.

Esperar por suas ligações no meio da noite, suas mensagens durante o dia me tornaram mais ansiosa do que o normal. Quando eu não recebia, a tristeza me massacrava. Ainda dependia da sua presença para sorrir, mas, quando percebi que não era o mesmo, Maureen conversou sério comigo, a partir dos meus inúmeros desabafos sobre Vincent Hawk.

Ele não estava sendo bom comigo e estava me fazendo ser má comigo mesma.

Ele sabia as minhas condições, sabia o quanto eu o considerava, mas me dava um pouco e depois puxava tudo, mesmo de longe.

Isso me magoou, mas eu nunca parei de amá-lo.

Por muito tempo o amor que nutri por Vincent foi o meu remédio. Sempre estive ciente de que ele não me amaria, mas eu nunca parei de amá-lo, nunca.

Só que, às vezes, cansamos.

Eventualmente, perdemos o contato.

Ele ficou por lá e eu por aqui.

Eu o esqueci, na maior parte do tempo, para o meu próprio bem.

Quando Georgia ou Ian não falavam dele, eu também não perguntava.

Foi o melhor para a minha saúde.

Contudo, alguns dias eu ia atrás de saber como ele estava e tudo que eu via era: bem, muito bem. Ele seguiu os sonhos e meu conselho. Vincent entrou no mundo das corridas de forma segura e saiu da clandestinidade dos rachas. Ele era uma superestrela agora, como eu sempre soube que seria, e continua fazendo o que ama. Lembro-me de quando descobri, ele veio para buscar a sua habilitação, mas não nos procurou, não me procurou. Vi nos sites, no dia seguinte, tudo sobre isso. Embora magoada, fiquei feliz. Lhe

mandei uma mensagem, a qual nunca foi respondida. Georgia passou uma semana emburrada, resmungando chateada ao telefone com Vincent, dizendo que ele nem mesmo passou para vê-la. Não sei qual foi sua resposta, eu já tinha desenganado e apenas me massacrei muito — mais uma vez — por ter sido boba de ter gastado o meu tempo para lhe parabenizar.

Eu estava furiosa.

Chateada.

Pensei que ele fosse meu amigo.

Mas, hoje, vejo que era apenas bobagem minha, pura carência.

Não tenho motivos para estar furiosa com ele.

Vincent tinha e tem sua vida, é compreensível. Ele tem aproveitado o melhor dela e isso também é compreensível.

Eu estou melhor, muito, e não precisei dele para isso.

E eu vou melhorar mais e mais, é um processo, e os passos eu dou com calma para não cair em um buraco ainda mais profundo.

Vou conseguir.

Um dia eu vou ser a melhor versão de mim mesma e vou ser o meu próprio orgulho.

Essa é a Aurora de hoje, depois de muita terapia, muitas crises, muitos monstros, muitas lágrimas...

Me sinto pronta para traçar novos planos, alcançar novos objetivos e tudo isso graças a Georgia, Ian e Keela. Eles, sim, eu nunca vou esquecer e deixar de agradecer por tudo, cada abraço, cada “vai ficar tudo bem”, cada silêncio compartilhado e lágrimas derramadas juntos.

Sou grata pela família que me acolheu.

Devo minha vida a eles.

E é exatamente por isso que eu estou sentada em um sofá com Ian, lado a lado, enquanto Georgia caminha, animada, de um lado para o outro, falando sobre Vincent, Vincent e Vincent...

Já faz longos minutos desde que ela começou a falar dele e eu já estava louca para sair desde que ela começou, mas finalmente meu compromisso bateu na porta.

— Preciso ir, Gia — digo levantando e jogando minha bolsa sobre o ombro. Já estou empacotada em meu casaco de frio, pronta para sair e ainda bem que isso está acontecendo agora. — Estou indo encontrar Maureen, falei com Dom e ele vai me dar uma carona até lá e depois me trazer de volta. Tudo bem?

Ian se levanta, resmungando.

— Eu não sei o que vê de legal nesse tal “Dom” — reclama cruzando os braços e eu seguro a risada. — Nunca imaginei que gostaria dos engomadinhos e ainda não me sinto nem um pouco contente com isso.

— Você realmente virou um pai, Ian. Eu vivi para ver isso e é a coisa mais linda do mundo!!! — Georgia exclama pulando em cima dele e nós rimos juntas.

— Ele é legal comigo, engomadinho ou não — assobio. — E nós não estamos saindo, se você está pensando nisso. Dom é um amigo meu e é disso que se trata, nada mais, nada menos.

— Mas eu vejo como ele te olha e, acredite nisso, é da mesma forma que eu olhava para Georgia.

Reviro os olhos.

— Isso é besteira — resmungo. — Eu vou agora, ou ele vai congelar do

lado de fora.

— Se cuida, querida. Qualquer coisa nos ligue, tudo bem?

Aceno positivamente e sopro um beijo para os dois, antes de abrir a porta e dar de cara com o meu amigo ali. Eu o empurro e seguro em seu braço, enquanto fecho a porta atrás de nós. Ele está sorrindo para mim, todo engraçadinho, os óculos de grau de armação grossa tomando a maior parte superior do seu rosto. Ainda assim, ele é adorável.

Dom e eu nos conhecemos há dois anos, quando Keela resolveu nos “apresentar” em uma tarde ensolarada. Fomos tomar sorvete e esse seu amigo da escola estava lá. Desde então, nos aproximamos e viramos grandes amigos. Dominic esteve ao meu lado quando as coisas da escola estavam muito ruins. Não consegui frequentar uma escola, então Gia, Ian e eu decidimos que ter aulas em casa seria o melhor para mim, afinal, ainda estava em recuperação e tendo muitas, muitas, e muitas, crises. Ele me ajudou com a matemática, química e física. Era complicado para mim, então bastava uma mensagem que ele vinha ficar comigo e passar o resto da tarde em ensinando. Ian sempre implicou, de um modo protetor, sobre Dom. Os dois, quando estão no mesmo ambiente, vivem se provocando, mas não passa disso e eu tenho certeza que são apenas brincadeiras ao vento.

— Você está linda hoje — ele diz, como um cumprimento.

Eu não evito ficar vermelha.

Ele está dizendo essas coisas constantemente para mim. É até legal, mas eu não gosto muito. A parte obscura da minha mente ainda me lembra, vez ou outra, o quão indigna eu sou e isso machuca, me faz bloquear os elogios e me machucar como sempre.

— Você está bonito também, Dom. — Me encolho para perto dele, porque o frio está me massacrando. — O que fez hoje no seu cabelo?

Bagunçou geral. — Solto uma risada.

Dom é sempre arrumadinho, mas hoje ele está diferente, só não os seus óculos, o qual ele não pode viver sem.

— Caí da cama quando lembrei que tinha que te buscar. Vesti a primeira coisa que apareceu na minha frente e só tentei arrumar o cabelo com os dedos durante o caminho. Isso funcionou? — questiona soando incerto.

— Essa é uma versão interessante de você. Eu gostei de ver.

Ele sorri de lado.

Não posso reclamar. Dominic é muito bonito, muito mesmo.

Debaixo de seus ternos e outras roupas bem arrumadinhas, percebo hoje que ele não é magro demais, como imaginei que seria. Seu corpo é firme, sinto os músculos retesados de seu braço que enlacei com os meus para me proteger do frio. Não sei se é apenas o seu gosto ou ele se esconde debaixo disso, mas ele é bonito com seu cabelo loiro e olhos acinzentados.

— Posso cair mais da cama, então? — pergunta, abrindo a porta para mim e me deixando entrar.

Antes disso, eu falo:

— Com certeza.

Entro em seu carro e ele bate à porta, dando a volta e entrando do outro lado.

Quando Dom começa a dirigir e liga o aquecedor, finalmente sinto como se pudesse respirar outra vez. Meu corpo relaxa no banco de couro e eu durmo o resto do caminho, do nada, até chegar no consultório de Maureen.

Acordo com um sacudir cuidadoso em meu corpo.

Meu cochilo foi curto, mas tão satisfatório.

Abro os olhos e acho Dom ali me encarando.

— Chegamos, Aurora.

Dominic me solta e eu espreguiço, bocejando.

— O seu carro é tão confortável que eu poderia morar dentro dele sem dificuldade.

Ele ri baixinho, enquanto solto o cinto, rindo também.

— Você só estava com sono, ele nem é tudo isso.

— Preciso entrar agora, tudo bem? — Ele acena com a cabeça positivamente. — Vem mesmo me buscar? — questiono e ele repete o gesto.

— Vou resolver umas coisas com o meu pai, mas estarei aqui na hora que marcamos. Boa consulta, Collins.

Inclino-me para beijar a sua bochecha e ele vira o rosto no mesmo momento.

Nossos lábios se encostam suavemente e meu corpo inteiro treme. Não é ruim, eu juro, mas eu nunca fiz isso depois de tudo o que passei. Eu nunca me senti confortável para isso. Eu não me sinto confortável.

Mas é Dom.

— Me desculpa, Aurora, eu s-só... eu virei e...

Ele está nervoso, assim como eu, mas a diferença é que eu reprimo a minha reação.

— Tudo bem. — Sorrio, nervosa. — Você virou na hora errada e aconteceu... Não se preocupe, você ainda é meu amigo. — O empurro, tentando não o deixar mais nervoso do que parece estar. — Até daqui a pouco, Dom.

Ele não diz mais nada.

Eu me apresso para sair do carro e entrar no prédio.

Mas que merda...?!

Passo pela recepção, onde só aceno para Lisa, que já me conhece a muito tempo, e corro para a sala da doutora Maureen. Bato duas vezes antes de entrar e já encontrar ela à minha espera.

— Tudo bem, Aurora? — pergunta, enquanto me jogo no sofá, ofegante.

— O Dom fez uma besteira, Maureen. Eu fui beijar sua bochecha agora, para me despedir, e ele virou e a gente se beijou... tudo bem, foi só um encostar de lábios, mas..., mas eu nunca fiz isso e agora...

Ela se levanta e anda, calma, até a poltrona que fica em frente ao sofá em que eu sempre fico.

— Isso não é o fim do mundo, Aurora — diz tranquila. — Quer começar do começo? Tem mais alguma coisa que fez você reagir assim?

No fundo, eu sei que sim.

Ele.

Eu sempre esperei que o meu primeiro fosse ele, mesmo que isso com Dom não tenha sido nada demais, nada além de um acidente.

— Ele está voltando.

Maureen me avalia com o seu olhar atento.

— Vincent está voltando?

Aceno concordando, e ela continua.

— Por isso reagiu assim? Ainda sente tudo aquilo, não é?

— Sim. — Bufo, chateada, me sentindo uma idiota. — Ele volta amanhã e eu ainda sinto tudo aquilo, Maureen. Mesmo depois de ver em

tantos sites ele com outras mulheres, ele com a sua vida maravilhosa e impecável longe de mim. Ele tem todas as puras e eu sou tão suja, mas eu ainda o queria, eu ainda queria que fosse com ele. E, droga, Vincent está praticamente batendo na porta de casa e por mais que eu diga para mim que tudo passou, quando eu procuro lá no fundo, vejo que só empurrei as coisas para debaixo do tapete. Escondi. Só espero que ele não volte para puxar o meu tapete, ou eu... eu não sei o que vai ser de mim.

Depois de disparar tudo isso, eu puxo uma respiração profunda.

— Você vai continuar sendo você. Todo o progresso que fez durante esse tempo não pode ser embaralhado pela presença de um homem, será que pode me entender? Eu sei que ele é importante para você, mas se deixar que ele te bagunce dessa forma, é no mínimo um sentimento tóxico. Se é tóxico, ou você sai de perto, ou você sufoca até que morra.

— Ele?

Ela ri e eu acabo rindo também.

— Não ele, o sentimento.

Suspiro...

— O que eu vou fazer com Dom agora?

— Acha que deve fazer algo? — retruca.

— Não quero que ele fique estranho comigo ou que eu mesma acabe ficando estranha com ele. Dom sempre vai ser um amigo para mim, disso eu estou certa.

— E você acha que ele sente algo por você?

Sim e não...

— Ian diz que sim, Gia às vezes diz também... Ele ficou tão nervoso

quando aquilo aconteceu. Eu acho que sim, depois disso.

— Então você precisa esclarecer as coisas com ele, Aurora. Não deixe alguém nutrir sentimentos por você se não é capaz de corresponder. Eu entendo, às vezes não temos culpa, o que é o seu caso, mas se você pode evitar que a dor e o tombo sejam mais fortes, evite. O observe nos próximos dias, caso aconteça mais alguma coisa, você se abre com ele. Dom é bom, eu tenho certeza que ele vai entender e se ele realmente gosta de você, vai aceitar.

Concordo.

Maureen sempre tem razão.

— Você está certa...

— Está pronta para mais?

Eu sorrio.

Esse tempo com ela é a minha salvação.

Maureen sempre vai ser a pessoa que vai me fazer em tudo claramente.

Que sorte a minha.

Agora eu só tenho que parar de me descontrolar e me preparar para amanhã.

24

“Queria poder dizer todas as palavras que não digo, mas eu deveria parar porque estamos a quilômetros de distância.”

“Hard To Do” — Gavin James

Vincent
Pette Hawk

Sabia que estava enrascado.

Quando deixei Pittsburgh e todo aquele sentimento de falta me espancou, dia após dia, eu sabia que estava enrascado. Envolvido demais, preocupado demais, ansioso demais, sedento demais, chame do que quiser, eu realmente estava desse jeito. Não queria encarar os dias sem Aurora. Eu precisava dela e a distância foi como um balde de água fria na minha cara, para me fazer acordar de uma vez por todas. Era errado. Terminantemente errado. Errado de uma forma que eu entendia os motivos, mas, ainda assim, minha mente dizia que nem era tão errado assim. Isso fez eu me sentir mal. Gostar da menina mais do que eu deveria me fez sentir como se eu fosse um estúpido imbecil. Por isso eu foquei em mim e me distanciei o máximo possível de qualquer coisa que me lembrasse Aurora, mas, para começar, eu tinha ido para New York por causa “dela”, então já era complicado esquecer.

Mas, chegar à conclusão que eu cheguei não foi um caminho rápido. Ainda nos falamos muito nos primeiros meses, eu ainda não tinha cortado o “mal” pela raiz. Me odeio pensar nela dessa forma, porque ela é tão boa que dói em mim. Trocávamos mensagens o tempo todo, eu ligava para ela sempre antes de dormir e ficávamos daquele jeito até um dos dois pegar no sono. Quando ela caía no sono antes de mim, eu sempre passava longos minutos escutando a sua respiração fraca. Às vezes até fazíamos chamadas de vídeo. Foi reconfortante poder acompanhar por alguns meses como ela estava se curando. Ela me contava tudo, absolutamente tudo, do seu dia, das suas melhoras, do que estava acontecendo por Pittsburgh em minha ausência.

Então eu tive que escolher.

Comecei ficando um dia sem falar com ela e responder só no seguinte. Para isso eu tomava muitas e muitas cervejas com Hunter. Ele pegava o meu

celular e guardava onde eu não saberia localizar. Depois do dia um, pulei para dois, até que foram três, quatro, cinco, seis, sete. Respondia Aurora de semana em semana. Era difícil controlar, mas com o tempo eu aprendi. Precisava aprender. Precisava tomar um rumo na minha vida. Perdemos o contato, eventualmente. Eu sabia que era preciso. Mas doeu. Doeu mais do que eu poderia descrever.

Senti falta do seu sorriso.

Senti falta do som da sua risada.

Senti falta das suas palavras.

Senti falta da sua voz de sono antes de dormir ao telefone comigo.

Senti falta de saber do seu dia.

Senti falta das nossas conversas sobre o futuro.

Senti falta de me projetar em um futuro com Aurora.

Senti falta dos olhos bonitos que brilhavam tanto quando ela me olhava.

Senti falta de tudo, sem tirar, nem botar.

Eu, então, por último, resolvi seguir o seu conselho, não como homenagem, mas para que ela percebesse que, por mais que eu não falasse mais com ela, para o seu bem e o meu, ela era importante para mim e sua opinião valia. Entrei no mundo das corridas, não mais ilegalmente, por Aurora. Foi um início turbulento. Ter que refazer minha imagem, principalmente depois do incidente com Aurora, foi complicado e difícil. Por muitas vezes quis dizer que eu não fui o causador do acidente, mas eu já havia cumprido toda a minha detenção, então nem mais fazia sentido abrir a boca. No final de tudo, valeu à pena. Me tornei em pouco tempo e eu sei que graças a minha notoriedade e talento, um nome ascendente no mundo da

velocidade.

Essa foi a única coisa que teve o meu foco completo nos últimos anos.

Essa e a curtição.

Eu poderia tentar me enganar, mas eu gosto disso, eu sempre gostei. Me satisfaz sair, encontrar amigos, passar o tempo com algumas mulheres, até que a certa apareça. O que tornou tudo frustrante é que, depois de anos, depois de tantas mulheres, nunca nenhuma pareceu ser a certa. Nada me ligou a ninguém.

Ela sempre esteve na minha cabeça.

É uma droga estar assim.

Sem curtir, sem comentar, mas sempre olhando, sempre em busca, não perdi nenhuma postagem de Keela nos últimos anos, tudo que poderia ter um pouco de Aurora prendia a minha atenção. Ver o seu rosto era o meu remédio, ainda que ela não saísse dos meus sonhos. Ela sempre estava perto de mim. Os olhos brilhantes, o sorriso contido, o cabelo quase sempre em tranças. Eu adorava as fotos que sua melhor amiga postava, foi o que me manteve controlado em não procurar diretamente por ela, porque eu sempre poderia ver como ela estava melhorando por meio das imagens que Keela postava ao seu lado. Noites saindo para o cinema, festas de pijama, tardes de filmes em casa, manhãs de estudo. Keela sempre dava um jeito de documentar e sempre postava, provavelmente sem o conhecimento de Aurora, como se soubesse que eu estaria ali para ver aquelas fotos da menina.

Quando não tinha isso, Gia nunca falhava em falar sobre Aurora mesmo quando eu não tocava no assunto. Minha irmã sempre falou muito dela, mostrando o seu orgulho por vê-la crescer e ter a chance de ajudar. E sim, mesmo de longe, continuei torcendo pelo relacionamento das duas. Gia sempre quis isso e eu não poderia ficar menos feliz por sua luta, que com

certeza vale à pena até hoje.

Isla se remexe do meu lado, agarrando em meu braço e se aconchegando em mim.

Ela nunca saiu do meu pé. O que temos é algo estritamente carnal, eu não vou mentir, e sempre deixei claro. Quando saí de Pittsburgh, ela não demorou nem um pouco em vir atrás. Sei que já saímos em dezenas de sites de fofocas juntos em fotos e mais fotos, mas não só ela. Muitas outras mulheres já tiveram o seu lugar na minha cama, ou nos flagras pelas baladas, só que Isla é insistente. Mesmo sabendo que as minhas intenções com ela não passam disso, ela insiste na ideia que, talvez, um dia, possa significar mais para mim. Infelizmente não é assim e felizmente eu odeio esse tipo de enganação.

Desvencilho-me de Isla e a deixo sozinha na cama, vestindo minha calça de moletom e saindo do meu quarto. Passo pelo corredor extenso até chegar na sala de estar, onde Hunter está lá com Marie. Sorrio para o meu amigo como forma de cumprimento, jogando-me no sofá livre.

— Você já arrumou tudo? — pergunto, encarando Hunter.

— Sim, está tudo pronto para mais tarde — ele responde assistimos Marie se levantar, pegar a sua bolsa e se aproximar de mim.

— Quando vai se livrar dela? — A loira senta ao meu lado, indagando exigente como sempre.

Ela é um problema.

Marie é quem cuida da minha carreira, junto com Hunter. Confio no meu melhor amigo de olhos fechados, mas Marie é realmente irritante e a sua atitude não me faz ter o mesmo sentimento em relação a ela. A mulher só está trabalhando para mim, desde que comecei, porque precisava de alguém e ela

é prima de Hunter. Ele me convenceu. Ela já tinha o seu nome na “praça” e realmente conhece as coisas. Eu a contratei, eventualmente, mas desde o primeiro encontro, os seus olhos verdes grudaram em mim como se eu fosse um pedaço de carne saboroso a ser engolido. Marie Maynard tem uma obsessão por mim que me tira do sério e me deixa desconfortável. Tenho a minha parcela de culpa? Sim. Se eu não tivesse dormido com ela, não teria aguçado os seus olhares maliciosos em minha direção, mas depois de algumas bebidas eu fico fácil demais e esse é o meu maior erro. Por isso eu tenho parado de beber como antes. Não tenho mais motivos, só quero voltar para casa. Isla não é como Marie, por isso nós acabamos dormindo vez ou outra com mais frequência. Marie é um erro e eu tenho certeza disso.

— Ela é uma amiga — afirmo e Hunter se levanta, avisando brevemente que vai voltar para o seu quarto.

— Ela está sempre em suas calças. Que tipo de amizade é essa?

Não tenho nenhum problema com mulheres de atitude. Acho que se alguém pode se posicionar com certeza do que quer e do que é, é importante que o faça. Mas, porra, Marie quer demandar, quer me tratar como a porra do seu namorado ou alma gêmea.

— O tipo de amizade que eu gosto — retruco, ironicamente.

— É? E eu? Por que não é assim comigo?

Seus olhos têm fogo. Puro. Ela está furiosa.

— Você é trabalho, literalmente.

— Eu poderia me curvar a tudo que você diz, Vince, basta dizer que eu sou a única na sua cama.

Não é brincadeira. Eu preciso me livrar dessa situação. Hunter precisa conversar com a sua prima e a gente precisa fechar os negócios com ela.

Não dá mais.

— Eu não estou nem perto de ter só uma na minha cama, Maynard. Se espera que eu pare de ficar com outras mulheres por sua causa, esqueça. Não tem absolutamente nada em você que seja para mim. Não temos nenhum tipo de conexão, a não ser que seja a profissional. E, além de tudo isso, nunca faria uma mulher se “curvar” a mim. Não sou dono e nem cuido do meu próprio nariz, imagine de outra pessoa. Isso não é quem eu sou ou quem eu vou ser.

— Isla é só uma cadela qualquer que dorme com qualquer um, Vincent. Eu posso tomar o lugar dela.

Arqueio a sobancelha, irritado.

— Se chama ela de cadela qualquer, você quer ser a cadela qualquer, então? — Marie engole a seco, deslizando para perto, mas eu me levanto. — Isla, mesmo nutrindo sentimentos que ela sabe que não serão correspondidos por mim, é alguém que eu conheço há muito tempo, entendeu? O que ela faz ou não com outros homens, não é da minha conta. Ela é dona de si mesma, Marie. Ela faz o que quiser e ponto final. Pare de apontar dedo para outras mulheres, é feio. Deveria estar do lado dela e não a chamando de “cadela qualquer” só porque ela está dormindo comigo.

Isla aparece, usando uma camisa minha, e se encosta na parede.

O que diabos eu fiz com a minha vida?

Marie fica mais furiosa do que antes.

— Tudo bem, Vince? Vamos voltar para a cama... — Isla pede.

— Pode ir, eu vou logo atrás.

Ela fita Marie, mas volta como eu pedi para que fizesse.

Quando viro para pedir que saia da minha casa, Marie me beija. Ela é

frenética como sempre, como se estivesse drogada ou algo do tipo. É assustador, na minha opinião. Tento me afastar, segurando as suas mãos pegajosas que se esgueiram por meu quadril e escapo. Seus olhos mudam de furiosos para pidões. Quando eu digo que ela é assustadora, é isso que eu quero dizer: sua atitude muda da água para o vinho em segundos.

— Você viaja mais tarde, Vincent... Vamos aproveitar sua última hora aqui, vamos? Por favor...

Eu solto Marie, porque ela faz força para se soltar e eu tenho medo de machucá-la, mas também não a quero me tocando.

— Não se humilhe dessa forma, nem eu, nem qualquer outro homem, somos dignos desse tipo de atitude, nunca. — Ela realmente faz com que eu me sinta mal. — Vá para casa, acabamos por aqui e pelos próximos três meses, pelo menos. Estou de férias, não quero mais estresse na minha cabeça, Marie. Por favor, apenas se cuide.

Marie engole outra vez a seco.

Ela se recompõe em poucos segundos e passa por mim, sem dizer nada, e sai, batendo a porta com força. Puxo uma respiração profunda, passando os dedos pelo cabelo e tentando relaxar.

— Ela é louca — Isla diz, do nada.

Viro-me para ela, que se aproxima de mim rapidamente.

— Você estava escutando?

— Sim, e ela realmente é louca, não estou brincando. Se você vem com toda essa bagagem, aproveito para tirar aqui, nesse exato momento, o meu cavalinho da chuva.

Não consigo não rir de Isla.

— Já devia ter tirado esse cavalo há muito tempo, sabe disso. — Pisco

para ela, que fecha a distância entre nós dois. — Você é boa. Durante esses anos cresceu muito e eu acredito que vá encontrar alguém que seja perfeito para você, só tem que me tirar da sua cabeça e vai perceber as coisas ao seu redor.

— E enquanto isso não acontece?

— Você tem as próximas horas para aproveitar, porque eu vou voltar para Pittsburgh e serei apenas da minha família.

Isla faz um bico, mas ela parece concordar, o que me alivia.

Voltamos para o quarto, mas não fazemos nada disso, apenas nos aquietamos na cama. Marie é quem não sai da minha cabeça. Ela sabe como marcar uma pessoa e eu não estou falando isso de uma forma boa. A sua atitude, as suas palavras e principalmente os seus olhares são assustadores.

Pego o meu celular, enviando brevemente uma mensagem para a minha irmã.

É muito cedo ainda, só viajo à tarde, quase noite, mas me apresso em avisá-la.

Quem volta a me visitar é *ela*.

Quando eu vou parar de pensar nela dessa forma? Não sei, de verdade, mas agora que eu estou voltando vai ser ainda mais difícil.

Porra, eu estou ansioso para vê-la de perto depois de tanto tempo.

Aurora não é mais uma simples menina ferida e quebrada, eu posso sentir isso, e essa antecipação é o que mal me fez dormir ou pensar em outra coisa além dela. Ela fica na minha cabeça e nunca me deixa sozinho, me persegue e me assombra — e eu não falo isso de uma forma ruim, só falo para deixar claro que ela nunca me deixou durante esses quatro anos e meio.

Navego por minhas mensagens, vendo o seu nome ali. Eu abro a janela,

vendo todas as palavras que escrevemos um para o outro e que eu nunca tive coragem de apagar... A sua última mensagem, anos atrás, me parabenizando por tudo. Isso me acerta em cheio.

Como não ser quebrado por sua doçura?

Tenho tanta coisa para dizer para Aurora, mas a distância não vai me ajudar nisso.

Sorte a minha que estou voltando para casa.

25

“Cansei de me odiar por ter sentimentos, cansei de ficar chorando acordada. Preciso sair e começar a me curar, mas quando você se mexe desse jeito, eu só quero ficar.”

“How Do You Sleep?” — Sam Smith

Aurora
Lyon Collins

Tentei de todas as formas possíveis bloquear essa informação da minha cabeça. Eu realmente juro que tentei, mas a cada segundo que passava o meu corpo não respondia nem mesmo ao meu comando. Minhas pernas passaram mais da metade do dia balançando, quando não, eu estava andando de um lado para o outro. Lá no fundo, por mais que eu dissesse para mim mesma que não era importante, lá eu sabia que era sim. Não pelo fato de nos reaproximarmos, mas por saber que ele é da "família".

— Você não quer estar perto dele? — Keela pergunta, enquanto Caitlyn e Megan conversam com Dom sobre alguma coisa que não faço a mínima ideia do que seja

Ela parece ler a minha mente.

— Está tão na cara assim? — questiono de volta, bebericando o meu chocolate quente.

— Parece inquieta, como se estivesse louca para sair correndo por aí. — Sorri de lado e nos fitamos em puro entendimento.

Keela também está assim. Ela sabe que Hunter vem junto e o que aconteceu com eles, eu nunca fiquei sabendo. Não quero perturbar Keela, mas ela sabe que se quiser desabafar sobre algo, sempre pode contar comigo.

— Ele não me quis por perto, por que eu iria querer tê-lo perto de mim? — sussurro de volta, pegando um pedaço do cookie de Dom, porque o meu eu já acabei inteiro.

Eu, Dom, Keela, Caitlyn e Megan resolvemos sair, para variar um pouco. Quando nos encontramos é geralmente lá em casa, mas com Gia e Ian preparando tudo para Vincent, eu preferi não ficar por lá para não me meter e escutar mais que o necessário, ou mesmo atrapalhá-los em seus afazeres. Keela passou para me buscar quando nós decidimos nos encontrar e Dom

buscou as nossas outras amigas, e cá estamos nós cinco.

— Justo — Keela responde. — Se quiser ir dormir lá em casa, podemos dividir a minha cama. — Pisca para mim e eu concordo, sorrindo.

Ainda não sei o que fazer ao certo, mas mais tarde eu decido.

O telefone de Keela toca e ela parece falar com o seu pai. Minha amiga se levanta e se afasta, procurando um pouco de privacidade para falar com ele.

— Vai comer tudo? — Dom pergunta, quando eu pego, sem nem perceber, o resto do seu cookie. Minhas bochechas queimam e eu tento devolver, mas ele se apressa, rindo, colocando a sua mão sobre a minha. — Eu estou brincando, Aurora. Pode comer, eu não gosto muito, se quiser mais é só falar que a gente pede.

Me sinto mortificada, mas eu encho a boca, para me impedir de falar qualquer besteira.

Caitlyn e Megan estão nos encarando, sobrancelha arqueada e sorrisinhos, tudo isso.

— O que foi? — questiono, de boca cheia mesma.

— Alguém já disse que vocês dois parecem um casal ou somos as primeiras? — Meg pergunta e eu, agora sim, sinto a necessidade de cavar um buraco no chão e me enfiar nele.

— Ninguém nunca disse, mas é legal que achem isso, vai que eu tenho alguma chance...

Nós três encaramos Dominic, que parece tranquilo, como se não tivesse falado nada insinuativo.

— Garoto? — Caitlyn diz, botando as mãos na cintura.

Eu bebo meu chocolate, tentando limpar minha garganta e minha boca cheias de biscoito. Não consigo parar de olhar para Dominic e a súbita lembrança do nosso beijo acidental queima em meus olhos, me fazendo sentir ainda mais vergonha. O que Maureen disse me faz lembrar da responsabilidade emocional que eu tenho com o meu amigo. Se eu não quero nada, não posso enganá-lo. Longe de mim.

— Dominic é brincalhão assim mesmo — digo, colocando a mão em cima da dele. — Não é, Dom? — Arqueio uma das sobrancelhas e ele sorri.

Seu sorriso é tão bonito que eu esqueço o resto por alguns poucos segundos. Mas, então, lembro-me *dele*, que nunca sai da minha cabeça, e isso me deixa um pouco mal.

— Se você está dizendo. Podemos conversar lá fora? — Dominic pergunta.

Dou de ombros, olhando para Megan e Caitlyn.

— Esqueci meu cachecol com Maureen ontem, você pode me levar lá rapidinho também?

Dominic concorda e nós falamos para Megan e Caitlyn avisarem Keela que vamos sair, mas que se ainda for para nos encontrarmos, para elas enviarem mensagem para mim ou Dom. Ele me guia até o seu carro e abre a porta como sempre o faz, esperando-me entrar e me acomodar para fazer o mesmo. Assim que partimos, junto as minhas mãos no meu colo, torcendo os meus dedos, nervosa.

— Vai me colocar na *friend zone* pra sempre? — ele pergunta, seu tom brincalhão como usualmente fala comigo.

Não sei o que falar.

Na verdade, eu sei, mas não quero magoá-lo.

— Dom...

— Estou zoando, Aurora. — Ele ri, parecendo sem graça. — Eu sei que não gosta de mim dessa forma.

— Pode encostar o carro um pouquinho? — questiono e ele acena positivamente.

Assim que entramos na rua mais próxima, Dom encontra um lugar para estacionar. Viro-me para ele, soltando o cinto de segurança e correndo os dedos por meu cabelo.

— Eu gosto muito de você. Muito mesmo. Você não faz ideia do quão importante foi para o meu crescimento pessoal, você e eu nos conhecemos em um momento em que eu precisava ampliar o meu convívio social para me tornar uma mulher mais forte, mais dona de mim, e foi tão importante, é tão importante para mim. Meu passado me machucou muito, eu tenho muita coisa que não consigo compartilhar com ninguém, Dom, e essas coisas me fecham para relacionamentos amorosos. — Seguro a sua mão, precisando que ele me entenda. — Estou curando, curando de tantas coisas e eu não me sinto preparada para dar esse passo, eu sinto que poderia prejudicar tudo que vim consertando. Então, não, eu não gosto de você dessa forma, mas se eu fosse escolher, seria você. Se eu pudesse escolher, Dom, não pensaria duas vezes antes de escolhê-lo. Você me ajudou tanto, eu amo muito você por isso, é o meu melhor amigo, mas..., mas nós somos apenas amigos e eu não quero estragar isso.

Ele aperta a minha mão, se aproximando. Eu quero me afastar, mas eu não afasto. Eu o encaro.

— Sempre foi difícil demais esconder que gostava de você um pouquinho a mais. O que eu faço com isso, Aurora? — sussurra.

Eu posso sentir a dor no fundo das suas palavras.

Não sei o que responder.

— Você já se apaixonou? — continua pegando-me de surpresa.

— Sim — resmungo.

Com certeza.

— E o que aconteceu? — questiona.

— Não... não sou suficiente.

— O quê?

— Eu não sou suficiente, não sou limpa o suficiente para isso, sabe? E ele era mais velho, quando me apaixonei, ele era muito mais velho. Não podíamos e ele nunca iria ter esse tipo de sentimento por mim. Eu sou tão quebrada, Dom. *Você* não pode ter esses sentimentos por *mim*.

— Você não pode pensar assim, Aurora. — Sobe uma mão até o meu rosto, enquanto continuo segurando a sua outra mão com as minhas. — Você é bonita, inteligente, doce e suficiente. Não faço ideia do que passou, do que estava passando quando nos conhecemos, mas eu sempre percebi que a carga que carrega consigo mesma é grande. Você não precisa carregar isso sozinha. Eu sou seu amigo. Eu estou aqui, sempre vou estar. Gostando um pouco mais ou não, eu sempre vou te ouvir. — Eu aceno positivamente, concordando com ele. — Droga, você é linda, Aurora. Não tem como fechar os olhos para mim. Qualquer um se apaixona por você, por seu jeito, por seu coração.

Minhas bochechas esquentam e eu suspiro.

— E qualquer uma se apaixona por você.

— *Menos você...*

Eu me inclino, soltando a sua mão e o abraçando forte. Beijo a bochecha de Dom, apertando o seu corpo contra o meu e respirando fundo.

— Você é importante para mim, Dom. Nunca pense o contrário. Se pudesse, eu disse e repito, escolheria você de olhos fechados — sussurro, perto do seu ouvido.

Ficamos um tempo só desse jeito e quando me afasto, eu o encaro ainda bem de perto.

— Quer ficar o resto do dia comigo? — pergunto e ele sorri de lado.

— Tem algum plano? — retruca.

— O irmão de Gia está chegando hoje, mais tarde, então queria ficar um pouco fora antes de ir encontrá-los em uma pizzeria, que foi o que ela combinou comigo. Você pode me levar lá também, não é?

— Deus, como você é folgada! — exclama e nós rimos.

— Desculpa, Dom, mas eu gosto quando você é meu motorista, tudo bem? Me julgue!

Ele sorri e nos endireitamos nos nossos lugares.

— Eu te levo sim, linda. Não se preocupe. Enquanto isso, podemos assistir série e passar em algum lugar para comprarmos comida — sugere ligando o carro e dando partida outra vez.

— Você só pensa em comida, meu Deus. Para onde vai isso tudo?!

— Olha quem fala — se defende.

Realmente.

Eu e Dominic somos os quem mais comemos do nosso "grupo" e simplesmente não engordamos. Não reclamo, porque gosto de como sou, então só aproveito para comer mais.

— Vamos seguir o seu plano, mas só depois de passarmos na Maureen.

Ele concorda e é isso que fazemos pelas próximas horas em que eu,

surpreendentemente, ou não, não penso em Vincent nem mesmo por um minuto.



A hora chegou.

Já são oito da noite e eu acabei de escovar os dentes com uma escova que Dominic arrumou para mim. Ele disse que guardaria, caso eu voltasse em sua casa e precisasse de novo. Meu corpo ficou literalmente uma pilha quando eu recebi a mensagem de Georgia, seguida de uma ligação de Ian. Eles já estavam me esperando no aeroporto, porque, na verdade, decidiram que deveríamos buscar Vincent lá.

Sinceramente, eu nutro o maior respeito desse mundo por Georgia e Ian, mas não queria participar desse "circo" todo. Eu o faço apenas por causa deles. Mas por causa *dele*? Não, ele não merece nem um pouco. Depois de tudo que aconteceu, quero distância de Vincent tanto quanto ele quis de mim e se vamos conviver minimamente perto, só faço em respeito a Gia e Ian. Mas eu preciso ir e, droga, eu não queria. Prefiro ficar com Dominic, mas infelizmente eu não tenho uma escolha para esse caso. Georgia precisa de mim lá e como ela sempre esteve para mim, eu sempre que estar para ela.

Dom e eu saímos e está muito, muito frio. Meu casaco não é nem um pouco capaz de me aquecer, então antes disso, ele traz um casaco extra dele para mim, bem grande e fofinho. Passamos o caminho inteiro escutando música e cantando como dois adolescentes, mas somos muito desafinados, nem dá para aproveitar o nosso "talento".

Ficamos presos no trânsito, mas eu não me incomodei até Gia me ligar.

Desde então, fiquei apressando Dominic, enquanto ele tentava me acalmar.

— O irmão de Gia não é aquele corredor famoso?! — pergunta, como se subitamente tivesse descoberto algo importante.

— Tem tantos corredores de carro famosos...

— Vincent, não é? — continua.

— Sim, ele mesmo.

— Porra... Ele é muito bom. Já vi algumas corridas na televisão e o cara tem talento.

— Tem sim, temos que admitir que talento ele tem — digo simples.

— E vocês já se conhecem?

Eu não gosto de ficar falando sobre Vincent com os outros, só Maureen.

— Brevemente, antes de ele se mudar a gente conviveu um pouco.

— Entendi...

Dom fica em silêncio, provavelmente percebendo que eu não quero falar sobre o assunto. Minutos depois, voltamos a cantar juntos e nos divertir em meio ao trânsito. Se não tem como fugir disso, que pelo menos não morramos entediados nesse trânsito infernal.

Quando chegamos no aeroporto, já estamos atrasados por vinte minutos. Saio do carro com Dominic, que pega o casaco dele que vai me emprestar e me ajuda a vestir. Eu enrolo o cachecol que peguei com Maureen em meu pescoço, enquanto Dom arruma o casaco em meu corpo como se eu fosse uma boneca. Nós rimos, enquanto meu corpo sacode pra lá e pra cá.

É realmente uma situação divertida e eu não consigo parar de rir.

Pareço um boneco inflável de posto de abastecimento.

— Pronto, você está maravilhosa agora.

Beija a ponta do meu nariz, enquanto o vento frio corta entre nós dois.

— Se não fosse por você, eu juro que estaria congelada como o Jack de Titanic.

— Aurora? Dom? — É Gia.

Nós dois viramos a cabeça para a direção do som da sua voz, mas tem mais gente.

Georgia. Ian. Hunter. Vincent. E uma loira desconhecida que me fita como se estivesse entretida.

Mas ele está ali.

Logo ali.

Tão perto.

Diferente de quando nos conhecemos, mas, ao mesmo tempo, igual. Era como se nada tivesse mudado, porque o seu rosto ainda é como eu consigo me lembrar. O mesmo rosto que estive nos meus sonhos mais felizes. Seus olhos brilhantes e marcantes, a boca cheia e avermelhada, seu corpo grande, forte. Ele está no auge da sua beleza e eu não procuro por nada dele há tanto tempo que é como se ele tivesse vindo só para me pisar com toda a sua aparência perfeita.

Contudo, lembro-me de como ele me largou.

Não fico feliz. Não quero lhe dar oi.

Vincent foi a definição de "escroto" comigo.

— Oi, nós chegamos! — Dom levanta a mão, acenando e se vira para

mim. — Eu acho que eles não estão muito contentes — sussurra.

Seguro a sua mão e o puxo junto de mim.

Dom é o único que vai me fazer passar por isso sem querer sair correndo para longe. Meus passos são largos e eu só desejo acabar com essa noite logo, em um estalar de dedos, mas eu sei que nada é tão fácil para mim.

— Oi, gente. Nos atrasamos porque, como eu disse, trânsito — falo encarando Gia e Ian.

Ian está de braços cruzados e olhos semicerrados para Dom. Até penso em lhe dizer para deixar a pose de "papai" para depois, mas eu não me incomodo.

— Aurorinha... — Hunter é o primeiro a abrir a boca.

Estou chateada com ele, não por mim, mas por Keela. Ele também fez alguma merda para a minha melhor amiga e isso me enfurece. Contanto, eu me controlo. Sempre fui muito controlada, então colocar o sorriso falso nos lábios e fingir que está tudo bem para os dois na minha frente não é difícil.

— Hunter, quanto tempo — digo, sorrindo tão largo que sinto os cantos da minha boca doerem.

— Menina, você cresceu... quer dizer, você já é uma mulher! — Ele se aproxima de mim, mas não se decide se vai me encarar ou encarar Dom. — Vai um abraço? — pergunta.

Dou uma risada baixa, soltando Dominic e abraçando Hunter bem rápido. Ele me sacode e eu tenho que socar as suas costelas pela brincadeira fora de hora.

— Quando eu souber o que fez para a minha melhor amiga, eu vou te fazer comer o pão que o diabo amassou e me certificar de que não vai chegar perto dela com tanta facilidade — sussurro, antes de soltá-lo com o sorriso

mais bonito que eu tenho.

Hunter me encara, os olhos levemente arregalados, como se estivesse surpreso de ter sido ameaçado por mim.

— Realmente cresceu — ele resmunga.

— Bom te ver também.

E então, Vincent.

Não quero me aproximar dele, mas tenho que fazer isso.

— *Bela...* — sussurra.

Bela, não.

Droga.

— Vincent. Tudo bem? — pergunto, estendendo a mão para ele.

Ele estende de volta e o seu toque me deixa desconcertada. Seus dedos tão fortes e quentes, a palma macia. Sua mão é tão boa e eu jurava que já tinha esquecido de todas às vezes que ele tocou o meu rosto, ou a minha mão, mas é tão familiar que eu não sei o que falar por um momento.

— Tudo bem e com você?

— Bem.

Puxo a minha mão da sua e dou um passo para trás. Dom me segura pela cintura, porque eu quase tropeço em seu pé, e os meus olhos simplesmente não me obedecem mais. Eu encaro Vincent e ele não deixa de me encarar de volta, nem de encarar Dominic.

— Essa é minha prima, Marie.

Com dificuldade divido a minha atenção para encarar a mulher loira.

Ela me avalia. Seu olhar é quente, como se estivesse me queimando viva, eu juro. Me sinto muito desconfortável em sua presença.

— Eu sou Aurora — digo a ela.

— Marie.

Isso é tudo que ela diz, mas eu não insisto, afinal, nem queria estar aqui.

— Você pode ir com Dom, querida? Não sabíamos de Marie, então ela vai com os meninos atrás em meu carro.

Eu concordo.

Meu Deus, sim.

— Sem problema.

Assim nós seguimos nosso caminho.

Não apresento Dominic a eles, só puxo ele comigo de novo até o carro e entro, tremendo dos pés à cabeça. Tento controlar a minha respiração e consigo só depois que Dom já está dirigindo outra vez.

— Você está bem? — ele pergunta calmo, contido, e isso é o que me faz ir me acalmando.

— Sim, Dom. Obrigada por ficar comigo.

Ele concorda e eu não consigo falar mais nada pelo resto do caminho. Lhe passo o endereço que Gia mandou para mim, da pizzeria, mas não me sinto bem. Nós chegamos no estabelecimento rápido, mas eles são mais rápidos e já estão lá. Quando saio do carro, só tenho tempo de ver a mulher loira, Marie, prima de Hunter, entrando em um táxi, mas não antes de me dar uma olhada.

— Gia — eu a chamo, baixinho.

Ela se aproxima, preocupada.

— Tudo bem, Aurora?

— Se importa se eu for para casa? Não estou me sentindo bem, acho que preciso descansar.

Ela parece alarmada.

— Dom vai te levar? Quer que eu vá com você? O que está sentindo?

— Calma — me apresso em dizer. — É só um mal-estar, nada que um analgésico para a cabeça não resolva. Sinto que só preciso dormir.

E então ela concorda.

Me despeço dela e de Ian, debaixo do olhar avaliativo de Hunter e Vincent, e os deixo novamente. Dom está me esperando dentro do carro, pois antes de sair lhe pedir para me esperar, porque não estava bem.

Seguimos em silêncio para casa. Minha cabeça está a mil. Meu corpo ferve.

E eu só consigo pensar nele.

— Você não quer que eu fique? — Dom pergunta, assim que estaciona.

— Não precisa. — Sorrio, tirando o seu casaco e o fitando. — Pode ir tranquilo, eu vou ficar bem. Quando chegar em casa, me manda mensagem, se eu ainda estiver acordada, conversamos um pouco mais.

Ele concorda.

Me inclino e beijo sua bochecha.

— Obrigada por hoje. Me mostrou mais uma vez o motivo pelo qual você é o melhor.

— Obrigado você, Aurora.

Ele beija minha bochecha e me deixa sair.

Pego a minha bolsa do banco de trás e deixo Dominic. Ele deixa a janela baixa, para me ver entrar dentro de casa. Acho as minhas chaves com

dificuldade, abrindo a porta e inspirando o ar quente e familiar do interior do meu lar. Eu procuro o interruptor para ligar a luz, mas não entendo mais nada.

Sou pega por trás.

Meu corpo inteiro treme quando abro a boca para gritar e tento lutar. O som ainda sai, mas eu não consigo lutar contra todo o resto. Um pano com alguma substância é colocado em meu nariz e boca. O que já é escuro, se torna ainda mais escuro, e eu simplesmente não sei o que está acontecendo. Meus piores pesadelos parecem voltar e eu não consigo controlar o pânico de se espalhar por todo o meu corpo.

E então, não lembro de nada.

Apenas apago.

26

“Todas as minhas cicatrizes estão abertas.”

“Impossible” — James Arthur

Aurora
Lyon Collins

Meu corpo é balançado freneticamente, enquanto escuto a sua voz lá de longe, chamando o meu nome em puro desespero. Luto contra os meus sentidos, forçando os meus olhos a abrirem. É complicado, a minha cabeça está tão pesada e eu estou tão perdida. O cheiro forte de álcool me faz voltar a mim mesma mais rápido.

É Dom.

Suspiro, aliviada.

Seus olhos acinzentados assustados me fitam, passando toda a sua preocupação, enquanto ele segura o telefone ao pé do seu ouvido. Não sei com quem ele está falando, mas creio que está pedindo ajuda. O calafrio perpassa por meu corpo, por toda a minha espinha e eu sinto o meu corpo tremer com a sensação. Eu nunca mais tinha sentido algo desse tipo: o terror, o desespero, a impossibilidade de fazer qualquer coisa para me salvar. Ainda sou tão fraca e frágil, mas, ao mesmo tempo, não é a mesma coisa.

"Não é a mesma coisa, Aurora", lá no fundo eu sinto a necessidade de ficar repetindo isso para mim mesma.

— Aurora? — Dom me chama repetidas vezes, mas o meu corpo está petrificado, minha boca também, não consigo me mover nem falar absolutamente nada. — Eu liguei para Gia e Ian, eles estão vindo para cá imediatamente. Os vizinhos estão lá na frente, disseram que ficariam para não me deixarem sozinho aqui com você, pois talvez poderiam voltar.

Tento absorver as palavras de Dom.

Eles morreram.

Eu tenho certeza que sim.

Os meus tios morreram anos atrás.

Eles queimaram como mereciam.

Eu não posso acreditar que o inferno vai me perseguir até agora.

Eu não posso acreditar que isso está acontecendo comigo.

Mas...

E se eles não morreram?

Eu não sei.

Eu não vi seus corpos sem vida, só sei que queimaram.

Não fui ao enterro daqueles monstros.

O medo se espalha pela simples cogitação irreal de que talvez eles possam estar vivos.

Aquelas mãos ásperas, o cheiro, a pessoa que me pegou. Eu não o vi, mas pude sentir toda a podridão. Ele me conhecia, disso eu tenho certeza. Agora, o que a pessoa quer comigo? Eu não sei, mas isso despertou e empurrou muitos gatilhos que eu vinha tentando manter quietos e controlados.

— Gia... — sussurro.

Eu quero muito Gia aqui comigo.

— Ela está vindo, Aurora — Dom retruca, no mesmo tom, passando a sua mão pelo meu cabelo.

Eu me afasto.

Arrasto-me para longe, tentando relaxar o meu corpo, ao mesmo tempo em que estou completamente endurecida pela sensação e pelas lembranças. Todo aquele horror que eu fiz questão de colocar em uma parte intocável da minha memória vem como um lembrete das atrocidades que eu sofri nas mãos dos monstros que me "criaram".

Controlo a minha respiração aos poucos e arrasto-me de volta para Dom.

Seguro a sua mão e ele não se move, talvez com medo de que eu me afaste novamente.

— Você viu? — questiono, bem baixo.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Tudo que ouvi e vi foram os seus gritos, antes de entrar no carro, e as duas sombras se debatendo pela janela da sua casa. Você e outra pessoa. Provavelmente um homem, Aurora, grande. Ele te deixou quando me ouviu gritar por ajuda e vir atrás de você aqui dentro. Saiu pelos fundos que, provavelmente, foi por onde entrou. Já chequei tudo com o Sr. Jude, o vizinho do lado direito, já que os pais da Gia parecem não estar em casa para ajudar.

— Também nem sei se ajudariam se estivessem...

Não me sinto bem-vinda por eles, nunca me senti. A mãe de Gia foi quem me tratou um pouco melhor, mas o seu pai nem olha direito na minha cara.

— Não sei se têm câmeras de segurança por perto, mas podemos checar depois pelo lugar.

Concordo com Dom.

Estou aliviada de que ele está aqui.

Se não fosse por ele talvez algo muito pior teria acontecido comigo.

Nós dois ficamos em silêncio por longos segundos. Eu, em algum momento, abraço Dominic, descansando o meu corpo contra o dele e tentando bloquear o pior da minha cabeça.

Gia e Ian chegam minutos depois. Acompanhados de Vincent, é claro.

Eu levanto, correndo até Gia e a abraçando muito forte. Sinto uma imensa vontade de chorar, mas me controlo para não causar pânico. Estou bem. Estou bem. Eu vou ficar bem. Gia está aqui, Ian também e Dom me salvou. Eu estou bem.

— Querida, o-o que...

— Agora está tudo bem. — Dom se levanta e vem em nossa direção.

Os olhos de Gia estão cheios de lágrimas quando nos afastamos. Ela beija o meu rosto repetidas vezes, emotiva demais, assim como eu estou.

— O que houve, Aurora? — Ian pergunta, se aproximando também.

— Um cara... ou, eu não... eu não sei... alguém me pegou quando eu entrei em casa e eu tentei lutar, mas eu não consegui. — Minhas mãos tremem e minha respiração acelera. — Eu tentei, Gia. Eu juro.

— Mas eu ajudei, Aurora — Dom diz, cortando como uma forma de me fazer parar de falar sobre isso. Ele está tentando me proteger. — Ela está bem, fiquei aqui por todo tempo.

Ian vira para Dom e estica a mão para ele.

— Obrigado por proteger a nossa Aurora. Não sei o que faria se alguém tivesse machucado ela outra vez.

Suspiro baixinho, abraçando Gia mais forte.

Vincent é o único que fica de lado, mas eu não me sinto culpada por isso.

Nós três conversamos por mais um pouco, até Dom se despedir de nós. Eu o abracei bem forte e o agradei por não ter saído do meu lado por momento nenhum. Dom disse que não foi nada e, mais uma vez, foi pura

generosidade da sua parte.

Gia e Ian ficaram comigo na sala por longos minutos. Ian diz que vai providenciar tudo, depois do que Dom contou, trocar as fechaduras de todos os cômodos amanhã mesmo e que hoje, se quisesse, até poderia levar um colchão para o quarto dele e de Gia. Foi extremamente atencioso da sua parte, mas só de saber que estavam comigo eu já ficava tranquila.

Gia foi arrumar a sala de jantar e pedir pizza, enquanto isso ela me pediu para ajudar Vincent a se instalar na sala. Eu disse que ajudaria, até porque preciso de algo para me distrair. O horror ainda corre pelo ambiente e eu só desejo esquecer tudo de uma vez por todas.

Fui pegar o colchão com a bomba para encher. Quando voltei Vincent ainda estava encostado no mesmo lugar. Tento não me afetar com o seu olhar e começo a empurrar a mesa de centro para o lado, procurando espaço para colocar o seu colchão.

Ele continua me encarando, como se nada fosse mais importante a ser feito.

— Vai me ajudar ou não? — questiono, revirando os olhos. — Não é porque você é rico e famoso e tudo que sempre sonhou que eu vou virar sua empregada e arrumar o seu canto sozinha.

Vincent ri, aproximando-se de mim.

— Eu nunca disse que deveria arrumar sozinha, na verdade, não pedi que o fizesse. Tenho mãos funcionando para arrumar o meu canto sozinho.

— Mas Gia disse para eu te ajudar enquanto ela arruma o jantar — retruco.

— Gia pediu, eu não.

Touché.

— Então se vira sozinho. Além de mal-educado, ainda é ingrato.

Eu não daria o braço a torcer.

Dou-lhe as costas e começo a fazer o meu caminho até a cozinha, mas ele me segura quando vou passando pelo pé da escada.

— Não precisa ir, Aurora.

O seu toque queima em meu braço e eu me odeio por sentir isso.

— Você disse que não precisa da minha ajuda.

— Eu disse que não deveria arrumar sozinha, já que estava reclamando tanto. Tudo bem que talvez o que eu tenha falado possa ter dado a entender que eu não a queria me ajudando, mas sua ajuda é bem-vinda, sua presença também. — Puxo o meu braço, não incomodada, mas... inquieta. — Vai ficar? — pergunta.

— Tudo bem... — resmungo porque sei que estava reagindo a mais da conta, mas reencontrar Vincent e ser atacada nessa mesma noite é demais para mim. — Você arruma e eu fico sentada descansando, já que *agora* a minha presença é bem-vinda.

Sou irônica.

O que eu posso fazer? É bem mais forte do que eu.

Ele ri baixo e eu desvio os nossos olhares, apanhando o controle da televisão no cômodo e ligando. Não quero ficar encarando Vincent, por mais que a simples presença dele já me deixe aflita para fazer isso. Ele só vai me magoar, eu sei disso, mas a mesma parte irracional que eu tinha anos atrás, vem empurrando a tampa para cima, tentando escapar. Contudo, eu estou e eu sou mais forte. Eu consigo resistir. Eu sempre consegui resistir a tudo que fosse me machucar, sempre ignorei a dor e sempre busquei o melhor para mim.

— Agora? — ele pergunta, depois de um tempo.

— Mhmm... — resmungo, positivamente, mas ainda sem tentar lhe dar tanta atenção.

— Você mudou, Aurora — conclui, ou pelo menos é o que parece.

— Esperava me ver parada no tempo? As pessoas têm que mudar por si mesmas, para buscar o melhor para elas. Aquele não era o meu melhor, então, se falou isso de uma forma negativa, eu sinto muito, mas devo te contar que mudei para melhor, melhor para mim.

Ele balança a cabeça positivamente.

— De novo colocando palavras na minha boca. — Vincent se aproxima e senta ao meu lado. — Vejo que mudou e mudou para melhor, nunca pensei o contrário e, sim, sempre estive certo de que seria capaz de fazer isso por si mesma. É a pessoa mais forte que eu conheço, Aurora. Sempre foi. — Viro para encará-lo. Seus olhos são sinceros, assim como as palavras que saem de sua boca, mas eu ainda estou tão magoada com ele e por ele, que não quero lhe dar nenhum espaço para se infiltrar em meus sentidos novamente. — Você está bem? — pergunta.

Engulo a seco.

Não estou, não mesmo, mas eu vou ficar.

— Estou melhor agora que Gia e Ian chegaram.

Isso é verdade.

— Consegue se lembrar do que aconteceu ou prefere não falar sobre isso? — questiona, parecendo interessado. Observo a sua postura, como ele parece tenso, como a sua feição mais marcada e adulta tem traços firmes e que, com o assunto, parecem mais marcados do que nunca. Os punhos cerrados, o maxilar preso, os olhos ligados. — Eu quero ajudar, se você

deixar.

— Não conseguiria, Vincent. — Eu sou extremamente sincera. — Não me lembro de muito e o que eu lembro é... é só... eu não sei explicar, tudo bem? É só uma sensação familiar, mas eu sei o motivo pelo qual sinto que é familiar. Eu não gosto de pensar sobre isso, por mais que esteja abalada até agora.

Ele concorda silenciosamente.

— Não gosta de pensar por que se trata sobre o seu passado?

Eu concordo da mesma forma que ele o fez segundos antes.

— Tudo bem — diz. — Mas caso precise, não hesite em me chamar.

Eu chamaria outras pessoas antes de Vincent, como, por exemplo, Dominic, mas concordo. Talvez ele esteja em minhas últimas opções.

— Arruma as suas coisas logo...

Ele se levanta e vai até o colchão inflável.

Gia e Ian estão reformando o quarto de hóspedes que costumava ser, na verdade, o quarto de Vincent. Ultimamente os dois têm conversado comigo sobre adotar um bebê. Provavelmente já conversam sobre isso há um tempo, mas só agora vieram a tocar sobre o assunto comigo. Eu fiquei animada e os incentivei sobre isso. Sinto que é algo que Gia quer muito, por mais que eu já esteja em sua vida. Só que comigo é um pouco diferente e os dois sabem disso.

— Aquele cara é seu namorado? — Vincent pergunta, do nada, cortando os meus pensamentos sobre Gia, Ian e bebês.

— Meu melhor amigo.

— Não parecia.

Reviro os olhos.

— Mas é, Vincent.

— Vai continuar me chamando de Vincent? Pode me chamar de Vince.

— Eu mal te conheço, *Vincent*.

Ele sorri como se estivesse altamente divertido e isso me irrita muito.

— Tudo bem, Aurora. Me chame do que desejar.

Idiota, babaca, escroto...

Isso seria só o começo, mas eu não vou dar esse gosto para ele. Por mais que a expectativa versus realidade tenha sido diferente, eu não vou deixar que ele saiba disso. Olhar Vincent e achar que eu estaria indiferente foi uma bobeira. Ele já me afetava antes de nos conhecermos, imagine agora, que nos conhecemos, mesmo que não muito. Ainda assim, antes eu sentia que podia confiar nele, mas agora nem isso. Depois dele ter me deixado para trás, ter deixado a nossa amizade para trás, nada me dá a garantia de que ele não vá repetir o feito. Vincent vai ficar aqui só por hoje ou talvez amanhã, daqui uns meses ele volta para o seu mundo e eu fico aqui, buscando sanar sozinha as minhas necessidades e vencer minhas batalhas dia após dia. Não preciso dele e não posso cometer o erro em me deixar precisar de sua presença outra vez como garantia do meu bem-estar e do meu sorriso.

Gia e Ian chegam para nos chamar para jantar. Vincent decide terminar depois e nós vamos para a sala de jantar. Sento-me ao lado de Gia, enquanto o seu olhar vem para mim a cada dois segundos. Sei que ela está preocupada, eu também estou, para ser sincera.

Não sei se vou conseguir dormir hoje, mas eu vou tentar.

Não posso afundar outra vez.

Não posso me permitir deixar os demônios me fazerem refém como

antes.

Sou forte. Sou capaz de lutar por mim mesma.

Eu vou conseguir continuar a minha caminhada sem temer isso tudo.

Mas antes, preciso saber quem fez isso comigo, quem me conhece a esse ponto e quem quer tanto tirar o meu sossego.

27

“Faz alguns anos desde que tive certeza do que eu quero.”

“Crash” — EDEN

Vincent
Pette Hawk

Ela estava bem ali, na minha frente, mas, ainda assim, sentia como se estivesse tentando segurar areia nas minhas mãos e tudo estivesse escorregando entre os meus dedos. Aquela cena inteira foi como um soco em meu estômago, aquela ligação que Gia recebeu foi como um pesadelo, mas voltar a olhá-la tão perto foi como um sonho. Aurora estava bem. Isso me faz voltar para o momento em que eu a vi pessoalmente pela primeira vez em muitos anos. Sabia mais ou menos como ela estava ficando cada vez mais bonita pelas fotos que Keela postava, mas, inferno, de perto era bem melhor. Era real. Seu rosto bonito estava logo ali na minha frente e eu senti como se estivesse morrendo e alcançando a glória a cada piscar de olhos que dava.

Aurora Lyon Collins fez meu coração espancar o meu peito, como se estivesse querendo me cortar em pedaços para sair e pulsar fora de mim.

Aquele momento foi como se tudo tivesse congelado e um estalo tão simples tivesse acontecido em minha vida. Eu errei. Errei e agora, depois de olhar como ela está, percebo que eu o fiz. Mas as coisas acontecem por uma razão, então não me arrependo completamente. Vê-la com um cara desconhecido foi um pouco irritante. Não que isso seja da minha conta, mas Aurora sempre me pareceu discreta demais ou até mesmo contrária a proximidade demais de qualquer ser humano do sexo masculino. Mas... droga. Ela estava tudo aquilo e mais um pouco. Adorava como ainda costumava usar o cabelo em tranças, como ela era tão pequena.

Nosso jantar foi tranquilo. Eu falei na maioria do tempo, contei histórias, contei sobre as minhas conquistas, contei sobre a minha vida, mas o que eu queria saber mesmo era de Aurora. Os meus olhos não conseguiam fugir da vontade que eu tinha de ficar observando cada detalhe do seu rosto. Desde o seu sorriso discreto, ao sem graça, a então, sua cara de atenção. Por mais que não quisesse, ela pareceu prestar atenção em tudo que eu falava e

isso me fez — secretamente — feliz. Eu estava contente por ter um pouco da sua atenção.

Minha cabeça navega por tudo que vivi desde que voltei para cá.

Suas respostas brilhantes, seu jeito decidido.

Aurora não é mais uma menina, ela é uma mulher e eu tenho orgulho disso. Não a vi crescer de perto, mas observar as suas mudanças em pequenas coisas é valioso.

E, novamente, penso em como errei feio.

Errei muito.

Eu deveria ter mantido o nosso contato. Eu deveria ter continuado a lhe mandar mensagens e responder as suas, embora tudo o que eu sentia.

Como cheguei a essa conclusão em tão pouco tempo?

Aurora fez o meu coração espancar em meu peito.

Isso nunca aconteceu.

Nem quando eu a conheci, nem quando nos aproximamos, nem quando eu tive que a deixar para trás. Nem quando eu fiquei com outras mulheres, ou quando eu pensei que tinha achado alguém, quando jurei a mim mesmo que estava sentindo algo a mais por alguém.

Só agora. Só depois de tudo que passei, de todas as merdas que eu fiz e de tanto vacilar com Aurora. Só agora. A minha burrice espanca a minha cara, mas eu aguento cada instante de tudo isso. Preciso aguentar.

Levanto do colchão, entediado e inquieto.

Não consigo dormir.

Não depois do que aconteceu com ela. Olho para as janelas, para a porta e saio caminhando por toda a casa. Tento perceber se tem algo fora do

lugar, mas está tudo muito quieto. Isso me deixa aliviado. Se eu soubesse que teríamos problemas, teria entrado em contato com os seguranças que trabalham comigo. Quando decidi sair de férias, também decidi que não precisaria dos seus serviços por esse determinado período. Pensei que tudo estaria muito bem, mas logo na primeira noite isso acontece com Aurora.

Admito: no fundo, lá no fundo, estou enfurecido.

Quero descobrir quem quis fazer mal a ela e eu vou trabalhar nisso o mais cedo possível. Sei que Aurora tem problemas, sei por que eu a vi em momentos muito ruins e isso me deixa extremamente inquieto. Se ficar acordado, pode lhe passar mais segurança, mesmo que ela não saiba que eu estou acordado vigiando a casa, então sim, eu vou ficar de olhos bem abertos.

Entro na cozinha e eu sou atacado de forma quase que imediata.

— Meu Deus! — É Aurora.

Ela me bateu com a porra de uma colher no meio da minha testa.

Eu sinto aquele local em específico latejar, segurando a boca para não praguejar.

— O que está fazendo aqui? — resmungo, abrindo os olhos com dificuldade e me situando.

Caminho no escuro até uma cadeira em frente ao balcão e posso senti-la vir logo atrás de mim.

Merda.

— Eu que pergunto! — exclama em um sussurro exasperado. — Você quase me matou de susto, Vincent.

— Estava checando a casa.

Escuto a sua respiração aliviada.

— Você me assustou... — Aurora diz, parecendo mais calma.

— E você me deu uma colherada no meio da testa! — retruco ainda perdido com o que ela fez.

Aurora ri baixinho e eu a procuro no meio da penumbra. A única luz que entra no cômodo é a que passa pelas janelas e porta de vidro. Ela alcança uma tigela sobre o balcão e caminha até mim. Quando está perto o suficiente, Aurora levanta os braços com a tigela, encostando a mesma no lugar em que ela atingiu. Está gelado. Isso alivia um pouco.

— Não imaginei que se importasse.

— Não imaginei que fosse ficar resmungando — replica.

Sorrio de lado.

Esqueci da colherada, tudo que me importa agora é sua língua inteligente.

— Desculpa — resmungo fechando os olhos.

Nós dois ficamos em silêncio, enquanto ela continua de pé na minha frente, no meio das minhas pernas, pressionando levemente a tigela na minha testa. Não sei o que ela estava comendo antes de eu aparecer, mas creio que seja cereal com leite gelado.

— Estava planejando me matar? — questiono voltando a falar e escutando-a bufar, logo em seguida, sentindo o vento do ar que ela solta sobre mim.

Eu realmente vivi apenas para isso: ver Aurora cheia de atitude.

— Não, mas se continuar falando posso dar um jeito nisso.

— Espera que eu fique mudo? — Abro os olhos e ela afasta a tigela por um momento.

Nos encaramos, perto demais.

Seu cheiro invade os meus sentidos e eu juro que queria mais disso, mas não me mexo.

— É o mínimo que pode fazer.

Solto mais uma risada.

— Jesus...

Ficamos calados outra vez e ela volta a pressionar a tigela na minha testa.

Conto de um a dez, depois subo para vinte, trinta, quarenta...

— Você não conseguiu dormir? — Abro a boca mais uma vez, esperando a resposta que vem a seguir.

— Não, Vincent. Eu sou sonâmbula e, inclusive, costumo atacar os outros com colheradas enquanto durmo e ando por aí.

Gargalho, porque eu realmente não consigo segurar o divertimento ao lado dela. Aurora deixa a tigela no balcão, inclinando-se sobre mim para fazer isso. Ela leva as suas mãos até a minha boca, tentando me fazer parar. Eu realmente não consigo me controlar.

— Cala a sua boca, Vincent.

Eu não consigo.

As lágrimas começam a cair e eu posso ver uma sombra de divertimento pelo seu rosto quando isso acontece. Aurora acaba rindo, mas ela não se afasta e nem para pressionar as mãos em minha boca.

Segundos mais tarde, quando eu começo a parar, ela diz:

— Acabou?

Balanço a cabeça, como uma criança, assentindo.

— Se eu já gostava de você antes, agora isso triplicou. Não sabia que estava tão divertida assim, Bela...

Ela parece vacilar, mas se mantém firme aos meus olhos.

— Eu realmente não quero saber a sua opinião sobre mim.

Nós ficamos assim: próximos, nos encarando sem desvios.

Suas atitudes não falham em me deixarem surpreso. Minhas mãos coçam para tocá-la, mas eu sei que não posso fazer isso.

— Tem certeza? — pergunto curioso.

— Sim — responde rápido demais.

Sorrio de lado, assentindo positivamente.

— Pode se afastar um pouco?

Ela parece não acreditar no que peço, mas se afasta.

Deixo Aurora para trás e volto para sala. Eu tenho certeza que ela vem atrás de mim e isso não demora a acontecer. Aurora aparece, parecendo brava, com um saco de gelo nas mãos e a sua tigela na outra. Só agora, deitado, posso vê-la melhor. Ela está usando um short de algodão branco e uma blusa grande, do mesmo material e mesma cor, o que provavelmente é o seu pijama. Eu não demoro muito ao fitá-la, porque tenho medo de deixá-la desconfortável, mas eu o faria se fosse outra pessoa. Olhar não tira pedaço.

— Você só faz as coisas como quer, não é? — reclama sentando em cima do tapete, ao meu lado, na altura do meu ombro.

— O que eu fiz agora? — defendo-me. — Como a minha companhia não parece ser tão bem-vinda por você desde que cheguei, melhor lhe poupar, Aurora.

Eu provoco, com um pouco de verdade, mesmo sabendo que mereço o

tratamento que estou recebendo dela.

— Como fez quando parou de me responder?

Ela é direta.

Eu fico sem saber o que falar por alguns segundos. Eu realmente magoei Aurora com isso e é exatamente isso que faz eu me sentir como uma merda.

— Sinto muito pelo que fiz antes.

Ela revira os olhos, impaciente.

— Não precisa pedir desculpas por algo que agora é insignificante para mim.

Ela pega o meu cobertor mais fino e enrola o saco de gelo, voltando a pressionar algo gelado onde me acertou. Fecho os olhos, respirando fundo.

— Se fosse tão insignificante, não estaria me tratando assim. Você sempre foi doce...

Ela ri, seca.

— Sempre fui boba para você, Vincent. É diferente.

Sempre?

Como assim?

Boba?

— Não precisa ser boba, Aurora. Nunca quis que fosse. Éramos amigos e eu gostava da nossa relação.

— Eu também, mas você me descartou como lixo, Vincent. Eu sei que eu morei por muito tempo em um lixão, mas eu não sou feita de lixo, ainda tenho sentimentos e naquela época você me magoou muito. Não queira cobrar um tratamento adequado agora quando você foi tão injusto comigo e

com a nossa amizade.

Abro os olhos e seguro a sua mão, afastando para que eu possa fitar o seu rosto.

— Nunca pensei isso de você. Nunca pensei ou te tratei como lixo, Aurora, mesmo que você possa ter entendido dessa forma. Você era e sempre foi importante para mim. Você ainda é importante para mim e eu me desculpo por ter falhado antes, mas eu fiz o que precisava para te proteger de mim e me proteger de você... era... era muito para mim. As coisas, como tudo estava acontecendo, a forma como estávamos envolvidos um com o outro, era tudo novo e muito para mim. Eu sinto muito, de verdade, nunca tive a intenção de te magoar tanto.

Ela engole a seco, calada.

— Mas você me magoou e agora eu estou me protegendo.

Justo.

— Não tenho intenção de deixar a sua vida outra vez — sussurro.

Aurora fica irritada.

— Você não faz parte da minha vida, Vincent. Não estou falando isso para te magoar também, isso é só a verdade. Você escolheu sair da minha vida e agora não pertence mais a ela. Você não faz parte dos meus dias, da minha rotina, da minha pequena família. Você é família de Gia e Ian, mas não minha. Não tem como deixar algo que você não faz parte.

Ela continua me pisoteando e pisoteando todas as minhas palavras, mas Aurora continua certa. Mas isso não é o que eu quero, porra. Eu quero Aurora na minha vida como antes, mesmo que eu tenha destruído tudo.

— Eu não vou desistir de você.

Aurora sorri, tão cética, talvez até triste.

— Não fale besteira, não jogue palavras ao vento. Não tenho nenhuma intenção em te deixar entrar outra vez, Vincent.

Eu gostava quando ela me chamava de Vince.

— E eu vou fazer por onde, Aurora. Quando você perceber, eu já vou estar nesse seu coraçãozinho outra vez. — Sorrio de lado e eu estou vendo a hora que ela vai me sufocar com o saco de gelo.

— Fique calado e poupe a mim e a você.

Levo a mão até a boca, enquanto ela volta a fazer o que estava fazendo antes. Eu brinco, fingindo que passei um zíper na boca e joguei a chave fora.

Aurora não diz mais nada e eu não volto a lhe perturbar.

Suas palavras foram tão sinceras para mim e eu não consigo parar de pensar sobre cada uma delas sem me sentir estúpido. Eu sei que estraguei tudo, mas estou disposto a consertar o que eu fiz. Disposto porque só ela me faz sentir *aquilo* e eu nunca desistiria disso.

28

“Mantenha a fé, mantenha a sua fé.”

“The Climb” — Miley Cyrus

Aurora
Lyon Collins

Assim que desperto, ainda sem abrir os olhos, sinto o meu corpo todo quebrado.

Dormi no sofá da sala. Sim, eu fiz isso. Quando terminei de cuidar de Vincent, ele já estava dormindo e ressonando fraquinho. Eu quis subir para o meu quarto, mas estava cansada e de barriga cheia. Me encolhi no sofá, tirando uma das cobertas de Vincent e pegando para me cobrir. Ele não pareceu se incomodar durante o seu sono, então eu dormi ali mesmo.

— Querida, acorda... — Gia me chama, porque ainda reluto para acordar de vez.

— Mais cinco minutos — peço morta de sono.

Eu escuto a sua risada baixa.

— Já passou da hora, Aurora — continua, me alertando.

Suspiro, mais cansada do que antes de ter dormido. Têm dias assim, eu durmo cansada e acordo mais cansada ainda. De qualquer forma, decido escutar Gia e me sento no sofá, abrindo os olhos devagarzinho. A luz já está por todo lado, embora esteja frio, e isso me faz ter certeza de que ela está falando sério.

Vincent é, infelizmente, a primeira pessoa que eu procuro. Ele devia estar no chão, mas não há qualquer vestígio seu na sala, nem mesmo o colchão que arrumamos ontem. Balanço a minha cabeça, deixando isso de lado.

Lembre-se, Aurora: ele não merece seu tempo e nem os seus pensamentos.

— Vincent já foi atrás de um apartamento para ele — Gia diz, explicando como se eu tivesse questionado qualquer coisa. — Também disse

que vai alugar um carro por enquanto, porque segundo o Senhor-Viciado-Em-Carros, ele precisa de tempo para escolher um bom e todos os seus outros ficaram em New York.

Aceno, positivamente.

Não me interessa.

— Que horas são? — pergunto bocejando e esticando as pernas.

— Uma da tarde.

Arregalo os olhos instantaneamente.

— Está brincando?

— Não. — Georgia ri.

— Meu Deus, eu tenho que ir para o abrigo. Agora. Falei para Jaclyn que estaria lá hoje para ajudar com as coisas.

Eu tenho dedicado a maior parte do meu tempo visitando abrigos, orfanatos e instituição para oferecer a minha ajuda para qualquer coisa que eles precisarem. Faço e venho fazendo de dois anos para cá centenas de trabalhos voluntários por Pittsburgh. Gia e Ian também fazem comigo quando estão de folga, mas quem costuma me acompanhar e me levar sempre é Keela.

— Ela ligou para mim mais cedo e disse que o local vai estar fechado para limpeza e te dispensou por hoje, querida. Por isso deixei dormir mais, só acordei porque já estava ficando tarde demais.

Me sinto um pouco aliviada.

Dois segundos mais tarde, Ian entra pela porta e Vincent está no seu encalço.

Ele não tinha ido atrás de sei-lá-o-quê?

— Conseguiram algo? — Gia pergunta.

— Não muito — Ian retruca e eu desejo saber do que eles estão falando.

— Falei com um amigo meu que mora por perto para checar nas câmeras da casa dele e dos pais. Eles costumavam ter câmeras por lá. Enquanto isso, falamos com os vizinhos e nada. Nossos pais você já sabe, então agora é esperar algum retorno de qualquer um que possa ter visto ou capturado algo pelas câmeras.

As lembranças de ontem voltam como um soco no estômago.

Em muito tempo essa foi a primeira vez que eu senti desespero, como eu sentia antes de ser “resgatada”, perpassar por todo o meu corpo. Sinto exatamente tudo, a sensação, as mãos me prendendo, o cheiro forte. Me dá calafrios, me deixa enjoada. Faz eu me sentir suja outra vez, mas eu sei e eu preciso me lembrar dia após dia que eu tenho que me esforçar para parar de me sentir assim. Maureen sempre diz que eu preciso amar a minha própria pele, que apesar de tudo, eu ainda sou eu e isso ninguém, nem mesmo *eles*, roubaram de mim. Às vezes eu falho, mas em muitas outras o exercício dá certo. É uma luta diária, mas um dia eu vou conseguir fazer disso apenas um detalhe de quem eu fui e do que eu me tornei.

— Não acham que deveríamos ir até a polícia?

— Cabe a Aurora decidir isso — Ian diz, vindo em minha direção.

Não.

Não quero polícia.

Isso só vai mostrar que estamos com medo.

— Se vamos ficar juntos, eu acho que não precisamos disso. Eu não quero ir, já tenho lembranças o suficiente de tudo, despejar para novas

pessoas é um fardo a mais. Se concordarem comigo, eu prefiro que nos resguardemos e continuemos vivendo normalmente. Foi só um episódio, não vai se repetir.

Eu realmente quero dizer todas as palavras que eu disse.

Mas, ao mesmo tempo, lá no fundo, um lado meu teme por tudo.

Não quero trazer perigo para Ian e Gia. Eles fizeram tanto por mim que eu não suportaria ver mal algum sobre eles.

Georgia reluta, mas concorda.

— Apesar de tudo, vou contratar dois seguranças — ela diz surpreendendo a todos nós. — Eu aceito a sua escolha acima de tudo e você sabe que sim, querida, mas, ao mesmo tempo, talvez não sejamos suficientes nem mesmo para te proteger, quanto mais a nós. Creio que mais nada vai acontecer, mas caso aconteça, teremos ajuda.

Ela está certa.

Caso aconteça, ao menos eles vão ficar bem.

— Vou entrar em contato com todos depois do almoço e já contatei alguém para vir trocar todos os trincos daqui de baixo — Ian conclui, sentando-se ao meu lado e me fitando. — Vai ficar tudo bem, ok?

Sorrio de lado, porque desde que começamos a nos comunicar mais um com o outro, sempre senti isso dele: proteção. Eu confio em Ian. Confio muito. Então, concordo, com um simples aceno. Dou um abraço apertado nele e ele me abraça de volta, beijando o topo da minha cabeça.

— E você? Já conseguiu tudo? — Gia pergunta, chamando a atenção de Vincent e a nossa.

— Já — responde encarando-me na maior cara de pau. — Marie arranhou tudo para mim antes que eu, ao menos pensasse sobre, por isso fui

com Ian atrás de descobrir algo.

— A que veio de tiracolo com você e Hunter? Prima dele, não é? — Gia pergunta, irônica, e eu tenho muita vontade de rir.

— Tiracolo? — Vincent pergunta e Ian ri, o que me induz a rir.

— Ela está com ciúmes, Vince, isso é tudo — Ian responde no lugar de Georgia.

— Ela veio de última hora, Gia. — Vincent também ri, parecendo se divertir com o ciúme de sua irmã. — Quando entrei no voo com Hunter, ela já estava lá, no meio de nós dois. E, nem pense nisso, Marie trabalha para mim.

— E Marie entendeu que ela só trabalha para você? Porque parece que não.

Eu queria muito ter estado lá desde o começo. Gia parece ter se irritado com a mulher, mas eu não posso julgá-la, pelo olhar percebi a energia ruim da sua presença.

— Ela sabe — diz sério dessa vez. — Enfim, preciso ir resolver mais algumas coisas e mais tarde eu passo por aqui. Nos vemos daqui a pouco, ok?

Gia e Ian confirmam, mas eu só fico na minha, ainda abraçada em Ian. Vincent me olha, como se esperasse por algo, mas é tão breve quando um piscar de olhos. Ele se despede mais uma vez e sai, para o meu alívio.

— Você está bem com ele? — Gia pergunta.

Como sempre ela percebe tudo.

Levanto-me, dando de ombros discretamente.

— Tanto faz para mim. Ele estar ou não estar aqui é insignificante. Respeito porque é o seu irmão e eu fui muito bem-educada pelos meus pais a

tratar bem até quem eu não ia com a cara. Com Vincent é diferente, ele não cheira e nem fede.

— Jesus, essa daqui é a minha garota! — Ian exclama, com um sorriso nos lábios.

Gia faz um bico, cruzando os braços.

— Ele foi tão estúpido em nos deixar de lado, eu entendo a sua reação.

Sim, quando ele parou de me responder, fez o mesmo com todos nós.

— Pelo menos você me entende. Logo o Vincent vai embora e vamos seguir nós três aqui e mais o futuro bebê! — exclamo animada. Isso é realmente algo que me deixa contente. — Que dia vamos voltar lá no orfanato? — questiono.

— Essa semana ainda. — Gia abre um sorriso tão lindo.

Tenho vontade de chorar de felicidade por ela.

— Seu irmãozinho vai chegar logo — Ian retruca para mim e nós rimos.

— Eu sempre quis um, agora é a chance de todos nós.

Nós rimos, porque por mais que Gia e Ian estejam atrás de realizar esse sonho há muito tempo, está sendo um pouco complicado. De qualquer forma, não perdemos a esperança e toda semana é a mesma coisa: pergunto quando vamos ao orfanato, nós vamos, vemos as crianças, ficamos por muitas horas lá, mas nenhuma novidade. Além disso, nos envolvemos muito naquele lugar. Temos vontade de dar um lar a cada uma delas, mas não podemos, infelizmente. Gia e Ian já frequentavam esse orfanato em questão muito antes de me conhecerem, então a maioria ali já conhece eles. Vira e mexe Gia diz que vai planejar uma instituição comigo, para nós duas cuidarmos, mas ela é tão cheia de trabalho que as palavras só saem de sua boca. Eu entendo, por

isso já tenho planejado isso junto de Keela. Minha melhor amiga também é apaixonada pelas causas, então é algo em comum que temos.

Um dia vamos conseguir.

Um dia vou conseguir ajudar pessoas que estão tão perdidas quanto eu e, quando isso acontecer, vou ser a mulher mais realizada que já pisou na Terra.

Bom, e enquanto isso, nós seguimos montando o quarto de bebê do meu futuro irmãozinho.

Um dia a hora certa chega.

Cada coisa em seu tempo.

— Vou subir, tomar banho e desço para almoçar com vocês — aviso Gia e Ian e eles concordam.

Com a cabeça nas nuvens, subo para o meu quarto e faço exatamente tudo que eu disse que faria. É complicado, mas ele volta a se instalar em meus pensamentos. Vincent não me deixa em paz. Sua presença é constante e eu odeio isso com todas as minhas forças.

Eu falo tanto que ele é insignificante, mas a minha cabeça não entende isso.

Por isso eu repito tantas vezes.

Preciso persuadir o meu subconsciente a aceitar a minha escolha de ignorar a existência de Vincent Pette Hawk.

Termino o meu banho depois de alguns minutos. Lavei e esfreguei bastante a minha cabeça, como se isso fosse funcionar para tirá-lo de lá. Às vezes eu continuo sendo muito boba, minha última e única esperança é lutar contra isso.

Apanho o meu celular e vejo que tem uma mensagem ali e é de quem eu menos esperava.

“Você quer me ajudar a fazer algo hoje?”

Vince”

Ele só pode estar de brincadeira.

“Delete o meu número. Não vou te ajudar com nada.

Aurora”

Posso escutar a sua risada de longe, apenas em minha cabeça.

“Vamos, Aurora. Eu sei que você vai gostar. Por favor? Me dê um voto de confiança.”

“Já teve todos possíveis e estragou cada um deles. Vou estar muito ocupada durante o dia inteiro fazendo um total de zero coisas, mas que são bem mais importantes do que você.

Passar bem.”

Dito isso, bloqueio a tela do meu celular e seguro o aparelho bem junto de mim.

Um sorriso aparece na minha boca sem que eu perceba.

Não gosto de tratar ninguém mal, mas Vincent merece e isso secretamente, como o meu sorriso pode me denunciar, me deixa um tanto animada. Não que o tratar mal seja divertido... bom... é um pouco, mas é só que faz eu sentir um tipo de adrenalina diferente, realmente diferente de qualquer outra coisa que eu tenha sentido antes.

Deixo tudo de lado, inclusive Vincent, e me visto. Quando termino, desço indo até Gia, Ian e Rose que já estão me esperando na cozinha em meio uma conversa muito animada. Me junto aos três e nós almoçamos tranquilamente. Um pouco mais tarde um homem apareceu para trocar as fechaduras, Ian o acompanhou em cada cômodo, enquanto Gia e eu tomávamos sorvete e assistíamos série na sala de estar.

Se uns anos atrás eu pensei que estaria tão inserida nessa pequena família, era apenas um simples desejo.

A Aurora de antes se orgulharia de todo o meu progresso, completamente surpresa com toda a minha força, assim como a Aurora de mais algum tempo vai se orgulhar da Aurora de hoje.

Não importam as dificuldades, você sempre será capaz de superá-las. O que pode ser o fim do mundo hoje, amanhã, talvez, possa ser motivo de orgulho. O mais importante de tudo é que eu tenho aprendido todos os dias ao despertar, é de viver um dia de cada vez. Todo dia é uma batalha diferente a enfrentar, um leão diferente para matar dentro de si, mas, no final, vai dar certo. Quando olhar para trás, valerá à pena, e eu vivo na esperança disso: nenhuma das minhas lágrimas e nenhuma das minhas dores serão em vão; um dia eu vou sorrir tão largo, um dia eu vou me sentir tão bem que olhar para trás não vai ser mais um motivo de dor, mas de felicidade.

Ter esperança na esperança é a essência dos meus dias.

29

*“Me disseram, me disseram para te tirar da minha cabeça, mas eu espero que eu nunca perca as
feridas que você deixou.”*

“Bruises” — Lewis Capaldi

Aurora
Lyon Collins

Os meus dias têm sido um pouco estranhos desde a volta de Vincent.

Quatro dias. Faz quatro dias desde que o vi pela última vez pela manhã e recebi a sua mensagem um pouco depois disso. Gia fala dele aos quatro cantos, mas ele não voltou aqui desde que lhe mandei ir pastar, ou algo do tipo. Não estou reclamando por estar sentindo falta dele ou coisa parecida, é só que isso reafirma em minha visão todas os motivos pelos quais eu preciso mantê-lo afastado de todas as formas.

Protejo as minhas mãos com as luvas pretas de couro que Gia insistiu em comprar para mim na semana passada e saio de casa ao escutar a buzina de Dom. Ele disse que queria conversar comigo ontem, ao me deixar em casa, mas Gia me puxou para sair com ela e Ian para jantarmos fora, então nossa conversa foi adiada para hoje. Estou curiosa para saber o que Dom tem a dizer, porque ele raramente vem com alguma novidade tão importante a ser digna de uma conversa “séria”. Tranco a porta e corro até o seu carro, sendo rápida para o meu alívio.

É começo de outubro e eu estou sofrendo muito com o frio. Quando eu penso em antes, no quanto eu sofria com pouca roupa e em um chão sujo, me faz ser imensamente grata por eu ter o que tenho hoje. Jesus, eu realmente lutei por minha vida. O frio de Pittsburgh castiga.

— Meu Deus, eu vou virar uma boneca de gelo um dia desses — digo assim que me jogo no banco do passageiro e bato a porta. Dom ri, enquanto me inclino e beijo a sua bochecha. — Eu estou falando sério, não ria de mim.

— Eu acredito em você — retruca ainda rindo.

Dom liga o aquecedor e parte para a nossa cafeteria preferida.

— Como você está? — pergunto relaxando quando o carro vai ficando

mais quentinho.

— Tranquilo... e você? Melhor?

— Sim — afirmo da mesma forma que ele: tranquila. — Do que se trata a sua novidade?

— Vamos primeiro chegar ao nosso destino para eu começar a falar.

Reviro os olhos.

— Você está testando a minha paciência. Eu sou muito ansiosa, Dom.

Ele ri, de novo.

— É aqui perto, Aurora. Não reclama.

Eu acerto o seu braço com um tapa e ele reclama.

— O que é isso?! — questiono.

— Por você ter sido grosso. Reclamo sim. Reclamo o tempo todo. Reclamo o caminho inteiro.

— Está parecendo a Keela — diz parando no sinal vermelho e me fitando.

Nós rimos.

— Diz isso para ela e ela te mata.

Sim, a Keela é bem “reclamona”. Não existe outra palavra que possa defini-la quando nós três saímos juntos. Dom passa metade do tempo provocando-a e ela passa a outra metade do tempo reclamando dele. Eu sou uma mera ponte de comunicação entre os dois quando estamos sozinhos.

O resto do caminho Dom faz em cinco minutos e nós saímos do carro juntos, apressados para entrarmos no estabelecimento. Ele empurra a porta e me deixa passar primeiro, vindo em meu encalço até a mesa que sempre ocupamos. Dom vem para o meu lado e eu o abraço apertado. É a única

forma de me manter aquecida. Seis graus, eu juro que não é nenhum exagero da minha parte.

— Frio mesmo, não é? — Dom provoca e eu aperto mais, fazendo-o reclamar.

— Você vai me contar agora ou não vai?

Ele levanta a mão e Irene, a senhora que sempre nos atende, vem pegar os nossos pedidos quase que imediatamente. Não precisamos falar nada além de “o mesmo” que ela já sabe do que se trata.

— Então...? — continuo, levantando o rosto para encará-lo.

Estamos bem perto, mas eu não me importo e Dom parece se importar menos ainda.

— Com rodeios ou sem? — pergunta e ri em seguida, porque sabe que eu bateria nele se continuar com a enrolação. — Eu vou ficar um tempo fora.

O quê?!

— Como assim?

Isso sim é uma surpresa.

— Você sabe que ainda não estou em nenhuma faculdade e isso tem irritado o meu pai, em particular, bastante. Eu não gosto de despontar a minha família, mas ao mesmo tempo não tenho muita coisa em vista e por isso eu vou passar um tempo fora.

— Muito? Mas... Você realmente precisa ir?

— Não muito, Aurora. É só um pouco. Quatro meses no máximo, eu acho. De qualquer forma, eu volto para o natal e ano novo. Só preciso sair um pouco de tudo isso, toda a pressão. Vou ficar com a minha avó em Chicago, mas não vamos perder contato. Eu prometo.

O bico em minha boca é instantâneo.

— Eu realmente não quero isso. Não tem como repensar?

Ele sorri de lado, me abraçando forte como forma de consolo.

— Não, Aurora. Vai ser o melhor, ainda mais depois do fora que levei há alguns dias...

Sinto as minhas bochechas esquentarem, envergonhada e um pouco sentida.

— Me desculpa? — pergunto baixinho.

— Não precisa. — Dom sorri, mas seu olhar cai para os meus lábios.
— Não tem como obrigar alguém a gostar de nós, não é? Então tudo bem, acontece.

Surpreendendo a mim e a ele, selo nossos lábios.

Eu gosto de Dom.

Gosto muito.

Ele é o melhor amigo que eu já tive e isso nunca vai mudar.

Ele é incrível, inteligente e interessante. Só que eu nunca o vi dessa forma, nem consigo senti-lo assim, mas, ainda assim, eu quero beijá-lo. É uma necessidade por tudo que vivemos juntos, por todo carinho e amor que sentimos um pelo outro.

E sim, Dom é o meu primeiro, real e consentido, beijo.

Ele parece surpreso e inseguro, o que o faz demorar a ir mais fundo. Sua boca é quente, a sua língua em contato com a minha me causa arrepios, bons arrepios, e eu tento não reagir mais que o necessário. Nossas respirações emboadas uma na outra me deixa quente, da forma que eu desejo nesse dia frio.

Subo as minhas mãos para o seu rosto, deslizando-as para o seu pescoço, nervosa.

Eu nunca tive nada assim e é muito bom.

Separo os nossos lábios alguns segundos depois.

— Woah... — resmunga encostando a testa na minha.

Seus óculos esbarram em mim e nós rimos.

Não consigo abrir os olhos ainda, estou apenas assimilando tudo.

— Desculpa — peço baixinho.

— Desculpar? Você fez o que eu nunca tive coragem, Aurora, e foi muito bom.

Afasto o rosto de perto do seu e abro os olhos. Dom sorri me fitando, e eu faço o mesmo.

— Foi bom mesmo e o meu primeiro.

Ele parece ainda mais surpreso.

Droga, Dom é muito lindo e eu me odeio por não gostar um pouquinho mais dele.

— Que honra ser o seu primeiro, só é uma pena que eu não seja o último também.

Nós continuamos sorrindo, um pouco sem graça, mas continuamos.

— Aquele ali não é o Vincent? — Mal percebo quando Dom vira e fala isso, mas eu acompanho o seu olhar e lá está ele, nos fitando atento. — Ei, Vincent! — Dom acena, chamando-o e eu tenho vontade de cavar um buraco, me enfiar no mesmo e me enterrar.

Vincent não desvia o olhar de dentro do meu e ele vem, ele se aproxima de nós sem desviar por nem mesmo um segundo. Corro a minha língua entre

os meus lábios, ainda com o gosto de Dom em mim e um tanto... atrevida. O outro se senta na nossa frente, sorrindo contido.

— E aí, cara — Vincent diz, parecendo tranquilo.

— Tudo bem? — Dom está animado e sorridente.

— Claro, e com vocês dois? — pergunta de volta, fitando Dom e depois deslizando o olhar para mim mais uma vez.

— Muito bem. — Dom vira para mim, piscando nada discreto.

Seguro o riso.

Eu não sei a quanto tempo Vincent estava aqui, mas eu posso apostar que ele viu o nosso beijo.

— Bem também — concordo.

Irene chega com os nossos pedidos e eu só respiro aliviada por alguns segundos, porque Dom recebe uma ligação da sua mãe e ele tem que sair. Eu fico sem saber o que fazer, porque é tudo muito rápido e eu até mesmo fico brava. Ele pergunta se Vincent pode me levar para casa e ele concorda sem pensar duas vezes. Eu saí com Dom, eu beijei Dom e agora estou sentada na mesa sozinha com Vincent.

Qual o sentido?

Pego o meu celular e envio uma mensagem para Dom.

“Não deveria ter me deixado com ele. Eu vou te matar. Nem terminamos de conversar e eu estou brava.

Aurora”

— E então? — Levanto o olhar aos poucos, achando Vincent ali na minha frente, os braços cruzados e a sobrancelha arqueada. — Uma surpresa te achar aqui.

Suspiro, derrotada.

— E você estava me procurando? — retruco.

— Não — afirma, seguro. — Depois de ter chutado a minha bunda, estive preparando umas coisas para tentar te chamar para algo novo, mas parece que você já tem companhia fixa.

— Companhia fixa? — provoco um pouco divertida, eu admito.

— Você disse que ele não era seu namorado.

— Ele não é — replico.

— E você estava beijando-o...?

— Porque eu sou uma mulher livre e ele também...?! — falo em tom de pergunta, como se fosse algo óbvio.

Vincent concorda.

— Você está certa.

— Eu sei que estou, Vincent.

Ele olha pela janela da cafeteria para a rua lá fora. É engraçado como ele tenta não me encarar, o que fica bem na cara, porque os seus olhos não desgrudam do meu. E, sim, eu entendo. Também não consigo deixar de fitá-lo, até mesmo por causa da sua pergunta e por eu querer saber o que diabos ele quer comigo, se importando tanto.

— Bom, ao menos dessa vez não tem desculpas para não sair comigo.

Eu arqueio a sobrancelha, finalmente pegando o meu chocolate quente e tomando um gole.

— Como?!

— Sair comigo.

— Sair com você? Você só vai me deixar em casa, Vincent, não sonha.

Ele sorri de lado, pegando o chocolate que seria de Dom e tomando um gole.

— Não vai mesmo me dar uma chance?

— Chance de quê, Vincent? O que você quer comigo? Será que pode me iluminar?

— Quer a verdade? — pergunta e eu reviro os olhos.

— É o mínimo que mereço, não acha?

Ele se inclina sobre a mesa, ficando bem perto de mim e eu engulo a seco.

Outras pessoas, tipo Dom? Ok.

Vincent? É um pouco demais.

— Eu gosto de você — afirma fazendo minha boca abrir de uma forma que eu não conseguiria explicar.

Ele gosta de mim?

Vincent gosta de mim?

Assim... do nada?

Começo a rir, desconcertada.

Minha risada não para.

— Você? Gosta? De mim? — Gargalho, deixando a caneca de chocolate na bandeja e tentando abafar o som da minha gargalhada. Vincent ri, menos do que eu, claro, como se estivesse achando graça da minha reação.
— Ai, meu Deus!

— O que foi? — pergunta, divertido.

— Você é uma piada, Vincent. — Paro de rir aos poucos, ainda com um sorriso nos lábios.

— Uma piada, é, Bela?

— Sim! — exclamo assustada com a sua cara de pau que me tira do sério. — Você some da minha vida por anos, quando volta é fingindo que tudo é como antes e agora mais essa: você gosta de mim. De mim, Vincent! Não tem nada para você gostar em mim, então conta outra.

— Estou falando a verdade, mas você não quer acreditar em mim e, sim, acredite, foi difícil admitir isso para mim mesmo, quanto mais para você.

Balanço a cabeça negativamente, incrédula.

Eu puxo da minha bolsa dez dólares e jogo na mesa, desistindo do meu chocolate quente e da carona que Vincent me “ofereceu”. Empurro a porta e saio da cafeteria irritada, muito irritada. Não se passam cinco segundos para eu sentir a sua mão em meu braço e ele me puxando. Vincent está, mais uma vez, muito perto.

— Você não acredita em mim? — indaga subindo a mão até o meu rosto.

Seu toque joga um monte de sensações sobre mim, porque, no final, é tão bom.

Vincent joga baixo demais comigo.

— Eu não consigo acreditar em nada do que você diz, Vincent. Você foi embora quando nos conhecemos, claro que não foi sua escolha, mas você escolheu me deixar para trás. Quem me garante que não vai fazer isso de novo?

— Eu garanto.

Eu posso sentir a firmeza em suas palavras me perfurando, mas eu ainda não quero acreditar nele, eu não posso acreditar nele.

— Não.

— Não? — questiona.

— Não vou sair com você. Não acredito nas suas palavras. Não vou cair no seu jogo barato. E, por fim, saiba que não sou mais uma.

Ele esfrega o dedão suavemente por minha bochecha, o osso superior, e eu suspiro.

— Nunca imaginei que fosse uma qualquer ou mais uma. Você nunca foi e nunca será vista por mim dessa maneira. É só uma pena, Aurora, porque vejo nos seus olhos que quer aceitar, mas, se a sua boca diz não, eu não vou insistir na ideia.

Mais uma vez sua compreensão me dá um soco no estômago.

Mas eu concordo, porque é o certo para mim e para ele.

— Posso te levar para casa?

Eu não gosto de pegar táxi, estar com estranhos é um pouco assustador.

— Pode.

Ele sorri e beija o topo da minha cabeça, surpreendendo-me.

Vincent se afasta e aponta para o seu carro. É preto e grande, luxuoso. Condiz bastante ao seu “visual”. Ele me deixa ir na frente e abre a porta do passageiro para mim, esperando-me entrar para bater e entrar do outro lado.

É agonizante.

“Eu gosto de você.”

Ah, não, ele não gosta.

É conversa.

Papo fiado.

Não vou cair nisso. Não posso cair nisso.

30

“É você, é sempre você. Se um dia eu me apaixonar, eu sei que vai ser por você.”

"It's You" — Alie Gatie

Vincent
Pette Hawk

Eu vi tudo.

Quando decidi que deveria ter atitude o suficiente para guardar as minhas desculpas esfarrapadas e dar um passo a mais, eu vi tudo. Por um momento eu me pergunto o motivo pelo qual eu tentaria algo que nunca fiz antes com uma mulher que definitivamente não suporta nem escutar o meu nome, mas então, olhar para ela foi o suficiente para eu entender o motivo.

Aurora é simplesmente um nível a mais de tudo que eu poderia imaginar em alguém. Ela não sai da minha cabeça momento nenhum. Ela sempre está ali, infiltrada nos meus pensamentos mais profundos e até mesmo em meus desejos mais secretos. Não tem mais como negar, é óbvio para qualquer um que toque em seu nome na minha presença.

Vê-la beijando outro despertou um lado meu estranho e eu me odiei por cada sentimento despertado naquele momento. Eu não tinha nenhum direito sobre nada e eu sei que nem mesmo é disso que se trata, a única coisa que me deixou bravo, no final de tudo, foi por eu ter que admiti que perdi tanto tempo, perdi tanta confiança dela, que agora eu estou à deriva sobre o que fazer, o que falar, o que tentar. Aurora disse que não, seus olhos protestaram e falaram o contrário para mim. Eu não quero insistir e deixá-la desconfortável em ficar perto de mim, mais do que ela parece estar, então eu vejo que não tenho mais nenhuma escolha a não ser dar alguns passos para trás.

Ela está do meu lado, quieta, enquanto pego o caminho mais demorado até a casa de Gia, mas que não dá em nada. Seu cheiro doce tomou conta do meu carro inteiro, o que me faz puxar o ar profundamente a cada respiração que dou. Ela é muito boa, muito boa para mim. Como eu pensei: Aurora é um nível completamente diferente e querer ela é uma tortura, porque sei que não

vou ter.

Estaciono o carro na frente da casa da minha irmã e relaxo contra o banco.

— Entregue — resmungo.

Não faço ideia do que está se passando em sua cabeça, tudo que sei é que ela ficou o caminho inteiro pensativa e não soltou uma palavra.

— Obrigada.

Aurora abre a porta, hesitando por um momento.

— Tudo que você disse, era sério? — pergunta acanhada.

Vejo a sombra da Aurora de quatro anos atrás passar por seus olhos, enquanto nos encaramos.

— Nunca falei tão sério em toda minha vida, Aurora.

— Por que eu? Por que agora?

— Por que não você? — retruco simples.

— Você não quer saber... — sussurra, como se falasse para si mesma.

— Eu quero saber.

Aurora suspira, parecendo cansada.

— Eu não sei o que você quer de verdade comigo, Vincent. Já falei antes, mas eu preciso reafirmar para que entenda e pare de tentar coisas que não vai conseguir manter. Não sou um caso de uma noite, não sou do tipo que sai deliberadamente com qualquer um só para passar o tempo ou me divertir. Eu tenho os meus medos, medos válidos, medos que me assombram e que não me permitem fazer tantas coisas. Para você ter noção, eu nunca beijei antes como eu beijei hoje o meu melhor amigo. É isso que você “quer”? Acredite, sua vida é tão agitada, você merece algo melhor, merece

estabilidade, merece segurança e infelizmente eu não sou absolutamente nada disso. Por mais que nossos desentendimentos sejam muito a esse ponto, eu não desejo nada de ruim para você.

Suas palavras são tão pesadas e me mostram exatamente o motivo pelo qual eu tenho tanto fascínio por ela, o motivo pelo qual eu sempre fui, sem nenhuma dúvida, inclinado por ela, bem aos seus pés. Tem tanto de Aurora que eu quero descobrir a tanto tempo que não me perdoaria em deixar isso passar outra vez.

— É tão difícil me dar uma chance a mais? A última delas? Não vou desperdiçar, Bela, eu só preciso de tempo perto de você para provar que não vou mais te desapontar. Não importa quanto tempo eu fique longe de você, eu nunca consigo parar de pensar em você. Não é como se eu pudesse controlar isso, porque se eu pudesse, controlaria para simplesmente não vir com tudo isso e jogar em cima de você. — Ela continua me encarando, firme, linda pra caramba. — A palavra impossível não existe para Vincent Hawk, Aurora. Nunca existiu. Eu posso te dar todo espaço que precisar, mas nada é impossível para mim, nem você. E que o resto literalmente exploda, estou apaixonado por você a tanto tempo e não vou desistir desse sentimento porque você não quer olhar na minha cara ou escutar as minhas palavras.

Seus olhos parecem ainda mais assustados.

Ela sai.

Assim, simplesmente sai, praticamente fugindo de mim.

E eu deixo.

— Aurora! — exclamo e ela para. — Gia disse que vai sair com Ian hoje, então eu vou estar aqui às oito horas, mais tarde, te esperando. Ficarei por cinco minutos, nem um a mais, nem um a menos. Caso queira sair comigo, me dar uma mísera chance, estarei aqui.

Dito isso, ela continua, apressada, correndo até entrar e bater à porta.

Eu fiz isso.

Meu sangue ferve por todo o meu corpo e eu tenho que tirar a minha jaqueta de couro, porque está calor demais. Eu falei tudo que nunca tive coragem de falar em voz alta e eu falei exatamente para quem tinha que escutar.

Querendo encarar ou não, essa é a verdade que sempre sufoquei dentro de mim: o meu “gostar a mais” de Aurora sempre foi o Vincent imbecil, infantil e confuso negando estar apaixonado pela primeira vez. Eu nunca senti nada como isso antes, o nervosismo, as mãos suadas, a incerteza e ela, desde o primeiro momento, fez eu sentir essas coisas.

Tão doce e tão pura.

Aurora algum dia vai me deixar louco, tirar o resto da minha sanidade mental.

Depois de tudo que falei para ela, só espero que considere. Não tenho certeza de como ela se sente sobre mim depois de tudo e nem antes de tudo, mas se ela hesitou, se parou para me escutar, ela ao menos considera a ideia.

Passo o resto do dia inteiro pensando sobre onde levar Aurora e penso em um amigo que está na cidade. Blake Armstrong está na cidade, pelo menos foi o que ele me disse. Eu o conheci há três anos em alguns dos trabalhos que estava procurando com Hunter para apoiarmos, e desde então nos tornamos amigos. Sempre que nos encontramos, saímos para beber umas e conversar sobre negócios.

O que muitos não sabem é que desde o ocorrido com o Aurora, quando me mudei para New York e dei um rumo a minha vida, comecei a apoiar diversas causas. Isso me manteve perto dela e realmente era algo que me

fazia bem. Depois de Aurora eu entendi o real significado de ajudar alguém que precisa e são tantas pessoas que precisam, com tantos problemas, que não consigo parar nem se quisesse.

Blake e sua avó, Bella Armstrong, criaram um lugar chamado ***Terra do Nunca — Segundo por Segundo*** que ajuda pessoas com problemas psicológicos, que tentaram ou pensam sobre suicídio. Jovens que sofrem de depressão, ansiedade e todo e qualquer tipo de problema. É muito bonito, desde que fiquei sabendo desse trabalho, me interessei e fui atrás para ajudar. De lá pra cá, contribuo mensalmente com uma quantia para ajudar todos os centros de ajuda espalhados pelo mundo e, acredite, desde o início, como Blake me contou, para hoje, ele conseguiu abrir muitos e quer abrir muitos outros.

Combinei um jantar com ele, para me mostrar o centro de ajuda que abriu aqui em Pittsburgh e levar Aurora para conhecer um pouco do trabalho para ser uma boa ideia. Eu sei que ela é envolvida com tudo isso e que agregaria conhecer um lugar como a Terra do Nunca.

Perto das oito horas eu recebo uma mensagem de Gia, que me avisa que já está saindo com Ian. Ela me pediu para ir ver Aurora, porque está com certo medo desde o ataque que ela sofreu. Disse-lhe para ficar tranquila que eu passaria por lá.

Entro no meu carro, deixando o meu casaco grosso de lado e partindo para casa de Gia. Passei a tarde inteira planejando as coisas para a noite dar certo com Aurora caso ela queira sair comigo. Ligo o rádio e vou batucando os dedos no volante o caminho inteiro, tentando estar o mais confiante possível quando chegar lá.

E não demora muito...

Estaciono o carro às sete e cinquenta e oito na frente da casa da minha

irmã. Não há nenhum movimento ali e eu fecho os olhos, esperando paciente o meu celular porque eu coloquei um despertador para oito e cinco. Sim, eu fiz isso tudo.

Os minutos passam enquanto eu conto os segundos mentalmente.

Ela não vem.

Abro os olhos, me inclinando para olhar para a porta.

Nada.

Absolutamente nada.

Estou realmente ferrado.

Aurora não acredita em nada do que eu falo.

O meu celular toca e eu solto o ar rapidamente, chateado.

Mas, como se estivesse me testando outra vez, ela aparece.

Aurora está usando um jeans escuro, botas e muito bem agasalhada com um casaco preto, luvas e gorro. Se não me engano, caíram mais dois graus e a noite está bem fria. Eu compreendo.

Me inclino, abrindo a porta para ela e esperando-a entrar, o que não demora para acontecer. Aurora não fala nada por longos segundos, ela apenas coloca o cinto de segurança e agarra a sua bolsa no colo como se estivesse tentando se proteger de mim.

— Você veio.

Ela ri, baixinho.

— É uma gêmea, não se engane.

É minha vez de rir.

— Uma gêmea? E como se chama?

— Pode me chamar de Bela.

Isso me faz rir mais e sorrir mais largo.

— Tudo bem, Bela. Está pronta? — pergunto, paciente e satisfeito.

— Claro que sim. Só não quero voltar tarde para casa, eu tenho coisas para fazer amanhã.

Concordo, acenando brevemente com a cabeça.

— Não vamos voltar tarde, prometo.

Dou partida em nosso caminho, pegando o meu celular e ligando para Blake. Ele atende no terceiro toque.

— Estamos indo, cara. Você já está aí? — pergunto.

— Já estou aqui e já estou comendo, mas não precisa dizer para a sua garota, eu vou comer de novo quando chegarem.

— Eu não vou — digo rindo dele.

— Meu segredo está guardado.

— Com certeza — retruco. — Nos falamos mais quando eu chegar aí. Até mais.

— Até mais.

Desligo a chamada e deixo o celular carregando.

— E então? Para onde está me levando? — Aurora pergunta, ou eu deveria dizer Bela?

— É surpresa, mas acredito que vá gostar.

— Estava falando com quem? — continua tentando matar a sua curiosidade com as minhas informações.

— Com a pessoa que vai nos acompanhar — informo pacientemente.

— Pensei que isso fosse tipo um... tipo...

— Encontro? — indago tentando olhá-la e pegar a sua reação.

Aurora parece ficar um pouco sem graça.

— Algo do tipo.

— Que tal um início para isso? Como você não parece acreditar no que eu digo, imaginei que fosse gostar de algo menos parecido com um encontro.

— Você tem razão. Que ao menos possamos ser amigos...

Amigos...

Amigos...

Eu e Aurora amigos?

Antes dava certo, mas agora eu não estou certo disso.

— Isso, Bela. Amigos — retruco irônico.

— Ótimo.

Ficamos em silêncio, apenas escutando as músicas que tocam na rádio e deixando que elas preencham as lacunas ente nós dois. Chegamos ao restaurante onde eu marquei com Blake e eu estaciono em uma das vagas livres. Aurora e eu saímos. Vou guiando-a por todo caminho até a entrada. Dou o meu nome e o homem nos guia até Blake.

Ele se levanta, sorrindo calorosamente como sempre.

— Finalmente chegaram! Eu estou morrendo de fome.

Eu quero rir, mas eu seguro à vontade.

Blake não tem nenhum jeito.

— Blake, essa é Aurora. Aurora, esse é um amigo que fiz durante os últimos anos, ele se chama Blake Armstrong.

— Prazer em conhecer você — Aurora diz, aproximando-se dele e oferecendo-lhe a mão.

Blake segura e aperta, sorrindo para ela.

— Prazer em conhecer você também — retruca, parecendo contente.

Nós três nos acomodamos em nossos lugares, eu um pouco mais perto de Aurora e Blake nos entretendo com suas inúmeras histórias. É um jantar divertido, eu tenho que admitir. Aurora se deu muito bem com Blake, para o meu alívio, mas, convenhamos, quem não se dá bem com Blake?

Esse é o momento pelo qual eu estive esperando.

Estou tendo a minha chance com Aurora e eu não vou desperdiçar por absolutamente nada nesse mundo.

Espero que essa noite seja um divisor de água entre nós dois.

E, vamos lá, porque a noite ainda nem está perto de terminar.

31

“Amor é como uma energia, invadindo dentro de mim.”

“The Power Of Love” — Gabrielle Aplin

Vincent
Pette Hawk

Não há dúvidas de que eu acertei em minha escolha.

Aurora parece estar bem relaxada, tanto com o ambiente, quanto comigo e principalmente com Blake. Realmente não tem nenhuma pessoa nesse mundo que o Blake não saiba manejar e tirar sorrisos com suas piadas inteligentes. Ele e Aurora comandam a conversa na mesa, enquanto nos alimentamos com pizza, que foi a nossa escolha, e tomamos refrigerante. Eu quase não consegui tirar os olhos de cima dela. Observei os seus sorrisos, a forma como ela parecia concentrada nas histórias de Blake e a forma como reagia às suas palavras. A cada reação de Aurora, parecia que eu estava descobrindo um tipo de sentimento novo e cada um deles me deixavam, muita das vezes, sem palavras.

No momento ela está indagando Blake sobre a sua vida pessoal, já que ele passou a metade do jantar nos chamando de casal-não-assumido. Eu não protestei em nenhum instante, mas Aurora relutou e discutiu muitas vezes com ele. No final, Blake e eu sempre acabamos rindo de Aurora.

— Não há nada de interessante na minha vida pessoal além da minha família. Minha avó e minha irmã são o que eu mais amo, não há mais nada ou alguém que tenha um lugar parecido no meu coração. Ah, só o meu melhor amigo, Morgan, ele e minha irmã estão noivos e esperando o primeiro bebê. — Blake está mentindo. Eu sei que ele teve alguém, pelo menos é o que Bella me disse quando nos conhecemos, mas eu nunca indaguei para não ser invasivo. — Eu vivo muito bem hoje em dia.

Aurora arqueia a sobrancelha, mais curiosa do que antes.

— Você está mentindo — ela acusa e Blake cruza os braços, relaxado e nem um pouco intimidado. — Eu sei que você teve alguém, em algum momento, e que provavelmente te marcou tanto que você não quer nem tocar

no nome dela, ou dele.

— Dela — Blake corrige e Aurora sorri, como se estivesse ganhado na loteria.

— Vê? Tirei a verdade de você.

— Que seja... — ele resmunga e eu seguro o riso.

— Como ela era? Qual era o seu nome? Como vocês se conheceram?

Aurora pega um pedaço de pizza, se inclinando na mesa e esperando que Blake comece a falar.

— Ela vai mesmo fazer isso? — meu amigo pergunta para mim e eu sorrio, dando de ombros.

Eu não consigo dizer nada, apenas observar.

Confesso que eu mesmo estou curioso, por isso não intervenho.

— O nome dela era Amelie. — Blake pega um pedaço de pizza para si, dando-se por vencido e finalmente contando a sua história. — Eu a conheci por muito tempo antes de realmente nos “conhecermos”. Amelie era muito conhecida na cidade por conta dos seus pais, que eram e ainda são pastores de uma grande igreja em Manchester. Reputação e prestígio por serem nomes mundialmente conhecidos era o que os pais de Amelie carregavam com soberba e falta de noção. Quando eu a vi pela primeira vez ela era tão jovem quanto eu e foi amor à primeira vista, se posso dizer assim. Minha avó fazia parte dessa igreja, então eu frequentava em alguns domingos, mas nunca fui chegado à religião. Creio que Deus seja muito maior do que a sua “igreja” física e esteja em muitos lugares, então eu não preciso ir à igreja para me comunicar com Ele.

— Eu concordo com você — Aurora resmunga, os olhos brilhando enquanto Blake despeja tudo aquilo para nós.

“Eu também”, afirmo mentalmente.

— Certo dia nos “conhecemos” de verdade. Durante tudo isso, eu tinha Morgan como meu melhor amigo e ele sabia tudo sobre mim, assim como eu sabia tudo sobre ele e, ele, Morgan, era apaixonado por minha irmã desde quando se conheceram, mas namorava Amelie por aparências. Foi um pouco complicado absorver tudo isso, mas quando aconteceu, eu entendi tudo. Amelie era danificada pra caralho e eu realmente quero dizer isso, mas falar dos seus problemas não é o meu objetivo e tampouco seria justo. De forma geral, ela tinha problemas com os seus pais e era psicologicamente, além de fisicamente, acredito eu, maltratada por seus “pais perfeitos”. No dia em que nos conhecemos de verdade, foi como tocar pela primeira vez a pessoa que amei calado por muito tempo. Eu já tinha dezoito e ela dezesseis, separados por dois anos, mas eu já a amava há tempos.

— Eu sei como é... — Aurora sussurra e eu franzo o cenho, mas não tenho tempo de pensar muito, porque Blake continua falando.

— Foi complicado me aproximar dela, ao mesmo tempo que muito fácil. Sempre fui transparente com Amelie e ela sempre gostou disso. Não tem um dia que eu não lembre do seu sorriso, do seu beijo, do seu toque. Ela foi o mais perto que eu cheguei do céu e desde que nos perdemos, não consegui ficar com absolutamente ninguém. Eu me sinto como um celibatário. — Blake ri, mas por trás daquilo tem um peso e uma tristeza tão grande que nem Aurora, nem eu, conseguimos acompanhar.

— Foi um término difícil? — Aurora questiona.

— Não diria isso, mas eu também não sei como explicar. Como eu falei, ela estava danificada em tantos pontos, que por mais que quiséssemos, era impossível continuar. Fora tudo isso, o destino não nos ajudou. Eu quis muito ficar com Amelie, eu ainda quero, mas tinha deveres a cumprir e nós

dois... nós dois éramos dependentes. Não queria aquilo para ela. Amelie não deveria depender de mim, da minha presença para sorrir ou ser feliz. Foi doloroso, mas talvez isso a tenha salvado de si mesma.

Quando Blake para de falar, nós dois estamos congelados.

Ele morde seu pedaço de pizza e enche a boca.

— Como algo tóxico? — Aurora sussurra, como se estivesse absorvendo as suas palavras.

— Exatamente isso. Um relacionamento que era cheio de amor, mas também cheio de dependência e nos tornou tóxicos um para o outro.

— Você mudaria algo?

Blake nega, prontamente.

— Nunca. Eu amei todos os momentos com Amelie. Creio que eu fui o que ela precisava para dar um basta em muitas coisas e começar a andar com os próprios pés. Caso nos encontremos outra vez, algum dia, tenho absoluta certeza de que ela estará mais forte do que nunca.

Aurora assente, os olhos cheios de lágrimas.

— Não chore por isso. — Blake sorri, com a voz um pouco pesada. — Amelie, ou Elie como eu a chamava, provavelmente não iria gostar de saber que eu falei dela para outras pessoas, mas ela vai sobreviver a isso quando souber.

— Será que ela vai saber algum dia? — Dessa vez, eu solto.

Blake me encara, ponderando muito antes de falar.

— Eu espero que sim.

— Olhe para mim — digo tranquilamente. — Fiz meu caminho de volta para casa, mesmo que complicado, estou tentando consertar os meus

erros que parecem ser bem maiores que os seus. Mas ao menos eu estou tentando. Deveria fazer o mesmo e isso eu digo como amigo.

Ele assente e sorri mais uma vez. Acredito eu que Blake não gosta de demonstrar fraqueza ou tristeza, ele é sempre para cima, esse assunto foi a primeira coisa que eu vi tirar uma reação como essa dele.

— A gente precisa terminar com isso aqui ou não vamos conseguir ir para Terra do Nunca — ele diz e Aurora engole a seco, colocando em seguida um sorriso nos lábios.

Ela é linda.

Inferno.

— Vamos comer logo ou o Michael Jackson vai fazer da Terra do Nunca só dele outra vez — afirma e nós rimos.

— Ele morreu — Blake retruca.

— Com certeza, mortinho, mortinho — reforço.

— Ele não morreu, vocês são bobos demais em acreditar nisso. — Aurora revira os olhos.

— Saímos do romance trágico para teorias da conspiração?

Dessa vez eu e Aurora que rimos juntos.

— Algo desse tipo — ela diz, animada.

— Isso que eu chamo de versatilidade.

Nós três terminamos de jantar a nossa pizza e saímos do restaurante cerca de vinte minutos depois. Aurora e eu seguimos para o meu carro e Blake para o seu, dizendo-nos para segui-lo e foi exatamente isso que eu fiz. Chegamos ao local mais dez minutos depois.

— Como funciona esse local? — Aurora me pergunta, um pouco

incerta quando estaciono atrás de Blake.

Ela solta o cinto de segurança e eu faço o mesmo.

— Não sei — comento sinceramente. — Não sei como funciona, mas acho que podemos ter um pouco de noção pelo propósito em questão, certo? — Ela concorda com um aceno simples. — Você está bem com isso?

— Sim... — sussurra. Aurora me fita, atenciosa. — Você está sendo legal demais, espero que isso não acabe como um feitiço de uma noite só.

Eu sei que tenho a minha contribuição para esse seu pensamento, por isso só aceito o que ela diz.

— Não vai. Sei que a minha promessa não vale de nada, mas eu prometo que isso é um novo começo para nós dois.

Aurora não diz mais nada, ela sai e eu vou logo atrás. Vamos até Blake, que já nos espera na porta, conversando com um segurança, e entramos os três.

O local é muito acolhedor e não parece ser pequeno. Passamos pela recepcionista que parece saber exatamente quem Blake é e seguimos por um corredor largo e longo até o final. Há muitos desenhos espalhados pelas paredes, dos mais infantis aos mais profissionais. Eu quero parar para tentar desvendar cada um deles, mas eu sigo com os dois.

Entramos em uma sala que, na verdade, é um salão. Há um círculo feito de cadeiras ali no meio, preenchido por muitos jovens, das mais diversas idades, enquanto um homem caminha e fala no meio dele. Quando ele nos avista, nos convida em seguida para nos juntarmos a eles e fazemos exatamente isso. Aurora segura a minha mão, o que me pega de surpresa, mas eu não recuo, apenas entrelaço os nossos dedos. Sinto que ela parece um pouco acanhada no meio de tanta gente e deve ser por isso que se achegou a

mim.

Eu, Blake e Aurora nos sentamos e escutamos ao homem.

— Quem quer se apresentar e contar um pouquinho de si? — ele pergunta, mas o silêncio é profundo e eu até mesmo sou capaz de dizer que corta e dói em cada um. Os segundos passam e ninguém diz nada. — Eu começo — continua, sorrindo de uma forma encorajadora. — Como disse no começo, sou Phillip e sou psicólogo há cinco anos. Nunca entendi essa minha necessidade em tentar entender as pessoas desde pequeno, mas quando cresci eu percebi que vinha da falta de entendimento em meu lar. Os meus pais não me escutavam e nem ligavam para mim. Isso acarretou muitos problemas de personalidade para mim que, quando tive oportunidade, tentei consertar com muito trabalho e ajuda de uma psicóloga, que hoje é minha colega de profissão. Sofri muito em mim mesmo, mas hoje sou um homem melhor e estou aqui para tentar entendê-los assim como me entenderam. — Phillip respira fundo, ainda com muito bom ânimo. — Quem é o próximo?

Um garoto se levanta.

Ele não consegue olhar para ninguém, mas fala.

— Eu sou John, tenho dezesseis anos e sofro com problemas de auto aceitação. Nos últimos anos eu desenvolvi bulimia por não gostar do que via e do que ainda vejo no espelho. Sei que estou e que sou doente, mas vim aqui hoje como a minha última esperança em obter um pouco de ajuda. Às vezes, como minha falecida avó dizia, é mais fácil seguir o caminho da vida sem cair quando alguém está ali para segurar a nossa mão.

— Estamos com você, John — todos falam em uníssono.

Droga.

Isso é pesado.

Aurora aperta a minha mão e eu esfrego o meu dedão sobre o dorso da sua, tentando tranquilizá-la.

— Você quer ficar aqui mesmo? Podemos sair se não se sentir bem.

Ela me fita, os olhos outra vez cheios de lágrimas.

Eu odeio quando ela chora.

— Eu quero ficar, é importante.

Ela realmente quer, então eu não insisto.

— Eu sou Susan, tenho vinte e três anos e tentei suicídio há uma semana. Os meus pais me trouxeram aqui hoje e eu só estou falando nesse momento porque eu os amo muito. Não sei como cheguei a esse ponto, não sei o que fazer para melhorar e sair desse buraco, mas eu sei que odeio que a minha vontade de acabar com toda essa dor que eu sinto seja maior, muitas vezes, do que o meu amor por minha família. Egoísmo? Talvez sim. Mas... Bom, eu estou tentando, não estou?

— Você está e nós estamos orgulhosos que você está fazendo isso por seus familiares, logo fará por si mesma — Blake diz e todos se viram para ele. — Estamos com você, Susan.

Todos repetimos:

— Estamos com você, Susan.

Toda a situação é como um soco na minha cara.

Será que Blake tem noção que a “Terra do Nunca” salva tantas vidas perdidas pelo caminho?

32

*“Me disseram, me disseram para te tirar da minha cabeça, mas eu espero que eu nunca perca as
feridas que você deixou.”*

“Bruises” — Lewis Capaldi

Aurora
Lyon Collins

Por que eu aceitei?

Essa é uma boa pergunta, eu devo admitir. Não há um motivo específico pelo qual eu aceitei, eu só aceitei, eu só... *fui*. Quando Gia e Ian se despediram de mim, eu já estava de pijama. Havia planejado dormir cedo, mas algo dentro de mim, provavelmente o meu lado mais estúpido e burro, ficou me cutucando para eu ir me arrumar. E eu fui. No instante em que Vincent chegou, eu já estava pronta, olhando pela janela do meu quarto o seu carro estacionado na frente de casa. Eu demorei porque a minha parte mais sensata não me deixava ir, mas quando percebi que ele já iria embora, eu saí correndo de casa, praticamente tropeçando em meus próprios pés.

As palavras de Vincent realmente mexeram comigo, principalmente porque eu senti absolutamente tudo que ele disse para mim. Eu sou dura, mas não sou de pedra. A maior parte da minha vida, quando eu descobri em meio tanta sujeira, o que era amor e admiração, foi simplesmente ligado, além dos meus pais e Keela, a Vincent. Eu o amava muito e o admirava mais ainda. As pessoas costumavam vê-lo com maus olhos, mas eu não. Eu admirava tanto Vincent por não se dobrar a ninguém, por viver a sua vida no limite, porque aquilo parecia satisfazê-lo — e eu o amava por isso também. Ele sentia um prazer imenso em viver e viver intensamente, não qualquer realidade medíocre que tentassem o encaixar. Era um prazer vê-lo tão dono de si, assim como hoje ainda continua sendo um prazer poder notar cada detalhe dele, mesmo que eu não queira fazê-lo. Bem lá no fundo, aceitei o seu convite porque de uma forma ou de outra, ele mina os meus pensamentos dia e noite. Não quero ser precipitada, só estou lhe dando a chance que ele pediu, mas, claro, com os meus resguardos.

O nosso início de noite foi muito bom, principalmente por termos tido mais companhia. Blake Armstrong é realmente incrível. Cada palavra sua me

encantou em um nível e saber sua história foi muito refrescante. Por trás de alguém sempre tem uma boa história a ser contada e com ele não foi diferente. A forma como ele falou da sua Amelie foi tocante e eu tive que me segurar muito para não me debruçar em lágrimas. Histórias de amor são o meu maior ponto fraco. Eu sabia que ele tinha alguém que amava muito e não consigo tirar isso da cabeça. Espero muito que Blake vá atrás dela, ou vice-versa, só desejo que se resolvam e quando isso acontecer, quero saber. Ele é tão bom e merece um final feliz.

Nesse instante, estou de dedos entrelaçados com Vincent, segurando o choro outra vez, porque a situação toda é de um significado imenso para mim. Ver o trabalho de Blake na Terra do Nunca é fantástico, saber que pessoas ainda se importam com as outras e têm esse instinto de oferecer ajuda me deixa muito feliz. Um por um foi falando, até mesmo o próprio Blake. Ele cutuca Vincent, que em meio tantas histórias, parece estar acanhado em abrir a boca para falar qualquer coisa.

Vince solta a minha mão e se levanta.

— Eu sou Vincent, tenho vinte e seis anos e muitas vezes, durante os últimos anos, imaginei que tinha a vida perfeita, mas esses eram apenas pensamentos soltos em dias em que eu enchia a cara e me divertia com amigos depois de grandes vitórias em minha carreira. Desde que deixei Pittsburgh senti um vazio imenso por muitas razões. Têm dias que estou muito ansioso para tudo: para sair da cama, para ir até a minha irmã ou até a mulher que eu amo. Três dias atrás eu pensei muito sobre isso, fiz inúmeros planos, mas nem sair da cama eu consegui. — Sinto as palavras de Vincent, sem conseguir tirar os olhos dele. — Eu sei que tenho alguns problemas comigo mesmo, principalmente quando penso em meus pais e a forma como eu sinto a falta deles. Nunca tivemos uma relação boa. Minha paixão fez eles me odiarem e eu nunca quis o ódio deles, só que me aceitassem. Por outro

lado, outras pessoas me aceitaram, como minha irmã Gia que sempre foi muito importante para mim. — Ele ri, acanhado, parecendo envergonhado. Vincent enfia as mãos nos bolsos de sua calça e vira um pouco para me olhar. — Cometi muitos erros durante os últimos anos, sofri com a depressão e ansiedade enquanto estive fora, minha felicidade era sempre momentânea e eu só queria voltar, mesmo não sabendo como refazer esse caminho. Nunca contei isso a ninguém, nunca nem me deixei pensar sobre isso. No último ano eu melhorei quanto a tudo isso por minha conta própria, não seria justo voltar e jogar os meus problemas e as minhas dores em ninguém. É claro que temos pessoas, anjos, que nos ajudam a passar por fases difíceis, são pessoas valiosas e que precisamos dar o devido valor a cada uma delas, mas se não decidirmos em nosso íntimo que precisamos reagir, ninguém poderá fazer isso por nós. — Ele se vira para encarar todo mundo outra vez. — Estou orgulhoso de vocês todos que deram esse passo importante. Um dia tudo vai ficar mais fácil e eu espero e desejo que seja logo.

Eu não sei o que falar, nem o que pensar.

Eu sinto muito por Vincent, eu sinto de verdade.

— Estou com você, Vincent — digo alto, minha voz embargada e o meu coração praticamente batendo em minha garganta.

— Estamos com você, Vincent — todos completam.

Ele se senta ao meu lado outra vez e me encara. Seus olhos estão mais brilhantes que o normal e a sua expressão muito tranquila.

— Vai fazer isso? — pergunta para mim e eu engulo a seco.

— Não consigo — sussurro de volta.

Realmente não consigo, principalmente depois de escutar a sua dor e sentir como se fosse minha. Phillip se levanta e sorri para todos nós, um

sorriso acolhedor e tranquilizador. Eu procuro pela mão de Vincent mais uma vez, entrelaçando os nossos dedos e me aproximando mais dele. Ele vira o rosto, calmo e pergunta:

— Está gostando disso?

Sorrio, respirando fundo como se estivesse fôlego.

— É um dos melhores dias e momentos da minha vida — confesso e o seu sorriso, alinhado e branco, se abre, em alegria.

— Estou nervoso, mas se você gostou, tudo bem.

Meu sorriso só cresce, completando o seu.

— Estou orgulhosa que compartilhou tudo isso com a gente.

Ele acena positivamente.

— Acredite, eu também estou.

Nós viramos para Phillip, que continua conversando com todos nós e prestamos atenção pelo resto do tempo que ficamos na Terra do Nunca.



Vincent, Blake e eu estamos em frente a Terra do Nunca, conversando e rindo sobre alguma coisa que Blake falou. O resto da “sessão conjunta” do grupo foi tão maravilhoso quanto o início. Esse vai ser um dia que eu nunca vou esquecer, principalmente por ter absorvido tanto significado da vida.

— Por que esse nome? Terra do Nunca?

— É um lugar onde você está perdido e tem a chance de se “achar”

com outras pessoas, outros navegantes, e com essa ajuda, encontrar o caminho de volta para casa. Eu sempre penso nisso quando falo esse nome ou quando me perguntam sobre. A Terra do Nunca pode ser também o que você quiser que ela seja. Depende unicamente de você — Blake diz sorrindo de lado.

— É incrível. Você é incrível.

— Eu sei disso. — Ele pisca para mim e Vincent o empurra de brincadeira, fazendo-nos rir.

— Sai fora, Blake. Você tem a sua Amelie.

Blake ri mais um pouco, pegando o seu celular do bolso do jeans.

— Eu tenho mesmo — afirma. — Preciso ir agora, se os pombinhos não se importam. Amanhã eu tenho uma viagem programada e não posso me atrasar. Vamos marcar de nos ver quando eu voltar, tudo bem?

— Claro! — exclamo, indo até Blake e abraçando ele bem forte. — Obrigada por isso. Você faz um trabalho incrível e foi um prazer conhecer uma pessoa tão boa como você.

Deposito um beijo na bochecha de Blake e me afasto. Ele sorri, largo, parecendo feliz por tudo que eu lhe disse.

— Você é incrível também, Aurora. Vi isso quando coloquei os olhos em cima de você e eu tenho certeza que o meu amigo aqui, sabe disso. — Blake dá uns tapas fortes demais no ombro de Vincent e eu seguro o riso. — Se cuida, cara, qualquer coisa me liga — diz para Vince e ele concorda.

— Se cuida também e vá atrás dela.

Blake sorri de lado, mas não diz nada.

Me junto a Vincent e nós ficamos observando Blake se afastar. Ele entra em seu carro, buzina para nós e parte para longe. Ficamos parados por

mais algum tempo, até meu corpo protestar pelo frio.

— Vamos para o carro? — Vincent parece perceber e logo pergunta.

Aceno positivamente e nós seguimos para o seu carro.

Quando entramos e quando ele liga o aquecedor, volto a relaxar, fechado os olhos por alguns segundos antes de voltar a falar alguma coisa. Eu não consigo parar de pensar nem mesmo por um segundo. Minha cabeça não para de funcionar com tudo que aconteceu nas últimas horas. Aprendi tanto que simplesmente não consigo parar de pensar na experiência que passei com Vincent.

— Vamos para casa? — ele pergunta e eu concordo.

— Se o nosso passeio não tiver outras paradas, já podemos ir para casa.

Eu viro para encarar Vincent e eu já o encontro me fitando de volta.

— Quer ir em mais algum lugar? — indaga, esperançoso.

— Depende de onde vai me levar.

— Sim ou não? — insiste.

— Sim.

— Tudo bem — afirma parecendo satisfeito.

Nós colocamos o cinto de segurança e ele recomeça a nossa “viagem” juntos. Eu ligo a rádio, deixando uma música de fundo bem baixinho, não como antes, que nem sabíamos ao certo o que falar um para o outro ou mesmo se deveríamos falar algo. Ficamos calados por entendimento. Entendi muito de Vincent hoje, muito mais do que imaginei que algum dia entenderia. Ele não sabe nem da metade de mim, mas isso é algo que talvez eu consiga dizer a ele, enquanto não acontece, tento pensar apenas nas melhores parte.

O caminho é um pouco mais longo do que eu esperava, mas quando

estamos chegando perto, já consigo ver a beleza do lugar. Eu nunca vim para esse lado de Pittsburgh. Vi muito pouco da cidade, mesmo quando era pequena e ainda tinha os meus pais.

— Onde estamos? — pergunto curiosa.

— Eu costumava vir aqui antes das corridas, quando ainda disputava rachas. Era o meu momento de concentração e paz antes do caos e adrenalina — diz entrando no acostamento e seguindo por uma estrada de terra curta até o topo do que eu classificaria como montanha, mas nem é bem assim.

É um montezinho de terra batida, com um banco ali no topo e uma vista incrível da paisagem. No pôr do sol deve ser ainda mais bonito.

Vincent e eu descemos quando ele estaciona ao lado do banco e caminhamos até ele. Ele se senta e me puxa, fazendo eu me sentar ao seu lado. Levanto o rosto, fitando o céu estrelado. É como a cena de um filme. São tantas estrelas que eu não conseguiria contar nem se quisesse. Os faróis ligados do carro estão nos iluminando mais do que suficiente.

Que dia, Aurora.

Que dia.

— Como achou esse lugar? — pergunto curiosa.

— Uma vez eu estava a caminho de um racha, era final de tarde e eu posso lembrar como se fosse ontem. Eu estava passando pela estrada, quando eu virei para o lado e avistei uma senhora de longe. Algo me fez parar e ir até ela. — Vincent vira para mim, fitando o meu rosto por inteiro. — Eu me aproximei e começamos a conversar. A senhora me disse que esse era o local que ela e o seu falecido marido passavam as tardes. Ele colocou esse banco aqui, ainda no meio do século passado, e se tornou uma tradição entre os dois. Quando ele morreu, ela continuou a tradição sozinha e alguns dias,

desde que a conheci, lhe acompanhei em algumas tardes. Ela se chamava Abigail e era uma adorável senhora lá pelos seus oitenta e poucos anos.

— Sério? — pergunto, maravilhada com a história.

— Sim. Completamente sério.

— Tem notícias dela? — questiono.

Eu adoraria conhecê-la.

— Passaram-se muitas semanas desde a última vez que eu a vi pela última vez. Lhe dei uma carona até sua casa, porque ela disse que estava se sentindo muito cansada, mas precisava vir. Voltei até a sua casa e lá estava a sua filha mais velha, tirando alguns móveis de dentro. Perguntei o que tinha acontecido e se Abigail estava bem e ela me contou que Abigail morreu naquela mesma noite em que lhe deixei em casa, abraçada com a foto do seu falecido marido. Causas naturais, durante o sono. — Ele suspira e eu mordo o meu lábio. — Fiquei muito triste naquele dia, mas entendi que ela merecia descanso, merecia reencontrar o seu grande amor e isso me deixou um pouco melhor. Pelo menos eu tive uma última tarde com ela, mesmo sem sabermos que seria a última.

— Queria ter conhecido Abigail.

— Ela teria adorado você, não tenho dúvidas.

Sorrio, chegando mais perto de Vincent.

— Você tem muitas histórias não contadas, não é? — questiono, porque hoje eu pude perceber isso de verdade.

Não histórias quaisquer.

Não histórias sobre bebidas e mulheres.

Histórias reais. Histórias com significado. Histórias com amor e com

dor.

— Todos temos. Não é porque eu sou um idiota pela casca, que não sinto nada por dentro.

— O que você está sentindo agora? — sussurro.

Eu quero beijar Vincent.

Juro que sim.

Mas esse não é o momento certo.

— Que você tem muito a me contar e que isso não é de hoje — resmunga de volta, deslizando o olhar pelo meu rosto até parar sobre os meus lábios. — E que eu te beijaria se isso não fosse muito precipitado ou cedo, mas receio que teremos tempo e muitos outros “encontros” para isso.

Meus nervos saltam sobre mim.

— Eu tenho algumas coisas que eventualmente vou compartilhar com você, mas também creio que tanto essas coisas quanto o seu beijo podem esperar pelo momento certo.

Ele sorri, o sorriso alcança os seus olhos, que estão um pouco mais claros por conta da luz, e se mistura com o meu próprio sorriso.

— Então quer dizer que eu ganhei alguns pontos hoje? — pergunta.

— Poucos, mas ganhou. Ainda não confio em você, Vincent, mas se continuar tentando, podemos construir algo...

— Depois de hoje, eu não vou parar de tentar.

Nós nos encaramos serenamente, como se estivéssemos concordando um com o outro. Vincent se aproxima de mim e passa o seu braço esquerdo sobre o meu ombro. Subimos nosso olhar para o céu e ficamos olhando as estrelas, até que ele resolve abrir a boca e começa dizer que as estrelas que

estão hoje no céu são uma grande família. Ele começou a nomear cada uma delas com nomes muito estranhos e eu não consegui segurar a gargalhada ao ver a sua criatividade para nome fluir entre nós dois. No fim, só fiquei com pena dos seus futuros filhos, esses sim vão sofrer com as escolhas do pai.



“Eu desejo tanto ser livre.”

“Free” — Elina Stridh

Aurora
Lyon Collins

Foi difícil dormir aquela noite, mas eu, em algum momento, caí no sono.

Por muita sorte, cheguei em casa antes de Gia e Ian, ou teria muitas perguntas a responder, perguntas essas que eu não tenho respostas nem para mim mesma. Um dia se passou desde aquele dia e eu não encontrei com Vincent outra vez, mas ele me mandou mensagem, quero dizer, mandou muitas delas. Se eu já tinha correspondido àquela altura, não dava mais para tratá-lo de forma tão ríspida como antes. Nós passamos quase o dia inteiro trocando mensagens, só não quando eu estava ocupada no orfanato durante o dia e na minha hora com Maureen durante a tarde. Fora tudo isso, eu e Vincent nos comunicamos o tempo todo e eu devo pontuar que foi diferente. Muito, para ser sincera. É sempre diferente com ele, eu não consigo negar isso. Vincent dificulta as coisas para o meu lado por ser simplesmente do jeito que ele é. Quando eu penso que estou um pouco recuperada das surpresas que ele me apresenta, Vincent vem com mais, mais e mais.

Hoje, por outro lado, já é um novo dia.

Acordei há algum tempo só porque Gia veio me despertar, senão ainda estaria dormindo. Nós tomamos café da manhã juntas e agora, na metade dele, Ian chega com Vincent pela porta da cozinha. Os dois certamente não pareciam esperar que eu já estivesse ali com Gia e Rose, mas eu estou.

— Bom dia, amor. — Ian beija Gia e depois se aproxima de mim, beijando o topo da minha cabeça. — Bom dia, querida.

— Bom dia — digo observando Vincent.

Ele se encosta na parede da cozinha, quase ao lado de Rose, que está fazendo algum doce de abacaxi. Vincent me encara, como se estivesse me avaliando, eu faria o mesmo de volta se não estivéssemos no meio de tanta

gente. Desvio os nossos olhares e volto a fitar Ian.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Alguma novidade? — Gia questiona e ele pigarreja.

— Sim — afirma desconfortável. — Nós conseguimos achar uma imagem na câmara de segurança de um amigo de Vincent no outro quarteirão. — Ele tira o celular do bolso do seu jeans, mexendo por breves segundos e coloca na mesa. — cremos que foi esse o homem que quis pegar Aurora.

Ele dá play no vídeo gravado das câmeras de segurança e nós assistimos atentamente a tudo que se passa na pequena tela. Em uma fração de segundos, um homem alto, provavelmente magro, mas com uma grossa camada de roupas pretas cobrindo-o totalmente. Não conseguimos ver a cor da sua pele, nem qualquer característica facial, afinal, além de estar completamente coberto com muita roupa, também está de costas. Não adiantaria nada de forma alguma. Ele está encapuzado.

Eu não sei o que pensar.

Quero dizer, eu sei. Eu me sinto pequena no meio disso tudo, além de que... estou com medo. Para ser completamente sincera comigo, isso me dá medo.

— Achei isso na caixa de cartas. — Ian joga em cima da mesa o bilhete e em seguida o seu envelope. O bilhete é legível para todos nós, nem preciso pegar para ver de perto. — Não sei como chegou aqui, não tem remetente. Podemos ir atrás do carteiro, mas não creio que teríamos alguma pista.

Estou olhando você, Aurora.

Isso me aterroriza de muitas formas.

Quem e por quê?

A sensação ao redor de tudo isso me faz ficar ansiosa, acima de tudo. Eu não tenho como me proteger, ou tenho? Quando ele vai vir atrás de mim de novo? Ele quer me machucar? Ele quer machucar Gia ou Ian? Ou Vincent? O que ele quer comigo?

Isso é um perturba a minha cabeça de uma forma que eu não queria que perturbasse.

— Você já entrou em contato com os seguranças? E as câmeras que discutimos sobre? Eu sempre disse que deveríamos tê-las — Gia questiona Ian como uma metralhadora. Subo meu olhar para Vincent, que provavelmente nem desgrudou o olhar de mim. — Precisamos disso para ontem, amor.

— Se importam se eu subir? — pergunto, mas não espero por uma resposta.

Levanto e saio praticamente correndo para o meu quarto, mas não antes de escutar Vincent dizer:

— Deixem que eu falo com ela.

Eu não quero fazê-los reféns do perigo que eu apresento. Sei que nenhum de nós imaginaria que isso poderia acontecer, afinal, eles morreram. Os meus monstros estão debaixo de sete palmos de terra. Se Deus for bom mesmo, apenas os seus ossos e cabelos restaram a essa altura, então nada explica isso tudo. Ainda assim, eu não posso colocar Gia e Ian na linha de frente por minha exclusiva causa. Não quero vê-los machucados, não quero perdê-los, eu nunca me perdoaria por isso.

Uma angústia enorme me toma e faz um bolo se formar em minha garganta. Alcanço o último degrau, ofegante, escutando Vincent atrás de mim. Eu viro e o encontro ali, preocupado, mas paciente. Sigo para o meu quarto e ele não para de me acompanhar, ao passo que eu não me importo

com isso. Se ele quer vir, que venha.

— Você está bem? — indaga quando já estamos dentro do meu quarto.

— O que você acha? — replico andando de um lado para o outro. — Tem um homem atrás de mim, querendo me fazer mal, e que é uma ameaça a Gia e Ian também. Sem contar você, possivelmente. Eu tenho como ficar bem? De verdade, Vincent?

Ele se aproxima em passos largos.

— Não vai acontecer nada com você, Aurora. Eu prometo que não. — Ele tenta tocar o meu rosto, mas eu seguro a sua mão.

— Não pode me prometer isso, Vince.

— Posso, Bela. Me diz por que alguém teria motivos para te fazer mal? Quem poderia ser esse homem? Eu preciso de uma luz para tentar tomar alguma atitude. — Solto a sua mão, nervosa. — É sobre o seu passado, não é?

Claro que é.

— Eu acho que sim — sussurro.

Eu não sei como encarar essa situação. Não quero contar para Vincent sobre o meu passado ou absolutamente nada que envolva isso. Não quero que ele me olhe com nojo por tudo que me aconteceu, por todas as coisas que eu sofri, mesmo que nada tenha sido culpa minha. Não vou suportar ou aguentar a sua reação sobre o que eu tenho por debaixo de toda essa casca. É complicado porque isso não se restringe a Vincent. É válido para todos. Eu não quero ter que contar sobre as coisas que vivi, o inferno que passei, para ninguém, nem para a minha melhor amiga.

— Pode confiar em mim, Aurora — pede.

— Ainda estamos "começando", Vincent. Não me peça coisas que eu

não consigo fazer: contar ou confiar inteiramente em você. Não sei se tem algo que possa fazer por mim, para ser sincera. Se puder pensar em algum lugar para que eu possa ir, sair daqui, tudo bem.

— Sair daqui? — Arqueia a sobrancelha. — Gia não vai deixar que isso aconteça, sabe disso.

— Eu não quero que ela e Ian fiquem a mercê da minha situação, do perigo que eu sou aqui dentro. Sabe-se lá o que esse homem faria comigo. Ele pode machucar qualquer um e eu não quero isso. — E isso é verdade. — Não tenho trabalho, nem dinheiro, então não tenho como alugar um canto para ficar. Eu seria grata se me ajudasse nisso. Quero dizer, nisso e em convencer Georgia e Ian em me deixarem sair de casa para ir para outro lugar.

— E deixar você por conta própria e mais exposta ainda? Não conte com minha ajuda. Isso é besteira e nem mesmo eu deixaria que acontecesse. — Cruzo os braços, chateada. Ele não entendeu a parte de que a pessoa lá fora está atrás de mim e não soubemos até que ponto ela pode ser perigosa para todos nós? — Escute bem, Aurora. Eu tenho máximo respeito por você, de verdade, e eu creio que saiba disso desde que nos conhecemos. Esse respeito se estende para qualquer um. Você é livre para fazer o que quiser, quando quiser, nem eu e nem ninguém somos capazes de te dizer ou te "proibir" de qualquer coisa. Ponto. Mas nós nos importamos e não é nada disso que você está pensando sobre "todos estarmos em perigo". Somos mais fortes se estivermos juntos, se você se mudar ou for para longe, ainda com todo respeito, seria fácil como tirar doce de criança para esse homem te pegar. Se não fosse por seu amigo, onde você estaria agora? Eu não gosto nem de imaginar nas possibilidades. Você precisa se acalmar e pensar com a cabeça, não deixar a emoção e o medo falarem mais alto. Tudo bem você querer se mudar, mas não por essa razão e não sozinha. Magoaria Gia e Ian,

eu sei bem do que estou falando. Tem a sua amiga Keela, você pode ficar em um apartamento com ela ou mesmo comigo em meu apartamento, mas sozinha não, pelo seu próprio bem.

Vincent para de falar e eu suspiro, sentindo como se eu fosse um fardo. Mas eu entendo tudo que ele diz e admito: ele está certo. O homem da imagem é alto e grande, apesar de parecer ser esguio e magro. Eu sou pequena, franzina, qualquer um que quiser pode me pegar e me imobilizar em dois segundos.

— Eu sinto muito — digo quando vejo Gia entrar em meu quarto com Ian. — Fui um problema no começo para vocês e agora voltei a causar mais problemas. Juro que não queria nada disso.

Ela se aproxima de mim e me abraça apertado. Sempre vou me sentir segura em seus braços e isso é algo que eu nunca vou conseguir pagar.

— Você nunca vai ser problema para nós, Aurora. Você foi solução para muita coisa, não só para Ian e eu, como para Vincent também. Você foi tudo que precisávamos e continua sendo tudo que precisamos. É nossa família, sempre vai ser e vamos te proteger com tudo que tivermos. — Gia beija o topo da minha cabeça. — Nós te amamos demais.

— Eu amo vocês igualmente e me preocupo com o que posso causar — sussurro.

— Não vai causar nada. Vamos dar um jeito em tudo, Aurora — Ian me conforta e eu acabo concordando.

Eles me ajudaram a dar um jeito no começo, deveria saber que não me deixariam para trás logo agora. Eu sou grata pela família que criamos, mas ainda estou aterrorizada com tudo.



Depois do conforto que me ofereceram e de um bom banho para esfriar a cabeça, resolvi que deveria sair um pouco enquanto Ian parecia resolver mais algumas coisas com Gia. Vincent me convenceu, para ser sincera, de conhecer o seu apartamento. Como eu não tinha muito a fazer e queria sair um pouco de casa, tentar esquecer um pouco toda tormenta, aceitei porque não tinha nada a perder e realmente não tenho.

Quase vinte minutos depois e um leve trânsito, chegamos a uma parte da cidade ainda mais rica. Entramos pelo que eu deduzo ser o estacionamento subterrâneo de um arranha-céu absurdo de lindo. É todo preto e brilhante, o que me deixa boquiaberta com a beleza do lugar.

— Você mora aqui? — pergunto, é óbvio que sim, mas eu sinto vontade de perguntar assim mesmo.

— Sim. — Ele ri, baixinho. — Gostou?

— É legal, mas parece ser muito caro... Eu não teria coragem de dar tanto dinheiro nisso.

— Vale à pena o conforto. É caro, mas eu gosto disso, sempre gostei. É ainda melhor por ser eu mesmo a bancar todos os meus desejos. Não depender de "papai e mamãe" torna minha vida extremamente satisfatória.

— Deve ser realmente satisfatório para você. — Sorrio de lado, mas ao mesmo tempo com uma vontade imensa de abraçá-lo. Odeio perceber o quão ruim é a relação de Vincent com os pais, principalmente depois de tudo que ele falou na Terra do Nunca. — É tudo preto lá dentro? — pergunto tentando

trocar o assunto, enquanto ele estaciona no que provavelmente deve ser a sua vaga.

— Você vai conhecer logo, não seja ansiosa — reclama e eu reviro os olhos, porque sim, sou ansiosa, e sim, quero saber antes de olhar.

Nós saímos e Vince segura a minha mão, me guiando pelo caminho até o elevador. Nós entramos e ele aperta o último botão, o que me faz ficar ainda mais ansiosa pela viagem até o topo. Aperto a sua mão durante o caminho porque elevadores me deixam nervosa, mas aguento firme até chegarmos lá. A porta se abre e nós saímos. Posso notar que há apenas duas portas nesse andar e Vincent me puxa para a da esquerda.

— Só dois? — pergunto.

— É enorme, você tem que ver — diz parecendo tão animado quanto eu e nós não conseguimos não rir.

Vincent enfia a chave no trinco e gira, abrindo e me dando espaço. Eu entro na sua frente, sem nem precisar ligar luz porque está tudo bem iluminado pela luz natural do dia. Escuto ele fechar a porta atrás de nós e no segundo seguinte ouço uma voz feminina.

— Vince?

Eu olho para todos os lados, até achar a fonte.

É aquela mulher, a do aeroporto. Ela está praticamente sem roupa, o que faz meu estômago embrulhar. Eu viro de costas, dando de cara com o peitoral largo de Vincent. Ele segura o meu braço suavemente, mas eu só desejo cavar um buraco bem fundo e me enfiar nele.

— Melhor eu ir... não quero atrapalhar...

Ela só está usando uma blusa masculina, que presumo ser de Vincent, aberta alguns botões. Nua, praticamente isso.

Que diabos vou fazer aqui?

E, o melhor de tudo: que diabos ele quer atrás de mim quando tem outra em sua cama?

34

“Eu nunca cumprio as minhas promessas, mas é por você que eu estou quebrando-as.”

“Worthy Of You” — Plested

Vincent
Pette Hawk

Eu não fazia a mínima ideia do que Marie estava fazendo aqui e nenhuma das alternativas estava me agradando. Aliás, pensar sobre qualquer coisa em que ela esteja envolvida não me agrada. Eu vim para cá para ter um pouco de paz, não só do trabalho, mas da sua obsessão doentia sobre mim, contudo ela ainda não deve ter entendido o recado que eu estive lhe dizendo o tempo todo.

— Que diabos está fazendo aqui? — Os meus dentes rangem, enquanto me controlo ao máximo para não perder o resto de paciência que eu tenho com ela.

Eu não aguento mais isso. Mais uma merda e eu vou estar quebrando todos os contratos com Marie, não importa o que Hunter diga

— Amor...

Aurora treme debaixo da palma da minha mão, como se ela estivesse tão enojada quanto eu e eu não duvido absolutamente nada que ela esteja.

— Que merda de amor, Marie?

— *Eu posso pegar um táxi e...*

— Não, Bela. Eu vou resolver isso e você não precisa sair, é minha convidada, diferente *dela*.

Os olhos de Aurora estão grudados em mim. Posso sentir como ela está chateada com tudo isso, principalmente por estar presenciando uma cena dessa. Eu também não queria que isso estivesse acontecendo, mas a minha vida não é fácil quando se trata de chegar perto de Aurora sem pisar em ovos ou ter ovos sendo jogados em cima de mim.

Deixo Aurora exatamente onde ela está e volto a minha atenção para Marie. Ela realmente perdeu toda noção que lhe restava. Sou completamente

contra homens que tratam mulher mal por motivos óbvios que todos os homens deveriam entender, mas ela cutuca exatamente esse lado que não existe em mim, como uma provocação medonha para ver se me tira do sério. Marie está em uma das minhas camisas sociais brancas, usando sem nenhuma dúvida, afinal, ela faz questão de se mostrar, apenas isso. Sem sutiã, sem calcinha, sem nada, só a minha camisa.

Agora me diz: tem como ter paciência?

Primeiro: ela entra no meu apartamento sem a minha permissão e sem eu nem saber que ela tinha as chaves.

Segundo: ela fica pelada e depois veste só uma camisa minha.

Eu estou sendo testado, com certeza estou.

— Eu não sei como você entrou aqui, mas podemos resolver isso logo que eu chamar o porteiro desse lugar. Ou, talvez, que tal eu levar isso para a polícia? Invasão, Marie? Mesmo?

Ela sorri, o seu sorriso diabólico com os lábios pintados de vermelho. Como sempre disse: ela não é feia, na verdade é bonita pra caralho, mas eu não sinto nada que Marie espera que eu sinta.

— Eu sou sua empresária, acha mesmo que vão acreditar nessa besteira que está falando? — Sorri ainda mais. Marie procura Aurora com olhar e eu posso ver como ela é maldosa. — Então esse é o seu novo bichinho de estimação? Ao menos o seu bom gosto ainda era um pouquinho melhor em New York, bebê.

Aurora ri, porque ela ainda está perto o suficiente para nos escutar.

Merda.

— Bichinho de estimação? Eu? Falou comigo? Eu pensei que estava falando consigo mesmo. Parece um monólogo, querida — Aurora retruca

surpreendendo-me por ter se metido, mas por outro lado eu não esperaria menos dela. — Eu não sei o que vocês dois têm, mas eu não tenho absolutamente nada com Vincent, então você deveria dobrar a língua para falar assim comigo. Aliás, não é porque ele é "isso tudo" que você vai destratar qualquer mulher que respire próximo dele. É só um homem, não Deus.

Ela parece no limite.

— O bichinho sabe se defender. Oh, meu Deus, que fofo! — Marie não para.

— Vai se vestir e sai daqui agora, Marie — digo com o meu último resquício de paciência indo pelo ralo. — Aurora é importante para mim, ela é diferente de qualquer outra, principalmente de você, então eu não vou ficar aqui parado escutando você destratar a minha... a mulher que eu amo. Não vou repetir mais, Marie. Ela é importante para mim e eu não quero mais as suas merdas ao meu redor porque Aurora vai ficar na minha vida daqui para sempre, então ou entramos em um acordo, ou você já pode procurar novos cliente.

Todo seu divertimento se esvai. Marie está séria, mais do que eu já vi algum dia. Ela parece engolir a seco, enquanto pondera se vai abrir a boca ou não para contestar o que eu falei.

— Está brincando...? — pergunta.

Sinto quando Aurora chega ao meu lado, segurando a minha mão. Viro o rosto para fitá-la, achando-a já me encarando com os olhos castanhos brilhando levemente. Sim, ela é exatamente a definição de céu na Terra e é exatamente por isso que eu estou lutando e me esforçando o quanto consigo para conquistá-la inteiramente.

— Acha que isso é brincadeira? — retruco voltando a encarar Marie.

Eu observo como ela engole a seco. Marie dispara pelo meu apartamento e quando volta, está em suas roupas, o seu olhar furioso direcionado a Aurora e depois a mim. Por mim não me importo nem um pouco, mas por Aurora sim. Não gosto de como ela olha para a minha Bela, não mesmo. Hunter vai ter que conversar com Marie de forma definitivamente. Não há mais convivência com essa mulher, principalmente depois de senti-la como uma ameaça para a pessoa que eu amo.

Sem chances.

Aurora já tem problema demais e eu não quero que, se ela ficar comigo, nossa relação se torne um problema a mais em sua vida. E, sim, da forma que Marie olhou para nós é isso que ela representa: *problema*.

Eu solto Aurora por um instante, acompanhando a loira furiosa até a porta. Ela abre e sai, fazendo-me ir atrás.

— As chaves — peço tentando ser e soar o mais gentil possível.

Marie me encara e sorri. Ela joga as chaves em cima de mim, chamando o elevador.

— Como conseguiu elas? — questiono porque eu não lhe dei absolutamente nada e eu quero crer que Hunter não fez isso também.

— Eu consigo entrar onde eu quiser, Vincent.

O elevador chega e Marie entra, apertando freneticamente o botão para que ele feche depressa. Quando eu viro para voltar para o meu apartamento, Aurora está encostada ali me fitando. Seu olhar é mais tranquilo, quero dizer, em partes ela parece menos brava do que antes. Fitá-la me tranquiliza e eu imediatamente esqueço da outra, focando apenas nela bem ali na minha frente.

— Essa mulher tem algum problema — diz enquanto me aproxima

devagar. — E ela é assustadora, além de visivelmente obcecada por você. Eu já estava me perguntando por que diabos me trouxe aqui, se era para brincar com a minha cara ou me fazer de trouxa? Por pouco as suas chances não se esgotaram completamente, Vincent. — Paro na frente de Aurora e ela levanta mais o rosto para continuar me encarando. É engraçado como ela é baixinha, mas ao mesmo tempo muito valente diante de mim. — Então ela começou a falar e falar e falar... Bom, deu para perceber que você não tinha nada a ver com isso e se tivesse outra mulher não me traria aqui para dar de cara com ela.

Levanto a minha mão até o seu rosto, tocando em sua bochecha direita e esfregando suavemente o dedão sobre a sua pele macia. Aurora suspira baixinho, as pálpebras parecem pesar um pouco e eu sorrio de lado.

— Não tenho outras ou outra, é só você, e como felizmente percebeu, eu realmente não sabia da presença dela aqui. Mais tarde vou na portaria exigir que não deixem que ela entre no prédio. — Aurora concorda com um breve aceno, que só faz meu dedo esfregar ainda mais em sua bochecha. — Estamos bem, então?

— Na medida do possível, sim, estamos — diz, seus olhos ainda me passando toda a sua insatisfação quanto a situação, mesmo que ela tenha entendido que não tive culpa. — Isso nunca vai dar certo, não acha?

— Isso? — pergunto.

— Nós. *Isso*. O que está tentando, ou melhor, o que estamos tentando.

— Nós? Nós estamos tentando? Você está tentando também? — pergunto porque isso ainda tem um pouco de novidade para mim.

— Estou aqui, não estou? É claro que de alguma forma eu estou tentando, já que estou deixando você se aproximar de mim outra vez.

— Então, por favor, não pense assim. Vamos dar certo sim, estou me esforçando para isso, Aurora, mais do que consegue perceber. Você é incrível e eu estou tentando ser o melhor para você.

Ela parece pensar um pouco, mas volta a concordar comigo.

— Por mais que queira ficar comigo, não se diminua para "caber" em mim. Se for para sermos, vai ser sem precisar se privar de nada e sim para nos completarmos. Concordando comigo, dessa forma, então sim, podemos continuar com qualquer que seja a coisa que está acontecendo entre nós.

E mais uma vez ela sabe o que falar, como sempre.

— Você disse para ela que não tinha nada entre nós dois... — resmungo esperando por sua reação.

— Com todo respeito do mundo, você viu bem como ela estava. Queria que eu fizesse o quê além de tudo que você já fez? Dissesse que você se declarou para mim? Aí sim ela iria querer a minha cabeça em uma bandeja ao seu próprio dispor — Aurora diz e me mexo inquieto. — Além de tudo, ela parece bem perturbada e obcecada por você. Talvez algumas visitas com a minha psicóloga podem fazê-la recobrar ao próprio sentido.

— Eu vou conversar com Hunter sobre Marie. A sua presença se tornou insuportável e ela estava cada vez pior. Depois de hoje eu não sei mais nem do que ela seria capaz de fazer.

— Não vamos pensar nisso, por ora passou — Aurora diz segurando a minha mão e se aproximando mais de mim. Eu tenho o instinto de abraçá-la e ela aceita sem parecer desconfortável. — Vai me mostrar a sua casa ou vamos ficar plantados aqui como duas árvores centenárias?

Aurora sabe como mudar o clima de pesado para divertido como ninguém. Sorrio, interessado no que ela diz.

— Não sei você, mas eu não me importaria em ficar aqui e passar o dia inteiro te olhando.

Suas bochechas ficam vermelhas, enquanto ela sorri de lado, acanhada diante minhas palavras.

— Se fosse antes eu não me importaria — sussurra e eu arqueio a sobrancelha.

— O que quer dizer com isso?

— Antes, Vincent. *Beeeeem* antes.

— Me conta de antes.

Aurora pondera por alguns segundos, apoiando o queixo em meu peito, enquanto as suas mãos pairam por meus braços. Estou abraçando-a pela cintura, nós estamos o mais perto em toda história do nosso "relacionamento". Isso é incrível de um modo absurdo para mim. Nunca pensei que esses pequenos toques e detalhes significariam, algum dia, tanto para mim, mas com Aurora parece tudo novo, com novos e profundos significados que até então todos eram desconhecidos por mim. Experimentar a vida com ela tem um gosto de “quero mais” que não passa nunca.

— Eu, quem sabe, gostava um pouquinho mais de você — diz surpreendendo-me.

— Quando isso? — questiono curioso. — Quando nos conhecemos?

— Antes. Bem antes.

Hã?

— Como?

— Keela, seus rachas, essas coisas.

— Há quanto tempo isso tudo?

— Um pouco depois que você começou a ficar "conhecido". Keela achou você nas redes, Hunter também. Lá do lixão eu sempre escutava os carros e quando conseguia um tempo, corria para ver vocês.

— Sêrio?

Droga.

— Sim — sussurra desviando os nossos olhares brevemente. — Você era incrível e eu adorava te assistir. Sinto falta disso, um pouquinho.

— Se quiser eu posso te levar em uma pista para dar uma volta comigo — digo atraindo o seu olhar outra vez.

Seus olhos brilham, mostrando o quão animada ela parece ficar com o meu convite.

— Quero. Muito. Você vai mesmo me levar?

— Se você quer, vamos marcar um dia.

— Combinado. — Ela sorri largo para mim.

— Então era apaixonada por mim, Bela?

Aurora me empurra, envergonhada.

— Eu não deveria ter te contado isso.

— Mas agora que contou, eu sei que tenho mais chances, só preciso te reconquistar.

Puxo Aurora de volta e me inclino para beijar sua bochecha.

— Você tem um caminho a percorrer, não se engane — enuncia tranquilamente.

— Não estou me enganando. Por você eu percorreria esse caminho mil vezes.

Aurora gargalha, me abraçando apertado e me fazendo rir junto com

ela.

— Desde quando você é tão romântico assim?

— Desde quando eu parei de ser um imbecil.

Aurora ri mais e eu não consigo não rir com ela. Me hipnotiza o seu sorriso e a sua gargalhada. Eu estou completamente caído por ela e não tem como negar para ninguém.

35

“Beije-me como se quisesse ser amada.”

“Kiss Me” — Ed Sheeran

Aurora
Lyon Collins

Voltando dos outros cômodos com Vincent, depois dele insistir e eu não relutar nem um pouquinho em receber um *tour* por todo seu apartamento, entramos na cozinha uma outra vez. A maior parte dos cômodos não têm móveis, basicamente só o quarto dele, a sala de estar e a cozinha, que provavelmente devem ser os lugares mais visitados por Vince. Eu estava mais confortável e tranquila ao ser guiada pelo lugar, que é expressivamente grande e neutro. Preto toma parte de quase tudo e, ainda que não seja a minha cor preferida, fica muito bom quando Vincent usa. Eu lhe ofereci a minha ajuda para decorar os outros cômodos e não foi nenhuma surpresa quando ele aceitou.

Eu ainda me sinto um pouco boba com tudo isso, toda essa aproximação, mas é algo que estou começando a deixar para trás. Se está acontecendo, não posso me lamentar, só ficar de olho em tudo e esse é o caso da sua empresária ou sei lá o quê. A mulher é realmente obcecada por Vincent e eu não sei até que ponto isso pode soar como uma ameaça real, tanto para ele, quanto para mim ou qualquer outro membro da família. Ela é assustadora. Eu não deixei transparecer na hora porque sua atitude me tirou do sério, mas o arrepio na espinha que ela me causou foi mais do que real, principalmente ao olhar dentro dos seus olhos azuis.

— Você está com fome? — Vincent pergunta puxando-me dos meus pensamentos, enquanto me encosto na bancada de granito de sua cozinha moderna.

É tudo tão bonito.

Estou morta de medo de me mexer muito e acabar batendo em algo e quebrar. Do jeito que sou estabanada, quebrar algo aqui vai me fazer ficar empenhada até o resto da vida para pagar o prejuízo.

Em contraponto ao meu pensamento de não me mexer muito, minha barriga ronca e muito alto. Vincent arqueia uma das sobrancelhas, sorrindo de lado.

— Sinceramente eu não estava até você perguntar, mas agora me deu um pouco de fome — confesso sorrindo um pouco sem graça. — Você tem alguma coisa para comer aqui?

Vincent parece pensar um pouco.

— Ontem eu comprei comida, nada muito especial, porque prefiro comer pizza do que fazer alguma coisa para comer. Você quer tentar fazer comigo? — pergunta, sugerindo a brilhante ideia de nos matarmos na cozinha.

Eu não sei cozinhar.

Quando os meus pais morreram eu ainda era muito pequena. No lixão eu comia restos. Restos de pizza, de cachorro-quente, de qualquer coisa que pudesse me dar um pouco de energia. Não digo nutrientes ou vitaminas porque... bom, a situação era ruim. Ao ir morar com Gia e Ian, não tivesse essa experiência também, já que Rose sempre foi muito apegada com sua cozinha. O mínimo que faço é me servir ou comer cereal com leite nas madrugadas de insônia. De resto? Zero experiência. E é exatamente por isso que eu e Vincent podemos nos matar na cozinha nessa sua tentativa.

Mas... por que não?

— Vamos tentar, mas apenas tentar, porque eu mesma não tenho nenhuma habilidade. Você tampouco. Só vamos rezar para não explodirmos o seu apartamento, tudo bem?

Vincent ri, aproximando-se de mim e colocando as mãos de cada lado meu em cima da bancada. Estou presa, mas não me sinto intimidada. Seu

sorriso de perto é ainda mais bonito e, sim, poderia ver isso o dia todo e ainda não cansaria.

— Podemos colocar um vídeo daqueles do YouTube, o que acha?

Eu sorrio com Vincent, sempre com a cabeça inclinada pra cima para vê-lo bem.

— Você andou assistindo essas coisas? — questiono.

— Às vezes. — Vince ri mais comigo. — Vai soar louco se eu disser que é satisfatório?

Balanço a cabeça negativamente.

— Não, eu sempre assisto Rose e é realmente satisfatório.

Vincent usa o celular dele para assistirmos a um vídeo depois de muito discutirmos sobre qual refeição iríamos tentar fazer de acordo com as coisas que ele comprou. Decidimos fazer macarrão com queijo cremoso e misturar depois com camarão.

A ideia é boa. Agora a performance que precisa ser tão boa quanto ou eu já vejo muita comida indo para o lixo e isso não me deixa feliz.

Depois de tirar meu casaco, luvas, touca, prender o cabelo e arregaçar as mangas da minha blusa branca de manga longa, eu e Vincent lavamos as mãos e dividimos a bancada no meio. Ele com a sua parte e eu com a minha. Eu coloquei no meu celular o vídeo que escolhemos para reproduzir e ele ficou assistindo no seu a sua parte.

Comecei a cortar os temperos e já fui enchendo uma panela com água para colocar ao fogo e esperar a hora de pôr o macarrão. Vincent ficou responsável inicialmente de limpar o camarão e de minuto em minuto eu não perco a chance de observá-lo. Nunca o vi tão concentrado e perfeccionista quanto agora, o que provavelmente ainda vai sobrar para mim porque ele está

demorando pra caramba para entender como lidar com os frutos do mar. Eu não me incomodo em lhe apressar, apenas observo, até mesmo admirando um pouco.

Com todo o tempero cortado e alguns legumes também, para dar um pouco mais de cor em nossa comida, coloco com cuidado o macarrão na água fervente. Vincent vem para perto de mim, como se quisesse aprender também. Eu seguro muito o riso, me concentrando em não fazer besteira.

— Vamos virar chefes de cozinha depois disso — ele diz quando termino de colocar todo o macarrão na água.

— Não sei eu, mas você com certeza, e eu aceito convites para provar da sua comida.

Vincent sorri de lado e eu sorrio com ele.

— Só vou cozinhar para você mesmo, não se preocupe com isso.

Arqueio a sobancelha e falo:

— Então vai ser só meu?

— Esse é o plano. — Pisca para mim e minha barriga embrulha, dando cambalhotas em pura euforia.

Merda.

Vincent não está jogando limpo comigo em absolutamente nada.

Ele continua descascando e limpando o camarão enquanto eu fico com os olhos nele e vez ou outra na panela com o macarrão.

Depois de um tempo, Vincent parece ter terminado com tudo. Eu coloco a frigideira do outro lado do fogão e espero que ele limpe a sua mão, assim como acabei fazendo, e use um pouco do tempero que eu cortei.

— Isso tem que ficar bom — ele resmunga para si mesmo, enquanto eu

só observo.

Vincent despeja tudo na frigideira e pega o seu celular, enquanto na outra mexe com uma colher todo conteúdo. Eu acho tão engraçado a forma como ele está se esforçando, que não seguro a risada, mas Vince parece nem me escutar. Aproveito para ver se o macarrão está no ponto que foi falado no vídeo, quebrando um pedacinho, mas não parece bom ainda, o que me faz marcar cinco minutos em meu celular.

Segundos mais tarde, Vincent parece estar satisfeito com o seu trabalho e deixa a colher de lado, virando-se para mim, que voltei a me encostar na bancada.

— Eu sou bom nisso — anuncia orgulhoso e sorridente, aproximando-se de mim e colocando outra vez as suas mãos de cada lado do balcão e me deixando no meio. — O que acha?

Dou de ombros.

— Nada demais. Você está na média.

Vincent parece ofendido.

— Que mentirosa...

— Ainda nem provei da sua comida, quer que eu elogie assim deliberadamente? — Ele concorda com um aceno. — Então me pague para isso.

Os olhos de Vincent, divertidos, me avaliam tão brevemente que é com um piscar de olhos que ele fita os meus lábios atento. O nervosismo percorre por todo o meu corpo, enquanto tento me segurar na bancada, amparando-me para não cair com esse simples olhar decidido que ele direciona para mim. Sua língua molhada corre por seus lábios e agora sou eu quem não consegue deixar de olhar ou mesmo desviar. É como se eu estivesse hipnotizada por

cada pequena sensação que o seu olhar lança sobre mim, sobre a minha pele, sobre os meus nervos.

— Penso em muitas formas de te pagar, todas diferentes..., mas eu... eu prometo que gostaria do seu pagamento.

Sua voz rouca me deixa fraca.

Vincent pressiona o seu corpo no meu, suavemente, já que eu já estou grudada na bancada. Eu me surpreendo por não surtar com tanta proximidade, mas foi exatamente para isso que eu fiz acompanhamento durante todos esses anos: para não surtar com as pessoas me tocando, chegando perto de mim. Ainda me assusto e reajo, mas só quando não estou esperando pelos toques. Com Vincent é diferente. Ele está completamente em minha visão, pertinho, e eu anseio cada toque seu, por mais que tivéssemos concordado dias atrás que ainda era muito cedo.

Deixo de me apoiar na bancada e resolvo tocá-lo, segurando-me em seus ombros largos e musculosos. Ele é tão alto e grande perto de mim que nem na ponta do pé fica fácil de alcançá-lo. Minhas mãos tremem por cima de Vincent e eu temo que ele possa sentir isso. Nossas respirações se embolam quando ele se inclina um pouco para vir até mim. Seus lábios pairam sobre os meus, nossas respirações são audíveis e já estão ofegantes antes mesmo de tomarmos outra atitude.

A antecipação me mata aos poucos.

Vincent me provoca, como gato e rato, onde infelizmente eu sou gato. A minha necessidade em beijá-lo falta me partir em duas. Quando ele me beija, é no canto da boca, seguindo por minha bochecha e maxilar. Vince refaz o caminho, demorando sobre os meus lábios novamente e seguindo para o outro lado. Espremo os meus olhos, me deixando sentir cada sensação de olhos fechados, sem manter mais nenhum contato visual.

— É tão pura que tenho medo de te contaminar com todo desejo que sinto por você, Aurora.

Seu hálito doce me inebria.

Abro olhos por poucos segundos antes de sussurrar, subindo as minhas mãos por cada lado de seu pescoço:

— Que se dane.

Selo os nossos lábios, ansiosa e necessitada. A suavidade do toque entre nós dois é enervante de uma forma tão boa, que eu quero tudo e nada ao mesmo tempo. A respiração falha ao sentir isso pela primeira vez com uma pessoa que sempre esteve cravada em meu coração ao primeiro olhar. Seus lábios são tão macios e cheios que não consigo evitar de roçar um pouco mais para senti-lo sobre os meus. Vincent solta um resmungo, me segurando pela cintura e me colocando em cima da bancada.

Sua língua desliza para dentro da minha boca e o meu corpo inteiro treme. É mais fácil beijá-lo sentada em cima da bancada. Correspondo ao seu beijo da forma que consigo, sem muita experiência na bagagem, mas com tanta fome que não controlo os meus movimentos. Vincent me puxa pela cintura para a beira da bancada, levando a sua outra mão até o meu cabelo, que está amarrado desde que comecei a cozinhar. Sua língua é doce e macia e me provoca de uma forma que eu nunca imaginei que poderia achar bom. Mas, não é bom... é maravilhoso.

É tão gostoso.

O cheiro de queimado invade os meus sentidos e eu separo nossos lábios por breves segundos.

— Está queimando — sussurro com a boca de Vincent ainda roçando na minha.

— Eu definitivamente estou queimando, Bela.

Seus beijos molhados descem por meu pescoço e eu mordo o lábio, me encontrando refém e incapaz de reagir negativamente quando o meu coração e o meu corpo gritam tanto por seu toque.

— A comida, Vince — continuo, com a minha consciência tentando me alertar.

A merda do apartamento vai pegar fogo se não, pelo menos, desligarmos tudo.

— Não estou com fome de comida — retruca e volta a colar nossas bocas.

Sorrio entre o beijo, segurando Vincent de cada lado de seu rosto e abrindo os olhos. É como se fosse um novo mundo. Me sinto bem. Seu olhar é tão tranquilo, mesmo em meio nosso momento, mas no fundo eu percebo o quanto Vince me deseja — e eu o desejo da mesma forma.

— A nossa comida vai queimar e não vamos mais ser os melhores chefes da cidade — digo sorrindo cinicamente.

Os lábios de Vincent estão vermelhos e levemente inchados. Eu devo estar da mesma forma. Olhá-lo desse jeito me dá mais vontade de beijá-lo.

Que droga...

Eu sempre soube: quando provasse da sua boca, seria impossível resistir a todos os meus sentimentos sufocados.

Agora só é mais... real.

36

“Eu não me importo, contanto que você me segure perto, você pode me levar a qualquer lugar.”

“I Don’t Care” — Ed Sheeran

Aurora
Lyon Collins

Foi difícil fazer Vincent se afastar de mim e vice-versa, confesso. Com muita dificuldade eu consegui colocar um pouco de juízo em sua cabeça ou então colocaríamos fogo em seu apartamento novinho, o que sinceramente não está em meus planos. Pulo da bancada, ainda ofegante, enquanto ele caminha até o fogão, desligando as duas bocas que estamos usando. Pelo menos estávamos antes de nos beijar e esquecermos de todo o resto. Vincent vira para mim, fitando-me seguro. Eu engulo a seco, porque os meus olhos descem para os seus lábios outra vez. Quero muito beijá-lo mais e tenho certeza que Vince não se oporia à minha ideia, mas eu vou me controlar.

Pigarreio, passando uma das mãos sobre a minha boca, onde os meus lábios pulsam em necessidade.

— Vamos terminar? — pergunto e ele sorri de lado.

— Ainda está com fome? — pergunta e eu tenho que sorrir de volta, me aproximando dele.

— Sim — minto empurrando-o levemente, mas Vincent não se mexe muito. Eu pego a panela com o macarrão e volto a fitá-lo. — O quê?

— Você está mentindo — acusa arqueando uma das sobrancelhas.

— E você tem que dar um jeito no nosso camarão. Depois podemos conversar sobre isso, com a barriga cheia e satisfeitos.

Vincent não diz nada, apenas concorda, com um sorriso sacana na boca. É difícil resistir a ele. Ninguém sabe o que estou passando agora, porque é realmente difícil resistir à Vincent.

— Você ganhou — resmunga.

Eu vou até a pia, deixo a panela ali em cima e procuro por um

eskorredor. Pelos próximos minutos, Vincent e eu trabalhamos em silêncio, um silêncio extremamente confortável, mas cheio de entrelinhas, sorrisos e esbarrões "sem querer". Os olhares? Isso ninguém nunca vai saber. A forma como ele me olhou por tantas vezes fez meu corpo arder por inteiro. Mas então, conseguimos. Fizemos nosso almoço com muito sucesso e luta.

Eu pego dois pratos, talheres e copos, levando para mesa com uma bandeja, enquanto Vincent faz o mesmo, praticamente, só que ele está trazendo a nossa travessa de comida. Coloco a mesa para nós dois enquanto ele volta para pegar uma colher maior para tirarmos o macarrão.

Vincent volta, mais atacado que antes. Ele estava atrás de mim e eu posso sentir isso. Quando sua mão passa por cima do meu ombro, para depositar a colher na travessa, seu braço livre me abraça pela cintura. Eu não surto porque eu sei que já estava ali. Pelo contrário, sorrio de lado, me segurando para não lhe dar uma cotovelada.

— Eu sei que disse para enchermos o bucho e tudo mais, mas eu...

— Você não se controla, não é? — pergunto divertida.

— Digamos que depois de te beijar ficou um pouco mais complicado do que antes — sussurra, sua voz atacando no pé do meu ouvido.

Eu me arrepio inteira e eu sei que ele sabe disso pelos cabelos em minha nuca. Vincent beija aquele espaço sensível, me fazendo morder o lábio inferior para não soltar nenhum barulho.

— O que é isso aqui?

Ah, merda...

Viro imediatamente para o lado, achando Hunter ali. Seus olhos estão em um misto de susto e divertimento, como se no fundo ele já estivesse esperando por isso, pela cena. Eu empurro Vincent, que resmunga,

reclamando, mas eu estou mortificada por termos sido pegos. E mais, Hunter também tem a sua chave?

— Agora não é mais nada porque você estragou com a sua presença indesejada — Vince diz em alto e bom som, o que faz Hunter rir e eu ficar ainda mais envergonhada.

— Desculpa, cara. — Hunter ri mais se aproximando de nós dois. Ele para do meu lado e beija minha bochecha de forma bem demorada. — Aurorinha... como é bom te ver com o meu garoto.

— Hunter... — resmungo cumprimentando-o.

Sento-me, antes que eu caia no chão e me enfie debaixo da mesa.

— Pelo visto eu cheguei na hora certa. Estou morto de fome! — exclama indo até a cozinha, provavelmente para lavar as mãos e pegar seu prato.

Subo o olhar para Vincent.

Ele entende.

— Hunter está ficando aqui por um tempo — explica como se estivesse lendo os meus pensamentos.

— Então da próxima vez se controle mais ou se certifique que estaremos sozinhos — replico.

Vincent se senta ao meu lado sem desviar os nossos olhares.

— Você também — ele provoca e eu quase lhe acerto com um soco no braço, mas me controlo porque no fundo sei que é verdade. — Brincadeiras à parte, vai ser difícil me controlar. — Seu olhar desce até os meus lábios. — Mas eu consigo e logo Hunter vai achar um apartamento para ele também.

— Eu o quê? — Hunter chega outra vez, com seu prato, talheres, copo

e uma garrafa de Coca-Cola debaixo dos braços.

Equilibrista? Talvez, eu diria.

— Você deveria calar a boca — Vincent retruca enquanto seu amigo se senta do outro lado da mesa em nossa frente.

— Vão me contar o que estava rolando aqui? Porque parecia um sonho, não meu, claro, eu não sonharia com vocês se pegando. — Hunter faz uma careta. — Um sonho de Vincent.

— Nada — replico revirando os olhos.

— Mentir assim na cara dura não parece ser do seu feitio, Aurorinha — Hunter retruca tão divertido que sinto como se eu e Vince fôssemos palhaços.

Ele começa a se servir, todo folgado.

— Eu estou me perguntando nesse exato momento o que Keela viu em você...

Hunter trava por um segundo e eu escuto Vince segurar o riso do meu lado.

— Não sei do que está falando. — Ele recolhe os ombros, acanhado pela primeira vez na vida.

— Nem eu sei do que você estava falando — enuncio tranquila, atraindo o seu olhar para mim.

Hunter sorri de lado e acena positivamente.

— Você é boa nisso — elogia e eu sorrio de volta.

— E você é péssimo.

Vince ri baixinho com Hunter.

— Vou deixar vocês dois pra lá. Não queria saber mesmo.

— Melhor assim — retruco pegando a colher da sua mão, que ele

travou, e servindo-o pacientemente. — Como você está? — pergunto tentando mudar de tópico.

— Bem — diz simples. — Marie me ligou — continua, agora mais direcionado a Vincent. O nome dela me dá náuseas. — Por isso eu vim aqui, ela estava um pouco surtada, para dizer o mínimo.

— Precisamos falar sobre ela depois — Vincent retruca agora bem mais sério.

Hunter concorda prontamente e me encara, sorrindo outra vez.

— Então quer dizer que vocês agora se acertaram? — Ele recomeça com as brincadeiras, me fazendo apenas revirar os olhos ao lhe entregar seu prato.

Coloco para Vincent e depois para mim, sem dar ouvidos a Hunter. Nosso almoço é cheio dessas brincadeiras. É claro que ele sabe sobre Vincent e eu, ou pelo menos das intenções do seu melhor amigo comigo, mas eu não gosto muito da exposição, mesmo que seja com pessoas próximas como Hunter. Quando terminamos de almoçar, encarregamos Hunter de lavar tudo. O macarrão ficou um pouco massudo, mais do que deveria, claro. Passou do ponto. Mas, felizmente, o queijo deu para enganar. O camarão até que não ficou ruim. Minha receita e de Vincent não foi tão ruim assim, só temos que nos controlar mais da próxima vez.

— Vai ter uma próxima vez? — Vincent pergunta, se jogando no sofá e deixando espaço para mim.

Dou de ombros.

— Já estamos nesse ponto mesmo, não existe motivo nenhum que nos impeça de fazermos outro almoço em equipe.

— Chega mais perto — pede.

Arqueio a sobancelha, só para me dar um pouco de tempo para pensar, mas eu acabo me aproximando dele. Arrasto meu corpo pelo sofá preto de couro e quando estou perto o suficiente, Vincent passa um braço por minha cintura, desequilibrando-me sentada. Sim, sentada. Eu me apoio completamente nele, deixando a perna esquerda sobre uma das suas.

De perto ele é muito mais bonito. E cheiroso.

Muito mais tentador.

— Hunter está aqui — sussurro.

— Ele vai demorar duas vidas inteiras para lavar aquela louça. Meu melhor amigo é um pouco imprestável em tarefas de casa.

— Ainda assim...

— Mas não se preocupe, não vou te beijar — afirma com uma parte dentro de mim, a mais insensata delas, reclamando. — Só quero você nos meus braços.

Algumas coisas conseguem incomodar, de uma forma boa, lá no fundo. Essa é uma delas. A forma como Vincent fala comigo, as palavras que ele usa, isso tudo me incomoda de um jeito bom, de um jeito que faz eu me sentir especial. Só tenho medo, em meio isso tudo, de que tudo não passe de uma ilusão.

— Quando você fala essas coisas, realmente pensa nelas ou sai da boca para fora? — pergunto sendo completamente sincera.

— Tudo que eu falo, eu penso — afirma trazendo sua mão livre até o meu rosto, enquanto a outra desenha em minha cintura em um afago sobre a blusa. — Sentir você perto de mim dessa forma, desde que comecei a admitir a ideia de que você é alguém que eu quero, passou a ser uma necessidade. — Vince brinca suavemente com o meu lábio inferior com a ponta do seu dedão.

— Não jogo palavras ao vento deliberadamente quando se trata de você. Eu realmente sinto tudo isso e muito mais, Aurora. Só com você.

— Você me faz acreditar nisso — sussurro hipnotizada com o seu tom de voz e com as suas palavras.

— É para acreditar, porque nunca fui sincero em toda a minha vida com alguém.

Concordo com um breve aceno.

Meu celular toca, interrompendo os nossos olhares e o nosso momento. Puxo do bolso da minha calça e atendo.

— Oi?

— Aurora? — É Dom. Continuo encarando Vincent, que parece ter escutado. — Não está em casa? Eu estou aqui na frente, pensei que íamos sair hoje com Keela. A minha despedida, lembra?

Eu esqueci. Completamente.

— Droga, Dom. Eu não estou em casa, mas posso chegar em poucos minutos, se puder esperar. — Vincent arqueia a sobrancelha.

— Espero sim. Estou com Keela.

— Eu estarei aí logo — confirmo antes de desligar.

Sim, havíamos combinado de sairmos para uma despedida com Dom da última vez que nos vemos, só que eu esqueci de tudo.

— Era Dom — digo. — Ele vai sair da cidade por um tempo e havíamos combinado de sair para uma despedida oficial. Eu, Keela e mais algumas amigas e amigos planejamos de nos encontrar no parque para isso.

Vincent concorda.

— Posso te levar, se não for atrapalhar — replica simples.

Sei que não lhe devo nenhuma explicação, mas falo:

— Ele é meu melhor amigo, como já sabe, e é muito importante para mim. Aquele beijo foi... foi só um beijo. Acho que já está claro entre você e eu, que é o que importa, para quem eu estou dando uma chance.

Vincent sorri, sem graça.

— Não precisava explicar, Bela, mas tudo bem. — Ele sela os nossos lábios, fazendo-me suspirar. — Eu sei que essa chance é minha — resmunga por fim.

— Convencido — sussurro de volta e nós rimos.

Eu me levanto, um pouco relutante. Queria ficar com Vincent o resto do dia, mas tem Dom e ele é alguém que sempre esteve comigo em tudo, não posso furar com ele só para ficar com Vincent.

Puxo Vince para se levantar também e ele vem comigo. Visto meu casaco, minhas luvas e coloco a minha touca, depois de soltar o meu cabelo, para terminar de me proteger. É, eu realmente sou frienta e Pittsburgh costuma me massacrar quando não saio assim. Vincent apanha o seu casaco e chaves.

— Para onde estão indo? — Hunter pergunta, chegando no momento em que caminhamos até a porta.

— Vou levar Aurora para casa e volto — Vincent informa e Hunter concorda com um resmungo, se jogando no sofá.

— Até mais, Aurorinha.

— Até depois, Hunterzinho.

Ele ri e eu faço o mesmo.

Vince e eu saímos, seguro a sua mão durante todo o caminho do

elevador até o carro. Nós entramos em seu carro e logo ele parte para o meu destino. Durante um sinal ou outro, nos encaramos e sorrimos. Me dá muita vontade de beijá-lo mais, só que eu me seguro ao máximo. Vincent estaciona atrás do carro de Dom, que está do lado de fora com Keela. Eles nos encaram e eu posso ver como a minha melhor amiga parece surpresa.

— Vai ser demais se eu te beijar uma última vez? — Vince pergunta atraindo o meu olhar outra vez.

— Sim — afirmo simples.

Ainda mais por Dom estar logo ali nos encarando. Eu ainda não esqueci de nada do que ele me disse e do beijo que eu lhe dei. Seria extremamente irresponsável da minha parte beijar Vincent sem me preocupar com os sentimentos de uma pessoa tão importante para mim.

— Me liga quando chegar em casa? — ele pergunta e eu sorrio.

— Ligo sim, Vince. Não se preocupe.

— Até mais, Bela.

Seguro a sua mão, apertando por poucos segundos.

— Até mais tarde, Vince.

Ele pisca para mim e eu saio de seu carro em um pulo, batendo a porta e correndo até os meus amigos.

— E aí? Vamos? — pergunto sorrindo e cumprimentando os dois com beijos na bochecha.

— Vamos — concordam em uníssono.

Dom e Keela entram e eu faço o mesmo, mas no banco de trás, só que não antes de olhar uma última vez para Vincent. Ele ainda está ali, me encarando fixamente com um olhar tranquilo.

Suspiro, entrando e batendo a porta.

Que dia está sendo esse?

37

“Você é incrível exatamente como você é.”

“Just The Way You Are” — Bruno Mars

Vincent
Pette Hawk

Alguns dias se passaram desde o meu primeiro beijo com Aurora. Naquela tarde ela foi para a despedida do seu melhor amigo, mas só Deus sabe o quanto quis que ela ficasse comigo. Eu não lhe disse nada, não queria deixá-la indecisa sobre o que escolher ou mesmo influenciá-la a ficar comigo, por isso eu só concordei e a deixei em casa. Nos falamos todos os dias da última semana em que não nos vimos, trocamos mensagens infinitas e ligações antes de dormir. Foram momentos especiais, eu diria, apesar da distância. Tive muito trabalho a fazer, por isso não tive tanto tempo livre assim e quando tive, Aurora estava ocupada em seus próprios afazeres pelos lugares que ela visita e ajuda diariamente.

Durante a semana tive inúmeras reuniões de contrato com Hunter, Marie e muitos dos meus patrocinadores. Eu acabei de sair da última e só tenho tempo de afrouxar a minha gravata para ser parado por Marie. A loira este quieta durante as nossas reuniões, nada como "ela mesma", mas eu espero que esteja tomando algum jeito e pare de investir em mim porque o meu foco é totalmente outro. Meu foco é Aurora. Sempre foi e sempre vai ser.

— Podemos tomar um café? — ela pergunta e eu pondero o seu convite.

Pelo tempo que trabalhamos juntos, eu aceitaria. Mas, não posso e nem quero. Dar falsas esperanças com mínimo gesto que seja não é o meu objetivo e eu também marquei finalmente de encontrar com Aurora. Ela me pediu para buscá-la no aeroporto às seis da tarde, pois é o horário que o seu melhor amigo vai embarcar para "não sei onde". São cinco e quarenta e cinco. Não tenho tempo nem para respirar, quem dirá tomar café com Marie.

— Não posso, tenho um compromisso inadiável agora — digo fitando-

a brevemente enquanto espero Hunter sair da sala.

— Compromisso? Mas esse não foi o nosso último compromisso do dia? — questiona com seu tom mandão e impaciente de sempre que, sinceramente, me irrita demais.

— Nosso juntos sim, mas eu tenho uma vida fora dos negócios, não sei você.

Hunter se aproxima de nós, para o meu alívio, enviando um olhar reprovador para a sua prima. Eu já conversei com ele sobre essa situação diversas vezes durante os últimos dias e concordamos que em breve comunicaremos juntos a Marie que não vamos mais precisar de seus serviços

— Para onde vai? — ela pergunta insistente, como se Hunter nem tivesse se juntado a nós.

Eu a ignoro da mesma forma que ela fez com ele.

— Precisa de carona? Já estou de saída.

Ele sorri de lado, mas nega.

— Vai lá onde ela, eu pego um táxi. Amanhã nos falamos. — Hunter bate em meu ombro e eu concordo. — Vamos, Marie? — ele pergunta a sua prima, como sempre bem-humorado.

Ela, pelo contrário, me fuzila com o olhar.

Aceno para Hunter uma última vez e me distancio dos dois. Passo pelos corredores até a saída, onde o meu carro está estacionado mais à frente. Entro atrás do volante, jogando meu paletó no banco do passageiro e me livrando da gravata também. Dou partida em meu caminho, torcendo para não chegar atrasado. Felizmente não tem muito trânsito, o que me faz chegar poucos minutos após as seis.

Estaciono o carro já achando Aurora com Mark ali na frente, ela me

esperando toda empacotada e paciente. Mark é meu segurança mais confiável. Ele sempre foi muito competente em tudo e é exatamente por isso que entrei em contato com ele para fazer a segurança de Aurora. Enquanto tiver alguém aí fora querendo machucá-la — e eu não esqueci disso —, nem Gia, Ian ou eu, iremos deixá-la dando sopa. Aurora não foi contra, o que me fez perceber que ela mesma estava apreensiva com toda situação, ainda mais depois do bilhete. Mark veio prontamente no começo da semana quando avisei Gia que tomaria conta disso e desde então ele passa o dia quase todo com Aurora.

Antes de sair do carro ela já me avista. Caminho em sua direção, abrindo dois botões da minha camisa e correndo os dedos pelo meu cabelo. Odeio estar arrumado da cabeça aos pés. Se pudesse já teria tirado toda essa roupa formal e molhado meu cabelo que está tomado por gel.

— Ei — digo parando na sua frente. — Desculpe o atraso, cheguei o mais rápido que pude. — Viro para Mark, sorrindo polidamente. — Eu cuido dela a partir de agora.

Ele sorri da mesma forma de volta para mim e acena positivamente.

— Até mais, Vincent e Aurora — despede-se.

— Até mais, Mark — retrucamos em uníssono.

Volto a fitar Aurora e ela se aproxima, fechando o resto de espaço entre nós, e me dá um abraço. Seus braços finos ao redor da minha cintura, apertando, me fazem sorrir. Eu a abraço de volta, beijando o topo de sua cabeça.

— Senti sua falta — sussurra com o rosto enterrado em meu peito e a voz abafada por minha camisa.

— Senti sua falta também. Mais do que eu possa dizer.

Aurora aperta mais um pouco e afrouxa totalmente. Ela sorri, tímida e eu inclino meu rosto para baixo, beijando o canto da sua boca.

— Vamos? — resmungo fitando os seus olhos brilhantes bem de perto.

— Sim.

Aurora sela os nossos lábios levemente e se afasta, segurando a minha mão e me dando a deixa para guiá-la. Eu faço isso com a minha boca formigando com aquele simples toque. Quero beijá-la mais que tudo. Depois daquele dia não consegui passar um segundo sequer sem pensar nas sensações e tudo que Aurora me fez sentir com o seu beijo. Eu estava vivo. Eu estou vivo, mais do que nunca, tudo por causa de Aurora e a forma como ela, mesmo sem saber, me tem nas suas mãos.

— Para onde estamos indo? — pergunta quando nós já estamos no carro.

— Tem alguma sugestão? — replico.

— Pra mim tanto faz...

— Então eu vou te levar em um restaurante, porque não sei você, mas eu estou morto de fome.

— Também estou com fome e essa ideia eu aprovo — afirma sorrindo para mim e eu odeio estar dirigindo porque não posso aproveitar o seu sorriso inteiramente.

Nosso caminho até o restaurante que eu tenho em mente é curto. Durante o percurso Aurora me conta sobre o seu amigo e sobre o seu dia. Escuto cada detalhe, atento as suas palavras. Digo-lhe sobre o meu dia também, que de longe foi bem menos interessante do que o seu. Quando chegamos ao nosso destino, ela se mexe inquieta.

— Isso é restaurante de gente rica — diz me encarando. Seu olhar é

bem acanhado. — Você é rico e está vestido como gente rica, mas eu não sou isso...

— Ninguém liga, Bela. Vamos comer, só isso. E, de qualquer forma, você está bonita pra caralho hoje. Não tem quem não concorde.

Aurora revira os olhos, parecendo não querer discutir comigo. Bom, é verdade. Ela está perfeita.

Saio do carro e entrego a chave para o manobrista. Caminho até Aurora, que está do lado de fora e com a porta ainda aberta. Ela estava tirando toda a sua roupa de frio e jogando em cima do banco. Espero que termine para que oferecer a minha mão e bater à porta. Assim que o faz, caminhamos juntos até a entrada.

A parte boa em ser uma celebridade da "casa" é essa: ir em bons restaurantes sem fazer reserva. Bastou falar algumas palavras para me reconhecerem e em seguida já foram nos acompanhando até uma mesa reservada para dois. Aurora pareceu um pouco deslocada, mas quando chegamos ao local que era realmente mais reservado, seu aperto em minha mão suavizou.

Depois de fazer nossos pedidos, recosto na cadeira, cruzando os braços e fitando Aurora atentamente. Ela está linda, como todos os outros dias. Depois de tirar sua roupa de frio, consigo percebê-la ainda melhor. Aurora está usando uma blusa branca de gola alta e manga longa, justa ao seu corpo. Seu cabelo está preso em duas tranças, uma de cada lado, em algum penteado que a deixa elegante pra caralho. Eu não consigo parar de fitá-la. Suas bochechas estão coradas e os seus lábios bem avermelhados. Não diria que Aurora está usando maquiagem, aliás, aposto que não, ela só é naturalmente bonita assim e isso me deixa fascinado. Nunca vi ninguém como essa mulher.

Ela arqueia uma das sobrancelhas, em desafio e eu sorrio.

— O quê?

— Nada — retruco.

Aurora cruza os braços também, na defensiva.

— Você só me mete em saia justa — Aurora diz olhando ao redor. Temos uma visão boa do resto do lugar, por mais que estejamos afastados. — Isso aqui é chique demais e eu sou só uma pessoa comum. Não gosto de lugares assim.

— Está sendo ruim pra você? Podemos sair daqui se quiser. Não pensei que se incomodaria tanto.

Ela suspira, balançando a cabeça negativamente.

— É só minha consciência que pesa. Gastar tanto em uma refeição quando as pessoas lá fora, muitas delas, não têm nem um pedacinho disso.

— Podemos fazer algo a respeito, mas depois que comermos. Aceita? Sem peso na consciência?

Aurora pondera.

— Tipo o quê? — questiona.

— Podemos sair e comprar lanches, distribuir para algumas pessoas em alguns pontos da cidade.

— Ainda hoje? — Seus olhos voltam a brilhar e ela parece eufórica.

— Quando você quiser — afirmo seguro.

— Então eu aceito. — Aurora sorri abertamente, finalmente feliz em estar aqui e isso me deixa feliz.

Se eu soubesse que gestos tão simples como esses a fariam tão feliz, não meteria os pés pelas mãos por muitas vezes.

38

“Você é incrível exatamente como você é.”

“Just The Way You Are” — Bruno Mars

Vincent
Pette Hawk

Meu jantar com Aurora foi nada mais, nada menos, do que calmo. Nós dois, que era algo que realmente vinha em minha mente como uma dúvida persistente, nos demos muito bem entre conversas aleatórias que iam da comida que comemos até o seu trabalho voluntário pela cidade. Eu não consegui tirar os olhos dela nem por um segundo, o que não é mais novidade nem para a própria Aurora.

Nós acabamos de sair do restaurante e, enquanto eu ajudo Aurora a se agasalhar com a sua roupa de frio, o manobrista encosta o meu carro ali na frente e sai para me entregar a chave. Puxo minha carteira do bolso da calça, lhe dando uma gorjeta generosa e enfiando a carteira outra vez em meu bolso. Ele agradece e eu fito Aurora, que já está me encarando.

— Isso é uma gorjeta e tanto — comenta parecendo assustada.

— Ele deve concordar com você. — Seguro o riso, porque sua feição é realmente engraçada. Guio Aurora até o carro, abrindo a porta e esperando que ela entre. Assim que o faz, dou a volta e faço o mesmo. — O quê? — pergunto, já que ela continua me encarando com a mesma expressão.

— Aquilo era dinheiro pra caramba...

Ligo o carro, dando partida em nosso caminho pela cidade.

— Pensei que vivendo com a minha irmã seria um pouco explicativo sobre a nossa situação financeira, digo, como família. Meus pais têm grande nome, Gia e Ian também têm. Eu já tinha um nome, mas com a minha profissão tudo se tornou maior para mim. Tenho inúmeros patrocinadores, carrego muitas marcas com a minha imagem, além de tudo que faço dentro das pistas. Não vou negar, eu realmente ganho muito dinheiro, então não custa nada dar uma gorjeta legal para um funcionário de um restaurante.

De soslaio, percebo que Aurora encolhe os ombros.

— É legal isso, só um pouco assustador, sabe? Claro que eu sei que vocês são ricos, mas quase não percebo, só em momentos como esse — explica como se tivesse alguma necessidade de fazê-lo. — É legal da sua parte ser gentil assim, só não estou acostumada, mas...

Aurora para de falar e eu quero tirar os olhos da pista para fitá-la, mas não posso.

— Mas o quê?

— Mas se nós estamos meio que juntos, devo me acostumar.

A minha maior vontade nesse momento é de encostar o carro e beijá-la, mas não posso fazer isso. Quero dizer, poder eu posso, só que não quero assustar Aurora.

— Definitivamente estamos nos "conhecendo" — retruco com um sorriso puxado de lado, completamente satisfeito com as suas palavras. Ela pigarreja, remexendo-se no banco, parecendo sem graça e envergonhada. — Para onde nós vamos? Sugere algum lugar que conheça em especial? — questiono.

— Tem um orfanato a duas quadras daqui que está passando por um pouco de dificuldade. Falei para Freira Margo que tentaria buscar o máximo de ajuda possível e estava me preparando para conversar com Gia e Ian. Eles sempre ajudam, sempre estão envolvidos comigo nisso.

— Podemos levar um lanche para eles e amanhã damos um jeito nisso. Posso fazer uma doação para esse orfanato e outros, basta me dizer os nomes. — Paro no sinal vermelho, virando para fitar Aurora.

Ela me surpreende, selando nossos lábios ao se inclinar em minha direção.

Não tem nenhuma sensação melhor que essa: seu beijo.

— Eu agradeço muito, isso é muito importante para mim e se realmente está disposto a ajudar esses lugares, vai me deixar muito feliz.

— Ajudar quem precisa já é bom, se isso deixar você feliz desse jeito, é melhor ainda — resmungo roçando nossos lábios e pressionando mais uma vez sobre os seus.

— Esse é o Vincent com quem eu sempre sonhei. Bad boy emburradinho e de tirar suspiros, mas compreensivo e com um coração gigante. Difícil acreditar que, bom... isso realmente existe em algum lugar de você.

Me sinto... bem.

Passei da fase "bad boy" há algum tempo, mas perceber que Aurora enxerga coisas boas em mim já é algo que me deixa feliz.

Ela se afasta, porque o sinal abre e não podemos ficar simplesmente parados no meio da pista, por mais que esse seja o meu desejo. Depois de Aurora falar com a tal Freira Margo, nós fomos até uma lanchonete de fast-food. Nós não escolhemos as coisas mais pesadas, só o básico de um bom hambúrguer com batata frita e refrigerante. Meu pedido foi absurdo e levou bastante tempo para ser finalizado. As pessoas ficaram olhando para mim, na maior parte do tempo, como se eu fosse algum alienígena. Algumas cochichavam e eu escutei mais de dez falar sobre carros e corridas. Por outro lado, puxei Aurora para uma parte menos movimentada do estabelecimento e deixei que ela tomasse alguma atitude, o que não demorou nem um pouco. Ela me abraçou firme pela cintura, apoiando o queixo em meu peito e me fitando atenta.

— Essas pessoas parecem saber quem você é. Não cansa ou incomoda?
— pergunta curiosa.

— Não tanto como já incomodou em outras ocasiões. Ao menos eles

estão sendo discretos o suficiente, então não é um problema lidar com isso. Quando têm tumulto é bem pior, acredite, Bela.

Aurora sorri de lado e eu levo minhas mãos até o seu rosto, esfregando suavemente em suas bochechas avermelhadas.

— Você está incomodada? — indago.

— Eu pareço incomodada? — retruca e nós rimos. Balanço a cabeça negativamente. — Mas eu estou um pouco, para ser totalmente sincera.

— Imaginei que estivesse — afirmo, porque Aurora tem todo jeito de odiar esse tipo de atenção. — Mas você parece confortável comigo.

Ela dá de ombros.

— Estou com você, isso já me deixa confortável de certa forma.

Sorrio, tentando a beijá-la como ela fez no carro, mas eu seguro à vontade porque tem muita gente nos encarando e isso tudo, já é motivo para notícias em sites de fofoca, uma foto beijando Aurora seria o prato cheio. Isso vai acontecer alguma hora? Sim, mas não quero que seja tão breve assim para que ela desista de continuar tentando comigo.

Nós acabamos nos sentando para terminar de esperar por todo pedido. Eu e Aurora ficamos mexendo no meu celular, ela parece bem entretida, vasculhando as coisas e, principalmente minha galeria de foto, que eu mal sabia que tirava fotos muito constrangedoras. Ela riu de cada uma delas e eu não pude fazer nada a não ser rir com Aurora.

Eu acho que ela não faz ideia, mas sua risada é fascinante e sem dúvidas pode curar muitas feridas. Pelo menos as minhas, sinto como se estivessem sarando a cada segundo que passo com Aurora.

Quando a hora chega, saímos do estabelecimento com ajuda de alguns atendentes. Se soubesse que acabaríamos assim, teria dado o jeito de alugar

uma caminhonete, mas, no fim das contas, demos jeito em colocar os lanches dentro de caixas cedidas pelo estabelecimento, junto com as bebidas. Nos certificamos de que tudo daria certo, então Aurora e eu partimos pelo caminho que ela ia ditando a todo momento.

Chegamos ao orfanato depois de quase vinte minutos e a tal Freira Margo já estava nos esperando do lado de fora do portão de ferro, com muitas crianças de todas as idades grudadas no portão ansiosas por nossa chegada. Algumas outras freiras pareciam tentar colocar um pouco de ordem, mas nada aconteceu.

Aurora sai do carro, com um sorriso que eu nunca vi igual. Eu faço o mesmo, indo atrás dela porque sozinho que eu não vou ficar. Nós paramos na frente da senhora vestida toda de branco, um pijama discreto, mas ainda com aquele negócio na cabeça que as freiras usam. Eu sou péssimo nisso, não faço a mínima ideia do nome das coisas. Se alguém estivesse na minha cabeça, riria da minha ignorância e eu agradeço por apenas eu mesmo poder me "ouvir".

— Margo — Aurora diz, aproximando-se e fechando o resto da distância para lhe dar um abraço. — Esse aqui é Vincent — continua, assim que se afasta e aponta em minha direção.

Sorrio, tentando parecer agradável.

— Então você que veio trazer lanche para as nossas crianças com a doce Aurora? — diz e eu respiro aliviado.

Estava com um certo medo da senhora. Ela não sorri muito, mas parece divertida no final de tudo, além de muito agradecida.

— Eu mesmo — afirmo ainda sorrindo e estendendo a mão. Nós nos cumprimentamos com um aperto e eu continuo. — Prazer em conhecê-la, Freira Margo.

— Igualmente, Vincent.

— Aurora, Aurora! — as crianças começam a chamar incessantemente e eu observo Aurora.

Ela se aproxima do portão rapidamente, cuidando para acalmar os pequenos.

— Eu estou aqui — ela diz suave como sempre. É bizarro como tudo que Aurora faz me deixa estupidamente bobo. — Eu trouxe um amigo muito gentil que comprou umas coisas para comermos juntos, mas preciso da ajuda de vocês para fazer isso acontecer. Obedeçam a Freira Erika e Melissa e nós logo entraremos para ficar com vocês, tudo bem?

Eles, finalmente, parecem escutar alguém. Aos poucos as crianças se dão por vencidas e seguem as outras mulheres. Dois homens, provavelmente seguranças do local, se aproximam do portão para abrir para nós.

— Pra dentro, Jules — um deles diz para uma menina muito, muito pequena.

Ela é negra, o cabelo encaracolado cai por seus ombros, enquanto ela abraça um urso visivelmente envelhecido e encardido em seus braços. A menina, Jules, tem um dos dedões na boca, chupando como se fosse uma chupeta. Ela enrola os pés, em uma camisola grande demais para si mesma. Seus grandes olhos castanhos brilham em direção de Aurora, mas ela está ocupada falando com a Freira Margo outra vez.

— Está tudo no porta-malas — digo entregando a chave para um dos homens e seguindo até o portão sem tirar os olhos da pequenina.

Assim que estou próximo o suficiente, me agacho na sua frente. Ela não se acanha, apenas tira sua atenção de Aurora e agora se dedica a mim. Abro um sorriso largo, mas ela não faz o mesmo, pois continua com o dedo

na boca.

— Eu sou Vincent — digo sem nem saber ao certo o que falar com uma criança tão pequena. — Ouvi dizer que seu nome é Jules... — comento, olhando para os lados como quem não quer nada.

— Quem disse? — pergunta, sua voz é um tanto embolada e as suas palavras são pronunciadas de forma errada, mas eu entendo o que ela diz.

— Isso é segredo — retruco e ela tira o dedo da boca. — Então, Jules, por que não foi com os outros?

— *Rora...*

Claro.

Ela não tira os olhos de Aurora.

— Aurora? — pergunto e ela afirma prontamente. — Bom, eu não sou a Aurora, porque ela é bem mais bonita do que eu, mas posso ser uma companhia bem legal se quiser a minha humilde presença.

Jules sorri, alguns dentes faltam, mas, depois de Aurora, é uma das coisas mais bonitas que já vi. A menina vem até mim e me abraça pelo pescoço, agarrando firme e eu não tenho outra escolha a não ser levantar carregando a pequena comigo.

— *Cent...*

Então Aurora é *Rora* e eu sou *Cent*.

Talvez eu possa me acostumar com isso.

— Quer me ajudar a levar a comida lá pra dentro? — pergunto a Jules e ela afirma prontamente, levando o dedo até sua boca outra vez.

Eu tenho que rir de seu gesto.

Meu olhar segue até Aurora, que já está ali fitando eu e Jules com um

sorriso nos lábios. Pisco para ela, que não se move, só continua com Margo, que está lhe falando alguma coisa. Vou com Jules até o porta-malas, onde os homes já estão levando algumas caixas para dentro. Eu pego apenas um dos sacos e levanto para que Jules possa segurar também. Ela tira a mão da boca e agarra o pedaço de papel, me fazendo rir baixo e atraindo o seu olhar para mim.

— Obrigado pela ajuda, Jules. Somos um bom time.

Ela sorri de novo, concordando com a cabeça.

Entro no local e a pequena vai apontando com a outra mão para onde eu devo ir. Caminho, caminho, caminho, até que chego na cozinha, onde os seguranças já estão saindo para pegar as outras caixas.

— Jules! — uma das freiras exclama, se aproximando para pegar a menina.

— Tudo bem — digo, quando Jules solta tudo e me abraça outra vez pelo pescoço. — Não tem problema, ela pode ficar comigo por enquanto — digo.

A mulher, bem nova ainda, parece envergonhada, mas concorda. Eu me sento em frente a um balcão, deixando o saco com sanduíche ali em cima e prestando atenção em Jules. Ela começa a me apresentar o seu pequeno urso de pelúcia, que se chama Edward, e me faz cumprimentá-lo com um aperto de mão. Pelos próximos poucos minutos ela me entretém com o seu urso de pelúcia e eu só tiro minha atenção dela quando Aurora aparece.

— Vocês dois agora são melhores amigos, é? — ela pergunta e Jules começa a pular, querendo o colo de Aurora.

Nunca, em toda minha vida, imaginei que teria uma experiência como essa. Deixo Aurora pegar Jules e fico admirando a cena na minha frente.

Aurora vai ser uma boa mãe, não tenho nenhuma dúvida. Ela é apenas... incrível.

Voltar para Pittsburgh foi a decisão mais certa que eu já fiz em meio tantas decisões erradas e olhar para Aurora e compartilhar um momento como esse com ela é o que me dá certeza disso.

39

“Garoto, você me deixa tão fraca.”

“Concentrate” — Demi Lovato

Aurora
Lyon Collins

A cena de Vincent e Jules juntos nunca vai sair da minha cabeça. Dentro de mim sempre senti e dentro da minha cabeça sempre imaginei que Vincent seria esse tipo de homem, que se dá bem com crianças, mas, comprovar isso ao vivo, excedeu as minhas expectativas. Ele vem me surpreendendo em tantas coisas que, no final do dia, me sinto exatamente como antes: apaixonada por cada detalhe seu. É difícil, em parte, admitir isso, depois de tanto. Mas, por outro lado, me alivia. Eu sempre soube que esquecer Vincent seria uma tarefa impossível e estar tão próxima dele agora só reafirma isso. Ele sempre esteve em minha mente, não importa como, mas nossa situação é diferente.

Vincent é apaixonado por mim da mesma forma que eu sou apaixonada por ele. A ficha demora a cair, mas uma hora ela vai me acertar em cheio e eu vou perceber que nada disso é um sonho.

Depois de pegar Jules no colo, nós fomos até o refeitório. Passei um momento com as crianças e Vincent o tempo todo em meu encalço, as freiras explicaram tudo para as crianças, que praticamente correram para fazer um amontoado em cima de Vince. Foi fofo, ele todo vermelho e envergonhado, mas parecia satisfeito por ter colocado um sorriso no rosto de cada uma daquelas crianças. Todos foram servidos e ainda sobrou quatro lanches completos, Vincent já foi se sentar com as crianças comendo um, mas eu só fiquei com Jules e ele, enquanto ajudávamos ela a comer também.

Foi difícil nos despedirmos de todas as crianças, principalmente da pequena que ficou grudada em nós dois o tempo todo. Jules foi abandonada quando tinha um mês de vida em frente a esse orfanato. Quando a conheci, me apaixonei imediatamente. Seu jeito todo fofo, seus olhos grandões e brilhantes. Ela é absolutamente apaixonante. Se eu tivesse a chance, já teria adotado Jules e cuidaria dela como se fosse minha. Mas, tirando por Gia e

Ian, sei o trabalho todo que isso dá. Não me sinto desanimada, só sinto que preciso ter uma estrutura mais firme para tomar uma decisão como essa.

Eu e Vincent entramos no seu carro, depois de nos despedirmos de todos e recebermos tantos abraços calorosos que sinto até que o frio deu uma amenizada. Como prometemos antes, reafirmamos que voltaríamos amanhã e Vincent deu a sua palavra para as irmãs que ajudaria com o que fosse necessário. Eu me apaixonei um pouquinho mais o observando tão engajado assim. Quero dizer, como não se apaixonar por alguém que é tão solidário com quem precisa e que tem empatia para dar e vender?

Vince liga o aquecedor e dá início ao nosso caminho até a casa.

— Você está feliz? — pergunta atraindo ainda mais minha atenção para si.

Como eu poderia não ficar feliz?

— Sim. Muito. Você me deixou muito feliz hoje, tocou lá no fundo do meu coração e me amoleceu como uma manteiga derretida.

Ele ri baixinho, alcançando a minha mão e entrelaçando os nossos dedos. Vincent leva minha mão até sua boca e deposita um beijo demorado no dorso. Isso me faz suspirar. Seus carinhos inesperados me deixam sem nem saber o que fazer ou falar.

Por sorte a marcha automática do carro existe e fez com que por quase todo o caminho nossas mãos permanecessem grudadas. Eu gostei da sensação. Foi o suficiente para nós dois aproveitarmos o silêncio em comum e passarmos o resto da viagem quietos, apenas sobrevivendo pelo torque e pelos olhares trocados em um momento ou outros.

Alguns minutos mais tarde, Vincent estaciona atrás do carro de Gia e Ian. Ele sai antes de mim, eu demoro um pouquinho porque não sei como me

despedir dele, ou melhor dizendo, não sei se quero me despedir e me separar de Vincent hoje. Mas, sigo em frente e saio do carro, fechando a porta sem muita força.

Vincent encosta no carro, agasalhado assim como eu. Não perco tempo e vou até ele, aproximando-me apressada e quase trocando os pés. A rua está vazia e calma. Já é tarde, então é nada mais do que o normal.

Perto o suficiente, ele me puxa pela cintura e eu me apoio em seu peitoral. O vento frio nos castiga só por um momento, porque no próximo eu já estou quente demais com o seu simples carinho. Não tem uma só vez que ele tenha me tocado e que, em consequência, eu não tenha queimado. É exatamente essa a sensação, mesmo por cima das camadas grossas da minha roupa, o calor que a proximidade de Vincent me proporciona me deixa ardendo internamente e intensamente.

Ele toca a ponta do meu queixo com o seu indicador, fazendo-me fitá-lo sem reservas.

Fico ofegante antes mesmo do que eu já sei que vem pela frente, acontecer. Com a sua boca pairando sobre a minha, ele me faz suspirar por mais e por pressa. Vincent mordisca levemente o meu lábio inferior e eu sinto as minhas entranhas apertarem forte. Deslizo as minhas mãos para cima, até alcançar o seu pescoço.

Nos encaramos, firmes, e eu digo:

— Chega dessa brincadeira.

Seu olhar é dilacerante, de um jeito bom, antes que eu faça o que preciso. Ele me quer tanto e eu não tinha percebido isso até agora, até esse olhar tão necessitado e cru que ele me deu, como se estivesse vendo através de mim. Isso me deixa um pouco desconcertada, mas a forma como ele me beija, faz eu esquecer todo e qualquer julgamento meu sobre mim mesma.

Sua língua corre por meus lábios e eu suspiro no instante em que seu beijo vem mais profundo. Agarro em Vincent com força, faminta e sedenta dele. Eu sei que estamos na rua e que qualquer um pode nos ver agora, mas a minha parte mais estúpida chutou a minha consciência para bem longe e eu sei que aconteceu o mesmo com Vincent, pois ele troca de lugar comigo, me empurrando levemente contra a lataria do seu carro.

Eu puxo Vincent mais para perto, como se fosse humanamente possível. Ele está tão colado em mim que nos tornamos um só nesse momento. Seu beijo é doce. Seu beijo é preciso. Ele acerta em todos os lugares que deseja acertar em mim e eu juro, nenhum dos outros beijos foram assim. Com essa intensidade, com esse desejo e toda essa fome. Minha fome, meu desejo. Minha liberdade em estar com Vincent dessa forma.

Eu nunca imaginei que sentiria coisas assim.

A minha excitação é palpável e real. É como se não fosse a mesma menina quebrada, mas uma mulher completamente segura de si. Eu navego entre esses dois lugares dentro de mim: meus machucados e minha força. O beijo de Vincent só fez a minha força se sobressair, o meu desejo se misturar com o seu e escorrer entre nós dois.

— É melhor a gente... parar... — ele diz assim que separa a sua boca da minha, ofegando como nunca.

Ainda de olhos fechados e tão próxima dele, desço meus beijos incessantes por seu pescoço descoberto. Vincent grunhe, quase em um resmungo satisfatório. Ele leva a sua mão direita até o meu cabelo, emaranhando os dedos em minha trança e praticamente desfazendo-a por completo. Vince puxa o meu cabelo levemente e eu abro os olhos, enquanto ele me encara de volta. Abro um sorriso, exposta, mas satisfeita, e é a sua vez de beijar meu pescoço.

Sinto a sua língua quente me deixar ainda mais excitada, enquanto ele a usa na minha pele sensível para me beijar. É tão gostoso que eu só posso e só consigo fechar os olhos com força e gemer baixinho, emaranhando de volta os meus dedos em seu cabelo sedoso.

Eu me encontro na dúvida entre pedir mais e parar com tudo isso por passar dos meus limites. Mas, tudo clareia, quando escutamos um barulho do outro lado da rua. Vince e eu nos afastamos com dificuldade, mas alertas. Eu só consigo ver a sombra de uma pessoa ali, se afastando com pressa.

Um frio na espinha sobe imediatamente e Vincent me encara.

— Você viu? — sussurro, minha voz rouca e eu totalmente descabelada.

Ele concorda com um aceno, mas me abraça.

Vincent beija o topo da minha testa e volta aos meus lábios. Ele me beija copiosamente ali e eu me sinto segura dessa forma.

Sempre me sinto segura com ele.

— Melhor eu ir e melhor você entrar — diz ainda com os lábios sobre os meus.

— Entra comigo — peço baixinho.

Ele arqueia a sobrancelha e eu faço um bico.

— Por favor? — continuo.

— Só se for para dormir com você — retruca e eu sorrio de lado, sentindo minhas bochechas esquentarem.

— Exatamente isso... — concordo e ele sorri de volta.

— Eu fico.

Eu sabia que Vincent ficaria.

40

“Eu quero estar sozinha, sozinha com você. Isso faz sentido?”

“Hostage” — Billie Eilish

Aurora
Lyon Collins

Convidar Vincent para entrar e dormir comigo foi muito mais fácil do que eu imaginei que algum dia seria. O melhor de tudo foi que eu não precisei dizer muito e ele entendeu todas as entrelinhas que deixei no ar. Para mim, isso até foi tranquilo. Mas eu senti medo, lá no fundo do meu peito. Não por causa disso, é claro, mas por quando estávamos nos beijamos e fomos meio que atrapalhados pela pessoa desconhecida do outro lado da rua. Poderia ser qualquer pessoa curiosa bisbilhotando, mas também, não, poderia não ser. Eu, às vezes, tenho essa sensação estranha de estar sendo observada. É realmente bizarro, porque quando olho ao redor, tudo está normal e em seu devido lugar.

Então, as coisas me remetem a aquele dia.

O dia que eu fui apagada por uma pessoa desconhecida, um homem desconhecido, e sabe-se lá o que poderia ter acontecido comigo se não fosse por Dom. Eu não sei se as duas coisas — eu sentir que estou sendo observada e ter sido apagada naquele dia — têm alguma ligação, mas isso me deixa ansiosa em vários sentidos.

Esses pensamentos não tomaram conta da situação, apesar de tudo. Eu entrei com Vince na ponta do pé. Nós dois passamos pela cozinha, onde achamos um resto de sorvete de morango, que levamos conosco até o meu quarto. Não tomei banho antes de dormir, apenas troquei de roupa, já que Vincent reclamou por eu estar “longe demais” por “tempo demais”. É de cair o queixo: foram no máximo três minutos para eu trocar de roupa. Ri muito de tudo e todas as coisas que ele ficava falando para mim com um tom de sussurro exasperado. Quando voltei, ele já tinha acabado com o resto do resto do sorvete que tinha sobrado. Não preciso nem dizer o quanto fiquei brava com sua barriga furada. Quero dizer, será que ele não fica cheio? Ambos já tínhamos tido a nossa cota de comida pelo dia todo, principalmente pela

noite, mas eu acho que o corpo de Vincent não entendeu.

Me vendo brava, ele apenas riu. Riu e me beijou, com a sua boca gelada e tomada pelo gosto do morango. Isso me amoleceu, como se eu mesma fosse o sorvete e ele a brisa morna que me fizesse derreter aos poucos. Assim nos entendemos. Empurrei meus demônios para debaixo da cama e fiquei em paz em cima dela, com Vincent me abraçando e me beijando debaixo da coberta, me fazendo rir de suas histórias até pegarmos no sono. E pegamos, não muito depois, enrolados um no outro e, posso apostar que eu estava com um sorriso nos lábios tão grande que nem o sono foi capaz de apagar.

Tivemos muita paz.

Foi uma noite que não vou conseguir esquecer nem se vivesse por mil anos.

Mas então, agora.

Acordar foi me trazer de volta a realidade. Literalmente. Posso escutar no fundo a voz de Georgia, enquanto tento sobreviver a todos os meus pensamentos perfeitos da noite que passei com Vincent. Eu não queria voltar a realidade. Poderia reviver aquela noite repetidas vezes e ainda não estaria cansada.

Mas tem Georgia e Ian.

— O que estava pensando com isso? — Ela está brava, enquanto joga o seu celular em cima de Vincent, que deve ter despertado antes de mim.

Estou há pelo menos dois minutos sentada, atrás de Vince, pensando sobre nós, enquanto Georgia o questiona, com Ian logo atrás. Me sinto confusa, porque eles nunca entraram assim no meu quarto, muito menos gritando. Gia e Ian sempre respeitaram o meu espaço e, antes de entrar

sempre batem, a menos que eu esteja em alguma crise, o que não tem acontecido tanto nos últimos meses.

Atrás de Vince, eu o observo pegar o celular de Gia, fitando o conteúdo que ela quer mostrar a ele.

— O que eu estava pensando sobre o que exatamente? — Vincent retruca calmo demais para o seu próprio bem, eu presumo. — Como eu poderia saber que tinha alguém nos fotografando?

Ele me dá o celular e eu observo a foto.

Não é muito boa.

A qualidade é péssima, mas dá para saber que é Vincent ali, principalmente por seu carro, por suas roupas, seu cabelo. Por outro lado, fica difícil saber que sou eu ali, principalmente por não me conhecerem. Mas, saio da foto e leio o título da matéria e tenho certeza que já ligaram os pontos.

“Amor em família *por acidente*?”

Sério que as pessoas são pagas para escrever esse tipo de coisa? Trabalho é trabalho, mas quão baixo a cabeça de uma matéria pode ser?

Minhas bochechas esquentam por Gia e Ian terem visto isso, e, especialmente esquentam ainda mais por terem entrado aqui e só confirmado o que estava escrito e fotografado. Vincent na cama comigo, vestindo só o seu jeans e eu de pijama. É estranho ter sido pega dessa forma. Mas, por outro lado, creio que Georgia e Ian entendem que, depois de tudo que passei — e eles sabe o que passei —, se coloquei Vincent na minha cama para dormir comigo e se eu deixei ele me beijar, foi porque me senti segura para isso. O mais importante de tudo: me senti segura com ele. Depois de tanto, tanto mesmo, eu me senti segura e logo com ele.

Secretamente, é isso: sempre me senti segura com Vincent, apesar dos

pesares.

— E vocês iam esconder isso de nós por mais quanto tempo? — Ian pergunta, fitando mais a mim do que a Vincent.

Eu me sinto mal, de certa forma, por não ter contado, porque desde que eu entrei na família, Gia e Ian sempre souberam tudo de mim. Não precisei esconder nada para ser minimamente aceita por eles.

— Não tem *isso* — digo incerta e completamente insegura. — Estamos nos conhecendo. Nos beijamos e estava tarde, eu convidei Vincent para ficar aqui comigo, *isso foi tudo que aconteceu*. Eu ia contar a vocês sobre tudo, eventualmente, não em uma exposição como essa. Sinto muito que não contei antes que estava saindo com Vincent, mas eu o faria de qualquer jeito, só não queria que fosse assim.

Georgia suspira, parecendo um pouco, só um pouco, mais tranquila. Mas ainda assim, ela está brava.

— Eu não quero essa exposição toda — Georgia replica, seu olhar duro e preocupado. No fundo, sei do que ela está falando. — Não quero que vasculhem a vida de Aurora como se não houvesse amanhã.

— Ela já está na família há alguns anos, se tivesse que vasculhar algo, já teria sido vasculhado — Vincent retruca parecendo chateado.

— Estou na família, mas a pessoa com mais “fama”, é você, e querendo ou não, não tivemos tanto contato no começo de tudo — explico o que Gia e Ian estão pensando e é o que eu penso também.

Isso faz eu me sentir insegura em dobro, como se fosse possível.

Meu tio costumava contar vitória sobre mim, sobre as coisas que fazia comigo, para quem bem quisesse ouvir no lixão. As pessoas não faziam nada por serem tão podres quanto ele, mas tudo, absolutamente tudo, era jogado

aos quatro ventos por ele. Todo mundo sabia. Se alguém for lá perguntar sobre mim, oferecer o mínimo de dinheiro possível, qualquer pessoa pode abrir a boca e então o estrago está feito e completo. Imaginar isso tudo acontecendo na minha vida me deixa em pânico, me dá calafrios. Imaginar Vincent abrindo notícias sobre mim, com toda a sujeira do meu passado me faz até mesmo desejar estar morta para não ter a má sorte de sentir todas as sensações ruins mais uma vez, toda exposição mais uma vez e dessa vez, não mais do meu corpo, mas da minha alma suja.

— Tudo bem — Vince resmunga. — O que podemos fazer? — pergunta diretamente a Georgia, como se ela fosse a resposta para o nosso problema.

Ela cruza os braços, olhando para mim.

— Nem eu, nem Ian podemos dizer. Isso cabe a Aurora. Ela diz o que vocês têm que fazer.

É cedo. Eu acabei de acordar. Eu não quero tanta responsabilidade depois de viver a melhor noite da minha vida.

— Vocês podem sair? Quero só... só ficar um pouquinho sozinha.

Os três me encaram.

Georgia e Ian são os primeiros a sair. Vincent continua na cama, me encarando sem desvios.

— Não vamos dar uma chance a *isso*? Depois de tudo? — questiona simples e direto.

— Eu não disse isso, só que além de nós, tem eu mesma. Só preciso pensar um pouco, Vincent. Em mim. Na minha saúde. Não estou te dizendo que tudo que vivemos ontem ou nos outros dias não tem nenhum peso para mim. Tem, e muito. Mas tem outras coisas que me afetam e que no fundo eu

não sei se nós dois seríamos capazes de fazer isso pesar mais do que o que me fere.

Ele absorve o que eu digo em poucos segundos e levanta da minha cama. Eu observo Vincent se vestir, sem falar nada. Quando está completamente vestido, somente pegando o seu celular e chaves da minha mesa, ele fala:

— Qualquer coisa, pode me ligar.

Eu aceno positivamente e ele sai.

Sozinha, finalmente, caio na cama outra vez, levando as mãos ao meu rosto e esfregando como se fosse uma lâmpada mágica, onde o gênio fosse sair em questões de segundos para me dar três desejos.

Por que quando tudo está finalmente dando certo, algo vem e estraga tudo para mim?

A minha sorte é que eu tenho uma hora marcada com Maureen hoje ou eu definitivamente estaria perdida. Minha cabeça e os meus pensamentos estão dando nós entre si.



Depois de tomar banho e de esfriar um pouco a cabeça, resolvo descer. A casa está silenciosa, como não é de costume. Chegando à cozinha, acho Gia e Ian sentados, um do lado do outro, em silêncio, apenas tomando seu desjejum com calma.

— Bom dia — digo na maior cara de pau do mundo.

— Bom dia — eles respondem juntos.

Me sento na frente de Gia e Rose se aproxima, cantarolando e sorridente como sempre.

— Bom dia, Aurora — me cumprimenta e eu sorrio de volta.

— Bom dia, Rose.

— Vai sair também? Porque o menino saiu correndo, não quis nem saber de tomar café.

Ela está falando de Vince e disso não tenho dúvidas.

— Eu só vou sair mais tarde — comento.

— Ótimo! — exclama contente.

Rose me dá um pedaço de bolo de chocolate, o melhor do mundo, que é seu, e eu termino de me servir com um copo de suco de laranja.

Ela se afasta de nós e eu volto a fitar Gia e Ian.

— Vamos conversar ou só ficar calados? — Gia questiona, me pegando de surpresa e diria que até mesmo a Ian.

— Podemos conversar, por mim está tudo bem — replico, colocando um pedaço de bolo na boca para ocupá-la e deixar que eles falem.

— Quando isso começou? — Ian pergunta, cruzando os braços e encostando na cadeira.

— Não faz muito tempo — respondo depois de mastigar. — Começamos a sair juntos um pouquinho antes de Dom viajar. Fui relutante um pouco, porque tinha meus próprios “problemas” com Vincent. Estamos meio que resolvidos quanto a isso e entramos no consenso de levar as coisas devagar. Ele disse que gosta de mim, de verdade, e Vincent tem um espaço no meu coração que só Keela sabe o tamanho. — Suspiro, resolvendo

desabafar com eles, porque eles merecem saber. — Quando morava no lixão, eu costumava fugir do barraco para o lado de fora no meio da noite. Via as corridas de racha, tanto ao vivo, quanto pelo celular de Keela quando as mesmas não aconteciam na frente do lixão. Ela adorava Hunter e eu adorava Vincent. Ver Vince era o que me fazia sobreviver na maior parte dos dias. Eu havia perdido os meus pais e vivia um inferno, mas ele sempre esteve ali e sempre enchia meus olhos vê-lo disputar corridas e, com todo respeito, até mesmo desafiar os seus pais. Ele era livre, ainda é livre. Olhar para ele, contra tudo e todos, era o que me fazia ter vontade de me libertar também, de ser livre. Isso fez eu me apaixonar por Vincent, ao mesmo tempo que eu sabia que não era digna o suficiente.

— Sério? — Gia sussurra sem desgrudar os olhos de mim, que estão levemente marejados.

— Sim. Vincent foi isso e tudo mais para mim. Ele era a minha única luz, meu pé no mundo real e no mundo da imaginação. Ele foi a minha primeira paixão, primeiro amor. Ele não sabe de metade disso, desses detalhes, mas ele foi, e é por isso que eu resolvi dar uma chance a nós. Eu sei que não vai ser fácil, mas Vincent foi o meu primeiro amor e coisas assim não dá para esquecer, ainda mais agora depois de tudo que estamos vivendo. O que aconteceu para nos juntar, não sei se foi sorte do destino, olhando agora depois de toda dor. Eu fui jogada na frente do seu carro, arremessada na família de vocês como um peso, mas vocês acabaram me amando e não me tratando como um problema para se livrar. Ele foi minha luz na escuridão, mas você e Ian foram o meu caminho, sem vocês eu não seria nada do que sou hoje e nem sei se teria sobrevivido a tudo. Você, Georgia. Você, Ian. E Vince. Vocês são tão importantes e influenciaram muito no que me tornei e vou ser eternamente grata. É por isso que ele é tão importante para mim, porque além de tudo, ele ocupa um lugar no meu coração que é o mesmo que

Gia ocupa no coração de Ian e Ian no coração de Gia. Amor de duas pessoas apaixonadas e que desejam estar uma com a outra enquanto for bom para ambos. Não estou tentando algo com Vincent porque ele é bonito ou rico. Ele é mais que isso para mim e a forma como ele tem se mostrado esses dias, tem feito eu ver além da casca. Quero estar com ele e eu espero que aceitem isso, qualquer que seja a minha decisão. Vocês sabem dos meus maiores problemas e dos meus piores sentimentos. Com Vince eu me sinto segura, eu sinto que ele não vai ter nojo mim, ou pelo menos tento me convencer disso. — Paro de falar, respirando fundo e controlando a vontade que me dá de chorar. — Eu não sei o que vou decidir. A ideia de alguém vasculhar o meu passado e jogar tudo isso para todo mundo ficar sabendo me coloca em lugares muito ruins dentro de mim mesma. Ainda quero ter a coragem, caso eu decida, de sentar com Vincent e contar tudo a ele. Tudo sobre mim e onde ele quer se meter, mas ao mesmo tempo ainda não estou preparada para tanto. Pode parecer drama, mas é o que eu sinto, é a minha verdade e ela ainda dói muito em mim.

Quando eu paro de falar, Georgia está chorando e a minha voz já está meio embargada. Eu continuo respirando fundo para controlar os meus sentimentos e não ser tomada pelos próprios.

— Não importa o que decidir, a sua escolha é a minha também — Ian afirma e isso tira um peso das minhas costas. — Vamos fazer de tudo para não deixar que vasculhem nada sobre você, porque o que basta é um boato para que coisas piores aconteçam. Nós vamos proteger você, Aurora, como temos feito desde que entrou na família.

— Eu sou muito grata por isso, Ian — sussurro estendendo minha mão sobre a mesa entre nós e segurando a sua, em seguida fazendo o mesmo com Gia. — De verdade. Não existe nenhuma opinião que importe mais para mim do que a de vocês dois e Keela. Vocês são como pais para mim, pais que

acho que se existe um deus, ele me deu, e Keela é a minha irmã de sempre.

— Sejam mais discretos — Gia diz, enxugando as lágrimas com a sua outra mão. — Eu não quero ninguém te machucando, Aurora. Não vou aguentar ver coisas desse tipo. Vamos te proteger custe o que custar, seja preciso dinheiro ou não. Não quero ninguém falando de você. — Eu concordo com a cabeça porque também não quero, mas não tem muito que eu possa fazer. — Independente da sua decisão, depois vamos falar com Vincent. Não sobre o seu passado, mas sobre proteger você, coisa que eu já sei que ele anda fazendo muito bem. Ele é meu irmãozinho e se é você que vai fazer Vince feliz, isso me deixa feliz também. Eu daria minha vida por vocês dois, eu os amo mais do que tudo. Minha família é a coisa mais preciosa da minha vida e vocês são a minha família. — Gia aperta a minha mão levemente. — Vamos dar um jeito em tudo e eu peço desculpas pela forma que entrei no seu quarto e acordei vocês — diz e nós acabamos rindo.

— Eu pensei que o mundo tinha acabado, ao mesmo tempo que a minha cabeça estava longe — retruco, soltando a mão deles e me endireitando na cadeira.

— Quase isso — Gia diz, segurando o riso levemente. — Acordei com mensagens, ligações, tantas coisas sobre vocês e quis confirmar, quando confirmei fiquei chateada por não terem falado nada comigo. Principalmente você. — Ela faz um bico, cruzando os braços e eu me sinto mal outra vez, rindo nervosamente.

— Me desculpa, Gia. Eu deveria ter contado, mas como falei, não estamos namorando nem nada, só nos conhecendo...

— Mas vocês já se conhecem — Ian retruca e a gente ri, eu semicerrando o olhar em sua direção.

— Você entendeu o que eu quis dizer, Ian.

— Eu entendi. — Ele ri comigo e com Gia e nós três relaxamos.

Com eles aceitando, eu me sinto um pouco melhor. Os meus medos parecem não me assustarem tanto com Gia e Ian me protegendo.

Eu passo o resto da manhã com eles dois, até o começo da tarde. Ficamos conversando e assistindo filme na sala. Minha cabeça, entretanto, fica mais longe, lá em Vincent, imaginando o que ele deve estar fazendo ou pensando. Não consigo tirá-lo dos meus pensamentos. Mexo e remexo no meu celular, tentada a lhe mandar uma mensagem para vir me ver, mas eu tenho um plano melhor depois de ver Maureen.

Tenho certeza que Maureen vai me ajudar a pensar da forma certa, tentar deixar os meus medos mais uma vez de lado e me fazer ver que só se vive uma vez. Depois de vê-la, eu vou ver Vincent e então posso me entender com ele depois da nossa manhã conturbada.

Isso é o que eu espero, mas eu não sei se vai bem ser dessa forma.

41

“Se eu pudesse mudar a maneira como você se vê você não se perguntaria por que está aqui. Eles não te merecem.”

“Everything I Wanted” — Billie Eilish

Vincent
Pette Hawk

Ser confrontado por Georgia e Ian sobre Aurora e eu não foi bem como eu esperava. Aquelas fotos ferraram tudo. Eu não queria expor Aurora, nunca foi a minha intenção. Desde que nos conhecemos eu sinto que há coisas que ela quer dizer para mim sobre o seu passado, mas não consegue se abrir de forma alguma. Esse sempre foi o ponto de interrogação pairando entre nós.

Nossa noite foi tão boa para ser estragada assim.

Eu me senti mal em ver a sua indecisão, mas, ao mesmo tempo, sei que ela está certa: Aurora precisa se priorizar, assim como eu preciso me priorizar. Se ela decidir que quer continuar tentando, eu estarei no mesmo lugar de sempre: esperando. Se não, eu não posso forçá-la a nada. A única coisa que eu sei que tenho que ter, é paciência. Por isso eu a deixei e resolvi vir para o meu próprio canto. Também tenho que pensar sobre tudo, sobre o que posso fazer para proteger Aurora da porcaria da fama que vem como bagagem minha. Eu não quero metê-la em um ninho de cobras. Não seria justo, nem com Aurora, nem comigo.

Passei a manhã inteira jogado no sofá, assim como parte da tarde. Perto das cinco, desliguei a televisão, que ficou apenas de fundo sonoro para todos os meus pensamentos e dilemas, e fui tomar banho. Antes disso, pedi uma pizza e mandei mensagem para Hunter, perguntando por onde ele está. Se não tenho a companhia da mulher que eu amo, que pelo menos meu melhor amigo não me deixe na merda sozinho.

No momento eu praguejo repetitivamente, porque não demorei nem metade do que eu queria no meu banho. Saio correndo, enrolando a toalha na cintura e todo molhado quando escuto o interfone tocar. Nunca que uma pizza foi tão rápida assim para chegar aqui em casa, mas no fundo eu estou

grato por isso. Atendo ao interfone, mal deixando o porteiro falar, só liberando a subida do entregador.

Passo os próximos dois minutos procurando a minha carteira e molhando o chão da sala inteira. Quando acho, caminho até a porta, ansioso por minha comida, enquanto tiro o dinheiro da minha carteira.

Abro a porta, surpreso com a “surpresa”.

Eu deveria ter dado um pouco mais de atenção ao porteiro, com toda certeza. Aurora está ali, toda agasalhada, na minha frente, parada como uma estátua.

Seu olhar passeia por todo o meu corpo e eu mentiria se dissesse que isso não faz eu me sentir o tal e puxar um sorriso ladino. Eu espero para ver até onde ela vai e me surpreendo quando chega até a barra da minha toalha, baixa demais pela pressa que eu estava. É engraçado como as bochechas de Aurora não falham em queimar quando ela cai em si mesma, vendo o quanto me secou.

Ela sobe o olhar devagar, dando o seu melhor sorriso para mim.

Eu me sinto sortudo pra caralho.

Como Aurora consegue ser tão bonita assim?

Mais uma vez ela me surpreende, fechando a distância entre nós dois, e eu não posso e nem consigo fazer nada além de recebê-la em meus braços. Seus lábios chocam-se nos meus e um grunhido sobe por minha garganta, enquanto fecho um dos meus braços ao redor da sua cintura, e bato a porta com a outra mão. Encosto Aurora naquela superfície, lambendo os seus lábios até aprofundar o nosso beijo, coisa que ela permite rapidamente.

Ficamos o dia longe, mas isso foi o suficiente para me fazer morrer de saudade dela e fazer eu me desconhecer — mas não tanto assim. Aurora

sempre foi marcante, sempre me fez sentir falta dela, então não estou nem um pouco surpreso por necessitar tanto de sua presença.

As suas mãos passeiam entre minhas costas, meu peitoral e meu pescoço. Ela não parece se decidir onde quer me tocar e eu também não consigo decidir onde eu gosto mais que ela me toque. Aurora solta um gemido entre o beijo, fazendo-me desgrudar as nossas bocas, praguejando e descendo os meus lábios pelo seu queixo, em direção ao pescoço em uma trilha de beijos molhados.

— Você me faz achar difícil respirar.

Essa é a única coisa que consigo dizer com a boca colada em sua pele quente.

— Você me faz achar difícil me manter na linha ao seu lado.

Nós rimos, juntos, e eu levanto o rosto, depois de mais alguns beijos em seu pescoço cheiroso.

— Pensei em você o dia inteiro — sussurra, indecisa entre fitar-me nos olhos ou na boca.

— Pensei em você o dia inteiro também, Bela.

— Sinto muito por tudo mais cedo, pela forma que pedi para sair. Eu sou complicada, mas isso você já sabe. — Corro os dedos por seu cabelo, enfiando uma mecha atrás da sua orelha. — Estou disposta a continuar levando o que temos à frente, mas ainda mais discretamente. Não quero que vasculhem a minha vida, eu sou muito reservada quanto a isso. Ao mesmo tempo, quero estar com você, e preciso que faça isso funcionar, mas só se quiser estar comigo também, Vincent.

— Estamos fazendo funcionar, Aurora. Tudo que lhe disse desde que voltei, é verdade. Eu quero muito estar com você e nós vamos dar um jeito

nas coisas que estão incomodando agora.

Ela sorri e isso me tranquiliza, porque sinto que Aurora acredita em mim e essa é a única coisa que eu preciso que ela faça. Preciso da sua confiança, não de olhos fechados, mas incondicionalmente, o resto é só consequência.

— Tudo bem — sussurra, selando nossos lábios outra vez.

Eu gosto quando ela tem atitude, principalmente esse tipo de atitude.

A menina que eu conheci quebrada não se parece nem um pouco com a mulher que eu desejo hoje. Aurora é espetacular e segura de seus próprios desejos. Ela não faz nenhuma ideia, mas isso a deixa ainda mais gostosa aos meus olhos.

— Eu preciso me vestir — comento baixo, e ela sorri.

— Precisa mesmo — replica, mordendo meu lábio inferior. — Só uma calça, eu diria. Adoro o que vejo.

Arqueio a sobancelha e ela ri da minha cara.

Eu disse que ela é gostosa desse jeito, e de qualquer outro jeito para ser sincero, mas isso é demais para o meu coração fraco e pau sem cabeça pensante. Cabeça ele tem, mas não pensa nem um pouco, só me deixa e me mete em enrascada e eu quero muito não ficar excitado só ouvindo Aurora.

— Melhor eu me vestir todo, de bata também se for possível — retruco, afastando o meu corpo de Aurora e fazendo-a gargalhar.

— Quanto exagero. — Revira os olhos, ainda divertida como antes.

Eu poderia passar o resto da vida com Aurora.

De verdade.

— Já volto — aviso, depositando um último beijo no topo da sua

cabeça e indo até o meu quarto em passos largos e rápidos.

Agora que ela está aqui, eu quero aproveitar todos os minutos ao seu lado depois de um dia praticamente perdido.



Poucos minutos depois de voltar para sala de estar, a pizza chegou. Aurora foi correndo pegar refrigerante e cerveja na geladeira, enquanto eu recebia a pizza. Nós estamos aconchegados no sofá, comendo e bebendo, enquanto assistimos ao filme de animação que ela colocou na televisão.

— Você vai ficar aqui hoje? — indago.

Aurora já está toda confortável aqui e comigo. Eu não quero que ela saia, até porque eu mesmo não quero mais sair daqui. Ela tirou sua bota, os casacos e o gorro; continuou, é claro, apenas com a camiseta e o jeans.

— Não sei, mas se quiser eu posso mandar uma mensagem avisando Gia e Ian. Acho que não tem problema, certo?

Ela me olha sobre o ombro e eu concordo em um breve aceno com a cabeça.

— Depois a gente liga pra eles — aviso. — Nunca vi a minha irmã tão brava como essa manhã — comento, lembrando de hoje mais cedo.

É verdade.

Se eu não fosse seu irmão, Gia provavelmente teria me agarrado pelo pescoço no momento em que me viu na cama com Aurora. Ela é protetora e disso todo mundo sabe, inclusive eu. Todas as oportunidades que Georgia

teve de me proteger, em qualquer que fosse a situação, até mesmo dos meus pais, ela o fez. Minha irmã é incrível, sempre vai ser, e eu a amo muito. Mas, ainda assim, nem mesmo me defendendo ela pareceu tão brava quanto hoje defendendo Aurora.

— Ela é uma mamãe-urso — diz e eu solto uma risada.

— Com certeza sim. Eu fiquei até com medo de ficar com você depois de hoje.

Aurora vira outra vez e me encara.

Minha risada vem mais forte.

— É brincadeira — falo apressadamente, depois do seu olhar intimidador. — Era brincadeira, Bela. Eu não fiquei e nem ficaria com medo. É só a Gia, ela é durona, mas ela pensa na felicidade de quem ama.

— E você está feliz assim? Comigo?

Essa é uma boa pergunta e eu tenho uma boa resposta:

— Minha vida inteira foi um misto de ilusão de felicidade com busca pela felicidade. Correr era a única coisa que me fazia feliz. Depois de um tempo, isso não se torna mais suficiente, ainda que seja uma parte enorme de quem eu sou. — Tomo um gole da minha cerveja, enquanto Aurora se ajeita no meio das minhas pernas para me olhar melhor. — Na minha família eu fui feliz até certa idade. Meus pais foram o maior dos problemas. Depois dessa fase, a única pessoa da minha família que era boa para mim foi Gia. Depois vieram os carros, como você já sabe. Veio você, no acidente, e você já me fazia feliz, só não sabia como e porquê. Então veio a fama, depois de tudo, e essa foi a maior ilusão da minha vida. Quando se alcança o topo, parece que tudo ao seu redor vai ficando mais infeliz. — Respiro fundo, lembrando das noites ruins, virado, sem nem saber o motivo de eu estar fazendo certas

coisas. — Lá em cima é mais escuro e deveria ser o contrário, pelo menos era o contrário que as pessoas mostraram. Então eu voltei para casa, porque eu precisava me reencontrar e, principalmente, reencontrar a garota que me fazia rir como um idiota e que eu fui burro o suficiente para reprimir os meus sentimentos por anos.

— Você voltou por mim? — questiona.

— Eu poderia dizer para mim mesmo que não, até mesmo pra você, mas lá no fundo, sei que foi por você. Via as suas fotos, tanto por Keela, quanto por minha irmã, e eu não conseguia acreditar no quanto cresceu e no tanto de coisa que perdi. Você esteve na minha cabeça por todos esses anos, é claro que eu voltaria.

Aurora ri, dando de ombros.

— Você teve tudo. As mulheres mais bonitas e perfeitas, e voltou mesmo por mim?

Ela não parece acreditar.

— Não me entenda mal, mas é insignificante tudo que eu vivi antes de vir pra cá. Se estou aqui hoje, se passei pelo pior, foi porque eu sabia que um dia teria coragem o suficiente para vir te dizer o que sinto. — Deixo a minha cerveja no chão, pegando a caixa de pizza do colo de Aurora e deixando-a na mesa de centro. Seguro o seu rosto, colando nossos lábios levemente. — Seu beijo é o único que ficou e que fica marcado em mim desde que fizemos isso pela primeira vez. Acredite quando eu digo, ninguém tem poder sobre mim como você tem. Não tem outra Aurora no mundo que me faça estar tão apaixonado como você faz, dia após dia.

Aurora suspira, enquanto nos encaramos de muito perto.

Ela não para de olhar dentro dos meus olhos e eu não desvio nem por

um segundo. Aurora precisa acreditar em mim, porque eu nunca fui tão sincero em toda a minha vida com uma mulher. Eu nunca nem mesmo me apaixonei. Essa porra toda é novidade para mim e eu só espero que Aurora não duvide quando eu digo que estou fodidamente apaixonado por ela.

— Não vai mesmo me machucar? — pergunta e eu balanço a minha cabeça negativamente, fazendo nossos lábios roçarem mais. — Eu acredito em você, só continuo sendo insegura, não por você, mas por mim mesma. Espero que tenha paciência.

— Tenho toda paciência do mundo reservada para você.

Ela sorri e isso alcança os seus olhos, o que a deixa mais bonita.

— Estou tão apaixonada por você quanto você está por mim.

Isso me acerta em cheio, porque é a primeira vez que ela fala isso diretamente. Sem mencionar passado, sem colocar nada no meio. Aurora está apaixonada por mim agora, no mesmo momento que eu, e definitivamente estamos na mesma página.

Eu sou realmente sortudo e eu acredito que já falei isso para mim mesmo hoje.

— Você sabe que acabou de me quebrar no meio, certo? — resmungo e ela ri baixo.

— Me diz mais sobre isso... — pede divertida.

— É melhor eu te mostrar — retruco.

É assim que uma das nossas melhores noites se inicia de fato: com Aurora dizendo que é apaixonada por mim e comigo beijando-a sem reservas.

42

“Quando estou com você, eu estou com um exército.”

“Army” — Ellie Goulding

Aurora Lyon Collins

Um mês mais tarde...

Os meus dias não poderiam ter sido melhores durante o último mês. Nunca me senti tão bem e tão completa como Vincent tem feito eu me sentir. Nunca vi o mundo tão colorido e com tanto mais sabor como tenho visto e sentido. Ainda que mais reservados em público, nos vemos todo santo dia e saímos para os mais diversos lugares, eu sempre tomando cuidado quando percebemos paparazzis por “perto”. Não temos um nome definido para o que somos. É tudo tão recente e bom, que não nos incomodamos em dizer que somos “a, b ou c”.

Eu estou feliz.

Muito feliz.

Feliz como nunca estive.

Estou há semanas com o homem que eu sempre amei. Como eu não poderia estar tão feliz assim? Maureen mesma diz que nunca me viu brilhar tanto como nas últimas semanas. Isso tudo é o efeito Vincent na minha vida, eu não pude evitar de absorver cada sensação que ele tem me proporcionado e deixar isso refletir em mim mesma.

O natal é logo no próximo mês, estamos no fim de mais um ano e o tempo na cidade, como já é costume, está cada vez mais frio.

Falei hoje cedo com Vincent e ele disse que não poderia me encontrar pela manhã porque tem uma reunião de negócios adiantada, porque também disse que no mês de dezembro não quer deixar que nenhum trabalho atrapalhe os seus planos. Não reclamei, mas no fundo senti falta dele aparecer — quando eu não fico em seu apartamento — aqui em casa e me acordar com muitos beijos em todo o meu rosto. Quanto a isso, fomos abertos com Gia e Ian e simplesmente continuamos batendo na mesma tecla de que estamos nos conhecendo e passando um tempo juntos para isso. Nenhum deles se opôs,

pareceram e parecem até felizes com isso, contanto que estejamos bem.

Mark fala comigo, me puxando dos meus pensamentos e eu balanço a minha cabeça, como uma boba, para voltar ao mundo real.

— Quer que eu espere aqui, Aurora?

Ele tem estado comigo o tempo todo.

Vince não descansou sobre a minha segurança, ainda mais por eu ter confessado a ele que sinto que estou sendo vigiada. É bizarro se sentir assim, mas dia após dia, eu sinto como se estivessem me vigiando, seguindo os meus passos a cada instante e na última semana tem sido pior.

Ter Mark comigo me tranquiliza de diversas formas. Ele é legal e acima de tudo tem a completa confiança de Vincent, então eu também confio de olhos fechados nele.

— Eu não vou demorar, tenho que ir para o orfanato logo, então é melhor, certo?

— Você quem diz — replica tranquilo.

— Espera aqui, eu já volto. — Decido, soltando o cinto de segurança e saindo do carro.

Abraço o meu corpo enquanto caminho depressa da calçada até a porta da minha cafeteria preferida. Antes de entrar, uma figura conhecida me para abruptamente. Encaro os olhos claros e obsessivos, meu corpo congelando mais com aquele olhar do que com o frio ao nosso redor.

As pessoas vão e vem, nenhuma delas se importa com nada além do seu próprio nariz, então não se importariam mesmo com nós duas.

Sim, duas.

Marie está segurando o meu braço com força, enquanto o seu olhar

obsessivo passeia deliberadamente pelo meu rosto, como se estivesse esperando o meu espanto. Sinto algo cutucar a lateral da minha barriga e respiro fundo, antes de abaixar o olhar por dois segundos para ver o objeto que ela gruda em mim. É uma pistola prateada, escondida pelo seu sobretudo preto, que ninguém consegue ver, além de mim, que estou cara a cara com ela.

Um frio corre por minha espinha, mas eu empurro isso tudo para longe.

— O que você quer? — pergunto o mais tranquila possível.

— O que você tem.

Suspiro, incrédula com tudo isso.

— Eu não tenho nada que você possa querer, Marie. Sou uma mulher comum, com uma vida comum, com amigos comuns. Não tem nada em mim, que uma mulher bem-sucedida como você, poderia querer.

Ela ri e eu prendo a respiração ao sentir um cheiro forte vindo dela.

A verdade é que ela não se parece a mesma que vi há um mês. Marie tem olheiras marcadas, seu cabelo está desganhado e ela cheira realmente mal. Não faço ideia do que deu nela, mas não parece bem, fisicamente e mentalmente falando.

— Só pode ser uma piada — diz, semicerrando os olhos.

— Preciso ir — retruco tentando me soltar, mas consigo escutar um barulho estranho, e esse sim me deixa muito assustada.

— Você se mexe outra vez e eu atiro. O primeiro vai ser na barriga, mas os outros têm destino melhor. — Eu fico paralisada. — Se afaste dele, Aurora. Vincent é meu. Sempre vai ser. Ele foi meu durante todos esses anos. Era comigo que ele dormia, era comigo que ele fazia amor. Você é só uma vagabunda do lixão com quem ele está se divertindo e perdendo o tempo.

Perdendo muito tempo, porque quando ele souber que você...

Eu lhe acerto um tapa com a minha mão livre.

Assim, sem mais, nem menos.

As lágrimas acumulam nos meus olhos ao escutar todas essas coisas. Não sobre o que ela falou sobre dormir ou não com Vincent, mas sobre mim, sobre o meu passado. Eu não quero acreditar que Marie foi atrás do meu passado para usar isso de forma tão baixa contra mim.

— Se você fosse tão boa, ele nunca a deixaria para ir atrás de uma vagabunda do lixão como eu — afirmo engolindo o choro com tudo e desentalando as palavras da minha garganta. — Eu não sei com quem pensa que está lidando, mas eu não estou nem aí se vai ou não atirar em mim, Marie. Como deve saber, não tenho tanto a perder, porque já me tiraram tudo que era direito meu, mas, se eu fosse você, eu pensaria duas vezes antes de atirar em mim. Por mais que eu seja fodida, Vincent se importa comigo, ele me ama, e tenho certeza que não deixaria barato.

— Você está realmente fodida, Aurora.

— Me diga uma novidade — retruco, os dentes trincando.

Eu sei que estou sendo imprudente, mas ela me cutucou onde mais dói.

— O susto quando eu cheguei não foi nada perto do que tenho preparado para você.

Então foi ela?

Foi Marie que mandou?

Mark, em um piscar de olhos, chega por trás da loira demoníaca e a desarma com uma facilidade e rapidez que ela se assusta. Sorte minha ele foi tão rápido que não lhe deu a chance de puxar o gatilho. Puxo o meu braço das garras daquela megera e continuo a encarando.

— Por que você está fazendo tudo isso? — pergunto, gritando socorro para mim mesma.

— Vincent. Ele é meu, eu já disse. Não importa como, ele vai voltar para mim, Aurora, às vezes fazemos o que não queremos para conseguir o que queremos. Lembre-se disso.

O seu sorriso vem, me causando ânsia e mais medo do que antes.

Respiro fundo, quando ela nos deixa e sai, se misturando no meio das outras pessoas e desaparecendo. Eu encaro Mark, que tem uma feição preocupada. Ele enfia a pistola em sua calça, se aproximando de mim.

— Aurora, você está bem? — indaga.

— E-Eu...

Eu não estou.

Essa é a verdade.

Tudo que Marie falou está martelando na minha cabeça.

— Eu vou ligar para Vincent — sentencia, segurando-me pelo braço e me guiando para dentro da cafeteria.

Eu sigo com Mark porque não consigo me orientar direito.

E se ela colocar as coisas sobre o meu passado na imprensa?

O que Vincent vai pensar de mim? Que eu nem mesmo tive a decência de dizer tudo que sou e deixá-lo escolher se quer ou não se envolver comigo?

Eu não quero que ele tenha nojo de mim.

Eu não consigo acreditar que Marie fez tudo isso por sua obsessão por Vincent.

Quão grande essa merda ficou a ponto dela me seguir o tempo todo e ainda me ameaçar com a porcaria de uma arma?

São tantas perguntas, que só consigo pensar em me sentar na mesa mais reservada do estabelecimento com Mark e enfiar minha cabeça entre as minhas mãos, chorando como um bebê, sem saber o que fazer, para onde ir, ou com quem falar.



Eu assisto Vincent se aproximar de mim com uma feição tão preocupada que sinto até um pouquinho de pena dele. O loiro afrouxa a sua gravata, enquanto vem para mim, analisando-me atentamente com o seu olhar forte. Me sinto acolhida só por sua presença, mas ao mesmo tempo eu tenho tanto medo. Engulo o choro com um pouco de chocolate que Mark pediu para mim e ele se levanta, dando o seu lugar para Vince e falando com ele brevemente ao tomar o seu caminho até a saída do estabelecimento.

— Você está bem? — Vincent pergunta, sentando-se ao meu lado e segurando o meu rosto firmemente. Ele beija a minha boca e eu o beijo de volta. — Aurora, você está bem? — repete.

— Sim — sussurro de volta, sem conseguir evitar tocá-lo.

É mentira e ele sabe.

— Sei que não está — replica preocupado e chateado.

— Você está certo — continuo no mesmo tom.

Os meus olhos ficam marejados e eu mordo o meu lábio inferior.

— Desculpe não ter estado aqui para você. Eu vou dar um jeito nas coisas, Mark já está tomando as devidas providências quanto a Marie e eu já

entrei em contato com Hunter a caminho daqui. Ela passou de todas as porras de limite — sentenciosa, tão enfurecida na última parte que eu me encolho um pouco. — O que ela disse, Bela?

Me quebra ser chamada de Bela por Vincent porque eu sei que sou uma mistura dos dois. Por fora, Bela. Por dentro, Fera. Quebrada, suja, feia... Em momentos como esses só desejo me encolher em posição fetal e chorar até apagar, ainda que isso não seja o mais recomendado.

— Coisas ruins, Vince.

— Me diz, Aurora. Eu preciso saber além de tudo que Mark já me passou.

— Marie é obcecada por você e eu realmente acho que a gente não pode mais ficar juntos.

Seu olhar semicerrado me ataca.

— Vai deixar uma mulher fora dos seus sentidos te dizer o que fazer sobre nós?

Suspiro, enquanto ele solta o meu rosto, irritado.

— Fora dos seus sentidos, louca, ameaçadora e obcecada. Isso é pouco para você? — pergunto. Eu não queria falar tudo isso, mas preciso. — Ela foi atrás das coisas do meu passado. Sabe-se para quem ela vai dar informações, o que ela vai falar para essas pessoas e o escândalo que você vai se meter por causa de mim. Eu só quero te poupar de toda merda espirrando ao redor e você se irrita com isso?

— Sim, Aurora, eu me irrita. Só queria que me dissesse o que Marie falou e não se desesperasse quanto as ameaças dela. Eu vou consertar as coisas e ela não vai te fazer nenhum mal.

Sorrio, incrédula.

— Ela quer você, Vincent. Eu sou o problema, entendeu? Eu sou o problema de Marie, porque ela quer você. Marie não vai poupar esforços para me tirar do caminho. Foi ela que mandou alguém atrás de mim naquele dia que me apagaram em casa, ela admitiu isso tudo. O que eu posso fazer? O que você pode fazer?

— Ir à polícia. Isso que nós podemos fazer, Aurora, não nos tornarmos reféns de uma louca e vivermos infelizes por conta de uma obsessão sem sentido.

Fico em silêncio e Vincent também.

— Eu estou com medo — sussurro.

Encaro o loiro e ele o faz de volta.

Vincent me abraça e eu me aconchego em seus braços, mentalmente cansada de viver presa nos medos, nos meus pensamentos e agora nas ameaças de Marie.

Viver assim é uma tortura.

— Eu estou com você, Aurora.

Isso me conforta.

Vincent me conforta.

Mas, até quando?

— Você gosta mesmo de mim? — pergunto, fitando os seus olhos sem desviar. — Gosta a ponto de nunca sentir nojo de mim?

Ele franze o cenho.

— Eu nunca sentiria nojo de você, Aurora.

— Você promete? — continuo.

Nem com toda promessa e certeza do mundo eu terei menos medo de

ser rejeitada por ele.

— Eu prometo, se isso fizer você se sentir melhor — afirma, seguro de suas palavras e passando isso para mim. — Eu te desejo mais do que qualquer outra coisa nesse mundo. Como poderia sentir nojo da mulher que está em meus sonhos toda noite?

Selo nossos lábios, tocando o seu rosto.

Tudo em mim dói.

— Tenho medo de ser apenas isso, Vince. — Ele afasta o rosto poucos centímetros. — Tenho medo de ser apenas um sonho para você.

— Você é o meu sonho e a minha realidade, Aurora. Eu não mudaria, nem trocaria isso por nada. Eu quero você, só você. Hoje, amanhã, sempre.

— Me leva pra casa com você? — peço e ele concorda prontamente.

— Vamos para casa.



Eu descansei nos braços de Vincent.

Quando chegamos ao seu apartamento, fomos para o seu quarto, onde tirei a maior parte da minha roupa e deitei com ele. O rosto enfiado na curva do seu pescoço e mais da metade do corpo em cima do seu foi o meu maior refúgio, tanto de mim mesma, quanto da realidade. Durante todo o caminho até o seu apartamento não trocamos palavras por escolha nossa. Ele não me questionou e eu apenas fechei os olhos para tentar esquecer de tudo.

Enfim, eu realmente descansei e dormi em algum momento em cima de

Vincent. Mas, agora, ele não está mais debaixo de mim e talvez seja exatamente isso que me fez acordar. Bocejo, remexendo-me na cama e sentando na mesma, procurando por sua presença que não está em lugar algum perto de mim. Levanto, precisando dele e indo em busca de sanar a minha necessidade da sua companhia.

Chegando perto da sala de estar, posso escutar Gia, Ian e Vincent conversando. Isso me conforta um pouco. Eles falam sobre mim, o que não é nenhuma surpresa. Quando tenho uma visão mais ampla dos três, na verdade, vejo que são cinco. Hunter e Mark também estão ali, só não estão falando por enquanto.

— Querida! — Gia exclama, se levantando apressada e vindo até mim quando percebe a minha presença no cômodo.

Georgia me envolve em um abraço forte, trazendo-me conforto e paz com esse simples gesto. Nós ficamos desse jeito por provavelmente um minuto até ela se afastar aos poucos, segurando o meu rosto, e me fitando toda. Gia parece querer se certificar de que eu estou bem.

— Tudo bem? — pergunto tranquila.

Depois de descansar com Vincent, fiquei mais calma, principalmente depois da conversa que tivemos.

— Comigo sim, mas e você? — indaga, visivelmente ansiosa e preocupada. — Assim que Vincent entrou em contato, nós viemos correndo.

— Estou bem — digo, porque é verdade. Eu realmente estou bem. — Mark me protegeu, assim como foi pedido que ele fizesse. — Sorrio fraco, fitando todos eles e parando em Hunter. — Ela precisa de ajuda. De verdade. Essa obsessão toda não vai acabar bem e um dos lados vai se machucar feio se Marie continuar se comportando desse jeito.

Ele concorda em um aceno. Apesar de tudo, Hunter parece não fechar os olhos para o que a sua prima está causando. Agora ele só precisa entrar em contato com os seus tios, para que alguma providência seja tomada. Não desejo mal a absolutamente ninguém, nem mesmo a ela depois de todas as ameaças que me fez.

Abraço Gia e sussurro para ela:

— Marie conseguiu achar coisas sobre meu passado e isso está me assombrando. Não sei o que fazer.

— Ian e eu vamos dar um jeito, mas é melhor ter uma conversa com Vincent desde já, caso a gente não consiga parar a informação.

Eu a abraço mais forte.

— Sobre tudo? — indago uma última vez.

— É melhor que sim.

Gia esfrega as mãos nas minhas costas, como um consolo para os meus pensamentos, e nos afastamos. Sorrio para ela, porque é o que eu tenho que fazer e quanto mais cedo, menor o estrago.

Ian se aproxima e me abraça também.

— Você não pode assustar a gente assim — diz, me tirando do chão no seu abraço apertado.

— Imagina o meu susto então — retruco e nós rimos.

Se eles ficaram assustados, imagine eu.

— Vou contratar mais uns vinte seguranças para a guarda real da princesa Aurora. Quanto mais, melhor, não é?

Ainda rindo, deposito um beijo na bochecha de Ian.

— Não precisa exagerar, Mark deu conta do “trabalho” sem

dificuldade.

Ian faz um bico, me colocando no chão, enquanto Vince se aproxima.

— Nós precisamos ir agora. Temos uma reunião, mas não pudemos deixar de adiá-la por uns minutinhos para vir ver você — Gia explica e é minha vez de fazer um bico. — O processo de adoção está se encaminhando com rapidez e nós precisamos resolver algumas coisas ainda hoje.

Ela sorri animada e é aí que eu não consigo ficar triste. O sonho de Gia e Ian está tão próximo de se realizar. Meu também, já que me tornei parte dessa família. Eu queria acompanhá-los nesse momento, como fiz em todos os outros, mas hoje é um pouco mais difícil.

— Manda mensagem sobre o que resolverem, por favor — peço e os dois concordam.

Nós nos despedimos dos dois e de Mark.

Sobramos apenas Hunter, Vincent e eu na sala de estar. Vince se aproxima de mim e eu não consigo evitar, como ultimamente tem acontecido muito, de olhá-lo por inteiro. Ele ainda está de calça e camisa social, porque quando chegamos fomos logo deitar e eu nem mesmo lhe dei tempo de se trocar. Os pés descalços, o cabelo bagunçado, os botões abertos e as mangas puxadas para cima de sua camisa branca me dizem exatamente quem ele é: o mesmo que eu conheci há muitos anos atrás.

A figura do bad boy mais perfeita que eu já pude ver.

Não tão “bad” assim, mas fica o contexto de sempre.

Ele pisca para mim e um sorriso abre em minha boca antes que eu possa controlar de alguma forma.

Hunter pigarreia, chamando a nossa atenção.

— Eu vou resolver umas coisas — diz enquanto mudo a minha atenção

de Vince para ele. — Tchau para os pombinhos. — Levanta, mas para assim que chega na porta, virando para mim. — Diz para Keela atender as minhas ligações e parar de fugir de mim? — pede.

Eu arqueio a sobrancelha, sentindo Vince me abraçar por trás e relaxando.

— O que fez para ela te evitar tanto assim? — indago.

— Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia — retruca.

Um vinco se forma no meio da minha testa.

O quê?

Hunter vai saindo, mas antes Vincent pergunta:

— Você está fumando maconha?

Seu amigo ri e eu não deixo de rir também.

— Ele está estranho com essa coisa da Keela — afirmo assim que Hunter bate à porta.

— Ele é um idiota, assim como eu.

— Então ele merece? — questiono, virando de frente para Vince.

— Sim, mas isso é tudo que eu vou dizer. Não quero me meter no assunto de ninguém, Bela. Uma hora eles se resolvem.

— Se você está dizendo...

Mas eu me preocupo da mesma forma.

Vincent me puxa até o sofá e cai, me puxando com ele. Eu solto uma risada, adorando a sensação que ele causa em mim. Me sinto inteiramente protegida em seu abraço.

— Eu estava pensando em algo — diz enfiando as mechas do meu

cabelo que caem entre nós atrás da minha orelha. Vince fica analisando o meu rosto e mexendo no meu cabelo enquanto eu o espero continuar. — Quer viajar comigo?

Arqueio a sobrancelha, um pouco surpresa.

— Viajar? Assim, do nada?

— Não do nada — diz rindo baixo. — Eu sei que as coisas que Marie fez hoje te afetaram, então acho que seria bom para nós dois, sabe? Só sair um pouco daqui, por uma semana ou duas, o tempo que você quiser, digo isso até mesmo por sua segurança.

— Eu nunca saí de Pittsburgh — digo, com um frio na barriga.

— Pode ser a sua primeira vez, se quiser, mas se não quiser, deixamos para outra ocasião.

— E Gia? Ian? Você falou com eles sobre essa ideia?

Ele concorda.

Mas já?

— Por eles, tudo bem. Quem decide é você.

Isso pode ser bom para nós dois, para mim. Essa pode ser a oportunidade que precisava para contar tudo para Vince, sem ter mais que esconder dele os meus sentimentos mais profundos. Ao mesmo tempo, tenho medo. Nunca saí de Pittsburgh. É estranho porque quando eu era pequena o meu maior sonho era viajar o mundo inteiro, mas depois de tudo, me assusta um pouco essa ideia.

— Vou pensar por essa noite e amanhã a gente resolve — digo indecisa pra caramba.

— Eu vou te convencer então — Vincent retruca com um sorriso

malicioso na boca.

— Como vai fazer isso?

— Te beijando a cada dois segundos, começando agora...

Os próximos cinco minutos eu passei tendo um ataque de risos e praticamente sufoca de tanto beijo que ganhei de Vincent. Ele beijou a minha boca, as minhas bochechas, meu nariz, minha testa. Quando eu tentei sair correndo, ele me segurou por trás, beijando o meu pescoço, meu cabelo, meu ombro, minhas costas.

Depois de tanto, Vince também cansou e nós dois caímos no chão da sala, em cima do tapete felpudo e fofinho, esbaforidos, sem fôlego algum ou força por pelo menos os próximos dez minutos.

Desse jeito que passei a noite com Vincent: rindo, brincando e comendo, é claro. Sua presença é algo que eu já sabia que não tem nenhuma outra igual. Desde que nos conhecemos de fato, Vince sempre foi singular. Eu sempre gostei de estar perto dele porque nunca era “mais do mesmo”. Quando ele se foi e quando se afastou, eu senti falta justamente por isso. Agora que estamos juntos, mais do que nunca, não vou deixar que nada nos separe.

Nem mesmo Marie e sua *obsessão*.

43

“Pegue meu coração, mas por favor, não o parta. Amor foi feito para mim e para você.”

“L-O-V-E” - Joss Stone

Vincent
Pette Hawk

Eu planejei tudo no dia seguinte com Aurora com ajuda de Gia, que pela manhã se prontificou inteiramente a nós dois quando lhe liguei dizendo que realmente viajaríamos. Minha irmã veio com uma mala cheia de roupas e organizou todo o resto com Aurora, juntamente com os seus documentos. Enquanto isso, comprei as nossas passagens, reservei o nosso quarto de hotel e liguei para uma locadora de carros. No fim, ainda tive ajuda de Gia e Aurora para também arrumar a minha mala, mas eu já sabia que não precisaria de tanto esforço ou roupa.

Nosso destino, sem dúvida alguma está bem decidido.

Eu e Aurora vamos viajar para Califórnia, mais precisamente Long Beach. Enrolados na minha cama durante a noite, lhe perguntei quais lugares ela queria conhecer. Aurora foi um pouco acanhada em sua lista e me disse apenas dois lugares, Grécia e Califórnia. Como uma viagem para fora precisaria de mais tempo para organizar, nós optamos por Long Beach, na Califórnia. É um lugar mais quente, cheio de praias e a própria Aurora disse que suas experiências com o calor e praias são praticamente nulas.

Nesse exato momento nós estamos sentados lado a lado, enquanto ela segura a minha mão com força ainda depois de termos decolado. Temos mais de cinco longas horas dentro do avião para aproveitarmos juntos antes de chegarmos a Los Angeles e eu dirigir até Long Beach.

Aurora parece aproveitar cada segundo, principalmente enquanto olhas as nuvens pela janela sem desgrudar de mim. Eu me sinto completo, não tem nenhuma outra sensação que me tome nesse momento se não for essa. Ter a mulher que eu amo comigo, aceitando mil e uma loucuras ao meu lado é absolutamente tudo que eu sempre quis. Estou exagerando, porque viajar não é nenhuma loucura, mas saber que Aurora está disposta a dividir esse tipo de

momento comigo é bom pra caralho.

Endireitando-me no assento do avião, eu finalmente resolvo contar para ela algo que nunca contei nem mesmo para a minha irmã depois de tantos anos. Por um momento eu paro e a observo só por mais alguns instantes, antes de puxar o fôlego e pigarrear para chamar a sua atenção.

— Posso te contar uma coisa? — pergunto, um tanto divertido, para ser sincero.

Depois de tudo que aconteceu, de tomar a culpa para mim, vou admitir que não fiz a burrada sozinho. Claro, levo a culpa de que: se não tivesse levado Grayson, nada daquilo nunca teria acontecido. Mas, então, como eu teria conhecido Aurora?

— Pode — retruca, tirando a sua atenção da janela do avião e finalmente focando em mim.

— Desenterrando as péssimas experiências agora... Você lembra que eu te atropeliei, certo?

Aurora arqueia a sobrancelha.

— Como eu poderia esquecer? — Ela segura o riso e eu faço o mesmo.

— Bom, não foi eu.

O divertimento sai completamente do seu rosto, passando todo para mim. Eu sabia que ela teria essa reação, afinal, tem como ter qualquer outra?

— Como?! — Aurora solta a minha mão, virando o seu corpo todo para me encarar melhor. — Foi você que me atropelou, Vincent. Bateu a cabeça?

— Não, Bela. Não bati a cabeça e não foi eu.

— *Mas... como?!*

— Naquela noite eu levei o meu primo mais novo para o racha. Eu

ignorei tudo que os meus pais ou Gia falaram naquela noite e sem ninguém saber, nós fomos, ele em seu carro e eu no meu. Irresponsabilidade minha, como sempre, porque ele era apenas um adolescente e eu permiti que participasse quando nem mesmo éramos para estar ali. Eu sabia que ele ficaria bem mais ferrado que eu se levasse a culpa, então eu fiquei e ele saiu com o meu carro. No final de tudo, disse que peguei o seu carro para tirar racha, você apareceu no meio da pista e tudo aconteceu.

Aurora não parece acreditar nas minhas palavras, mas então diz:

— Como eu não desconfiei? — sussurra, como se tudo tivesse feito sentido para ela. — Você é tão habilidoso nisso, nunca se meteu em acidentes... nossa, Vincent.

— Se fosse eu, provavelmente teria desviado e tomado pela adrenalina, só continuado o caminho. Nunca teríamos conhecido um ao outro, Aurora. Ainda bem que não era eu. — Dou uma risada, relaxado por ter colocado isso para fora. — Eu me senti culpado, de qualquer forma. Levar Grayson, meu primo, foi minha responsabilidade. O seu acidente foi minha responsabilidade. Tive que arcar com tudo, claro...

Aurora encosta no assento, boquiaberta.

— Ainda estou sem palavras para tudo — afirma e nós dois rimos logo após.

— Eu também ficaria — retruco.

— Você é um ator e tanto. Carregou essa culpa para si esses anos todos, mas como disse, parte do que aconteceu foi sua culpa, só que nem tudo, Vince. Mesmo se fosse você atrás do volante, não teria como desviar a tempo. Eles fizeram na maldade.

— Eles? — indago.

Ela parece não ter se tocado na hora que falou, mas agora sim.

Nunca tive a versão de Aurora daquela noite e isso sempre ficou na minha cabeça como uma dúvida, assim como tantas outras coisas.

— *Esquece* — sussurra.

— Não quero esquecer... não quer mesmo falar sobre isso?

— Não sei. — Ela dá de ombros, desviando os nossos olhares.

Aurora vira para a janela, encarando as nuvens.

— Eu sempre imaginei como seria estar aqui em cima — diz, sua voz ainda baixa. — Me dá um pouco de medo, mas é incrível.

Sorrio.

— Você está fugindo do assunto — afirmo.

Ela volta a me olhar e sorri de volta.

— Até o fim da nossa viagem, prometo que vai saber tudo que precisa saber sobre mim.

Isso me pega de surpresa.

— *Tudo?*

— Sim.

Aceno positivamente com a minha cabeça e puxo Aurora. Ela ri, divertida e eu selo os nossos lábios, segurando a lateral do seu rosto com uma das mãos e inclinando a poltrona para trás com a outra. Isso parece fazê-la rir ainda mais, separando as nossas bocas.

— A primeira classe pode ser divertida — resmunga, esfregando a ponta do nariz levemente no meu.

— Se continuar com você em cima de mim, eu acho que tenho que concordar, Bela.

— Para me ter em cima de você, Vincent Pette Hawk, ainda vai ter que ralar muito.

Aurora pula para o seu acento e eu bufo, jogado em meu lugar. Sua risada enche os meus ouvidos e eu fecho os olhos.

— Você é um pecado para mim.

Ela ri mais ainda, deixando-me frustrado.

— Que doce...

— Eu aposto que é — replico, sendo acertado no braço com um tapa.
— Ei! Isso doeu.

Encaro Aurora só para ver como as suas bochechas ficam completamente avermelhadas.

— Cale a boca — comanda.

Dou de ombros.

— Só se ficar mais perto de mim.

Eu e Aurora passamos o resto do voo entre um filme e outro nos beijando, comendo e bebendo. Se a minha vida daqui para frente for assim, juro não abrir a boca para reclamar de mais nada.



Eu e Aurora estamos cansados quando chegamos ao hotel, mas pelo menos o lugar é como esperado. Nós fizemos o check-in e subimos imediatamente para o nosso quarto. Poderia ter gravado a reação de Aurora

quando entramos na suíte que vamos ficar pelos próximos sete dias, mas eu perdi a chance e aproveitei o momento, como definitivamente o nosso objetivo nessa viagem. Os seus olhos brilharam como duas estrelas e ela admirou tudo, antes de reclamar que era muito grande. O funcionário que nos ajudou com as nossas malas riu também, junto comigo, o que a deixou envergonhada. Aurora se desculpou, como se fosse preciso, mas eu apenas a tranquilizei, dizendo que não precisava e que o lugar era apenas confortável e que precisaríamos disso.

Nesse momento, depois de ter tomado banho e ter me vestido, saio já encontrando a morena pronta. Deixei Aurora banhar antes de mim, para ter mais tempo de se arrumar, para então sairmos para jantar. Já é perto das nove da noite e o funcionário que nos ajudou anteriormente avisou que o restaurante do hotel ficaria aberto, então eu e Aurora só entramos no consenso que seria melhor ficarmos por aqui mesmo só por hoje.

Eu levo uns segundos para admirar a sua beleza ali, parada na minha frente. Aurora está usando um vestido branco longo e o seu cabelo está solto, apenas com uma presilha prendendo uma mecha de lado em seu cabelo. Mais uma vez me sinto sortudo, porque... tem como não se sentir sortudo?

— Você está linda — afirmo, parando na sua frente e levando o indicador até a ponta do seu queixo, para ela me olhar sem ficar acanhada como sempre. — Inferno, Aurora. Você está muito linda, como sempre.

Ela não precisa de maquiagem nenhuma, já que as suas bochechas vermelhas fazem o belo trabalho de lhe dar toda a beleza natural que lhe pertence. Seus lábios rosados me fazem o convite de um beijo e eu aceito, sem mais delongas, não conseguindo controlar o meu instinto de provar mais da sua boca doce.

— Não podemos demorar por aqui — diz enquanto seguro o seu rosto,

ansioso.

— Por mim, eu nem mais saía desse quarto — retruco e ela sorri.

Os olhos de Aurora me dizem que ela deseja o mesmo e, enquanto sela nossos lábios outra vez, eu tenho certeza de que consigo ler as suas mensagens entrelinhas e entre olhares.

Sua língua desliza entre os meus lábios e eu trilho as minhas mãos pelo caminho do seu rosto até a sua cintura, segurando firme e apertando levemente. Me sinto faminto, e não é de comida. Aurora desperta uma parte de mim que nunca foi tão necessitada assim. A única excitação constante na minha vida foi estar atrás de um volante na velocidade máxima. Sexo sempre foi algo em segundo plano, ainda que prazeroso. Mas, porra, a forma como eu sinto os seus lábios encaixarem nos meus toda vez que nos beijamos, me deixa louco.

Aurora sempre tão suave e tranquila, enquanto eu... eu sinto o meu sangue bombear em todo o meu corpo, ao passo que sei que tenho que controlar as minhas vontades. Mas, as minhas mãos não se contêm e eu passeio por cada uma das curvas do seu corpo, mesmo por cima do vestido que me separa de sentir a sua pele quente e macia.

Aurora separa outra vez os nossos lábios.

— Precisamos comer — diz e eu mordo o seu lábio inferior assim que ela para de falar, chupando a carne deliciosa e provocando-a sobre a borda.

Minhas mãos param na bunda de Aurora e mesmo se eu quisesse evitar isso, eu não conseguiria. Aperto levemente e ela solta um gemido, mordendo a minha boca de volta em resposta. Nossos corpos estão amassados um no outro, o seu cheiro está se impregnando em mim e eu não consigo evitar em querer mais disso, mais de Aurora.

Beijo a sua boca, descendo por seu pescoço e beijando ali também, lambendo, mordendo e, por fim, chupando. Ela solta mais um gemido, sem controle algum. O que eu causo em Aurora é tão satisfatório, que sentir as suas reações faz o meu coração pular desenfreadamente e me deixam mais ansioso por *mais*.

Mas é aí que eu me lembro que talvez Aurora não esteja preparada para outro passo e eu não quero simplesmente jogar isso nela.

Aurora não é qualquer uma.

— Vince... — sussurra quando eu a solto.

Pigarreio, passando os dedos por meu cabelo molhado e endireitando-me assim mesmo. Tento ser mais forte do que eu mesmo e me surpreendo por conseguir, por pensar mais nela do que em mim mesmo. Bom, eu acho que é disso que se trata estar apaixonado e amar alguém, ou, pelo menos ter o mínimo de respeito. Certo?

— Vamos? — indago enquanto Aurora, por outro lado, parece perdida.

Depois de breves instantes, ela também pigarreia e concorda.

— Vamos — resmunga entre um suspiro e outro. Nós andamos até a porta e ela segura o meu braço, com uma expressão um pouco divertida. — Vai assim mesmo? — questiona.

Dou de ombros.

— Tem algo de errado em mim? — retruco.

Ela aponta para baixo e eu, pela primeira vez desde que nos conhecemos, me sinto levemente desconcertado. Quero dizer, tem como não ficar com vergonha de algo assim, mesmo que seja natural?

Meu pau está duro e eu não acredito que fiquei tão excitado a ponto de não perceber que a porra do meu pau está *duro*.

44

“Você é a luz, você é a noite. Você é a cor do meu sangue. Você é a cura, você é a dor, você é a única coisa que quero tocar, não sabia que podia ser tão importante.”

“Love Me Like You Do” — Ellie Goulding

Aurora
Lyon Collins

Depois do meu momento desconcertante com Vincent dentro do quarto, ele me deixou esperando um pouco enquanto demorou mais algum tempo no banheiro. Essa foi a primeira vez, de fato, que percebi que, além do amor que eu realmente sinto que Vince tem por muito, ele me deseja. Seus beijos e seus toques até hoje não foram mentira. O jeito que ele me devora a cada tocar de lábios, a forma como ele me engole e me protege em seus abraços e, droga, o modo como seu olhar desvenda o meu toda vez que nos encaramos, nada disso é mentira. Pode até ser bobo eu ter percebido isso só agora e por conta de uma ereção, mas é verdade.

Desde o nosso primeiro beijo, lá no fundo, me sentia assombrada e medrosa, temendo que o seu desejo por mim nunca passasse de apenas beijos. Ao mesmo tempo que eu tenho as minhas barreiras, eu também odiaria ser rejeitada por Vincent. Ontem à noite foi intenso ter que lidar com mil e um pensamentos, a maioria deles satisfeitos, e ainda ter que resistir aos seus olhares penetrantes. Ele queimava a minha pele, me navegava, mesmo separados pela mesa, e quando afagava a minha mão na sua, eu sentia toda excitação exalando de volta para mim.

Vincent foi impossível, mas ele me fez feliz.

Eu esqueci da realidade louca em Pittsburgh e dos empecilhos.

Foquei em nós dois, nos meus sentimentos e na nossa viagem.

E foi com essa cabeça que acordei hoje, ganhando seus beijos no meu ombro, depois de uma noite maravilhosa ao seu lado. Tomamos café na cama, que Vincent pediu antes mesmo de me acordar. Ele pediu só o suficiente, porque sabe que eu odeio deixar a comida estragar.

Agora já passa das duas da tarde e nós estamos em uma lojinha local, praticamente na frente da praia, enquanto Vincent me ajuda a escolher um

biquíni. Não tenho nenhuma experiência com isso, principalmente em deixar o meu corpo tão à mostra assim. Estou relutante com a situação, ainda que eu esteja amando o local e esteja louca para aproveitar a praia.

— Podemos comprar um *short* pra você usar também, ou você pode usar a minha blusa — Vincent diz quando percebe que eu não vou sair do provador de jeito algum.

— Ela deve ter o corpo tão bonito, não tem motivo para tanta vergonha — a mulher que está nos atendendo fala também.

A única coisa que me deixa realmente envergonhada, são as cicatrizes espalhadas por minha pele. Não são poucas, mas é algo que eu sempre evitei pensar sobre até comigo mesma. Quero dizer, esperar o que depois de ter vivido um inferno por longos anos? Aquele homem me machucou de tantas formas, eu apanhei tanto, não só dele, mas daquela mulher também, que seria impossível não ter marcas sobre mim.

Isso me deixa nervosa.

Mostrar isso para Vincent ou deixar na frente de tantas pessoas me faz ficar ansiosa. Eu não quero olhares inquisitivos sobre mim, não quero que pensem isso ou aquilo sobre quem eu sou, e eu sei como esse mundo é cruel, como as pessoas são cruéis e sem nenhuma responsabilidade do que causam nas outras.

— Eu vou usar a sua blusa então — grito de dentro do provador.

Estamos na frente da praia, não temos muito o que andar e é melhor eu já ir preparada daqui pra lá.

Abro a porta o suficiente para Vincent me dar a sua camisa. Quando ele deposita na palma da minha mão, eu fecho e me tranco outra vez. Visto a sua camisa branca de botões e eu agradeço por ser menor do que ele pelo menos

três vezes. A peça descansa quase no meio das minhas pernas. Eu dobro as mangas o máximo que consigo e volto a agradecer por ela não ser tão transparente.

Fica perfeito.

Eu finalmente me sinto confortável.

Maureen se me visse agora, ficaria orgulhosa. Gia e Ian também.

Depois de tantos anos eu finalmente estou deixando as coisas de lado e tentando viver o hoje, sem medo, ainda com as minhas restrições, mas tentando passar por cima dos maiores obstáculos que ainda me prendiam em mim mesma.

Enfio o meu vestido dentro da bolsa que nós compramos em uma outra loja antes de passar por essa e me endireito uma última vez. Abro a porta do provador, achando Vincent e a senhora ali. Ela tem outros biquínis na mão, que eu também gostei, e eu decido levar só mais um, além do que já estou vestindo.

— Estou pronta — digo e Vincent se aproxima.

É absurdo e desconcertante o quão bonito ele está. Agora, só de bermuda, chinela e um boné preto, eu acho difícil cumprir a missão de não analisar cada pedaço da sua pele marcada por tinta e desenhada com muitas tatuagens. Eu adoro admirá-lo. É refrescante e hipnotizante.

— Você está linda — afirma, encarando-me de perto.

— Você está uma gracinha sem camisa — replico, pousando as mãos em seu peitoral quando ele já está perto demais.

Assim eu fico sem fôlego.

A senhora pigarreia e nós rimos, enquanto Vincent vira o rosto para ela com o seu melhor sorriso.

— Eu já vou pagar, só me dê um minuto para admirar a minha namorada — diz e os meus olhos provavelmente tomam todo espaço do meu rosto com o susto.

— *Na o quê?* — sussurro, levando as minhas mãos ao seu braço esquerdo e segurando com força.

Vince me encara e diz:

— *Morada.*

Eu aperto de novo.

— Namorada desde quando?

— Ainda não oficialmente, mas em breve sim.

Meu coração bate mais forte.

— Pare de falar besteira — sussurro desacreditada, e puxo Vincent para irmos atrás da senhora.

— É sério, Bella.

Vincent me abraça pela cintura quando chegamos no balcão. Ele paga os biquínis que fez questão de comprar para mim e nós saímos da loja em um pé e no outro, porque Vince não desgruda.

Ele segura a minha mão e nós fazemos o nosso caminho até a praia. Eu simplesmente estou maravilhada com tudo. É o que eu sempre sonhei, principalmente em um lugar tão bonito como a Califórnia. Aqui em Long Beach é tudo de tirar o fôlego, uma cidade com menos movimento que Los Angeles e que Vincent foi perfeito em acertar esse lugar como nosso destino.

Nós caminhamos pela areia até acharmos um lugar mais discreto. Não está cheio, então não temos dificuldade para logo estendermos duas toalhas que eu trouxe em cima da areia e nos sentarmos lado a lado.

— Finalmente a paz que merecemos — Vincent diz e eu sorrio.

Ele me dá o seu boné, bagunçando o cabelo e se deitando. Deito-me ao lado de Vince e viro para o fitar.

— Nem em um milhão de anos eu imaginaria que viveria uma vida como essa.

— O que imaginava, Aurora?

— Pensei estar fadada a podridão, sabe? Ao pior, a definhar debaixo da minha pele, enquanto a imundice se entranhava por tudo de mim. Eu pensei que, no final, acabaria ficando tão ruim quanto as pessoas ao meu redor. Mas, isso aqui? Nunca imaginei que poderia viver, que teria a chance de viver, principalmente com você.

Coloco o boné em minha cabeça, para proteger o meu rosto do sol e fitá-lo diretamente.

— Eu fazia parte dos seus sonhos? — continua questionando.

— Sim — afirmo sem vergonha de dizer a verdade. — Me apaixonar por você me fez sonhar muito além da realidade, me fez sonhar com momentos como esse aqui. Se eu soubesse que tudo isso acabaria acontecendo, eu diria para a Aurora de quatorze anos não sofrer tanto e se crucificar tanto por ter pensamentos como esses. Eu odiava sonhar além da realidade, mas você sempre me fez fazer tudo o contrário do que eu acreditava.

Sorrio de lado e Vince faz o mesmo.

— Você gostou da ideia?

— Qual ideia? — replico.

— De namorar comigo...

Engulo a seco, nervosa mais uma vez.

— Parece ser legal — digo sem saber ao certo o que falar.

É claro que eu gostei da ideia, mas será que ele quer mesmo isso ou é tudo pelo calor do momento?

— Parece?

Dou de ombros.

— É... Parece ser legal. Eu gosto da ideia. Você sabe bem dos meus sentimentos e eu também sei dos seus, acredito neles, em cada um. Só que a minha cabeça fica em um vai e volta, sabe? Isso tudo, Vince, a gente namorar, não é pelo calor do momento que está falando?

— Não falaria isso no calor do momento, Aurora. Pra mim não existe essa coisa de calor do momento. Eu quero ficar com você, quero namorar você. Sou completamente apaixonado por você, Bela.

— Quer mesmo? — continuo porque quanto mais certa eu estiver, melhor para mim.

— Quer apostar? — ele pergunta e eu arqueio a sobrancelha.

— Apostar o quê?

— Uma corrida, daqui até o mar.

Eu olho para o horizonte, vendo que o mar está um pouco longe de nós e volto a encarar o loiro. Aceno positivamente. Vincent e eu nos levantamos em um pulo, rindo igual duas crianças.

— Se eu chegar até lá primeiro, nós estamos oficialmente namorando — ele diz.

Eu resolvo entrar na sua “brincadeira”.

— E se eu chegar primeiro? — pergunto.

— Dá no mesmo. — Ri, dando de ombros.

— Mmm... Tudo bem. — Solto uma risada junto com Vince.

Eu faço a contagem, a pedido de Vincent, e nós saímos correndo até o mar.

Não sei como explicar o sentimento que me enche nesse exato momento. Nunca me senti dessa forma e é difícil até mesmo compreender o que de fato eu estou sentindo. É como se eu fosse um passarinho dando o seu primeiro voo, tão livre, tão incerto, mas tão feliz. No final de tudo, sei que só consigo sentir isso por causa de Vincent, mas não porque dependo dele, como quando o conheci sentia que só conseguia sorrir porque ele estava por perto. Longe disso, eu me sinto tão feliz e livre porque ele me completou, se fez do meu encaixe perfeito e se instalou dentro de mim sem mais delongas. Vincent me deixa ser livre e me faz completa assim, e eu o amo muito por causa disso.

Eu chego ao mar depois do loiro, esbaforida e sem fôlego. Ele ri, me puxando pela cintura em um abraço e me girando no ar. Nós caímos no mar quando uma onda forte vem e eu mergulho.

Nunca tinha entrado no mar, só passado vez ou outra pelo mesmo.

É a minha primeira vez e eu não poderia estar mais feliz.

Quando levanto, Vince me abraça de novo e me puxa para cima, fazendo-me encaixar as minhas pernas ao redor do seu quadril e os meus braços ao redor do seu pescoço.

Selo nossos lábios levemente e sussurro:

— E agora?

— Agora eu tenho uma namorada — afirma sorrindo contra a minha boca. — E pela primeira vez em vinte e seis anos eu estou namorando.

— Está velho, Vince... — provoco, segurando o riso.

— Estou no ponto — retruca, em tom de correção.

— No ponto de quê?

— De te amar, Bela.

Eu faço um bico e ele ri.

— Isso foi tão brega e tão meloso, mas eu amei — digo abraçando-o mais forte.

— Nunca imaginei que acabaria tão rendido assim por uma mulher. — Vincent segura o meu rosto com uma das mãos. — Eu daria a minha vida por você, Aurora, sem pensar duas vezes.

Suspiro.

Se caso algo acontecesse, eu também seria capaz de fazer o mesmo por Vincent, mas não gosto de pensar nessa possibilidade.

— Não fale isso — peço baixinho. — Nós estamos namorando, pelo visto, então vamos pensar coisas positivas.

Ele me beija, firme, roçando os seus lábios molhados nos meus com vontade. Eu navego no seu beijo como sei que navegaremos pelo resto do dia no mar, brincando nas ondas como duas crianças. Sei que, de certa forma, Vincent realmente, sem tirar nem pôr, é o que eu sempre precisei e vice-versa. Eu, por não ter ninguém além de Gia, Ian, Keela e meus amigos, e ele pelo mesmo. A diferença é que os meus pais morreram, mas os de Vincent não têm desculpa alguma por terem o abandonado e só diminuído ele em tantos sentidos que seria até difícil contar. Sofremos muito com isso, mas nos recuperamos e nos tornamos inteiros em nós mesmos.

Eu pensei que namorar com o Vincent bad boy de vinte e um anos seria perfeito, mas isso porque eu não imaginava que ele se tornaria o homem de

hoje. Me sinto sortuda ao seu lado, me sinto sortuda por tudo que estamos vivendo. Me sinto sortuda por ser sua primeira namorada e por ele ser o meu primeiro namorado. De repente, tudo parece estar em seu devido lugar e a sensação é de estar em casa.

— Eu te amo — sussurro, no momento em que desgrudamos as nossas bocas.

Ainda ofegante e com os olhos brilhando de um jeito que nunca vi antes, ele diz:

— É a primeira vez que você fala isso. — Engole a seco, sorrindo largo. — Eu te amo mais do que você possa imaginar, Bela.

Ele realmente diz isso e eu não estou dentro de um sonho.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo, eu te amo, eu te amo...

Vincent me gira no ar outra vez e eu gargalho, enquanto ele repete, gritando em plenos pulmões aos quatro cantos.

Eu não menti quando disse: com Vincent eu me sinto completa.

45

“Fico tão louco que incendeio, juro por Deus. Sinto meus pés levantarem do chão. Suas costas contra a parede, é sobre isso que você tem falado em meus ouvidos. Nada parece melhor do que isso.”

“Better” — Khalid

Aurora
Lyon Collins

Encaro Vincent, suspirando ao observar todos os seus traços firmes, que vão ondulando e se ajustando quando ele solta um sorriso perfeito demais para o meu próprio bem. Parece mentira estar com ele dessa forma: namorando. De longe, esse é o meu “sonho secreto” que mais me parecia impossível e agora, voltando da praia no finalzinho da tarde, me parece algo tão natural e real, que tenho que me beliscar discretamente para ter certeza de que não se trata de um sonho.

Estendo meu braço para alcançar o seu ombro e deslizar até o seu pescoço. Enrolo as pontas do seu cabelo em meu indicador e ele sorri ainda mais. Vincent não deve fazer qualquer ideia do que o seu sorriso faz comigo. Passo alguns instantes mexendo em seu cabelo e ele aproveita calado, sem dizer nada.

— O que você quer fazer hoje? — pergunta e eu dou de ombros, mas sinto o meu corpo um pouco cansado.

— Estou um pouco cansada e talvez até sonolenta. A praia foi incrível, mas só agora que estou sentindo um pouco de tudo que aproveitamos.

— Por mim, é perfeito — Vince afirma sem pensar duas vezes.

Nosso percurso até o hotel se torna mais curto, porque Vincent começa a cortar o caminho. Eu fico contente quando vejo o nosso destino de longe e ao estacionarmos, Vince entrega a chave para o homem que se aproxima de nós e entramos de mãos dadas pelo lobby. Não me importo muito com minha aparência, por mais que eu tenha certeza de que estou uma bagunça. Pegamos nosso cartão do hotel e entramos no elevador vazio.

— Se alguém me dissesse, e com alguém pensemos Hunter, anos atrás que eu estaria com você, eu teria falado para ele parar de loucura porque isso não aconteceria. Mas hoje estou tão feliz que estamos juntos, que já quero

ligar para ele e contar.

Solto uma risada, enquanto Vincent me abraça por atrás, beijando meu pescoço e rindo comigo.

— Mas já? Não é melhor a gente aproveitar um pouco juntos antes de qualquer coisa? — pergunto, ainda divertida.

— Sim, além de que no fundo ele já sabia mesmo.

Nós rimos mais um pouco e eu viro o rosto para beijá-lo levemente nos lábios.

— Também preciso contar à Keela, Gia e Ian, mas é o que você disse: eles já sabem de qualquer forma.

— Não somos muito bons em esconder nada — afirma e eu concordo.

Chegamos ao nosso andar e saímos do elevador praticamente tropeçando um no outro, porque não conseguimos nos afastar. Vincent abre a porta e em um movimento rápido, eu o coloco contra ela enquanto ele tranca, deixando minhas coisas caírem no chão e pulando em seu colo. Vince parece surpreso, mas ele reage rapidamente e do modo que eu desejo.

— Você não está cansada e sonolenta? — pergunta, com os lábios pairando sobre os meus e um sorriso sacana na boca, me provocando tudo que consegue.

— Esquece isso — sussurro antes de acabar com toda distância entre as nossas bocas.

Ele faz eu me sentir tão bem, que é difícil resistir a todos os meus instintos carnavais de ter a sua pele contra a minha. Seu beijo é tão doce e tão certo, que me tira o ar só mesmo de pensar nisso. Nossas línguas brincam e balançam juntas, enquanto eu corro as minhas mãos por todo o seu corpo, ansiosa para sentir sua pele quente mais e mais debaixo da minha palma.

Meu gemido escapa, quando Vincent alcança a minha bunda e aperta com força. Puxo o seu lábio inferior entre os dentes, lambendo e chupando avidamente, o que não tão surpreendentemente o faz gemer de volta. O som é tão agradável, que me dá ainda mais vontade dele.

— Quer tomar banho? — sussurro beijando o seu queixo e descendo por todo o seu pescoço.

— Agora? Eu prefiro ficar aqui com você sem nenhuma dúvida.

— Tomar banho comigo.

Ele sorri e eu consigo sentir que estamos na mesma página.

— Então me leve para tomar banho com você, Aurora.

— Não vai me chamar de Bela?

Vince balança a cabeça negativamente.

— Se estamos falando sério, eu prefiro te chamar de Aurora. Quero você, Aurora, sem nenhuma brincadeira no meio. Só você.

Aceno positivamente, porque é tudo realmente como eu esperava que fosse. Pulo do seu quadril e seguro a sua mão, guiando Vincent comigo e liderando o nosso caminho até o banheiro. Não me incomodo em ligar a luz, porque o pôr do sol ilumina tudo dentro do cômodo e eu estragaria o que já está perfeito. Pela parede de vidro, vemos a paisagem perfeita ali, as árvores, um lago distante, as aves voando e o sol se pondo de um jeito que nunca vi antes, mesmo em Pittsburgh.

Vincent me vira para si, solto a minha mão e segurando o meu rosto dos dois lados com cuidado. Ele aproxima os lábios dos meus e me beija, mas dessa vez é tão devagar, como se estivesse aproveitando cada segundo disso, de nós. E eu faço o mesmo. Eu não apresso os meus movimentos, muito menos os seus, espero que as coisas aconteçam no tempo certo.

Coloco as minhas mãos sobre as suas e ele as tira tranquilamente. Vincent se afasta por alguns centímetros e alcança a barra da sua camiseta que eu estou usando desde a loja de biquínis. Ele me fita, como se perguntasse se pode ou não fazer isso, e depois de prender a respiração, eu concordo rapidamente.

Minha pele esquenta no instante em que Vince começa a subir a peça, esbarrando os dedos em mim. Ele está tão calmo e tão tranquilo, que isso me deixa ainda mais nervosa do que o que eu esperava. Solto o ar quando levanto os meus braços e ele joga a camisa para qualquer canto que mal nos importamos. Seus olhos atentos me fitam e suas mãos voltam a me tocar, principalmente onde moram as minhas cicatrizes.

Me sinto um pouco suja. Vincent abre o chuveiro, mas não muito, fazendo com que a água que cai sobre nós seja pouca, somente o suficiente para começar a nos molhar.

Me pegando de surpresa, Vincent se ajoelha na minha frente e começa a beijar o meu quadril, procurando todas as cicatrizes visíveis em minha pele. Meus olhos enchem de lágrimas, mas eu não me atrevo a chorar.

A sujeira que eu senti segundos atrás, quando ele me olhou assim e me tocou, começa a sumir, aos poucos, conforme os seus beijos se tornam muitos em todo o meu corpo. Ele não para. Vincent beija e toca a minha pele como se fosse a coisa mais preciosa desse mundo todo, e é por isso que os meus olhos estão cheios de lágrimas, porque ele me faz esquecer todo o resto e lembrar apenas de nós.

Eu mexo em seu cabelo molhado, enquanto ele não para por nem mesmo um segundo e quando o faz, Vincent diz:

— Você é ainda mais bonita do que todos os meus sonhos mostravam.

Isso me atinge lá no fundo.

— E você é ainda mais perfeito do que todos os meus sonhos idealizavam.

Ele sorri e se levanta, segurando minha cintura firmemente com uma mão e o meu queixo com outra, inclinando-o para cima.

— Não tem como não ficar excitado e me sentir sortudo por ter a mulher mais linda do mundo comigo.

Puxo meu lábio inferior entre os dentes, sem saber o que falar, só sentir, literalmente falando. Vincent me beija mais uma vez, paciente, calmo, saboreando os nossos sabores juntos. Seguro em seus braços para ter apoio e não cair sobre as minhas próprias pernas, porque a cada toque, cada beijo, cada palavra, eu fico um pouco mais fraca.

Não suportando mais a necessidade crescente de mais e cada vez mais, ainda segurando-me nos braços de Vincent e separando as nossas bocas, pergunto baixinho em um sussurro:

— Não vai terminar de tirar o que eu estou vestindo? — questiono e ele parece engolir a seco a minha pergunta, mas não titubeia quando acena positivamente.

— Se você quer, Aurora, eu quero em dobro.

Sorrio, aliviada por isso.

Depois de tanta terapia, eu imaginei que estaria pronta para isso. Eu me sentia no ponto e decidida. Quando a gente fala, é mais fácil, mas ao passarmos por tudo que fica só falado ou escrito, que vemos os nossos medos aflorando outra vez. Fico aliviada porque ainda, no fundo da minha cabeça, sou tão insegura com o meu corpo, com as minhas cicatrizes, as minhas feridas, todas elas, principalmente as que Vincent nem mesmo vê. É agonizante pensar isso, mas ouvir a sua reafirmação contínua que ele me

quer, tanto quanto eu o quero, me faz respirar aliviada e satisfeita.

A primeira peça que ele deixa ir, é o topo do meu biquíni. Virando-me de costas para si, Vincent começa a desamarra os dois nós da peça que comprou para mim. Ele primeiro desamarra o das minhas costas e depois o do meu pescoço, como se esse último fosse preciso. Mas, eu aguardo, porque o arrepio que corre por minha espinha instantes depois é impagável. Vince pega um emaranhado do meu cabelo, já encharcado, e segura para cima, colocando a sua boca na pele sensível do meu pescoço.

Seus beijos ficam num limiar entre famintos e doces. Eu não sei se tem como misturar os dois, mas é a melhor coisa que já senti na vida. Sua língua passeando por minha pele me enfraquece e eu tenho que segurar na parede, espremendo os meus olhos juntos e mordendo minha boca com força.

— Você vai me fazer perder todos sentidos até chegar onde eu quero — digo, quando ele chega ao pé do meu ouvido.

— Onde você quer? — questiona, mordendo a ponta do meu lóbulo.

Eu solto uma risada, nervosa, que se mistura com um gemido inconsequente. Vincent me vira para si, soltando o meu cabelo e a mim mesma por completo. Encosto-me na parede, suspirando sem coragem nenhuma de fitá-lo nos olhos.

— Merda, que inferno...

Vince pragueja muito mais do que isso, mas essa é a única coisa que eu escuto no final de tudo. O alaranjado do fim de tarde banha a mim e a ele, e eu posso jurar que sinto o calor inteiro do sol aqui dentro conosco. Se aproximando o suficiente, ele toca o meu seio direito. Eu sei que ali tem uma marca feia cicatrizada de uma das inúmeras mordidas que “ganhei”. Vincent dedilha aquele lugar e eu fecho outra vez os meus olhos. Como se já soubesse, os seus beijos vêm e eu prendo a respiração. Fico imóvel, sentindo

como ele me brinda com a sensação incrível de ter os seus lábios e a sua língua limpando todas as experiências traumáticas pelas quais eu passei.

Empurrando toda merda para debaixo do tapete, eu solto o ar que prendi e abro os meus olhos, levando as mãos até o seu cabelo grosso. Vincent sobe o seu olhar atencioso, sem tirar sua boca da minha pele e ele sorri. Isso é suficiente para fazer com que eu, exatamente como ele sempre diz, me sinta a mulher mais sortuda do mundo por tê-lo.

— Você gosta disso? — Vince indaga e eu entendo a sua pergunta.

Eu não havia mexido um músculo sequer desde que ele me tocou ali.

É compreensível.

Mas ele mal sabe que eu amei.

— É perfeito — afirmo sem saber como explicar e acredito eu que pouco importa explicar qualquer coisa agora.

— Você é perfeita, Aurora.

Dito isso, Vincent abocanha o meu seio direito, levando a sua mão até o outro e tirando um gemido meu. Mais um gemido, entre tantos outros que eu não consegui evitar e outros que estão vindo pelo mesmo caminho. Nesse instante, me sinto molhada, mas não por conta da água. É completamente diferente e o incômodo no meio das minhas pernas se torna mais evidente, me fazendo desejar que seja resolvido logo.

— Vince. — Meu gemido agora vem com o seu nome.

Ele responde com um resmungo gutural, chupando e mordendo o bico endurecido do meu seio, ao passo que aperta e massageia com os dedos o outro para tentar dar a mesma atenção que a sua boca o faz, mas é praticamente impossível.

Vincent se endireita e diz:

— Nosso banho vai terminar aqui e rápido. Eu quero você na cama.

Eu me sinto embriagada e a única coisa que consigo fazer, além de desejá-lo por inteiro, é dizer que sim.

— Sim — sussurro sensível. — Eu quero agora, na cama.

46

“Fico tão louco que incendeio, juro por Deus. Sinto meus pés levantarem do chão. Suas costas contra a parede, é sobre isso que você tem falado em meus ouvidos. Nada parece melhor do que isso.”

“Better” — Khalid

Aurora
Lyon Collins

Ao passo que Vincent e eu nos banhamos juntos, foi impossível contermos as carícias um no outro. Não foi desconfortável em nenhum momento, mesmo que nunca tivéssemos estado tão íntimos assim. Eu senti como se já tivéssemos feito isso mil vezes pelo simples fato de Vincent ter sido tão doce e, ainda que excitado, me respeitado para o “momento certo”.

Enrolada em uma toalha e obtendo ajuda de Vincent para secar meu cabelo com outra, saio com ele do banheiro em meu encalço, enquanto ele tem apenas uma toalha enrolada em seu quadril. A noite está caindo lá fora e a nossa visão é apenas *incrível*.

Às vezes somos tão apressados em ter coisas que desejamos que esquecemos que tudo acontece em seu tempo determinado. Forçar situações, forçar sonhos, forçar desejos nunca dá certo. Vivendo esse momento eu consigo sentir isso com clareza. Se eu tivesse forçado os meus desejos e as minhas vontades antes da hora, eu teria perdido completamente o encanto por esse momento. Seria apenas mais um dia normal, sem nada especial sobre ele.

Mas, droga, não é.

É o nosso momento e é perfeito.

Vincent me puxa para si, enquanto paramos ao pé da cama. Seus olhos castanhos brilham e ele puxa a toalha que eu enxuguei o meu cabelo para si e arremessa em algum lugar do quarto. Não ligo muito, quando tenho a visão mais incrível do mundo na minha frente. O loiro, em toda sua beleza espetacular, me encara com o olhar mais apaixonado que já pude presenciar vindo em minha direção. Um arrepio de pura excitação corre por toda a minha pele e eu solto um suspiro quando Vincent coloca as mãos no nó que prende minha toalha em meu corpo. Seu olhar me pede permissão e eu aceno

positivamente, querendo que ele vá adiante com o que tanto ansiamos.

— Se eu pudesse viver apenas nesse momento pelo resto da minha vida, eu viveria — afirma delicadamente soltando o nó e inclinando-se para selar nossos lábios juntos. — Eu estou apaixonado por cada detalhe que o seu corpo carrega. Você é tão perfeita que nem parece ser real.

— E eu estou apaixonada por cada sentimento novo que você me mostra, Vince. Estou apaixonada por você e pelo mundo novo que está me apresentando para vivermos juntos.

A minha toalha cai em meus pés e Vincent grunhe, beijando-me mais uma vez e me tocando sem mais nenhum empecilho entre as suas mãos e o meu corpo. O nervosismo me toma, mas eu não deixo esse sentimento ser o maior entre todos os que estou sentindo. Sua língua corre por meus lábios, abrindo espaço para aprofundar o nosso beijo. Ser pequena tem lá as suas vantagens. Vince inclina o meu rosto um pouco mais, facilitando o seu acesso e me dando um dos melhores beijos que nós dois já trocamos.

Eu separo nossas bocas para buscar por ar e é nesse momento que o loiro aproveita para me empurrar gentilmente para a nossa cama. O quarto está impecável, diferente de como deixamos essa manhã, mas eu não esperava menos que isso. Minhas costas encontram o colchão macio e por mero instinto, tento me cobrir por me sentir “exposta” demais. Encaro Vincent, que não tira os olhos do meu rosto e ele apenas arqueia a sobrancelha.

Cobrindo o meu corpo com o seu e se apoiando em seus braços, ele paira sobre mim e pergunta:

— Tudo bem até agora?

Eu aceno que sim, prontamente.

— Então não precisa se esconder de mim. Você é linda, Aurora.

Concordo mais uma vez, puxando o ar com força, como se estivesse mergulhando no mar.

— Tudo bem — sussurro para nós dois e, sinceramente, mais para mim do que para Vincent.

Vince deposita um beijo no meu queixo e eu deixo os meus braços caírem de cada lado meu. Sua trilha de beijos continua e ele faz o caminho até o meu seio direito, assim como estávamos no banheiro. Sua língua me causa uma sensação incrível quando ele toma o bico intumescido do meu seio entre os seus lábios. Ele para um segundo e eu fecho os meus olhos, com a respiração difícil quando Vincent enrola a língua ao redor daquela pequena ponta. O incomodo no meio das minhas pernas volta e eu tenho que remexer, tentando aliviar aquilo, enquanto seguro o lençol com força.

O seu carinho continua e eu só consigo pensar no quão bom é o que Vincent está fazendo comigo. Ele mordisca a ponta que estava em sua boca e eu suspiro, soltando uma risada nervosa em seguida, porque arde um pouco, mas no próximo instante, o loiro chupa e isso faz a pequena pontada de dor desaparecer na névoa de prazer ao nosso redor.

Respirar se torna difícil quando a sua mão toca a minha barriga e ele, apoiado agora em apenas um de seus braços, leva a sua atenção para o meu outro seio. Minha pele arrepia por inteiro e eu aperto com mais força o lençol em minhas mãos. Meu raciocínio complica quando Vincent separa a sua boca da minha pele e diz, com o tom mais rouco que já ouvi vindo dele:

— *Abre as pernas, Aurora.*

Meu estômago afunda e, ao invés de abrir as pernas, eu abro os olhos para já achá-lo me fitando firme.

— *As pernas, Bela.*

Com nem um pouco de relutância, eu faço o que ele pede, mas o faço vagarosamente. Vincent sorri, beijando, lambendo, chupando e mordendo o meu seio enquanto eu não consigo mais tirar os olhos dele e ele de mim.

Os seus beijos descem por minha barriga e, quanto mais baixo ele vai, mais eu tento não ficar nervosa, nem envergonhada. Tendo um pouco de êxito, nos encaramos por poucos segundos até eu sentir o seu primeiro toque onde mais “dói”. Nada é igual ao que acontecia comigo. Vincent consegue me transportar para um mundo distante de todos os meus fantasmas, onde existe apenas eu, ele e todas as coisas boas que ele faz comigo sem o propósito de me machucar ou me humilhar.

Eu o faço parar por apenas um momento e digo:

— Por favor, seja gentil comigo.

Ele beija a parte interna da minha coxa e replica:

— Não seria capaz de te machucar. *Nunca.*

Acredito em suas palavras porque eu sinto que é a mais pura verdade.

Vincent me puxa dos meus pensamentos quando espalha os meus lábios com os dedos e corre a sua língua de baixo para cima por toda fenda molhada. Fecho os olhos imediatamente e a única reação que tenho, além de tremer, é de tentar me afastar.

— Fique calma — pede baixinho, passando o seu braço esquerdo por meu quadril para me segurar. — Não precisa se afastar, eu não vou te machucar.

— Não é de medo — retruco com a minha voz trêmula pra caramba. — É muito bom...

Vince ri e repete o que fez anteriormente, arrancando um gemido que

praticamente rasga a minha garganta do tanto que tentei segurá-lo. Cheguei a um ponto que sei que é impossível tentar abafar as minhas reações para cada ação de Vincent, então eu escolho me deixar levar da melhor forma possível.

Sua língua é ainda mais atenciosa comigo nesse ponto, do que antes em meus seios. Meu quadril se remexe quando Vincent suga o meu clitóris, tentando achar mais atrito com aquele seu gesto delicioso. Aquele pedaço meu, em especial, palpita e lateja como nunca aconteceu antes, enquanto o loiro praticamente me devora, faminto. Me apoio em meus cotovelos, que afundam no colchão e abro os olhos.

A visão que tenho é a mais prazerosa de toda a minha vida.

Vincent com o rosto no meio das minhas pernas, começa a me empurrar ainda mais forte para uma zona que eu nunca tive contato antes. Ele solta o meu quadril e com dificuldade sobe a sua mão até o meu rosto. Devo admitir que o ajudei um pouco, mas porque sei que é para o nosso prazer. Chupo dois dos dedos que ele corre por meus lábios e eu posso escutar o seu grunhido e senti-lo reverberar contra a minha carne molhada lá embaixo e, como se fosse possível, fico ainda mais excitada do que antes. Vincent tira os dedos da minha boca e leva até a minha entrada, deslizando lentamente apenas um para dentro de mim. Eu mordo o meu lábio e luto com os meus olhos cansados para não desviarmos o olhar um do outro.

Vince continua me chupando, o que alivia completamente a sensação do seu dedo dentro de mim. Eu tento não reagir negativamente e é realmente difícil não deixar isso acontecer, mas o prazer que ele me proporciona me tira do lugar ruim por mais uma vez.

— Como eu disse antes — começa afastando a boca de mim e lambendo os lábios como um devasso completo. — Doce. Doce como eu imaginei que seria.

Sorrio de lado.

— Você exagera — sussurro e ele arqueia a sobrancelha.

Vincent lambe e suga o meu clitóris, deslizando o seu dedo para fora e para dentro em um ritmo gostoso. Minha barriga contraí e minha respiração falha.

— Repete, Aurora.

Minha risada nervosa sai e ele repete as suas ações.

— Não vou repetir nada. Esqueça. Eu não vou teimar com você quando a sua boca me tem inteira, porque sei que vou perder essa “guerra”.

Me surpreendo por ainda conseguir formular essa frase.

Vincent me solta e eu sinto falta imediatamente do seu corpo no meu e da sua boca me dando prazer. Ele, sem muita enrolação, tira a sua toalha da cintura e eu engulo a seco. Pensei que teria mais vontade de tocá-lo ao vê-lo assim, mas fico um tanto imóvel. De pernas abertas e com os cotovelos afundados no colchão, deixo que ele venha para cima de mim e me cubra outra vez com o seu corpo.

— Por mais clichê que seja, não tenho camisinha, então você pode dizer se quer continuar ou não.

Eu não penso muito antes de dizer:

— Quero sentir você, Vincent. Se eu deixei a gente chegar até aqui, é porque confio em você, por mais clichê que seja, como bem disse.

Ele acena positivamente e me beija, fazendo-me sentir o meu próprio gosto em sua língua.

— Mais tarde resolvemos isso — sussurra, mordendo o meu lábio em seguida.

Deito-me na cama e o observo atentamente.

Vincent segura o seu pênis e esfrega lenta e suavemente a ponta dele na minha entrada. Um tremor perpassa por meu corpo e eu respiro fundo.

“— *Minha putinha — Tio Carl resmunga em meus cabelos antes de me tomar outra vez.*”

Fecho os olhos, engolindo o bolo que se forma em minha garganta.

— Aurora? — Vincent me chama e eu o encaro com dificuldade, porque os meus olhos enchem de lágrimas. Ele se apressa em inclinar o corpo sobre o meu para ficarmos cara a cara. — Fiz algo errado? — pergunta, preocupado pra caramba.

Balanço a cabeça negativamente.

— Não — sussurro, o abraçando pelo pescoço e colando a minha boca na sua. — Por favor, não pare. — Ele ainda me encara, preocupado e assustado. — *Por favor...*

Vince respira fundo, me beijando de volta e não desviando os nossos olhares.

— É a sua primeira vez? — pergunta, fazendo o mundo parar ao nosso redor.

— Não — resmungo, tão envergonhada que não consigo caber em mim mesma.

Eu queria que fosse a minha vez.

Queria que fosse especial.

Queria muito que eu não fosse tão suja, mas é o que sou, é a minha realidade e eu creio que não consigo mudar isso.

— Nem a minha — afirma, pensativo por um instante. — Mas, é inútil

pensar em qualquer pessoa antes de você. Meu passado não importa quando o meu presente, você, Aurora, é tão importante para mim. Ainda que não seja a minha primeira vez, oficialmente falando, é a minha primeira vez com a única mulher que já amei, então isso me deixa nervoso pra caralho. É a nossa primeira vez e o que passou, passou. Agora é só eu e você.

Minhas lágrimas escapam com força e eu concordo.

— Só você para me fazer pensar assim — sussurro com a voz embargada. — *É a nossa primeira vez* — completo, por fim, começando a me sentir tão bem, que é como se nada tivesse me assombrado hoje.

Vincent refaz o seu caminho, mas não se move e não sai do meu abraço. Ele desliza para dentro, me beijando com vontade. A sua língua brinca com a minha, enquanto eu me acostumo com o seu tamanho, ainda chorando, mas não de dor ou algo parecido. Choro de felicidade por ele ter conseguido, de uma vez por todas, me capturar de dentro do meu inferno particular.

— *Não tem jeito* — diz, separando as nossas bocas. — *Eu sou seu, cada pedaço meu te pertence, Aurora.*

Suspiro, sorrindo contente com a sua declaração sincera.

— *Eu sou sua, cada pedaço meu agora é marcado por você.*

Ele sorri de volta e eu o solto do meu abraço.

Vincent se endireita e segura as minhas pernas de forma que, quando ele sai e entra pela segunda vez, vem mais fundo, no ponto exato que me faz tremer de uma forma que eu nunca imaginei que poderia fazer. Meu gemido escapa, enquanto o prazer de fazer amor com ele se torna cada vez maior.

O único barulho que escutamos em seguida são das nossas próprias respirações, dos nossos gemidos e das suas estocadas dentro de mim.

Meu corpo, minha alma e meu coração são inteiramente de Vincent Pette Hawk.

Eu não deveria ter duvidado no fundo de mim mesma quando ele disse que nada era impossível para si. Não consigo acreditar que tudo isso, todo esse prazer e todo esse momento é real para nós dois.

Ele está curando comigo aos poucos as feridas mais profundas que carrego.

Em nenhum momento Vincent foi ríspido e rápido comigo. Suas investidas tiveram o ritmo mais gostoso que pude sentir e o orgasmo que ele já estava construindo há algum tempo com a sua boca, veio com ele inteiro dentro de mim. Chamei por seu nome copiosamente, gemendo por não saber ao certo se é isso mesmo que acontece.

Vincent tem razão.

As coisas do passado ficaram lá atrás.

Essa foi a minha primeira vez, com ele, que me deu o meu primeiro orgasmo.

47

“E ela será amada.”

“She Will Be Loved” — Maroon 5

Vincent
Pette Hawk

Com Aurora nos meus braços, adormecida há pelo menos três horas, eu mergulho em um mar de pensamentos que parece não ter fim. Hoje, sem qualquer dúvida, foi o melhor dia da minha vida. Eu não imaginei, nem em três mil anos que acabaríamos aqui, na cama, juntos, conectados de um jeito que não tem como voltar atrás.

Eu nunca fiz o tipo de transar e dormir junto. Com raras, e eu realmente quero dizer raras, exceções, dormir alguns poucos pares de vezes com Isla. Isso acontecia apenas quando eu estava bêbado demais ou cansado demais. Esse tipo de experiência é algo bem mais íntimo e por isso que, quando aconteceu outras vezes, eu não estava em perfeito estado ou preferia não estar acordado. Só que, mais uma vez, com Aurora é tudo diferente do começo ao fim.

Para começar, ela é minha namorada. Para terminar, eu não consigo dormir desde que nós cansamos de... bom...

Respiro fundo, segurando o riso, porque eu pareço patético, mas não tem como ser diferente.

“*Fazer amor?*”, testo a expressão em minha cabeça e respiro fundo outra vez para não rir.

Foi isso: para terminar, eu não consigo dormir desde que nós cansamos de fazer amor, e que se foda se eu estiver soando patético para mim mesmo.

Eu não consigo dormir porque eu tive o momento mais especial do mundo, com a mulher mais linda do universo comigo. Aurora é perfeita, do jeito que sempre soube que era. Seu corpo é tão... único. Não tem como não adorar cada pedaço da sua pele, não tem como não ficar tentado a beijar cada pedaço seu. Ela é perfeita, perfeita para mim, e ter tido esse momento com Aurora hoje só provou o que eu já tinha certeza: quero passar o resto dos

meus dias com essa mulher.

Apesar de tudo ter sido fodidamente bom, minha cabeça dá nó quando eu penso nas marcas e cicatrizes em sua pele. Eu disse que ela é perfeita, e é, mas aquelas marcas não são normais e eu temo, bem lá no fundo, saber o que ou quem causou aquilo tudo em Aurora. Apenas a ideia de imaginar alguém a machucando já me faz ver tudo vermelho, ter a confirmação dos meus pensamentos é algo que me atormenta profundamente. Em partes, não consegui dormir por causa disso também.

O seu cheiro invade os meus sentidos e eu olho para baixo, achando-a ali, de olhos baixos e um pouco abertos. Aurora parece ter dificuldade para acordar, mas se remexe, colocando uma das pernas sobre mim e enfiando o rosto em meu peitoral. Eu já vesti uma boxer, é claro, não queria e nem quero deixá-la desconfortável comigo nu. Por outro lado, Aurora ainda está sem roupa, porque não quis incomodá-la em instante algum que me levantei rapidamente só para me vestir. A essa hora ela já estava dormindo com pedra.

— Bela... — Eu a saúdo, beijando o topo de sua cabeça e sentindo o cheiro delicioso de seu cabelo lavado.

Aurora não tem uma porra de defeito.

— Vince... — sussurra, levantando o rosto aos poucos. Ela sorri fraco, me encarando. — Estava tendo um pesadelo. Eu falei alguma coisa? — questiona e eu nego prontamente.

— Quer falar sobre o seu pesadelo? — indago, esperando que Aurora tome a sua decisão.

Me abraçando mais forte, ela acena positivamente para mim.

Pigarreio e digo:

— Estou te ouvindo.

Aurora passa alguns segundos longos em silêncio. Afago a sua cintura, desenhando coisas abstratas em sua pele macia enquanto eu espero que comece a me contar sobre o seu pesadelo.

— Eu tinha uma família — diz, engolindo a seco e eu concordo com a minha cabeça. — Até certa idade, eu tive uma família. Era pequena, mas muito importante para mim, claro, exatamente como todas as famílias são. Éramos eu, o papai e a mamãe. Eles eram incríveis, sem tirar, nem por. Eu tinha tudo que precisava ao meu dispor, além do principal: o amor, cuidado e proteção deles. — Ela suspira. — Mas, então, eles morreram, se foram muito cedo e eu não tinha mais ninguém além de um tio. Eu tinha apenas nove anos, Vincent, quando eu os perdi. Foi doloroso, exatamente como você pode imaginar. — Aurora se contém por uns instantes e eu a puxo para mais perto.

— Conte com calma — sussurro para ela.

Aurora afirma e continua.

— O dia do enterro deles foi a última vez que eu dormi na minha cama. No dia seguinte a esse, logo pela manhã, meu tio e a sua mulher, tia Jillian, me colocaram no carro do meu pai, minha barraca de acampar na mala e duas peças de roupa. Eles disseram que iríamos acampar para que eu pudesse ficar pelo menos um pouco feliz. — Aurora engole a seco. — Fomos nos afastando da parte mais movimentada da cidade e foi quando nós paramos no lixão. Não era confortável estar perto deles dois desde o início. Antes do enterro dos meus pais, eu nunca tive qualquer contato com eles, então foi estranho, mas ainda era a minha família, certo?

Concordo com Aurora para tentar tranquilizá-la.

— A primeira coisa que se foi, foi o carro. Eu creio que o meu tio deu como moeda de troca para as drogas que ele usava e estava devendo. Ainda assim, eu os segui, porque a tia Jillian não tirava as garras de cima de mim,

mas foi a caminhada mais dolorosa que eu fiz em toda a minha vida. Eu era apenas uma criança que tinha acabado de perder os pais e ainda definhava em seu luto. — Os olhos de Aurora enchem de lágrimas e eu me apresso para enxugá-las assim que elas caem. — No meio das montanhas de lixo, armamos a minha barraca e eles mandaram que eu entrasse e não saísse até que voltassem. Mais uma vez eu obedeci, afinal, o que mais eu poderia fazer?

— Aurora... — sussurro, minha voz mais grave por estar sentindo toda dor que ela me relata.

— Tarde da noite, o meu tio voltou. Minha barriga já revirava de fome, minha cabeça doía do tanto que eu já tinha chorado e a lembrança do enterro dos meus pais ainda me atormentava, muito. Mas, droga, meu tio tinha voltado. A primeira coisa que perguntei, foi se a gente ia sair para comer. Ele riu de mim, riu tanto, Vincent. O meu corpo inteiro tremia, eu tentava ter alguma reação, mas estava petrificada. O tio Carl se aproximou de mim e àquela altura, eu só queria sair correndo, e, ainda que assustada, da primeira vez eu até tentei, mas ele era maior e mais forte do que eu. Me debati, esperneeiei, gritei, implorei, chorei, chamei pelos meus pais, pedi para Deus me salvar ou me levar, assim como fez com o resto da minha família, mas não aconteceu nada.

Aurora chora, compulsivamente.

O seu corpo inteiro treme, enquanto ela agarra em mim como se dependesse de mim. Por outro lado, eu também não consigo segurar o meu próprio choro. As lágrimas descem em uma mistura de dor e raiva. Na verdade, eu creio que choro mais de raiva do que de dor. Eu a abraço forte, deixo que ela segure em mim o quanto quiser, porque eu também dependo disso.

— E-Eu... — Aurora soluça, enquanto se acalma e tenta voltar a falar.

— Foi naquele dia, Vincent, que eu soube que nunca mais seria a mesma. Um dia depois do enterro dos meus pais, meu tio me enterrou junto, me violou o tanto quanto pode e as pessoas que escutavam os meus gritos, riam do lado de fora. Foi horrível. Me doeu tudo e o pior foi na alma. Ainda naquela noite, eu tentei me sufocar com as minhas próprias mãos. Me arranhava, me segurava pelo pescoço, porque eu não sabia o que era aquilo, o que tinha acontecido, por que doía tanto, tanto e tanto... e não parava. Não parou nunca. Dói até hoje.

— Puta que pariu, Aurora... — praguejo.

Eu não posso acreditar que o fodido já morreu.

Se eu pudesse, o desenterraria e o torturaria até a morte copiosamente, ele poderia não sentir um terço do que Aurora sentiu, mas eu o faria se arrepender de absolutamente cada vez que a tocou.

Cada.

Fodida.

Vez.

— E continuou — ela sussurra, cansada. — Continuou por tanto tempo e, para ser mais exata, sete anos. Cada dia era pior. Cada dia eu perdia um pedaço de mim mesma naquela imundice. Sentia como se ele tivesse roubado tudo de mim, até mesmo a parte que ainda era boa. Mas, aí eu “conheci” você. Era muito louco como eu conseguia ter forças, depois de ele fazer tudo que quisesse comigo, para escapar da barraca, ainda que de pernas bambas, só pra te assistir. Você foi o meu sopro de fôlego enquanto eu afogava e isso eu nunca vou esquecer. Foi você quem me salvou, Vincent, lá atrás, quando eu tentei mil e uma vezes destruir a mim mesma por ser tão nojenta, tão imunda, tão suja...

Aurora enxuga as minhas lágrimas e eu engulo o bolo em minha garganta, sentindo meu corpo inteiro doer com a sua dor.

— Se ao menos tivesse tentado falar comigo antes do acidente, teria tentado te tirar daquele inferno.

É verdade.

Eu sempre fui idiota, mas nunca brinquei com coisa séria, nunca, nem mesmo na minha pior fase. Se eu, ao menos tivesse tido a chance de ajudar Aurora...

— Não tinha como e não quero que se culpe por nada. Como eu disse, foi por você que eu continuei seguindo e repetindo para mim que só precisaria “aguentar mais um dia”.

— Mas nesses “mais um dia”, foram tantos, Aurora.

Ela sorri.

— Mas ainda foi você quem me ajudou, foi o pensamento de estar em um momento como esse contigo que me fez seguir em frente e eu te agradeço do fundo do meu coração, Vincent, por simplesmente existir. — Aurora segura o meu rosto, beijando minha boca suavemente. — Eu te amo muito.

— Eu te amo mais, minha Aurora.

Os meus pensamentos são tão confusos e frenéticos. Só consigo pensar no quanto eu a amo e no quanto eu daria qualquer coisa para torturar os fodidos dos seus tios. Eu me sinto furioso, enraivecido e muito quebrado.

Ela suspira baixinho.

— As marcas em meu corpo foram todas feitas por ele e por tia Jillian. Em todo e qualquer canto do meu corpo. Tenho vergonha de cada uma delas, me senti muito desconfortável com você vendo, tocando, beijando, mas, por outro lado, senti também que era o que eu precisava para passar a me aceitar

dessa forma. — Aurora corre os dedos finos e macios por meu rosto, enquanto a fito atentamente. — Eu nunca tinha sido tocada por nenhum outro homem, senão tio Carl, da forma que você me tocou hoje. Enquanto eu aproveitava o seu amor e adoração por mim, a cada beijo ou toque, as coisas me empurravam de volta ao inferno. Foi incrível, eu juro, você foi incrível comigo, mas também doeu tanto... — Sua voz some por uns instantes. Porra. É claro que eu imagino. Que inferno! — Viver na minha cabeça é isso: aproveitar por uns segundos e em seguida estar imersa em tantos dilemas e dores, em tantas feridas.

Eu não consigo fazer ideia de como é viver na cabeça de Aurora, mas pelo pouco que ela está me contando, parece ser tão doloroso que a única coisa que poderia me satisfazer agora, seria pegar toda a sua dor e arrancar de dentro do seu peito.

Ela não merece esse inferno.

— Mas eu me sinto melhor agora — afirma, me puxando de volta. — Seus beijos limpam a minha pele, ainda que tudo tenha sido tão contraditório. O que você fez comigo foi real. Eu senti todo o seu amor por meu corpo, por mim, por meu coração. Você fez tudo que eu precisava para dar mais um passo adiante. Mais um entre tantos outros. — Afago a curva em suas costas e Aurora sorri fraco, com um lampejo de dor em seu olhar. — Eu só espero que não sinta nojo de mim, da minha pele, das minhas partes, de tudo que eu sou. Só não quero isso. *Por favor...*

Seu último sussurro é tão válido que nós dois choramos juntos.

Eu nunca chorei tanto em toda minha vida.

Troco de lugar com Aurora e, com ela descansando nos lençóis macios debaixo de nós, eu a beijo. Esse é um beijo com um gosto diferente. Partilho da sua dor quando as nossas línguas se tocam tranquilamente, diferente da

forma tempestuosa e necessitada com que Aurora agarra em mim, me abraça, me toca. Não é um beijo comum entre nós dois. Eu só queria, através desse beijo, sugar a sua dor, mas não sou capaz de nada disso.

As nossas lágrimas não pararam, apesar do momento que trocamos.

Eu sinto muito por Aurora.

Tudo dentro de mim está uma bagunça, mas a única certeza que tenho, é algo que preparo para lhe falar agora, quando separo os meus lábios dos seus:

— Eu nunca teria nojo de você. A sua pele é a coisa mais pura que já toquei, cada parte sua, cada pedaço. Os seus beijos são o que me levam ao céu e me trazem de volta. Como eu poderia sentir nojo da mulher que eu amo? Da mulher que me dá prazer em absolutamente tudo na vida? Você é perfeita, Aurora. Perfeita.

— Você promete? — pergunta uma última vez.

— Tem a minha palavra, Aurora. Sempre. Você foi vítima. Vítima de dois monstros que tentaram arrancar o melhor de você, mas o que nenhum deles esperava, é que você era e é capaz de sobreviver a isso, a absolutamente tudo, porque você, Aurora, é forte pra caralho. Por mais que a raiva esteja me consumindo, eu tenho tanto orgulho de você por ainda estar aqui. A sua situação é a de muitas garotas espalhadas por aí pelo mundo, que são violadas de todas as formas possíveis e muitas vezes suportam caladas, sem ajuda de ninguém. Porra, como eu não sentiria orgulho de ter comigo uma mulher assim? Você tem o meu coração inteiro. Se eu já te amava antes, eu te amo ainda mais agora, com absolutamente tudo de mim. Fique comigo pra sempre, por favor?

Ela sorri, como se não estivesse acreditando em nada do que eu disse.

Eu também não acredito não quão espetacular ela é.

— Eu vou ficar com você pra sempre, não precisa pedir por favor ou duas vezes. Você tem o meu coração inteiro, sempre teve, e agora pode ter certeza que nada vai me tirar de você, Vincent. — Aurora segura o meu rosto, esfregando os dedos em minhas bochechas suavemente. Com as bochechas extremamente coradas, ela pede. — Faz amor comigo mais uma vez?

Lhe dou o meu melhor sorriso.

Meu coração acelera e essa é a exata sensação que me toma quando eu estou atrás do volante e só Aurora consegue fazer eu me sentir assim.

Continuo me sentindo sortudo, talvez mais agora do que antes.

— Você nem precisa pedir uma coisa dessa — digo e ela sorri para mim.

Esse é o sorriso que eu gosto de ver.

Aurora, você ainda não sabe, mas nós vamos casar, ter bebês e o caralho a quatro. De mim você não se livra nunca mais e não quero passar nem um segundo sequer longe de você.

Que se foda.

Literalmente.

Eu amo a minha Aurora.

Eternamente minha.

48

“O show deve continuar.”

“The Show Must Go On” — Queen

*Vincent
Pette Hawk*

Eu nunca vi Aurora sorrir tanto como nos últimos dias que passamos juntos. Depois da noite em que ela me contou toda a sua história, todo o seu passado e abriu o seu coração de forma definitiva para mim, o sorriso em seu rosto não se apagou. Quando não na boca, os seus olhos sorriem em minha direção a cada segundo que passamos juntos, a cada olhar que direcionamos um ao outro. Eu mentiria se dissesse que não estou sentindo o mesmo, porque eu estou, e muito, para ser sincero. Seu maior medo, por tudo que me contou, era da minha reação ser negativa. Eu não seria capaz de ter uma reação negativa a tudo que eu sempre esperei saber da sua boca. Me sinto feliz em dobro e é muito simples o motivo: tenho Aurora de corpo e alma, assim como eu sou seu de corpo e alma.

Nossa viagem, de longe, foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Poder conhecer tudo sobre Aurora fez as coisas adquirirem sentido aos poucos. Apesar de dias passados, o mesmo sentimento que tive a cada palavra que ela despejava para mim, continua, talvez ainda mais forte agora. Sinto muita raiva dos seus “tios”, porque nem deveriam ter tal referência. Sinto como se as minhas mãos estivessem atadas e eu não pudesse fazer nada, e eu queria fazer. Ainda que Aurora esteja tão livre, tão feliz, como nunca estive, como eu nunca vi, eu sei que as memórias em sua mente e em seu próprio corpo são presentes e é isso que me faz ficar tão irado.

Quando ela foi me contando cada detalhe, eu pude entender, desde lá no início, desde a primeira lembrança juntos após o acidente quando ela acordou e puxou a sua mão assustada para longe de mim. Era disso que ela tinha medo. Era por isso que ela se colocava em uma bolha impenetrável. Aurora estava traumatizada, assombrada, constantemente perturbada por todo horror que passou durante sete anos da sua vida. Quero dizer, porra, ela tinha apenas nove anos. Uma criança. Como um fodido teve coragem de fazer isso

com ela? Ele lhe arrancou tudo e isso não consegue sair da minha cabeça em nenhum momento. Eu observo o seu sorriso, a sua felicidade, e eu sorrio de volta, eu fico feliz também, mas os pensamentos sempre são tão... inconformados. Eu sei que é tarde demais e que talvez eu nem tenha direito de pensar assim, mas quem poderia evitar os pensamentos de não conformismo ou impunidade depois de escutar uma história como a de Aurora? Eu mesmo não. Nunca fui perfeito, não seria agora que eu adquiriria uma pose de Sr. Perfeito Tudo-Já-Passou. Já passou, mas isso não me impede de querer desenterrar os dois animais que fizeram da vida de Aurora um inferno e matá-los de novo.

Definitivamente não pensaria duas vezes antes de sujar as minhas mãos de sangue para fazer mal a quem fez mal a minha Aurora.

E, bom, não só mal a Aurora, mas a qualquer mulher que eu tivesse conhecimento de estar passando por uma atrocidade dessas. São tantas... e tantas... Talvez, no final de tudo, eu acabasse como um justiceiro — para não dizer *serial killer*.

— Em que você tanto pensa? — Aurora me puxa de volta, sentando no meu colo e me abraçando pelo pescoço.

— Você — retruco, abraçando-a de volta pela cintura.

— Em mim? Do nada?

— Não é do nada. — Solto uma risada, divertido com a forma como ela fala. — Eu sempre estou pensando em você, até quando eu não quero.

— E você não quer? — Ela arqueia a sobrancelha.

É o nosso último dia antes de voltarmos para casa. Nós viemos para Los Angeles ontem e estamos hospedados em um hotel da mesma rede da que ficamos em Long Beach. Aurora parece estar aproveitando cada segundo

e, agora, sentados na varanda do nosso quarto, podemos ver bem de longe o píer de Santa Mônica. Parece perfeito, e realmente é.

— Eu já não quis — afirmo com sinceridade e nós rimos. — Mas hoje em dia é a única coisa que eu realmente quero pensar. De resto, nada mais importa.

— Eu também já não quis pensar em você. *Muuuitas* vezes desde que partiu, afinal, não valia à pena pensar em idiotas.

Boquiaberto, tento achar as palavras para lhe responder, mas não consigo. Isso faz Aurora gargalhar, divertida com a minha falta de palavras para a sua confissão. Não é mentira, eu fui um verdadeiro idiota com ela.

— Isso ficou no passado. — É o que eu consigo achar para me defender.

— Ainda bem. — Sua risada vai cessando aos poucos e ela sela os nossos lábios. — Vamos descer? O casal Sawyer já devem estar nos esperando.

Ah, e tem isso.

No começo da manhã nós conhecemos o dono da rede de hotéis que estamos ficando. Aurora foi logo puxando assunto, por algum motivo completamente aleatório que eu não faço a mínima ideia de qual tenha sido, mas provavelmente foi, como eu tenho pensado, por ela estar milhões de vezes mais feliz depois do seu desabafo. A mulher do cara também estava no momento e isso foi suficiente para elas virarem... *amigas*? Eu devo dizer que acho bizarra a facilidade que as mulheres têm em fazer amizades uma com a outra — pelo menos a maioria delas. Por outro lado, eu não tive muito o que conversar com o Sawyer, mas depois que o reconheci, falamos muito sobre futebol enquanto “nossas mulheres” nos arrastaram para uma mesa de café-da-manhã.

Quando nos despedimos deles, Pearl, que descobri o seu nome mais tarde enquanto nós nos alimentávamos, nos convidou para um jantar. Aurora aceitou de prontamente. Na hora eu achei uma boa ideia, mas agora eu só queria ficar com ela só pra mim.

— Eu queria ficar aqui — digo, mas até eu já estou metade vestido.

Nós passamos o resto da manhã e tarde no píer de Santa Mônica, aproveitando os brinquedos que Aurora fez questão de ir em cada um deles. Voltamos há pelo menos duas horas e desde então nós apenas banhamos e ficamos rolando na cama, de lá pra cá, jogando conversa fora bem baixinho.

— Já ficamos muito aqui — ela retruca e eu torço o canto dos lábios.

— E não está bom assim? — indago.

— Sim, amor, mas eu quero ir. Pearl disse só pra mim que tentaria chamar a cunhada dela também e o seu irmão. Vamos fazer amigos, vai ser bem divertido, eu aposto.

Ela falou isso tudo, mas a única coisa que ficou registrada na minha mente foi a palavra “*amor*”.

— *Amor?*

Suas bochechas ficam mais vermelhas do que já estão e ela suspira baixinho, concordando.

— *Meu amor.* — Aurora beija o meu queixo e continua. — Vamos?

— Eu só vou porque me chamou desse jeito e mais tarde vai ter que chamar mais um pouco, mas em outra ocasião.

Pimenta, tomate, morango, qualquer coisa dessa cor só não é mais vermelho do que Aurora nesse exato momento. Ela escapa dos meus braços, rindo baixinho consigo mesma, e eu me levanto, indo atrás dela.

— Não vai, Bela? — continuo.

Me encosto na parede, colocando as mãos dentro dos bolsos do meu jeans e ela vira o rosto para me fitar.

Cada dia mais bonita.

— Se você fizer por merecer, eu chamo.

É minha vez de gargalhar.

Fizer por merecer...

Só Aurora mesmo.



Chegamos ao restaurante do hotel um pouco atrasados. Eu enrolei o tanto quanto pude para tentar fazer a gente cancelar o jantar, por mais que isso seja muito mal-educado da minha parte, mas eu realmente queria ficar apenas com Aurora pelo resto da nossa última noite de viagem. Porém, ela foi bem mais forte do que o seu próprio corpo. Ri bastante quando ela começou a me xingar baixinho, dizendo que era golpe baixo e não sei mais o quê. Quando pensei que tinha conseguido, ela pulou da cama e foi atrás de uma camisa para mim. Dei-me por vencido de uma vez por todas.

Avistamos de longe Pearl e Seth, que estão com mais duas pessoas na mesa, provavelmente o irmão e cunhada de Pearl, assim como Aurora me disse. Ela aperta a minha mão e eu sussurro:

— Ainda dá pra gente correr e nos fingirmos de doidos...

Aurora engasga com uma risada e eu me junto a ela.

— Eu não vou me fingir de doida — reclama. — Estou morta de fome, vamos logo.

A morena me puxa com os dedos entrelaçados nos meus, liderando o nosso caminho até a mesa. Na metade do percurso, Pearl nos avista e se levanta, sorridente e animada.

Ela me assusta um pouco e isso me dá uma imensa vontade de rir.

Não que Pearl seja assustadora, é óbvio, mas ela é apenas... engraçada. O seu jeito, pelo pouco que eu vi, é muito engraçado. Ela sorri o tempo todo e está sempre rindo. Bom, isso é o suficiente para eu achar uma pessoa engraçada: sorrir e rir.

— Finalmente vocês chegaram! — ela exclama, se apressando para abraçar Aurora. — Meu irmão já estava dizendo que eu fantasiei isso tudo. Ele conhece você. — Pearl aponta para mim e eu encolho os ombros. — Me disse que você é famoso também.

— Ele é um pouquinho famoso — Aurora comenta e nós rimos.

— Um pouquinho é piada, moça — o loiro diz, que presumo por motivos óbvios, ser o irmão de Pearl.

— Ela só não está muito acostumada com isso — afirmo, porque é verdade.

Para Aurora eu sou famoso, mas não *taaanto*.

Posso ver no rosto dela que ela me vê mais como uma pessoa normal do que como qualquer outra coisa.

Cumprimentamos todos antes de nos sentarmos e Seth diz:

— Pearl também não estava acostumada quando nós começamos a sair. Ela ficava vermelha o tempo todo e eu tinha certas desconfianças de que, talvez, ela tivesse algum problema sanguíneo que afetava diretamente as suas

bochechas.

Simon, irmão de Pearl, que está tomando água no exato momento em que o seu cunhado diz isso, engasga e acaba espirrando um pouco de água em si mesmo. Spencer, sua mulher, solta um grunhido e pega o guardanapo de pano de cima da mesa e tenta limpá-lo.

— Pega o seu babador, inferno...

Se eu já estava com vontade de rir antes, agora eu estou mais ainda.

— Ei! Não é esse o nome... como se chama isso? — Ele segura o pedaço de tecido na mão, olhando para nós com uma interrogação no meio da testa.

— Ba-ba-dor. Babador para o bebê babão que não segura a boca na frente dos outros e se baba inteiro no meio do jantar.

Ele semicerra o olhar para a sua mulher e Aurora segura a minha mão debaixo da mesa.

“Eu sei, Aurora. Nos metemos no meio de um furacão, mas agora vamos ficar até o final”, penso em resposta a sua atitude.

— Cherry, querida, estamos no meio de um jantar entre amigos e família, eu não quero dizer para os convidados onde eu andei babando antes de descermos para cá.

Meu. Deus.

Seth, bem do meu lado, segura o riso e eu observo Pearl lhe dar uma cotovelada.

A tal Spencer parece ser estressadinha e o tal Simon segue a mesma vibe, não guarda almoço para o jantar.

Spencer respira duas vezes e se vira para nós, sorrindo.

— Ignorem o meu bebêzão aqui, ele é o que chamamos de “famoso idiota que nunca mais vai babar em cima da sua mulher”.

Ela não deixa de sorrir enquanto fala tudo isso e eu posso notar o quão furiosos os seus olhos parecem.

— Ah, mas eu aposto... — Simon retruca.

— Ahhh, não! — Seth e Pearl exclamam ao mesmo tempo.

— Calma aí — digo chamando a atenção deles. — Nós perdemos alguma coisa aqui?

Agora os quatro dão risada.

Essa noite vai ser, no mínimo, muito louca.

— Essa é uma longa história — Pearl diz, sem perder a risada.

— Eu adoro histórias, principalmente as mais longas — Aurora afirma, animada.

E é exatamente assim que a nossa noite oficialmente se inicia.

49

“Eu estou tão apaixonado.”

“Tenerife Sea” — Ed Sheeran

Aurora
Lyon Collins

Nossa viagem de volta para casa foi mais tranquila e refrescante do que eu poderia imaginar. Se por algum momento eu cogitei a ideia de que voltaria para casa triste, foi a maior besteira do século. Eu acho que em toda a minha vida nunca me senti tão feliz e me atrevo a dizer que nem mesmo quando os meus pais ainda eram vivos, eu era tão feliz assim. Quero dizer, a Aurora de até os seus nove anos só vivia coisas boas, não tinha um dia ruim para me fazer “dar valor” aos dias bons. Depois de tantas coisas que eu passei, viver momentos como esses que vivi com Vincent, onde me senti genuinamente livre, me trouxe o maior sentimento de felicidade que já pude sentir durante os meus dias de vida e é por isso que nem nos meus melhores sonhos eu poderia imaginar que essa nossa viagem seria *isso tudo*.

A nossa última noite foi tão especial quanto os outros dias das duas semanas que passamos em Long Beach e, por fim, em Los Angeles. Nós nos divertimos muito com a família Wyatt-Sawyer. Ao menos foi assim que Simon, irmão de Pearl, pediu que nós nos chamássemos eles. Pearl é incrível, de verdade. Nunca conheci ninguém que exalasse tamanha doçura. Admito que o contraste entre ela e seu marido, Seth, foi algo que me deixou surpresa. Ele não é nada parecido com ela e, ainda que surpresa, achei que os dois combinam tão bem. Coisas do amor, certo? Spencer e Simon também combinam tanto, mas, diferente de Pearl e Seth, eles são mais parecidos. Por vezes eles se alfinetaram em frente de nós. Ele não deixava barato, tampouco ela. Os dois foram a nossa maior “diversão” à mesa. Quando Vince e eu nos despedimos deles, já tarde da madrugada, rimos por cinco minutos seguidos lembrando do jantar e de tudo que aconteceu.

Nossa noite foi mágica.

Depois de tudo que contei, depois de tudo que passei, depois de tudo que vivi, no sentido mais nu e cru da palavra, poder estar de dedos

entrelaçados com Vincent agora, enquanto ele empurra o carrinho com as nossas duas malas em cima, observando de longe a nossa família nos esperando, não tem preço. Sentir o seu toque sincero e tão amável é tudo que eu sempre sonhei, mas não é um sonho, é a minha realidade. Esfrego o meu dedão no dorso de sua mão, tão confortável e contente, que só tenho vontade de já sair contando para todo mundo que estamos namorando. Ao invés disso, engulo a seco e abro o meu melhor sorriso quando vejo meus amigos vindo em minha direção.

Dezembro já começou e eu me surpreendo em ver Dom com Keela, Caitlyn e Megan. Eu pensei que ele voltaria apenas no final do mês para as festas de fim de ano, mas pelo visto me enganei sobre isso. Vincent solta a minha mão e me deixa ir na frente e eu o faço.

— Meu Deus, ela está bronzeada pra caramba! — Caitlyn exclama, toda emocionada ao me ver e nós rimos de sua reação. Lhe dou um abraço apertado em cumprimento e ela volta a falar. — Esse tempo com o bonitão te fez bem, posso até ver escrito na sua testa: transei pra caralho durante duas semanas e o mundo que exploda!

Minhas bochechas esquentam, enquanto uma vergonha sem tamanho me atinge. Caitlyn, como sempre, é nada discreta com as suas afirmações e isso me deixa muito sem jeito. Encaro Gia, que arqueia a sobrancelha para mim e eu apenas suspiro, revirando os meus olhos.

— Não precisava ouvir absolutamente nada disso sobre a minha menina — Ian reclama e todo mundo ri, exceto eu e Vincent que fica bem mais reservado, enquanto eu ainda estou petrificada de vergonha.

— Nem eu queria ouvir essas coisas — Dom reclama e eu o encaro. Seu olhar tem uma pontada de tristeza e isso me deixa igualmente triste. — Não sabia que tinha viajado com ele...

Aproximo-me e lhe abraço bem forte.

— Foi de última hora e eu mal consegui falar para as meninas. Espero que perdoe o meu deslize. — Sorrio de lado assim que me afasto um pouco.

— Isso que melhores amigos fazem — diz e bagunça o meu cabelo com um sorriso de volta. — Você está linda, como sempre. — Dom vira para Vincent. — Se fez bem para ela, fez para mim também.

Keela se mete no meio de Dom e eu, praticamente pulando em cima de mim.

— Vocês todos tão emocionados, mas só quem vai saber de tudo que aconteceu, sou *euzinha* aqui, a melhor amiga.

— Ei, nós também somos melhores amigas — Megan reclama, me puxando e me abraçando da mesma forma que Keela fez.

— Eu sei que ela está disputadíssima, mas abram espaço que a mamãe aqui quer passar — Gia comanda, aproximando-se de mim e tirando um sorriso de cada um de nós. — Meu irmãozinho fez realmente bem para você esses dias todos e eu não esperava menos que isso. — Gia me abraça e eu retribuo o seu abraço, feliz pra caramba por ela estar me recebendo assim.

Na verdade, estou feliz por cada um deles terem vindo aqui.

— Vincent é bom demais para mim — digo, ainda envolvida em seu abraço. — Ele é perfeito — sussurro bem baixinho para Gia e ela afasta um pouquinho apenas para me fitar, ainda sem deixar de me abraçar.

Seu sorriso brilha da sua boca até os seus olhos e eu tenho certeza que fico da mesma forma.

— Ele é sim — afirma parecendo extremamente orgulhosa do seu irmão.

Ian se aproxima de nós e nos abraça, fazendo-nos rir com o seu gesto.

Ele planta um beijo no topo da minha cabeça e faz o mesmo com Georgia.

— Aquela casa ficou um pouquinho vazia sem você — ele diz fazendo um bico juntamente com a sua mulher.

— Vocês que se acostumem — Vincent assobia e Gia revira os olhos.

— Não é assim — retruco para o loiro. Eu sei que ele está brincando, mas a maioria das pessoas pode achar que ele está falando sério. — Tem Aurora pra todo mundo.

— Bom que tenha, porque eu não vou abrir mão de você — Gia afirma.

— Nem eu — Ian continua.

— Nem eu. — É a vez de Keela.

— Nem eu! — Caitlyn exclama.

— Não me tirem dessa — Dom concorda.

— É claro que eu estou no clubinho — Megan conclui.

Eu me sinto tão amada por eles.

— Vou começar a planejar um sequestro. Toda essa concorrência me deixou preocupado — Vincent brinca e nós rimos. Caminho até ele e o abraço pela cintura. — Você aceita ser sequestrada, Bela?

— E sequestros precisam de consentimento? — retruco, segurando o riso.

— O meu sim.

Vincent beija a minha bochecha e eu juro que esqueço todo o resto até Keela falar.

— Tão fofo que às vezes eu esqueço que você foi um idiota.

O loiro ri, desconcertado.

— Bom te ver também, Keela.

— Tanto faz — ela resmunga.

— Não liguem para ela — Megan diz e nossa atenção vira toda em sua direção. — Além de estar de tpm, quase saiu no tapa com Hunter antes de virmos para cá.

— O quê?! — exclamo com Gia, Ian e Vincent.

— Ele foi me procurar e eu não tenho um pinga de estômago para olhar na cara dele, mas vocês sabem que essa é uma longa história — Keela explica, fitando-me diretamente. — Depois eu te conto mais.

Eu concordo com um breve aceno.

— Eu quero saber.

E eu realmente quero.

Nós todos nos dividimos e decidimos ir para casa. Gia disse que seria melhor pedirmos comida e terminar a nossa pequena “confraternização” por lá mesmo, já que amanhã cedo ela tem que sair com Ian para resolver algumas coisas. Eu e Vincent seguimos juntos e pegamos a sua chave do carro com Ian, que veio dirigindo para nos entregar aqui. Ele seguiu e foi com Gia no seu carro e saímos um atrás do outro do estacionamento do aeroporto.

Na maior parte do caminho eu fui segurando a sua mão.

Vincent direcionava os seus olhares doces todinhos para mim e eu praticamente derreti em meu assento. As memórias da nossa viagem encheram a minha mente durante o percurso até em casa e isso me fez ficar com um sorriso idiota, bobo e apaixonado nos lábios na maior parte do tempo. Depois da nossa primeira noite, na manhã seguinte nós fomos juntos a uma farmácia comprar a pílula do dia seguinte, porque senão... bom, eu nem

preciso completar, certo? De lá para cá, toda vez que ficamos juntos, Vincent usou camisinha. No mesmo dia ele comprou algumas, em meio palhaçadas e piadas que me deixaram muito vermelha.

Sem dúvidas essa foi a viagem da minha vida.

Todos os momentos ficaram marcados em minha pele, literalmente.

— Eu daria um milhão de dólares para saber o motivo desse seu sorriso.

Fito Vincent, entrelaçando os nossos dedos.

— Besteira pagar um milhão de dólares para uma resposta tão óbvia.

— Eu posso chutar? — ele pergunta.

— Tente.

Vincent para no sinal vermelho e faz a sua melhor pose de pensativo. Eu seguro o riso, o que é bem difícil de fazer, para ser sincera, e espero ele se pronunciar.

— Eu! — exclama, como se tivesse matado uma charada.

— Isso não é um pouquinho egocêntrico? — questiono, enquanto ele volta a dirigir.

— Nem um pouco — se defende. — É que eu também estava pensando em você, então o mínimo que pode fazer é pensar em mim. Reciprocidade.

Gargalho da sua bobagem e Vincent faz o mesmo.

— Reciprocidade... — sussurro parando de rir aos poucos. — Você não existe — completo.

— Se eu não existisse, o que faria?

Dou de ombros e falo:

— Provavelmente inventaria você.

— Assim, fácil? — Vincent ri.

— Exatamente. Bem fácil.

Ele leva a minha mão até a sua boca e beija repetidas vezes.

— Depois quem não existe sou eu — resmunga com a boca na minha pele.

Nós dois passamos o resto do caminho em um silêncio confortável. Assim que Vincent estaciona atrás do carro de Dom, nós saímos juntos, já observando Gia abrindo a porta com Ian.

Keela vem em minha direção e segura a minha mão.

— Eu vou roubar ela por uns minutos — avisa para Vincent, que está travando as portas do carro.

Ele apenas se limita a concordar e eu envio uma piscadela em sua direção, ganhando outra. Keela me puxa pelo caminho até a porta e nós duas entramos apressadas. Minha melhor amiga senta no sofá, na parte mais reservada possível da sala, e eu faço o mesmo.

— Tudo bem? — pergunto.

— Não — resmunga, torcendo os cantos da sua boca em visível descontentamento. — Eu estou furiosa com Hunter.

— E você quer me contar o que aconteceu? — questiono.

— Nós dois não temos contato há anos, você sabe disso tão bem quanto eu. Depois de tudo que aconteceu, ele me procurou e... e eu não o suporto. Eu não suporto olhar para ele, porque a cada segundo que passa, fico mais e mais furiosa. Mas, ao mesmo tempo, ele é a porra de um bastardo irresistível e as minhas entranhas apertam com a sua presença.

Eu sei bem como é isso.

— E o que aconteceu mais cedo? Sobre o que Megan estava falando?

— Ele voltou com Vincent, mas por alguma merda de motivo desconhecido foi embora de novo? — reflete, o que no final de tudo sai como uma pergunta e mais uma vez eu a entendo. — Ele veio se despedir de mim e eu quis espancá-lo por isso.

— Eu não fiquei sabendo disso. Hunter não disse nada a Vincent... — sussurro, extremamente confusa.

— *Como ele tem coragem?!*

Tudo que eu escuto na voz de Keela é dor e ódio. Essa dor, claramente se mistura pelo amor que ela já sentiu por ele, mas o ódio ferve junto, mostrando que agora nem se ele voltar pintado de ouro, Keela vai querer saber.

É impossível julgá-la por isso.

Hunter foi embora de novo e nem ao seu melhor amigo ele disse.

Como entender o que se passa em sua cabeça? Como entender as coisas que estão acontecendo com ele?

— Ele está confuso, Keela. Suas atitudes são tão repentinas e ele está tão estranho. Ainda assim, não é justificável. Ele mexe com você e Hunter sabe disso. O que rolou entre vocês dois ficou entre vocês, mas ele deveria saber que com sentimentos não se brinca.

Seus olhos claros brilham intensamente e meu coração se parte.

Eu odeio ver Keela assim.

Eu odeio o que Hunter faz com ela.

Se eu pudesse eu mesma o espancaria por fazer a minha melhor amiga chorar.

— O que eu faço? — sussurra.

Solto a sua mão e a envolvo em um abraço apertado. Lágrimas também se acumulam em meus olhos e eu respiro fundo. Vincent entra com Dom, Megan e Caitlyn. Ele me encara e o seu semblante imediatamente muda. Se eu não estivesse abraçada em Keela, o loiro provavelmente já estaria na minha frente me perguntando o que aconteceu, mas ele entende que não é o momento e segue com os outros para a outra sala.

— Eu sei como dói — digo, me afastando um pouco para segurar o seu rosto. Tento enxugar as suas lágrimas, mas são muitas. — Não quero que chore assim por ele, nem por ninguém. Hunter não está sendo digno de nenhuma das suas lágrimas. — Keela concorda com um aceno, parecendo incapaz de falar alguma coisa. — Esqueça-o. Eu sei como é difícil, mas se ele repetiu o erro, é melhor esquecer. Hunter errou junto com Vincent, voltou e não fez nada para consertar o primeiro estrago. Pelo contrário, ele só te machucou mais. Você não merece isso, Keela. Apenas... Só... Esquece isso. Esqueça Hunter.

Ela suspira baixinho, tentando controlar o seu choro e eu espero até que isso aconteça. Enxugo as suas lágrimas e ela me dá um sorriso.

Está quebrada.

Keela está quebrada.

Isso me faz odiar Hunter.

— Tudo bem. — Ela se levanta e me puxa para cima. — Eu vou esquecer tudo, não se preocupe mais com isso, só precisava falar sobre com você.

— Você tem certeza? — indago.

— Claro — afirma. — Eu vou esquecer que um dia Hunter existiu.

— E eu vou matá-lo assim que tiver oportunidade.

Keela ri, revirando os olhos em seguida.

— Você não mata nem uma mosca, imagine uma pessoa.

Sorrio com ela e lhe abraço outra vez.

— Na hora da raiva, muita das vezes nós nos desconhecemos.

— Tudo bem, tudo bem, vingativa, mas você não precisa matar ninguém.

Keela e eu continuamos rindo, eu tentando animá-la e ela tentando me mostrar que tudo ficaria bem.

Eu sei que no final tudo vai ficar bem, mas o caminho até isso é longo demais e eu odeio o fato dela sofrer durante todo esse tempo.

50

“Mas se o mundo estivesse acabando, você viria, certo?”

“If The World Was Ending” — JP Saxe feat. Julia Michaels

Aurora
Lyon Collins

Acordo com os beijos insistentes de Vincent por toda extensão das minhas costas desnudas. Eu poderia me acostumar com isso, para ser sincera, e, na verdade, creio que já estou bem acostumada depois da nossa maravilhosa e sem quaisquer defeitos, viagem. Se eu me arrependo por me acostumar com Vincent? Um milhão de vezes não. Ele me faz tão bem, como eu poderia não querer perto de mim uma pessoa que me faz tão feliz como ele o faz? Só se eu estivesse louca, muito louca da minha cabeça. Me acostumar com Vince não é nenhum pecado, afinal, estamos sendo recíprocos um com o outro e quando há reciprocidade, há confiança, e se há confiança, podemos nos apoiar e acreditar nas intenções um do outro.

Dois dias se passaram desde que voltamos para casa e, depois de uma longa conversa com Gia e Ian, eu e Vincent conseguimos dizer a eles que eu passaria um tempo junto com o loiro em seu apartamento, que ele já denominava como “nosso”. Foi uma surpresa até para eu tomar uma decisão desse tipo, mas se tornou tão fácil quando eu me vi pensando em como poderia dormir sem a proteção dos seus braços ao meu redor? Eu estava acostumada, estava confortável, como nunca fiquei há tanto tempo. Vincent me protegia até mesmo dos meus pesadelos recorrentes. Naquela mesma noite fomos para o seu apartamento e nos enrolamos debaixo dos seus lençóis, dormimos depois de muita risada e muitos beijos trocados.

Foi uma noite inesquecível, assim como todos os últimos dias têm sido ao seu lado.

Solto um suspiro, porque só consigo suspirar, sorrir e pensar que estou vivendo a minha melhor vida, a minha melhor fase, o ápice da minha felicidade nessa Terra.

— Acorda, amor... — o loiro resmunga no pé do meu ouvido, beijando

ali também e continuando com a trilha pelo meu pescoço. Eu me arrepio inteira, porque certos carinhos me deixam “fraca”. — Você combinou aquele café com Gia e tenho certeza que ela já vai aparecer por aqui.

Vincent está certo, mas...

— Ainda estou com sono — resmungo de volta, minha voz alguns tons mais graves por ter acabado de acordar e me negando a abrir os olhos.

Eu realmente estou com sono.

— Eu sou uma péssima influência para você. Não te conheci tão preguiçosa assim, Bela...

Abro apenas um dos olhos e eu o acho ali, sorrindo cinicamente, em pura provocação.

— Não seja malvado, porque não te conheci tão chato assim — retruco.

Vincent sorri e eu sinto meu corpo inteiro aquecer.

Ele sempre faz isso comigo.

— Levanta — pede.

Então eu penso: é Gia, nem se eu estivesse doente furaria com ela.

— Tudo bem — digo, empurrando Vincent de cima de mim e me sentando na cama, completamente desnorteada. — Você realmente é uma péssima influência para mim — afirmo bocejando e coçando os olhos. — Eu nunca durmo tanto. Vincent Hawk, você está me sugando.

Ele ri alto, me puxando pela cintura e contagiando o meu humor com o seu.

— Eu realmente estou te *sugando*.

Minhas bochechas esquentam e eu escapo dele, desconcertada e cambaleando para os lados.

— Cala boca — digo e ele ri ainda mais. — Chega da sua depravação. — Aponto para ele, brincando, e ele leva as mãos até o peitoral, como se eu tivesse o ofendido. — Vou banhar para sair com a sua irmã e eu não estou te convidando.

Vincent fica de pé, vindo em minha direção em passos largos.

— Tem certeza? — pergunta, sorridente.

Não.

— Claro. — Reviro os olhos.

— Eu prometo não atrapalhar. — Ele faz um bico, juntando as mãos, todo pidão.

Seguro o riso.

— Você não atrapalha... — Vince arqueia a sobrancelha e eu continuo. — Mas também não ajuda.

— A gente pode tirar a prova agora?

— A prova?

Vincent concorda, como uma criança que espera ansiosa por seu doce.

Mas, então, faço o que qualquer adulto faria — ou quase todos.

— Depois tiramos essa prova.

— Merda... — ele resmunga, cruzando os braços. — Eu não ia te atrapalhar.

Gargalho, abrindo a porta do banheiro e o fitando uma última vez antes de entrar.

— Você aí eu vou ter certeza de que *realmente* não vai me atrapalhar.

Deixo um Vincent insatisfeito para trás e faço o que tenho que fazer na maior rapidez do mundo, porque no meio do banho o loiro me grita do lado

de fora dizendo que Gia mandou mensagem que já está chegando para me buscar. Enrolo-me na minha toalha e saio praticamente trocando os pés, achando Vince deitado na nossa cama, se assim posso dizer, mexendo no seu celular. Quando ele percebe que estou ali, me dá toda a sua atenção.

— Vai ficar só me encarando ou vou me ajudar em algo?

Ele arqueia a sobrancelha direita diante da minha pergunta.

— O que eu posso fazer por você? Ainda pouco estava me expulsando do seu espaço.

— Me arruma um moletom seu? — peço, ignorando-o e Vince acena positivamente ao me seguir até o closet.

Entramos no cômodo juntos e eu visto uma calça jeans e camiseta branca, agarrando o casaco de moletom vermelho de Vincent que lhe pedi e vestindo para completar o meu “modo agasalhado”. Calço uma bota preta e me dou por satisfeita somente depois de pegar um cachecol de algodão para me dar uma proteção extra. O tempo é frio, muito frio mesmo, e isso sempre me lembra o meu passado.

De verdade: como eu não cheguei a morrer de hipotermia?

Estou começando a fielmente acreditar que quando uma coisa tem que acontecer, ela acontece.

Vincent me abraça pela minha cintura quando paro na frente do espelho e começo a tentar dar um jeito no meu cabelo. Seus braços conseguem fechar ao meu redor tão facilmente que mentalmente admito que somos o encaixe perfeito. É meio doido como chego a ser tão pequena perto de Vince, mas também é gostoso de certa forma. Eu gosto da sensação de estar protegida ao seu redor e ele sempre me passa isso, até quando nem mesmo estávamos tão próximos quando ele retornou para cidade.

— Esse café não tem espaço para um intruso? — ele pergunta, beijando meu pescoço no instante em que deixo aquela parte nua.

— Não, Vince. Só eu e Gia.

— Droga... — resmunga, enquanto sinto os seus lábios me beijarem propositadamente no meu lugar sensível.

Minha barriga remexe e a minha respiração fica falha.

Suspiro baixo, fechando os meus olhos e aproveitando a sensação por alguns segundos.

— Você está meio que me atrapalhando — sussurro e a sua risada vem logo em seguida, mexendo ainda mais comigo com as vibrações que passam por minha pele. — Vince...

— O que posso fazer se você linda pra caralho e eu não consigo manter as minhas mãos longe de você, Aurora?

— Quando eu voltar do café pode fazer o que quiser com as suas mãos sobre mim, mas agora só complica a minha situação.

E como complica.

Vince parece se dar por vencido, depositando um beijo solitário em meu maxilar e abandonando o meu corpo.

Sinto falta dele imediatamente, mas não digo nada.

Ou é isso, ou eu não vou sair com Georgia.

Me recupero aos poucos, enquanto faço uma trança simples de lado e esse tempo parece o suficiente para o efeito de Vincent em meu corpo passar o máximo possível. A campainha toca, mas ele me esperava para sairmos juntos dali. Com seus dedos entrelaçados nos meus, só apanho a minha bolsa, celular e chaves pelo caminho que fazemos pelo apartamento até a porta.

Quando Vince abre, Gia está ali, sorridente e empacotada como eu.

— Bom dia, meus amores! — Ela pula em cima de Vincent e eu, em um abraço bem apertado que nos faz soltar a mão um do outro.

— Jesus, Gia... Que animação toda é essa? — o loiro pergunta, com a voz um tantinho esganiçada.

— Ahhh, eu estava com saudade de vocês...

— De nós ou de Aurora?

Eu não sei de quem Vincent tem mais ciúmes: de mim, da sua irmã ou de nós duas juntas.

Mas é aquela coisa: você que aguenta, Vincent Hawk.

— Ciúmes nunca fez seu tipo, amor — Gia diz beijando a bochecha de Vince, que revira os olhos, mas ri com sua irmã.

— Qualquer coisa que precisarem, podem me ligar — Vincent diz e nós acenamos positivamente, concordando com o que ele pede.

Deposito um beijo de leve em seus lábios e ele me segura por um segundo, beijando a minha testa e me fazendo encará-lo mesmo ainda no meio do abraço de Gia.

— Eu te amo — resmunga fazendo as minhas bochechas esquentarem tanto quanto o meu coração.

— Eu te amo mais — replico e Gia quase arrebenta nossos tímpanos em um grito de que somos “muito fofos!!!”.

Eu e ela saímos abraçadas e rindo, enquanto Vince fica apenas nos observando encostado na porta do nosso apartamento. Dou-lhe um aceno final antes de entrarmos no elevador e o seu sorriso vem antes que eu desapareça ali dentro com Gia.

O caminho até a cafeteria é calmo e silencioso. Não falamos quase nada, apenas observamos o movimento nas ruas enquanto Gia nos dirige até o local, o que não demora a acontecer. Senti falta desses momentos com ela, é mais do que verdade admitir isso. Por muito tempo, quando não era próxima de ninguém e ninguém conseguia de fato me compreender, Georgia sempre foi a minha companhia mais acalentadora, meu descanso em forma de gente. Ela continua sendo, mas eu tenho tantas outras pessoas agora que não lhe sobrecarrego como antes, mesmo que eu saiba que nunca fui um peso em sua vida.

Já dentro do estabelecimento, encosto na minha cadeira, tão confortável e em paz como nunca estive. Fecho os olhos, sentindo o cheiro agradável de café e escutando as conversas contidas das outras pessoas ao nosso redor, cada uma delas preocupadas com a sua própria vida. Abro os meus olhos, achando Gia já me encarando com o seu sorriso doce e eu não consigo evitar e acabo sorrindo de volta para ela. Tem silêncio que fala mais do que qualquer centena de palavras.

— Finalmente um momento a sós — anuncia empurrando um cardápio para mim e folheando o outro.

— Senti a sua falta também — afirmo porque é exatamente isso que Gia quis dizer.

— Me conta *tu-do* — pede e nos encaramos. Solto uma risada envergonhada. Sabia claramente que Gia esperou ansiosa por esse momento e eu não tenho nenhum problema em compartilhá-lo com ela, só fico um pouco sem jeito. — Como foi a sua viagem?

Suspiro, piscando e por um momento sendo levada de volta aos meus dias com Vincent na Califórnia. Ainda parece tudo um sonho para mim.

— A melhor viagem de toda a minha vida e não é porque eu nunca fiz

nenhuma outra. Vincent tinha um objetivo de nos desligar dos problemas e ele definitivamente conseguiu. Foi tudo perfeito, cada dia, cada momento. — Seguro o ar em meus pulmões e solto juntamente com um sorriso. — Seu irmão foi perfeito comigo...

Os olhos de Gia brilham e ela sorri de volta.

— Eu sabia que Vincent ainda me daria muito orgulho.

Rimos juntas e eu balanço a cabeça positivamente.

— Me abri completamente com ele sobre todo o meu passado e ele teve a reação que sempre sonhei que teria. Faz até o meu coração bater mais rápido de felicidade só de lembrar — sussurro, sentindo um nó na garganta, mas não de um modo ruim; pelo contrário, me sinto extremamente emocionada em falar sobre isso com Georgia. — Meu medo foi válido, mas se eu soubesse que ele nunca mudaria comigo, teria falado sobre tudo bem antes. Só que... foi perfeito. Não tem outra palavra que defina o que passamos na Califórnia.

— As coisas acontecem no tempo certo, não é? — Gia sussurra, os olhos lacrimejando e eu concordo com um aceno. — Me sinto tão feliz com isso, com vocês assim tão próximos.

— É a melhor realidade que eu poderia ter. Isso aqui, o que estou vivendo hoje, com você, Ian, meus amigos todos e principalmente com Vincent, é aquela realidade que eu sempre sonhei em ter e... é real.

Georgia e eu continuamos conversando, enquanto conto cada detalhe da minha viagem com Vincent, os lugares que visitamos e ainda mostro a ela as fotos que tiramos que não tive coragem de postar em nenhuma rede social. Nunca fui esse tipo de pessoa e, com um momento especial desses eu me negligenciaria? Aí mesmo que não o faria. Quero guardar todas essas imagens só para nossa família e para serem apenas nossas essas memórias e

de mais ninguém.

Eu e Gia fazemos nosso pedido e logo ele chega. Nós terminamos de comer depois de mais alguns longos minutos. Quando nos levantamos para pagar e ir embora, já colocamos todo o papo em dia e combinamos de marcar um jantar para amanhã.

Estamos caminhando para o seu carro e gargalhando de alguma bobagem que eu digo quando um carro preto sobe a calçada em alta velocidade e praticamente me atropela. Gia ainda consegue me puxar para trás, gritando o meu nome como uma *mamãe-urso* e me pedindo para ter cuidado. Meu corpo congela quando eu vejo dois homens saírem dali de dentro com máscaras, o olhar macabro que eles carregam me fazem tremer, porque é a única coisa real que consigo ver neles.

Os homens avançam em nossa direção e, sem mais delongas, me puxam dos braços de Georgia.

Eu esperneio e ainda tento segurar firme nela, que grita de volta, pedindo por ajuda, mas não conseguimos o que precisamos.

Eu não consigo a ajuda que preciso.

Um segundo eu estou chorando e gritando, no outro só sinto uma pancada na parte de trás da minha cabeça que me faz apagar.

Escuro.

Silencioso.

Como nos velhos dias.

Apenas escuro.

Apenas silêncio.

51

“Não posso fazer isso sozinho.”

“White Blood” — Oh Wonder

Vincent
Pette Hawk

Corro os dedos por meu cabelo, irritado sobre absolutamente tudo nesse dia que passei praticamente “sozinho”. Sim, sozinho, porque se não tenho nem uma palhinha da presença de Aurora, seja física ou mesmo virtual, eu me sinto meio sozinho. Para completar tudo isso, o meu celular parou de funcionar no meio de uma reunião de última hora que Hunter ligou para me avisar que eu teria. Mesmo de longe ele ainda me avisa dos compromissos que tenho e não me deixa perder os mais importantes deles, talvez isso porque simplesmente ainda não nos desacostumamos um do outro. No final de tudo, compareci a reunião que demorou tanto tempo que me fez ficar arrependido de não ter dado apenas uma desculpa e avisado que ainda estou em meu período de “férias”.

O dia inteiro eu senti falta de Aurora.

Amaldiçoei o meu celular mentalmente mais de um milhão de vezes por ter parado de funcionar e me privado de mandar mensagens para a minha namorada. Mas isso finalmente acabou, devo dizer, porque eu saí da reunião cerca de trinta minutos atrás e passei por uma loja para comprar um aparelho novo. Se a loja não estivesse tão abarrotada de gente, teria sido mais rápido, mas parece que hoje é um daqueles dias de lançamentos de novos modelos de celular, então tive que ser paciente para conseguir o meu. Consegui, por fim, depois de tanto, sincronizar tudo de volta e sair daquele lugar. Imediatamente mandei mensagem para Aurora, mas até então não recebi nenhum retorno, o que em parte é um pouco estranho, mas eu empurro isso para longe e continuo o meu percurso para encontrá-la.

Ainda no meu caminho para casa, começo a receber um monte de ligações e notificações de ligações. Parece que hoje o mundo resolveu virar de cabeça para baixo só porque a porcaria do meu celular parou de funcionar. Como já estou relativamente perto, ignoro até chegar no meu apartamento, já

que chequei e nenhuma delas vem de Aurora.

Mas, a confirmação vem.

Está tudo estranho, de fato, do jeito que eu senti, e eu confirmo isso quando ao estacionar o meu carro, vejo que Gia está com o carro dela ali na frente, chorando abraçada em Ian e com alguns seguranças ao redor.

Um calafrio perpassa meu corpo.

Minha primeira reação, ao encostar o carro atrás do de Gia, é de ligar para Aurora, já que as minhas mensagens não funcionaram e até agora ela não me respondeu.

E eu faço isso.

Georgia me avista e vem em minha direção, mas eu ainda não quero sair, não até falar com Aurora.

Por que Aurora não está ali com ela?

Será que ela já subiu?

Por que Gia está chorando?

Conto de um até dez, escutando o telefone chamar pelo de Aurora, mas cai na caixa postal. Eu tento mais uma vez e, como da primeira, cai na caixa postal com a sua mensagem de voz para deixar um recado. Sua voz me traz um pouco de paz, mas isso não é nada perto do que eu espero. Preciso da sua resposta. Preciso da sua voz nesse exato momento, não de uma gravação que ela fez em um dia passado.

Não quero deixar um recado.

Georgia bate no vidro do meu carro e eu aperto para abaixar a janela.

— Onde está Aurora? — pergunto, porque é a primeira e única coisa que eu consigo pensar agora.

Meu sangue começa a ferver.

Literalmente.

Isso só pode ser a porra de uma brincadeira.

Antes de alguém abrir a boca, a única coisa que posso dizer é que isso tudo é uma brincadeira. Com certeza. É apenas brincadeira. Quero dizer, como as coisas podem estar tão bem e perfeitamente alinhadas em um momento e num curto espaço de tempo isso tudo mudar como um passe de mágica? Em um estalar de dedos?

Como tudo pode mudar do dia para a noite?

Isso *tem* que ser uma brincadeira.

— Tentamos entrar em contato com você desde cedo — Ian começa a falar, segurando nos ombros da minha irmã, logo atrás dela, como se estivesse confortando-a. — Georgia me ligou histérica dizendo que tinham levado Aurora. É a verdade. Quando elas estavam saindo da cafeteria, um carro preto subiu a calçada e pegou Aurora...

O resto eu praticamente não escuto mais.

Minha respiração acelera e as minhas mãos tremem. Sinto uma mistura angustiante de raiva, medo e pavor. É como se tivessem arrancado o chão debaixo de mim e eu estivesse caindo em um buraco escuro, em queda-livre, porque foi assim que eu vivi todos os dias da minha vida antes de conhecê-la e até mesmo depois de conhecê-la, quando me forcei a simplesmente ir embora e achar algum propósito para mim mesmo.

Eu não consigo acreditar que uma merda dessas está acontecendo agora.

Com meus os punhos cerrados, não evito o simples reflexo de socar o volante do carro, como se por algum acaso esse gesto fosse aliviar alguma

coisa dos turbulentos e confusos pensamentos que aceleram como meu próprio carro de corrida na minha cabeça. Acerto com mais força o punho ali, até sentir a minha pele esticar e os nós nos meus dedos arderem.

Deixo um grunhido escapar por minha boca, encostando a testa no volante e respirando ofegante. Engulo a seco o bolo que se forma em minha garganta e respiro ainda mais fundo, me controlando e tentando abafar a minha vontade de sair por aí matando todo mundo até encontrar Aurora. Que outra vontade eu teria, afinal? Alguém vem e sequestra Aurora e eu vou ter os pensamentos mais sensatos possíveis? *Por. Caralho. Algum.*

— Vocês pediram acesso às câmeras do estabelecimento? — pergunto desencostando a testa do volante e me endireitando no banco, enquanto solto o cinto de segurança.

Eu preciso raciocinar.

Por mais que me sinta perdido e com raiva, eu preciso pensar nela, em trazê-la de volta para mim. Isso é o mais importante no final de tudo. Preciso de Aurora de volta. Agora. Preciso estar em casa novamente e a minha casa só funciona com ela.

— Sim, eu já consegui fazer isso sem precisar da polícia — Ian me atira um olhar sugestivo e eu concordo. — Conseguimos conter a situação para não se espalhar com tanta força e creio que ficará tudo bem quanto a isso, já falei com os seus pais também, porque eles são bem mais influentes, então vamos conseguir calar quem viu alguma coisa. Sobre as imagens, eu já repassei para uns amigos meus, mas se quiser tentar algo...

Claro. É óbvio que sim.

— Eu vou falar com Hunter, ele vai ajudar nisso.

— Certo.

Encaro minha irmã, que está visivelmente abalada com tudo isso. Seus olhos inchados denunciavam que ela chorou muito e levando em consideração que já está anoitecendo e a última vez que vi Aurora foi quando ela deixou nosso apartamento pela manhã, bom... Gia não deve ter parado de chorar. Saio do meu carro e abraço a minha irmã, beijando a sua testa enquanto já chamo pelo número de Hunter, levando o aparelho até o meu ouvido.

“*Vamos, Hunter. Eu preciso de você agora*”, sussurro para mim mesmo, enquanto puxo Georgia comigo e Ian nos segue.

Não quero nenhum *paparazzi* bisbilhotando nossa intimidade assim. Tudo que eu menos preciso é lidar com a mídia em cima de mim e do sequestro de Aurora agora, mesmo que Ian já tenha falado que conseguiu conter a situação e está trabalhando em cima disso.

— Vamos subir — digo a Gia, entregando-lhe a minha chave quando escuto a saudação do meu melhor amigo. — Vão na frente.

Georgia e Ian concordam e seguem para o elevador.

— Vincent — Hunter diz calmo, extremamente calmo, coisa que até pouco tempo era difícil de acontecer. — Tudo bem? Aconteceu algo na reunião?

— Pegaram Aurora. Ela saiu com Gia, eu te disse quando nos falamos sobre a reunião. Elas foram até uma cafeteria e na saída pegaram Aurora. Um carro preto, uns caras... eu não sei direito, ainda é muito para assimilar. — Respiro fundo, tentando controlar os meus impulsos outra vez, porque tudo começa a latejar dentro de mim só de imaginar a situação. — Eu tenho as imagens, Ian conseguiu e já tem alguns de seus homens de confiança trabalhando em cima delas, mas eu preciso da sua ajuda, do seu pessoal... quero dizer, não sei se pode interferir por minha causa, mas eu preciso que me ajude, Hunter. Vocês são os melhores, nem que eu fique devendo um

favor, dinheiro, qualquer coisa. Eu só... Eu preciso... Se eu perder Aurora...

— Você não vai perdê-la. Eu também me importo com Aurora, você não vai ficar devendo nada para ninguém, muito menos para mim — Hunter me interrompe. Eu posso sentir a sua própria raiva, contida e quase imperceptível nas suas palavras, mas ainda sou seu melhor amigo e ainda sei decifrar a forma como ele fala as coisas como mais ninguém. — Preciso das imagens para ter um ponto de partida. Farei meu melhor por aqui e pegarei o primeiro voo para América. Eles não me negariam isso e eu vou fazer isso por vocês, sem pensar duas vezes. Você é meu irmão, Vincent, e Aurora é como uma irmã. Vai ficar tudo bem, eu tentarei levar os melhores comigo.

Um peso sai das minhas costas imediatamente porque eu sei que não poderia ter melhor ajuda. Ninguém é como *eles*. Nesse momento eu não sei se me sinto mal por agradecer mentalmente por Hunter fazer parte disso ou se fico feliz.

— Obrigado, cara. Eu estou esperando você — digo, mas algo vem à cabeça, algo que não poderia ter deixado escapar da primeira vez. — Marie. Eu acho que ela está envolvida em alguma merda dessa. Vou mandar as imagens para o seu e-mail e é bom que já vá atrás das burrices da sua prima. Se ela quer foder com a minha vida e de Aurora, sinto muito por ser sua prima, porque você também é meu irmão, mas eu não vou deixá-la sair de tudo isso sem sofrer. Qualquer um que fizer mal a Aurora, vai pagar, e eu não me importo se é mulher ou homem.

Hunter concorda em um resmungo.

— Eu mesmo cuido dela, pode ficar tranquilo — diz simples. Meu amigo pigarreia e fala uma última vez antes de desligarmos a chamada. — Preciso ver Keela. Faz ela ficar por aí, por favor.

Respiro fundo, me sentindo cansado e extremamente triste por meu

próprio melhor amigo.

— Eu vou dar um jeito, não vai ser tão difícil assim.

Desligo a chamada e corro até o elevador, apertando o botão freneticamente. Preciso enviar as imagens para Hunter o mais rápido possível e, de qualquer forma, conseguir eu mesmo informações que me façam chegar em algum lugar. Encosto no corrimão do elevador, enquanto ele sobe comigo dentro e fecho os olhos. Lembro-me de todos os momentos aqui dentro com Aurora, as vezes que lhe roubei beijos enquanto ela apenas tentava fugir, envergonhada, dizendo que alguém poderia estar nos vendo na câmera. Aperto firme o corrimão, me segurando ali no instante em que me sinto fraco como nunca me senti. É assim que nos sentimentos quando estamos perdendo alguém?

Merda.

Não vou pensar nisso.

Não estou perdendo Aurora. Logo eu vou conseguir trazê-la de volta. Logo.

Assim que entro em meu apartamento e de Aurora, corro até nosso quarto para buscar meu laptop. O seu cheiro ainda está vivo no cômodo e isso me dá um certo desespero. Por mais que eu tente me manter firme, certas coisas, pequenos detalhes, além dos grandes, me quebram em pequenos pedaços irreparáveis. Meus olhos enchem de lágrimas e eu continuo a repetir em minha mente que preciso ser forte por mim nós dois, só que imaginá-la na mão de outras pessoas que desejam lhe fazer o mal faz com que eu me sinta inútil. Se eu ao menos estivesse lá, teria tentado protegê-la, mas eu não estava e esse foi o meu maior erro até hoje.

Eu. Não. Estava. Lá.

“*Me desculpe por isso, Aurora*”, sussurro, deixando involuntariamente uma lágrima solitária escorregar por minha bochecha.

Ligo o computador e Ian entra no quarto com Gia em seu encalço. Ele me passa o *pendrive* que provavelmente contém as imagens e eu abro a primeira delas, dando *play* para que eu também possa ver o que aconteceu.

Eu observo atentamente a tela e logo eu a vejo ali. Seu sorriso, seu corpo pequeno e seu jeito engraçado de andar, tudo em um só. A sua falta é mais pungente agora. Eu a encaro e assisto tudo em câmera lenta. A cada segundo observando Aurora através da tela, é como se estivessem fincando inúmeras facas em meu peito, afiadas e penetrantes, o que dói pra caralho e faz sangrar silenciosamente. Agasalhada com um casaco meu, o que lhe ajudei a escolher, ela continua o seu caminho com Georgia até que um carro sobe a calçada, assim como a minha irmã descreveu, e depois de uma breve e inútil luta corporal com as duas, eles a levam e deixam Georgia para trás, jogada no chão.

Minhas mãos voltam a tremer e a cada segundo que passa, a cada ângulo diferente da mesma cena, eu fico com mais raiva. Raiva por Aurora ter sido sequestrada, raiva por terem machucado também a minha irmã e raiva por isso tudo ter acontecido.

— Se eu matar cada um deles, quantos anos eu provavelmente teria na cadeia? — pergunto, engolindo meu bolo de tristeza e ódio entalado na garganta.

— Você não pode fazer isso. Aurora precisa de nós, agora, durante e depois que tudo isso passar. Foi tudo tão rápido e de repente, nunca poderíamos imaginar algo como isso acontecendo — Gia diz me abraçando forte por trás. Eu sinto minha irmã deitar a cabeça nas minhas costas antes de continuar. — Eu só queria ter feito mais.

Georgia soluça voltando a chorar, agora agarrada em mim.

— Você tentou, Gia. Aurora também tentou. Eles eram maiores e mais fortes, não deu para ter qualquer vantagem sobre a situação — resmungo, ciente de que essa é a verdade e dando *play* uma última vez no vídeo do ângulo mais perto que Ian conseguiu pegar.

O rosto assustado e desesperado de Aurora é meu gatilho.

Eu não suporto ver a forma como ela reage, a forma com o seu rosto se contorce em pânico e como ela tenta se soltar a qualquer custo. Depois de tudo que Aurora passou, esse é o pior tipo de situação que poderia aparecer para ela, para nós, porque sei que de diversas formas podem despertar demônios que nós já estávamos tentando colocar pás de terra em cima e deixá-los enterrados a sete palmos. Mas voltou. Voltou com tudo. Voltou tirando ela do seu lugar de conforto e nos colocando no inferno.

Como eu poderia evitar em não me sentir um completo inútil por não a ter protegido?

Como eu poderia não me sentir mal e desesperado?

Como eu poderia não me sentir perdido?

Ela tem sido a minha casa, o meu refúgio e eu apenas não consigo ver a minha vida sem Aurora ao meu lado. Por tanto tempo ficamos separados e logo agora, que estamos mais juntos do que nunca, a bomba-relógio nos é atirada e sem qualquer motivo aparente. Além de Marie, quem mais teria motivo para fazer isso com a minha Bela?

— Vai ficar tudo bem — Georgia sussurra chamando a minha atenção para si, enquanto ela me aperta em seus braços.

Não vou descansar até trazer Aurora de volta.

Não vou dormir até que ela esteja aqui comigo outra vez, na nossa

cama e em meus braços.

E, bom...

Quem pegou Aurora vai se arrepender de ter feito isso, por cada minuto que ela passar longe da sua família nessa tortura psicológica por seja lá o que for que querem de nós. Se for por dinheiro, eu não me importo em dar cada centavo que tenho em minhas contas para tê-la de volta.

Mas, sim. Quem pegou Aurora vai se arrepender.

Eu vou me certificar disso sem remorso algum, nem que seja eu mesmo a matar cada um deles, começando pelos dois homens que a sequestraram.

Pigarreio e balanço a cabeça positivamente para Georgia.

— Liga para Keela e pede para ela vir aqui — digo para Ian enquanto começo a enviar as imagens para Hunter. — É a melhor amiga de Aurora e merece ficar sabendo sobre o que está acontecendo.

Tudo bem que estou chamando Keela tão rápido assim por causa de Hunter, mas de qualquer forma eu já iria fazer isso. De fato, ela merece saber o que está acontecendo. Aposto que Keela já deve ter ligado para Aurora uma dezena de vezes hoje, mas teve a mesma resposta que eu: nada.

— Farei isso — Ian concorda.

Aperto em enviar e digito rapidamente uma mensagem para Hunter.

Só essa semana ele já trocou de número umas cinco vezes. Espero que não tenha trocado agora, porque não temos tempo para desentendimentos.

Fecho o laptop e o empurro para o lado. Me viro para Georgia com cuidado, já que ela ainda está abraçada em mim e eu seguro o seu rosto.

— Hunter está vindo nos ajudar e vai ficar tudo bem, ok? — Ela acena positivamente. — Aurora vai voltar para nós, Gia. Vai ficar tudo bem, do

jeito que você mesma disse. Vai ficar tudo bem com ela e com cada um de nós. Se precisamos passar por isso para pôr um ponto final nas situações ameaçadoras em nossas vidas, vamos fazer com que aconteça e saíamos todos bem.

— *Vai ficar tudo bem.*

Beijo a sua testa e permanecemos abraçados por longos segundos.

Minha mente não descansa.

Eu sinto um vazio estúpido dentro de mim e, sinceramente, não tem outra explicação. É praticamente ridículo, mas eu sei que isso acontece quando nos apaixonamos por alguém, quando nós amamos alguém de verdade. Perder não é uma opção. Perde Aurora nunca vai ser uma opção na minha vida. Não tem como perder a mulher da minha vida, a mulher com quem eu quero casar e ter filhos. Ninguém vai perder ninguém, além deles.

Cada um que se envolveu nessa sujeira vai pagar e eu não digo que vai pagar por causa da minha própria dor, do que eu estou sentindo, mas por causa da dor de Aurora e eu vou repetir isso a cada segundo para que eu não esqueça do que eles merecem. Para que quando eu estiver lá, eu possa me encarregar pessoalmente de fazer com que eles sofram tanto quanto cada um de nós, mas principalmente, tanto quanto Aurora. Posso me controlar agora, mas quando eu colocar a mão em cada filho da puta que pegou a minha Bela, eles desejarão não ter nascido nem para contar história.

E essa é a *minha* palavra.

52

“Não posso fazer isso sozinho.”

“Better” — Khalid

Aurora
Lyon Collins

A sensação de luz no meu rosto me faz tentar abrir os olhos.

Eu tento, mas é quase impossível. Consigo observar o ambiente por uma fresta em meus olhos. Sinto meu corpo pesado, além de que absolutamente tudo dói em mim.

— Ela está acordando.

Minha cabeça está confusa e no instante que tento lembrar de alguma coisa, sinto algo perfurar a minha pele. Meus batimentos cardíacos aceleram e a minha respiração fica difícil.

Essa é a sensação de estar morrendo?

No instante seguinte, tudo escurece.

Escuro.

Apenas escuro.

53

“Não posso fazer isso sozinho.”

“White Blood” — Oh Wonder

Vincent
Pette Hawk

Esfrego as minhas pálpebras com uma mão, enquanto desligo a chamada de celular e o coloco na mesa de centro, pegando ali minha caneca de café para tomar um gole. Observo Keela, andando de lá pra cá, mostrando estar tão inquieta quanto eu ou qualquer outro na sala do meu apartamento. Estava falando com os meus pais, que realmente disseram que ajudariam no que conseguissem, assim como Ian falou “mais cedo”. Estou puto com eles por muitas coisas que nem mesmo Georgia está sabendo, e, sinceramente, quanto menos ela souber, melhor. Então, ainda sobre isso, os meus pais provavelmente se mostraram tão solícitos por conta desse pequeno detalhe, como sempre querendo abafar toda merda feita por eles mesmos, mas que dessa vez nem tem a ver apenas conosco.

Desde que Hunter falou comigo pela última vez, há mais de dez horas, fiquei ainda mais inquieto do que já estava. Eu definitivamente odeio depender das pessoas, mas por outro lado, que merda eu faria sem o meu melhor amigo? Continuo a repetir que ele é o único que pode me ajudar agora. Keela se senta ao meu lado e pigarreja. Seu rosto está inchado, do tanto que ela já chorou, e os seus olhos e nariz bem avermelhados.

— A gente precisa fazer alguma coisa — ela diz, entrelaçando seus dedos da mão, agitada.

— Eu já pedi ajuda a cada um que podia, só estamos querendo informações para agir a partir de agora. Acredite, está tão ruim para mim, quanto para você. Eu só... — Respiro fundo. Me sinto mal demonstrando fraqueza ou admitindo qualquer sentimento ruim nesse momento. Não quero energia negativa nisso. Quero Aurora de volta, sã e salva, nada mais, nada menos do que isso. — Eu só a quero de volta para mim.

— Eu também — Keela sussurra, com a voz embargada mais uma vez

entre tantas outras só durante a noite e madrugada que já passamos aqui.

— Chamei Hunter — aviso, porque de qualquer forma, não quero que Keela seja pega de surpresa. Se ela quiser ficar aqui vai ser sua escolha, mesmo que eu tenha dito a Hunter que daria um “jeito” nisso. — Ele está vindo ajudar e daqui a bem pouco deve chegar em Pittsburgh.

— Por que o chamou? — pergunta enquanto a sua postura visivelmente muda, como se estivesse prestes a pular em cima de mim para me estrangular.

Hunter é um imbecil por não tentar resolver as coisas com Keela?

Sim.

Eu o julgo?

Não.

Ele é um imbecil, mas está fazendo o que acha certo para proteger a própria Keela de seus negócios. Eu também fui um imbecil quando me afastei de Aurora abruptamente, então não tem como eu ter qualquer local de fala no que Hunter está fazendo. É o que ele acha ser o melhor, mas se de fato isso é o melhor, só o tempo vai dizer.

— Ele é a melhor pessoa que poderia ter para ajudar com tudo isso.

Keela ri, revirando os olhos em seguida.

— O seu secretariorzinho meio louco da cabeça e infantil é o melhor para isso? Para ajudar Aurora da porra de um sequestro? Você provavelmente deve ser bem mais louco que ele, Vincent, colocando toda a sua fé em Hunter.

Bufo, um tanto irritado, mas eu não preciso brigar com ninguém agora, principalmente se for com Keela. Sua fala só mostra que Hunter não chegou nem mesmo perto de contar um “a” para ela. Nem mesmo para mim ele queria contar, eu fiquei sabendo porque os meus pais estavam envolvidos

nisso e resolveram por alguma obra divina do destino, me contar. Talvez para me proteger? Vai saber. Não é como se eu me interessasse de fato. Eles nunca demonstraram querer me proteger de modo algum, senão para atender seus próprios desejos ou negócios.

— Você tem todo o mundo para descontar a sua raiva nele depois, mas agora não. Hunter não é mais meu secretáriozinho. Muitas coisas mudaram em pouco tempo e eu sei que se não fossem por elas, ele estaria com você desde que voltou para cá comigo. Tem coisas que você só vai entender quando elas forem faladas, mas a única coisa que posso te dizer é que nada disso é escolha dele. Nada. E isso não é para fazê-lo parecer melhor, é só a verdade.

Seu cenho franzido mostra que ela não entende nada e eu até entendo, porque se não me tivesse me contado, eu também não entenderia, tampouco acreditaria.

Mas, é aquela coisa: tem situações que a gente só acredita vendo ou acontecendo.

— Se nada é escolha dele, Vincent, ele já escolheu algo — Keela sussurra.

Ela se levanta e caminha até a sacada, se encostando ali no parapeito e olhando para a madrugada escura e fria. Eu não vou atrás. Não tenho nada para falar além de tudo que eu já disse, o resto é problema de Hunter. Na hora certa ele vai saber lidar com Keela, se é que essa hora certa vai chegar para eles dois.

Meu celular toca e eu o apanho imediatamente.

É uma chamada de vídeo.

Uma chamada de Aurora.

Aurora.

Meu sangue esfria da pior forma possível quase que de modo imediato.

— É Aurora! — exclamo e todo mundo corre até mim.

Eu atendo a chamada e em dois segundos ela conecta completamente. Minhas mãos começam a tremer e eu nunca, nunca, nunca em toda minha vida tremi *desse* jeito. O medo toma conta do meu corpo inteiro, principalmente pela expectativa do que eu possa chegar a ver a partir de agora.

— Aurora? — minha irmã é a única que tem coragem de falar alguma coisa.

Está tudo escuro na imagem, tudo absolutamente preto, não conseguimos ver nada dessa forma, mas como se tivessem lido a minha mente, a luz do local é ligada. Não demoro nem um pouco para localizá-la, o que é ainda mais desesperador. Eles colocam a minha Aurora no plano de imagem e os meus piores pesadelos se tornam realidade em questão de segundos.

Seguro a respiração ao observar Aurora ali.

Ela está amarrada pelos pulsos por uma corrente que vem do teto, embutida não sei como. Seu corpo está com roupas completamente diferentes do que quando ela saiu de casa. Me assombra vê-la dessa forma, eu não vou mentir, sinto como se estivesse vendo a menina que meu primo atropelou anos atrás e que a resgatei do jeito que deveria ter sido feito. Eu sou feliz por esse dia, mas Aurora não estava em um bom lugar, mentalmente falando, naquela época, e isso é o que mais me preocupa. A semelhança entre as épocas é assustadora e o meu sentido me diz que só pode ser alguém de lá que armou isso tudo, com ou sem a ajuda de Marie. Não sei, talvez ela acabe nem estando envolvida nisso tudo, mas... É alguém de lá. Ninguém vai me

dizer o contrário.

As roupas são imundas, o seu cabelo está bagunçado e sua pele levemente suja. A pessoa com o celular na mão passeia por Aurora e nós não conseguimos fazer nada, falar nada. É como se eu não estivesse respirando durante todo esse tempo. Meu coração aperta e todo aquele sentimento ruim que eu estava tentando evitar, me acerta em cheio.

— *Aurora* — sussurro, enquanto aperto o aparelho na minha mão.

— Vem aqui!

Uma voz desconhecida começa a falar, parecendo chamar outra pessoa e eu aperto ainda mais o celular nas minhas mãos.

— Por favor, soltem a nossa menina!!! — minha irmã grita ao meu lado, desesperada.

Um cara todo vestido de preto e ainda com uma máscara para dificultar, puxa a cabeça de Aurora para cima, segurando o seu cabelo com força. É o mesmo que a sequestrou e disso eu não tenho dúvidas

— Você vai se arrepender de como está tocando na porra da minha namorada, seu filho da puta! — É a minha vez de explodir.

Não consigo suportar a porra da ideia de alguém tocando em Aurora, machucando, lhe causando mal. É por isso que eu estava tentando me manter calmo e com os pés no chão, ou eu ficaria como agora: louco pra caralho.

Ele começa a dar tapas no rosto de Aurora, enquanto tranco os dentes de raiva. Meu coração está acelerado como se eu estivesse em uma corrida até o precipício, coisa que nunca fiz, mas isso daqui é como se fosse uma, eu tenho certeza. O precipício até eu pirar e ir matar alguém com as minhas próprias mãos.

Os olhos de Aurora abrem, cheios de confusão.

Seu olhar é perdido, opaco, como se não estivesse nenhuma vida ali dentro e isso me machuca por ela mesma.

— Coloque nela. — O homem volta a comandar.

Assisto o cara de preto soltar o cabelo de Aurora, que começa a balbuciar algumas palavras, mas não é nada concreto. Ele aparece com uma seringa e enfia em uma das veias a mostra do braço da minha Bela. Ela começa a urrar, seus olhos se arregalam e pela primeira vez eu a vejo inquieta. Aurora está cheia de furos pelo braço e o medo continua a me espantar e me colocar para baixo mais uma vez.

— O que está fazendo com ela?! Pare com isso, seu infeliz! — Keela grita.

— Solta a minha filha, porra! — Ian continua, enquanto Gia chora compulsivamente ao meu lado.

Aurora agoniza, como se tivesse sido acordada no susto. Sua respiração é audível até para nós, que estamos atrás da tela. Isso demora por cerca de um minuto inteiro. Seu jeito ofegante, ativo, ligado, sufocado. Isso foi tempo suficiente para cada um de nós gritarmos com a porra do aparelho, pedindo para nos devolverem Aurora. Estão dopando-a e isso não é uma pergunta. Ver com os próprios olhos é ainda pior do que ficar imaginando, sem mais informações do que pode estar acontecendo.

Ver Aurora dessa forma é... dilacerante.

— Venham buscá-la.

Dito isso, o homem nos mostra um endereço em uma folha de papel, que fica gravado em minha memória e desliga, entre o pranto de Georgia e Keela e meu desespero e de Ian, que se apressa para anotar o que viu. Levanto do sofá, arremessando o meu celular na parede da sala. O aparelho

se espatifa em pedaços e nada, absolutamente nada, é ouvido na sala além da minha respiração ofegante e dos soluços de Keela e Gia misturados em um só.

Cerro os punhos, sentindo cada pedaço da minha pele queimar.

— Vamos buscar Aurora — digo apanhando as minhas chaves do carro.

— Senhor, não é melhor esperar Hunter chegar? — Mark se mete na minha frente, enquanto os outros seguranças, que estão um pouco mais afastados, nos encaram.

— Você não viu, mas estão sedando, drogando e apagando a minha namorada. Eu não vou esperar a porra do meu melhor amigo chegar para ir buscar Aurora.

Ele acena positivamente, mas não sai da minha frente.

— Mas isso ainda pode ser uma armadilha.

— Vocês vêm ou eu vou sozinho? Não me importo com o que seja, armadilha ou não, eu vou buscá-la.

— Nós vamos, é claro — Ian afirma indo até o meu celular, ou o resto dele. — Mas antes precisamos do seu chip, ou Hunter não vai conseguir falar com a gente.

Ele está certo.

Eu esqueci desse detalhe.

Tem como lembrar de algo quando vê sua mulher amarrada e sendo drogada? Agonizando? Tem? Não.

Ian pega o resto do meu celular e começa a tentar tirar o chip de dentro do que ainda resta ali. Em um segundo estou pegando meu casaco de cima da

mesa de centro para sair e no outro Hunter está entrando pela porta da frente com seis homens estranhos para mim. Nunca os vi na minha vida e essa ocasião talvez seja também a primeira e última vez que irei vê-los.

Posso escutar o choro de Keela vir mais forte no mesmo momento em que ela o localiza ali, mas ela não fica. Keela se apressa pelo corredor adentro e Gia vai atrás dela, provavelmente procurando algum quarto para se esconder. Volto a minha atenção para Hunter, que faz o mesmo, me encarando firmemente. Me aproximo dele e lhe dou um abraço muito breve.

— Porra, você chegou — resmungo confuso, com a voz meio arranhada depois de toda merda que acabamos de ver no meu celular.

— Tentei ser o mais rápido possível, mas você sabe, não consigo comandar aviões. Ainda.

Concordo, respirando fundo.

— Eles acabaram de ligar por chamada de vídeo com o número de Aurora. Nos passaram um endereço para irmos buscá-la e...

— Qual o número dela?

Respondo, imediatamente com o único número que sei gravado na minha cabeça. Nem mesmo o meu eu sei ao certo.

— Niklaus, rastreia o número para nós e veja se bate com o endereço.
— Hunter pede, virando-se novamente para mim. — Qual é o endereço?

Volto a falar, dizendo-lhe o endereço que acabei de ler no papel imundo.

— Farei isso — Niklaus responde, o sotaque alemão pesa mesmo nessas duas palavras em sua tentativa de falar a nossa língua.

— Milo, Emmerich e Drexel, vocês vêm com a gente. Saxon e Oskar fiquem aqui com Niklaus enquanto ele trabalha, mas principalmente de olho

nas duas moças que entraram para os quartos. Ninguém sai e ninguém entra em hipótese alguma, só depois que voltarmos.

Os homens concordam com o que Hunter comanda e nós saímos.

Eu e meu melhor amigo vamos na frente, em silêncio, porque eu não consigo nem mesmo raciocinar direito, só pensar em Aurora e no que estamos prestes a ir de encontro.

— Vai ficar tudo bem, Vince — Hunter diz do nada, enquanto chama o elevador.

— Vai ficar tudo bem, mas quando pegarmos eles, vou fazer as honras, depois você se livra do resto — retruco e ele me encara arqueando a sobrancelha.

— Tem certeza disso? Mikhail me deixou trazê-los justamente para isso.

— Certeza absoluta. O resto vocês podem fazer o que quiserem, até dar para os peixes comerem no mar.

— Aurora não vai gostar de saber que vai sujar as suas mãos de sangue.

Entramos no elevador com Ian, Mark e os caras de Hunter.

— Keela não vai gostar de saber que não só suas mãos, mas o seu corpo todo, estão banhados de sangue. Se guardar o meu segredo, eu guardo o seu.

Ele bufa, porque eu toquei onde dói, da mesma forma que ele fez comigo.

— Isso não é hora — Ian nos interrompe.

— Fechado — Hunter resmunga para mim.

Eu sabia que ele concordaria de qualquer forma.

54

“Não posso fazer isso sozinho.”

“White Blood” — Oh Wonder

Vincent
Pette Hawk

Eu e Hunter, assim que saímos pelo lobby do prédio com todos os seguranças atrás de nós, decidimos ir sozinhos no meu carro até o nosso destino. Lhe entreguei a chave, já que ele insistiu para dirigir, e nós demos partida assim que os seus três caras foram na frente com Mark. Hunter segue o carro atentamente e eu quase o agradeço por ter tomado meu lugar atrás do volante, creio que não estou com a cabeça nem um pouco boa para enfrentar um carro uma hora dessas. Capaz de eu bater e a merda ser ainda maior.

Coloco o *GPS* no celular de Hunter com o endereço e uso o suporte no meio para deixar que ele se guie sem precisar ir atrás dos outros. O dia começa a surgir, mas eu apenas sei disso por conta do horário, porque o tempo de Pittsburgh não colabora em nada: é frio e escuro, como sempre. Meus pensamentos não saem de Aurora e eu só consigo pensar em como ela deve estar congelando nesse frio do caralho.

Cerro os punhos, irritado com isso tudo.

— Não vai adiantar socar mais nada, Vincent. Vamos conseguir trazer Aurora de volta — Hunter interrompe os meus pensamentos e eu bufo.

— Como sabe que andei socando alguma coisa? — retruco.

— Os nós dos seus dedos estão avermelhados, não é difícil notar isso.

Ele está certo.

O difícil é controlar a minha raiva de algo assim estar estourando nas nossas vidas a mais b.

— Como ela está? — Hunter continua perguntando sobre Keela, é claro.

— Você viu melhor do que eu quando chegou. Não muito bem,

principalmente na sua presença. — Quando as palavras escapam, eu me arrependo um pouquinho. Sei que Hunter sofre com toda situação com Keela, porque ele obviamente adora a garota, para dizer o mínimo. Eu fui um idiota em dizer isso, mas também só disse a verdade. — Mas isso pode mudar, é claro. Se ficar por aqui, tenho certeza que ela vai acabar entendendo.

Observo o meu melhor amigo travar o maxilar, enquanto aperta o volante com força e pisa mais fundo.

— *Impossível.*

Eu também sei disso.

— Keela está...

— Eu sei como ela está — Hunter me interrompe, soando mais chato do que antes. — Eu sei que devo uma explicação para ela, mas eu e você sabemos que é complicado, principalmente agora, com tanto acontecendo na minha vida e um monte de armas apontadas para a minha cabeça. Você acha que eu queria toda essa merda? Era a minha irmã ou eu... e... como eu poderia dar a minha irmã assim para *eles*? Meus pais foderam com tudo e sempre estive debaixo do meu olhar, com todos aqueles ensinamentos que nunca fizeram sentido na minha cabeça...

— Que ensinamentos? — pergunto.

— Pra quê diabos eu precisaria falar russo, Vincent? — Ele me encara quando o sinal fecha na nossa frente. Os pais de Hunter se superaram, ainda mais que os meus se posso me arriscar a dizer. — Fui ingênuo ao imaginar e acreditar que a nossa família era normal. Nenhuma pessoa da alta sociedade é normal, só que o que mais me deixa louco é de terem metido a minha irmã nessa merda toda, me chantageando e me fazendo aceitar cada coisa que me é dita. Lizzie é só uma criança e eu não me perdoaria se deixasse que eles a

levassem para viver uma vida de horror.

Eu consigo entender o meu melhor amigo.

Moveria céus e terra por Georgia, nunca aceitaria que ela tivesse menos do que uma vida segura e digna para viver.

— Mas é seguro você vir para cá? Assim, sem mais nem menos?

— De certa forma, sim. Mesmo que eu tenha dupla nacionalidade, nunca fui muito para lá. Meus avós moram lá e recentemente eu descobri que toda minha família faz parte dessa merda. Por isso em casa, quando não tinha ninguém, era sempre a mesma coisa: eles falando em russo comigo e com Lizzie ainda bebê.

— Então no futuro você poderia ir e...

Minha cabeça consegue conectar tudo.

E então eu me pego pensando: como os meus pais puderam se meter com essas pessoas, sendo que tinham a mim e a Georgia? Eles nunca pensaram no perigo nisso tudo? Egoístas do caralho, como sempre.

— É, e o futuro chegou — Hunter sussurra.

Esse não se parece nada com o meu melhor amigo sorridente, piadista e que sempre me tirava do sério até pouquíssimo tempo atrás. Hunter mudou muito em questão de tão pouco tempo, o que me deixa preocupado pra caralho. Tento não me meter em seus assuntos, mas quando eu estava na merda, ele foi meu braço direito até sair dela.

Como não me preocupar com ele?

— Uma hora isso tudo vai passar — digo não tão seguro das minhas próprias palavras, mas é o mínimo que posso tentar fazer: lhe apoiar.

— Espero que não seja tarde quando essa hora chegar.

Nós concordamos, enquanto Hunter continua o caminho, agora mais rápido do que antes. Nesse segundo minha mente volta para Aurora e para tudo que eu vi minutos atrás. *"Deus, se é que realmente exista um, proteja a minha mulher, por favor"*, penso fechando os meus olhos e tentando mentalizar essa frase como um mantra.

Nunca fui religioso, sempre acreditei que as coisas acontecem porque simplesmente têm que acontecer. Mas porra, isso realmente *tem* que acontecer? Aurora já não teve o suficiente? Nós já não tivemos o suficiente? Certas coisas não entram na minha cabeça e essa definitivamente é uma delas. Isso não aconteceu porque tinha que acontecer. Quem fez isso acontecer vai pagar cada segundo com seu próprio sangue. É claro que esse não é o mais indicado a ser feito, afinal, olho por olho e dente por dente nunca foi a melhor saída, mas dessa vez não procuro pela melhor saída. Procuro pela pior, pela que não vai me dar remorso nenhum se eu puder arrancar os dedos de cada um que tocou em Aurora e lhe fez mal outra vez.

Se eles fizeram e estão fazendo mal a ela, por que eu não posso fazer a eles?

— Você sabe usar uma arma? — Hunter questiona e eu balanço a cabeça negativamente. — Deveria saber — afirma puxando uma pistola do cós da sua calça.

Ele esteve o tempo todo com usa arma?

Mas que porra...?

— Essa é uma Glock 18C. — Hunter me entrega a arma, puxando o que vejo ser dois carregadores longos cheios de cartuchos, também me entregando os mesmos. — Aqui você destrava e aqui você trava. — Continua

explicando cada detalhe enquanto dirige. Testo o que ele me diz, travando e destravando. — Essa aqui é uma chave seletora. — Aponta e eu concordo, vendo aquela pequena peça. — Quando empurrá-la para cima, vai disparar de forma intermitente, com pausas e conforme você aperta no gatilho. Quando empurrá-la para baixo, será automático, rajadas como se fosse uma metralhadora, só que sabemos que não é uma. Espero que tenha senso para usar o que for preciso na hora certa. Me devolva apenas quando isso tudo passar. Esses dois carregadores devem ser suficientes para ocasião... Entendeu?

Concordo mais uma vez com um breve aceno.

Hunter estaciona o carro e eu mal percebo que chegamos, pois estava preocupado demais com o funcionamento da pistola que me foi dada. Eu repasso mais uma vez o que ele disse, até que o próprio toma ela de mim.

— Assim — diz simples.

Assisto Hunter travar e destravar a arma, subir e abaixar a tal chave seletora e tirar e colocar os carregadores. Gravo cada detalhe em minha cabeça e o observo, um tanto abismado. Eu não fazia a mínima ideia de que alguém poderia aprender isso em tão pouco tempo.

— Te ensinaram isso, foi?

— Tem algumas coisas sobre mim que você não sabe — afirma e eu arqueio a sobancelha. — Meu pai sempre teve armas em casa e toda essa merda. Cresci aprendendo como usar uma, ainda que eu nunca tenha usado uma até recentemente. Andei aperfeiçoando e treinando o uso de armas, então... melhorei. Ensinaamentos, certo?

Dou uma risada, balançando a cabeça negativamente.

— Meu melhor amigo não está presente, então eu não vou me pronunciar.

Hunter ri comigo, sem graça.

É a primeira vez que lhe vejo sorrir há algum tempo.

— Vamos pegar Aurorinha logo — diz e eu aceno positivamente.

Aurorinha...

Saímos do carro na frente de um galpão visivelmente abandonado e, enquanto travo a arma e enfio a mesma com os carregadores no cós da minha calça, observo cada pedaço dali de forma rápida, apenas para varrer o máximo de informação possível para dentro da minha cabeça.

Os homens de Hunter se aproximam com Mark, que é o único, além de Hunter, que eu conheço e que tem minha plena confiança.

— Nós vamos entrando e vocês nos acompanham.

Concordamos.

Guiando-nos pelo caminho, seguimos atrás deles, tentando não fazer muito alarde ao entramos no galpão. Nesse momento o sol está tentando aparecer um pouco, diferente de minutos atrás, mas com tudo nublado e cheio de neblina é praticamente impossível perceber. Notei porque uma pequena fresta entre a neblina e as nuvens acertou direto o meu olhar com um sol frio e praticamente inexistente. Isso é para me mostrar o quê? A luz no fim do túnel?

Engulo a seco, puxando a pistola do cós da minha calça e destravando.

Eu mentiria se dissesse que as minhas mãos não estão tremendo nem um pouco, porque elas estão e eu sei que, além do nervosismo inevitável, isso

se deve a ansiedade de encontrar Aurora e protegê-la em meus braços. Os meus passos tornam-se maiores, enquanto respiro fundo para controlar os meus impulsos.

Entramos no galpão e eu não consigo localizar absolutamente nada.

Aurora está onde?

Não é aqui que eles nos mandaram vir?

— Está certo o endereço, não? — Mark pergunta.

— Sim. É aqui o local.

— Então vamos nos dividir e procurar por ela.

Não vai ser fácil assim, eu tenho o súbito pressentimento disso.

Eu, Hunter e o tal Milo vamos pela esquerda e Mark com os outros dois vão pela direita. Não consigo desgrudar os olhos de cada detalhe do local velho, sujo, úmido e muito frio, principalmente por conta da época que é. Não consigo abafar a raiva em mim por saber que Aurora está aqui, em algum canto desse galpão. O que também não consigo abafar, é todo o desespero latente que sobe por minha cabeça ao notar cada vez mais que ela está apenas refém de tudo isso, de uma situação que ninguém ainda teve capacidade de explicar por que está acontecendo.

Os minutos passam e nossa busca é praticamente inútil até que escutamos alguns gritos abafados. Hunter me encara no exato momento e eu tenho a confirmação de que isso não é coisa da minha cabeça.

— Somos burros do caralho — Milo rasga, pisando forte no chão e nos fazendo ouvir o barulho meio estranho debaixo de um tapete grosso e molhado.

Hunter ri, desacreditado.

— Definitivamente somos.

— Emmerich, Drexel! — Milo grunhe chamando os outros dois.

Começo a puxar o tapete de cima e o arremesso para longe, vendo ali o que estávamos a procura desde o começo. Com todo mundo ao redor, escutamos ainda mais avidamente os gritos de socorro e meu coração acaba desacelerando porque eu sei que essa voz não é de Aurora, mas sim de Marie.

— Sai de perto da passagem, Marie — Hunter comanda, porque ele também a reconheceu e espera dez segundos até atirar no cadeado e abrir sutilmente o porão.

Marie tenta sair correndo, mas Milo não deixa, empurrando-a para dentro e todos nós descemos juntos. Foi aqui que estavam mantendo Aurora, eu tenho certeza. Suas roupas de hoje cedo estão jogadas do lado e eu não demoro para apanhar cada uma delas e abraçar como se a minha vida dependesse disso. Sei que a minha atitude chega até mesmo a ser um pouco infantil, mas se isso vai me deixar mais próximo dela, eu abraçarei a roupa o quanto puder.

— Vamos sair daqui! — Marie exclama, histérica.

— Aquilo ali é uma garota? — Emmerich pergunta e eu quase não entendo o que ele diz. Seu sotaque é ainda mais forte. — Definitivamente é.

Viramos para trás e vemos uma cabeleira escura ali, enrolada num pano grosso.

Aurora?

Me aproximo, com meu coração voltando a bater mais forte e pego ela no meu colo.

— Me ajuda — sussurra.

Mais uma vez...

Não é ela.

Observo os olhos da garota, avermelhados e suspiro.

— Vai ficar tudo bem — digo, tentando levantá-la comigo, mas descubro que ela está presa em um cano grosso da encanação. Seu pé direito tem uma espécie de "algema" presa, mas ela é bem mais grossa do que as normais. A corrente também é grossa e dá muitas voltas no cano. — Quem vai atirar dessa vez? — pergunto para eles.

Eu certamente não.

— Deixem-na aí e vamos embora — Marie insiste e eu a encaro.

— Se você não quisesse estar aqui, nem teria se metido em toda essa merda, para começo de conversa. Então nos poupe da sua voz, Marie, vamos levá-la conosco e você não sai até que saíamos todos.

— Nós vamos todos morrer aqui embaixo, então.

— Que porra está dizendo? — Milo pergunta.

Ela se apressa para se soltar dele e pega uma caixinha nas mãos.

Vinte...

Dezenove...

Putá merda.

— Vamos embora — Drexel comanda, se aproximando de mim e sacando a sua pistola. Ele começa a atirar copiosamente para desprender a corrente do pé da garota e é claro que acerta a encanação, que estoura e

começa a deixar a água escapar com rapidez para dentro do porão. — Vão embora, porra! — exclama irritado.

Eu não irritaria um cara como ele.

Todos começam a sair.

Dez...

Nove...

Drexel consegue soltar a menina e a pega dos meus braços.

Eu saio correndo na frente e subo, puxando a garota e assistindo Drexel, que sai e fecha o porão no instante que o primeiro estrondo vem, fazendo a porta de metal sacar para cima. Corremos o mais rápido que conseguimos.

Se estava me faltando adrenalina desde o instante em que percebi que Aurora não estava mais aqui, ela simplesmente voltou com tudo.

O galpão inteiro começa a ceder e eu amaldiçoo, esbravejando como um idiota, enquanto não paro de correr nem por um segundo.

Eu realmente vim aqui para morrer?

Outras explosões vêm, como se tudo tivesse programado para nos matar, ou melhor, me matar. A última explosão é tão forte, que nos empurra para frente como se um trem tivesse nos acertado. Essa é a sensação que tenho ao ser arremessado com a garota ainda em meus braços.

Depois disso, apago completamente, mas não antes de pensar nela: *Aurora*.

55

“Não posso fazer isso sozinho.”

“White Blood” — Oh Wonder

Vincent
Pette Hawk

— *Vincent?*

Ah, merda...

Que dor de cabeça do caralho!

— Ai, Vincent, finalmente! — É Gia. Abro os olhos com um pouco de dificuldade, achando-a ali, me encarando apreensiva como uma verdadeira mamãe-urso, o que já é comum quando falamos de Georgia. — Como você me dá um susto desses? Inferno!

Ela está brava?

Como diabos eu poderia saber que teriam explosões envolvidas na minha saída com Hunter e os outros para tentarmos achar Aurora no endereço que nos foi dado? Se eu soubesse que de fato seria apenas uma armadilha... bom... quer saber? Eu teria ido da mesma forma. Eu teria ido atrás de Aurora com a única pista que tinha, mesmo se já soubesse de antemão que teria uma explosão armada ali para foder comigo.

É. A. Mulher. Que. Eu. Amo.

Como eu poderia não ir?

Cada pista é uma possibilidade e cada possibilidade me oferece esperanças. Isso é mais do que suficiente para justificar que eu não deixarei absolutamente nada passar e vou revirar até mesmo o inferno para achá-la e trazê-la de volta para todos nós.

— Não tenho uma bola de cristal para saber o que estava lá, Gia. Sinto muito.

Sento-me no que eu reconheço como sofá da minha casa e me encosto ali, sentindo todas as dores do mundo me acertarem de uma vez só.

Queria que *ela* estivesse aqui comigo.

Essa frustração está me deixando louco.

Eu só preciso *dela*.

— Eu fiquei preocupada e com medo — sussurra, me fazendo fitá-la.

Solto o ar com força, cansado.

— Vem aqui — chamo e Gia se aproxima.

Lhe envolvo em um abraço apertado, que dói todos os meus músculos, mas não relaxo. Quero lhe passar segurança, porque também é algo que me passa confiança para seguirmos em frente com as buscas.

— Não vamos mais dar esse mole, tudo bem? — resmungo, a voz um pouco abafada por conta de seu cabelo. — Aurora logo estará aqui com a gente.

— Eu me preocupo com você, Vincent. É meu irmãozinho. Traz Aurora de volta, mas toma cuidado também, não quero perder nenhum dos dois.

— Ok, Gia. Serei mais cuidadoso da próxima vez, eu prometo — afirmo e ela se afasta um pouco e me beija na testa.

Deixo Gia ir e olho ao redor, achando Hunter encostado na parede, enquanto observa Keela andar de um lado para o outro. Fico com um pouco de vontade de rir da situação, mas me controlo, ou Keela vai soltar os cachorros para cima de mim e eu não quero ter que lidar com ela raivosa novamente. Essa mulher é uma coisa. Não de um modo ruim, claro. Ela só é... difícil. E, bom, de difícil já basta a minha vida e de Aurora.

— Assim que disse que ele ia ajudar? — ela pergunta para mim, cruzando os braços e revirando os olhos ao parar na minha frente.

Eu disse que não queria discutir, mas ela parece querer o contrário. Entendo Keela, toda sua frustração e afins, mas agora só não é o momento.

— Eu o carreguei até aqui em cima. Isso não é ajudar, Sra. Dona da Verdade? — Hunter se mete e então eu percebo que essa conversa é deles e não minha, o que me faz optar pelo silêncio.

Ela ri, se virando para encará-lo da mesma forma que fez comigo. Levanto-me e vou em direção ao tal Niklaus, que está sentado em frente à mesa trabalhando em seu laptop. Sento ao seu lado, com o plano de fundo de Hunter e Keela discutindo e pigarreio.

— Achou alguma coisa?

Lembro que antes de sairmos Hunter pediu para ele rastrear o número de Aurora e não tinha nos dado resposta até a explosão acontecer.

— Pouco depois da explosão consegui o que pediram. O celular ficou abandonado no terreno atrás do galpão, com a bolsa dela. — Ele pega algo na cadeira ao lado e me entrega o que reconheço ser a bolsa de Aurora, o que me acerta como um soco no estômago. — Emme pegou para mim, consegui entrar em contato a tempo. O celular da sua namorada está aí, junto com os pertences e um bilhete.

Abro a bolsa, desesperado pelas informações. Puxo o bilhete dali de dentro e leio.

"Doze horas."

— O que isso quer dizer? — questiono, com a cabeça bagunçada e confusa ainda com tudo.

Niklaus aponta e eu sigo com o olhar até achar o relógio colado na parede. Onze e quarenta e cinco.

— Talvez eles possam entrar em contato às doze horas, não acha? — Sua ironia não me irrita, porque sei que estou mais pra lá, do que pra cá. — Já grampeei o celular dela e coloquei todo e qualquer dispositivo para

tentarmos rastrear caso liguem, então vai sair tudo dentro dos conformes. — Niklaus coça a nuca e continua. — O carro dos homens foi comprado por ela. — Aponta e eu finalmente acho a infeliz ali. Marie. — Ela ainda não quer cooperar com nada, disse que só falaria quando você acordasse e acabou apagando também. Drexel fez um check-up nela só por via das dúvidas e confirmou que ela está drogada há bastante tempo. A outra garota está em um dos seus quartos. Conseguimos chamar um médico para vê-la com discrição suficiente, ela também estava sob efeito de drogas, mas não parecia estar sob efeito de drogas por livre e espontânea vontade, diferente da tal Marie. Enfim, o resto é história. Vamos esperar para ver o que vamos conseguir de informação das duas e o que o bilhete quer dizer para nós.

— Certo. Obrigado pelas informações e, como disse, vamos esperar agora.

Niklaus acena brevemente e eu me levanto, enquanto ele continua com toda a sua atenção voltada ao laptop. Hunter e Keela continuam discutindo e eu amaldiçoo cada um deles, porque não temos tempo nenhum para isso. Sento no sofá novamente e Gia se aproxima, me dando uma bolsa de gelo, que eu pressiono imediatamente contra a minha cabeça.

Ah, sim...

Eu só precisava disso.

— Você é um filho da puta sem coração! — Keela grita, acertando um tapa na bochecha de Hunter.

— Parem com isso, por favor! — Gia tenta interferir.

— No final de tudo, a culpa é minha, Georgia? O que posso fazer se Keela é ressentida e não aceita que eu simplesmente não quero mais absolutamente nada com ela? — Hunter reclama, furioso.

Não, cara.

Você falou merda.

O pior tipo de merda.

Aquela que você só conserta se correr **muito** atrás.

Keela se vira para mim e os seus olhos cheios de lágrimas me fazem querer socar cada pedaço de Hunter, enquanto ela me encara sem desviar o olhar.

— Algumas coisas precisam ser faladas? Ele estaria comigo? Nada foi escolha dele, certo? *Sério, Vincent?*

— Keela... — sussurro, ficando de pé e tentando segurá-la, enquanto ela pega a sua bolsa e enxuga as lágrimas copiosamente.

— Não me toca, caralho! — exclama me empurrando para trás. — Quero saber de Aurora. Qualquer notícia, só me avisar, Gia. Eu estarei com o meu celular a todo momento esperando por algo.

Dito isso, Keela sai, pisando duro e como uma bala. Eu encaro Hunter, que está ali, petrificado em seu lugar e vou até ele, irritado com a sua atitude, ainda que eu saiba lá no fundo que ele foi pressionado pela morena.

— Me disse para chamar ela pra terminar falando uma merda dessa? Defendi você e o que fez pra ela ainda ter fé em vocês, e é assim que a trata? Como se fosse porra nenhuma? — Eu empurro Hunter e ele pisca, parecendo acordar. — Qual o seu problema? Você não precisa ser um imbecil e machucar ela só porque está se afastando. Isso é ser filho da puta e, porra, é além. Dizer que ela é ressentida?! — Sorrio, irritado. — Fez ela se passar de louca e a tratou como uma qualquer para defender os seus problemas. Sinceramente? Se eu não precisasse *demais* de você agora, não iria querer ver sua cara por pelo menos um mês. Coloca só uma coisa na sua cabeça:

você *não* trata uma mulher assim e eu não estou falando isso como lição de moral, porque eu não tenho direito e já fiz muita merda também, mas você *não* trata uma mulher assim, principalmente a que você *ama*. Eu sou seu melhor amigo e estou te falando isso como um irmão. Vamos fazer isso e você dá o fora antes que termine de foder tudo com Keela.

Hunter não diz absolutamente nada e suas expressões são mínimas.

O silêncio prevalece na sala e, enquanto ainda estamos nos encarando, o celular de Aurora toca. Minha atenção muda completamente e eu viro para Niklaus, que me encara de volta. Praticamente corro até ele, mas Niklaus atende para mim, colocando no viva-voz.

— Alô?

— *Vincent, Vincent, Vincent... o recado era apenas pra você, não deveria ter levado todos os seus amiguinhos para o galpão.* — A voz masculina é cheia de graça, como se ele tivesse se divertindo bastante com esse jogo de gato e rato. — *Vamos ter que fazer severas punições por isso?*

— O que você quer comigo e com a minha namorada? — pergunto, porque não me interessa papo furado.

Ele ri.

Ri bem alto.

Tão alto que o som da ligação fica ruim.

— *Sua namorada?* — pergunta em escárnio puro. — *Como que você consegue namorar uma rata imunda dessas? Metade do lixão via ela pra cima e pra baixo sendo fodida pelo titio. Sério, Vincent? Rico como você é, namorar uma rata de esgoto, podendo ter qualquer gostosa por aí?*

O que ele fala me leva para tantos lugares, que eu não consigo evitar em socar a mesa. A sorte é que a mesa é de madeira, ou eu teria quebrado

qualquer vidro que estivesse por baixo. Eu fico furioso, mais do que o necessário, provavelmente, mas é que Aurora é tão boa para a porra de um mundo tão ruim. Como ele ousa se referir a ela dessa maneira? Como ele ousa resgatar memórias de um tempo tão sombrio assim para revirar os piores demônios, tanto de Aurora, quanto meus? Porque cada coisa que machuca ela, me machuca também.

— Eu não preciso da sua opinião na minha vida particular, porque para início de conversa, eu nem te conheço. Me diga o que quer e me devolva Aurora. Agora.

— *Primeiro você fala bem calminho comigo, depois a gente conversa sobre a ratinha.*

— Eu não tenho tempo para as suas merdas — retruco.

— *Tudo bem, então eu vou desligar.*

Niklaus me cutuca e eu o encaro. Ele me pede para continuar falando e é só por isso que eu engulo meu orgulho e decido falar outra vez.

— Calma — resmungo.

— *Como?* — pergunta.

— Vamos conversar. Eu só preciso entender por que está fazendo isso? Aurora não deve ter te feito mal, ela é muito boa e não merece nada disso.

— *Sei lá, sabe, Vincent? Esse tempo todo a seguindo, desde que foi gentilmente resgatada pelo príncipe encantado do lixão anos atrás, me fez ver uma oportunidade de ganhar dinheiro. Quando ela não morreu na hora que arremessei seu corpo esquelético na frente do carro, percebi que talvez fosse uma segunda chance para nós dois. Cá estamos! Eu planejei tudo durante cada um desses anos. Tudo. Você não vai me achar, a não ser que eu deixe.* — Ele ri, divertidíssimo, coisa que eu nem passo perto de estar.

Niklaus me faz sinal de positivo. — *Agora preciso ir, nos falamos em breve.*

Ele desliga sem me deixar falar nada.

— Eu rastreei — diz parecendo um pouco ansioso.

Bom, até eu estou.

— Vamos logo, então — retruco, enquanto os outros se aproximam.

— Mesma divisão anterior? — Hunter pergunta ao meu lado e eu concordo. — Então Saxon e Oskar continuam aqui com você — aponta para Niklaus — e nós vamos logo. Manda o endereço para o meu celular e qualquer mudança é só avisar.

Todos concordam com o plano e, antes de sairmos outra vez, Gia corre para me dar um casaco e um abraço apertado. Ian me deseja boa sorte e eu só peço que ele cuide da minha irmã.

Nós descemos em silêncio.

Eu balanço minha perna, ansioso, esquecendo das minhas dores para ir atrás de Aurora outra vez. Tenho a chance de me olhar no espelho e acabo vendo alguns machucados superficiais por meu rosto, coisa que mal senti. Minha roupa tem alguns rasgos e provavelmente foi por isso que Gia me deu o casaco. De qualquer modo, não me importo com isso. Só de ter a ideia de que agora pode dar certo, meu corpo se enche de adrenalina, que é suficiente para me anestesiá-lo de tudo ao meu redor, só não da minha busca por Aurora e da minha sede de vingança.

Já no lobby, nos dividimos novamente e vamos para os carros. Hunter checa seu celular antes de partirmos e penso sobre o que aconteceu antes. Eu não queria ter sido duro com ele, porque é meu melhor amigo, meu irmão, mas então eu deveria passar à mão em sua cabeça quando claramente vi a merda que ele fez? Acho que não. O pior em tudo isso, é que me sinto mal

pelos dois: por Keela e por Hunter. Se eu estivesse na mesma situação que ele, nem sei o que seria de mim. Ter que me afastar novamente de Aurora seria o pior dos castigos, como está sendo agora, então eu entendo Hunter se ele ao menos conseguir admitir para si mesmo que ama Keela.

— Sinto muito por antes — afirmo, sendo sincero em minhas palavras.
— Todos passamos do ponto.

— Relaxa, cara. Creio que mereci. Terminei de foder com tudo e quando acabar isso eu vou embora novamente, então está tudo bem.

Mordo minha língua, querendo não dar mais a minha opinião sobre ele e Keela, mas me vejo em uma situação que é impossível de agir assim: passivo.

— Se vai embora, tenta ir embora sem estar brigado com ela. É melhor assim do que um dia voltar e ver ela com outro, te odiando e abominando. Vai por mim, Hunter. Tenta ao menos dizer adeus...

Ele dá de ombros.

— Tem certeza disso? Qual diferença vai fazer? Keela já me odeia e eu só vou protegê-la de todo resto. Esse é o certo a ser feito.

Por que quando a gente se vê nessas situações, a gente consegue piorar tudo? E essa minha pluralização se refere a nós homens. Só fazemos merda.

— Tudo bem, você decide.

Lavo as minhas mãos.

Que Hunter faça como desejar.

Nós passamos o resto do caminho calados e em algum momento do percurso percebo que estamos chegando perto do lixão, lugar onde disputei muitas corridas ilegais e onde minha vida, sinceramente, mudou e girou de cabeça para baixo e pernas para cima. A passagem está bloqueada por alguns

cones, o que é um tanto estranho, só que quase que imediatamente recebemos uma ligação de Niklaus.

— Têm alguns suspeitos aí no carro que vai sair do lixão. O celular do homem que ligou para o de Aurora está nesse carro e essa é a única coisa que consegui de informação até agora.

— Como conseguiu...?

Niklaus desliga.

— Ele descobre coisas que até o diabo duvida — Hunter afirma, enquanto fitamos de longe a entrada do lixão. — Espero que esteja pronto pra correr. Eu tiro os cones e você dirige.

— Vai logo — afirmo, sentindo os meus batimentos acelerarem conforme me retiro do veículo e entro do outro lado.

Meu carro de uso cotidiano não é próprio para corridas, tendo um motor que faz com que ele desempenhe uma performance inferior, mas que dá para o gasto em situações como essa. Sinto como se tivesse voltado no tempo, onde eu era apenas um adolescente inconsequente quebrando as regras e correndo ilegalmente em rachas. Essas memórias nunca se perderam da minha mente, porque continuam sendo uma parte muito importante da minha história. É onde tudo começou e, sem isso eu nunca teria conhecido Aurora, e sem Aurora o que seria da minha vida miserável?

Hunter chuta todos os cones para longe e corre para dentro do carro, colocando o cinto ao passo que eu acelero. O veículo que Niklaus relatou acaba de sair do lixão e parecendo ter percebido que nós chegamos, ele pisa fundo. Minhas mãos apertam ao redor do volante e solto um sorriso ladino, estupidamente animado com isso. Dessa vez eles não vão escapar. Eu estou na minha casa, no meu local de fala, ninguém ganha de mim em uma corrida. É assim que fiz meu nome, ilegal e legalmente.

Ninguém fode comigo em corridas.

— *Porra* — Hunter grunhe e meu sorriso aumenta mais.

Saindo do reto, se torna complicado acelerar nas curvas, mas eu fiz isso por tantos anos que não complica para mim, e sim para o cara no carro da frente. Bato na traseira da lataria envelhecida, sentindo a pancada e adorando isso.

Ele tenta ir mais rápido, mas o veículo não aguenta. Dou mais uma pancada na traseira do carro e assisto ele perder o controle, lançando-o para fora da pista, direto para um campo de grama que parece ter sido recém cortada.

Estaciono o carro, saindo do mesmo e tirando a pistola do cós da minha calça, sendo seguido por Hunter e os outros que chegam logo atrás.

— Saiam do carro! — Hunter exclama e dispara nos pneus do carro que estávamos perseguindo.

Não obtemos resposta e nenhum movimento.

Hunter dá um passo para frente e o homem que está atrás do volante abaixa o vidro e saca a sua arma.

— Não se aproximem, porra! — o desconhecido retruca, finalmente reagindo.

Nós paramos de andar.

— Cadê ela? — pergunto, tentando ver pelo para-brisas se tem algum sinal de Aurora no banco de trás.

— Vocês acham que ele não sabia que estava sendo rastreado? Não sejam burros.

Porra.

Que inferno.

Puta que o pariu.

— Vai cooperar conosco? — volto a indagar, porque se ele disse isso, Aurora não está no carro e isso é o que nos resta a ser feito: barganhar por informações.

— Eu tenho um recado apenas — afirma. — Ele quer dois milhões de dólares na conta até hoje a noite.

Dois milhões?

— E ele vai entregar Aurora pelos dois milhões?

O homem balança os ombros e aponta a sua arma para a cabeça do outro ao seu lado. Em um piscar de olhos, ele atira. Eu vejo o sangue espirrar quase que em câmera lenta. Nunca vi nada parecido com isso e eu tenho certeza que vou ter pesadelos com esse tipo de merda.

— Pare com isso! — exclamo, dando um passo para frente.

— A conta e o endereço estão em nós — completa, colocando a arma em sua própria barriga. — É só abrir.

Dito isso, ele atira.

O homem agoniza até morrer.

O silêncio faz mais barulho entre nós do que qualquer outra coisa.

— Vamos abrir — Drexel afirma friamente, puxando um canivete da sua bota e indo na frente.

O quê? Assim?!

Não que eu esteja com pena, mas eu nunca fiz esse tipo de coisa.

— Você tem um canivete também? — pergunto e Hunter afirma, puxando um também da sua bota e me entregando, enquanto fica com outro.

Se eu vou fazer isso, se eu vou me vingar quando chegar a hora, melhor que eu me treine antes disso acontecer. Se o imbecil quer isso, faremos isso.

Vamos abrir.

Mas agora só precisamos saber como nos colocar um passo à frente depois de tudo que fizemos aqui.

56

“Quando você se sente cansado, mas não consegue dormir. Preso em marcha ré.”

“Fix You” — Coldplay

Vincent
Pette Hawk

Por mais que eu já tenha feito muita merda na minha vida, e entenda bem, eu já vivi de tudo um pouco, com esse tipo de coisa eu nunca me meti. A imagem de Drexel abrindo a barriga de um dos homens e tirando de lá um pequeno saquinho de plástico com papel dentro e depois eu fazendo o mesmo com o outro cara, nunca vai sair da minha cabeça. Copiei os seus movimentos do início ao fim, como se estivéssemos em uma aula de anatomia.

De muitas maneiras aquilo foi perturbador, mas necessário.

Até agora eu me lembro das sensações assombrosas que me foram causadas, porém eu vou ficar bem, de qualquer forma. Não é como se uma coisinha dessas fosse fazer eu me sentir mal.

Depois de tudo, Drexel ficou com os outros para darem um “jeito” nos corpos sem vida e abertos. Não tenho certeza, mas sei que esse jeito envolve se livrar de qualquer merda que possa respingar sobre nós, como rastros do que se passou ali.

Hunter e eu voltamos para o meu apartamento, e no momento estamos passando os dados para Niklaus, que trabalha com rapidez em cima dos mesmos. Qualquer informação é bem-vinda e é apenas disso que precisamos: *informações*. Quanto mais, melhor.

A minha cabeça continua uma bagunça com tudo isso; assim como a falta que Aurora faz para mim, me deixa ridiculamente sozinho. Não de fato, porque estou cercado de muita gente, só que não é a mesma sensação que ela me causa, nunca vai ser. Eu sentia falta do seu beijo e de cada coisa que fazia parte de nós dois. Cada segundo longe dela, me fazia definhar em meus próprios pensamentos ruins. Mais uma vez, eu só queria que as coisas voltassem ao normal. Eu só a queria aqui de novo.

Suspiro cansado e caminho até o sofá.

Gia se aproxima de mim, mais uma vez, trazendo agora um copo com achocolatado quente e um prato com alguns pedaços de pão com geleia de frutas vermelhas, eu presumo pela cara.

— Você precisa se alimentar um pouco — diz, oferecendo-me o copo.

— Não estou com fome, Georgia.

Gia suspira, da mesma forma que eu fiz antes.

— Já estamos caminhando para dois dias que você provavelmente não está se alimentando direito, ou melhor dizendo, nem se alimenta. Se for pra buscar Aurora, ao menos tem que ter força para isso. Como vai lutar com brutamontes enormes e musculosos dessa forma?!

Solto um riso fraco, coisa que só a minha irmã é capaz de me tirar uma hora dessas. Ela está certa, mas só estou cansado, sentindo vontade comer nada e de fazer nada além de tudo que envolve Aurora e seu resgate.

Pego o achocolatado da sua mão e o prato, deixando o mesmo na mesa de vidro, enquanto assopro antes de beber um gole.

— Satisfeita? — pergunto e Gia concorda, com um sorriso entristecido em sua boca.

— Depois de comer, vá tomar um banho — continua e eu reviro os olhos. — Você está começando a feder — afirma e eu arqueio a sobrancelha. — E a menina está acordando, a que você resgatou com os outros, sem ser a maluca da Marie, essa outra ainda está apagada.

— Já checaram ela? Não morreu não? — digo, virando para trás e espiando a loira que ainda está deitada no chão.

— Não, infelizmente.

Encaro Gia e ela dá de ombros, sua expressão fechada como pude ver poucas vezes durante toda a minha vida.

— Quem machuca alguém que eu amo, tem o meu mais sincero ódio e desprezo. Se esse tempo todo ela ajudou essas pessoas a pegarem e machucarem Aurora, sinto muito, mas não desejo menos que a morte para ela.

Eu continuo meio assustado, mas penso da mesma forma. Marie já ameaçou Aurora tantas vezes que ela também tem o meu mais sincero ódio e desprezo. Qualquer um que ameace minha família, não significa nada para mim. Qualquer um que ameace a minha Aurora, não merece ser ao menos citado por mim.

— Você está certa — afirmo, ficando de pé. — Posso ir ver a garota logo? Mesmo fedendo? — pergunto e Gia se levanta comigo, fazendo uma careta.

— Pode, mas eu vou junto. Quero dizer, você vai na frente e eu vou em seguida, vou preparar algo para ela beber também. Daqui a pouco o médico volta outra vez para checá-la.

Aceno positivamente e sigo com a minha comida nas mãos. Minha barriga começou a roncar depois que Gia me empurrou essas coisas, então é melhor eu realmente comer algo.

Chego até o quarto, que tem um dos caras de Hunter na frente vigiando, e ele abre para mim. Eu entro, localizando a menina ali, ainda suja, tanto quanto eu, mas de olhos abertos e consciente. Ela me encara de volta e eu tento dar um sorriso, mas tenho certeza que mais se parece com uma careta malsucedida. A menina não esboça nada de volta, ou melhor, quase nada. Com a minha experiência com Aurora, percebo que ela se retrai um pouco e fecha a sua postura, como se estivesse querendo se proteger da minha

presença. Mesmo que eu saiba que não sou nenhum perigo para ela, a menina não sabe disso, então eu apenas aceito a sua reação.

— Oi — digo simples, sentando-me na poltrona que fica ao lado da cama e deixando o prato e copo ali em cima. — Como você está? — insisto.

Sua respiração é audível e então eu percebo o quão irregular se torna. Ela me fita por poucos segundos, já que desvia para qualquer lugar que seja, bem longe de mim.

— Como eu posso te chamar?

A menina continua em silêncio.

Relaxo na poltrona, tomando um pouco do meu chocolate e a observando discretamente. Eu não sei por qual motivo, mas ela me lembra muito Aurora. Os traços, a cor do cabelo e até mesmo como ela é pequena. Não sei a sua idade, mas a menina é visivelmente franzina, do mesmo modo que Aurora era quando lhe conheci. Talvez eu esteja até sendo tolo, porque ela é extremamente parecida com a minha namorada. Tento jogar para longe essas memórias e continuo, não querendo ficar em silêncio com a desconhecida até então.

— Bom, eu me chamo Vincent. — Ela me fita de soslaio, atenta ao que eu digo. — Sou piloto de corrida profissional e tenho uma namorada linda pra *caral*... caramba. — Pigarreio, lembrando que estou com o celular de Aurora comigo, que Niklaus me entregou antes. Procuro uma foto sua, o que não é difícil de achar. Mostro para a menina e ela continua relutante em se virar completamente para mim. — Essa aqui é ela. Seu nome é Aurora, mas eu a chamo de Bela praticamente desde que a conheci. Ela é incrível por dentro e por fora e eu tenho um amor incondicional por essa mulher, só que tem algumas pessoas que não gostam muito dela por motivos mesquinhos e por pura maldade, então eles a tiraram de nós, de mim. — A menina se vira,

finalmente, observando a foto de Aurora. — Estamos fazendo de tudo para achá-la, mas está sendo mais complicado do que esperávamos e eu realmente estou torcendo para que você saiba de alguma coisa que possa estar ligado a ela. Seria grato pelo resto da vida a você se me ajudasse a achar a minha Bela.

Paro de falar com um nó na garganta.

A vontade de chorar me consome, porque eu tenho um medo infernal de perder Aurora. Cada segundo que passa, me sinto mais distante dela e isso é excruciante dentro de mim.

— Meu nome é Aubree — sussurra chamando a minha atenção completamente. — Eu sei quem ela é. Aurora esteve comigo lá embaixo — continua, referindo-se ao porão. Ela suspira e eu faço o mesmo, tendo a confirmação de que a minha Aurora realmente esteve naquele lugar. — Eles a doparam e fizeram o mesmo comigo, além de injetarem drogas mais pesadas em mim. Não sei como ainda sobrevivi, mas estou aqui.

— O que aconteceu lá, Aubree?

— Não consigo me lembrar ao certo. — Ela engole um soluço, enquanto os seus olhos se enchem de lágrimas. Sinto uma imensa vontade de abraçá-la, mas eu me controlo. — Eles eram loucos, furiosos e ao menos tempo pareciam se divertir com tudo, inclusive aquela... Maria?!

— *Marie* — corrijo e ela concorda.

— Ela estava com eles, mas eles a deixaram para trás comigo e ela ficou furiosa.

— Eles a deixaram assim? Do nada? E você, Aubree, como foi parar lá?! — indago, torcendo para que ela consiga me responder.

— Há alguns anos perdi a minha mãe, Vincent. Sete anos atrás, para ser

mais exata. Ela era a única que me restava. Nós morávamos no lixão e... — Ah, merda... — Fiquei sozinha. Eu não tinha para onde ir, ainda que *lá* fosse o meu lugar desde o começo. Foi lá que ele me encontrou e a minha vida tem sido um inferno desde que eu consiga me lembrar. Não gosto de compartilhar porque isso tudo é pessoal para mim e eu não confio em ninguém, nem em você, ainda que seja *isso* e *aquilo* da moça Aurora.

— E o seu pai...?

Ela me encara com ainda mais dor.

— Eu não o conheço — sussurra. — Mas..., mas *ele* falava o tempo todo que Aurora o matou. Matou o meu pai.

— Aurora matou o seu pai?

Aquela noite, a mesma que a conheci, ela perdeu os tios.

É isso?

O tio de Aurora era pai de Aubree?

Aubree concorda em um breve aceno.

— Mas eu sei, Vincent. Minha mãe me disse tantas vezes que Carl não era alguém bom e que foi melhor assim. Quando o homem me disse o nome dela e que ela o matou, eu não senti nada além de gratidão. Só que eu ainda estava ali, sozinha, e Ronald disse que cuidaria de mim.

Não, porra.

Aubree senta, se endireitando na cama. Ela abraça as pernas, chorando compulsivamente. Gia entra nesse mesmo momento e se apressa, me encarando com um olhar inquisitório. Encolho os ombros, me sentindo horrível por saber o que significa o seu choro. Aurora chorou tantas vezes assim para mim, eu não consigo não pensar no que isso significa, o que me dá ainda mais forças para encontrar esse verme fodido e matá-lo com as minhas

próprias mãos.

Ronald.

É esse o seu nome.

Nada, além dos soluços de Aubree, se faz vivo no quarto. Eu espero o tempo necessário, enquanto a menina chora, abraçada em Gia.

— Ele não me queria viva, não mais. Nem eu, nem a Marie. Lembro que ele saiu de lá, com Aurora sobre os ombros, logo após injetar alguma quantidade absurda de droga em mim. Ronald deixou os explosivos lá e Marie ficou furiosa, porque ela sabia que morreria comigo. Depois disso, meu corpo entrou em colapso, eu estava anestesiada, estava ofegante, ao mesmo tempo que os meus batimentos iam desacelerando e eu ficava perdida em mim mesma. A última coisa que lembro foi de vocês nos resgatando e eu acordando aqui.

Aubree para de falar outra vez e eu assimilo os detalhes que ela me dá.

— Você tem o segundo nome dele? — pergunto e ela balança a cabeça negativamente.

— Ronald nunca disse, todo mundo só o chamava assim, pelo primeiro nome. Mas eu posso dar informações de como ele se parece, se isso servir. — Concordo em um aceno, me sentindo contente por cada palavra sua, que certamente vai ajudar, mas por outro lado pisoteado por elas. — Tem uma coisa...

— O quê?

— Ele falou algo sobre ir para o Sul. Certamente achou que eu já estava inconsciente, mas eu me lembro disso. Só disso. Não sei se vai servir, mas é o que sei para onde eles provavelmente queiram ir ou devem já ter ido com a sua namorada.

Isso é bom.

— Eram quantos? — pergunto uma última vez.

— Além de Ronald, eram mais seis. Dois que eram seus parceiros do lixão e outros quatro que nunca vi na vida e na maior parte do tempo usavam capuz preto — Aubree finaliza.

Levanto da poltrona, enquanto a minha fome volta a sumir e as minhas expectativas de que as informações de Aubree estejam certas disparam. Ela me pareceu sincera em tudo, então eu vou lhe dar esse voto de confiança. Eu acredito nela, definitivamente sim, e por outro lado, Aubree foi a única que conseguiu mais informações do que todos nós juntos. É claro que vamos levar em consideração tudo que ela falar.

— Quando Aurora voltar, ela vai ter muito para falar com você — digo, deixando o copo em cima da mesa de cabeceira. Fito Gia e ela arqueia a sobancelha. — Gia, pega umas roupas de Aurora e ajuda Aubree a tomar um banho e se limpar. Eu vou fazer o mesmo e continuarei com as buscas agora em cima das informações que ela me deu.

— Tudo bem — minha irmã concorda, mas está confusa pra caralho, sua expressão não mente.

Eu observo Aubree mais uma vez antes de sair e ela não desvia o olhar. Não tem como ela mentir, sua história não deixa e nem os seus olhos, idênticos com uma verdade que vi em poucas pessoas até hoje, e Aurora é uma delas.

— Obrigado — digo, na maior sinceridade do mundo e saio.

Volto para a sala, avistando Hunter e Niklaus conversarem e logo começo a falar.

— A menina falou comigo — informo.

— A desconhecida? — Hunter pergunta, confuso.

— Sim. Ela se chama Aubree e é filha do tio de Aurora, o que ficou com ela quando os pais morreram. — Hunter concorda. — Ela me disse um monte de coisa, mas a mais importante é que o cara se chama Ronald. Aubree não tem sobrenome dele, nem nada, mas esse nome já ajuda, certo? — Niklaus concorda também, imediatamente. — Podemos pesquisar e tentar achar no banco de dados da população aqui de Pittsburgh quantos Ronald's tem e conseguir fotos para Aubree reconhecer. De qualquer forma, ela disse que consegue nos passar um retrato falado. — Respiro fundo. — Aubree disse algo sobre eles estarem indo para o Sul. Ela falou que eram seis caras com o tal Ronald, dois eram amigos lá do lixão e o resto ela nunca viu na vida. Se esses dois não forem aqueles que se mataram para dar recado, então estamos de fato lidando com sete. Se eles forem, são apenas cinco.

— Faz sentido isso desses dois amigos e esses dois caras que se mataram. Espero que ela esteja falando a verdade — Hunter diz e eu concordo.

— Vai por mim, ela estava falando a verdade.

— Só falta a sua prima, Hunter. Se ela demorar mais cinco minutos, eu vou pegar um balde de água e jogar em cima dela — Niklaus avisa e Hunter ri, baixo.

— Eu mesmo jogo, pode deixar — retruca. — Agora você, vai tomar um banho, cara. Niklaus vai mexer os pauzinhos dele com as informações que deu e quando sair já teremos algo mais concreto, além de que precisamos decidir o que faremos sobre os dois milhões e a conta.

— Tudo bem — digo, deixando o celular de Aurora em cima da mesa. — Se ligarem, podem atender. Quando eu voltar, vamos atrás de transferir esse dinheiro antes que a merda piore.

Todos entramos em um consenso silenciosamente e eu vou em direção ao meu quarto e de Aurora. Minha cabeça está mais confusa que antes. Aurora tem uma prima chamada Aubree, que basicamente passou por muita merda exatamente como a minha Bela, e ainda é fruto de, sem dúvidas, uma “pulada de cerca” do seu fodido tio. Quero dizer, o que é uma “pulada de cerca” para um ser que abusava da própria sobrinha dia após dia desde que ela era apenas uma criança completamente indefesa e perdida após perder os pais? Carl foi o pior dos seres a pisar nessa Terra e eu só tenho cada vez mais certeza de cada uma das minhas palavras sobre ele.

Chegando ao banheiro, me desfaço das minhas roupas e trato de me jogar embaixo da ducha, um pouco aliviado, enquanto os meus músculos começam a ficar menos tensos. Relaxo um pouco, depois que tomo consciência de que realmente conseguimos mais de informações do que apenas as que Ronald estava nos oferecendo.

Aubree ajudou.

Ajudou muito.

Eu não vou esquecer do que ela fez.

Fecho os meus olhos, deixando-me aproveitar a sensação da água caindo sobre mim. Sinto saudade do meu tempo debaixo do chuveiro com Aurora e acabo por me sentir um imbecil por não ter insistido um pouquinho mais para tomar aquele banho com ela. Daria qualquer coisa para senti-la mais uma vez, porque isso me abre feridas no peito que ardem como o inferno.

Mas, eu sentirei isso outra vez.

Eu vou achar Aurora e vou trazê-la de volta para a nossa casa. Nada mais me importa além disso e eu poderia passar o resto da vida a sua procura, mas sei que isso não vai mais demorar tanto assim.

Disse-lhe que nada era impossível para mim e realmente não é.

Nunca. Vai. Ser.

57

“Quando você se sente cansado, mas não consegue dormir. Preso em marcha ré.”

“Fix You” — Coldplay

Vincent
Pette Hawk

Estou bem mais refrescado quando saio do meu quarto, com Gia em meu encalço. Ela me fez alguns curativos e eu lhe entreguei algumas roupas de Aurora para Aubree se vestir. Disse-lhe para ficar de olho na menina, mas isso é algo que a minha irmã já faz naturalmente. Não existe um ser humano mais preocupado com o outro, do que Gia, isso é apenas natural dela, todo mundo sabe.

Chego na sala de estar, onde Niklaus já está de pé, conversando com Hunter e os outros. Eles me observam entrar no cômodo e se viram para mim, esperando-me terminar de me aproximar deles.

— E aí? As informações de Aubree serviram para algo? — indago simples e esperançoso.

— Pra caralho — Hunter afirma, parecendo tão animado quanto eu internamente começo a ficar. — Fala, Niklaus.

— Estava coletando as informações enquanto você estava no banho e tudo o que a menina disse se encaixou perfeitamente. O nome e dados bancários era um de um dos homens que estavam lá, que se matou. Hunter confirmou isso com os outros. Consegui pegar informações de passagens na polícia e Roger, o cara dos dados bancários, e o outro, que eles também confirmaram, já foram parar por lá com, incrivelmente, um tal Ronald. Ele se chama Ronald Piper e já teve duas passagens na cadeia, a última delas já faz alguns anos e bate com o fato de que ele provavelmente esteve observando a sua namorada por muito tempo. — Niklaus respira enquanto eu assimilo e guardo todas as informações. — Sobre o Sul, eu tentei conseguir informações no nome do Ronald e com a placa de carro que usaram no sequestro de Aurora. Venho checando as câmeras do sul de Pittsburgh e o carro esteve por lá. — Niklaus caminha até o laptop e dá play na imagem. O mesmo carro do

dia do sequestro aparece ali, em alta velocidade. Outro, de mesmo modelo, vai logo atrás.

— São dois?

— Sim, dá pra deduzir isso — Niklaus concorda. — Os dois são no nome dela. — Ele aponta para Marie, que já está acordada, olhando para o nada. Niklaus continua passando para outro vídeo. — Essa é a última imagem que eu tenho dos carros e como pode ver, é logo antes de entrar nessa estrada de terra, como Aubree disse, ao sul.

— É nossa chance, então — digo, porque definitivamente é isso.

Temos tudo que precisamos.

É óbvio que não temos o lugar exato onde eles estão com Aurora, mas isso é questão de seguir os rastros pela estrada de terra.

— Sim. Definitivamente — Niklaus concorda.

O celular de Aurora começa a tocar e Niklaus pega, fazendo algo antes de me deixar atender.

— Não está mais grampeado. Não precisamos mais disso, ou ele vai fugir como um rato outra vez — avisa e eu aceno positivamente.

Atendo, colocando no alto-falante.

— Alô?

— *Vincent!* — Ronald exclama do outro lado. — *Cadê o meu dinheiro, garoto? Creio que a essa hora já conseguiu as informações na barriga dos meus amiguinhos, não?*

Nojento. Pra. Caralho.

— Eu peguei. Tive alguns problemas com o meu celular, mas já estava indo fazer isso antes de receber a sua ligação. Os dois milhões estarão logo na

conta — afirmo respirando fundo para não explodir só em estar falando com ele.

Ele fica em silêncio por alguns segundos.

— *Assim? Fácil?* — retruca.

Franzo o cenho, olhando para os outros.

— Esperou que fosse como? Me pediu dinheiro, eu darei dinheiro, contanto que facilite e me devolva Aurora logo.

— *E se eu não facilitar?*

Cerro o punho livre, focado em me controlar.

— Eu espero que facilite, mas de qualquer forma, o dinheiro estará na conta. Logo.

— *Esperando.*

Dito isso, ele desliga.

— Certo, como iremos mandar dois milhões de dólares para a conta dele agora? — Hunter indaga.

Poderia ser um pouquinho mais fácil, mas não é.

— Vamos ao banco resolver isso e vocês nos esperam voltar — digo para os caras de Hunter e os meus seguranças.

— Ainda quero falar com você — Marie finalmente fala, voltada completamente para mim. — Só com você, Vincent.

Eu a encaro, irritado pra caralho até mesmo para olhar na sua cara.

— Quando eu voltar, talvez, quem sabe, posso te escutar. Agora tenho coisas mais importantes a serem feitas.

Marie semicerra os olhos em minha direção, mas se tem uma coisa que eu não tenho, é medo dela.

Hunter e eu saímos outra vez juntos, como sempre. Apesar de todos os altos e baixos desde que ele chegou aqui, devo admitir que senti a sua falta, mesmo que naquela hora com Keela eu tenha o odiado um pouquinho. Hunter nunca vai deixar de ser o meu braço direito e esquerdo. Confio nele de olhos fechados e não é porque ele mudou, que deixarei de confiar. No fundo, ele ainda é o mesmo para mim.

— O que tem sobre a menina? A Aubree...

Dou de ombros.

— Aurora teve muita merda lá no lixão e a essa altura, com todas as conversas com Ronald, deve ter juntado a mais b. Aubree não teve menos do que Aurora, só mudou a “pessoa” que fazia o mal a elas, mas até nisso as duas têm ligação, você sabe bem o que disse antes de ir para o banho. A menina está abalada pra caramba com tudo.

— O que será que Aurora vai pensar sobre isso?

Jogo a chave para Hunter e entramos no carro

— É Aurora. Acredito que ela vai ficar feliz por ter alguém da família de sangue dela ainda viva, mesmo que seja uma prima e filha do monstro que fez tanto mal a ela. Mas, bom, é Aurora. Ela tem um coração do tamanho do mundo. Não espero menos do que isso.

Hunter dá partida, concordando comigo.

— Ela é realmente incrível e vai receber a menina Aubree de braços abertos quando voltar.

Deixo-me sorrir por uns segundos.

Sim, eu já até posso ver isso.

— Ela é — sussurro.

Relaxo no banco e fecho os olhos até Hunter nos levar até o banco. A imagem da minha garota de cabelos castanhos e olhos sorridentes aparece e eu sorrio ainda mais, saudoso pra caralho, mas ainda mais cheio de esperança.



Eu e Hunter demoramos por cerca de uma hora no banco. Foi uma burocracia absurda, principalmente pelo que se diz a quantidade do dinheiro que eu precisava transferir. Tive que assinar alguns tantos de documentos até ter tudo pronto e feito. Quando terminamos, agradei mentalmente aos céus por ter acabado com essa tortura.

A noite está caindo mais uma vez e essa é oficialmente a minha segunda noite sem Aurora.

Por fora estou ok, mas por dentro fica cada vez pior.

Chegamos ao meu prédio e todos já estão nos esperando, parecendo tão ansiosos quanto eu, ou talvez eles só queiram terminar logo com tudo para irem embora. Niklaus se aproxima do meu carro no instante em que eu abaixo o vidro da janela.

— Oskar e Ian ficaram lá em cima com as três mulheres e nós já estamos devidamente separados em mais três carros. — Ele me oferece uma lanterna e outra para Hunter. — Dá para ajustar a luminosidade quando for usar, entendido? Só pra não dar muito na cara. Nos sigam e nós chegaremos lá. Abandonaremos os carros um pouco antes, porque silêncio é tudo. A propósito, Hunter, use silenciador e coloque na pistola de Vincent também.

— Niklaus nos dá as costas, mas para e se vira. — Entenderam?

Acenamos que sim com a cabeça, sem dizer mais nada.

— Ele sabe mandar nas pessoas — resmungo para Hunter, que ri.

— Sabe sim, cara. Todos eles mandam pra caralho, só não mandam mais do que Mikhail e do que eu, pelo menos enquanto estivermos aqui. Ele disse que me escutassem, então tecnicamente estou no comando, mas como isso tudo não é algo que eu tenha plena experiência, acaba que compartilhamos o que tem que ser feito. Nada mais certo do que isso.

— Malditos russos egocêntricos — brinco, fechando a janela e Hunter ri alto. — Isso inclui você.

Ele ri ainda mais e eu faço o mesmo. Pelo menos estamos descontraindo um pouco antes da merda bater de frente conosco, certo?

Quando os carros a nossa frente começam a partir, Hunter faz o mesmo. Eu me pego pensando o que as pessoas devem imaginar de um monte de carros pretos do mesmo modelo andando em bandos por aí? Tento me distrair por todo caminho a qualquer custo, mas é complicado quando sei que logo estarei com *ela*.

Aurora, Aurora, Aurora...

Como nós chegamos até aqui?

Ou melhor, como **eu** cheguei até aqui?

Ao ponto de estar perdidamente apaixonado e não ver uma vida sem você ao meu lado?

Posso garantir para qualquer um que eu nunca quis isso, por mais inevitável que tenha sido. Nunca quis me apaixonar por alguém. Corridas sempre foram o suficiente para mim em absolutamente tudo. Além disso, o exemplo de "casal" vindo dos meus pais nunca me apeteceu os olhos. Eu

definitivamente não queria isso, nós, mas desde o primeiro instante, sabia que ela teria um significado diferente em minha vida. Eu não estava errado. Aurora me marcou com seu sorriso envergonhado, seu jeito doce e sincero. Era como uma melhor amiga para mim, desde as primeiras palavras que trocamos ao último abraço no dia em que lhe deixei para trás.

Os anos passaram e eu voltei a pensar nela, começando também a vê-la com outros olhos. Pelas fotos na internet, sabia que a menina que havia deixado para trás não se parecia nada com a mulher que se tornou. Isso me atraía. O momento exato em que eu me vi atraído de verdade por Aurora, foi quando a vi depois de mais de dois anos, nas fotos com Georgia e Keela. Ela estava linda. Linda pra caralho. E, ali, desejei beijá-la mais que tudo. Me pegava perguntando a mim mesmo se os seus lábios nos meus seriam macios como eu passei a sonhar? Aurora teve o meu coração naquele instante, quando a sua imagem e o seu jeito maduro me deixaram de joelhos para o que eu já sabia, lá no fundo, que aconteceria comigo: me apaixonaria pela mulher que ela estava se tornando.

Quando decidi ir de fato para New York, decidi não por medo da minha presença perto da dela. Como sempre repeti a mim mesmo, era o certo a ser feito. Aurora era só uma menina perdida que precisava se achar e, porra, eu era tão perdido quanto ela.

Algumas coisas e algumas pessoas precisam lidar com o tempo para amadurecer. Eu fiz isso, ela fez isso. Decidi ir para New York por muitos motivos, a maioria deles muito válidos, outros nem tantos.

Eu via suas fotos depois dos seus dezoito anos, dezenove, vinte. Ela era apenas... *perfeita*. Aurora me teve antes de eu voltar para cá. Eu tentei esquecê-la de todas as formas possíveis e imagináveis. Quando eu ficava com outras mulheres, no final sempre acabava pensando nela. Nenhuma forma

deu certo, então eu decidi encarar as coisas como elas de fato eram: eu estava estupidamente apaixonado e eu precisava voltar para tentar conquistar a mulher que eu sempre quis.

Só Deus sabe o quanto sou grato por tudo ter dado certo para nós dois.

Os últimos meses têm sido os melhores da minha existência. Qualquer coisa que façamos juntos, é bom demais. Ela se tornou mais uma vez a minha melhor amiga e sem dúvidas a melhor namorada do mundo. Tê-la de todas as formas possíveis, corpo e alma, foi o que me deixou ainda mais caído. Conhecer todos os seus lados e até mesmo os demônios que ainda a perturbavam debaixo de sua pele fizeram de mim um cara protetor. Ter a sua confiança a tal nível me deu paz do instante em que soube que ela de fato confiava em mim dessa forma.

Desde o primeiro dia, tenho aprendido tudo com ela.

Do sentido de uma amizade ao sentido de um amor, um verdadeiro amor.

O mundo pode desabar em minha cabeça, mas eu nunca desistiria da minha Aurora. Por enquanto Collins, mas em breve Hawk.

— Você está aí? — Hunter me chama e eu abro os olhos.

— Hm?!

— Pensei que tinha dormido — diz e eu percebo que já estamos bem perto do nosso destino. — Estamos chegando, pelo que me lembro, então já vamos nos organizar para sair.

Concordo com um breve aceno.

Endireito-me no banco e penso uma última vez nela antes de irmos ao seu encontro.

Estamos chegando, Aurora. Estamos chegando.

Esse inferno vai acabar.

Por bem ou por mal.

58

“Eu atiro para o céu, estou preso no chão. Então por que eu tento? Eu sei que vou cair.”

“Down” — Jason Walker

Vincent
Pette Hawk

Já faz cerca de cinco minutos, creio eu, que todos estacionamos os nossos carros pela estrada de terra que Niklaus nos mostrou ser o último rastro de Ronald. Nós começamos o nosso percurso nos certificando de que estávamos realmente indo para o lugar certo. Para isso, ficamos de olho no chão, com o mínimo de iluminação possível em nossas lanternas, notando as marcas de pneus ainda muito vivas ali. Definitivamente o que Niklaus disse estava certo e eu nunca estive tão aliviado em toda a minha vida, porque falta muito pouco para conseguirmos chegar ao nosso objetivo que é resgatar Aurora.

Estamos caminhando sem parar no meio da mata demasiadamente fria, tentando não fazer muito barulho e ser o mais cuidadosos possível em nossos próprios passos. O caminho deixado ali pelos carros é nítido demais, não tem como errar, nem mesmo se a gente quisesse. Eu não tenho muita certeza se estou tremendo do frio ou da ansiedade em resgatarmos logo Aurora, mas acredito que seja uma mistura dos dois. Vim vestido com um casaco extra para protegê-la aqui fora quando retornarmos e mal consigo conter meus nervos diante dessa possibilidade iminente.

— Você está nervoso — Hunter indica, lendo os meus pensamentos. — Relaxa um pouco, tudo vai estar sob controle. Em poucos minutos já retornaremos para casa com ela. Quero dizer, Aurora vai precisar ir para o hospital, mas estaremos lá e dá para lidar com as coisas assim.

Concordo com um aceno positivo.

— Com certeza, cara. Não conseguiria dormir hoje nem com o pior nocaute da história. Sem chances de sairmos com as mãos abanando, enganados de novo.

Hunter passa o braço direito por meus ombros e eu arqueio a

sobrancelha para ele.

— O quê? — pergunta.

— Eu quem pergunto: o quê? — replico.

— Não posso mais?

Balanço a cabeça negativamente, rindo baixo.

Sei o que Hunter está tentando fazer, porque ele passou mais da metade fazendo isso comigo: tentando me distrair quando coisas muito importantes estão se passando ao nosso redor, para que eu não perceba a lentidão do tempo.

Somos parados por Niklaus e Drexel.

Levanto o olhar e finalmente parece que chegamos.

— Desliguem as lanternas — Drexel resmunga, parecendo irritado.

Fazemos isso imediatamente.

Os carros estão logo ali, a poucos metros de nós, estacionados um ao lado do outro em frente a uma casa de madeira pequena. Minha ansiedade volta a disparar, forçando-me a controlar a minha respiração e puxar o ar com força. Consigo notar que os quatro homens que Aubree me relatou, antes encapuzados, estão ali, rondando o local com armas nas mãos como se fosse só para dizer que estão fazendo.

— O que vamos fazer agora? — pergunto, pois é apenas isso que quero saber.

— Vamos dar a volta — Emmerich sugere. — É o movimento mais certo e inteligente a ser feito. Eles estão focados apenas em olhar para cá, se formos por trás, uma bala na cabeça de cada um, ao mesmo tempo, não tem como lutar ou dar algum alarde.

Niklaus e Drexel, no movimento mais rápido que já vi em toda a minha vida, destravam as suas armas ao mesmo tempo e atiram silenciados, duas vezes apenas cada um e quatro ao total.

— Se você sabe fazer, você faz, não vamos ficar com rodeios por aqui como um bando de maricas amadores. Se você sabe atirar, atire, atire de frente, no olho, no meio da testa, na boca, onde desejar. Apenas atire — Drexel cospe, dando o primeiro passo e liderando o caminho.

Mas que porra?!

Nós ficamos calados, porque não há nada a ser dito, principalmente depois disso. Se eu em algum segundo durante a nossa convivência duvidei da capacidade deles, definitivamente retiro tudo. Essa foi a coisa mais absurda que vi em toda a minha vida e nesse momento, não foi um absurdo ruim. Foi a atitude que precisávamos e ponto final.

Quando chegamos mais perto, tenho a curiosidade de olhar os quatro homens caídos no chão. Niklaus acertou eles na testa e Drexel nos olhos esquerdos.

Eu nunca me meteria a besta com esses caras e a sorte é minha deles estarem do meu lado.

— Saxon, Emmerich, fiquem aqui fora com Mark. Certo? — Niklaus pede baixo, mas muito seguro de cada uma das suas palavras. — Não precisamos de todo mundo lá dentro. A propósito, já podem ir se apressando para trazer um dos carros para cá. Quando der ao menos cinco minutos, saiam e façam isso.

Nós entregamos as chaves para eles, que acenam positivamente.

Niklaus, Drexel e Milo tomam a frente com Hunter. Nós paramos em frente a porta em um segundo e no instante seguinte, Drexel chuta o pedaço

de madeira, arrombando e entrando com a arma apontada para seja lá onde for. Fazemos o mesmo, principalmente eu, que busco Aurora com o meu olhar frenético até achá-la.

Para a nossa surpresa, quando entramos, mais dois homens, além de Ronald, estão ali dentro. Eles pulam de seus lugares, deixando os seus copos de bebidas e cigarros caírem. Meu coração bate mais forte quando eu a vejo. O homem nojento que arquitetou tudo corre para segurá-la, como um escudo, e ele definitivamente é mais rápido, porque Drexel só consegue atirar em um dos homens, mais uma vez no olho esquerdo.

Eu não consigo esboçar tantas reações quanto queria. Me pego preso ao chão, sentindo os meus pés afundarem em uma areia movediça imaginária ao avaliar cada detalhe da minha Aurora. Não sei por onde começar, mas talvez pelo fato dela estar jogada no chão empoeirado no instante em que entramos. Como já havia sido mostrado para nós pela chamada de vídeo, ela continua com a mesma roupa, ainda mais suja. Ronald parece fazer força, porque Aurora está completamente apagada.

Seus braços pálidos e finos estão cheios de furos, o que me deixa instantaneamente enfurecido por me lembrar cada detalhe da cena na chamada de vídeo. Encaro Ronald, que me encara de volta, com um sorriso mórbido nos lábios depois do “susto” que tomou com a nossa chegada abrupta.

— Meu Deus, como vocês nem batem na porta para entrar?! — Ronald pergunta, com a maior ironia do mundo, como se estivesse achando graça da situação completa. — Se eu soubesse, teria acordado a *ratinha* aqui.

Ele sabe que está empurrando os meus botões vermelhos ao falar de Aurora dessa forma. Se não fosse por Hunter, eu teria avançado em cima desse filho da puta, porque no instante em que quis dar o primeiro passo, o

meu melhor amigo se colocou na minha frente.

— Solte Aurora e a gente pode fazer um acordo — Hunter propõe, bem mais calmo do que eu.

Tenho a impressão de que se eu abrir a boca, vai ser só para mandá-lo ir se foder.

— Acordo? Acha que eu realmente vou acreditar em uma baboseira dessas? — pergunta, pressionando a pistola na lateral da cabeça de Aurora. — Querem um acordo? Pois eu tenho um acordo aqui: vocês me deixam sair e eu não estouro a cabeça da garota. Pegar ou largar.

— Está fodido se acha que nós vamos aceitar uma merda dessa — retruco e ele volta a me encarar, ainda mais divertido.

— Finalmente, Vincent, você tem boca pra falar. Pensei que deixaria os seus seguranças de merda falarem por você. Muito feio para um príncipe encantado que está tentando salvar a mocinha em perigo, não acha?

— Diferente do que diz ou do que acha, eu não sou e nunca tive intenção de ser um príncipe encantado, muito menos para Aurora. Acorda da porra do seu sonho, porque não estamos em um conto de fadas. Isso aqui é século vinte e um, Ronald. Ronald, não é mesmo? Se achou tão esperto que não se “certificou” de matar Aubree de vez, quis deixá-la para trás com Marie para agonizar de tanta droga que injetou nela, para que a garota sofresse até o último segundo. Sua alma ruim te entregou para nós de bandeja. Quem dita as ordens somos nós. Você solta Aurora ou você morre. — Viro para o outro cara, o último dos capangas que sobraram e completo. — Você também.

Ronald gargalha, mas não com o mesmo divertimento de antes. Ele parece irado com o que eu disse, como se realmente não estivesse esperando que eu abrisse a boca.

— Eu não demorei todos esses anos arquitetando tudo para ouvir as porras das suas demandas.

— Anos arquitetando e sendo entregue por uma garota de... o quê? Quinze anos?

— Ela tem treze e foi uma boa vadiazinha enquanto precisei.

Destravo a arma no pior dos impulsos, mirando em Ronald. Ele puxa Aurora para mais perto, usando-a de novo como escudo humano para o seu corpo imundo e suas palavras nojentas. Como uma pessoa pode sentir prazer e ainda se vangloriar em estuprar uma criança de treze anos? Em que porra de mundo estamos vivendo? Qual o tipo de doença mental que desliga a parte do cérebro que pensa e simplesmente liga hormônios de monstros como Ronald e o próprio Carl, capazes de estuprar crianças como se essa fosse a coisa mais certa que já fizeram na vida?

Eu não entendo.

Não consigo entender.

Não entra na minha cabeça.

E a cada segundo que passa, só sinto mais nojo, ódio e raiva de pessoas como ele. Se pudesse, matava cada um com as minhas próprias mãos.

— Você é doente — afirmo, os dentes trincando de repulsa.

— Espera que eu faça o quê? Peça desculpas?! — questiona.

— Nem desculpas adiantariam para tentar se redimir de qualquer atitude que tenha tido, não só com Aubree, mas qualquer outra mulher ou menina que teve a infelicidade de sofrer nas suas mãos. Se existe céu ou inferno, você vai queimar lá embaixo, sentado na perna do diabo, e eu espero que ele seja generoso o suficiente para te fazer pagar por cada um desses seus pecados com juros.

— Esse papo está realmente me entediando. Sim, eu comi Aubree tantas vezes quanto consigo lembrar. Fodi metade das meninas no lixão, porque, não sei se sabe, elas não têm nada para oferecer além de suas bucetas. Foi isso que viu nessa aqui? Sinceramente não sei o que o saudoso Carl viu nessa rata. É franzina, pequena e tão... *apagada*. Como alguém se diverte comendo *essa* garota? Como você se diverte com *isso*?

Meu sangue ferve e por pouco, muito pouco, não atiro no filho da puta. Na verdade, por Aurora. Não quero ter a má sorte de errar o tiro e acertá-la, afinal nem sei atirar direito. Essa é a sua única sorte nesse exato momento, porque se pudesse, já tinha atirado em sua cabeça repetidas vezes, até que o seu rosto inteiro se desfigurasse e em sua própria morte ele engolissem as palavras que teve coragem de falar.

— Não estou com ela para me divertir. Aurora é a mulher que eu amo e o seu passado é apenas passado, por isso, Ronald, mais uma vez: solta Aurora. Agora. Depois disso a gente *conversa*.

Como se tivesse me escutado, a morena parece começar a despertar. Ela primeiro mexe os braços, até tentar se firmar em seus pés, que mal conseguem alcançar o chão. Minha vontade de correr até ela se torna cada vez mais forte, mas Hunter outra vez me segura.

— Porra, se acalma — grunhe para mim. — Distrai ele e deixe que Drexel faz o resto com Milo.

Eu o escuto, mas ainda assim, ninguém sabe o que é que eu estou sentindo. O misto de emoções, entre ruins e boas, é entorpecente. Sem pensar duas vezes eu mesmo levaria uma bala por Aurora, se isso fosse suficiente para distrair Ronald, mas eu creio que não é o suficiente.

Pelo menos não até agora.

— Parece que alguém está acordando... — ele cantarola, apertando um

pouco mais o braço ao redor do pescoço de Aurora.

Seus olhos pesados parecem procurar algo para focar, mas percebo que a sua dificuldade é grande.

— O que você quer, Ronald? Vamos resolver isso. O que deseja tirar de nós, afinal? É dinheiro? Eu mandei os dois milhões de dólares que havia pedido, estão na conta, é só checar.

— Calma, Vincent. Agora que ela está acordando que tudo vai ficar mais interessante. — Ele ri, acertando a cabeça de Aurora com a pistola. — Cuidado, ratinha. Acorda. O príncipe encantado chegou para te salvar.

Um...

Dois...

Três...

— Ronald — eu o chamo mais uma vez.

— Para de ser estraga prazeres, caralho. Temos tempo.

Não, não temos.

— O que você quer? — insisto mais uma vez.

— Vingança — late. Sim. Ele late, raivoso. Finalmente eu pareço ter falado alguma coisa que o atingiu em meio tanta ironia e risada. — Quero vingança e dinheiro para curtir a minha vingança.

— Vingança de nós?

— Se você está com ela, sim. Vingança.

— O que Aurora te fez? — pergunto, tentando entrar em sua cabeça.

— Vocês, incluindo a rata, não sabem, mas Carl era como um pai para mim. Aurora matou Carl e Jillian naquela noite, queimados, como a puta inescrupulosa que ela é. Jillian já havia me pedido diversas vezes para me

livrar dela, junto com Roger e Mason, os que vocês certamente abriram a barriga para achar as informações que eu mandei, mas eles eram estúpidos. Enfim, eu me livreí de Aurora, ao menos pensei que o fiz. Nos outros dias eu soube que ela sobreviveu, fui até o hospital e quis imediatamente atirar nela quando saiu daquela porcária, me vingar por Jill e Carl, mas pensei e quis manter a porra da cabeça no lugar. Entrei no hospital, no quarto dela, fui até o estacionamento, mas, como disse, aguardei o momento certo. Ali seria muito fácil. Eu a mataria e seria colocado na cadeia pelo resto da minha vida.

A cada palavra que ele diz, eu o xingo mentalmente.

Como isso tudo pode acontecer?

Ele poderia ter matado Aurora.

Que porra!!!

— Eu organizei tudo, eu planejei cada detalhe da minha vingança, eu estudei os passos dela, os seus, o da sua irmãzinha podre, seu cunhado babão e seus pais ridículos. Estudei a melhor amiga dela, a tal Keela, fiz absolutamente tudo. — Hunter se move quando ele fala de Keela, parecendo irritado. Ela é sua ferida, afinal. — A primeira tentativa foi falha, porque o melhor amigo estava lá. E você sabe, certo? Ele quer foder Aurora.

Então foi ele que também tentou pegar Aurora naquele dia.

— Ah, e aquela vez, o tal paparazzi que tirou fotos de vocês praticamente fazendo sexo ao vivo na frente da casa da sua irmã? Era eu. Consegui dinheiro pra caralho com aquelas fotos, porque de alguma forma sua fama é real. — Aperto a minha mão direita ainda mais no corpo da pistola, enquanto tento escutá-lo paciente, ao mesmo tempo as informações finalmente começam a fazer sentido. — Depois a surtada da Marie, completamente suscetível a alguém que lhe dê esperanças de que você vai ficar com ela, caiu na minha. Droguei ela, no início, mas em seguida ela

mesma começou a se drogar sozinha, pirar sozinha, eu apenas botei pilha e a fiz confiar em mim. Tirei a atenção de mim e botei nela. No início funcionou, mas ela é apenas mais uma cadela inútil nesse mundo.

Deus, mais quanta merda ele ainda vai soltar pela boca?

— Aurora não tem culpa nenhuma de Carl ter sido o pior dos pesadelos dela. Acha que ela tem alguma culpa nisso? Se ela fez o que fez, foi unicamente para se proteger de pessoas como vocês.

Estou dividido entre sustentar meu contato com Ronald e fitar Aurora, que continua se remexendo nos braços do brutamontes.

— Não tem?! Ela matou Carl e Jillian, caralho. Como ela poderia não ter culpa?

Menos dois imundos na Terra.

— Ronald, esquece Aurora, me esqueça, esqueça todos nós. Te dou mais quanto dinheiro quiser para sumir, só me devolva ela...

Passo por todos eles, dando mais passos do que o esperado.

— Para de andar, caralho! — exclama furioso, apontando para mim a arma, e é nesse vacilo que os disparos vêm.

A situação a seguir é como um antigo jogo que tinha toda a minha atenção nos computadores quando eu era pequeno, “pinball”. Drexel e Milo atiram, tanto em Ronald, quanto no outro homem, que não têm como reagir. Sinto as minhas costas arderem, levando isso para o meu peito, enquanto o ar some ao observar Aurora cair no chão, com os olhos arregalados e cheios de lágrimas.

Eu caio em meus próprios joelhos, olhando para baixo e sentindo a dor nas proximidades do lado esquerdo do meu peitoral, irradiar. Tento chegar mais perto dela, porque estou desesperado para senti-la depois de tudo, mas o

sangue vem depois do impacto.

— Vincent!

A voz de Aurora é como a melhor das melodias para mim, o que me leva a sorrir. Mais um disparo é feito, coisa que mal entendo a essa altura do campeonato. Só consigo ainda me arrastar para perto da minha Aurora, com a consciência de que fui baleado.

De onde veio?

Sinceramente, mal me importa, eu só sei que veio, mas pelo menos ela está livre. Segura e livre. Viva. Da mesma forma que eu esperava que tudo acabasse, mesmo se eu precisasse levar um tiro por ela.

— Vince... — ela sussurra, me puxando para perto e arrancando de mim um grunhido.

— Cadê eles com o carro?! Como ela veio parar aqui? Caralho! — Hunter fala ao longe, porque agora todas as minhas energias estão preocupadas e focadas em Aurora.

— Amor — sussurro, tossindo e respirando com ainda mais dificuldade. — Porra, você e-está aqui.

— E você também — retruca, beijando meu rosto e me passando paz com isso. A dor começa a tirar o melhor de mim, mas eu continuo me forçando a resistir. — Calma, Vince. Hunter já foi chamar ajuda, quer dizer... eu não sei..., mas vai ficar tudo bem. — Seus beijos se multiplicam e eu não reclamaria se morresse agora, porque ao menos eu ainda tive a minha Aurora comigo, apesar de tudo e de todas as coisas.

— Você...

Merda.

— Garota, com licença, eu preciso amarrar isso em seu namorado, pra

ver se ao menos o sangue estanca um pouco.

Eu não sei se é Niklaus ou Drexel.

Talvez seja Milo, também.

Eu apenas não sei.

Só sei que sinto falta imediatamente dos beijos de Aurora, mas o meu corpo começa a não obedecer mais às minhas próprias vontades. Meu grunhido de dor escapa quando mexem em mim e eu juro que a dor é mais insuportável do que qualquer outra que eu já tenha sentido.

Talvez essa seja a sensação de morrer.

Se sim ou se não, ainda não faço ideia, mas que é agonizante, é.

— Vai ficar tudo bem, amor...

A voz de Aurora se torna cada vez mais distante.

Eu queria aguentar um pouco mais, mas eu apago. Não sinto mais absolutamente nada, não escuto, nem penso. Sou enfiado em um buraco preto, onde simplesmente apago, mas ao menos ela está viva e vai ficar bem.

Nós salvamos Aurora.

59

“Eu estou aqui sem você, amor.”

“Here Without You” — 3 Doors Down

*Aurora
Lyon Collins*

No instante em que tomo consciência de mim mesma e consigo abrir os meus olhos, as memórias me acertam como uma chicotada no meio das costas. Por sorte ou não, Gia aparece no meu campo de visão quase que imediatamente, enquanto lá no fundo escuto um “bip”, cada vez mais rápido, insistente e irritante, atormentando os meus ouvidos. Tento me soltar de suas mãos, querendo sair correndo do quarto à procura de Vincent. Eu consigo me lembrar de tudo, cada detalhe até eu apagar outra vez. Vi o exato momento em que Vince foi baleado, se lembro bem, foi baleado por Marie, que surgiu dos infernos para fazer merda — como sempre, deveria dizer. Minha memória de antes de ser sequestrada é boa, mas depois disso, é apenas um borrão insistem em minha mente.

Sinto as náuseas me atingindo, lembrando do seu sangue sobre mim no instante em que conseguimos nos encontrar no chão. Pelo menos ali ele estava em meus braços, mas o desespero me consumia a cada segundo de espera por ajuda. Não consigo me lembrar de como tudo terminou, porque as minhas lágrimas me impediram disso, completamente, e tudo que eu verdadeiramente consegui fazer foi abraçá-lo e chorar agarrada em seu corpo, enquanto pedia mentalmente que Deus nos ajudasse. Eu não sabia que diabos de Deus era esse, mas eu pedi assim mesmo.

— Aurora, calma, querida... — Gia pede, mas eu não consigo me acalmar.

— Onde ele está? — pergunto, fitando o seu rosto.

Georgia tem os olhos avermelhados e levemente inchados, o que me deixa saber que ela esteve chorando muito pelo menos nas últimas horas.

— Até a última vez que o médico falou conosco, que foi quando demos entrada no hospital, disse que o estado era um pouco grave, mas faria o seu

melhor pelo nosso Vince.

Não...

— Grave quanto?

Merda, Aurora.

Foi uma bala.

Um tiro.

É óbvio que é grave o suficiente para um *estado grave*.

— Ele está na sala de cirurgia, nós acreditamos que os procedimentos devem estar em seus momentos finais, porque já faz um tempo desde que chegamos aqui com vocês. — Ian segura a minha mão direita. — Vincent vai ficar bem, querida. Ele esteve louco atrás de você, é de ferro e resistiria a qualquer coisa para ficar contigo. Não se preocupe, logo nós vamos poder vê-lo.

Suspiro.

Sei que Vincent é forte, mas ainda assim, não é à prova de balas.

Olho para frente, achando Keela ali, juntamente com Hunter. Esse último me surpreende. Já faz algum tempo desde que vimos Hunter por aqui, o que torna a situação meio estranha, mas não desconfortável. Apesar de tudo, ele não é um estranho para nenhum de nós, ainda que pareça um devido as suas atitudes extremamente duvidosas e desaparecimento sem dizer muito.

— Você nos assustou pra caramba — Keela sussurra, juntando-se a mim no instante em que Ian e Gia se afastam um pouquinho. — Não faz mais esse tipo de coisa, tudo bem?

Arqueio a sobrancelha, mas aceno positivamente.

— Não foi minha culpa, de toda forma.

Keela sorri, com os olhos lacrimejando, e me envolve em um abraço aconchegante.

— Eu amo você, inferno. Não posso te perder nunca, Aurora.

— Eu amo você, Keela. Ninguém vai perder ninguém, eu prometo. — Beijo a sua bochecha e me afasto um pouco, sorrindo fraco.

Não consigo pensar muito nas coisas sem saber do estado de Vincent, estou apenas reagindo como um robô.

Hunter se aproxima da cama e Keela se afasta imediatamente, como se ele tivesse alguma doença contagiosa. Encaro o melhor amigo do meu namorado, que encolhe os olhos para mim, parecendo sem jeito. Esse Hunter não se parece nem um pouco com o que eu conheci anos atrás, praticamente nas mesmas circunstâncias e me fez rir para caramba em um quarto de hospital. Tudo sobre ele é diferente, mas não sou ninguém para julgar.

— Finalmente, sã e salva, exatamente como Vincent queria.

— Vincent, certo? — retruco, sorrindo para ele.

— Nós todos, inclusive eu e meus capangas do mal.

Arqueio a sobancelha, enquanto a memória dos homens desconhecidos falando com sotaque estranho me clareiam a mente.

— Eram seus amigos?

— Digamos que sim — afirma, me oferecendo a sua mão. — Eles já foram embora, só eu fiquei por aqui por mais alguns dias.

— Somente alguns?

— Até Vincent dar o ar da graça, na verdade. O filho da puta quer me assustar, mas quem vai assustar ele sou eu.

— Como?!

— Ficando mais um pouco. — Hunter sorri de volta e pisca para mim.
— Se sente bem? — indaga.

— Dentro do possível, sim. O que aconteceu? — pergunto a ele, mas na verdade abro a pergunta para todo mundo no quarto.

Lembro de pouca coisa.

As minhas memórias mais vivas foram de horas atrás no meu suposto resgate, então tudo continua lento e confuso na minha cabeça. Um pouco de ajuda seria interessante em minha posição.

— Amor, vai chamar o médico — Gia pede a Ian, que acena positivamente, saindo do quarto. Ela se vira para mim e continua. — Você foi sequestrada quando estávamos saindo do café há quase três dias. Eram algumas pessoas do seu passado no lixão que buscavam por vingança sobre tudo que aconteceu com aquele... aquele monstro. — Um calafrio sobe por minha espinha, enquanto a bile também sobe. Controlo a minha vontade de vomitar e todo sentimento ruim que quer tomar conta do meu corpo nesse momento. Isso não é mais meu, essas lembranças não me pertencem mais. Nunca mais. — Marie estava envolvida em tudo com eles, mas eles acabaram deixando-a para trás. Resumindo: te doparam por todos esses dias, compulsivamente, para te apagar.

Mas...

Será que alguém...

Será que alguém me tocou?!

Meu corpo treme, porque eu não sei se saberia lidar outra vez com isso, ainda mais porque estou com Vincent. Eu sou só dele e de mim mesma. Eu não quero ter que falar para ele que eu fui... que me tocaram outra vez sem a minha permissão.

Gia vem para mais perto, segurando uma das minhas mãos, provavelmente percebendo a agonia que estava tomando conta de mim.

— Todos exames possíveis foram feitos, Aurora. Eles não fizeram nada com você além de te doparem com substâncias para te fazer apagar. Nada. Absolutamente. Nada.

Um peso enorme parece sair das minhas costas.

Se tivessem me molestado, os exames apontariam.

Não aconteceu.

Não aconteceu de novo.

— Tudo bem — sussurro, minha voz um pouco embargada de vergonha.

Eu fito Keela, que me encara um pouco confusa.

Nunca cheguei a contar toda verdade da minha vida para ela, lá no fundo eu sei que lhe devo isso, mas esse momento não é o melhor para esse tipo de coisa. Lhe dou o meu melhor olhar de que depois conversaremos sobre o assunto e ela apenas acena positivamente, concordando.

O médico entra com Ian e todos se endireitam.

— Vamos deixá-lo ver você agora e depois tenho alguém para te apresentar, tudo bem? — Georgia pergunta e eu concordo, um pouquinho confusa.

Todos saem do quarto e apenas eu, o médico e duas enfermeiras ficam.

Eles começam a me fazer um tanto de perguntas e checar todos os meus sinais vitais. Os procedimentos demoram um pouco, enquanto o médico tenta me explicar o mais detalhadamente o meu estado de saúde. Eu escuto a maior parte das coisas que ele diz, porque não consigo parar de pensar em Vincent.

Por fim, uma das enfermeiras troca o meu soro um pouco antes de sair.

— Doutor Mackenzie — chamo.

— Sim, Aurora?

— Você pode me dizer se sabe algo do meu namorado, o paciente Vincent Hawk?

É óbvio que eu perguntaria.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Não sei muito, o que sei é que a cirurgia está acabando, apenas isso. Qualquer novidade, falaremos com vocês da família.

Concordo, derrotada.

— Obrigada de qualquer forma — sussurro e ele balança a sua cabeça, se despedindo em silêncio.

— Vamos trazer seu almoço em alguns minutos. — Uma das enfermeiras avisa antes de sair.

Deito na cama, fechando os olhos, apreensiva e medrosa com toda situação de Vincent.

“Vincent Pette Hawk, eu não permito que você me deixe outra vez, nem nunca mais. Se vira, eu quero você vivo para mim e eu não aceito menos do que isso”, sussurro para mim mesma, enxugando uma lágrima solitária que resolve escorregar por minha bochecha.

Puxo o ar com força para encher os meus pulmões e abro os meus olhos quando escuto a porta ser aberta. Avisto ali os meus familiares outra vez, só que eles não estão sozinhos. Eles trazem consigo uma menina e eu congelo por um instante, sentando de susto. Ela é assustadoramente parecida comigo e eu não estou exagerando em nada.

Encaro Keela, me perguntando se ela está vendo o mesmo que eu.

Ela me conhece há muito tempo, sabe que eu não estou ficando louca e o seu rosto diz exatamente isso.

— Oi?! — digo, franzindo o cenho.

A menina não diz nada e eu percebo que ela até mesmo evita me encarar de volta.

Eu busco o olhar de Gia e Ian e eles já estão me fitando.

— Querida, se apresente... — Gia diz para menina, abraçando-a gentilmente pelos ombros.

Ela finalmente me olha.

Meu Deus, como é possível?

— Oi, Aurora. Eu sou Aubree Stein Collins.

Collins?

Como eu?

— Collins?! — digo, exatamente como eu penso. — Collins como o *meu* Collins?

Ela acena positivamente, encolhendo os ombros.

Eu ainda tenho uma família de sangue? Como eu nunca soube disso?

— Eu sou sua prima — sussurra, como se doesse nela.

Ah...

Não.

Quero dizer, sim, mas não.

— Prima? De que...?

— Do Carl. — Ela parece mais envergonhada do que nunca. — É uma

história longa, eu acho que não seja apropriado nada disso no momento. — Suspira e eu concordo.

Do Carl.

Deus... até o seu nome me faz mal.

Eu abro um sorriso contido e estendo a minha mão para ela. Seus olhos me avaliam, exatamente como eu fazia quando era mais jovem. Depois de longos segundos de relutância, ela segura em minha mão e eu sinto que Aubree treme. Me sinto mal por isso, tendo o leve pressentimento que por trás disso tudo, ela é só mais uma menina machucada.

— É um prazer te conhecer, Aubree. Me deixa feliz em saber que ainda tenho um laço de sangue nessa Terra. — Aperto de leve a sua mão, enquanto ela se senta na beirada da cama. Olho para todos ao redor, um pouco receosa com a situação. — Não sei como veio parar aqui, mas estou ansiosa para descobrir e te conhecer melhor, eu prometo que não mordo.

Seu sorriso tímido vem e eu sorrio de volta.

Que loucura é essa, meu Deus?

— Tudo bem — diz baixinho, apertando a minha mão de volta. Aubree me encara, seus olhos castanhos brilhando como duas estrelas perdidas. — Não quero que ache que eu ligava para *ele*. Mal o conheci e eu sei que o que fez me livrou de um mal maior no futuro, mesmo que eu não tenha me livrado de todos.

Pigarreio, sentindo um bolo em minha garganta.

Por um instante quis me sentir mal por tudo, principalmente por, pelo visto, Carl ser pai de Aubree, mas as suas palavras me confortaram. Sim, ele seria um mal maior na sua vida se estivesse vivo até hoje. Seria um mal em nossas vidas. Nunca vou conseguir me arrepender por ter mandado ele e

Jillian queimando para o quinto dos infernos.

— Fico feliz em escutar isso — sussurro, comovida de verdade com as suas palavras.

Para uma pessoa dizer isso da sua própria “carne”, é porque ela já sentiu o mal vindo de outras pessoas e eu sei bem que tipo de maldade é essa. Com dificuldade e muita dor, inclino o meu corpo para frente, abrindo os braços em uma oferta sincera de abraço para Aubree. Ela aceita, me deixando aliviada, e eu beijo o topo da sua cabeça.

— Não é fácil, mas vai ficar tudo bem — resmungo, tentando passar o máximo de sinceridade para ela.

— Eu sei, Aurora. Obrigada por isso — replica.

As lágrimas são incontrolláveis agora.

Choro como um bebê e acabo rindo por estar tão emocionada assim. São tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo, que fica difícil assimilar todas elas e ao mesmo tempo controlar as minhas emoções. De fato, emoções são uma merda, mas se não fossem elas seríamos todos uma espécie ridiculamente igual e enfadonha.

— Agora só falta Vincent ressuscitar pro chororô ficar completo.

Todos nós encaramos Hunter e ele gargalha.

Eu tenho vontade de estrangulá-lo, mas sei que esse é apenas o seu jeito. No fundo, fico até feliz. Essa sua parte parecia estar extinta, então é gratificante vê-lo brincar com alguma coisa.

— Você é um idiota — Keela acusa, praticamente assobiando as suas palavras.

— Não vamos começar isso outra vez. De verdade. — A carranca que Gia faz me diz que muito aconteceu na minha ausência e eu me pego louca

para saber o que tanto rolou.

— Falei isso na maior paz — Keela continua.

— Eu posso ser um idiota, mas eu aposto que você está louca para me matar de beijos.

Seguro o riso e vejo Aubree fazer o mesmo.

Keela revira os seus olhos, sentando-se no sofá e relaxando contra o encosto dele.

— Eu mataria você, mas posso te garantir que não seria de beijos.

Hunter se aproxima dela e os próximos minutos são marcados por Keela e Hunter deslizando pelo sofá, de um lado para o outro, até ela chutá-lo para longe, alegando que o moreno estava invadindo o seu espaço pessoal.

É uma pena eles não estarem juntos, porque seriam o melhor casal do mundo, depois de Gia e Ian e eu e Vincent, claro.

60

“Diga-me coisas que você nunca disse em voz alta.”

“Fallen” — Gert Taberner

Aurora
Lyon Collins

Antes de qualquer notícia de Vincent ser dada para nós, ainda tive tempo de comer, tomar banho e ficar pelo menos um pouco apresentável do que meu estado anterior que era literalmente de cabeça para baixo. Durante o banho eu pude prestar mais atenção nos incontáveis furos de agulha por minha pele, principalmente nos meus braços. O doutor Mackenzie bem disse que eu tive muita sorte desses sedativos não terem me feito mais mal do que o que os exames mostravam. Eu fiquei mais fraca por não ter comido e nem bebido nada durante esses dias, do que por ter sido dopada, o que não é uma surpresa tão grande assim.

Nesse exato instante, nós todos estamos saindo do meu quarto e indo para a sala de espera. Eu estou mais inquieta do que um dia imaginei que ficaria; morrendo de saudade de Vincent e não consigo mais aguentar toda essa distância entre nós, principalmente essa dele estar em uma mesa de cirurgia por ter levado um tiro por *minha exclusiva culpa*. É, foi realmente minha culpa toda essa merda acontecer, o que me deixa mal de certa forma, mas sei que nem mesmo posso mencionar isso para Vince quando ele acordar ou a probabilidade de ele ficar chateado é um pouco grande. Mal consigo lembrar como tudo aconteceu, mas sei que Vincent estava apenas me protegendo. Devo ser grata a isso, e não reclamar. Sou grata a cada um que participou do meu resgate, porque se estou aqui, é por conta de cada um deles.

Sento-me na cadeira da sala de espera, puxando Aubree comigo, que gentilmente aceita, para o meu alívio. Os outros ficam um pouquinho afastados, conversando entre si, então eu aproveito para conversar mais com ela sobre tudo que me contou.

— Fiquei realmente feliz em te conhecer, Aubree... — comento e ela me encara, parecendo acanhada pra caramba. — Você me lembra muito de

mim mesma, sabe? E não digo isso apenas pelo físico, pela aparência. Desde pequena eu aprendi a ler muito bem as pessoas, principalmente porque precisava saber disso para quando sentisse que estaria em uma situação de risco, seja qual fosse. — Ela balança a cabeça, concordando com o que eu lhe digo e eu suspiro. — Quantos anos você tem?

— Tenho treze anos...

Ah, Deus... Tão nova.

Que merda.

— Quando tinha essa idade, eu já tinha conhecido Keela, aquela que estava discutindo com Hunter no quarto. Quer saber um segredo? — pergunto e ela resmunga que sim. — Eles são apaixonados um pelo outro.

Aubree ri, parecendo um tanto desconcertada e eu apenas a acompanho na risada.

— Daquele jeito? Apaixonados? Você tem certeza disso?

— Claro — digo, ainda sem parar de rir. — O amor às vezes é estranho. Às vezes a gente briga com quem ama por diversas questões. Vincent, meu namorado, antes de nós de fato virmos a nos relacionar desse jeito, passamos muito tempo bravos um com o outro. Na verdade, eu estava brava com ele, porque o homem soube ser um idiota de primeira.

— Sério? Ele parecia muito sincero falando sobre você para mim, não imaginaria que um dia poderia ter sido idiota com você.

— Como eu disse, o amor é estranho, mas todo mundo é um pouco estranho também, por isso sempre vai compensar amar e ser amado.

Aubree pigarreia, parecendo pensativa.

— Aquele homem, *ele* dizia que me amava. Esse tipo de amor é estranho?

Afasto o meu olhar da menina, tão pensativa quanto ela.

— A gente tem que saber reconhecer quando um amor é estranho da forma certa. Tudo bem casais brigarem, pessoas que se amam brigarem. Por mais que eu desejasse muito isso, Aubree, a maior verdade que podemos nos agarrar é que o mundo não é pacífico. — Volto a fitá-la, que me encara atenta. — Nem sempre temos a mesma opinião que das pessoas que amamos, às vezes brigamos por isso, até aceitarmos que existem diferenças entre seres humanos e o que nos resta é apenas respeitar. Esse é o tipo de amor estranho que vale a pena ser sentido, quando apesar das brigas, você sabe respeitar, ouvir e entender a outra pessoa, sem permitir que ela te machuque ou que você a machuque.

— E ele? — questiona.

— Não era amor — afirmo, segura das minhas palavras, porque eu sei do que estou falando. — Ninguém que te ama de verdade, vai te machucar tão profundamente, vai te causar danos tão grandes como tudo que ele fez com você. Se um dia ele disse isso para você, além de ser uma completa loucura, por ele ser um homem com mais que o dobro da sua idade; é apenas *doença*. Ele era doente, como muitos outros, de ter falado que nutria esse tipo de sentimento por você de uma forma que é impossível ser aceitável. Se ele te tocava sem sua permissão, era doença. Se ele gritava com você e te machucava a ponto de se sentir seriamente ameaçada, era doença. Se ele teve toda essa coragem de fazer esse tipo de coisa com uma criança, era doença. Doença mental e da alma. Algumas pessoas são podres assim, Bree, doentes dessa forma, insensíveis e inescrupulosas. Elas usam como desculpa o amor, um sentimento puro e verdadeiro, que toma um significado nocivo para a gente, que é muito jovem e mal sabe o que é amar. — Seguro a sua mão, entrelaçando os nossos dedos. — Vamos ter bastante tempo para mudarmos o que alguém possa ter te feito pensar sobre o que é o amor. Infelizmente nem

todas meninas podem crescer com essa noção, mas você vai saber o que é isso e nunca vai deixar que nenhum homem te faça qualquer mal, nunca mais. Abusos não são amor, nunca vão ser, não importa o quanto a pessoa diga e tente justificar.

Aubree balança a cabeça em concordância e aperta a minha mão.

— Eu nunca achei que ele me amasse.

Beijo o dorso da sua mão e sorrio.

— Ele era doente e não está mais aqui para fazer mal nem a você, nem a mim. A partir de agora estamos juntas, somos uma família. Você faz parte de nós, Aubree, vai descobrir o que é o amor e eu já posso dizer que eu te amo muito, você é uma menina muito forte e inteligente. Se sua mãe estivesse aqui, sentiria um imenso orgulho de vê-la tão esperta.

Bree sorri fraco, com a tristeza chegando aos seus olhos.

— Apesar de tudo, toda nossa situação deplorável, ela sempre foi uma boa mãe. Ela sempre me protegeu, me escondeu, principalmente do Carl. Eu a amo muito também, a minha mamãe, onde ela estiver, e agora você. É bom saber que não estou mais sozinha e que agora tenho a sua proteção. Nunca imaginei que me aceitaria, mas é um alívio saber que sim, Aurora.

Com cuidado comigo mesma, puxo Aubree e lhe abraço, beijando o topo de sua cabeça.

— Agora eu sou a sua irmã mais velha, não se preocupe com isso, que com Vince, Gia, Ian, Keela, até mesmo Hunter, claro, e outros amigos meus, muito importantes, seremos uma família enorme e muito feliz.

Aubree me abraça de volta, parecendo acanhada.

— Parece que isso é um sonho...

Seu sussurro é tão sincero e doloroso, que os meus olhos acumulam

lágrimas nos cantos, impossíveis de segurar. Sei exatamente esse sentimento, porque tive o mesmo quando Georgia me ofereceu a sua proteção. Eu sei que tenho mãe e pai que foram incríveis para mim enquanto viveram, os melhores do mundo, mas não posso ignorar o fato de que Gia e Ian, durante todos esses anos, desempenharam esse mesmo papel na minha vida e eu sinto muito orgulho de tratá-los com tais.

— Não é um sonho, Bree. Você vai estar em paz agora, prometo por minha própria vida.

Sinto alívio vindo dela, enquanto relaxa ainda em meu abraço.

Nós ficamos em silêncio e nos abraçando até a hora que Gia se aproxima da gente. Ela vem com seu sorriso contido e olhar brilhante, como sempre. Linda pra caramba e o meu maior exemplo vivo.

— O doutor veio nos avisar que Vincent já está estável, querida. A cirurgia foi um sucesso e já faz algum tempo que ele está apenas em observação, mas já será levado para o quarto e assim poderemos ir ficar com ele de agora em diante.

Ai, Deus.

Ainda bem.

E finalmente.

Finalmente vou ver o meu Vincent cem por cento sã e em minhas faculdades mentais claras. Eu estava dopada pra caramba no resgate, nada fazia sentido para mim. Pelo menos agora eu vou reencontrá-lo e matar a saudade — *um pouquinho apenas*.

Ainda temos muito a tratar um com o outro sobre *essa* saudade.



Entro no quarto, puxando comigo o meu soro que está em um tipo de cabide de rodinhas, eu diria, já que não sei o nome ao certo. Meus batimentos aceleram no instante em que eu o localizo, deitado na cama branca de hospital com um monte de fios ligados em seu corpo, mas parecendo estar bem na medida do possível. Não consigo conter o meu choro, que vem forte sem ao menos me deixar saber se é mais pelo seu estado, ou pela saudade que eu estava sentindo. Apresso os meus passos até estar perto o suficiente, tocando o seu rosto e afastando as mechas loiras de seu cabelo do caminho, para que eu possa ver o rosto que tanto amo sem nenhum empecilho. Não importa em que situação seja, o meu Vince sempre vai estar perfeito.

Quando Vincent voltou para cá eu tive um medo absurdo de me entregar e de confiar nele outra vez. Acho que quando a gente quebra a cara uma vez, mesmo que tenha sido apenas em nossa amizade, acabamos ficando bastante fechados. Olhando para ele hoje, não consigo imaginar a minha vida sem o seu rosto bonito para me fazer sorrir todos os dias. Pensei que o amava anos atrás, mas é apenas hoje que eu sinto que aquele amor não chega perto do que consigo sentir agora. Não tem como explicar o que estou sentindo, porque é mais forte do que qualquer outra coisa. É como se o meu amor por ele estivesse rasgando o meu peito de ponta a ponta, mas da melhor forma possível. É inebriante e inexplicável esse sentimento, nem em mil anos conseguiria explicar para qualquer um que seja.

Seguro a sua mão, com a sensação de que agora **eu** que vou protegê-lo. Chega a ser cômico, mas é o que sinto ao vê-lo dessa forma e tão sereno. Eu

aperto a sua palma na minha com um pouco mais de força, como se a qualquer momento alguém fosse nos separar outra vez. Mas não, não mais, nunca mais. Não quero nunca mais estar longe de Vincent, porque esses dois ou três dias foram piores do que os anos que ele me deixou para trás. Eu estava desacordada na maioria do tempo, mas agora eu consigo sentir toda falta que me fez. É óbvio que ele me faria falta.

Fico alguns minutos em silêncio, apenas aproveitando esses instantes sozinha com Vincent. Encosto a minha cabeça em seu braço, com o rosto virado para o seu, ponderando se devo ou não falar alguma coisa.

No final de tudo, é mais forte do que eu.

— Amor... — sussurro, enquanto tento fazê-lo acordar. — Vincent...

Talvez eu seja um pouquinho egoísta por isso, mas eu só preciso dele.

Vince geme quando tenta mexer o seu corpo e eu me sobressalto, surpresa de que ele realmente acordou. Abrindo os olhos com lentidão, Vincent tenta até parecer focar em mim. Consigo perceber o quanto ele parece aliviado só em me olhar, mas não gosto quando ele tenta se sentar para me puxar para si.

— Calma, amor. Não pode se mexer assim — digo, contendo Vincent ainda deitado. — Você tem que se recuperar, levou um tiro por minha causa, e pelo que eu sei, você ainda é de carne e osso.

— Porra — pragueja, gemendo de dor. — Eu sei, mas... você está aqui, Bela.

Sorrio, emocionada com a forma como ele fala comigo.

— Eu estou — sussurro, me arrastando e me aproximando mais um pouco para ficarmos cara a cara. — Senti sua falta.

Assisto os olhos de Vincent brilharem intensamente, na verdade, eles

lacrimejam com lágrimas que o loiro não deixa escapar.

Ele é tão lindo e eu o amo tanto.

— Senti ainda mais — retruca, esfregando os dedos na minha mão que ainda segura a sua. — Não sabe o inferno que senti com você longe de mim. Nunca mais quero passar por uma merda dessa, Aurora. Quase enlouqueci com isso.

Suspiro, encostando a minha testa na sua cuidadosamente e esfregando nossos narizes, em carinho puro.

— Posso imaginar isso e eu sinto muito por tudo que causei...

— Não foi você — afirma, seguramente. — Foda-se, não quero mais pensar nisso. Você está aqui comigo, é o que importa.

Concordo, porque é a verdade.

Essa é a única coisa que importa agora para nós dois, estarmos juntos.

— Eu te amo pra caramba.

Ele sorri, como se eu tivesse lhe dado um presente perfeito.

— Eu te amo tanto que levaria um tiro por você.

Com peso na consciência, gargalho, porque seria cômico se não fosse um tanto trágico pelo que acabamos de passar.

— Você é um idiota — atiro, parando de rir aos poucos e aproximando meu rosto do seu mais uma vez.

— Vai continuar falando isso ou vai me beijar?

Meu coração acelera, como se esse fosse o nosso primeiro beijo, e eu não evito o nervosismo que toma conta de mim. Eu gosto dessa sensação, porque me faz dar valor a tudo que tenho com Vincent. A chave de darmos tão certo e nos amarmos tanto, talvez seja essa: viver todos nossos momentos

juntos como se fosse a primeira vez, *sempre*.

Pressiono os meus lábios em cima dos lábios de Vincent e ele solta um grunhido, assim como o habitual. Agora, talvez, seja até um pouco mais doloroso por estarmos em tal situação, mas eu sei que é de pura satisfação. Nós ficamos desse jeito por longos segundos, até eu começar a beijar cada pedacinho do seu rosto, beijando os pequenos ferimentos por ali. Vince está todo ferido, entre grandes e pequenos machucados, tirando o que o tiro provavelmente deixou, mas ainda deve demorar um pouco para vermos esse.

— Quero ir pra nossa casa logo — diz, quando selo nossos lábios mais uma vez, ele esfregando a boca na minha propositadamente.

— Eu também quero, amor. Logo estaremos lá — o tranquilizo o máximo que consigo, sorrindo acanhada.

Vincent sobe a sua mão até o meu rosto, dedilhando os meus traços e sorrindo da mesma forma que eu.

— Porra... senti falta do seu rosto.

— E eu do seu — afirmo.

Quando Vincent tenta se inclinar para me beijar outra vez, nossa família entra e eu me afasto discretamente dele. Gia corre em nossa direção e eu tento me afastar mais, para todo mundo ter a chance de falar com Vince, mas ele segura a minha mão e não me deixa fazer isso. Assisto cada um cumprimentar meu namorado e debruçar suas preocupações acerca dele para ele mesmo, o que foi engraçado. Vincent tentou tranquilizar todo mundo, dizendo que estava bem na medida do possível, mas todos, principalmente Hunter, retrucaram afirmando que só se sentiriam melhor quando ele deixasse o hospital.

Passamos a próxima hora só conversando, Vincent segurando a minha

mão e eu segurando a mão de Aubree, que puxei para se sentar comigo.

Bom, agora eu realmente acho que tudo vai ficar bem.

61

“Para sempre, para sempre, para sempre.”

“Forever” — Lewis Capaldi

Aurora
Lyon Collins

Alguns dias mais tarde...

Vincent entra no nosso apartamento com a ajuda de Hunter e Ian, que tratam de levá-lo diretamente para o nosso quarto a meu pedido. Eu os acompanho, indo na frente, tanto para abrir a porta, quanto para ajudar a acomodar Vince na nossa cama. Inspiro o cheiro do nosso lugar profundamente, sentindo o meu peito apertar, porque estava morta de saudade de tudo isso. Nunca imaginei que teria um lugar em específico a qual eu pertenceria, tampouco a uma pessoa. Fito o meu namorado, que já está me encarando de volta e sorrio de lado, um pouquinho envergonhada com o seu olhar atento e avaliativo.

Ele sempre me deixa sem jeito com a sua intensidade.

— Pronto — Hunter diz, checando o seu celular que começa a tocar. — Tenho que resolver umas coisas antes de sair do país. Farei tudo e provavelmente passo aqui à noite para me despedir.

— Não se preocupa, cara. Vai resolver as suas coisas e quando terminar, só voltar — Vince diz, parecendo grato por absolutamente tudo que seu amigo fez até agora.

Droga! Eu mesma estou grata...

Durante os últimos cinco dias no hospital conversamos muito sobre o que aconteceu naquela noite. Hunter contou cada detalhe para mim, que fui curiosa e corajosa o suficiente para lhe questionar, já que ele foi o único consciente de tudo que sobrou para contar história.

Ele me disse, coisa que Gia e Aubree confirmaram depois, que os seguranças disseram a ele que a louca da Marie conseguiu enganar cada um deles — dizendo que estava passando mal e se debatendo no chão — e ainda roubar um dos carros de Vincent. Quando chegou lá, fez o que fez, e como recompensa seguiu o mesmo caminho que os homens imundos. Não pude

acreditar que ela ainda teve a consciência de tentar causar um estrago desses nas nossas vidas.

Nossa sorte, ainda segundo Hunter, foi que um dos seus homens conseguiu evitar ao máximo que Vincent perdesse mais sangue, ou a coisa teria sido bem diferente. Nenhuma dessas coisas eu lembro direito, tudo mais pareceu com um pesadelo, do que realidade, mas sem dúvidas, serei eternamente grata a cada um deles.

— Obrigada por ter ficado com a gente, Hunter — afirmo, indo até a sua direção e lhe dando um abraço apertado.

— Cuida bem dele e evitem se meter em mais encrenca. Ficarei grato e feliz por isso. — Ele beija o topo da minha cabeça e eu acabo rindo.

— E você trate de ir se despedir de Keela pelo menos essa vez, antes de sumir de novo.

Hunter ri, se afastando de mim e me deixando ver com a sua expressão muda um pouquinho. Ele está triste, não sei dizer ao certo o motivo, mas é tudo sobre a minha melhor amiga.

— Vou ver o que faço — avisa e eu apenas aceno positivamente.

Hunter se despede uma última vez e sai com Ian, que dá espaço para Gia entrar em seguida. Abro meu melhor sorriso para ela, que sorri tão contente quanto e me envolve em um abraço apertado. Aubree também entra, bem mais contida, e nós puxamos a menina para os nossos braços.

— Finalmente em casa — Georgia comemora e Vince ri, deitado e sem poder se mexer muito.

— Finalmente em paz, você quis dizer — o loiro retruca e nós rimos com ele.

Sim, a paz.

— Nós vamos sair agora e Aubree combinou de vir conosco, já que vocês dois precisam descansar. Nós voltamos a noite, espero que não tenha problema.

— Não tem não — digo, fitando Aubree. — Não tem pessoa melhor que possa te fazer companhia do que Gia, até melhor do que eu. Aproveite bem ela, Bree.

Aubree sorri, concordando comigo, e Gia nos enche de beijos.

— É muito gentil da sua parte, meu amor. — Ela me aperta mais e eu faço o mesmo de volta.

— Definitivamente a minha mãe da vida.

Encaro Georgia, assim que paro de falar e ela faz o mesmo de volta. Os seus olhos enchem de lágrimas e eu odeio fazê-la chorar, mas depois de tanto que vivemos juntas, tantos anos de acolhimento, compreensão, apoio e cura, dar um pouco desse sentimento para ela e para mim mesma, é o mínimo que posso fazer por nós duas. Fui sincera e honesta conosco: Georgia é a minha mãe da vida, que a vida me deu, me presenteou. Ela foi quem me mostrou o caminho da cura, quem me segurou e embalou em seus braços a cada uma das minhas crises. Se tem uma coisa que Georgia nasceu para ser, sem diminuí-la por ser mulher, como muitos homens gostam de fazer, é ser *mãe*.

Ela é a melhor mãe do mundo.

Eu me sinto sortuda por ter duas mães, uma que olha por mim lá de cima e outra que cuida de mim aqui embaixo.

Ian entra no quarto e nos fita, adquirindo um vinco no meio da testa. Ele se aproxima e eu o puxo para um abraço também, junto com todas nós.

— E você — digo. — É o melhor pai que a vida poderia ter me dado e o meu outro pai concorda onde quer que ele esteja. Meus pais devem estar

felizes por eu ter tido a chance de ter encontrado pessoas tão incríveis como vocês. Eu sou muito feliz por tudo que fizeram por mim e que representam na minha vida.

Os olhos azuis de Ian também se enchem de lágrimas e a essa altura do campeonato, não consigo evitar de chorar com eles.

— Aurora... — Gia sussurra, soluçando.

Ian sorri, deixando as lágrimas escorregarem por seu rosto e beija a minha testa.

— Ninguém nunca conseguiu deixar essa mulher sem palavras — Ian diz, referindo-se a Georgia, que ri em meio ao seu choro. — E ninguém nunca conseguiu preencher essa parte do meu coração como você acabou de fazer. — Ele puxa a respiração com força. — A vida também não poderia ter nos dado uma filha mais inteligente e forte como você, Aurora. E é só a primeira delas e talvez deles. Ainda vamos nos decidir sobre quantos e qual o sexo, não é amor?

Gia ainda só sabe chorar.

Nos desvencilhamos e eu a seguro junto comigo, como muitas vezes Gia fez comigo. Ela chora agarrada em mim e eu correspondo da mesma forma. Eu sempre chamá-la de mãe, lá no fundo, porque eu sabia que era esse papel que desempenhava em minha vida; mas por muitas vezes eu me políciei e me parei por respeito aos meus pais de sangue. Hoje, depois de tantos anos com a minha nova família, vejo que não há mais motivo para essa preocupação tão boba. Meus pais estão orgulhosos de mim, eu tenho certeza disso, porque o meu coração bate mais forte e me espanca por dentro por ter conseguido me libertar dessas últimas amarras que ainda me prendiam.

Estou orgulhosa de nós, da nossa família.

— Eu nunca... nunca... nunca mesmo, achei que fosse um dia se referir a nós dessa forma — sussurra, apenas afastando o rosto para me encarar. — Nunca esperei de verdade, sabe? Porque eu sei que o espaço dos seus pais de sangue nunca poderia ser preenchido, mas eu me esforcei a cada dia, desde que nos conhecemos, para tentar ao menos ajudá-la em sua jornada, em sua recuperação e em sua cura. — Eu concordo com um aceno, porque que é verdade.

Sabe quando você tenta segurar o choro e acaba fazendo um bico involuntário justamente porque não consegue segurar? Essa definitivamente sou eu nesse instante.

— Mas escutar isso de você conseguiu me quebrar no meio, da melhor forma possível. Eu sempre quis ser mãe e busquei de todas as formas isso. Você dizer que eu sou a sua mãe da vida, que a vida te deu, é algo que ninguém nunca vai apagar de dentro de mim. Ser a mãe que a vida te deu, desde antes de te conhecer, já sabia que me mudaria para sempre. Quando eu te vi, então, foi apenas a confirmação de tudo. Cuidei de você com todo carinho e amor que tem dentro de mim e farei isso pelo resto dos meus dias.

Suspiro, abraçando-a bem apertado.

— Eu sei que sim, Gia — sussurro com a voz embargada. — Sou grata por cada segundo que passamos juntas e eu te amo mais do que poderia explicar a qualquer pessoa.

— Eu te amo mais do que poderia explicar até para o Einstein se ele ainda fosse vivo. — Ela segura o meu rosto e nós rimos. — Você é um orgulho para mim, filha.

Meu choro vem ainda mais forte.

Tenho orgulho do que ela me chama. Orgulho de ser a sua filha. Orgulho, puro e curo, em seu estado natural. Apenas orgulho de tudo que

vivemos e passamos juntas e que nos fizeram chegar até esse exato momento.

— Droga, estou me sentindo completamente deslocado de tudo isso e você duas são bonitas pra caralho, as mulheres da minha vida — Vincent reclama bem alto, chamando nossa atenção.

Rimos do loiro acamado, e eu abraço Gia forte uma última vez.

— Chega de choro — digo, sorrindo envergonhada e tentando me recompor.

— Chega de choro — Gia repete, tentando se recompor assim como eu, e enxugando as lágrimas.

Ian se aproxima e me abraça mais uma vez e eu faço o mesmo com Aubree.

— Agora nós vamos indo — Ian sentencia e acenamos positivamente.

Eles se aproximam para se despedir de Vince e quando está tudo terminado, vou com eles até a porta. Nos despedimos pela décima vez com mais um abraço e eles finalmente saem juntos e abraçados.

Tranco a porta e volto apressada até o quarto, onde Vincent me espera paciente. Nós dois tivemos alta hoje do hospital, juntos. De qualquer forma, um só sairia com o outro. Antes de sairmos, tomamos um banho, não juntos, óbvio, mas vontade não faltou, para ser sincera. Ele corre os dedos com a mão direita, já que para mexer o braço esquerdo é mais complicado, porque o tiro foi mais para esse lado.

— Finalmente a sós, eu diria.

Sorrio com as suas palavras e termino de me aproximar, sentando na beirada da cama do seu lado.

— Você foi linda com a minha irmã — continua segurando a minha mão e esfregando o dedão sobre o dorso dela. — Tenho certeza que esse vai

ser um dia que ela não vai esquecer tão cedo.

— Nem eu — afirmo, me sentindo extremamente leve.

— Vem cá, amor. Não me torture porque mal posso me mexer, preciso te beijar. *Logo*.

Faço exatamente como Vincent pede e, com cuidado, muito cuidado mesmo, coloco o meu corpo em cima do seu, segurando-me para não despejar meu peso em cima dele. Selo os meus lábios com os de Vince, sem fechar os olhos, assim como ele mesmo não o faz. Nós sorrimos um para o outro e ele me faz sentar em cima de seu quadril, quando me agarra com o seu braço direito.

— Amor... — eu o repreendo e ele sobe o seu braço esquerdo até o meu rosto, urrando de dor. — Vince! — continuo semicerrando os meus olhos em sua direção.

Ele me cala com um beijo ainda mais ávido, como se estivesse esperando a vida inteira para esse momento acontecer. Eu também sinto como se tivesse esperado pelo mesmo por toda a minha vida, mas a minha preocupação com a sua saúde não me deixa desligar. No entanto, por apenas um segundo, me rendo a forma com Vincent me beija, me segura perto de si e pede por mais de mim. Nunca o senti dessa forma, ele sempre teve tanto cuidado com cada toque que... nunca foi *assim*.

Mas a quem quero enganar?

A mim mesma?

Porque estou amando cada segundo disso.

— Vincent — reclamo, contra a minha própria vontade, mas ainda pensando nele.

— O quê? — pergunta, deslizando sua mão até chegar na minha bunda.

Eu arqueio a sobrancelha, segurando o riso e ele faz o mesmo. — Desculpa, eu estou com fraqueza na mão e ela está levemente dormente, se importa se eu apertar?

Gargalho da sua cara de pau e ele ri divertido comigo.

— Nós teremos tanto tempo pra isso, Vincent. Você não pode forçar, é sério. — Mordo o meu lábio inferior, esperando que ele me dê alguma atenção, então assim eu posso abafar a vontade que ele me fez ficar de fazer de nós dois, apenas um.

— Concordo com você. — Ele torce o canto da boca, em desapontamento. — Então vai ter que ficar por cima.

Engasgo com a minha própria saliva.

— Vincent!

— Você não quer? — questiona, agora sim, preocupado de verdade. — Porque eu quero pra caralho. Podem até amputar meu braço depois, se ele apodrecer por eu ser um péssimo acamado, mas eu sinceramente quero você, Aurora, nesse exato momento e em todos os outros.

Suspiro, engolindo a seco as suas palavras.

— Eu quero você, Vincent Pette Hawk.

Seu sorriso vem, junto com um olhar quente, e eu realmente quero dizer isso, porque não tem uma parte do meu corpo que não sinta o calor das palavras e ações de Vincent.

Eu o quero tanto quanto ele me quer, isso nunca vai mudar.

Arranco a minha camiseta quase que desesperadamente, tentando me livrar do meu sutiã com a mesma rapidez. Vincent geme embaixo de mim e, sentada em seu colo, remexo-me propósito. O seu olhar escurece, enquanto ele estende o seu bom braço para capturar um dos meus seios entre os seus

dedos ásperos, causando um atrito gostoso que me faz prender a respiração em meus pulmões por alguns instantes. Sinto o meu ventre comprimir com a onda de arrepios que sobe por minha espinha e eu me permito fechar os olhos, enquanto movo o meu quadril, friccionando o ponto no meio das minhas pernas sobre o volume de Vincent — e os seus resmungos me deixam saber que ele está adorando cada segundo disso tanto quanto eu estou.

Abro os meus olhos no momento em que Vince aperta um pouco mais forte, fazendo-me segurar nele, mas com cuidado para não esbarrar em seu ferimento. Nossos olhares se conectam e eu solto o ar de vez, junto com um gemido que escapa. Eu não poderia imaginar que a dor poderia ser prazerosa. Não consigo me repreender pelos meus próprios sentimentos, então tudo que eu faço é aceitar cada um deles, enquanto o loiro troca a sua atenção para o outro lado.

— Você é muito linda — solta, entredentes.

Suspiro, concordando com as suas palavras, porque não consigo me atrever a falar mais nada. Meu cabelo cai por cima da minha pele e Vince o afasta para trás. Eu o ajudo com isso, jogando a minha cabeça para trás e me segurando em suas pernas musculosas.

— Porra — pragueja. — Continue fazendo isso e eu vou vir em minhas calças — completa, tirando a minha risada por pura consequência.

Estou rebolando no colo de Vincent de um jeito que eu talvez nunca me imaginaria fazendo.

Encaixo os nossos olhares assim que endireito a minha cabeça e eu o assisto atenciosamente. Querendo ou não, nessa situação, com Vince machucado e todo o resto, quem está comandando sou eu. Não sei como me sinto ao certo sobre isso, mas sei que estou adorando cada sensação que tem me proporcionado até agora.

Me inclino sobre Vince mais uma vez, beijando-o rapidamente e escapo, ficando de pé. Ele estreita o olhar para mim e eu apenas pisco um dos olhos em sua direção. Termino de tirar a minha roupa, ficando apenas de calcinha na sua frente e voltando para a minha posição. A vergonha não me atinge em nenhum momento — ainda bem —, o que me faz continuar o vaivém em cima do volume.

— Se eu pudesse, estaria te beijando inteira agora. — Vincent soa quase fraco, o que é uma surpresa, porque ele é sempre tão seguro e veemente no que me diz. Por outro lado, eu gosto de como ele soa. — Aurora...

Não respondo, apenas me inclino, cuidadosa, mas agora ansiosa para mais dele. Capturo os seus lábios com os meus, mordendo a carne inferior e correndo a minha língua por aquele pedacinho. Vincent grunhe contra mim, quase como se estivesse reclamando, mas eu sei bem que não é isso. Ele agarra a minha bunda com sua mão livre e aperta, provocando o meu gemido esganiçado ao senti-lo crescer um pouco mais debaixo de mim.

Todas as minhas terminações nervosas reclamam pelo excesso de informações que o meu corpo recebe. Com bondade até demais, eu diria, Vincent me ajuda com os movimentos, fazendo com que eles fiquem ainda mais... como eu poderia dizer? Estimulantes para mim. A essa altura eu já me sinto molhada e não vai demorar até que ele note isso em si mesmo.

O loiro desliza a sua língua para dentro da minha boca e me toma mais uma vez, arrancando de mim as minhas palavras e ações. Bom, se eu achava que estava no comando, creio que não é bem assim. Estamos dividindo esse posto páreo a páreo. Nosso beijo frenético suga a minha sanidade de forma quase que completa. De algum jeito, ainda sem largar o nosso beijo, tento tê-lo dentro de mim. O pulsar entre as minhas pernas me faz ansiar a cada

segundo que passa pela completude que só isso pode me dar. Seu beijo me provoca a ponto de me deixar louca, Vincent sabe disso, e é por isso que desgrudo nossas bocas por um segundo apenas, choramingando:

— Vincent... — sussurro, entorpecida de um prazer libertador que não senti em nenhuma das outras vezes. Tudo antes foi perfeito, mas agora é além. — Acaba com isso logo, por favor...

Ele ri em meus cabelos quando deixo a minha cabeça cair em seu ombro. Posso sentir Vincent se remexer, provavelmente lutando para me ajudar, o que deveria ser o contrário, mas toda a minha noção caiu pelo ralo quando ele conseguiu ter o melhor de mim em suas mãos com os seus beijos, os seus toques e todo o seu desejo derramado na minha boca.

— Afasta a sua calcinha pra mim, meu amor — pede, beijando o meu ombro copiosamente.

Faço imediatamente o que ele demanda e o primeiro toque vem para me fazer tremer.

Vincent pressiona a sua ereção na minha intimidade, fazendo-me estar a ponto de engasgar — outra vez — de tanto prazer. Ele começa a esfregar o seu pau descoberto por ali, como se estivesse navegando por mim, mas na verdade eu sei que ele está apenas se lubrificando com o meu pré-goço e excitação que denunciam o quanto eu o quero. Meu corpo inteiro treme com a sua provocação constante, como se, além de se lubrificar, estivesse testando até onde eu consigo aguentar.

— Porra — xingo, entre um suspiro e outro e me endireito. — Se você não faz, eu faço — completo, já fitando-o dentro dos olhos.

Seu sorriso sacana toma lugar em sua boca e eu o forço a parar de brincar comigo, tomando o seu membro em minha mão e deslizando-o para dentro de mim lentamente. Seguro-me em metade de Vincent, lembrando não

sei como de que ele ainda está se recuperando. Fecho os olhos com força, mordendo meu lábio ao sentir cada pedaço seu me preencher de um jeito que não fizemos antes. Definitivamente não.

Cada pedaço seu pulsa dentro de mim, assim como eu sinto-me apertar ao seu redor. Essa sensação é o suficiente para me fazer revirar os olhos mesmo com eles fechados. Arqueio as costas, me apoiando outra vez em suas pernas e, finalmente, cheia de Vincent.

Respiro mais fundo, enquanto me acostumo aos poucos com ele.

— Senti falta disso — afirmo, ainda de olhos fechados, como se fosse mais para mim do que para o próprio Vincent.

— E eu, inferno?! — retruca, segurando-me pelo quadril. — Vai, Bela. Rebola pra mim, do jeito que sempre sonhei que faria.

O rubor sobe não só por minhas bochechas, mas pelo meu corpo inteiro. É como se cada pedaço meu estivesse queimando diante de suas palavras, mas é algo que eu não consigo tomar como ruim — só é novo para mim e para Vincent, como um casal.

Faço como ele comanda, tomando a sua ajuda como um incentivo e mexendo o meu quadril em cima dele. Sinto absolutamente tudo de mim apertar, minhas entranhas sofrem com a pressão literalmente dentro de mim e mais uma vez Vincent geme em consequência. Ele aperta meu quadril e desce sua mão com força na bochecha da minha bunda, atraindo o meu olhar para si. O loiro me avalia de volta e eu me inclino completamente em cima do seu corpo, pela sei-lá-qual-vez. Deslizo uma das minhas mãos pelo seu peitoral até parar no seu pescoço.

Seu sorriso pervertido vem e eu não reprimo o meu próprio.

— Então você gosta de dar palmadas? — pergunto, divida entre salivar

por sua boca levemente inchada e avermelhada e os seus olhos quentes.

Movo o meu quadril lentamente, fazendo-o sair quase todo de dentro de mim, mas retorno rápido, com a falta daquela sensação. Vejo todo efeito das minhas ações no rosto de Vincent, que parece estar a um fio de enlouquecer comigo.

— *Gosto* — resmunga, engolindo a seco. — Eu faria muitas coisas com você agora, pena que eu estou meio defeituoso, mas porra... quando eu tiver a chance... — Aperto mais uma vez, sentindo suas palavras me espremerem até que não sobre nada de mim. Vincent sente o mesmo de mim e pragueja. — Caralho, Aurora, quando você faz isso... — Ele sorri, nervoso, e eu acabo repetindo.

Também me sinto nervosa, porque é involuntário. Quando ele fala assim comigo, sempre faz meu estômago afundar e meu interior comprimir, de desejo, de vontade e **principalmente de amor**.

— Quando estiver menos “defeituoso”, quero que se mostre por completo para mim — aviso, porque é verdade. Os gatilhos, as amarras, os medos e todo temor que eu tinha antes, morreram junto com aquelas pessoas. Ninguém mais tem poder algum sobre o meu corpo, dessa forma, senão Vincent. Apenas e somente ele; e eu fico feliz por isso finalmente se mostrar em mim, do jeito que eu sempre quis que fosse. — Estou pronta para tudo que for me dar a partir de agora — completo.

Vincent talvez não estivesse esperando por isso. Bom, talvez nem mesmo eu estivesse esperando por algo assim, mas quando a gente sente que, verdadeiramente tudo ficou para trás, é o momento que encontramos nossa liberdade com quem amamos e, o mais importante, liberdade em nós mesmo. Liberdade para sentir e amar, do jeito que for. Eu sempre quis isso e *finalmente* eu tenho.

— Eu te amo tanto, Vincent. — Beijo os seus lábios, faminta do seu próprio gosto. — Eu te amo demais e eu nunca vou me cansar de dizer e mostrar isso.

Ele segura o meu rosto e infiltra os dedos entre os meus fios, pegando um punhado e segurando firmemente. O loiro morde, beija e chupa a minha pele, enquanto a sua respiração demasiadamente acelerada continua mostrando que Vincent está gostando do que estou fazendo com ele. Por outro lado, estou me sentindo cada vez mais excitada com seus beijos, seus toques e seus olhares. Cada segundo que passa, é um empurrão para a beira do abismo.

— Eu te amo mais, Aurora, e você é uma baita gostosa.

Sorrio, da mesma forma que ele anda sorrindo para mim, e me endireito de uma vez por todas. Meu gemido sai, enquanto seguro-me na mão de Vincent, que ele me oferece, e me apoio na parte mais baixa de sua barriga. Seus músculos contraem quando eu toco ali e meu sorriso só vai crescendo.

Nos encaramos pelos próximos segundos sem desviar.

É uma conexão nova para mim.

Completamente.

— *Ride me...*

Merda.

Seu sussurro é quase inaudível, mas estou tão ligada em cada uma de suas ações, que é impossível não escutar. E eu escuto, porque Vincent fala por pura provocação e duplo sentido.

Obedeço, porque preciso.

Cada pedaço mesmo busca por sua libertação pessoal e eu só consigo pensar nisso e em Vincent. Volto a mover-me, o mais rápido possível para

mim, esforçando-me para atender as nossas necessidades. Meu corpo está mais quente do que nunca e eu já posso sentir o meu suor descer no meio dos meus seios, enquanto faço movimentos com meu quadril de um jeito que nunca pensei ser capaz. Os músculos das minhas pernas doem com o meu esforço e essa dor arde com todo resto de mim.

Deslizar com o pau de Vincent dentro de mim, me preenchendo por completo, é uma das sensações — senão a mais — prazerosas da minha vida. Eu não havia o aproveitado por completo todo esse tempo, mas é bom poder fazer isso agora, nos juntar como um só e fazer desse o *nosso* momento especial.

Com esforço, Vincent traz o seu outro braço, provocando o meu olhar torto, pedindo para que ele pare. Ele afasta mais a minha calcinha e aproveita para me tocar e me fazer fechar os olhos, esquecer do que estava pensando ou tentando lhe dizer. Eu o sinto esfregar o meu clitóris levemente, apenas o suficiente para me tirar o fôlego, apertar a sua mão que ainda está na minha e segurar ainda mais firme na sua barriga tensionada.

— *Porra* — praguejamos na mesma hora.

Choramingo o seu nome copiosamente, sentindo a agonia tomar conta de mim, de cada pedaço meu. Sinto os meus seios pesarem, doloridos, e como se tivesse me ouvindo, o loiro solta meu quadril — deixando-me por conta própria — e aperta as pontas inchadas dos meus seios, brincando de um para o outro. Suas carícias causam mais arrepios em mim, porque era como ser enviada ao céu e ao inferno ao mesmo tempo. Sinto Vincent endurecer ainda mais dentro de mim e abro os olhos ao tempo de vê-lo despejando-se inteiro, enterrado dentro de mim. Sorrio, tão satisfeita, mas ainda tão excitada quanto antes. A sua expressão é um misto de prazer e dor, que me faz sentir exatamente tudo que ele está sentindo.

Em um troca mais rápida do que eu poderia tentar evitar, Vincent me joga de costas na cama e se apoia no seu braço bom, pairando o seu corpo em cima do meu. Meus olhos estão levemente arregalados com o que ele teve coragem de fazer e quando abro a boca para reclamar, sua língua toma caminho com a minha e ele me reivindica em seu beijo delicioso. As minhas mãos tomam o seu próprio caminho até achar o seu pau molhado de nossa própria excitação e movê-lo para dentro de mim mais uma vez.

Vincent rosna entre o nosso beijo, deixando-me saber que ele também queria isso. Para a minha não-surpresa, ele ainda está duro pra caralho e volta a ocupar o seu lugar dentro de mim, indo ainda mais fundo.

Era exatamente *ali* que eu precisava senti-lo.

Mordo o seu lábio, afastando as nossas bocas para buscar por ar.

— Agora eu quero você gozando no meu pau, Bela...

Merda.

Merda.

— Você não pode f-falar assim comigo... — replico, enquanto ele estoca com força, fazendo meu corpo balançar embaixo do seu.

Vincent repete, saindo lentamente, e entrando todo com força. Seguro-me nos lençóis, empurrando o meu corpo para cima e buscando por mais dos seus beijos para abafar os meus gemidos insistentes.

— *Quero te ouvir.*

Ele só pode estar me testando.

Já que Vincent não me dá sua boca, beijo seu maxilar e deslizo minha língua em sua barba por fazer até chegar em seu pescoço. O loiro grunhe de volta e vem mais forte do que antes, me fazendo tremer e mordê-lo ao mesmo tempo. Ele repete meus gestos, mordendo e chupando bem perto do meu

pescoço. Meu corpo inteiro fica tenso e no segundo depois desse, consigo ter o que queria.

Meu orgasmo vem, enquanto busco outra vez pela boca de Vince, mas dessa vez ele não me nega o seu beijo. Seu corpo permanece parado, ainda com ele dentro de mim, esperando que todos os espasmos passem e eu pare de — levemente — tremer, mas, ao menos, ele corresponde ao nosso beijo. Os segundos continuaram se passando ao nosso redor, enquanto paralisamos em nós mesmos e tiramos o melhor um do outro naquele beijo.

Pude sentir o gosto da saudade, do amor, do desejo que sentimos um pelo outro. Vincent continuou sugando todo resto de lado racional ainda restante dentro de mim e parou, encostando a testa na minha e respirando fundo.

— Senti falta disso — diz soando mais calmo e controlado.

— Nós perdemos completamente a noção das coisas — replico, abrindo os olhos com dificuldade.

Vincent já está ali, me encarando.

Ele sorri tão bonito, que não consigo evitar em levar as minhas mãos até o seu cabelo bagunçado. Vince me derrete inteira com o seu sorriso.

— Vamos nos limpar e nos enrolar na cama como Adão e Eva.

Sorrio de volta, com sua proposta indecente, para não dizer ridícula.

A verdade é que, depois que nos limpamos e tomamos banho, realmente nos enrolamos nus na nossa cama. Tive o maior cuidado para não molhar o curativo de Vincent durante o banho e mordi minha língua para não começar com meu discurso que o que fizemos foi uma grande besteira.

Foi, de fato foi, mas foi tão bom.

— Eu te amo, Aurora, pra sempre e com todo o meu coração.

Sorrio, escutando a sua voz uma última vez antes de me render ao sono que me abraça junto com o loiro.

— Eu te amo ainda mais...

E eu amo mesmo.

Amo Vincent Pette Hawk com cada célula do meu corpo.

Extra

“Então, eu só estava pensando, você poderia me dizer se é tudo uma perda de tempo? Você está deixando meu amor para trás? Baby, diga a palavra e me avise. Você tem que me dar algo, eu juro que não vou tentar mudar de ideia. Se você está deixando meu amor para trás, baby, diga a palavra e me deixe ir.”

“Leaving My Love Behind” — Lewis Capaldi

Keela
Martinez

Alguns dias mais tarde...

Termino de amarrar o meu cabelo, frustrada com tudo ao meu redor. Recupero aos poucos a minha respiração normal, enquanto tomo um pouco de água na minha garrafinha. Eu acabei de terminar o meu treino na academia. Não sei por qual motivo continuo vindo aqui, mas eu venho quase todos os dias. No fundo sei que é para descontar a raiva latente no meio peito, só que tento me fazer de desentendida comigo mesma o máximo possível. Continuo o meu caminho, descendo os degraus da escada até alcançar o térreo.

Meus dias têm sido complicados há algum tempo. Para ser sincera, eles têm sido complicados desde o momento em que Hunter resolveu se tornar um idiota lá em New York. Por pior que tenha sido, via notícias suas com Vincent constantemente. Eles foram dois idiotas e às vezes até me pego julgando a minha melhor amiga por ter cedido a Vincent, mas pelo menos o homem se redimiou o tanto quanto pode até voltar a merecê-la. Sou feliz por Aurora, unicamente por ela, que sem dúvidas merece o melhor de todo esse mundo.

Mas Hunter foi idiota, imbecil, egoísta, mesquinho.

O pior de tudo?

Ele tentou me enganar durante todo esse caminho e eu, como tola apaixonada, caí. Caí em todas as suas palavras, cada uma delas, eu acreditei que ele também estava apaixonado por mim! Não o julgo durante o tempo que ele ficou em New York e se envolveu com outras mulheres. Eu também fiz isso em sua ausência — para esquecê-lo, mas fiz. Mas eu o julgo por ter me ignorado tantas vezes quanto conseguiu, até perdemos completamente o contato e trocamos *unfollow*. Levou todo melhor de mim para voltar a

acreditar nele quando voltou com Vincent para cidade. Levou também apenas uma semana para ele foder com tudo e... sumir. Ele apenas sumiu, do nada, sem dizer adeus. Foi ainda pior do que a última vez. Eu o deixei entrar na minha vida, eu o perdoei por ter sido um imbecil anos atrás e ele me deu esse troco.

Talvez eu fosse burra mesmo.

Não, não, não.

Não tem *talvez*.

Eu fui burra, eu fiz mais uma vez o papel de boba apaixonada que mal podia conter suas próprias emoções, porque era isso que secretamente Hunter me fazia sentir. Então, para descontar a minha raiva, desde que ele se foi eu frequento essa academia. Distribuo a minha raiva em sacos de pancadas, distribuo a minha raiva no tempo, quando saio gritando por aí o quanto eu o odeio, o quanto odeio me sentir vulnerável a cada passo seu. Como eu não vi isso vindo em minha direção?

Burra.

Mil vezes burra.

Aceno para a balconista do local e, como se estivesse lendo os meus pensamentos, o diabo aparece ali.

Hunter, Hunter, Hunter...

— Só pode estar brincando — assobio, passando por ele e empurrando-o pelo ombro.

— Você também, preciosa Keela — joga de volta, soando até divertido.

Sorriso, com os dentes trincando.

Toda a sua audácia me manda para lugares ruins e eu só consigo parar

de andar e me virar em sua direção, com os punhos cerrados de cada lado do meu corpo. Ele arqueia a sobrancelha, como se estivesse me provocando a dar o meu próximo passo.

— Não sou mais a sua preciosa Keela, você não tem direito algum de me chamar assim ou mesmo de falar comigo.

— Você nunca vai deixar de ser minha.

— Melhor você ir se foder, porque eu nunca, Hunter, escreve bem isso: nunca mais serei sua. Nem mesmo nos seus melhores sonhos você me terá.

O seu sorriso vem ainda mais largo e eu me odeio muito por sentir as minhas pernas levemente enfraquecerem.

— Vem comigo? — pede e eu gargalho.

— Você pirou? — indago, irritada com cada detalhe seu.

— Vem comigo, Keela. Eu quero te levar até um lugar.

— Para o inferno? Só se for.

Ele fecha a distância que nos separa e, sem dizer mais nada, me joga sobre o seu ombro, como se eu fosse um mero saco de batatas cheio pela metade. A vergonha sobe pelo meu corpo inteiro, porque ele está fazendo uma cena no meio da rua como um verdadeiro homem das cavernas. Ainda assim, faço o que me vem na cabeça: esmurro suas costas com toda força que tenho, enquanto o xingo usando todo meu palavreado de baixo calão que aprendi em tantas festas bizarras da Universidade.

— Meu Deus, eu vou te matar assim que ficar de pé! — exclamo, profundamente irritada com a sua atitude.

— Você sabe que quer vir comigo, estou apenas te ajudando, você parece um pouco cansada.

— Não o suficiente pra te enforçar COM A SUA PRÓPRIA LÍNGUA!

Sim.

Eu me altero completamente.

E, principalmente porque, sim, eu quero ir com ele, só não queria que ele soubesse, e por mim eu iria para a minha casa me xingando a cada passo, mas não daria o braço a torcer.

Hunter me coloca de pé depois que abre a porta do seu carro e eu não demoro a atender as minhas próprias expectativas: o acerto com um tapa, igual ao que lhe dei dias atrás.

— Você é completamente desprezível! — digo com os dentes ainda trincando de raiva.

— Entra no carro ou você quer dar mais um *showzinho* para o pessoal? Eu não me importo em ser o seu parceiro nisso.

Olho ao redor, onde algumas pessoas realmente pararam para nos encarar.

Suspiro, querendo meter a minha cabeça no buraco mais próximo, tudo por culpa de Hunter. Entro no seu carro e puxo a porta, batendo com força. Atiro a minha mochila no chão do carro, cruzando os braços na defensiva, sem tirar os meus olhos da linha reta que tracei para mim mesma.

Eu só preciso me manter calma e não olhá-lo por nem mesmo um segundo.

— Vamos lá, então — diz, no instante em que bate à porta e parece se endireitar em seu lugar.

Hunter parte sem demora, nos tirando ali da frente da minha academia.

Já é noite e eu deveria estar apenas no meu caminho para casa, onde eu

tomaria banho e teria alguma ideia genial para fazer algo da minha vida hoje. A minha melhor amiga já está bem e segura em sua casa, então eu posso voltar a toda a minha merda diária de não querer fazer nada e não ver graça em nada.

O nosso caminho para sei-lá-onde parece ser demorado e é ainda mais longo porque não nos falamos em momento nenhum. Meus pensamentos já estão fazendo nós a essa altura e eu sinto que, mais uma vez, estou no meu limite com Hunter.

— O que você quer comigo, Hunter?

— Vim me despedir de você.

Meu coração acelera.

— Se despedir? Não acha que é um pouco tarde para isso?

— Não, eu ainda não fui embora.

Viro o meu rosto para fitá-lo em todo o seu cinismo.

— Está brincando comigo, não é?

— Não.

— Sim, Hunter. Você está brincando comigo. Esse tempo todo você esteve assim: saindo da minha vida do nada, da forma que bem entendeu, sem nem mesmo falar um “até nunca mais, cadela”. E aí, você entra de novo, quando bem quer. E fica nisso? Porque simplesmente não sumiu de novo, sem dizer nada? Seria menos...

— Menos o quê, Keela?

— Frustrante. Você é frustrante para mim. Eu nem mesmo estou querendo falar com você e você me coloca sobre o ombro, como seu eu fosse sei lá o quê, e me faz passar por isso: pelo seu adeus desnecessário, como se

eu fosse sofrer ou qualquer merda parecida com isso. — Ele para o carro no acostamento, virando-se para mim. — Vamos aos fatos, certo? Eu não estava esperando por um tchau, adeus ou até logo; não vou mais sofrer por você e, bom, como percebeu, não faz mais parte da minha vida.

Os seus olhos azuis são praticamente inexpressivos.

Praticamente.

Eu vejo como ele muda e a sua pose de divertimento some por completo. A sua postura tensa é o que denuncia.

— Eu sinto muito — murmura o que me surpreende.

Ele sente... muito?

— Hunter, parece que você não sente nada.

— Keela, eu sinto. Sinto muito de verdade. Eu só queria que as coisas fossem fáceis, só queria não ter tantos dev...

Hunter para e eu espero que ele continue, mas não o faz.

— As coisas não são fáceis porque você não quer.

— E você quer? — retruca.

Engulo a seco.

Não quero me mostrar vulnerável mais uma vez. Estava ainda pouco refletindo sobre essa merda e como eu o odeio. Eu não posso simplesmente deixá-lo ver que sim, eu o quero. Não posso, ou ele vai ficar entrando e saindo da minha vida como se eu tivesse permitindo.

Mas e se isso funcionar?

— Sim, Hunter — sussurro com tanto medo que tenho que fechar os olhos. — Sim, se dependesse de mim, eu as tornaria mais fáceis e eu me odeio por admitir isso porque...

Ficamos em silêncio mais uma vez.

Nossas respirações são os únicos sons escutados por nós dois.

— Diz pra mim — pede, tocando o meu rosto e me fazendo incliná-lo para mais do seu toque.

É tão doce, é tão saudoso.

Parece tanto com... *nós*.

— Porque eu sou apaixonada por você, Hunter. Sempre fui apaixonada por você, sempre te adorei, sempre te quis, sempre te amei, silenciosamente, porque sabia que não tinha qualquer chance com você. — Abro os olhos, sentindo as lágrimas acumularem lentamente. — E desde que nos conhecemos, isso tem ficado cada vez mais forte e eu só queria que desse certo, mas ao mesmo tempo você é tão, tão, tão imbecil com tudo, como se não importasse. Mas eu faria funcionar, faria a minha parte. Só não posso fazer a sua também, porque sabe-se lá se você também se sente como eu me sinto.

Ele não diz nada por longos segundos.

Eu tento me afastar, quando percebo que falei demais.

Como sempre falando mais do que a minha boca aguenta, afinal, não seria eu se fosse diferente.

— Eu também sou apaixonado por você, Keela.

E então ele me pega de novo, me amarra em seu dedinho, como se eu fosse minúscula perto daquele sentimento que toma cada pedaço de mim. Eu sempre falei para mim mesma, desde que nos conhecemos, mas agora eu vou falar para ele, para que escute com cada letra e entenda o tamanho do meu sentimento.

— Te amar pode ser a melhor coisa da minha vida, Hunter, ou também

pode ser a minha ruína, e, merda, acredite em mim quando digo que não quero lembrar de você como a minha ruína.

— *Preciosa* — resmunga, fitando os meus lábios. Não evito fazer o mesmo, porque nesse momento só quero me jogar em seus braços e esquecer que o resto dos seus afazeres querem que Hunter fique bem longe de mim. — Te amar sempre vai ser a melhor parte de mim, mesmo que eu tenha que ir embora de novo não vai ter um segundo que o meu coração vai parar de bater por você, Keela.

O desapontamento me toma por completo.

— Você vai embora mesmo? — pergunto, engolindo as minhas lágrimas.

— Não posso ficar aqui.

— Nem mesmo por mim? Pelo que diz que sente?

Ele balança a cabeça negativamente.

Então eu sei que, sim, ele vai embora e tudo que falei, a forma como eu me abri, foi em vão.

— Me leva pra casa, por favor, Hunter.

— Keela, tente me entender...

— Eu tento, Hunter. Vai, começa a me dizer. O que está indo fazer? Por que está indo para Rússia? Quem eram aqueles “seus caras” que estavam aqui? Se você conseguir me explicar, eu juro por meus pais, que vou entender.

Hunter se afasta de mim, endireitando-se mais uma vez atrás do volante e colocando as mãos sobre ele.

Eu espero, espero, espero e espero. Espero por algo. Espero que ele

comece a falar e despeje tudo que está passando para mim, mas, ao mesmo tempo, também pode não ser nada. Talvez ele esteja indo para curtir? Talvez sim. Eu nunca vou saber, porque ele não se comunica comigo, mas também, por causa disso, sei que terei mais raiva ainda de tudo, principalmente dele.

— Me leva pra casa — insisto e ele concorda com um breve aceno.

Hunter dá a meia volta e refaz nosso percurso.

Sinceramente não sei como me sinto, só sei que a qualquer momento eu vou quebrar, mas oro silenciosamente para que não seja na frente dele, ou a humilhação viria no combo completo. A cada metro que nos aproximamos da minha casa, sinto como se os meus pedaços estivessem ficando pelo chão.

Terei que ser burra ao quadrado para voltar a ser esse tipo de “Keela”.

Encostando o carro na calçada, puxo a minha mochila e abro a porta do carro. Quando estou me impulsionando para sair, Hunter me segura. O fito uma última vez, esperando que me solte logo.

— Chega, Hunter. Você só está machucando a nós dois.

Ele concorda com um breve aceno, mas não me solta. Hunter se inclina e deposita um beijo na minha bochecha, fazendo a minha pele entrar em combustão e a vontade de chorar crescer ainda mais em meu peito.

— Seja feliz.

Essa é a última coisa que ele me diz, por mais irônica que seja. Não lhe desejo o mesmo, apenas saio em disparada, correndo por todo caminho até a porta de casa, enquanto os meus pedaços finalmente começam a se separar.

Parabéns, Hunter.

Você conseguiu piorar tudo.

Espero te ver na minha vida nunca mais.

Epílogo

“Eu não quero muito nesse Natal, só tem uma coisa que eu preciso. Eu não me importo com os presentes que estão embaixo da árvore de Natal. Eu só quero você para mim, mais do que você jamais poderia imaginar. Faça o meu desejo se realizar, tudo que eu quero de Natal é você.”

“All I Want For Christmas Is You” — MAX (Mariah Carey Cover)

Aurora
Lyon Collins

Alguns dias mais tarde...

Então é Natal!

Estou de pé, andando de um lado para o outro, com Vincent no meu encalço, desde cedo. Em alguns momentos ele desistiu de ficar tentando me ajudar e apenas se sentou, enquanto eu estava nervosa sobre absolutamente tudo. Na verdade, estamos na Véspera de Natal, o que é ainda mais significativo para mim. Sempre comemorei com os meus pais mais na véspera, do que no próprio dia. Era basicamente o nosso costume. Com Gia e Ian, durante esses anos que moramos juntos, eles também não gostavam de ficar esperando até meia noite para termos nossa refeição — tirando um Natal em especial que fomos passar com alguns amigos de Ian, então Gia e eu sofremos esperando até a meia noite.

— Amor, Gia vai trazer metade das coisas, nós fizemos compras de presentes durante quase toda semana e você já virou o apartamento de cabeça para baixo, vasculhando tudo, deixando tudo limpo. Está impecável, Bela, pare de tentar achar defeito nas coisas.

Vincent está certo.

Eu me sinto exausta, mas eu tenho que admitir que está tudo perfeito. Não tem uma coisa fora do lugar em nosso apartamento e ele está devidamente decorado com uma árvore de natal que dá três de mim em altura e todo resto de coisas que achamos para comprar nas lojas. Absolutamente tudo no apartamento grita "É NATAL!" e eu estou muito contente com isso, porque era meu objetivo.

— Tudo bem — afirmo, dando-me por vencida, cruzando os braços e analisando mais uma vez o lugar.

Vincent me abraça pela cintura, beijando a minha bochecha e enterrando o seu rosto em meu pescoço, como já é de costume.

— Não tem nenhum defeito aqui.

Bom, se ele está dizendo...

— Eu vou acreditar em você — afirmo, virando meu rosto para fitá-lo e ele sorri.

— Consegue imaginar? Duas cabeças pequenas correndo por aí, esbarrando nas coisas e eu perdendo os cabelos de nervosismo? — pergunta e eu franzo o cenho. — Filhos, amor. Filhos.

Minha barriga remexe e eu sinto o rubor subir pelo meu rosto. Suspiro, acenando positivamente. Claro que eu consigo imaginar. É tudo que sempre sonhei com Vincent, seria um dos meus maiores sonhos a se tornar realidade: construir uma família com o homem que eu amo. Mas, ao mesmo tempo, as lembranças do passado são inevitáveis. Eu abortei tantas vezes que mal consigo lembrar. Não porque quis, mas porque era completamente maltratada. De qualquer jeito, as coisas com certeza acontecem por algum motivo.

— Já está querendo planejar filhos? — indago e ele dá de ombros, me girando em meus pés e ficando cara a cara comigo.

— Com você eu consigo planejar qualquer coisa, Bela.

— Eu também, amor, e seria perfeito para mim. Na hora certa vai acontecer, eu tenho certeza.

Ele me beija no topo da cabeça e sorrimos um para o outro. Não há muito o que ser discutido: o que for para acontecer, certamente vai acontecer.

— Você sabe? Eu fico pensando naquela menina...

— Quem? — Planto as minhas mãos em seu peitoral, alisando por cima da camiseta branca.

— Jules, a do orfanato.

Ah, Jules.

Bom, eu também penso nela, o tempo todo. O último mês foi intenso e bem complicado de atender a qualquer das minhas atividades diárias pela cidade, entre orfanatos e abrigos. Mas, dois dias atrás, todos fomos ao redor da cidade, dar algum conforto e o mínimo dignidade a quem estava precisando.

Vince conseguiu alugar um lugar meio parecido com um galpão, aqui perto, e nós compramos vários colchões de ar para que conseguíssemos abrigar o máximo de pessoas possível. Eu não consegui ir até o lixão, mas Gia foi com Ian e eles resgataram muitas mulheres que estavam precisando de ajuda.

Vincent e eu cuidamos de conseguir ajuda médica, comida, roupas e segurança a todos que conseguimos abrigar no galpão. Foram dias intensos, mas que com certeza valeram a pena. Hoje sei que a maioria das mulheres daquele lugar estão se sentindo protegidas, limpas e em paz de alguma forma nesse dia.

Nós também fomos em tantos orfanatos e abrigos. Levamos brinquedos para crianças, cestas básicas, tudo que estava ao nosso alcance. Levamos todo nosso amor e carinho junto, passamos o dia inteiro de lá pra cá, tentando nos dividir ao máximo entre todos.

Então, fomos onde Jules.

Ela estava adorável e grudou em mim como chiclete por todo tempo que passamos lá. Quando não estava no meu colo, estava com Vincent, e ele parecia adorar cada segundo com a menina. Bom, agora eu tenho a confirmação: ele adorou mesmo.

— Eu também penso nela, amor. Jules é absolutamente adorável, como todas as crianças ali. Gostaria muito de algum dia poder fazer algo por ela,

algo de verdade.

Ele entorta os lábios, trazendo a sua mão até meu cabelo e enfiando uma mecha atrás da minha orelha. Em seguida, Vince sorri, todo estranho.

— Bom, então você vai adorar essa noite.

Volto a franzir o cenho, confusa com o que ele diz.

— O que quer dizer? — pergunto e ele sorri ainda mais.

A campainha toca e eu olho para o relógio na parede. Mas que droga? Já são sete da noite e Vincent não me avisou. Nossos convidados já estão chegando, é óbvio que sim.

— Amor! — exclamo, nervosa outra vez.

— Vai se arrumar, Bela. Eu vou receber todo mundo — afirma, porque ele mesmo já está arrumado.

Desde que viemos para casa, Vincent tem melhorado bastante. Seus movimentos do lado esquerdo ainda estão um pouco travados e ele ainda sente dor, mas me tranquiliza todos os dias dizendo que está se sentindo cada vez melhor e que cada dia dói menos.

É nítido isso, ou não teria me ajudado em tanto sem fazer uma caretinha sequer.

— Tudo bem, eu prometo que serei rápida. Não espante ninguém e mantenha a sua língua na boca.

O loiro arqueia a sobrancelha e eu selo nossos lábios.

— Eu quero manter a minha língua em você — resmunga contra a minha boca, apertando a minha cintura.

Me desvencilho de seus braços ou vamos acabar na cama e esquecendo do mundo aqui fora. Melhor assim, temos uma véspera de natal para viver

com nossa família e amigos.

— Depois a gente resolve o seu problema — digo uma última vez antes de sair correndo corredor a dentro para o nosso quarto.

Escuto as reclamações de Vincent mesmo de longe e sorrio.

Vincent sendo Vincent, é claro.

Eu faço exatamente tudo que tenho que fazer metódica e rapidamente. Me apresso no banho, mesmo que a maior parte de mim queira relaxar e curtir o momento como quase sempre o faço. Odeio que fiquem me esperando, é exatamente por isso que eu me apresso.

Assim que termino o meu banho, começo a vestir o único vestido que tive tempo de comprar com Vincent, porque ele insistiu muito, durante todas as nossas saídas nessa semana. O vestido é completamente branco, de mangas longas e saia também longa. Eu talvez o compararia com aqueles sobretudos de seda, que chegam até os pés e são muito macios. Embora esse não seja de seda, o tecido é tão delicioso, confortável, macio, e se encaixa perfeitamente no meu corpo.

Tento secar ao máximo o meu cabelo e pentear. Desisto de fazer maquiagem quando Vincent entra, caminhando em minha direção e selando nossos lábios.

Eis o frio na barriga.

— Keela chegou com seus outros amigos — avisa, fitando-me nos olhos.

Eu senti falta deles.

Muita.

Ainda bem que eles todos aceitaram passar essa noite aqui, pelo menos até o jantar e troca de presentes. Keela, Caitlyn, Megan e Dom são mais do

que importantes para mim, eles fazem parte da minha família. Maureen também, minha psicóloga, e ontem, depois de muitas semanas e mensagens trocadas para lhe dizer que estava bem, eu fui até ela com o meu presente. Eu não sei o que seria de mim sem o apoio deles, mesmo que meus amigos não saibam metade do que passei. Só de saber que eles me consideram tanto, já mostra que não estou errada a respeito de nenhum deles.

— Vamos lá — sentencio, sorrindo animada para meu namorado, que sorri de volta da mesma forma.

Vince entrelaça os nossos dedos e saímos, eu bem mais animada e ele bem mais contido. Quando chegamos à sala de estar, Megan e Caitlyn já estão ali pelo meio, rindo alto com Dom, que conta alguma de suas histórias engraçadas. A minha melhor amiga está apenas sentada em um canto, parecendo reflexiva demais para ser a minha Keela.

— Olha só quem chegou! — Caitlyn exclama, jogando a atenção de todos em cima de Vincent e eu.

O loiro só tem a chance de soltar a minha mão, porque no instante seguinte, minha amiga se joga em mim em um abraço apertado. Eu a abraço de volta, sorrindo com sua animação e espírito natalino em dia. Caitlyn está toda de vermelho e verde, uma graça para ser sincera.

— Também senti sua falta, Cait. E fico feliz que aceitou o convite de passar essa noite aqui com a gente — enuncio, dando um beijo demorado em sua bochecha.

— Não poderia perder esse evento especial organizado pela primeira vez por minha Aurorinha.

Sorrio com ela, lembrando de Hunter.

Queria que ele estivesse aqui conosco também.

Cumprimento Megan, que reage praticamente como Caitlyn. Ambas extremamente animadas. Na hora de abraçar Dom, ele me tira do chão e me gira no ar. Eu gargalho, divertida, porque desde que nos conhecemos ele tem essa mania estranha.

— Você veio, homem! — exclamo, quando ele me coloca de volta no chão.

— E eu perderia isso? Além de que há semanas nós tentamos falar com você, Keela era a que sabia mais e mal nos contou alguma coisa. Você está bem? — pergunta e eu percebo que o seu olhar vacila por um momento em Vincent.

— Completamente bem, nunca estive melhor — eu o tranquilizo, porque é verdade.

— Tudo bem. — Sorri, contido. — Fico feliz em saber e em fazer parte disso. É reconforte ter certeza que não vai me esquecer assim.

Eu sei o que Dom quer dizer e eu nunca faria isso.

— Você que está se retirando da minha vida — reclamo, divertida. — Vai voltar para Chicago depois de tudo, não é?

Ele dá de ombros, mas acena positivamente.

— Minha avó gostou da minha companhia e eu creio que lá vai ser uma boa oportunidade para mim. Estou de olho em alguns trabalhos e com a influência que tenho, não vai ser difícil arrumar algo em breve. — Sorri, coçando a nuca. — Vocês podem me visitar lá. — Ele volta a alternar o seu olhar entre Vincent e eu. — Não vou te esquecer nunca, Aurora.

Isso me reconforta.

Dominic continua sendo o meu melhor amigo, o melhor de todos.

— Com certeza nós vamos — Vince diz, mais próximo de nós.

— Eu vou cobrar isso — Dom retruca e eu lhe dou mais um abraço apertado.

— Agora fique conversando aí, meninos, eu vou falar com Keela.

Aproximo-me de Keela e lhe dou um abraço surpresa bem apertado.

— Ei, você, quietinha.

Me afasto, sentando bem do seu lado e segurando as suas mãos. Sua cabeça parece estar bem longe, mas logo ela foca em mim e sorri forçadamente. Não tem nada que eu não perceba em Keela.

— Você está bem?

— Sim, claro. E você? Está tão linda, parece muito melhor.

— Eu estou, de fato. Dessa vez parece que estou curando bem mais rápido. Me sinto novinha em folha...

— Fico feliz por você, Aurora. — Ela aperta as minhas mãos nas suas.
— Eu também estou ótima e quase nem acredito que esse ano está acabando. Foi um daqueles beeem longos.

— Você está realmente bem? — insisto.

Ela suspira, mas sorri novamente.

— Não tem nenhum motivo para eu não estar e, afinal, é natal. Melhor época do ano, nossa data comemorativa preferida. Eu estou animada pra caralho e já quero comer tudo que eu tive direito.

E então eu fico aliviada.

Em partes sei que é mentira da minha melhor amiga, mas, ao mesmo tempo, ela parece estar se esforçando. Não vou pressioná-la até lembrar de algo desagradável e estragar a sua noite por completo.

— Caso precise, estou aqui sempre.

Keela concorda, sorrindo de lado.

— Caso precise eu também estou aqui, mas sei que já tem um bonitão do seu lado para escutar todas as suas lamentações.

Sorrio de volta, encolhendo os ombros.

— Mas nada é como uma melhor amiga.

Keela me abraça e ficamos dessa forma por um tempo. Só nos separamos quando a campainha toca, me deixando saber que Gia, Ian e Aubree provavelmente chegaram.

— Eu vou lá — digo, me desvencilhando de Keela e levantando.

Abro a porta, dando de cara com Ian e Gia. Eu mal posso acreditar no que vejo, para ser bem sincera. É a cena perfeita, eu diria, sem dúvida alguma. Georgia segura um bebê nos braços, enquanto Ian está ali, com Jules agarrada em seu pescoço, tagarela e animada como sempre. Logo ao lado, está Bree, sorrindo com eles, provavelmente de algo que Ian disse antes de eu abrir a porta.

Meu coração se enche de alegria e surpresa, juntamente com muito amor. Eles estiveram esperando por isso por muito tempo. Quando entrei em suas vidas, sentia quase sempre que estava atrapalhando os seus planos de adoção. Tudo foi cada vez mais ficando de lado por eles estarem sempre tão atentos a mim, cuidando de mim, ajudando, me dando suporte e simplesmente sendo *pais* para mim.

Mas, agora isso...

Eu não sei por que diabos estou tão emocionada, mas apenas estou. Quero dizer, no fundo eu sei. Também sonhei com esse momento. A felicidade de Gia e Ian é a minha e eles nem precisam abrir a boca para dizer que esses são os seus filhos, porque está na cara que sim.

Deus!

Eles esperaram muito por isso, droga, eu não vou cansar de dizer...

— *Rora!* — Jules exclama assim que me avista.

Só sei sorrir e segurar as lágrimas.

Gia sobre o olhar para mim, assim como Ian e Bree. Eu pego Jules em meus braços, beijando o topo da sua cabeça e sorrindo em sua direção.

— Oi, gente — sussurro. — Podem entrar.

Ian e Gia passam por mim, beijando-me como fiz com Jules, e eu faço o mesmo com Bree.

— O que está acontecendo aqui? — Keela pergunta quando fecho a porta. — Jules! — exclama e a menina faz o mesmo, querendo pular de mim para a minha melhor amiga.

Deixo que Keela segure Jules, enquanto esperamos Gia e Ian falarem algo. Vincent me abraça por trás, como se estivesse esperando comigo.

— Todas as coisas se resolveram e nós finalmente conseguimos aumentar a família do jeito que sempre sonhamos. — Gia se senta no sofá e Ian faz o mesmo, deixando uma bolsa branca grande ali de lado. — Esses são os novos membros da nossa família.

— Seus irmãos — Ian completa, fitando-me atentamente com Gia.

Seguro as mãos de Vincent, que estão em cima da minha barriga, enquanto eu tento controlar todo nervosismo e animação. Eu não estava esperando por isso, de jeito algum, mas veio em uma hora tão boa, apenas para completar toda a felicidade que já estava em cada um de nós.

Realmente essa é a palavras: eles nos completaram.

— Esse aqui é o nosso Antony e, bom, aquela ali todo mundo já

conhece, a nossa Jules.

Vince pressiona a minha mão e eu sorrio.

— Vince estava falando comigo sobre Jules antes de chegarem e...

Viro para ele e o encaro, que está com o seu sorriso bem colocado.

Ele já sabia.

— Você já sabia, Vincent Pette Hawk! — acuso e ele já de ombros.

— Claro que eu já sabia, amor. — O loiro beija a lateral do meu rosto antes de continuar. — A surpresa era pra você, não pra mim.

Faço um bico, fingindo chateação.

— Eu posso pegar ele? — questiono e Gia acena positivamente.

Aproximo-me rapidamente, pegando o pequeno Antony nos braços com cuidado. Ele é tão lindo e só nesse momento, bem de perto, que percebo que seus pais biológicos provavelmente são asiáticos. Não consigo evitar em beijar seu rosto e ele imediatamente reage, com um sorrisinho tão adorável que fico a ponto de explodir de amores.

É lindo, perfeito.

Meu Deus, eu tenho um irmão lindo.

— Um natal com a família completa, não é? — Vincent diz e eu concordo.

— E os seus pais? — pergunto, olhando de Vince para Gia.

— Eles estão na Rússia — retruca, dando de ombros.

— Nem queira saber — Vince murmura atrás de mim e volta a me abraçar. — Importante é que quem realmente importa está aqui. Esse é, de longe, o meu natal mais feliz de todos.

— O meu também — afirmo, sem dúvidas sobre isso.

— De todos nós — Gia completa.

Meus amigos se aproximam também para conhecer Antony e logo o bebê vai passando de um para o outro, eles tão apaixonados quanto eu. Vincent me puxa pela mão, me levando até a sacada do nosso apartamento. Nós fitamos a noite, que está linda, estrelada e muito fria.

— Eu sempre sonhei em viver essas datas com você — diz, baixinho, entrelaçando os nossos dedos e sorrindo para mim. — Posso te fazer uma pergunta? — questiona e eu apenas concordo. — Casa comigo, Aurora Lyon Collins? Um dia desses, qualquer um que você decidir que é a hora certa para nós dois?

Meus olhos se arregalam por vontade própria.

Eu não acredito no que ele acabou de pedir.

— Casar? Eu? — Minha voz sai praticamente inaudível e, para piorar, o vento por nós leva toda ela.

— Claro. — Sorri, segurando o meu queixo e beijando a minha boca. — Vai fazer de mim o homem mais feliz do mundo em saber que quer se casar comigo, Aurora.

— É óbvio que eu quero. — Uma lágrima solitária desce por minha bochecha. — Eu sei o quanto me ama, mas não imaginei que chegaríamos a isso. Nem nos meus melhores sonhos, Vincent.

— Isso é um sim? — Sua ansiedade é palpável.

— Sim, Vincent Pette Hawk. Isso é um sim. Mil vezes sim. Infinitas vezes sim. Quantas vezes perguntar, eu vou dizer sim.

— Porra — pragueja e sorri, voltando a me beijar. Vincent se remexe e quando se afasta, ele coloca uma caixinha branca em nosso meio. — Então...

Meu Deus.

Tudo isso é absurdamente demais para o meu coração.

Ele abre a caixinha e lá tem um anel, talvez o mais lindo que já vi em toda a minha vida. O anel de ouro tem uma pedra verde tão brilhante que parece demais para estar colocada em meu dedo.

— Não vou perguntar quanto isso custou — sussurro, com a mão tremendo, enquanto ele mesmo segura e coloca ali a joia que cabe perfeitamente em meu dedo.

— Melhor não perguntar — retruca, divertido.

Vincent beija a minha mão e eu pulo em cima dele, beijando-o copiosamente enquanto me seguro quase que completamente em seus ombros. Ele geme, porque ainda está se recuperando, e é só assim que lembro que o que fiz é uma besteira. Quando tento sair, já é tarde demais. O loiro me abraça forte, me beijando de volta e mordendo minha boca.

— Eu estou noiva — sussurro.

— Eu também estou — brinca e nós rimos. — Noivo da mulher mais linda que a terra já teve a chance de receber. Quanta sorte eu tenho...

— Você é mais do que eu sempre sonhei, espero que saiba disso.

— Só estou tentando ser a minha melhor versão a cada dia para que eu possa vir a ser merecedor de ter um amor tão puro quanto o seu para mim, Aurora. Não sei o que seria da minha vida se você não tivesse entrado nela. Você é tão... minha. Porra, é apenas perfeito o quanto se encaixa em meu quebra-cabeças como aquela peça que sempre esteve faltando. Eu te amo mais do que consiga explicar e esse é o único sentimento que sei que nunca vai morrer dentro de mim.

As lágrimas a essa altura caem o quanto bem entendem.

— Eu te amo mais do que posso te dizer. Sempre te amei, Vincent,

sempre. Você foi o meu primeiro amor, a minha luz no meio de tanta escuridão e, por Deus, eu mentiria se dissesse que não estou em êxtase por saber que sempre vai ser meu primeiro e único amor. Eu te amo, muito, muito, muito...

Eu o beijo mais, necessitada dos seus lábios sobre os meus.

— Quando isso acabar, não quero saber se é uma data de respeito dessas coisas de religião, só quero ter você debaixo de mim e dizendo que é minha cada estocada que eu der.

Minhas bochechas queimam e eu prendo a respiração antes de dizer:

— Eu mal posso esperar por isso.

Fim

Extra

“A razão de eu te amar é você, sendo você, só você. Sim, a razão de eu te amar é por tudo que nós passamos e é por isso que eu te amo.”

“I Love You” — Avril Lavigne

**Aurora
Lyon Collins**

Um mês mais tarde...

Tento acalmar os meus nervos ao sair do carro com Vincent.

Nós acabamos de chegar no principal autódromo de Pittsburgh pelas portas do “fundo”. Nós dois estamos com macacões seus, com o seu nome e tudo, o meu claramente feito para cair direitinho no meu corpo. Sinto como se estivesse vivendo o meu sonho adolescente mais louco, porém mais real que nutri durante todos esses anos. Eu sempre amei ver Vince correr e, bom, cheguei a imaginar muitas vezes como seria estar ao seu lado durante as corridas, tanto torcendo, como dentro do carro com ele. Insisti tanto quanto pude para ele me levar consigo e eu realmente acho que deu certo.

O autódromo está com um número considerável de pessoas, para a minha surpresa. Eu me sinto um pouco confusa, por isso falo:

— Pensei que hoje seria apenas a nossa família aqui com a gente.

Vincent me fita, sorrindo.

— Talvez eu tenha planejado um evento para algumas causas? Chamei amigos meus, também pilotos e eles aceitaram. A NASCAR deve ficar um pouco brava comigo, por ganhar dinheiro sem eles, mas faz parte.

Faço um bico.

— NASCAR? O que é isso? E eu ainda posso ir com você?

— É o nome da organização onde trabalho, meu amor. E sim, eu vou deixar sentir a potência do meu motor. — Ele pisca para mim, cheio de duplo sentido e eu solto uma gargalha, achando graça de sua atitude.

Não me envergonho, porque a nossa relação não tem mais espaço para isso. Traçamos o nosso caminho e Vincent para pra falar com muitas pessoas durante o mesmo, sempre me apresentando para as pessoas e é realmente como ele disse. Muitos caras com macacões de piloto estão pelos

“bastidores”, mas todos estão tranquilos e sorridentes, mostrando que aqui não tem espaço para competição e, sim, diversão. Isso me acalma mais e me deixa muito contente. Pensei que seria apenas Vincent, eu e nossa família, mas já que todos estão com o mesmo espírito, então não tem problema. E, claro, se for para ajudar causas, por que não?

Finalmente alcançamos Gia e Ian, que estão com as crianças e Aubree. Eu abraço Bree e beijo cada um dos outros.

— Você está linda toda personalizada — Gia comenta, sorrindo para mim.

Sim, eu me sinto linda, mas, além disso, me sinto confiante, principalmente por carregar o nome de Vincent nas minhas costas.

— E eu estou feliz que todo mundo veio realizar o meu sonho comigo — retruco e nós rimos.

Eu brinco, mas é verdade.

É o meu sonho, sempre foi.

— Se essa aqui não for a minha fã número um, quem mais seria?! — Vincent se gaba, me abraçando pelos ombros e beijando a lateral da minha cabeça.

— Eu também sou — Georgia faz bico e nós rimos mais.

— Sim, você é, linda. — O loiro pisca para ela, que sorri convencida. — Vamos logo? — Vincent me pergunta e eu aceno positivamente. — Peguem seus lugares e protejam o pequeno. Tem fones de ouvidos espalhados por aí, é só pegar um — avisa, apontando para Antony.

Vince e eu saímos na frente e mais uma vez traçamos caminho para o lado de fora dessa área de bastidores. De longe escutamos algum tipo de apresentar ou animador de plateia do lado de fora, no microfone, mas eu não

dou muita bola. O loiro me apresenta mais algumas pessoas, que são da sua equipe oficial. Eles nos dão bonés, que combinam perfeitamente com os macacões e continuamos.

— Não precisamos usar capacetes dessa vez. É algo amistoso e ninguém tem pretensão de fazer qualquer tipo de cena, apenas coisas entre amigos. — Vincent diz, quando saímos e avistamos todos no autódromo. Bom, agora sim está mais lotado do que eu imaginava. — Aquele ali é o carro que vou usar — comenta, por fim.

É um carro bonito pra caramba. Todo preto, com detalhes e símbolos de seus patrocinadores. Uau... isso tudo é muito mágico para mim.

— Estou muito animada — sussurro, quando ele ajeita o meu boné e o seu em seguida.

— Calma, Bela. A diversão só está começando.

Vincent abre a porta para mim e eu entro. Logo após, ele também entra do outro lado e me “ajeita” em meu assento. Enquanto Vincent se prepara, os seus amigos fazem o mesmo, e então ele liga o carro, posicionando-se na largada após todos.

Nós somos os últimos.

— Estamos todos com carros de rachas, aos meus velhos tempos. — Vincent explica para mim, praticamente gritando, porque o tremor e ronco do motor, tanto do seu carro, quanto dos outros à frente, começa a se tornar muito, muito alto. — Preparada?

— *Três, dois...*

Eu encaro Vincent, que me fita de volta, enquanto o homem dá a largada.

— Sim! — exclamo, porque essa é a única coisa que tenho chance de

falar antes do meu noivo acelerar pra valer.

Estou completamente dividida entre: observar Vincent e observar a pista com todos os carros à nossa frente. As duas coisas são tentadoras, porém ficar de olho no loiro ao meu lado é ainda mais satisfatório. Ele, no seu lugar, fazendo o que ama, é tudo que sempre quis ver de perto, participar, torcer. Droga, isso aqui é literalmente todo o meu sonho.

Vincent passa a marcha no exato instante que ultrapassamos o primeiro carro. Meu corpo inteiro está tomado por uma adrenalina que me mantém vidrada na corrida.

É de tirar o fôlego.

O loiro fica tão concentrado, que até me assusta quando coloca a sua mão em cima da minha perna, apertando levemente. Eu o encaro, vendo o seu sorriso bonito tomar conta do seu rosto e sorrio de volta, mas em nenhum instante ele me fita de volta, porque continua com a sua concentração total no que tem que fazer.

Um por um, os carros vão ficando para trás e eu tenho que me segurar nos lugares que consigo achar dentro do veículo, porque a cada curva que Vincent faz, eu deslizo para um dos lados. Chega até a ser cômico e eu realmente acho graça na maioria do tempo.

Mas, depois de, provavelmente, oito voltas, avistamos a linha de chegada improvisada. Vince volta a colocar a sua mão em minha perna e dessa vez ele me fita por poucos segundos. Essa imagem nunca vai sair da minha memória; nem a imagem e nem cada sensação que me tomou ao participar disso de modo real.

Então, ganhamos.

Sim, Vincent ganhou.

E eu não poderia estar mais histérica do que já estou. Não consigo conter a minha felicidade por ter participado de tudo de tão perto. O meu coração ainda está batendo tão forte, que sinto que a qualquer instante ele pode pular por minha boca para fora. As minhas mãos tremem e eu posso finalmente parar de me segurar nas superfícies que encontrei dentro do carro, no momento em que o nervosismo me bateu mais forte.

O loiro pega uma bandeirinha de linha da chegada com um dos homens à beira da pista do lado de fora e nós fazemos a volta da vitória. Eu não tenho palavras para descrever o que tudo significou para mim e é exatamente por isso que eu apenas fico observando Vincent em toda a sua majestade em estar no seu lugar de domínio. Não tem como não o admirar, porque ele realmente é bom no que faz.

— Você gostou? — pergunta, sua voz ainda meio alterada para se sobressair sobre o barulho do motor.

— Eu amei! — grito de volta, sorrindo de canto a canto. Deposito um beijo em sua boca rapidamente, enquanto Vincent diminui a velocidade até parar o seu carro. — Foi a experiência mais louca e incrível de toda a minha vida.

Nós não conseguimos parar de sorrir um para outro.

Vincent segura meu rosto, beijando-me compassadamente, enquanto tentamos recuperar nosso fôlego em uma escolha boba, mas precisa, de nos beijarmos. Deslizo minha língua por seus lábios, sentindo o frio na barriga recorrente de todas as vezes que somos mais íntimos um com o outro. Eu sinto tudo remexer dentro de mim, tão feliz e realizada, que mal consigo me controlar. Vincent comanda os nossos movimentos, conseguindo me acalmar aos poucos. Nosso carinho é tão lento, que apreciamos cada segundo disso até nos separarmos.

Encosto a minha testa na sua, suspirando.

— Vamos sair? — pergunta, esfregando devagar seu nariz no meu.

Apenas aceno positivamente e nós nos afastamos com dificuldade. Nunca mais quero ficar longe dele. Bato a porta do carro e Vincent vem para perto de mim, segurando a minha mão, enquanto ele acena para os seus “fãs” na arquibancada. O homem do começo, que estava ao microfone, finalmente aparece, se aproximando de nós.

— Vamos falar com o nosso chefe, não é? — diz e todos exclamam, animados com isso.

Fico envergonhada de estar no meio de toda essa atenção, mas o jeito é lidar com isso. Vincent pega o microfone e espera que todos se acalmem para que ele comece a falar.

— Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para esse evento acontecer — começa, enquanto seus amigos pilotos se aproximam também. — Acredito que esse dia foi especial em muitas maneiras particulares para cada um de nós. Fico feliz por terem contribuído com muitas instituições, porque se não fosse pela presença de cada um, nada disso seria possível. — Vincent me encara, passando seu braço livre por meus ombros e me puxando para mais perto. — Essa aqui é a minha noiva, Aurora Collins, ou melhor dizendo, Aurora quase-Hawk. Nós nos conhecemos de uma forma muito inusitada e eu tenho certeza que a maioria de vocês se lembra do acidente que me envolvi com uma garota anos atrás. Desde lá, ela tem sido muito para mim. Nos afastamos, fiz muita merda, mas voltei aos trilhos porque sabia que teria que ser o melhor de mim para merecer essa mulher. Ela principalmente tem aberto os meus olhos para coisas que realmente importam, por isso que hoje estamos todos aqui.

— Vincent — sussurro, já sentindo os meus olhos lacrimejarem.

Por que diabos eu estou uma pilha de emoções?

— Queria anunciar a todos vocês, inclusive a Aurora, que hoje entra em funcionamento a “Aurora’s Center: Home for Children”. Essa será uma fundação, no nome da minha noiva, sem qualquer fim lucrativo, apenas um lugar para receber e cuidar de crianças que precisam de ajuda, cuidado e apoio.

Meu coração parece parar por um segundo.

Vincent me encara, sorrindo, e esperando a minha reação.

Ela demora a vir, porque eu demoro a acreditar que algo desse tipo realmente está acontecendo.

Ele criou uma fundação para ajudar crianças em meu nome?

— Você gostou? — resmunga, fora do microfone, enquanto todos exclamam felicitações sobre o seu gesto.

— Claro que sim — sussurro. Meu Deus... — É óbvio que sim, Vincent! Me faz muito feliz que você tenha pensado algo desse tipo, ainda mais antes do meu aniversário. É um presente perfeito, eu estou simplesmente sem palavras.

Ele beija a minha bochecha, depositando mais beijos em meu maxilar, enquanto o abraço bem apertado. Meu coração não tem um dia de descanso com esse homem ao meu lado.

— Pessoal, a fundação fica na rua...

E então eu só consigo sentir e admirar, além de me sentir muito sortuda, por ter um homem como Vincent ao meu lado.

A sorte é nossa.

Extra

“Mas eu, eu estou com você.”

“I’m With You” — Avril Lavigne

**Aurora
Lyon Collins**

Um mês mais tarde...

Minhas mãos estão tremendo quando eu termino de preparar tudo para o resto do dia que me espera pela frente com Vincent. Fazem exatos dois meses e meio desde que ele me pediu em noivado e, surpreendentemente, hoje é o meu aniversário, dia em que passei extremamente mal durante o café com Georgia e acabei no chão, desmaiada.

Ah, só Deus sabe o quanto eu odeio preocupar as pessoas comigo.

Sem esperar absolutamente nada, ela me levou ao hospital, coisa que nem mesmo Vincent sabe até agora. Ele está tão entretido em preparar-me alguma surpresa, que tampouco importa se estou em casa. Bom, mas a verdade é que eu estou apenas... pirando. Surtando talvez seja a palavra certa para o meu estado de espírito. Quero dizer, talvez palavra alguma seja a palavra certa. Nunca, em mil anos, eu pensei que isso aconteceria comigo. O meu coração volta a apertar com toda lembrança ruim do meu passado, que agora eu sei muito bem como não deixar tomar conta de mim, e apenas *lembrar*.

Eu abortei tantas vezes.

Nenhuma das vezes, por mais ruim que fosse a situação, foi pelo meu desejo. Muitas vezes também eu nem mesmo sabia que estava grávida. À essa altura, se meus pensamentos fossem uma publicação de rede social, as pessoas já saberiam do que se trata. Sim, é exatamente isso: estou grávida. Estou tão grávida que o enjoo é real e o mal-estar também. Estou tão grávida, que os meus olhos se enchem de lágrimas só em pensar em *estar grávida*.

Estar grávida é “ok”, certo?

E de gêmeos?!

Porque eu descobri há uma hora que tem dois bebês em minha barriga, cujo sexo ainda não deu para descobrir, mas eles estão dentro de mim, se

formando e se preparando para virem ao mundo daqui alguns meses.

Estou levemente apavorada com tudo.

Parece que o Natal foi ontem mesmo, lembro-me de Vincent falando sobre filhos e como me fez feliz saber que ele quer literalmente ter tudo comigo. Hoje, cá estou, descobrindo que estou grávida de gêmeos no dia do meu aniversário. Eu não sei nem por onde começar, não sei nem como tentar organizar os meus pensamentos.

— Você vai ficar bem? — Gia pergunta, assim que estaciona o seu carro em frente ao prédio.

Ela sorri para mim, com o rosto inchado do tanto que já choramos juntas nas últimas horas.

— Claro — a tranquilizo, depositando um beijo em sua bochecha de despedida. — Mais tarde passamos por lá e vamos jantar, tudo bem?

Gia concorda e beija a minha bochecha de volta.

Ela para por um segundo, enquanto abro a porta para sair e diz uma última vez:

— Eu vou ser vovó e titia, tudo ao mesmo tempo. — Sorrio com a sua colocação e sopro um último beijo em sua direção.

Praticamente corro para a entrada do prédio e já encontro o meu absolutamente tudo ali, me esperando. Vincent me tira do chão, beijando-me copiosamente por todo cantinho do meu rosto que consegue alcançar. Ele me coloca no chão e sorri para mim. Tento fazer o mesmo de volta, mas estou tão nervosa...

— Amor — sussurra e eu franzo o cenho. — A gente pode sair? — pergunta, deixando-me confusa de vez.

— Mas a sua surpresa...?!

— Faz parte dela. Vamos?

Dou de ombros, segurando a minha bolsa como se a minha vida dependesse disso. A ultrassom que fiz está ali, assim como o resultado do exame de sangue que confirma a minha gravidez.

Vincent segura a minha mão livre e vamos até o elevador, pegar o mesmo até o estacionamento. Fazemos tudo muito rápido e quando menos noto, já estamos no carro, com o loiro dirigindo para fora do estacionamento e dando partida para o nosso destino desconhecido por mim. Minha mente realmente está longe por conta de tudo.

— Como foi com Georgia? — pergunta, colocando a sua mão em cima da minha perna e afagando.

Suspiro baixinho, virando o rosto para fitar o seu perfil impecável. Que sorte a minha, Deus!

— Foi bom, amor. Nós nos divertimos bastante com as crianças, enquanto Ian foi levar Bree para o treino de artes marciais. Parece que ela está realmente levando a sério toda essa coisa, o que é muito bom.

— Entendi — enuncia, despreocupado. — Espero que o seu coração esteja em dias, porque eu tenho ótimas surpresas pra você, meu amor.

Sorrio, me sentindo mais leve apesar de *tudo*. Seguro a mão de Vincent, entrelaçando nossos dedos e subindo até a minha boca. Fico beijando, como ele sempre faz comigo, porque sou grata por todo seu esforço para me fazer feliz nesse dia que voltou a se tornar especial para mim.

Eu faço o resto do caminho de olhos fechados, porque sinto o meu corpo pesar de sono. Tenho tido noites ruins de enjoo, coisa que não falei muito para Vincent, só justifiquei como insônia todas as vezes. Saber o motivo é, ao mesmo tempo, assustador e reconfortante. Ao menos agora sei

que não estou doente, só grávida.

Nesse percurso inteiro, Vincent também não diz nada, fica quietinho, em alguns momentos segurando a minha mão e em dedilhando minha coxa. Sorri por muitas vezes de seu carinho, mas, como disse, não falamos ou fizemos mais que isso.

O carro para e, antes de abrir os olhos, ele diz:

— Eu espero que goste.

Abro os olhos, tentando me situar por alguns segundos até cair em mim.

Eu conheço esse lugar.

As lágrimas surgem sem a minha permissão e eu solto o cinto de segurança, deixando tudo para trás e saindo do carro. Meus pés se firmam no chão e as memórias me empurram de volta para um tempo muito feliz, um tempo que eu era apenas uma criança que vivia com os pais em uma casa de subúrbio em Pittsburgh. Não consigo abrir a boca, ou vou chorar como um bebê. No caso, já estou chorando, porque cada pedaço me sente o impacto e importância que esse lugar tem para mim.

Vincent me abraça por trás, segurando-me pelo quadril e depositando beijos em minha cabeça. Me seguro nele, sentindo-me fraca. Não fraca de um jeito ruim, fraca de um jeito que só acontece quando a saudade aperta.

— Há algum tempo eu procurei por seus registros, os nomes dos seus pais. Achei, é claro, sem dificuldade. Com mais um pouco de busca, consegui recolher informações acerca de tudo que aconteceu. Achei esse endereço e depois tive confirmação que essa foi a casa de vocês, que aquele... bom, que o verme vendeu — explica a minha pergunta silenciosa. Está exatamente como antes, não tem o que tirar ou por. — Acontece que ele vendeu para uma

senhora idosa, que morreu um ano depois. A casa ficou para a filha dela, que não quis mexer no local. — Viro para Vincent, emocionada com tudo que ele me conta, com tudo que estou vendo. — Eu comprei a casa há um mês e consegui resgatar muitas memórias suas, de sua família. A senhora mal mudou as coisas do lugar, Aurora. Vasculhamos tudo, eu e Ian, junto com Mark, e achamos seus álbuns de família. Conseguimos restaurar a maior parte das coisas, eu consegui contratar pessoas especializadas para “refazer” a casa como antes. Eu acho que tudo isso é seu por direito e eu queria te dar como presente de aniversário. Sei que pode pensar que uma casa é muito, mas essa casa é sua. Sua memória, sua vida, em honra dos seus pais.

Abraço Vincent tão forte, chorando em seus braços, porque ele talvez nem tenha ideia do quanto isso é importante para mim. Quando fui tirada daqui, um dia após perdê-los, me senti perdida. Esse era o nosso lugar, a nossa casa, o meu conforto e o meu lugar preferido em todo mundo.

Ainda me lembro todas as vezes que saí correndo pela porta, em dias de Natal, querendo assistir a neve cair. Lembro dos dias que passeava com o meu pai, sentada nos seus ombros e ele ia me guiando pelo bairro, enquanto acenávamos para os nossos vizinhos. Também lembro quando ia andando com a minha mãe até um mercado aqui perto, lhe implorava para me comprar cookie de chocolate e ela sempre cedia, fazia os meus gostos, e voltávamos comigo pulando pelo caminho inteiro.

Lembro sim, lembro de tudo e de cada detalhe.

Eu nunca fui capaz de esquecer Melissa Lyon Collins e Liam Lee Collins.

— Você é tão perfeito, Vincent. Você é tão bom comigo. Eu nunca fui capaz de voltar aqui, porque esse lugar não me pertencia mais e vir sem poder entrar, olhar, sentir, ou mesmo chorar, me despedaçaria em duas. Mas o que

fez por mim, por minha memória, por meus pais, é mais do que eu possa agradecer. Você é o melhor mundo. Obrigada por pensar até nisso e por perceber que continuava sendo uma parte importante para mim, mesmo que não falássemos sobre.

Eu falo tudo isso em meio soluços, em meio ao meu choro compulsivo que faz até a minha garganta doer de tão forte e verdadeiro que é. Sou tão grata pela vida de Vincent, grata por tudo que nos tornamos juntos e separados. Só consigo me senti grata, ainda mais porque tenho a certeza que nossos filhos terão o melhor pai do mundo.

— Meu amor, não chore. — Ele segura o meu rosto, beijando os meus olhos, descendo por minhas bochechas até chegar na minha boca. — Vamos entrar, Bela?

Eu fico por alguns segundos tentando controlar a minha emoção até acenar positivamente.

— Vamos — concordo e ele me entrega as chaves.

É exatamente tudo como antes.

Vincent segura a minha mão e nós vamos juntos pelo caminho de pedrinhas até a entrada. Enfio a chave ali e giro duas vezes, puxando o trinco e empurrando a porta de madeira. Observo os detalhes ao dar o primeiro passo para dentro. Olho para trás, quase que conseguindo ver os meus pais ali, comigo pequena em seus braços. Volto minha atenção para o interior da casa e solto a minha mão da de Vincent, tomando liberdade para fitar tudo.

Ainda são os mesmos móveis, tudo está em seu devido lugar. Carl provavelmente vendeu a casa com tudo dentro, disso não há mais dúvida alguma. Os jarros da minha mãe estão na mesinha de centro discreta e os dois sofás bem colocados, em frente a uma televisão velha. Minha cadeirinha de balanço está do lado de um dos sofás, e eu logo me sento para tocar aquela

cadeira que tanto amava.

— Eu costumava sentar aqui todas as manhãs — conto para Vincent. — O papai ficava onde estou sentada e a mamãe do outro lado. Nós assistíamos televisão juntos, por muitas vezes eu os fazia assistir desenhos comigo, os poucos que passavam na época.

Sorrio, mordendo lábio em seguida. Vincent se senta ao meu lado, atento a mim.

— Parecia ser incrível — diz. — Essa casa é muito aconchegante e tem uma energia tão boa. Eu acredito que todas as suas memórias da infância feliz que levou com seus pais que deixaram essa casa aconchegante.

— Sim, amor — sussurro.

Ele pega algo do seu lado e me entrega.

São os dois álbuns da nossa pequena família. Lembro que adorava pegar para ver as nossas fotos, mesmo as recém colocadas. Era uma mania boba, mas que eu tinha que fazer quase todos os dias antes de dormir. E, depois que olhava tudo, a minha mãe me contava histórias para dormir e eu adormecia facilmente.

Abro o primeiro álbum, dando de cara com uma foto nossa. Era daquela noite, quando ainda tinha seis anos e tinha me machucado quando saí para ver a neve. Depois da ceia, o papai posicionou a câmera e sentamos no sofá, eu bem no meio, abraçando os dois o mais forte que conseguia.

Choro baixinho, sentindo meu coração bater mais forte.

— Você sempre foi linda — Vincent sussurra ao meu lado, fazendo-me sorrir como uma idiota. — Até assim, chorando, você é linda — completa, com os seus olhos já marejados.

Acho que nem Vince aguenta mais de tanta emoção.

— Eu puxei para os dois, não é? — pergunto e ele confirma. — Eles sempre disseram que eu era a mistura perfeita. Não tem como negar, puxei aos dois sem tirar e nem colocar.

Passamos os próximos longos minutos no meu álbum de família. Eu conto as histórias por trás de todas as fotos, chorando a cada instante, mas de alma lavada. Sempre senti que, quando saí daqui, me afastei dos meus pais. Agora, voltando, sinto como se eles estivessem me abraçando por todo caminho que faço por nossa casa. A sensação é indescritível.

Depois dos álbuns, guio Vincent pela casa, mal me importando se ele já viu tudo. Lhe apresento cada cômodo, do andar de baixo, depois subimos as escadas e eu lhe apresento os de cima. Quando vi meu quarto, percebi que ainda era o mesmo. Nada foi tirado do lugar. As minhas roupas continuaram nas gavetas, os meus sapatos, minha mochila da escola e livros.

Tudo era o mesmo.

Foi como voltar no tempo.

Eu e Vincent paramos na cozinha, depois de tudo, e eu o abraço mais uma vez. Ele me puxa para cima, me colocando sentada no balcão e sela nossos lábios.

— Esse foi o presente mais inesperado e bom que eu já ganhei em toda a minha vida — digo, roçando nossas bocas juntas e fitando os seus olhos visivelmente contentes. — Você sempre se supera.

Ele sorri, lambendo meu lábio inferior e puxando entre seus dentes.

— Eu preciso fazer isso sempre. Você merece o melhor do mundo, Bela. — Vincent segura minha cintura dos dois lados. — Preparada para a última parte? — indaga e eu aceno que sim.

— E ainda tem como ter mais?

Sorrimos, enquanto ele apenas confirma.

Vincent tira do bolso de seu jeans uma fita amarela e me tira de cima do balcão. Ele me vira de costas e coloca a mesma sobre os meus olhos.

— Por que eu não posso ver? — pergunto, torcendo minha boca de canto.

— Porque é surpresa.

— Sim, eu entendi, mas precisa disso tudo?

O loiro ri, divertido.

— Não, eu só achei que talvez fosse legal esse suspense todo.

Bufo, mas estou divertida com ele.

Nada pode tirar minha felicidade hoje.

— Vamos lá — diz, segurando a minha mão e colocando o meu braço enlaçado no seu.

Vincent me guia por todo caminho, avisando quando tem algum pequeno degrau ou obstáculo. Eu já estou rindo nervosamente quando ele está prestes a parar, e então eu decido que talvez essa seja uma boa hora para contar logo sobre mim e sobre os nossos bebês.

— Vince — chamo, quando ele me para. Sei que estamos ao ar livre porque está mais frio ao nosso redor. — Vincent! — falo com mais força.

— O quê, Bela? Estou aqui — diz, tocando em minha mão.

— Então, sabe sobre hoje quando saí com Gia? — pergunto.

— Amor, a sua surpresa...

— Vincent, é sério.

— Você pode me falar mais do encontro de vocês mais tarde, Bela. Além de tudo, quer falar sobre isso tudo vendada?

Essa é a ideia.

Prefiro não ver sua reação inicial, por mais que eu saiba que ele quer isso.

— Sim — sussurro. — Sabe hoje mais cedo? — volto a perguntar e ele concorda com um resmungo. Seguro as suas mãos, um pouco mais forte, decidida a não fazer rodeios. — Eu passei muito mal e acabei no hospital.

— O quê?! — pergunta, agora preocupado e atento.

— Fiz alguns exames e, bom... — Minha risada nervosa sai. — Eu meio que estou grávida.

Vincent congela.

Solto uma de suas mãos e tiro a venda aos poucos, percebendo que tem mais pessoas ao nosso redor. Toda nossa família, minhas amigas, alguns seguranças e até Maureen estão aqui.

Meu. Deus.

É uma festa de aniversário bem singela no quintal da “minha” casa. Está tudo decorado, muito bonito, principalmente agora que a noite está caindo. Há luzes piscando pelo lugar e, droga, está realmente bonito. Perfeito.

E então eu volto a encarar Vincent, que me fita com os olhos levemente arregalados.

— Amor... — sussurro.

— Você está o quê?! — Caitlyn e Megan gritam de longe.

— Você está o quê? — Vincent pergunta, piscando repetidas vezes, enquanto parece sair de um transe.

— Grávida.

— Isso é sério? Não está brincando comigo?

— Claro que não, Vincent. Você bem sabe que as chances de eu estar grávida seriam bem grandes.

Sim, ele sabe, porque não temos feito sexo com camisinha.

— Puta que pariu... — sussurra e em seguida sorri.

E então eu estou aliviada.

Ele me abraça, agora com cuidado, e beija a minha boca rapidamente. O loiro se agacha, tocando minha barriga por debaixo da minha camiseta e me fazendo tremer com a sua mão fria em contato com a minha pele quente.

— Puta merda, você está grávida — ele continua murmurando, talvez para si mesmo.

Toco em seu queixo, puxando para ele me encarar de volta.

— São gêmeos.

Mais uma vez Vincent arregala os olhos.

Ele sorri tão largo que falta rasgar os cantos de sua boca. Vince endireita seu corpo e me tira do chão, me abraçando e me beijando copiosamente.

— Você está grávida dos nossos bebês — diz, como se testasse as palavras. — Porra! É seu aniversário ou meu? Esse é o melhor dia da minha vida depois, claro, do dia em que eu te conheci.

— É o nosso melhor dia — concordo.

Minhas amigas se aproximam correndo, nos abraçando tão forte e gritando ao nosso redor. Keela, Caitlyn e Megan não param quietas por um só segundo, tirando minha risada e de Vincent, que não consegue parar de me olhar.

Depois do surto das minhas melhores amigas, fiquei abraçada mais um

tempo em Vince, até Ian se aproximar de mim.

Ele também não sabia ainda, só Gia.

— Então eu vou ser vovô e titio?

Gargalho, acenando positivamente.

— Gia falou quase a mesma coisa.

— Estou feliz por você, meu amor. — Ian sorri, me abraçando de novo.
— Ainda por cima, são gêmeos. Puta merda.

Nós rimos, porque ninguém parece acreditar que são gêmeos. Eu mesma demorei a engolir a notícia, imagine todos eles.

Aubree me abraça e eu a seguro pertinho de mim.

— Você também vai ter sobrinhos, Bree.

Ela sorri para mim, seus olhos castanhos brilhando.

— Eu fico muito feliz por vocês — diz, acanhada.

— Obrigada, meu amor — sussurro apenas para ela.

Pessoas que mal notei, como os pais de Vincent, se aproximam de nós. Eu me sinto cem por cento fora do meu lugar, envergonhada. Lembro-me deles no hospital, quando sofri o acidente. A forma como agiam com Vincent me irritava profundamente, mas eu não posso guardar esse tipo de coisa. Eles ainda são os seus pais.

— Parabéns, Aurora. — Sua mãe é a primeira a quebrar o silêncio.

— Obrigada, Sra. Hawk. — Lhe ofereço um sorriso discreto, que é correspondido da mesma forma.

— Parece que de fato ela conseguiu dar um jeito em você, não é? — Sr. Hawk diz, encarando Vincent.

O loiro me segura perto de si, como se estivesse me protegendo deles e

eu apenas aceito.

— Desculpe, Sr. Hawk, mas acho que eu não dei jeito em ninguém — afirmo, puxando a sua atenção para mim. — Vincent, desde muito antes de o conhecer pessoalmente, sempre foi desse mesmo jeito, bem lá no fundo. Você talvez não tenha visto muito isso que estou falando, porque como família devem ter os seus próprios embates que nem mesmo ele me diz. — Eu não vacilo nem por um instante. — Ele é apenas... incrível. Gia sempre viu isso e é por esse motivo que sempre o apoiou imensamente. Claro que cada um tem suas próprias dificuldades, eu também tive as minhas e, da mesma forma que consegui encontrar meu caminho sozinha, Vincent também conseguiu. Inclusive, muito obrigada pelo que fez, mandando-o para New York. Sei que deve ter tido um dedo do senhor no meio de tudo isso, mas são águas passada. — Ofereço-lhe a minha mão. — Querendo ou não, fazemos parte da mesma família agora. Obrigada por terem comparecido nesse momento especial para mim e para o meu noivo.

Ele fica ali, estático, me encarando.

Quando o homem pisca, corresponde ao meu aperto de mão.

— Parabéns, Aurora. Por seus bebês e seu aniversário — diz e eu sorrio.

— Obrigada mais uma vez, Sr. Hawk e Sra. Hawk. É bom tê-los aqui.

Eles concordam juntos e Gia aparece entre nós, trazendo um ar mais leve. Vincent aproveita para me puxar para longe de todos.

— Georgia que trouxe eles pra cá — explica. Bom, eu não esperaria que fosse Vincent. — Não ligue para o meu pai, ele sempre fala essas coisas. Minha mãe é mais contida, mas se cutucar, ela sempre vai na dele. — Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e sorri. — Porra, eu nem ligo. Você está grávida, Aurora, e eu só consigo pensar em você e em

nossos bebês.

Meu sorriso é involuntário.

— Eu te amo tanto. Esse dia está sendo perfeito, Vincent.

— Eu te amo mais. Amo você e nossos bebês. Seremos uma família linda pra caralho e eu estou cruzando os dedos para que sejam dois garotos.

Gargalho, beijando sua boca.

Ele é tão idiota.

— Eu espero que sejam meninas.

— Porra, eu vou ficar careca antes dos quarenta.

Mexo em seu cabelo, porque é impossível ele ficar careca, pelo menos antes dos quarenta. Vincent só está sendo dramático mais uma vez.

— Eu te amo — sussurro mais uma vez antes de ele me beijar.

E eu amo.

Amo Vincent e a nossa família.

Estar de volta em casa me deixou ainda mais emocional, mas tudo sobre isso foi perfeito. Vou sempre ser grata por Vincent ser a minha luz no meio de tanta escuridão. Eu consegui sair da escuridão, mas ele continua sendo a minha luz de cada dia. E, agora, teremos nossos bebês e eles serão mais uma razão para que eu possa me superar a cada dia.

Durante nosso beijo, um vento frio passa por nós.

É tão rápido quanto uma respiração.

Eu sorrio, porque eu sei que eles também estiveram aqui comigo, conosco e agora.

“Meus pais, onde estiverem, saibam que eu nunca vou esquecê-los. Ainda consigo ouvir suas vozes, sentir os seus cheiros e o afago de seus

abraços. Sei que estão orgulhosos de mim e amam Vincent tanto quanto eu”, penso, comigo mesma.

A minha caminhada foi dolorosa, mas agora tudo faz sentido.

Estou no meu lar.